

ALFAGUARA



Joyce Carol Oates

Mulher de Barro







Joyce Carol Oates

Mulher de Barro

Tradução do russo
Débora Landsberg



Copyright © 2012 by The Ontario Review, Inc.
Todos os direitos reservados.
Publicado mediante acordo com Harper Collins Publishers

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA OBJETIVA LTDA. Rua Cosme Velho, 103
Rio de Janeiro — RJ — CEP: 22241-090
Tel.: (21) 2199-7824 — Fax: (21) 2199-7825
www.objetiva.com.br

Título original
Mudwoman

Capa
Raul Fernandes

Imagem de capa
© Amy Weiss / Trevillion Images

Revisão
Ana Kronemberger
Juliana Souza
Cristiane Pacanowski

Coordenação de e-book
Marcelo Xavier

Conversão para e-book
Freitas Bastos

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

O11m
Oates, Joyce Carol
Mulher de Barro [recurso eletrônico] / Joyce Carol Oates ; tradução Débora Landsberg. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Objetiva, 2015. recurso digital
Tradução de: *Mudwoman*
Formato: epub
Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions
Modo de acesso: World Wide Web
405p. ISBN 978-85-7962-369-1 (recurso eletrônico)
1. Atentado terrorista de 11 de setembro de 2001 - Ficção americana. 2. Ficção americana. 3. Livros eletrônicos. I. Landsberg, Débora. II. Título.
14-18556 CDD: 813 CDU: 821.111(73)-3

*A Charlie Gross,
meu marido e primeiro leitor*

O que é o homem? Uma bola de serpentes.

FRIEDRICH NIETZSCHE,

Assim falou Zarathustra

Aqui as mais delicadas folhas de mim e ainda
assim minha mais forte permanência,

Aqui encubro e escondo meus pensamentos,
eu mesmo não os exponho,

E ainda assim eles me expõem mais do que
todos os meus outros poemas.

WALT WHITMAN,

“Aqui as mais delicadas folhas de mim”

O tempo é uma forma de evitar que
todas as coisas aconteçam ao mesmo tempo.

ANDRE LITOVIK,

“O Universo em evolução: origem, idade e destino”

Sumário

[Capa](#)

[Folha de Rosto](#)

[Créditos](#)

[Dedicatória](#)

[Epígrafe](#)

[Menina de Barro na terra de Moriá.](#)

[A jornada da Mulher de Barro. O Café Black River.](#)

[Menina de Barro é salva pelo Rei dos Corvos.](#)

[Mulher de Barro enfrenta um inimigo. O triunfo da Mulher de Barro.](#)

[Menina de Barro recuperada. Menina de Barro rebatizada.](#)

[Mulher de Barro arruinada. Mulher de Barro reerguida. Mulher de Barro na Era de Choque e Pavor.](#)

[Menina de Barro no “lar temporário”. Menina de Barro ganha um presente.](#)

[Mulher de Barro faz uma promessa. E Mulher de Barro descobre uma coisa.](#)

[Menina de Barro ganha um novo lar. Menina de Barro ganha um novo nome.](#)

[Mulher de Barro emparceirada.](#)

[Menina de Barro, estimada.](#)

[Mulher de Barro, desolada.](#)

[Menina de Barro, desejada.](#)

[Mulher de Barro é posta em dúvida.](#)

[Menina de Barro: traição.](#)

[Mulher de Barro em situação limite.](#)

[Mulher de Barro *ex officio*.](#)

[Mulher de Barro em meio à nebulosa.](#)

[Mulher de Barro lançada à Terra.](#)

[Mulher de Barro noiva.](#)

[Mulher de Barro encontra um lar.](#)

[Mulher de Barro encontra um amor perdido.](#)

[Mulher de Barro: luas além dos anéis de Saturno.](#)

[Mulher de Barro não é atingida pelo raio. Mulher de Barro salva do pesadelo.](#)

Mulher de Barro em Star Lake. Mulher de Barro em Lookout Point.

Menina de Barro na terra de Moriá.

Abril de 1965

Você tem que estar preparada, a mulher disse.

Preparada não era palavra que uma criança entendesse. Na voz da mulher, *preparada* era uma palavra de calma e quietude como água reluzindo nos alagadiços junto ao Black Snake River, que a criança pensava serem as escamas de uma cobra tão gigante que se a pessoa estivesse muito próxima não conseguiria discerni-las.

Pois esta era a terra de Moriá, a mulher dizia. O lugar para onde tinham ido durante a noite, que era o lugar que lhes fora prometido, onde os inimigos não tinham controle sobre elas e onde ninguém as conhecia nem sequer as vira de relance.

A mulher falava com voz de água reluzente parada, baixa e calma, e suas palavras eram enunciadas no mesmo tom, como se traduzisse às cegas durante a fala, e as palavras a partir das quais traduzisse tivessem formatos esquisitos e se acomodassem ao acaso em sua laringe: causariam dor, mas estava acostumada à dor e havia aprendido a encontrar uma alegria secreta na dor, maravilhosa demais para arriscá-la admitindo-a.

Ele está nos dizendo para confiar Nele. Em tudo o que for feito, para confiar Nele.

Da bolsa de lona na qual, nesses vários dias e noites na estrada sinuosa rumo ao norte de Star Lake, ela havia carregado o que era preciso para que chegassem incólumes à terra de Moriá, a mulher tirou o tesourão.

Durante o sono exausto a criança ouvira os grasnidos dos corvos como tesouras retalhando o ar nos alagadiços junto ao Black Snake River.

Durante o sono sentira o pungente odor salobro da água parada e da fértil terra escura e de coisas quebradas e podres na terra.

Um dia e uma noite na estrada à margem do velho canal, e outro dia e esta noite que ainda não era aurora à beira dos alagadiços.

Confie Nele. Está nas mãos Dele.

E a voz da mulher que não era a familiar voz rouca e tensa da mulher, mas esta voz de distanciamento e admiração diante de algo que dera certo quando não se esperava, ou muito mais cedo do que se esperava.

Se era errado que qualquer parte daquilo fosse feita, Ele mandaria um anjo do Senhor assim como mandara a Abraão, para que poupasse seu filho Isaque, e também a Agar, para que o filho recobrasse a vida no deserto de Bersabeia.

Com seus dedos curtos e grossos, que estavam esfolados e sangravam fácil depois de três meses do sabão de lixívia verde arenoso, que era o único sabão disponível no centro de detenção do condado, a mulher manuseou o tesourão sujo de costureira para cortar o cabelo bastante embaraçado da criança. E com esses dedos curtos e grossos puxava o cabelo, as mechas grudadas e os nós do fulvo cabelo fino da criança, que havia se tornado “horroroso” e “fedorento” e “abarrotado de piolho”.

Fique quieta! Seja boazinha! Você está sendo preparada para o Senhor.

Pois nossos inimigos vão te tirar de mim, se você não estiver preparada.

Pois Deus nos conduziu à terra de Moriá. A promessa Dele é de que ninguém vai tirar criança nenhuma de sua mãe legítima neste lugar.

E o tesourão gigantesco aparou e cortou e tiniu com alegria. Dava para perceber que o tesourão gigantesco se orgulhava de tosquiar o cabelo embaraçado da criança, nojento aos olhos de Deus. A uma proximidade incômoda das orelhas delicadas da menina o tesourão gigantesco chegava, e a criança estremecia e se contorcia e se lamuriava e chorava; e a mulher não teve alternativa a não ser dar um tapa no rosto da criança, não com força, mas com força suficiente para acalmá-la, como não raro a mulher fazia; força suficiente para fazer com que a criança ficasse imóvel, assim como um filhote de coelho fica imóvel na astúcia do pavor; e então, quando o cabelo da criança jazia em extenuados cachos descorados no chão sujo de lama, a mulher passou uma lâmina na cabeça da criança — uma lâmina apertada entre os dedos, com firmeza — fazendo a lâmina roçar a cabeça de fios tosados, e então a criança se esquivou e protestou mais alto e começou a lutar — e com um xingamento a mulher largou a lâmina que estava bem manchada e cheia de fios e a chutou para o lado com um hostil riso alarmado, como se ao querer livrar a criança de seu imundo cabelo emaranhado, vergonhoso aos olhos de Deus, a mulher tivesse ido longe demais e se visse obrigada a reconhecer seu erro.

Pois era errado de sua parte praguejar — *maldição de Deus!*

Usar o nome do Senhor em vão — *maldição de Deus!*

Pois no centro de detenção do condado de Herkimer a mulher fizera um voto de silêncio numa provocação a seus inimigos e fizera um voto de

obediência absoluta ao Senhor Deus, e nessas várias semanas seguintes à sua soltura, até agora não havia traído esse voto.

Nem mesmo na vara de família do condado de Herkimer. Nem mesmo quando a juíza se dirigiu a ela em tom ríspido, para que falasse — se declarasse “culpada” ou “inocente”.

Nem mesmo quando a ameaça foi de que as crianças lhe seriam tiradas à força. As crianças — as irmãs — que tinham cinco e três anos — ficariam sob a tutela do condado e seriam entregues a uma família temporária, e nem mesmo assim a mulher falou, pois Deus derramou Sua força sobre ela bem diante de seus inimigos.

E então a mulher pegou uma tesoura menor, tirada da bolsa de lona, e cortou tão curtas as unhas da criança que a pele tenra debaixo delas começou a sangrar. Embora amedrontada, a criança conseguiu ficar imóvel, salvo pelo tremor, assim como o filhote de coelho fica imóvel na expectativa desesperada que é muito forte nos seres vivos, nossa esperança profunda, diante de todos os sinais que a refutam, de que o perigo extremo passará.

Pois — talvez — fosse uma *brincadeira*? O que o homem de cabelo espetado chamara de *brincadeira*? Segredo guardado da mulher foi a tortinha de cereja — torta doce de cereja num papel encerado pequeno a ponto de caber na palma da mão do homem de cabelo espetado — tão gostosa, a criança a devorou com avidez e pressa antes que pudesse ser dividida com alguém. Havia o *splash-splash* quando banhava a criança na banheira com pés de garras enquanto a mulher dormia no cômodo ao lado, no colchão descoberto no chão, os membros esparramados como se tivesse caído de costas do alto, gemendo durante o sono e despertando num ataque de tosse como se botasse as tripas para fora. Banhando a criança que fazia dias não era banhada e misturada ao banho havia a *brincadeira das cócegas*. Com muito cuidado! — como se ela fosse uma boneca de porcelana frágil e não uma vigorosa e duradoura boneca de borracha como a Dolly, que você simplesmente atira de um lado para outro, deixa cair no chão e chuta para tirar do caminho caso esteja no caminho — e num tamanho silêncio! — o homem de cabelo espetado carregou a criança até o banheiro e a banheira com pés de garras do tamanho de uma tina onde animais bebem, e no banheiro de porta fechada — à força — pois a porta estava empenada e era impossível empurrar a tranca — o homem de cabelo espetado tirou o pijama sujo da criança e a colocou — de novo com

muito cuidado! — o dedo indicador encostado na boca para sinalizar que aquilo tinha de ser feito com cuidado e sem barulho — a colocou na banheira — dentro da água que jorrava da torneira com um quê de ferrugem e que estava apenas morna, e havia poucas bolhas de sabão, a não ser quando o homem de cabelo espetado esfregou com força uma barra de sabonete Ivory cheiroso entre as mãos e passou a espuma no pálido corpinho contorcido da criança como algo suave tirado com esforço da concha no que era a *brincadeira das cócegas* — a *brincadeira secreta das cócegas*; e em meio aos esguichos a água logo esfriou e teve de ser reabastecida com a torneira — mas a torneira fez um rangido como se protestasse e o homem de cabelo espetado encostou o indicador nos lábios contraídos como os lábios de um palhaço de tevê e suas sobrelanceiras desgrehadas se ergueram para fazer a criança rir — ou, se não rir, para fazer a criança parar de se contorcer, de lutar — pois a *brincadeira das cócegas* era muito *coceguenta*! — o homem de cabelo espetado riu uma risada sibilante quase silenciosa e logo depois esmoreceu em um cochilo de boca aberta por ter perdido toda a energia que o percorreria como eletricidade através da bobina e a criança esperou até o homem de cabelo espetado roncar meio sentado e meio deitado no assoalho empoçado do banheiro com as costas na parede e gotas d'água brilhando nos crespos pelos cor de aço de seu peito e nas molengas dobras flácidas da barriga e da virilha, e quando finalmente no início da noite o homem de cabelo espetado despertou — e quando a mulher estirada no colchão do cômodo vizinho despertou — a criança havia saído da banheira nua e trêmula e com a pele enrugada e branca feito a pele de um frango depenado, e por muito tempo a mulher e o homem de cabelo espetado procuraram-na até que a descobriram agarrada à feia boneca de borracha sem chapéu, enrolada como um vermezinho pisado nos novelos de teia e bolas de poeira debaixo da escada do porão.

Pique-esconde! Pique-esconde e o homem de cabelo espetado foi quem a achou!

Pois o que eram os atos dos adultos se não *brincadeiras* e variações de *brincadeiras*. A criança havia chegado à conclusão de que uma brincadeira acabaria, ao contrário de outros atos que eram *não-brincadeiras* e não podiam ser encerradas mas sim prolongadas como uma estrada ou um trilho de trem ou o rio que corre debaixo das tábuas frouxas da ponte

próxima à casa onde ela e a mulher viveram com o homem de cabelo espetado antes da *encrenca*.

Não está te machucando! Você vai difamar Deus se fizer tanto auê.

A voz da mulher agora não era tão calma e sim bruta como algo que foi quebrado e causa dor. E os dedos da mulher na criança estavam mais rígidos, e as unhas quebradas e desniveladas eram afiadas como as garras de um gato cavando a pele da criança.

O couro cabeludo macio da criança sangrava. Os cabelos que sobravam eram restolhos. Em meio ao resto de mechas grudentas cortadas a esmo e raspadas em partes havia piolhinhos em frenesi. A essa altura, as roupas sujas da criança já tinham sido tiradas, enroladas e chutadas para o canto. Era uma cabana de papel de piche que a mulher havia descoberto em um matagal, entre a estrada e o caminho de sirga. O sinal de Deus que a conduzira a esse lugar abandonado foi uma cruz tombada desgastada pelo tempo à beira da estrada, que na verdade era um marcador de quilometragem tão desbotado que não se conseguia decifrar as palavras ou os números mas a mulher entendera como MORIÁ.

Nesse lugar repugnante onde haviam dormido enroladas no casaco amarrotado e manchado da mulher não existia a possibilidade de banhar a criança. Nem haveria tempo para banhar a criança, pois Deus se impacientava agora que amanhecia e por isso a mulher mexia as mãos e seus lábios se moviam numa oração. O céu clareava como um olho grande se abrindo e na maior parte do céu que dava para enxergar havia nuvens compactas e densas como blocos de concreto.

A não ser pela fileira de árvores do outro lado do alagadiço, onde nascia o sol.

A não ser que se forçasse a vista para perceber que as nuvens de concreto derretiam e o céu tinha camadas de nuvens translúcidas vermelho-claras como veias de um grande coração translúcido que era o despertar de Deus à nova aurora na terra de Moriá.

No carro a mulher dissera *Vou saber na hora que eu vir. Minha fé é no Senhor.*

A mulher dissera *A não ser pelo Senhor, está tudo acabado.*

A mulher não estava falando com a criança, pois não tinha o hábito de falar com a criança nem quando estavam a sós. E, quando havia outras pessoas por perto, a mulher havia parado totalmente de falar e a impressão

dessas outras que não conheciam a mulher era de que era muda e surda e provavelmente era assim de nascença.

Perto dos outros a mulher aprendera a se encolher dentro das roupas que ficavam frouxas em seu corpo porque na época das gravidezes sentira vergonha e medo dos olhares dos estranhos examinando-a como raios X e, portanto, conseguira roupas masculinas que lhe escondiam o corpo — embora em volta do pescoço com um nó solto, pois a garganta volta e meia doía, e temia uma faringite séptica, usasse um xale de um brilhoso tecido qualquer, roxo e enrugado, que alguém descartara.

A criança estava nua dentro da camisola de papel. A criança sangrava pela cabeça lacerada pela lâmina numa dezena de feridinhas e tremia e estava nua dentro da camisola de papel verde-claro com a marca desbotada DETERMINAÇÃO CONDADO HERKIMER, que fora cortada pelo tesourão gigante para diminuir de comprimento mas não de largura, de modo que a camisola de papel ficasse na altura dos tornozelos finos da criança.

Uma camisola de papel a ser rastreada ao posto médico do condado de Herkimer anexo à casa de detenção feminina.

No banco de trás do barulhento Plymouth enferrujado, único legado do homem de cabelo espetado, estava a boneca de borracha da criança. *Dolly* era o nome da boneca que fora da irmã e agora era dela. O rosto de Dolly estava sujo e seus olhos tinham deixado de enxergar. A boquinha de Dolly era uma dobra na pele de borracha horrorosa. E Dolly também estava quase careca, apenas porções de cabelos cacheados claros restavam, pelas quais era possível ver como os tristes fios fulvos macios estavam grudados à cabeça de borracha.

Cento e doze quilômetros ao norte de Star Lake, tão distante para a mulher e a criança quanto a metade da lua eclipsada, eram de alagadiços obscuros à margem do rio.

Tão sinuosas e serpenteantes eram as estradas nas montanhas que a jornada de meros cento e doze quilômetros levava dias, pois a mulher receava dirigir o automóvel barulhento a velocidades acima dos cinquenta. E também lhe era premente que sua obediência a Deus fosse evidenciada nessa lentidão e na prudência similar a de quem só consegue ler passando o dedo sob cada letra de cada palavra a ser pronunciada em voz alta.

A criança não se queixou. Mas a mulher acreditava que no fundo do coração a criança se queixava porque ambas as crianças eram rebeldes. Nenhum pente entraria em um cabelo tão embaraçado.

Com ríspidos grasnidos zombeteiros os corvos vilipendiavam Deus.

Zombeteiros exigindo saber, assim como a juíza (mulher, de meia-idade) havia exigido saber, por que aquelas crianças foram encontradas imundas e pouco vestidas escavando uma caçamba atrás do Shop-Rite, procurando comida como cachorros vira-latas ou animais selvagens se encolhendo sob o feixe de luz de uma lanterna. E a mais velha das irmãs segurando a mão da mais nova e não a soltando de jeito nenhum.

E como é que a mãe explica e como a mãe se declara.

A mulher se levantou com orgulho e de queixo erguido e olhos abertos contra aquela Meretriz da Babilônia de toga preta e uma boca lívida de batom e sobrancelhas tiradas como asas de inseto arqueadas. A possibilidade de que se *declarasse* equivalia à de cair de joelhos diante daquela aparição libertina.

As crianças lhe foram tiradas e postas sob a guarda provisória do condado. Mas a vontade de Deus era tamanha que tudo o que lhe era de direito lhe foi restituído a tempo.

Durante todas aquelas semanas, meses — a mulher jamais se abalou na fé de que tudo o que era seu lhe seria restituído.

E agora na aurora o céu do leste estava em constante mutação, em expansão. O céu de concreto cinza que é o mundo destituído de Deus se recolhia. Dava quase para ver os anjos da ira naquelas nuvens rompidas. Luz fulgurante nas faixas de água parada dos alagadiços cor de sangue agudo. A menos de oitocentos metros do Black Snake River, numa área desolada do nordeste do condado de Beechum nos contrafortes das Adirondacks, onde a mão de Deus a guiara. Ali estavam as ruínas de um engenho abandonado, uma estrada de terra e destroços podres em meio ao pântano alto serpenteado que tremia e sussurrava com o vento. Raízes de árvores expostas e troncos podres caídos suportando os rostos espiralados e amedrontados dos condenados. E quanta beleza em lugares tão abandonados, a Menina de Barro teria carinho por eles pelo resto da vida. Pois temos mais carinho por aqueles lugares aonde fomos levados para morrer mas não morremos. Não havia cheiro mais pungente que o odor cortante de podridão dos alagadiços onde a água salobra do rio se infiltra e fica presa e parada com algas tom de giz de cera verde forte da Crayola. Vastos hectares insondáveis de alagadiços em meio a taboas, zabumbas e detritos espalhados de pneus velhos, botas, roupas rasgadas, guarda-chuvas quebrados e jornais decompostos, fogões abandonados, geladeiras com

portas escancaradas como mãos vazias. Ao ver uma geladeirazinha atarracada caída de lado na lama a criança pensou *Ela vai pôr a gente ali dentro*.

Mas havia algo de errado nisso. O pensamento lhe veio uma segunda vez, para se corrigir — *Ela pôs a gente ali dentro. Ela fechou a porta*.

Houve um furor de corvos, tordos-sargentos e estorninhos, como se a criança tivesse se expressado em voz alta e dito algo proibido.

A mulher berrou balançando os punhos para os pássaros, Deus os amaldiçoará!

Os estridentes grasnidos acusatórios ficaram mais altos. Mais pássaros de plumas negras surgiram, abrindo suas asas magníficas. Acomodaram-se nas árvores esqueléticas com fúria e algazarra. A mulher berrou, praguejou e cuspiu e no entanto os guinchos aviários continuaram, e a criança concluiu que os pássaros tinham vindo por *ela*.

Eles foram enviados por Satã, disse a mulher.

Estava na hora, disse a mulher. Um dia e uma noite e outro dia e agora a noite tinha se tornado aurora de um novo dia e estava na hora, e portanto, apesar dos pássaros grasnando, a mulher meio que conduziu meio que carregou a criança de camisola de papel rasgado em direção ao engenho em ruínas. Puxando a criança de tal modo que seu pálido braço fino parecia que seria arrancado da cavidade.

A mulher ultrapassou o engenho em ruínas que tinha um cheiro forte de algo docemente rançoso e fermentado e chegou a uma área com tijolos quebrados e madeira putrefeita caída no solo lamacento bem escuro e ervas pontudas do tamanho das crianças. Na pressa ela assustou uma cobra preta comprida adormecida numa madeira, mas a cobra se recusou a sair rastejando e preferiu se retirar lenta e sinuosamente do seu campo de visão para desafiar a intrusa. No começo a mulher estancou — a mulher fitou — pois a mulher esperava que um anjo de Deus lhe aparecesse — mas a sinuosa cobra preta lúzida não era nenhum anjo de Deus e num furor de mágoa, decepção e determinação a mulher berrou, Satã volte para o inferno de onde você saiu, mas com um triunfo insolente a cobra já havia sumido no matagal.

A criança havia parado de se lamuriar, pois a mulher a proibira. A criança descalça e nua sob a camisola de papel verde-claro amassado e rasgado com a marca DETERMINAÇÃO CONDADO HERKIMER. As pernas da criança estavam muito finas e pontilhadas por picadas de mosquitos e muitas dessas

picadas sangravam, ou haviam parado de sangrar apenas recentemente. A cabeça quase careca da criança, arrepiada e sangrenta e os olhos pasmados, incompreensivos. No final do beco que levava ao canal margeado pela sirga havia um banco de terra reluzindo por causa da lama em tom de merda de bebê e matizada de amarelo sulfuroso: e o cheiro era cheiro de merda de bebê porque ali havia muitas coisas podres e mortas. Vapores tênues emergiam do interior do pântano como as respirações exaladas de coisas agonizantes. A criança caiu num choro incontrollável. Enquanto a mulher a rebocava pelo banco de terra, a criança começou a lutar mas foi em vão. A criança era fraca por causa da desnutrição mas não teria vencido porque a mulher era forte e a força de Deus fluía em seu ser como um farol cegante. A luz resplandecia no rosto da mulher, ela nunca sentira tamanha certeza dos próprios atos e tamanho júbilo na certeza como agora. Pois agora estava ciente de que o anjo de Deus não lhe apareceria como o anjo de Deus aparecera tanto para Abraão como para Agar, que havia gerado o filho de Abraão e sido largada no deserto por Abraão com a criança para morrer de sede.

E não era a primeira vez que o anjo de Deus lhe era negado. Mas seria a última.

Com uma risada amarga a mulher disse, Aqui, estou devolvendo-a a Ti. Como o Senhor me ordenou, eu estou devolvendo-a a Ti.

Primeiro, Dolly: a mulher arrancou Dolly dos dedos da criança e atirou Dolly na lama.

Aqui! Aqui está a primeira delas.

A mulher falava com alegria, rispidez. A boneca de borracha jazia estupefata no lamaçal.

Em seguida, a criança: a mulher pegou a criança nos braços para empurrá-la do banco de terra para a lama — a criança agarrou-a só então ousando berrar *Mamãe! Mamãe!* — a mulher puxou os dedos da criança para se soltar e empurrou, impeliu, chutou a criança declive escarpado abaixo rumo ao lodo liso luzidio junto à feia boneca de borracha e lá a criança abanou os esqueléticos membros nus, agora de bruços e com o rostinho pasmo na lama barrenta de modo que os berros de *Mamãe* eram abafados e lá em cima no aterro a mulher procurava algo — um galho de árvore quebrado — para estender para a criança pois Deus é um Deus misericordioso e não gostaria que a criança sofresse mas a mulher não conseguia alcançar a criança e por frustração jogou o galho na criança pois

toda a calma da mulher havia sumido e agora ela ofegava, sem fôlego e soluçando um pouco e a essa altura a feia boneca de borracha permanecia no lugar de sua queda na superfície da lama, a criança agitada era sugada pela lama, uma lama borbulhante e fria que esquentaria a contragosto com o sol, uma lama que enchia a boca da criança, e uma lama que enchia os olhos da criança, e uma lama que enchia os ouvidos da criança, até que por fim não havia mais ninguém no banco de terra acima do alagadiço para observar sua luta e nenhum som além dos grasnidos dos corvos ofendidos.

A jornada da Mulher de Barro. O Café Black River.

Outubro de 2002

*Preparada. Acreditava que sim, ela estava.
Ela não era de ser pega de surpresa.*

“Carlos, para! Por favor. Deixa eu sair.”

No espelho retrovisor os olhos do motorista se voltaram para ela, assustados.

“Aqui, dona?”

“Quer dizer — Carlos — eu queria parar um minutinho. Esticar as pernas.”

A ideia foi expressa de forma bem estranha, e portanto aparentemente bem falsa — *esticar as pernas!*

Com educação, o motorista protestou: “Dona — falta menos de uma hora para Ithaca.”

Ele a olhava com uma expressão de alarme moderado no espelho retrovisor. Ela detestava ser observada pelo retrovisor.

“Por favor, dê uma parada no acostamento da estrada, Carlos. Não vou demorar nem um minutinho.”

Agora ela havia falado com rispidez.

Embora continuasse sorrindo, é claro. Pois era inevitável, nessa nova fase de sua vida ela estava sendo observada.

A ponte!

Nunca tinha visto a ponte, tinha certeza. E no entanto — como lhe era familiar.

Não era uma ponte notável nem sequer incomum, e sim uma ponte de treliça antiquada da década de 1930, com um único vão: vigas mestras de ferro forjado marcadas com esmeradas incrustações de ferrugem semelhantes a hieróglifos arcaicos e ilegíveis. M.R. já sabia, sem precisar ver, que a ponte era de tábuas aparentes e rangeria com a passagem de veículos; a ponte inteira vibraria com delicadeza, como um belo diapasão.

Assim como as pontes das lembranças de M.R., essa ponte fora construída bem acima da correnteza, que era um riacho, ou um córrego,

que inundava as margens após as tempestades. Para atravessar a ponte era preciso subir uma rampa pavimentada íngreme. Tanto a ponte como a rampa eram alguns centímetros mais estreitas do que a rodovia estadual de pista dupla que levava à ponte e, portanto, ao se aproximar da ponte a estrada se estreitava ostensivamente e o acostamento sofria uma redução brusca. Tudo isso acontecia sem aviso prévio — era necessário conhecer a ponte, não sair entrando enquanto um veículo grande como uma van ou um caminhão a percorria.

Não havia acostamento ali onde fosse seguro estacionar, pelo menos não um veículo do tamanho do Lincoln Town Car, mas o sagaz Carlos tinha descoberto uma estrada vicinal não asfaltada, na base da rampa da ponte, que dava na margem do córrego. A estrada estava sulcada, lamacenta. Em uma faixa de mato a limusine parou de repente a poucos metros da água corrente.

O jeito sutil com que o motorista ao mesmo tempo resistia e obedecia à patroa impulsiva fez o coração de M.R. acelerar em contraposição a ele. Estava claro que Carlos entendia que aquela era uma parada imprudente a fazer, a uma hora do destino deles; a própria boa vontade com que ele conduzira a luzidia limusine preta para fora da estrada e mato adentro foi uma repreensão a ela, que dera uma ordem a ele.

“Carlos, obrigada. Não vai levar nem um minutinho...”

Não vai levar nem um minutinho. Assim como *esticar as pernas*, essa frase soava forçada e estranha aos ouvidos dela, como se outra pessoa falasse através de sua boca e M.R. fosse o boneco do ventríloquo.

Antes que Carlos pudesse saltar do carro para lhe abrir a porta, M.R. abriu a porta sozinha. Parecia ser incapaz de se acostumar a ser tratada com tamanha deferência e formalidade! — não era da natureza de M.R.

M.R., a quem o excesso de atenção e até adulação comedida constrangiam imensamente; como se, por instinto, entendesse o escárnio que ressalta a formalidade.

“Eu já volto! Prometo.”

Ela falou com alegria, júbilo. M.R. não aguentava que algum empregado — qualquer pessoa de sua equipe — se sentisse desconfortável perto dela.

Como quando, lecionando, ao se aproximar de uma sala de aula e escutar as vozes e risadas dos alunos lá dentro, ela hesitava em se intrometer — em evocar um silêncio abrupto e reverente demais.

Seu poder sobre os outros era que *gostavam* dela. Tal *gosto* só poderia ser volitivo, uma livre escolha.

Estava caminhando pelo aterro fazendo essas ponderações. Aos poucos a água corrente afundou seus pensamentos — hipnótica, um pouquinho instigante. Há sempre uma atração gravitacional em direção à água: à água corrente. A pessoa é puxada *para a frente*, a pessoa é puxada *para dentro*.

Assim. Aqui. Venha. Está na hora...

Ela sorriu escutando vozes na água. A ilusão de vozes na água.

Mas o empecilho era o seguinte: o aterro era embaralhado por sarças, vinhas. Um entrelaçamento atormentado de algo similar a tripas. Não era uma boa ideia M.R. caminhar com sua calça de lã cor de carvão e os sapatos italianos novos em folha.

Porém se você olhasse com atenção, com olhar de criança, discerniria um leve rastro em meio ao matagal. Crianças, pescadores. Obviamente, pessoas abriam caminho junto ao córrego, às vezes.

Um córrego sem nome — riacho, ou rio. Aparentemente raso, porém largo. Uma propagação de rochas, pedras achatadas que pareciam xisto. Espuma de tom e textura parecidos com o mais *nouveau* da *haute cuisine* — comida-espuma, amassada e espremida, toda a essência extraída, comida horrível! Sem gosto e insatisfatória e, contudo, M.R. fora várias vezes obrigada a admirá-la, jantando em Manhattan nas residências de alguns dos conselheiros administrativos ricos da Universidade, que tinham chefs dentre seus empregados em tempo integral.

O córrego, ou riacho, era bem menor que o Black Snake River que escoava para o sul e o oeste a partir das Adirondacks, cruzando o condado de Beechum na diagonal — o rio da infância de M.R. No entanto — ali havia o mesmo cheiro de rio. Se M.R. fechasse os olhos e respirasse fundo, estaria *lá*.

Ali estava o odor de algo salobro e um pouco azedo — rançoso/podre — folhas em decomposição — terra preta úmida fértil que afundava sob seus pés enquanto ela caminhava pelo aterro, protegendo os olhos contra o brilho aguado que parecia papel-alumínio.

Misturado ao cheiro de rio havia o odor de algo queimando, como borracha. Pneus em combustão lenta, lixo. Um cheiro de pluma molhada. Mas fraco o bastante para não ser desagradável.

Só o que M.R. via — na margem mais distante do riacho — eram construções de tijolos escuros com umas poucas janelas em cada andar; e,

além das janelas, nada visível. No alto das laterais dos edifícios havia propagandas — nomes de produtos e retratos de — rostos? corpos humanos? — erodidas pelo tempo e agora indecifráveis, esvaziadas de todo sentido.

“Carnes & Aves Mohawk.”

As palavras lhe ocorreram. A lembrança era fortuita, e efêmera.

“Luvras e Roupas Íntimas Femininas Boudreau.”

Mas isso era em Carthage, muito tempo antes. Esses letreiros-fantasmas M.R. não conseguia ler de jeito nenhum.

Carlos sem dúvida tinha razão, não estavam longe da cidadezinha de Ithaca — o que queria dizer que se aproximavam do vasto campus espaçoso e espetacular da Universidade Cornell onde M.R. fizera a graduação havia vinte anos e se formara *summa cum laude*, séculos antes. No entanto, não fazia ideia do nome dessa cidadezinha ou de onde estavam exatamente, afora que era a sudoeste de Ithaca, na zona rural devastada pelas geleiras do condado de Tompkins.

Era um dia frio e claro de outubro. Era um dia borrado por sumagres que pareciam princípios de combustão.

A cidadezinha não muito próspera de fachadas de tijolos desbotados e calçadas rachadas lembrava a M.R. a cidadezinha em que crescera no condado de Beechum, no contraforte ao sul das Adirondacks. Vagamente ela pensava *Eu devia ter planejado uma visita a eles. Faz tanto tempo.*

Seu pai ainda vivia lá — em Carthage.

Não tinha dito a Konrad Neukirchen que passaria três noites a uns cento e sessenta quilômetros de Carthage, já que praticamente todos os minutos do congresso seriam ocupados por encontros, compromissos, debates, palestras — e mais gente pediria um tempo com M.R., depois que o congresso começasse. Não queria decepcionar o pai, que sempre sentira muito orgulho dela.

O pai, e é claro que a mãe também. Ambos os Neukirchen: Konrad e Agatha.

Como era doloroso para M.R. decepcionar os outros! Pessoas mais velhas, que tinham investido tanto nela. O amor que sentiam por ela era um manto pesado em seus ombros, como um daqueles mantos com blindagem de chumbo que põem em cima de você no consultório do dentista para te proteger dos raios X — você se sente grato pelo manto mas ainda mais grato quando o tiram.

M.R. certamente preferia se decepcionar com os outros a ser a agente da decepção. Pois M.R. era capaz de perdoar — de bom grado; era muito boa em perdoar.

Era muito boa em esquecer também. Esquecer é justamente o princípio do perdão.

Talvez fosse, ou devia ser, um princípio quacre que ela herdara dos pais: *esquecer, perdoar*.

Agora com audácia ela caminhava à margem do rio sem nome por entre objetos quebrados. Um observador da ponte a certa distância ficaria surpreso em vê-la: uma mulher bem-vestida, sozinha, naquele lugar tão inconveniente para caminhadas, em meio a uma espécie desmazelada de semisselva. M.R. era uma mulher alta a quem a coluna ereta e a cabeça erguida tornavam ainda mais alta — uma mulher de meia-idade viçosa, de rosto sedutoramente juvenil — carnudo, de faces coradas. Os olhos eram ao mesmo tempo tímidos e ágeis, avaliadores. Na verdade, eram olhos de falcão num rosto de menina.

Como se sentia esquisita nesse lugar! A luz cintilante — luzes — refletida na água que corria ligeira parecia encher seu coração. Sentia-se tanto feliz quanto apreensiva, como se estivesse se aproximando do perigo. Talvez não um perigo visível. Mesmo assim, tinha de ir em frente.

Claro que era uma sensação comum. Comum a todos que ocupam um papel “público”. Ela se dirigiria a uma plateia em que com certeza haveria alguma resistência às suas palavras prontas.

Seu discurso de abertura, o qual preparara de forma esporádica, ao longo de semanas, tinha apenas vinte minutos de duração: “O papel da universidade em uma era de ‘patriotismo’”. Era a primeira vez que M.R. Neukirchen era convidada a discursar no Congresso Nacional da prestigiosa American Association of Learned Societies. Perguntas hostis lhe seriam feitas ao final da palestra, ela supunha. Na sua própria universidade, onde o corpo docente tanto apoiava sua postura liberal, ainda havia vozes dissidentes de direita. Mas a grande maioria de sua plateia naquela noite a apoiaria, tinha certeza.

Seria emocionante — falar a esse grupo ilustre, e causar um impacto nele. De algum modo tinha acontecido, a acanhada colegial havia se tornado, com a passagem de não muitos anos, uma oradora fervorosa e competente — uma Valquíria em pessoa — ferozmente eloquente, intensa.

Dava para notar que ela *se importava muito* — em certos momentos, M.R. quase tremia de emoção, como se prestes a gaguejar.

Plateias ficavam hipnotizadas com ela, no estreito e rarefeito mundo acadêmico em que vivia.

Estou despindo a minha alma para vocês. Eu me importo profundamente!

Era comum se sentir fraca antes. Um tumulto no estômago como se fosse adoecer.

O modo como um ator deve se sentir, ao assumir um papel magistral. O modo como um atleta deve se sentir diante de um grande triunfo — ou uma perda.

Seu amante (secreto) uma vez lhe garantira *Não é pânico o que você sente, Meredith. Não é nem medo. É entusiasmo: ansiedade.*

Seu amante (secreto) era um homem brilhante mas não exatamente digno de confiança, um astrônomo/cosmólogo que era mais feliz nas profundezas do Universo. As viagens de Andre Litovik levavam-no ao espaço extragaláctico, longe de M.R., porém ele também sentia orgulho dela e a amava à sua própria maneira. Era nisso que queria acreditar.

Viam-se raramente. Nem sequer se comunicavam com frequência, pois Andre era negligente no que se referia a responder e-mails. No entanto, um pensava no outro o tempo todo — ou era nisso que M.R. queria acreditar.

Quiçá por insensatez, a julgar por aquele matagal denso, M.R. se aproximava da ponte por baixo. Tinha razão: o chão era de tábuas — dava para ver a luz do sol pelas frestas — quando os carros passavam, o assoalho de madeira chacoalhava. Uma picape, alguns carros — a ponte era tão estreita que o tráfego diminuía para oito quilômetros por hora.

Tinha aprendido a atravessar pontes assim de carro. Fazia muito tempo.

Sentiu o velho frisson do pavor — uma inquietação visceral que agora vivenciava principalmente ao voar num clima turbulento — *Por favor, voltem aos seus assentos, apertem os cintos, por favor, o piloto pediu que vocês voltem aos seus assentos, por favor.*

Nessas horas a ideia terrível lhe ocorria: *Morrer entre estranhos! Morrer no meio de ferragens em chamas.*

Esses pensamentos curiosos, atípicos, M.R. Neukirchen escondia das pessoas de quem era íntima. Mas na verdade não havia ninguém de quem M.R. Neukirchen fosse íntima.

Em certo sentido era estranho para ela, esse fato curioso: ela (ainda) não tinha morrido.

Assim como os pré-socráticos ponderaram *Por que há algo e não o nada?* — M.R. ponderava *Por que estou aqui, e não — em lugar nenhum?*

Uma especulação puramente intelectual era esta. O filosofar profissional de M.R. não era corrompido pelo meramente pessoal.

No entanto, essas questões eram estranhas e maravilhosas. Não passava uma hora de sua vida sem que agradecesse.

M.R. era *filha única*. Uma psicologia inteira fora delineada acerca do *filho único*, uma variante do *primogênito*.

Não é inevitável que o *filho único* seja o *primogênito*, contudo. O *filho único* pode ser o sobrevivente.

O *filho único* é mais propenso a ser talentoso do que uma criança com vários irmãos. Obviamente, o *filho único* é mais propenso a ser solitário.

Autoconfiante, autossuficiente. “Criativo.”

M.R. acreditava em tais teorias? Ou teria mais a ver com sua experiência pessoal acreditar que as personalidades são distintas, individuais e únicas, e insondáveis — em termos de influências e causalidade, inexplicáveis?

Havia se formado em Filosofia, tinha obtido o doutorado em Filosofia Europeia em um dos notáveis departamentos de Filosofia do mundo de língua inglesa. Contudo fizera disciplinas de pós-graduação em psicologia cognitiva, neurociência, direito internacional. Participara de um colóquio de bioética. Publicara um ensaio que volta e meia era incluído em antologias intitulado “Como você sabe o que você ‘sabe’: ceticismo como imperativo moral”. Como presidente de uma célebre universidade voltada para a pesquisa em que teorias de todos os gêneros eram inventadas, debatidas, sustentadas e defendidas — a abundância de um campo primaveril florindo e zumbindo com a exuberância de vida — M.R. não era obrigada a acreditar mas era obrigada a levar a sério, a respeitar.

Meu sonho é ser — útil! Quero fazer o bem.

Era bastante séria. Era totalmente desprovida de ironia.

A ponte de Convent Street, em Carthage. É claro, era essa a ponte de que tentava se lembrar.

E outras pontes, outras águas, riachos — M.R. não conseguia se lembrar direito.

Numa espécie de transe ela contemplava, sorria. Quando criança, aprendera rápido. De todos os reflexos humanos, o mais valioso.

O rio era um ligeiro córrego raso de onde emergiam seixos parecidos com ossos branqueados. Galhos de árvores caídos jaziam na água murchos e podres e naquele lodo tartarugas aproveitavam o sol de outubro, imóveis como criaturas esculpidas em pedra. M.R. sabia graças à infância rural que caso se aproximasse daquelas tartarugas, mesmo à distância elas ficariam agitadas, despertariam e entrariam na água; aparentemente adormecidas, numa tranquilidade reptiliana, ainda estavam bem alertas, vigilantes.

Uma lembrança lhe veio dos meninos que haviam capturado um muçua, berrando e atirando a pobre criatura nas rochas, jogando pedras nele, quebrando sua carapaça...

Para quê fazer uma coisa dessas? Para quê matar...?

Foi uma pergunta que ninguém fez. Você não faria. Seria ridicularizado, se perguntasse.

Ela não defendeu a pobre tartaruga dos meninos. Era nova demais — muito nova. Os meninos eram mais velhos. Sempre eram numerosos — o inimigo.

Esses pequenos fracassos, muito tempo atrás. Agora ninguém sabia. Ninguém que a conhecesse agora. Se tentasse lhes contar iriam fitá-la, sem entender. *Você está falando sério? Não pode estar falando sério.*

Sem dúvida estava falando sério: uma mulher séria. A primeira mulher a ser presidente da Universidade.

Não que a *feminilidade* fosse uma questão, não era.

Sem hesitação M.R. alegaria, e em entrevistas detalharia, que nem uma única vez em sua carreira profissional, nem na época de estudante, ela tinha sofrido discriminação, como mulher.

Era a verdade, como M.R. sabia. Não era de apresentar queixas ou de falar com desdém, mágoa ou censura.

O que era aquilo — algo subindo o rio? Uma criança se arrastando? Mas o ar estava frio demais para alguém se arrastar e o vulto era branco demais: uma garça-branca-pequena.

Bela ave de pernas compridas procurando peixe na ligeira água rasa. M.R. observou-a por vários segundos — quanta calma! Quanta paciência.

Por fim, como se incomodada com a presença de M.R., a garça pareceu se sacudir, levantou as asas largas e saiu voando.

Havia pássaros próximos mas invisíveis — gralhas, corvos. Grasnidos roucos de corvos.

M.R. deu logo meia-volta. O barulho de garras afiadas do grasnido dos corvos era perturbador.

“Ai!” — na ânsia de sair desse lugar ela torceu o tornozelo, ou quase.

Não devia ter parado para caminhar ali, Carlos tinha razão em se opor. Agora seus calcanhares afundavam na imunda terra macia. Tão desajeitada!

Quando era uma jovem atleta, M.R. tinha pés ligeiros para uma garota de sua altura e seu biótipo (“de amazona”) mas logo depois da adolescência começou a perder essa agilidade automática, a coordenação entre mãos e olhos que atletas acham natural até que comecem a perdê-la.

“Dona? Deixa eu ajudar.”

Dona. Que repreensão à sua tolice!

Carlos havia se aproximado para ficar a alguns centímetros de distância. M.R. não queria pensar que o motorista a observara, num gesto de proteção, desde o princípio.

“Estou bem, Carlos, obrigada. Eu acho...”

Porém M.R. mancava, sentia dor. Eram pontadas rápidas que esperava que passassem dali a uns minutos mas não lhe restava outra opção além de se apoiar no braço de Carlos no caminho de volta ao carro, pela trilha indistinta em meio ao matagal.

Seu coração batia rápido, estranhamente. Os grasnidos dos pássaros — os grasnidos dos corvos — eram ao mesmo tempo zombeteiros e lindos: estranhos berros selvagens de anseio, convocações.

Mas o que era isso? — algo ficou preso na sola de um de seus sapatos. Os sapatos italianos de couro preto recém-comprados que se sentira forçada a adquirir, muito mais caros que qualquer outro sapato que M.R. já tinha comprado.

E nas bainhas da calça — sarças, carrapichos.

E o que era aquilo no seu cabelo? — esperava que não fosse cocô de passarinho da parte inferior daquela maldita ponte.

“Perdão, dona...”

“Obrigada, Carlos! Eu estou bem.”

“Dona, espere...”

O cavalheiresco Carlos se curvou para desprender o que estava preso no sapato de M.R. Ela vinha tentando desenroscar aos chutes sem exatamente

ver, e sem deixar que Carlos visse; no entanto, é claro que Carlos tinha visto. Que ridícula era a situação! Ela ficou mortificada, constrangida. A última coisa que queria era que seu motorista hispânico uniformizado se agachasse a seus pés mas é claro que Carlos insistiu em fazer justamente isso, e com destreza ele desprende o que estivera preso na sola de seu sapato e o atirou no matagal, e quando M.R. perguntou o que era ele disse baixinho sem olhá-la nos olhos:

“Nada, dona. Já foi.”

Era outubro de 2002. Na capital dos Estados Unidos, a guerra era preparada.

Caso objetos atravessem o espaço “abandonado” após uma lesão cerebral, eles desaparecem. Caso o lado direito do cérebro seja lesionado, o déficit se manifestará no campo visual esquerdo.

O paradoxo é: como sabemos o que não podemos saber quando os objetos não aparecem para nós.

Como é que sabemos o que não conseguimos ver se não conseguimos vê-lo, já que não podemos saber que não conseguimos vê-lo.

A não ser que — a sombra daquilo-que-não-vemos possa ser vista por nós.

Uma sombra de asas largas cruzando rapidamente a superfície da Terra.

Tarde da noite — seu cérebro estimulado demais para dormir — vinha trabalhando em um artigo de filosofia — um problema de epistemologia. *Como sabemos o que não podemos saber: quais são os perímetros do “saber”...*

Como presidente de universidade ela jurara *acompanhar* sua área — após este primeiro ano inaugural como presidente, voltaria a lecionar uma disciplina de pós-graduação de filosofia/ética todos os semestres. Todos os problemas da filosofia lhe pareciam ser em essência problemas de epistemologia. Mas é claro que existiam problemas de percepção: neuropsicologia.

O salto de um problema de epistemologia/neuropsicologia à política — era arriscado.

Pois Nietzsche havia observado — *A loucura em indivíduos é rara, mas em nações é a regra.*

Entretanto daria esse salto, ela refletiu — pois essa noite era sua grande oportunidade. Sua plateia no congresso seria de cerca de mil e quinhentos indivíduos — professores, acadêmicos, arquivistas, cientistas, administradores de universidades e faculdades, jornalistas, editores de periódicos científicos e editoras universitárias. Um redator da *Chronicle of Higher Education* havia marcado uma entrevista com M.R. Neukirchen para a manhã seguinte, e um repórter do caderno de educação do *New York Times* estava ansioso para conhecê-la. Uma versão resumida de “O papel da universidade em uma era de ‘patriotismo’” seria publicada como coluna opinativa no *New York Times*. M.R. Neukirchen era a nova presidente de uma universidade “histórica” que até a década de 1970 nem aceitava mulheres e, portanto, num gesto audacioso, em seu discurso ela falaria sobre o indizível: a trama cética que estava sendo arquitetada na capital dos Estados Unidos para autorizar o presidente a empregar “força militar” contra o país do Oriente Médio demonizado como um “inimigo” — um “inimigo da democracia”. Acharia uma maneira de tocar nesses assuntos em sua apresentação — não seria difícil — ao tratar da questão do Ato Patriota, da necessidade de alerta contra a vigilância governamental, da detenção de “suspeitos de terrorismo” — do terrível exemplo do Vietnã.

Mas isso era emotivo demais — era? Não poderia falar com frieza, e ousava não falar com ironia. Em seu radiante estilo de Valquíria, a ironia não era possível.

Ela ligaria para o amante em Cambridge, Massachusetts — para lhe perguntar *Devo? Me atrevo? Ou seria um erro?*

Pois ela não tinha cometido nenhum erro, por enquanto. Não tinha cometido nenhum erro relevante, em seu papel de *educadora no ensino superior*.

Devia ligar para ele, ou talvez para outro amigo — embora fosse difícil para M.R. trair fragilidades a seus amigos que a procuravam em busca de — estímulo, incentivo, bom humor, otimismo...

Não devia se comportar de maneira impulsiva, não devia passar a impressão de ser *política, partidária*. Sua primeira intenção para o discurso era avaliar o clássico de John Dewey, *Democracia e educação*, segundo os termos do século XXI.

Era uma idealista. Não conseguia levar a sério nenhum princípio de conduta moral que não fosse um princípio para todos — universalmente.

Não era capaz de acreditar que “relativismo” fosse uma espécie de moralidade a não ser a moralidade da conveniência. Mas é claro que como educadora às vezes era obrigada a ser pragmática: conveniente.

A educação flutua sobre a economia, e a boa vontade do povo.

Até instituições particulares são reféns da economia, e a boa — iluminada — vontade do povo.

Ela ligaria para o amante (secreto) quando chegasse ao hotel do centro de conferências. Só para perguntar *O que você sugere? Você acha que estou arriscando demais?*

Só para perguntar *Você me ama? Você ao menos pensa em mim? Você se lembra de mim — quando não estou contigo?*

Era praxe para M.R. começar um projeto com antecedência — nesse caso, meses de antecedência — assim que recebera o convite para fazer o discurso de abertura do congresso, em abril — e escrever, reescrever, revisar e reescrever numa sucessão de rascunhos até que suas palavras estivessem bem afiadas e reluzentes — invencíveis como um escudo. Uma apresentação de vinte minutos, brilhante em termos de concisão e força, seria muito mais eficaz do que uma apresentação de cinquenta minutos. E também faria parte da estratégia de M.R. encerrar antes — um pouquinho antes. Teria como meta dezoito minutos. Para pegar a plateia de surpresa, para terminar num tom dramático...

A loucura em indivíduos é rara, mas em nações é a regra.

A não ser que: fosse lúgubre demais, presunçosamente “profético” demais? A não ser que: fosse soar inadequado?

“Carlos! Será que você poderia ligar o rádio? Acho que o dial está sintonizado — NPR.”

Era meio-dia: notícias. Mas nenhuma notícia boa.

No banco de trás da limusine M.R. escutava. Como a mídia havia se tornado crédula desde os ataques terroristas de 11 de Setembro, como a divulgação de informações havia perdido o senso crítico — fazia com que se sentisse mal, lhe dava vontade de chorar de frustração e raiva, a voz imatura do secretário de Defesa dos Estados Unidos advertindo *acredita-se que armas de destruição em massa foram armazenadas num preparativo para um ataque do ditador iraquiano Saddam Hussein [...] Guerra biológica, guerra nuclear, ameaça à democracia americana, catástrofe global.*

“O que você acha, Carlos? Não é ridículo? ‘Botando lenha na fogueira’...”

“Não sei, dona. É uma coisa ruim.”

Cautelosamente Carlos respondeu. O que Carlos sentia no coração, Carlos provavelmente não revelaria.

“Acho que você falou — você serviu no Vietnã...”

Botando lenha na fogueira. Serviu no Vietnã. Como eram desajeitados seus lugares-comuns, como próteses mal encaixadas.

Não fora Carlos, e sim uma das assistentes que mencionara a M.R. que Carlos participara da Guerra do Vietnã e “tinha uma medalha lá — ‘Coração Púrpura’” — de que ele nunca falava. E com relutância Carlos respondeu:

“Foi sim, dona.”

Pelo retrovisor ela viu a testa dele se enrugar. Era um homem bonito — ou havia sido — pele morena, uma fileira de fios prateados na testa. Os lábios dele se mexiam mas só o que ela ouvia de verdade era *dona*.

Estava tensa, agitada. Estavam perto de Ithaca — enfim.

“Queria que você não me chamasse de ‘dona’, Carlos! Eu me sinto — como uma solteirona de outra época.”

Sua intenção era mudar de assunto e mudar o tom da conversa, mas o humor de seu comentário pareceu se perder como geralmente acontecia quando falava com Carlos e com os outros de sua equipe, o bom humor pelo qual M.R. Neukirchen era conhecida dentre os colegas parecia se perder e ela recebia deles olhares confusos.

“Desculpe, dona.”

Carlos gelou, se dando conta do que acabara de dizer. Claro que seu rosto ardeu de vergonha.

No entanto — ela sabia! — não era razoável da parte de M.R. esperar que o motorista a tratasse de outra maneira — como *Presidente Neukirchen* por exemplo. Caso o fizesse, tropeçaria nas palavras esquisitas — *Persi-dente New-kirtch-n*.

Havia pedido a Carlos que a chamasse de “M.R.” — como fazia a maioria de seus colegas de Universidade — mas ele não o fazia, nunca. Nem qualquer outra pessoa de sua equipe. Era estranho para ela, desconcertante, pois M.R. se orgulhava de sua falta de pretensão, sua *afabilidade*.

O predecessor insistia que todo mundo o chamasse pelo nome — “Leander”. Fora um presidente imensamente popular embora não tivesse sido, em seus últimos anos, um presidente muito produtivo ou até muito atento, como um relógio de pêndulo perdendo o ritmo, M.R. achava. Passava boa parte do tempo longe do campus e no meio de doadores ricos — como hóspede, companheiro de viagens, dando palestras a grupos de ex-alunos. Como historiador outrora ilustre tinha visto seu território precioso — Guerra da Secessão e Reconstrução — ser transformado pela invasão dos estudos feministas, afro-americanos e marxistas a ponto de lhe ficarem irreconhecíveis, e impossíveis para sua reentrada, como uma porta que se trancou às suas costas, depois que você a cruzou. Indivíduo de vaidade muito ilimitada, ele desejava ser visto como alguém totalmente desprovido de vaidade — apenas um “homem normal”. Apesar de Leander Huddle ter acumulado uma pequena fortuna — pelo que dizem, um valor próximo dos dez milhões de dólares — através de seu salário na Universidade e gratificações e investimentos nos negócios de seus amigos conselheiros.

A presidência de M.R. seria muito diferente!

É claro, M.R. não investiria dinheiro em nenhum negócio pertencente aos conselheiros. M.R. não acumularia uma pequena fortuna através dos conhecidos da Universidade. M.R. criaria uma bolsa de estudos financiada — (em segredo) — pelo próprio salário...

Será a mudança — mudança radical! — que passará por mim.

Neukirchen será apenas a agente. Invisível!

De fato tinha ideias radicais para a Universidade. De fato queria reformar sua estrutura “histórica” (isto é, hierárquica/patriarcal-caucasiana) e de fato queria contratar mais docentes mulheres e de minorias, e, acima de tudo, queria implementar uma nova política de mensalidade/bolsa que transformaria o corpo estudantil dali a alguns anos. No momento, uma porcentagem constrangedoramente alta de alunos de graduação era de filhos e filhas da classe econômica mais rica, bem como “descendentes” da Universidade — (ou seja, os filhos dos ex-alunos); havia bolsas para alunos “pobres”, que constituíam uma pequena porcentagem; mas os filhos de pais de classe média compunham duvidosos cinco por cento das aceitações... M.R. pretendia aumentá-las, de forma substancial.

Pois a própria M.R. Neukirchen era filha de pais de “classe média”, que jamais poderiam tê-la bancado nessa universidade da Ivy League.

É claro, M.R. Neukirchen não pareceria *radical*, e sim *sensata, pragmática e pertinente*.

Tinha montado um quadro excelente de assistentes e auxiliares. E uma equipe excelente. Imediatamente após ser nomeada presidente, começara a recrutar as melhores pessoas que podia; mantivera apenas algumas pessoas essenciais da equipe de Leander.

Em todos os eventos públicos, em todos os pronunciamentos, M.R. Neukirchen ressaltava que a presidência da Universidade era um “trabalho de equipe” — publicamente agradecia à sua equipe, e agradecia a indivíduos. Era a mais generosa dos presidentes — assumia a culpa pelos erros mas dividia o crédito pelos êxitos. (Claro, nenhum erro de consequências graves tinha sido cometido desde que M.R. tomara posse.) A todos que conhecia na sua função oficial ela encantava com sua seriedade ávida e um bocado ofegante que mascarava sua inteligência — assim como mascarava sua obstinação; às vezes, num excesso de emoção, essa nova presidente da Universidade era conhecida por apertar mãos, e suas mãos eram quentes, fortes e de tamanho incomum.

Era uma influência de sua mãe, Agatha. Assim como Agatha também influenciara M.R. a *manter o coração alegre e se manter ocupada*.

Era muito provável que tanto Agatha como Konrad dissessem, como quacres — *Eu espero*.

Pois era um costume quacre não dizer *Eu acho* ou *Eu sei* ou *É assim que tem que ser*, mas o mais provisório, e mais terno — *Eu espero*.

“Sim. Espero.”

No banco da frente a voz do rádio estava alta o bastante para abafar o que quer que M.R. tivesse dito. E Carlos tinha um leve problema de audição.

“Pode desligar o rádio, por favor, Carlos. Obrigada.”

Desde o incidente na ponte havia uma tensão palpável entre eles. Ninguém tinha mais senso de decoro que o funcionário mais velho, ou que um serviçal — que tinha sido empregado de um predecessor, e não conseguia evitar comparações entre o patrão atual e o predecessor. E M.R. estava apenas adquirindo uma forma de falar com subordinados que não fosse formal e tampouco de uma informalidade inadequada; uma maneira de *dar ordens* que não soasse agressiva, coercitiva. Até a expressão por

favor lhe soava coercitiva. Quando se diz *por favor* a quem, assim como Carlos, não tem alternativa que não obedecer, o que se está dizendo na verdade?

E se perguntava o que o motorista estaria pensando agora *Não é a mesma coisa, dirigir para uma mulher. Não para essa mulher.*

Ela se perguntava se ele estaria pensando *Ela passa muito tempo sozinha. A gente fica com um jeito estranho quando passa muito tempo sozinho — o cérebro nunca desliga.*

O recepcionista franziu a testa diante do computador.

“M.R. Neukirchen” — o nome soava, nos lábios dele, ligeiramente improvável, cômico — “siiim — sua reserva está aqui, dona Neukirchen — para duas noites. Mas infelizmente — a suíte ainda não está pronta. A governanta já está acabando...”

Mesmo depois da parada não programada, ela tinha chegado cedo!

Não tinha sequer instruído Carlos a passar por sua antiga residência, Balch Hall — pela qual ela sentia uma pontada de nostalgia.

Não pela garota ingênua que era quando aluna de graduação, nem mesmo pelas várias companheiras de quarto bem legais que tivera — (assim como ela, meninas bolsistas) — mas pela experiência encantadora de descobrir, pela primeira vez, a *vitalidade* da empresa intelectual, que, para ela, filha de pais bibliófilos, era antes restrita aos livros.

M.R. disse ao recepcionista que tudo bem. Ela podia esperar. É claro. Não havia problema.

“...não vai levar mais que dez ou quinze minutos, dona Neukirchen. A senhora pode fazer o check-in agora e aguardar na nossa biblioteca, e eu chamo a senhora.”

“Obrigada! Perfeito.”

Sorria! Conquiste mais moscas com mel do que com vinagre, Agatha aconselharia embora não fosse por isso, na verdade, que Agatha sorrisse com tanta frequência e de forma tão genuína. E havia a refutação seca de Konrad, com uma piscadela para a jovem filha impressionável.

Claro! Se são moscas o que você quer.

A biblioteca era uma sala simpática com paredes revestidas de madeira onde M.R. poderia espalhar seus pertences numa mesa de carvalho e continuar trabalhando.

Era sempre bom: chegar cedo.

A parada impetuosa na cidadezinha sem nome à margem do corregozinho ou riacho sem nome não foi uma mancada, no final das contas — apenas um episódio curioso na vida (particular) de M.R., a ser esquecido.

Chegue cedo. Leve trabalho.

Começara a ganhar fama de ser a mais espantosa fanática por *trabalho*.

Era de conhecimento geral que M.R. era muito inteligente — muito séria, idealista — mas não era exatamente de conhecimento geral com que empenho M.R. estava disposta a *trabalhar*.

Para essa viagem curta, havia carregado trabalho suficiente para vários dias. E, claro, estaria sempre em contato com o Salvager Hall — a equipe de auxiliares, assistentes, secretários da presidência. Num fluxo constante, chegavam e-mails endereçados à presidente da Universidade, e ela lidava com eles com um misto de prontidão e jovialidade para que soubessem, e cada vez mais gente saberia, que M.R. nunca deixava de incluir perguntas e comentários pessoais em seus e-mails, ela era de uma *afabilidade* irreprimível.

Pois amamos nosso trabalho. Não existe narcótico mais potente que o trabalho!

E o trabalho administrativo de M.R. era bem diferente de seu trabalho como autora/filósofa — a administração é a organização habilidosa dos outros, seu centro de gravidade é *externo*; tudo o que interessa, tudo o que é relevante, urgente — profundo — é *externo*.

“Eu quero ‘servir’. Não quero ser ‘servida’.”

Esse também era um legado dos Neukirchen. Para os quacres, o bem-estar público tinha mais peso que o meramente pessoal.

Agora com olhar crítico M.R. reexaminava o discurso — “O papel da universidade em uma era de ‘patriotismo’” — ainda que estivesse distraída pela lembrança da ponte e dos odores pungentes da água — as misteriosas letras desbotadas no prédio de tijolos escuros na margem oposta.

No saguão, vozes exaltadas. Os outros conferentes estavam chegando.

Sentiu um levante de apreensão, empolgação. Pois em breve seu anonimato se esvaeceria.

O recepcionista não tinha ideia de quem era ela — (foi um alívio!) — mas os outros saberiam quem era, a reconheceriam. No último ano M.R. Neukirchen ficara famosa nos círculos acadêmicos. Era inevitável achar

sua glorificação muito inquietante, e muito estranha — accidental, na verdade.

Deus te escolheu, querida Merry! Deus é a lei no universo para sempre, e Deus te escolheu para executar a obra Dele.

Em momentos comoventes a mãe dela falava assim — com ternura, seriedade. Foi um pouco chocante para M.R. se dar conta de que Agatha provavelmente acreditava em tal destino pessoal para a filha.

Outra vez M.R. folheou o programa do congresso — para verificar seu nome, ver se estava mesmo ali.

O programa era um livreto grande em papel cuchê branco com letras douradas na capa: *Quinquagésimo Congresso Nacional Anual da American Association of Learned Societies. 11-13 de outubro de 2002*. O congresso estava marcado para começar com uma recepção às 17h30 na qual M.R. e outros palestrantes seriam homenageados. O jantar era às 19h, e às 20h a pessoa que faria o discurso de abertura estava especificada — *M.R. Neukirchen*.

Já tinha feito muitas palestras, é claro. Muitas aulas expositivas, discursos — apresentações — mas a maioria em sua área acadêmica, filosofia. Era uma honra para ela ter sido convidada para discursar para essa organização, não a maior, porém a mais distinta das associações intelectuais/acadêmicas americanas, pois a afiliação era limitada e seletiva.

M.R. tinha sido empossada na organização quando jovem — antes dos trinta, e era professora associada de filosofia na Universidade.

“Ai! Droga.”

Descobriu lama nas bainhas de sua calça, e nas dobras dos sapatos. Irritada, passou a mão na sujeira, que ainda estava úmida.

Tocou o cabelo e descobriu nos fios algo pegajoso como teia de aranha, que devia pender da ponte de ferro-forjado.

Por sorte, tinha levado outras roupas para o congresso. Lavaria o rosto — olharia o cabelo — se trocaria rápido depois que lhe dessem o quarto.

Tinha roupas boas para usar esta noite. Desde que se tornara presidente da Universidade suas funcionárias garantiam que M.R. estivesse “elegante” — sua assistente Audrey Myles insistira em levar M.R. à cidade de Nova York para fazer compras e havia voltado com um chique terninho de lã champanhe — com saia — copiado da Chanel por um estilista americano. E Audrey convencera M.R. a também comprar sapatos

bonitos, com salto de dois centímetros e meio — a altura de M.R. alcançou vacilantes um metro e setenta e nove centímetros.

Com tal altura, não havia como se esconder. Era melhor se enxergar como a proa de um navio — uma valente amazona com armadura peitoral, lança brandida na mão direita.

Seu amante astrônomo, ao vê-la pela primeira vez numa rua de Cambridge, Massachusetts, anos antes, a descrevera dessa forma. Alegava ter se apaixonado por ela à primeira vista. E o cabelo dela em uma trança firme caindo entre as escápulas como uma reluzente cobra bronze.

Desde que ascendera na administração da Universidade, M.R. havia muito se livrada da trança de moça intelectual. Assim como tentara se livrar do sentimentalismo ingênuo acerca do tipo de amor que o amante astrônomo poderia lhe dar. Agora seu cabelo estava curto, aparado e estilizado por um cabeleireiro da cidade de Nova York, graças à insistência de Audrey: estava volumoso, exuberante, não mais castanho dourado mas do tom ambíguo de um campo devastado pelo inverno entremeado por fios cinza-metálico que cintilavam como filamentos.

Em biografias autorizadas, M.R. Neukirchen tinha quarenta e um anos em setembro de 2002. E parecia bem mais nova.

Quando pequena vira sua certidão de nascimento. Os pais haviam lhe mostrado. Um documento carimbado com o heráldico selo dourado do estado de Nova York declarando sua data de nascimento, seu nome — seus nomes.

Nosso segredo, você não precisa contar para ninguém.

Nosso segredo, Deus abençoou a nossa família.

Ela era “Merry” na época — “Meredith Ruth Neukirchen”. Seu aniversário era em 21 de setembro. Uma época bastante agradável do ano, os Neukirchen acreditavam: o prelúdio da bela estação de outono. Foi por isso que o escolheram para ela.

Era por isso que vivia se esquecendo de seu aniversário, e ficava surpresa quando os outros a lembravam.

Ela não ligava de não ser bonita, quando menina em Carthage, Nova York. Aprendera a ser objetiva quanto a essas questões. Havia quem gostasse bastante dela — quem a amasse, de certo modo — por causa de seu feroz sorriso aberto que lembrava uma careta de dor, e seu estoicismo diante de dores ou incômodos de verdade; não teve como conter a risada

ao ver sua foto nos jornais locais, a expressão ansiosa no rosto que de tão singelo poderia ser o de um menino e não o de uma moça de dezoito anos:

MEREDITH RUTH NEUKIRCHEN, ORADORA DA CLASSE DE 79 DA ESCOLA FUNDAMENTAL DE CARTHAGE.

Tinha sido o tipo de escola de cidade pequena, no norte de Nova York, em que, assim como num bueiro, acabavam os professores menos qualificados e inspirados, perplexos e impassíveis e resignados; vários professores tinham visto em Meredith algo promissor, até mesmo empolgante — mas apenas um a inspirara, porém não a imitá-lo como pessoa. E quando a coitada da Meredith — “Merry” — não foi convidada para o baile de formatura, apesar de ser não só a única oradora da classe mas também sua vice-presidente, uma das professoras a consolou — “Você vai ter que vencer de algum outro jeito, Meredith” — com uma franqueza desastrada embora quisesse ser gentil.

Não como mulher, e não sexualmente.

Algum outro jeito.

Pouco depois do baile de formatura, para o qual M.R. não fora convidada, as colegas de classe mais bonitas estavam casadas e grávidas; grávidas e casadas. Algumas se divorciaram logo e viraram “mães solteiras” — um destino doméstico bem diferente daquele que haviam imaginado para si.

Pouquíssimos dos colegas de classe de M.R., do sexo feminino ou masculino, fizeram faculdade. Pouquíssimos conquistaram o que se pode chamar de carreira. De sua turma de cento e dezoito formandos, pouquíssimos saíram de Carthage ou do condado de Beechum ou do sul das Adirondacks, onde a economia sofria uma depressão cruel havia décadas.

Uma dessas regiões da América, M.R. dissera, tentando descrever seu passado para o amante-astrônomo que viajava mais para a Europa do que para a zona rural dos Estados Unidos, onde a pobreza havia se tornado um recurso natural: assistentes sociais, servidores públicos, profissionais de saúde comunitária, defensores públicos, funcionários de presídios e hospitais psiquiátricos, oficiais da vara de família — todos prosperavam nesse solo tão estéril. Só de passagem M.R. pensara em voltar, como educadora — depois de ir embora, mal olhou para trás.

Não se esqueça de nós, Meredith! Venha visitar, fique um tempinho...

A gente te ama Merry.

M.R. havia empurrado o laptop para o lado e examinava mapas rodoviários, abertos em cima da mesa da biblioteca para hóspedes do hotel.

M.R. estava interessada principalmente em um mapa minucioso do condado de Tompkins. Queria descobrir onde havia pedido para Carlos parar. A sudoeste de Ithaca havia cidades pequenas — Edensville, Burnt Ridge, Shedd — mas nenhuma delas parecia ser a cidade que M.R. procurava. Com o indicador M.R. acompanhava um estreito córrego sinuoso azul — este deve ser o rio, ou o riacho — ao sul de Ithaca; mas havia somente um pontinho no córrego como se fosse de um povoado minúsculo demais para ser nomeado, ou extinto.

“Por que isso é importante? Não é importante.”

Ela sussurrou alto. Estava perplexa com sua decepção.

O mapa terminava de repente na fronteira ao norte do condado de Tompkins, mas havia mapas dos condados vizinhos do estado de Nova York; havia um mapa rodoviário do estado de Nova York que M.R. abriu com avidez, sem esperança de que pudesse redobrá-lo direito. Algum fator genético crucial faltava a M.R., pois ela nunca conseguia redobrar direito um mapa rodoviário depois de abri-lo...

No lar dos Neukirchen, Konrad era quem redobrava mapas com cuidado, meticulosidade. Agatha era totalmente incapaz, irritada e aflita.

Parece que estão me pregando uma peça. É impossível!

M.R. viu: ao nordeste do condado de Tompkins ficava o condado de Cortland — depois de Cortland, Madison —, depois Herkimer, curiosamente comprido em meio a outros condados, mais compactos; depois de Herkimer, nas Adirondacks, o maior e mais populoso condado do estado de Nova York, Beechum.

Na ponta noroeste do condado de Beechum, a cidade de Carthage.

Quantos quilômetros eram? Até onde conseguiria dirigir, de supetão? Parecia ser menos de trezentos e vinte quilômetros até a curva mais ao sul do Black Snake River no condado de Beechum. O que dava umas três horas caso dirigisse a cem quilômetros por hora. Claro que não precisaria ir até Carthage; poderia simplesmente dirigir, sem destino específico, ver até onde chegava em duas horas — depois fazer o retorno e voltar.

Como seu coração batia rápido!

M.R. calculou: eram só 13h08. Fazia quase vinte minutos que esperava seu quarto. Sem dúvida dali a uns minutos o recepcionista chamaria e ela

poderia se instalar no quarto.

A recepção começava às 17h30 — mas ninguém chegaria na hora. E depois, mais ou menos às 18h, todo mundo chegaria junto, o ambiente ficaria apinhado de gente, ninguém perceberia se M.R. chegasse atrasada. O jantar era mais essencial, claro, já que M.R. se sentaria à mesa dos palestrantes — só seria às 19h. E é claro, o *discurso de abertura* às 20h...

Tinha tempo — ou não tinha? Seu cérebro empacava nos cálculos feito uma máquina estragada.

“Que absurdo. Não. Pode *parar*.”

O feitiço foi quebrado pelo celular tocando junto ao cotovelo de M.R. As emocionantes primeiras notas de *Eine Kleine Nachtmusik*, de Mozart.

M.R. viu que o identificador de chamadas dizia UNIVERSIDADE — o que significava o gabinete presidencial. É claro, esperavam notícias dela.

“Cheguei, sim. Está tudo bem. Vou fazer o check-in daqui a uns minutos. E o Carlos já está indo para casa.”

Era verdade: Carlos já havia partido. M.R. havia lhe agradecido e liberado. No final da tarde do terceiro dia do congresso Carlos retornaria para levar M.R. de volta à Universidade.

É claro que M.R. havia sugerido que Carlos passasse a noite — esta noite — no hotel — à custa da Universidade — para evitar o cansaço de dirigir mais um percurso de cinco horas em um único dia. Mas Carlos recusou educadamente: Carlos não pareceu dar muita importância a essa sugestão bem-intencionada.

Era um alívio Carlos ter ido embora, M.R. ponderou. O motorista tinha passado um tempo fazendo hora no saguão como se não soubesse se devia deixar a ilustre passageira antes que ela fosse de fato chamada ao quarto de hotel; insistira em levar a mala dela ao hotel — M.R. dava conta de manejar sozinha a mala leve de rodinhas e na verdade preferia manejá-la por conta própria, pois acomodava a bolsa pesada em cima dela ao puxá-la; mas Carlos não suportava a possibilidade de ser visto — por outros motoristas? — nem na menor das negligências de seu dever.

“Dona? Devo esperá-la?”

“Carlos, obrigada! Mas não. Claro que não.”

“Mas se a senhora precisar...”

“Carlos, é sério! O hotel está com a minha reserva, obviamente. Só vão levar mais uns minutinhos, tenho certeza.”

Ainda assim ele hesitou. M.R. não sabia dizer se era cortesia profissional ou se aquele cavalheiro majestoso de sessenta e poucos anos estava realmente preocupado com ela — talvez fosse as duas coisas; ele lhe disse que por favor ligasse do celular caso precisasse de alguma coisa, ele voltaria a Ithaca o mais rápido possível. Mas por fim partiu.

M.R. pensou *É claro. A vida dele é em outro canto. A vida dele não é dirigir um carro para mim.*

Questionado depois Carlos Lopes diria *Perguntei se devia ficar — o quarto dela no hotel ainda não estava pronto — ela falou que não, que eu devia ir embora — ela estava trabalhando numa sala ao lado do saguão — eu disse que talvez ela fosse precisar de mim se não tivessem quarto para ela e que eu poderia levá-la a algum outro hotel e ela riu e disse não, Carlos! É muita gentileza da sua parte mas não — é claro que eles têm quarto.*

Assim como o recepcionista diria *O quarto dela ficou pronto por volta de 13h15. Ela foi diplomática quanto à espera, falou que não tinha problema. Mas depois de alguns minutos ligou para a recepção — eu falei com ela — e pediu recomendação de agências de aluguel de carros. Ela deve ter saído do hotel um pouco depois. Ninguém veria, o saguão estava bem cheio. O quarto dela estava vazio às 20h30, quando um pessoal do congresso pediu que a gente o abrisse. Não havia um aviso de NÃO PERTURBE na porta. As luzes estavam apagadas. A mala dela estava aberta em cima da cama mas não havia sido desfeita e o laptop estava na cama, sem ter sido aberto. Não havia nenhum indício de que alguém tivesse invadido o quarto nem nada bagunçado e ela não tinha deixado nenhum bilhete.*

Às 14h já estava no carro alugado rumo ao norte de Ithaca.

Seus pulmões se dilataram de — alívio? Júbilo?

Não disse a ninguém aonde estava indo ou ao menos que estava indo — a algum lugar.

É claro que M.R. estava pagando o compacto Toyota com o cartão de crédito pessoal.

É claro que M.R. sabia que sua conduta era impulsiva, mas raciocinou que como havia chegado cedo ao congresso, na verdade horas antes de o congresso começar oficialmente, esse interlúdio — antes das 18h, ou 18h30 — era uma espécie de queda livre, como um espaço sem gravidade.

Uma vez havia perguntado ao amante (secreto) como um astrônomo aguentava o silêncio e a vastidão do céu que é

ininterrupta/interminável/insondável e que não se rende a nada remotamente *humano*, na verdade faz é escárnio do *humano*, e ele disse — *Mas querida! É isso o que atrai o astrônomo ao seu objeto de estudo: silêncio, vastidão.*

Ao seguir para o norte rumo ao condado de Beechum ela estava entrando no que lhe parecia ser o silêncio. Pois deixara o rádio desligado, e o vento ganindo e sibilando em todas as janelas abafava todos os sons como um aspirador, deixando seu cérebro vazio.

Tempo ancestral o amante chamava o céu sem fim *anterior a toda civilização da Terra que acreditava ser a essência e a finalidade da Terra.*

Tinha decidido dirigir apenas uma hora e meia numa direção. Três horas de distância fariam com que chegasse ao hotel às 17h e tivesse bastante tempo para se trocar e se preparar para a recepção.

Só que a estrada era esbofeteada pelo vento. Tinha alugado um carro pequeno.

Não muito prático para se dirigir a uma velocidade relativamente alta na interestadual ladeada e dominada por reboques de trator.

Na aula de direção da escola, M.R. havia sido uma aluna exemplar. Aos dezesseis aprendera a fazer baliza com tanta competência que o professor a usara como modelo para os outros alunos. Com ar de aprovação ele disse a respeito dela *Meredith manobra o carro que nem homem.*

Lembrou-se de que ao começar a dirigir ela se sentiu zozza de emoção, felicidade. Aquele arrebatamento de poder puro no fato de que o veículo salta quando se pisa no acelerador, vira quando se gira o volante, desacelera e para quando se *freia*.

Lembrou-se de que havia pensado *É uma coisa que os homens sabem. As meninas têm de descobrir.*

““Só para esticar as pernas.’ Nada mais.”

Ela riu. Sua risada era esperançosa. Gotas ralas de suor na testa, oleosas e pinicando nas axilas. E uma espécie de emaranhado nos cabelos. Como se fosse uma noite com a qual vinha sonhando — algo desse tipo.

Teria tempo de tomar um banho antes da recepção — não teria? Vestir a roupa presidencial chique.

Quando menina — uma menina grandalhona — uma menina-atleta — M.R. suave como qualquer garoto, regatos de suor escorrendo pelas laterais do corpo, uma tormenta na nuca sob o volumoso cabelo exuberante. E na virilha — um emaranhado de pelos ainda mais densos,

exercendo uma espécie de fascínio consternado à portadora — que era “Meredith” — com pavor de que esse emaranhado de pelos se tornasse de alguma maneira conhecido pelos outros; assim como houve anos — ensino fundamental, ensino médio — de angústia porque seu corpo poderia *feder* de tal modo que seria detectado pelos outros.

É claro, tinha acontecido. Provavelmente muitas vezes. Pois o que uma garota grandalhona poderia *fazer*? Horas na abafada sala de aula quente, coxas grossas grudadas/roçando uma na outra se não tomasse muito cuidado.

Assim como em certos dias do mês, a angústia subia como a linha de mercúrio de um termômetro no calor.

Está menstruada. Coitada da Meredith!

Tudo fica na cara dela. Que graça!

De manhã cedo antes da chegada de Carlos — pois M.R. tinha dormido apenas esporadicamente no decorrer da noite — ela havia tomado banho, é claro, passado xampu no cabelo. Fazia tanto tempo, parecia outro dia.

E por isso outro banho, lá no hotel. Quando voltasse.

Na interestadual M.R. avançava bem com o carrinho compacto. Sua velocidade mantinha-se estável em pouco mais de cem quilômetros por hora, que era uma velocidade segura, até mesmo prudente em meio a tantos veículos maiores que a ultrapassavam na pista esquerda emitindo roncões que pareciam ser de menosprezo.

Mas — a beleza dessa paisagem! Era preciso partir, e voltar, para vê-la de fato.

Terras cultivadas, colinas. Fileiras amplas de terras cultivadas — milharais, triguais — agora ceifados — subindo as colinas até o horizonte. Perdeu o fôlego — aquelas faíscas de sumagres vermelho-escuros, laranja-flamejantes à beira da estrada — entre sempre-verdes ainda mais escuras, árvores decíduas cuja folhagem ainda não tinha — até ali — começado a morrer.

Já estava além de Bone Plain Road, de Frozen Ocean State Park. Passava por placas de Boontown, Forestport, Poland e Cold Brook — nomes que ainda não lhe eram familiares por causa da infância no condado de Beechum.

Essas horas preciosas! Se os pais soubessem, teriam querido vê-la — estariam dispostos a ir a Ithaca aquela noite.

Teriam querido assistir ao seu *discurso de abertura*. Pois sentiam muito orgulho dela. E a amavam. E a viam tão pouco desde que ela fora embora de Carthage com aquela bolsa de estudos extraordinária da Cornell que deviam ter ficado perplexos.

“Era o que eu devia ter feito. Por que foi que eu não fiz?”

Era como se M.R. não tivesse nem considerado a possibilidade. Como se uma porção de seu cérebro tivesse parado de funcionar.

Aquele tipo peculiar de cegueira/amnésia em que objetos simplesmente desaparecem ao entrar na área monitorada pelo cérebro lesionado. Não é que a pessoa tenha esquecido, e sim que a experiência em si foi bloqueada.

Agora que M.R. tinha assistentes, não era problema nenhum tomar tais providências. No hotel, por exemplo. Ou, caso o hotel do congresso estivesse todo ocupado, em outro hotel da cidade. Audrey teria adorado reservar um quarto para os pais de M.R.

O amante de M.R. já a tinha visto falar em público várias vezes. Ficara surpreso — impressionado — com sua tranquilidade perante plateias grandes, já que M.R. quase sempre se sentia desconfortável perto dele.

Bem, não desconfortável — entusiasmada. M.R. estava quase sempre bastante *entusiasmada* perto dele.

Não era capaz de confessar ao amante (secreto) que a intimidade com ele lhe era tão valiosa que se tornara um peso com o qual ainda não havia se acostumado. Dissera com um sorriso *Nenhum palestrante faz contato visual com a plateia. Quanto maior a plateia, maior a tranquilidade. Esse é o segredo.*

O amante imaginava que ela fosse uma pessoa bem mais serena e autoconfiante do que era. Há muito existia na relação deles a ficção de que M.R. não “precisava” de um homem na sua vida: era de uma *geração mais nova, mais liberal* — pois o amante era catorze anos mais velho, e volta e meia enfatizava esse fato como se para se eximir de qualquer candidatura a marido de uma moça “tão jovem”. Além disso, Andre estava enredado em um casamento penoso que gostava de descrever como semelhante a Laocoonte e seus filhos nas espirais das terríveis serpentes marinhas.

M.R. soltou uma risada. Pois Andre Litovik era tão engraçado que dava até para esquecer que seu humor muitas vezes mascarava uma verdade ou um raciocínio não tão engraçado.

“Ai — Deus...”

A forte sucção de ar por um reboque agrícola passando/correndo fez o veículo compacto de M.R. estremecer. O reboque devia estar a cento e trinta quilômetros por hora. M.R. freou o carro, alarmada e assustada.

Andara devaneando, e não concentrada em dirigir. Sentira sua mente *voar*.

Melhor sair da interestadual e entrar na rodovia estadual. Era mais segura, apesar de mais lenta. Depois de hectares de cultivos em colinas íngremes ela chegou ao condado de Cortland, e chegou ao condado de Madison, e chegou ao condado de Herkimer e aos contrafortes das Adirondacks, e por fim ao condado de Beechum onde cumes de montanhas dominados por sempre-verdes se expandiam indistintos e serrados até o horizonte como sonhos se afastando e sumindo.

Planejava seguir rumo ao norte só por uma hora e meia antes de dar meia-volta mas decidiu que uns minutos a mais — uns quilômetros a mais — não fariam mal.

Onde quer que estivesse às — 16h30? — pararia sem vacilar, faria o retorno e voltaria a Ithaca.

Era provável que essa fosse a primeira vez em meses que ninguém da equipe de M.R. sabia onde ela estava, a essa hora de um dia útil. Nenhum amigo sabia, nenhum colega. M.R. tinha entrado no lado cego do cérebro, havia se tornado invisível.

Seria uma coisa boa, ou — não muito boa? Seus pais haviam lhe elogiado quando menina pela maturidade, pelo senso de “responsabilidade”. Mas tratava-se de algo diferente, um mero interlúdio.

Tratava-se de algo diferente: ninguém jamais saberia.

Havia desligado o celular. Era mais prático receber recados e respondê-los um depois do outro.

E que alívio ter deixado o laptop para trás em cima da cama de hotel! Era colada àquele objeto como a uma bolsa de colostomia. Seus sentidos reagiam com pânico quando parecia não funcionar direito por alguns minutos. Um turbilhão de e-mails zumbindo em seu encalço como abelhas raivosas.

Tardamente, M.R. se lembrou — deveria ter se encontrado com um educador proeminente que atualmente presidia um comitê nacional de bioética e que estava considerando a possibilidade de convidar M.R. para participar do comitê. Era um comitê do qual M.R. queria participar — nada lhe parecia mais crucial que estabelecer diretrizes para a bioética —

no entanto, sabe-se lá como, havia se esquecido. Na pressa de alugar um carro e ir ao condado de Beechum, se esquecera. E foi a própria M.R. quem marcou o horário do encontro — pouco antes da recepção, às 17h.

Poderia ter ligado para o homem e adiado o encontro para o dia seguinte mas não tinha o número do celular dele. Tampouco queria ligar para a assistente Audrey e pedir que telefonasse por ela, pois era de se esperar que Audrey inquirisse onde M.R. estava e M.R. não poderia lhe dizer — “Acabei de cruzar o Black Snake River, no condado de Beechum”.

Audrey ficaria atônita. Audrey pensaria que M.R. só podia estar brincando.

Agora no condado de Beechum M.R. ligou o rádio do carro. Esperava sintonizar uma estação de Watertown — WWTX. Outrora era afiliada da NPR, mas agora M.R. não conseguia achá-la no dial, somente trechos ensurdecedores de canções de rock e anúncios — o detrito da América.

Em uma das rádios FM pareciam transmitir notícias — *novidades de Washington* — mas a estática a varreu como uma gargalhada irreverente.

Novidades de Washington — mas o Congresso dos Estados Unidos ainda não votaria a resolução da guerra, votaria? Estava cedo demais. Ainda teria de haver dias de debate.

M.R. mal acreditava que os legisladores de Washington fossem autorizar o belicoso presidente republicano a declarar guerra contra o Iraque — seria loucura! Os Estados Unidos não tinham se recuperado completamente do desastre da Guerra do Vietnã sobre a qual restava pouca ambivalência — a guerra tinha sido um grande erro. Porém, boatos exaltados de guerra na mídia — até por parte da mídia mais liberal como o *New York Times* — rutilavam e encrespavam como incêndio em mato seco. Havia uma tenebrosa *vibração* diante da possibilidade de guerra.

Era assombrosa a eficácia com que o governo tinha mentido a fim de convencer a maioria do povo americano de que havia um vínculo direto entre o Iraque e os ataques terroristas de 11 de Setembro. Pois desde o episódio catastrófico uma nuvem tóxica quase palpável se acumulava sobre o país, um gradual obscurecimento da lógica — uma impaciência com a lógica.

Loucura! M.R. não conseguia nem pensar nisso sem começar a tremer.

Era uma estudiosa da ética: uma profissional. Era criminoso, era autodestrutivo, era cruel, absurdo, quixotesco — antiético: entrar em guerra sob pretextos tão inconsistentes.

Qual era o encanto da guerra? — o encanto de um paroxismo de violência prolongada e coletiva repetido de forma incessante, dos primórdios da pré-história até os dias atuais? Não bastava dizer *Os homens são criados para a guerra, os homens são guerreiros — os homens precisam exercer seus papéis de guerreiros*. Não bastava dizer *A humanidade é autodestrutiva, condenada. Entre todas as espécies, condenada*.

Como liberal, como educadora, M.R. não acreditava num determinismo tão rudimentar. Não acreditava nem um pouco em *determinismo genético*.

Era bem provável que tivesse parentes jovens espalhados pelo condado de Beechum que estavam na Guarda Nacional ou em uma divisão das forças armadas. Talvez alguns até estivessem no Oriente Médio esperando o destacamento para combate, como na Guerra do Golfo de uns anos atrás. Como a região dos Apalaches, a região mais ao sul do condado de Beechum era uma espécie de América rural economicamente desfavorecida que dava estofa à máquina militar.

Os parentes mais próximos de M.R. — Agatha e Konrad — eram quacres, embora não “ativos” na congregação de Amigos da região, que ficava a certa distância de Carthage. (“Preguiça demais de dirigir”, Konrad dissera. “A gente pode ‘quacrear’ em qualquer lugar e a qualquer hora.”) Nenhum outro Neukirchen era quacre e sem sombra de dúvida nenhum era pacifista como Konrad, que recebera o status de objetor de consciência durante a Guerra da Coreia e em vez de ser encarcerado num presídio federal obteve permissão para trabalhar no hospital de veteranos de Baltimore.

Konrad era um homem bondoso, baixinho e atarracado como um hidrante e feroz na declaração de que se por acaso fosse parar no Exército — em combate — jamais atiraria em algum “inimigo”. Não conseguiria nem segurar uma arma, mirar em alguém com uma arma.

M.R. sorriu, lembrando-se do pai. Estava se lembrando de Konrad não como o homem que era no presente — um idoso adoentado — e sim como era em suas lembranças mais remotas, em meados e no fim dos anos 1960.

Se tem uma coisa que não podem te obrigar a fazer é matar uma pessoa. Não podem te obrigar nem a odiar uma pessoa.

Havia uma placa — CARTHAGE 125 KM. Mas M.R. não poderia ir a Carthage hoje.

Inquieta ela pensava — está na hora de dar meia-volta? Algum instinto a impedia de olhar a hora...

Como se sentia estranha! Uma sensação que tivera quando criança avançando devagar — com outras crianças, mais velhas — rumo ao rio congelado; um rio que fluía com tanta rapidez que chegava a ser sombrio, como uma cobra preta com escamas luzidias, aquela água congelava apenas na margem e continuava a correr no centro do riacho.

Era evidente que havia nisso uma emoção. Audaciosos e imprudentes, os meninos mais velhos engatinhavam no gelo, em direção ao centro descongelado. As crianças mais novas ficavam para trás devido à falta de coragem.

Não deixe que eles te instiguem, Meredith! Se você se machucar eles vão sair correndo e te abandonar porque é assim que eles são — são cruéis, não conseguem evitar porque o Deus deles é o Deus da conquista e da ira e não o Deus do amor.

Havia uma antipatia, um rancor em relação aos pais de Meredith — não na frentes deles, mas por suas costas — por conta do pacifismo covarde de Konrad. Pois o condado de Beechum tinha uma cultura armamentista. Caçadores, guerreiros.

M.R. sentiu uma leve dor de cabeça surgir. Não comia desde aquela manhã cedo quando estava à escrivaninha de casa, respondendo e-mails.

Refeições solitárias não são muito prazerosas. Era melhor evitar refeições solitárias.

O defeito da filósofa é que ela não tem estômago, não tem vísceras. Em toda a filosofia clássica nem uma única pulsação de *sentimento*.

Ai por que não tinha convidado Agatha e Konrad para irem a Ithaca esta noite? Teria sido tão fácil convidá-los, e teria sido tão significativo para eles.

M.R. amava os pais mas parecia esquecê-los com frequência. Como nuvens planando no céu, eles eram — nuvens brancas como neve, de beleza inigualável e extraordinária, para as quais ninguém pensa em olhar.

“Vou ser melhor. Vou me esforçar mais. Espero que eles me esqueçam.”

Queria dizer *perdoem* é claro. Não *esqueçam*.

Na verdade estava — nesse exato instante — cruzando o Black Snake River. A ponte de treliça de ferro forjado vibrava sob o peso leve do Toyota. O rio ficava uns nove metros abaixo da ponte, correndo como algo demente. Redemoinhos — espirais — de luz — como manchas no olho. Dava para imaginar uma serpente gigante naquele líquido pastoso — levantando a cabeça, olhos amarelados e mandíbula colmilhuda.

Olhe outra vez, a serpente sumiu sob a superfície da água.

Mais a oeste, em Carthage, em camadas de xisto incrustado havia fósseis que M.R. procurara quando menina. Crustáceos arcaicos, peixes há muito extintos. O professor de biologia a tinha mandado lá: ele identificara os fósseis para ela. M.R. os desenhara no caderno, com atenção aos detalhes.

Uma sequência de notas dez afixadas a *Meredith Neukirchen* como a cauda longa de um cometa.

Ali a margem do rio era menos rochosa, mais pantanosa. O rio não parecia ser o rio de sua infância e no entanto — lhe era estranhamente familiar, como a cabeça da serpente.

Junto à rampa da ponte havia uma placa de RAPIDS — 8 KM. SLABTOWN — 18 KM. RIVIERE-DU-LOUP — 29 KM. Nas cercanias do Moriá — um dos picos mais altos do sul das Adirondacks — e para além, cumes indistintos de cujos nomes M.R. não se lembrava direito: Mount Provenance, Mount Hammer? Mount Marcy? Foi a geologia — a geologia do século XIX — que abalou pela primeira vez o mito cristão da criação, arraigado de tal modo na Europa, e no solo impregnado de sangue da Europa, que jamais se imaginaria que poderia ser extirpado como raízes podres; erupções de certeza humana como erupções de lava vulcânica varrendo tudo que está no caminho. Pois o que era a terra além de uma massa de lava turbulenta — de jeito nenhum uma coisa “criada”.

Em poucas décadas, a antiga fé foi profundamente abalada. Foi só devastação.

Entretanto, como Nietzsche observou com grande sagacidade, a devastação era ignorada. Negada. O entendimento da posição da Terra no universo adentrara o campo visual cego da omissão.

Ela não participaria de tal negação, tal cegueira. *Ela*, fortalecida por ser a primeira presidente mulher de uma universidade importante, exporia a verdade como a via.

Pois em sua vaidade queria se aliar aos grandes relatores da verdade — não àqueles que falavam para apaziguar.

Na escola M.R. se encantara pela geologia assim como por outras ciências, mas nos anos seguintes a paixão pelo abstrato — pela filosofia — “ética” — tirara de sua cabeça os nomes rígidos, concretos como minérios irredutíveis — *ígneo, sedimentar, metamórfico*.

Ciência é outro nome para a busca de Deus, os Neukirchen haviam lhe garantido. A fé quacre que nutriam era muito ampla, vasta, abrangente — um Mar dos Sargaços sem limites e sem um Salvador.

M.R. não ousava olhar o relógio do painel do carro. Era hora de dar meia-volta, ela sabia.

Estava passando por vilarejos formados por trailers, casebres com paredes de cimento, quintas semiabandonadas e celeiros. Atravessava a Old Dutch Road — lhe era conhecida? — e a Sandusky Road. A estreita Black River Road fazia uma curva perigosa por sua proximidade do rio. Naquele lado, o acostamento tinha sido corroído pela erosão. Na margem oposta havia um curioso monte íngreme que parecia uma escada ou uma montanha pequena quase sem vegetação, da qual seixos gigantescos pareciam ter se soltado e caído no rio. Havia um aspecto de paisagem arcaica tremida, quebrada. Todavia uma beleza vigorosa nesses contornos quebrados.

Uma dor aguda a atingiu entre as escápulas como se fosse um inseto dando ferroadas porque vinha tensionando o corpo, dirigindo. Curvou-se segurando o volante com as duas mãos como se temesse que o volante lhe escapasse.

Ele lhe dissera — o amante (secreto) — *A eternidade não tem nadica de nada a ver com o tempo* — mas era uma piada, não tivera a intenção de ser cruel ou desdenhoso e ela o beijara na boca, ousando beijar a boca que mal era sua para beijar.

Numa fala mais enigmática dissera *O tempo da Terra é uma forma de evitar que tudo aconteça ao mesmo tempo*.

Ele queria dizer — o quê? M.R. não sabia bem.

Ao contar uma história, é preciso expor “acontecimentos” — em sequência cronológica. Ou melhor, é preciso estabelecer uma sequência cronológica para que se saiba o que é a história e se possa “contá-la”.

Somente no tempo, tempo do calendário ou tempo do relógio, existe cronologia. Caso contrário — uma vida inteira é apenas um bilionésimo de segundo, terminando na mesma velocidade com que começou, e tudo aconteceu simultaneamente.

Talvez fosse isso o que Andre queria dizer. Sua área era a evolução da galáxia e a formação estelar nas galáxias — sua obsessão na infância era a esperança de “mapear” o Universo.

M.R. tivera poucos amantes — muito poucos. Pois os homens não se sentiam naturalmente — ela imaginava, *sexualmente* — atraídos por ela. Sua fraqueza era por homens de intelecto excepcional — no mínimo, inteligência maior que a dela. Assim não seria necessário mascarar a própria.

A tristeza era que tais homens pareciam ser, ao longo de sua vida, sempre mais velhos que ela. E alguns eram pessimistas. E alguns acabados como luvas velhas, botas gastas. Em sua maioria eram casados e alguns tinham se casado duas ou até três vezes.

Ela queria se casar! Um dia.

Ela queria se casar com Andre Litovik.

Ele tentara dissuadi-la de aceitar a presidência da Universidade. Ela tivera a impressão de que ele temia que sua amazona acabasse se distanciando.

Se ele de fato a amasse — teria nutrido esperanças por ela, se orgulhado dela.

Ou talvez: até um homem excepcional tem dificuldade de sentir orgulho de uma mulher excepcional.

M.R. tentou descobrir onde estava. Com uma inquietude cada vez maior tinha ciência do tempo passando.

Preparada, você tem que estar preparada. Está na hora.

Uma placa de SPRAGG 11 KM. SLABTOWN 21 KM. Uma placa de Star Lake, na direção oposta — 106 KM.

Spragg — Slabtown — Star Lake. M.R. já tinha ouvido falar em Star Lake, ponderou — mas não nos outros, de nomes tão esquisitos.

De repente se deparou com uma barreira na rodovia.

DESVIO
RETORNO NOS PRÓXIMOS 5 KM

Dava para ver além da barreira um trecho de estrada que havia desabado no Black Snake River. M.R. freou o Toyota às pressas — o deslizamento de terra era chocante, como uma deformação física.

“Ai! Droga.”

Estava decepcionada — isso a atrasaria.

Estava pensando na rapidez com que aquilo devia ter acontecido: a estrada desmoronando debaixo de um veículo em movimento, um carro, um caminhão — um ônibus escolar? — mergulhando no rio, soterrado e apavorado e sem ninguém para testemunhar o horror. Era improvável que a estrada tivesse simplesmente ruído com o próprio peso.

Morte por (puro) acidente. Com certeza era a mais misericordiosa das mortes!

Morte pelas mãos de outrem: a mais cruel.

Morte pelas mãos de outrem *que lhe é conhecido, próximo como o batimento cardíaco*: a mais cruel de todas.

Pelo aspecto da estrada desmoronada, videiras e sarças crescendo pelas frestas, um emaranhado de sumagres e árvores raquíticas, o desmoronamento da pista à margem do rio não era recente. O condado de Beechum não tinha dinheiro para o conserto de uma estrada tão remota: o desvio se perpetuara.

Como uma criança curiosa — pois as pessoas são sempre atraídas por DESVIO assim como por NÃO ULTRAPASSAR: PERIGO — M.R. enfiou o carro em uma estradinha estreita: Mill Run. Embora fosse claro que a atitude mais sensata seria voltar.

Mill Run era ao menos pavimentada? Ou coberta de cascalho, agora já desgastado? A estrada de pista única levava a uma área campestre que parecia ser de terra baixa, pantanosa; não havia cultivo ali e sim uma espécie de terra de ninguém, desabitada.

Numa velocidade prudente M.R. percorreu a estrada sulcada. Sempre foi uma boa motorista — decidida a evitar buracos. Sabia que um pneu poderia ser rasgado por uma ladeira repentina; não poderia se arriscar a furar o pneu a essa altura.

M.R. era do tipo que tinha aprendido a trocar pneus, quando menina. Havia a impressão de que era melhor M.R. aprender a se virar sozinha.

Na verdade houvera habitantes ao longo da Mill Run Road, e não fazia muito tempo — uma casa abandonada, recuada em um campo que era como um idoso descarnado e debilitado; um posto da Sunoco em meio a uma porção de carros sucateados, que parecia estar fechado; e ao lado uma cafeteria na qual um letreiro desbotado chacoalhava ao vento — BLACK RIVER CAFÉ.

Tanto o posto da Sunoco quanto a cafeteria estavam cobertos de tábuas. Na frente da cafeteria havia uma picape sem rodas. M.R. poderia ter entrado no estacionamento mas — muito estranhamente — se viu seguindo em frente como se atraída por um ímpeto irresistível.

Estava sorrindo — estava mesmo? Seu cérebro, normalmente tão ativo, hiperativo como um vespeiro sacudido, ficou vazio de expectativa.

Na zona rural repleta de montes, contrafortes e montanhas arborizadas só se via trechos do céu — M.R. teve vislumbres de um azul um pouco

embaçado e de trançados de nuvens parecidas com ataduras sujas. Dirigia dando umas investidas e uns solavancos, pisando no acelerador e o soltando — esperava não ser surpreendida pelo que estava à sua frente e, no entanto, ficou surpresa — chocada: “Meu Deus!”

Pois havia uma criança deitada à beira da estrada — um vulto pequeno deitado à beira da estrada, quebrado, rejeitado. O Toyota deu uma guinada, precipitou-se da pista numa vala.

Sem pensar M.R. girou o volante para evitar a criança. Ouviu um baque nauseante, o solavanco do veículo num ângulo agudo dentro da vala — o pneu esquerdo da frente e o pneu esquerdo de trás.

Tinha acontecido tão rápido! O coração de M.R. cambaleou dentro do peito. Atrapalhou-se para abrir a porta e se desvencilhar do cinto de segurança. O motor do carro ainda estava ligado — um alarme violento começara a tocar. Imaginou que fosse uma criança à beira da estrada mas é claro — agora via — era uma boneca.

Mill Run Road. Outrora, devia haver algum tipo de engenho nos arredores. Agora, era só mato. Ou havia voltado a ser mato. A estrada era uma espécie de aterro sanitário ao ar livre usado para despejo — na vala havia um colchão destroçado e imundo, uma geladeira com a porta escancarada como uma boca, brinquedos de plástico quebrados, uma bota masculina.

Grunhindo por causa do esforço M.R. conseguiu sair — rastejar — do Toyota. Em seguida teve de se curvar para desligar a ignição — uma ideia doida lhe passou pela cabeça, de que o carro poderia explodir. Tateou à procura das chaves — as chaves caíram no chão do carro.

Ela viu — tampouco era uma boneca à beira da estrada, apenas uma roupa de criança endurecida pela sujeira. Um casaco rosa desbotado com rosinhas bordadas na frente.

E um tênis de criança. Tão pequeno!

Havia uma coisa branca enrolada ao casaco da criança, de algodão — calcinha? — dura de lodo, manchada. E meias, meias brancas de algodão. E no matagal ao lado os restos de uma mesa de cozinha com tampo de fórmica que imitavam madeira de bordo. América rural, se enchendo de lixo.

Uma casa inteira despejada na Mill Run Road! Não era uma história feliz.

M.R. se inclinou para inspecionar a geladeira. Claro que estava vazia — as prateleiras enferrujadas, muito danificadas. Havia um cheiro. Uma sensação de grande inquietude — opressão — a dominou, foi obrigada a virar as costas.

“E agora — o quê?”

Poderia ligar para o reboque — seu celular estava no carro. Mas era provável que conseguisse tirar o Toyota da vala manobrando, pois não era muito funda.

Só que — que horas eram?

Fitando o relógio. Tentando calcular. Já passava das 16h30 — eram quase 17h? Não esperava que estivesse tão tarde! Meados de outubro e o sol se pondo no céu e o lusco-fusco chegando.

Esse lado do Black Snake River era feito de pântanos, alagadiços. O cheiro que vinha sentindo era de lama. Dava para perceber que volta e meia o rio inundava aquelas margens. Havia o odor salobro pungente de água rançosa e coisas podres.

Fitando seu relógio de ouro, pequeno e elegante, gravado com o nome e o brasão da faculdade de ciências humanas para mulheres da Nova Inglaterra. Fora um presente dado a M.R. para celebrar o fato de ter recebido da faculdade um doutorado honorário em Letras e, pouco depois, o convite para uma entrevista para o cargo de presidente. Tinha trinta e seis anos na época. Era a reitora acadêmica da Universidade. Dispensara o convite com delicadeza. Não disse *Fico muito grata, mas não — é pouco provável que eu aceite um cargo numa faculdade para mulheres.*

Ou — *É pouco provável que eu aceite um cargo numa universidade que não seja importante no campo das pesquisas. Está fora dos planos de M.R. Neukirchen.*

Entre os detritos residenciais abandonados havia um pedaço de oleado putrefeito.

M.R. o pegou, arrastou-o até o Toyota para botá-lo debaixo das rodas do lado do motorista, que estavam atoladas na lama. Que bom! Quanta sorte! Sem jeito ela rastejou para dentro do carro bastante inclinado, achou as chaves no capacho e conseguiu ligar o motor — moveu o carro uns poucos centímetros adiante, deixou que recuasse, moveu-o adiante de novo, e deixou que recuasse; de início as rodas giraram, depois começaram a agarrar. O carro se movimentava, sacolejava aos espasmos; dentro de mais

um ou dois minutos teria conseguido botar o Toyota na estrada só que — o oleado podre devia ter cedido, as rodas giraram rápido.

“*Maldição de Deus.*”

M.R. bateu à procura do celular, que havia caído no chão. Tentou ligar para o reboque mas o telefone estava sem sinal.

Se pelo menos tivesse pensado em ligar para a assistente meia hora antes — o celular poderia ter funcionado então. Só para deixar a jovem (angustiada?) a par *Talvez eu me atrase para a recepção. Uns minutos de atraso. Mas não vou me atrasar para o jantar. Claro que não vou me atrasar para a minha palestra.*

Teria falado com Audrey em seu habitual tom alegre e enérgico que não convidava a interrupções. Era o tom alegre e enérgico que não convidava a murmúrios de comiseração. Teria dito, caso Audrey se mostrasse preocupada com ela, *É claro que eu estou bem! Agora tchau.*

Estava caminhando pela estrada com o celular na mão. Não parava de tentar ligar mas aquele troço maldito continuava morto.

Plástico inútil, morto!

E se procurasse um lugar mais alto? Seria mais provável que o telefone funcionasse? Ou — seria uma ideia ridícula, desesperada?

“Não estou desesperada. Ainda não.”

Em meio aos alagadiços havia uma espécie de península, um banco de terra cerca de um metro mais alto, provavelmente artificial, como uma barragem; M.R. subiu nele. Era uma mulher muito forte, as pernas e coxas tinham músculos duros sob a pele feminina macia, um pouco flácida; se empenhava em nadar, caminhar, correr — se “exercitava” na academia da Universidade; porém, ficou logo sem fôlego, arquejante. Pois havia algo bastante opressivo naquele lugar — a vastidão de alagadiços, o cheiro. Até no banco de terra estava pisando na lama — seus sapatos finos, enlameados. Seus pés estavam molhados.

Ela pensou *Tenho que voltar. Assim que possível.*

Ela pensou *Eu vou saber o que fazer — eu tenho como consertar a situação.*

Fitando o relógio tentando calcular mas sua cabeça não funcionava com a eficiência de praxe. E os olhos — havia algo errado com seus olhos?

A recepção começaria às — era às 18h? Mas M.R. não precisaria chegar às 18h em ponto. M.R. nem precisaria comparecer à recepção. Tais eventos raramente eram fundamentais. E o jantar — o jantar era às 19h30?

Correria para a mesa que seria a mesa principal num enorme banquete — sussurraria um pedido de desculpas — poderia explicar que tivera de ir de carro a algum lugar, que fora inevitável — o carro tinha quebrado na volta.

Estresse, excesso de trabalho, o médico havia lhe dito. Horas na frente do computador e quando desviava os olhos a vista estava distorcida e precisava piscar, semicerrar os olhos para dar ao mundo algum foco.

Como parecia distante aquele mundo — a ponto de não existir uma rota direta para aquele mundo, a partir de Mill Run Road.

Uma figura agachada. Rosto barbudo, olhar surpreso. Jogadas sobre o ombro, meia dúzia de armadilhas para animais. Com a mão enluvada cutucando — o que havia ali na lama.

“Oi? Tem alguém...?”

Ela estava indo em direção à beirada da barragem improvisada. Era uma barragem feita de seixos e pedras e ao longo dos anos havia adquirido uma espécie de argamassa de galhos quebrados e putrefeitos e até de carcaças e esqueletos de animais. O alagadiço se estendia por todos os lados, taboas e caniços cresciam em abundância por todos os lados. Havia árvores asfixiadas por trepadeiras. Árvores mortas, troncos ocos. A lagoa era coberta por algas verdes como neon que pareciam tremer com vida microscópica, e onde a água estava à vista o céu granulado era refletido como olhos dardejantes. Ela fitava a margem oposta na qual vira algo se mexer — imaginava ter visto algo se mexer. Um alvoroço de libélulas, lampejos de asas de pássaros. Explosões de folhagens outonais como manchas de tinta e árvores decíduas lisas e retas como recortes. Esperou e não viu nada. E nos alagadiços se espalhando por todos os cantos nada além de taboas, caniços balançados pelo vento.

Estava pensando em algo que o amante (secreto) lhe dissera uma vez — *Não existe verdade senão perspectiva. Não existem verdades senão relações.* Ela tinha a impressão de que entendera o que ele queria dizer na época — falava de algo prosaico porém íntimo, até mesmo sexual; ela concordava logo com o que o amante dissesse na esperança de que algum dia, em algum momento, fosse perceber como era evidente e como tinha sido crucial que ela concordasse na época.

Pensava *Existe um ponto de vista, uma perspectiva aqui. Esse banco de terra sobre o qual posso andar, ficar de pé; do qual posso ver que já fui devolvida à minha outra vida, não me machucaram e já terei começado a esquecer.*

Pensava Isso tudo é passado, num tempo futuro. Vou olhar para trás, vou ter saído dessa. Já terei começado a esquecer.

O banco de terra — uma espécie de península elevada — a ruína de um velho engenho. Nas pontudas ervas daninhas altas, resquícios de madeira serrada. Blocos de concreto estilhaçados. Estava mancando — havia torcido o tornozelo. Estava muito cansada. Fazia muito tempo que não dormia. Na casa presidencial ficava tão só! O amante (secreto) não fora visitá-la. O amante (secreto) não a visitava desde que ela havia se mudado para a casa presidencial e não havia nenhuma visita planejada — por enquanto.

Na casa presidencial, que era um ponto histórico datado da era colonial, M.R. tinha seus aposentos particulares no segundo andar. Ainda assim, a cama na qual dormia na casa presidencial era uma cama antiga de quatro colunas da década de 1870 e não era a cama que M.R. teria escolhido para si, embora não fosse uma cama tão desconfortável a ponto de M.R. desejar tirá-la e colocar outra no lugar.

Por conta da coluna, Andre precisava de um colchão duro. Pelo menos, o colchão da cama de M.R. era assim.

Na ponta da península havia — nada. Alagadiços, árvores secas. Nas Adirondacks, chuva ácida caía havia anos — partes da vasta floresta agonizavam.

“Oi?”

Estranho chamar quando estava óbvio que não havia ninguém para escutá-la. A mão levantada de M.R. numa saudação-fantasma.

Ele era um caçador que usava armadilhas — o homem barbudo. Levando armadilhas de ferro com mandíbulas cruéis no ombro. Ratos-almiscarados, coelhos. Esquilos. Suas presas eram bichinhos peludos. Mortes horrendas nas armadilhas de ferro, você não gostaria nem de pensar nisso.

Ei! Menininha...?

Ela se virou. Nada adiante.

Refez seus passos. As pegadas na lama. Como uma pessoa embriagada, sem firmeza nos pés. Sentia uma agitação esquisita. Apesar do cansaço, agitada.

Voltou à estrada emporcalhada — ali, a roupa de criança que tolamente confundira com uma boneca, ou uma criança. Ali, o Toyota bastante inclinado dentro da vala. Um reboque poderia tirá-lo dali em questão de

minutos, se ela conseguisse contatar uma oficina — pelo que via, o veículo não tinha sofrido danos graves.

Era possível que M.R. não precisasse relatar o acidente à locadora. Pois não tinha sido um “acidente” de verdade — não envolvera nenhum outro carro.

Seguiu em frente, sem saber ao certo para onde ia. O céu escurecia com o anoitecer. Sombras se afastavam da terra. Viu luzes adiante — luzes? — o posto de gasolina, a cafeteria — para sua surpresa e seu alívio, pareciam estar abertos.

Houve um barulho de trituração no cascalho. Um veículo acabava de ir embora, na direção oposta. Outros carros estavam estacionados no terreno. Na cafeteria havia luzes, vozes.

M.R. mal acreditou na sorte que teve! Teve vontade de chorar de tanto alívio. Entretanto, parte de seu cérebro pensou com tranquilidade *É claro. Isso já aconteceu antes. Você vai saber o que fazer.*

No posto de gasolina havia um frentista de macacão sujo, sem camisa, observando sua aproximação. Era um homem gordinho de cabelo embaraçado, uma cara marota de raposa, observando sua aproximação. Desconcertada, M.R. se perguntou — o frentista falaria com ela, ou ela falaria com ele primeiro? Tentou não mancar. Os sapatos de couro machucavam os pés. Não queria a compaixão de um estranho, muito menos a curiosidade.

“Dona! Seu carro deu problema?”

Havia ali uma solidariedade maliciosa. M.R. sentiu o rosto arder com o rubor.

Explicou que o carro tinha quebrado a cerca de um quilômetro e meio dali. Isto é — parte do carro estava dentro de uma vala. Em tom de desculpa declarou: “Quase consegui tirar o carro sozinha — a vala não é muito funda. Mas...”

Como soara ridícula! Não era de se estranhar que o frentista a encarasse com rudeza.

“Dona — acho que te conheço de algum lugar. Você é daqui?”

“Não. Não sou.”

“É, eu te conheço, dona. Tua cara.”

M.R. riu, incomodada. “Acho que não conhece, não.”

Agora vinha o sorriso maroto de raposa. “Você é daqui da área, dona, né? Ah claro — te conheço.”

“Como assim? Você — me conhece? Sabe meu nome?”

“Kraeck. Seu nome é esse?”

“‘Kraeck’? Você está enganado.”

“Você é a cara dela.”

M.R. não deu importância a essa conversa. O frentista era um homem robusto já no fim da meia-idade. Seu jeito era ao mesmo tempo familiar e intimidante. Aproximava-se de M.R. como se para vê-la melhor, e por instinto M.R. recuou e foi tomada por uma sensação de sobressalto, alarme — se enrijeceu para evitar o toque do homem — ele seguraria seu rosto com as mãos calejadas, para perscrutá-la.

“Você é igualzinha a uma pessoa que eu conheço. Quer dizer — que eu conheci.”

M.R. sorriu. M.R. estava incomodada mas M.R. sabia que devia sorrir. Disse com sensatez: “Eu realmente acho que você está enganado. Moro a quilômetros daqui.”

“O nome dela era Kraeck. Você é a cara dela — delas.”

“É — você falou. Mas...”

Kraeck. Nunca tinha ouvido aquele nome. O nome era de uma feiura peculiar!

M.R. poderia ter dito ao homem que nascera em Carthage, na verdade — talvez ele a tivesse conhecido, a tivesse visto, em Carthage. Talvez fosse essa a explicação. Havia uma diferença considerável entre a cidadezinha de Carthage e aquela área desolada das Adirondacks. Mas M.R. relutou em falar com esse indivíduo desagradável mais do que o necessário, pois dava para perceber que ele prestava muita atenção à sua voz, que havia detectado o sotaque do norte de Nova York que M.R. nutrira a esperança de perder, e que tanto lembrava o dele.

“Com licença...”

M.R. precisava muito usar o banheiro. Deixou o frentista com cara de raposa fitando-a de um jeito rude e subiu os degraus rumo à cafeteria.

Era maravilhoso que o letreiro que lhe parecera tão desbotado, abandonado, agora estivesse iluminado: BLACK RIVER CAFÉ.

Lá dentro havia um balcão comprido, ou um bar — alguns homens parados junto ao bar — várias mesas, sendo que nem a metade estava ocupada — luzes piscando: anúncios em neon de cerveja, chope. O ar estava nebuloso por causa da fumaça. Uma tevê acima do bar, imagens pulando como peixe. M.R. esfregou os olhos pois tinha uma visão turva do

interior do Black River Café, como se tivesse sido montado às pressas. Janelas com vidros que pareciam opacos. Retratos, recortes de páginas de revista nas paredes que na verdade não tinham nada. Da tevê vinha um tipo de música percussiva, aguda como sinos do vento amplificados. M.R. sentia o aroma de algo saboroso, fermentado, incrível — pão assado? Torta? Torta caseira? Sua boca se encheu de saliva, estava morta de fome.

“Dona! Vem cá. Parece que você está com frio. Fome.”

Uma mulher corpulenta saiu da cozinha com o rosto redondo enrugado num sorriso. Usava uma camisa masculina de flanela quadriculada vermelha, calça larga de cotelê marrom e por cima um avental de guingão sujo. Segurava a porta da cozinha aberta para que M.R. a acompanhasse.

“Dona — desculpa dizer — você parece que levou um choque. Melhor vir aqui.”

M.R. sorriu, sem convicção. Com um toque de sua mão quente a mulher corpulenta empurrou M.R. para a frente enquanto os homens no bar fitavam abertamente.

Talvez — gostassem do que viam. Aprovassem a amazona de traje cosmopolita, desgrenhada.

A mulher era da altura de M.R. — na verdade, era mais alta. O cabelo estava amarrado e enrolado em volta da cabeça — um dourado opaco, desbotado como um raio de sol se recolhendo. Os olhos afastados eram claros como moedas. E aquele sorriso úmido, largo.

“Bom que você veio para cá, dona. Lá naquela estrada depois do anoitecer — você ia se perder fácil.”

“Ah sim! Obrigada.”

M.R. ficou zozza de gratidão. Sentia-se uma nadadora afogada que havia sido arrastada até a margem.

Na cozinha, M.R. recebeu uma cadeira onde se sentar. Era uma cadeira familiar, o que a reconfortou. A tinta desbotada em certo ponto do espaldar — o assento de vime começando a ceder. E instantes antes de seus joelhos fraquejarem.

Outro conforto, o aroma de comida assada. Comida chiando, algum tipo de ensopado no forno. Como uma chama repentina, uma fome desesperada disparou dentro de M.R.

“Ô-lá! Seja bem-vinda!”

“Dona! Seja bem-vinda.”

Havia outras pessoas na cozinha, cumprimentando M.R. afetuosamente. Não enxergava seus rostos com nitidez mas acreditava serem parentes da mulher mais velha.

Serviram uma tigela de sopa escura cintilante, posta diante de M.R. ainda fervendo. Imaginava que fosse uma sopa de carne, ou cordeiro — carneiro? — glóbulos de banha na superfície, mas M.R. estava faminta demais para ter repulsa. Os lábios logo ficaram cobertos de gordura, não havia guardanapo para limpar o rosto. Havia se tornado tão civilizada que estranhava comer sem um guardanapo sobre o colo — mas ali não havia guardanapos.

“Bom, né? Mais?”

Sim, estava bom. Sim, M.R. queria mais.

Ela estava sentada à mesa da família — tampo de fórmica, imitação de madeira de bordo, pernas gastas. O ar na cozinha era quente, condensado, úmido. No forno a gás havia várias panelas e caçarolas. Em outra mesa havia bolinhos recém-saídos do forno, pão integral, tortas. Eram tortas com massa grossa e recheio doce pegajoso. Tortas de maçã, tortas de cereja.

Uma garrafa de cerveja. Garrafas de cerveja. Uma mão levantou a garrafa, despejou o líquido escuro espumoso num copo. M.R. bebeu.

Tão sedenta! Tão faminta! Seus olhos se encheram de lágrimas de gratidão pueril.

A mulher corpulenta a serviu. A mulher corpulenta tinha seios enormes que iam até a cintura. A mulher corpulenta tinha a pele áspera rosada e olhos compassivos. Sua coroa de tranças lhe conferia um aspecto régio, porém sabia-se — seria impossível coagir aquela mulher.

Quando outros — homens, meninos — tentavam entrar na cozinha para observar M.R. em roupas amarrotadas e enlameadas, a mulher corpulenta os afugentava. Às risadas dizia, Vão pro inferno vocês todos, não tem nada aqui que seja da sua conta.

M.R. comia com tanta avidez que derramava sopa na jaqueta.

Suas mãos tremiam. Cerveja nas narinas provocando tossidas, engasgos.

Tinha bebido e comido demais. Rápido demais. Risos viravam tossidas e tossidas viravam engasgos e a mulher corpulenta lhe dava golpes nas costas com o punho.

Era a tevê — ou o jukebox — música percussiva alta. Não conseguia escutar a música, tão alta. Algo a penetrava — luzes? — como lâminas

luzidias. Não estava bêbada mas uma alegria embriagada anormal a dominou, sentia muita gratidão ao tentar explicar para a mulher corpulenta que nunca tinha provado uma comida tão gostosa.

Pensava *Nunca me senti tão feliz*.

Pois foi revelado a M.R. que existiam lugares assim — lugares (secrets) — nos quais poderia se refugiar. Lugares (secrets) desconhecidos até para ela que lhe confortariam nas horas de perigo. Uma súbita expansão do ser, como se algo tivesse penetrado seu cérebro comprimido e bombeado ar e luz dentro dele — fogo, vento — risadas — música.

Ô-lá. Ô-lá. Ô-lá!

Eu não te conheço?

Ei claro — claro que conheço. E você me conhece.

Sentia-se tão aliviada. Tão feliz. Uma ternura se alastrou em seu peito. Desajeitada, M.R. tentou ficar de pé, se entregar ao abraço da mulher corpulenta — apertar o rosto contra os fartos seios quentes e esponjosos da mulher e se esconder dentro dos carnudos braços quentes e esponjosos.

Você sabe — aqui você está segura.

Esperando você — aqui.

Jewell! — *Jedina*. Estamos te esperando — aqui.

Mas havia algo errado pois a mulher corpulenta não a abraçou como M.R. esperava — na verdade a mulher corpulenta empurrou M.R. como se empurra uma criança inoportuna, não com raiva ou irritação nem sequer impaciência, mas simplesmente porque naquele momento a criança inoportuna é indesejada. Houve ali uma repreensão que M.R. não queria ponderar. Pensava *Tenho que pagar. Tenho que dar uma gorjeta. Nada disso pode sair de graça*. Brigava com a carteira — tinha deixado a bolsa de couro em algum lugar mas sabe-se lá como estava com a carteira. E tentava olhar o relógio. Os números estavam embaçados. Na verdade, não havia ponteiros no mostrador para indicar as horas. Deixa eu dar uma olhada, dona. Com destreza o relógio foi tirado de seu pulso — queria reclamar mas não podia. E a carteira — a carteira lhe foi arrebatada. No lugar da carteira lhe deram algo quente para beber. Seria uísque? Não cerveja e sim uísque? A garganta ardia, os olhos se encheram de lágrimas de dor. Isso te diz alguma coisa, dona, hein? — uma voz masculina, confusa. Havia risadas na cafeteria — risadas de homens, meninos — não

risadas de escárnio — (ela queria acreditar) — mas risadas cordiais — pois tinham conseguido entrar na cozinha no final das contas.

Dona, de onde tu és? — porque a voz dela lembrava tanto a deles. Dona, para onde você vai? — porque apesar das roupas ela era como eles, os olhares fixos deles percebiam.

Sua cabeça pesada descansa nos braços cruzados. E a lateral do rosto contra o tampo melado da mesa. Tão estranho que os seios estivessem livres para serem espremidos contra o tampo. Os risos grosseiros tinham se dissipado. Tão cansada! Os olhos dela estão fechados, ela está afundando, caindo. O barulho das pernas de uma cadeira raspando no assoalho soa hostil. Uma mão, ou um punho, lhe dá tapinhas no ombro.

“Dona. A gente está fechando.”

Menina de Barro é salva pelo Rei dos Corvos.

Abril de 1965

No condado de Beechum contariam — contariam e recontariam — que a Menina de Barro fora salva pelo Rei dos Corvos.

Que nos vastos alagadiços à margem do Black Snake River, naquela região desolada ao sul das Adirondacks, havia milhares de corvos e dentre esses milhares de corvos o maior e mais feroz e o que tinha as plumas negras mais luzidias era o Rei dos Corvos.

Que o Rei dos Corvos observara a atitude cruel da mulher meio arrastando meio carregando a criança chorosa até os alagadiços para jogá-la no barro maleável que afundava como areia movediça e deixou a criança sozinha para morrer ali naquele lugar tenebroso.

E o Rei dos Corvos voou no céu num protesto veemente, batendo as asas e grasnando para a mulher que se retirava agora tampando o rosto com os braços para se proteger da ira do Rei dos Corvos, que a caçava como uma milenar ave predadora heráldica a serviço de um Deus selvagem.

Que no meio do nevoeiro matutino, a menos de um quilômetro e meio do lugar onde a criança tinha sido abandonada à morte, havia um caçador que o Rei dos Corvos convocou para salvar a criança que jazia aturdida pelo choque e mal respirava no alagadiço como lixo descartável.

Vem! S'ttiss!

Suttis Coldham fazia a ronda das armadilhas Coldham o mais perto que pudesse do amanhecer, antes que os predadores — coiotes, ursos-negros, lince — arrancassem as presas das mandíbulas das armadilhas e as devorassem vivas, enfraquecidas e incapazes de se defender.

Castor, rato-almiscarado, marta, raposa, gato selvagem e guaxinins os Coldham pegavam em todas as épocas. O que era *legal* ou *ilegal* — o que entrava na lista das *ameaçadas* — não tinha muita importância para os Coldham. Pois naquela região desolada do condado de Beechum nos contrafortes pedregosos das Adirondacks era provável que existissem menos seres humanos por metro quadrado do que lince — o lince sendo a mais tímida e mais solitária criatura das Adirondacks.

Os Coldham eram uma família antiga no condado de Beechum pois tinham se instalado na época pré-revolucionária na área de Rockfield no

Black Snake River, mas agora se espalhavam bastante chegando no sul até Star Lake, e além. Dentre os familiares mais próximos de Suttis havia cinco filhos, e Suttis era o caçula e o mais propenso ao azar entre a geralmente azarenta família Coldham, já que Suttis era aquele por quem Amos Coldham, o pai, nutria menos esperanças. Como se não tivesse sobrado miolos suficientes para o coitado do Suttis na época em que nasceu.

Dizia com expressão de azedume no rosto — Como se você estivesse sacudindo miolos para tentar tirar eles de dentro de uma porcaria de vidro — tipo um vidro de ketchup — e quando chegou a vez de Suttis já não tinha mais miolo suficiente no vidro.

Dizia — Bater na merda do vidro com a mão não vai adiantar porra nenhuma — os miolos já acabaram.

Por isso, contariam que o caçador solitário que salvara a Menina de Barro da morte iminente nos alagadiços às margens do Black Snake River tinha a mente de uma criança de onze ou doze anos e estava longe de ter a de um homem adulto de vinte e nove, que era a idade de Suttis nessa manhã de abril de 1965.

Por isso contariam que, enquanto outro caçador teria ignorado o grasnido do Rei dos Corvos ou, pior ainda, teria atirado com um rifle calibre .22 para derrubar o Rei dos Corvos, Suttis Coldham percebeu na mesma hora que estava sendo convocado pelo Rei dos Corvos por algum motivo específico.

Pois várias vezes na vida já tinha acontecido de Suttis estar sozinho e longe do escrutínio dos outros e animais o escolherem para se comunicarem com ele.

A primeira — um mocho atrás do pasto quando Suttis era menino. Falou seu nome *SSSuttiss* cheio de letras sibiladas, de modo que os pelos finos de sua nuca se eriçassem e seu olhar se voltasse para cima — para o alto — para o cume da ruína de um tronco de carvalho morto onde o mocho estava empoleirado, totalmente imóvel exceto pelas plumas ondulando ao vento e os olhos faiscando como chama de gasolina, mostrando que o mocho o conhecia — um menino esguio a seis metros de distância boquiaberto e de cenho franzido e embasbacado ouvindo *SSSuttiss* e vendo aquela expressão nos olhos do mocho, que de tão significativa não poderia ser nomeada, mas a informação foi transmitida — *Você é o Suttis, e sabemos quem você é.*

Só anos depois outro animal se dirigiu a Suttis e foi um cervo — uma corça — quando Suttis caçava com o pai e os irmãos, e Suttis foi deixado para trás tropeçando e indeciso e do nada surgiu do meio dos pinheirais a corça a cerca de quinze metros de distância — uma corça com dois filhotes recém-nascidos — parando para encarar Suttis de olhos arregalados, não com medo mas com uma espécie de reconhecimento surpreso mesmo quando Suttis levantou o rifle para atirar com o coração batendo rápido e a boca muito seca — *Suttis! SuttisSuttisSuttis!* — palavras soando na cabeça dele como um rádio ligado e assim Suttis soube que foram os pensamentos da corça transmitidos a ele de alguma maneira, como vibrações na água, e entendeu que não devia disparar o rifle, e não disparou o rifle.

E a mais recente tinha sido em janeiro de 1965 ao fazer a ronda matutina das armadilhas, maldição, os irmãos de Suttis mandando Suttis sair de manhã quando nenhum deles sairia ao ar livre para congelar a bunda mas ali estava Suttis tropeçando na neve na altura das coxas, tremendo com o vento gelado e metade das armadilhas cobertas de neve e inacessíveis e por fim ele achou uma — uma! — a um quilômetro e meio de casa ou mais — não foi o que esperava num pântano congelado como aquele, um rato-almiscarado ou castor ou talvez um guaxinim, mas foi um lince — um assobio fraco pelo buraco entre os dentes da frente de Suttis pois Suttis nunca na vida tinha conseguido pegar um lince sequer porque lince eram muito evasivos — muito sagazes — mas ali estava um capturado que parecia ter entre seis e oito meses, com a pata traseira esquerda presa na armadilha de molas compridas, em pânico e ofegante lambendo a pata presa molhada de sangue com movimentos frenéticos de sua língua rosa e agora parando para erguer os olhos na direção de Suttis com um olhar ao mesmo tempo suplicante e repreensivo, acusatório — era uma fêmea, Suttis parecia saber — belos olhos fulvos com fendas verticais pretas fixos em Suttis Coldham que se admirava por nunca ter visto uma criatura dessas na vida, pelugem de pontas prateadas, listras e manchas nos pelos em tom de mogno polido, orelhas empinadas, bigode longo trêmulo, e aqueles olhos fulvos fixos nele enquanto Suttis permanecia abaixado a poucos metros de distância ouvindo na respiração arquejante do lince o que parecia ser *Suttis! Suttis você não sabe quem eu sou?* e se aproximou se arriscando às garras do lince e perplexo agora vendo que aqueles eram os olhos da avó Coldham que tinha morrido no Natal aos

oitenta e nove anos, mas agora a avó era a jovem que Suttis nunca conhecera e de alguma forma — Suttis não tinha como saber de que forma — o encarava através dos olhos do lince e, ainda que os dentes do lince estivessem arreganhados num rosnado amedrontado, Suttis escutava claramente a voz repreensiva da avó-moça *Suttis! Suttis você sabe quem eu sou — você sabe que sabe!*

Nem por um instante Suttis duvidou de que o lince era sua avó Coldham, ou que sua avó Coldham havia se transformado no lince — ou que usava o lince para se comunicar com Suttis sabendo que Suttis seguiria aquele caminho — Suttis seria tão incapaz de explicar essas circunstâncias bizarras e improváveis quanto de explicar as “equações algébricas” que a professora escrevera a giz no quadro-negro da escola de um único cômodo que ele havia frequentado esporadicamente durante oito anos quase inúteis mesmo que não tivesse a mínima dúvida de que as “equações algébricas” eram bastante reais, ou reais de algum modo que excluísse Suttis Coldham; e portanto Suttis se agachou às pressas para abrir a armadilha de molas, lutando para soltar a pata traseira esquerda machucada do filhote de lince, murmurando para apaziguar o espírito de sua avó-moça que ao mesmo tempo era e não era a senhora que havia conhecido e chamado de *Vovó* e a lince mostrou os dentes, rosnou e sibilou e se contorceu e agarrou as mãos dele em luvas de couro retalhando as luvas mas deixando as mãos de Suttis praticamente intactas e arranhando apenas de leve o rosto dele na bochecha direita e no instante seguinte o filhote de lince estava correndo — mancando, mas correndo — com as três patas ligeiras desaparecendo no bosque de lariços cobertos de neve sem nem mais um ruído além da inspiração de ar assustada, e deixando para trás nada além de fezes de gato espalhadas e tufo de pelos de pontas prateadas respingados de sangue nas feiosas mandíbulas serradas da armadilha e um murmúrio sibilante *S’ttus! Deus te abençoe.*

E agora era o Rei dos Corvos quem convocava Suttis Coldham de maneira inequívoca — *SSS’ttissss! SSS’ttiss!*

Suttis congelou. Suttis ficou parado como se tivesse sido empalado. Suttis não tinha como cobrir os olhos e se negar a ver. Suttis não podia tampar os ouvidos com as mãos e se negar a ouvir.

SSS’ttisss vem aqui! Aqui!

O Rei dos Corvos era o maior corvo que Suttis já tinha visto. Suas plumas eram as mais luzidias e negras e a envergadura das asas era tão

larga quanto a de qualquer falcão e os olhos amarelos brilhavam com urgência e indignação. Como uma criatura assustada, Suttis caminhava à margem do rio enquanto o Rei dos Corvos guinchava em seu rastro, voando de árvore em árvore atrás dele, como se o perseguisse. Pois não era verdade como Suttis alegaria que ele havia seguido o Rei dos Corvos até encontrar a criança abandonada à morte no alagadiço e sim que o Rei dos Corvos tinha conduzido Suttis como um cão que pastoreia o gado. Suttis não tinha como se esconder, não tinha como escapar do Rei dos Corvos porque sabia que o Rei dos Corvos o perseguiria até a fazenda dos Coldham e nunca pararia de atormentá-lo e repreendê-lo por ter lhe desobedecido.

Suttis tropeçou e cambaleou pela barragem de um metro de altura que se projetava sobre o extenso alagadiço. Não fazia muito tempo desde que a neve da última nevasca de inverno havia derretido e o alagadiço estava cheio de poças, assim como o Black Snake River estava caudaloso e enlodado e corria para o sul das montanhas. Por todos os lados havia um zumbido fervilhante de vida nova, e a cobiça de vida nova: moscas, vespas, mosquitos. Suttis estapeava o ar em torno de sua cabeça, uma nuvem de mosquitos recém-nascidos. Abaixo de seus pés havia a ruína de uma estrada. À frente estava a ruína de um engenho. Suttis conhecia os alagadiços — os Coldham caçavam e instalavam armadilhas ali — mas Suttis não tinha uma noção clara de qual poderia ter sido o propósito do engenho, ou de quem teria sido o dono. O avô saberia, ou o pai. Talvez os irmãos mais velhos. Os costumes dos adultos lhe pareciam distantes e inacessíveis e portanto seus nomes eram embaçados e tinham pouca relevância para ele assim como para qualquer criança.

Vem aqui! Vem aqui S'ttis vem aqui!

SSS'ttisss! Aqui!

Pela barragem cada vez mais estreita Suttis andava com cuidado. O Rei dos Corvos o distraíra tanto que deixara os equipamentos de montar armadilhas para trás — o saco de aniagem que continha os ensanguentados corpos quebrados e flácidos de vários bichos mortos — mas ainda estava com a faca, embainhada na jaqueta, que era a jaqueta de Amos Coldham distribuída pelo Exército durante uma guerra muito remota, cheia de manchas e puída nos punhos. Na cabeça usava um gorro de tricô, cobrindo a testa estreita; nas pernas usava calça cáqui; nos pés, galochas da Sears, Roebuck. Agora passava pelo engenho meio desabado com o telhado

coberto de musgo que ele evitava olhar — Suttis Coldham tendia a imaginar que em qualquer construção, por mais arruinada que estivesse, havia alguém escondido, observando-o.

Nas montanhas, você pode ser observado por um homem armado com um rifle, a certa distância. Você jamais saberia como era visto pela mira do rifle de um estranho ainda que o estranho puxasse o gatilho e por que motivo? — como os Coldham gostavam de dizer *Só para infernizar*.

Suttis estremeceu, preocupado com a possibilidade de que estivesse sendo observado e não somente pelo Rei dos Corvos. Entrava agora num campo de força de alguma outra consciência que exercia uma atração irresistível sobre ele.

Objetos quebrados no gramado devastado pelo inverno, tábuas podres, blocos de concreto, uma única bota masculina. Um pneu de trator esfarelado, tiras de plástico. Nos vastos alagadiços, rastros seguiam em todas as direções com um aspecto de determinação irascível — rastros de animais, rastros de aves — e na barragem o que Suttis identificou como *pegadas de ser humano*.

O olho de Suttis, que se fixava em tantas coisas sem que houvesse reconhecimento, muito menos interesse, por exemplo todo tipo de material impresso, captou de imediato as *pegadas de ser humano* na barragem que Suttis soube, sem nem precisar de tempo para pensar, que não eram as pegadas de seus irmãos ou de qualquer outro caçador que usasse armas ou armadilhas e sim *pegadas femininas*.

Suttis soube, simplesmente soube: *femininas*. Nem sequer as marcas da bota de um menino. Simplesmente pegadas de botas *femininas*.

Havia outras pegadas também — misturadas às *femininas*. Provavelmente de uma criança. Suttis percebeu sem calcular, só com o olhar.

Não que os rastros estivessem claros — não estavam claros. Mas Suttis entendeu que eram recentes porque nenhum outro rastro os cobria.

O que era isso? Suttis assobiou pelo buraco entre os dentes da frente.

Um pedaço de pano — um xale — de um material enrugado roxo, Suttis o pegou e o enfiou no bolso no mesmo instante.

SSS'ttiss! Aqui!

Em cima de um lariço esquelético o Rei dos Corvos abriu as asas. O Rei dos Corvos não gostou do fato de que Suttis parou para recolher o xale

roxo enrugado. Pois o Rei dos Corvos tinha se adiantado a Suttis, para incitá-lo a correr até aquele ponto, a ver.

E agora Suttis via — a cerca de três metros e meio da base da barragem, no meio de um emaranhado de juncos — uma boneca?

A boneca de borracha de uma criança, muito surrada, careca, despida e com a pintura quase toda descascada — leve demais para afundar na lama e por isso boiava na superfície de um jeito que fez o coração de Suttis tropeçar, ainda que ele dissesse a si mesmo *Droga o troço é só uma boneca*.

Estavam zombando dele? O Rei dos Corvos o levava tão longe para resgatar uma simples *boneca*?

Suttis se aproximou e agora — viu o outro vulto, a poucos metros do primeiro. E também era impossível que não fosse uma boneca — apesar de maior do que uma boneca comum — descartada nesse lugar desolado que nem lixo ou porcaria.

Pulsações batucavam sua cabeça como colheres num recipiente de madeira. Uma boneca! Uma boneca! Era impossível que não fosse uma boneca, feito a outra.

Tantas coisas eram atiradas nos alagadiços do Black Snake River que havia um enclave de refugos humanos de todos os gêneros. Ali dava para achar peças de roupa, botas e sapatos, louças de barro quebradas, brinquedos de plástico, até cortinas de chuveiro opacas e manchadas como mortalhas de poliuretano. Uma vez, Suttis encontrou um par de mandíbulas na lama — dentes de plástico — que imaginou serem dentaduras mas sem dúvida deviam ter sido dentes de Halloween, e outra vez o chassi sem rodas de um carrinho de bebê cheio de lodo parecendo uma boca aberta. Em geral esses despojos se acumulavam na beirada do alagadiço, onde, carregados pela água transbordante, se prendiam nas raízes expostas em meio aos detritos das tempestades de inverno, os esqueletos de animaizinhos afogados e os resquícios peludos mumificados de olhos cegados por bicadas, como gárgulas caídas de catedrais incógnitas e inomináveis, enquanto mais ao longe nos alagadiços era provável que tais objetos afundassem e fossem submersos pela lama.

Anedotas sombrias eram contadas no condado de Beechum sobre tudo que era “perdido” — descartado e enterrado e esquecido — nos alagadiços.

Corpos dos odiados e vilipendiados. Corpos dos “inimigos”.

Contornos curvos de toras mortas no alagadiço pareciam crocodilos modorrentos.

Guinchos de passarinhos silenciados pelos grasnidos furiosos dos corvos.

Era mesmo uma boneca, tão grande? Parecia ser do tamanho de uma criança pequena — Suttis não sabia muito bem de que idade — dois anos? Três?

De joelhos bambos Suttis se aproximou da ponta da barragem.

O Rei dos Corvos abanou as asas, zombando, impaciente.

SSS'ttiss! Aqui!

O Rei dos Corvos estava quase falando, agora. A fala humana que a grande ave era capaz de enunciar, que Suttis não podia deixar de escutar.

As asas largas de plumas negras do Rei dos Corvos adejavam vento e sombras sobre os olhos de Suttis, que piscavam devagar.

“Jesus!”

Uma menininha, Suttis ponderou, mas — morta?

A cabeça dela estava descoberta, raspada — tão pequena! Tão triste!

Nada tão triste quanto a cabeça careca de uma criança raspada por conta de piolho, ou um pobre cabelo ralo que tenha caído por causa de doença, e Suttis tinha a impressão de que isso havia acontecido com ele também. Muitos anos antes, quando era pequeno.

Piolho, haviam dito. Rasparam seu cabelo e cortaram seu couro cabeludo com a lâmina, xingando-o como se o piolho fosse culpa de Suttis, e depois limparam os cortes com querosene, chamas excruciantes demais para serem registradas ou medidas ou mesmo lembradas a não ser agora de modo indireto, embotado.

Pobre menininha! Suttis não tinha dúvida, estava morta.

Talvez tivessem lhe castigado pelo piolho. Suttis era capaz de entender. O rostinho estava machucado, a boca e os olhos inchados e escurecidos. Respingos de sangue no rosto como lágrimas, e o que havia de preto neles, um negrume zumbido, eram os mosquitos.

Somente a cabeça e o torso estavam visíveis, a parte de baixo do corpo havia afundado no lamaçal. Um dos braços estava quase perceptível. Suttis fitou e fitou e Suttis movimentou os lábios numa prece entorpecida e amedrontada sem saber o que dizia mas apenas o que lhe fora ensinado *Pai nosso que estais no céu santificado seja o Vosso nome Senhor pelos Vossos*

benefícios e nos ajude todos os dias de nossas vidas seja feita a Vossa vontade assim na Terra como no Céu! Amém.

Suttis já tinha visto muitas coisas mortas e não se incomodava com uma coisa morta porque, você sabe, ela está morta e não pode lhe fazer mal. Só um bobo encostaria a mão nua em um guaxinim ou gambá “morto” e esse bobo provavelmente perderia a mão em uma varrida furiosa das afiadas garras curvas e um corte dos dentes aguçados.

Uma coisa morta é uma coisa segura, e é ruim apenas se tiver começado a apodrecer.

A coitadinha da menina no alagadiço tinha começado a apodrecer — não tinha? Pois algo fedia tanto que as narinas de Suttis se fecharam.

Foi uma extravagante prece desvairada para Suttis Coldham, que ele jamais acreditara ser capaz de proferir:

Deus não permita que ela esteja morta. Deus a ajude a estar viva.

Pois o perspicaz Suttis sabia: uma criança morta poderia significar que Suttis ficaria em apuros. Quando era um menino mais crescido fora espancado por encarar crianças do jeito errado, um jeito considerado errado pelos outros, por exemplo pelas mães das crianças que provavelmente eram suas parentes Coldham — irmãs, primas, jovens tias. Fixava o olhar nas sobrinhas e nos sobrinhos bebês enquanto lhes davam banho bem na frente das jovens mães e uma expressão tal no rosto de Suttis, de ternura misturada ao anseio selvagem, Suttis havia de alguma forma agido errado por total inocência e fora estapeado e chutado e posto para fora da casa, e em seu encalço os berros *Seu nojento! Pre-vertido! Vai pro inferno Suttis seu nojento pre-vertido uma vergonha!*

E agora, portanto, caso a menininha estivesse nua Suttis daria meia-volta e correria — mas parece que no que ele vê do corpinho há uma camisola — rasgada e encardida mas uma camisola — não é? — pela qual Suttis fica muito grato.

O Rei dos Corvos vinha gritando para que Suttis levasse a menininha à margem. Agachou, meio que fechando os olhos, tateando em busca de algo — um graveto longo, uma estaca — um pedaço de madeira — com que cutucar e soltar o corpo.

Suttis conseguiu! — uma tábua meio podre, de cerca de um metro e meio de comprimento. Ao se esticar para cutucar o corpo de boneca na lama ele vê — acha que vê — uma das pálpebras inchadas tremer — a

boquinha de peixe tentando respirar — e ele fica aflito, paralisado — *A menininha está viva!*

Uma visão horripilante, uma criança viva — parte do corpo afundado na lama barrenta, uma cintilação de insetos iridescentes em volta do rosto — deviam ser moscas — de repente Suttis entra em pânico, arrastando-se sobre as mãos e os joelhos para fugir dessa visão terrível, gemendo, gaguejando enquanto o Rei dos Corvos o repreende de seu poleiro lá no alto e como um bezerro nervoso Suttis cambaleia por um labirinto de videiras, um laço de videira se prende em torno de seu pescoço e quase o estrangula, o choque o chamando à razão, tão subjugado quanto um bezerro golpeado com um pedaço duro de corda, ele se vira para rastejar até a beira da barragem. Não havia como escapar do fato de que Suttis teria de atravessar o alagadiço para resgatar a menina como lhe fora ordenado.

Por fim, o fedor acentuado da lama foi mitigado nas narinas de Suttis. O mais adaptável de todos os sentidos, o olfato: Suttis consideraria o fedor da lama quase aprazível depois de ter desalojado e pegado a criança de barro nos braços para levá-la de volta à margem.

Suttis escorrega e desliza barragem abaixo, rumo à lama. Abre caminho até a criança de barro levantando os pés o mais alto possível enquanto a lama o suga-suga-sugava como numa imitação zombeteira de beijos molhados. Sobre a criança de barro há uma nuvem, uma bruma de insetos — moscas, mosquitos. Suttis pragueja ao espantá-los. Acanha-se em tocá-la — no começo. Puxa-lhe o braço. Seu ombro à mostra, seu braço esquerdo. É uma menina muito pequena — da idade de sua sobrinha mais nova, imagina Suttis, mas os sobrinhos e sobrinhas pequenos crescem tão rápido que ele não consegue se manter a par — não consegue se manter a par dos nomes deles. Tirá-la da lama exigia força.

Agachado sobre ela, grunhindo. Está com lama até os joelhos — se afundando num ritmo constante. Juncos batem em seu rosto, arranhando de leve suas bochechas. Mosquitos zumbem em seus ouvidos. Uma sensação louca como a de euforia domina seu corpo — *Você está no lugar certo na hora certa e nenhum outro lugar e nenhuma outra hora vão ser tão certos assim de novo na sua vida.*

“Ei! Te peguei. Vai ficar bem.”

A voz de Suttis é rouca como uma voz que há anos não é usada. Como é raro Suttis ser tratado com algo além de impaciência, desdém ou raiva, é

raro Suttis falar, e mais raro ainda Suttis falar com tamanha empolgação.

A criança meio consciente tenta abrir os olhos. O olho direito está fechado pelo inchaço mas o olho esquerdo se abre — só um pouco — há um tremor dos cílios — e a boquinha de peixe está franzida para respirar, para respirar e choramingar como se acordasse para a vida enquanto Suttis a carrega até a margem tropeçando e grunhindo e na barragem a põe com cuidado no chão e sai da lama e tira a jaqueta cáqui para cobri-la, sem jeito; percebe que está seminua, vestindo o que parecem ser restos de uma camisola de papel rasgado todo sujo de lama, escorregadio e reluzente de lama e tem lama endurecida na cabeça raspada da criança no meio de feridas, casquinhas de machucados, hematomas e tão pouco vestígio de cabelo, ninguém saberia dizer de que cor é o cabelo da criança.

“Ei! Você vai ficar bem. S’ttis está contigo.”

Tanta pena misturada com esperança Suttis sente, como raramente havia sentido na vida. Carregando a criança de barro chorosa embalada em sua jaqueta, em seus braços, pela barragem e rumo à estrada e pela estrada por cinco quilômetros até a cidadezinha ribeira chamada Rapids, murmurando para a trêmula criança de barro no tom de uma de suas primas ou irmãs jovens-mães — não palavras de verdade, das quais Suttis não se lembra, mas o tom das palavras — tranquilizantes, reconfortantes — pois no coração dele parecerá certeza de que o Rei dos Corvos havia escolhido Suttis Coldham para resgatar a criança de barro não porque por acaso Suttis Coldham estava por perto mas porque, dentre todos os homens, Suttis Coldham fora selecionado para a tarefa.

Ele foi o escolhido. Suttis Coldham, por quem antes ninguém dava nem um tostão. Sem ele, a criança não seria resgatada.

Em algum lugar entre o alagadiço e a cidadezinha chamada Rapids, o Rei dos Corvos havia sumido.

A placa é RAPIDS POP. 370. Suttis vê isso, toda vez Suttis pensa que tem tanta gente lá que não conseguiria contar pelo nome. Tampouco conseguiria algum dos Coldham. Nem de longe.

A primeira pessoa que o vê ali é um fazendeiro numa picape que pisa fundo no freio, e na plataforma da picape um cão que late alto. E na frente do posto de gasolina Gulf vários homens — ele imagina que talvez conheça, ou devesse conhecer seus rostos, ou seus nomes — vêm correndo perplexos e consternados.

Suttis Coldham, filho de Amos Coldham. Nunca bateu bem da cabeça, pobre idiota.

Agora outros mais vêm correndo ao encontro de Suttis na estrada. Suttis carregando nos braços a pequena menina de barro embrulhada na jaqueta enlameada, na estrada.

Uma menininha totalmente desconhecida, filha de estranhos — tão novinha! — *coberta de lama?*

Em meio ao entusiasmo Suttis recua, estupefato, confuso. Tentando explicar — gaguejando — o Rei dos Corvos que o chamara quando ele estava verificando as armadilhas no rio... Primeiro tinha visto uma boneca, boneca velha de borracha no alagadiço — depois ele tinha erguido os olhos e visto...

Rapidamente a criança de barro que mal respira é tirada dos braços de Suttis. Agora há mulheres — vozes femininas estridentes e indignadas. A criança é levada à casa mais próxima para ser despida, examinada, banhada com delicadeza e vestida em roupas limpas, e na estrada Suttis sente a perda — a criança de barro era *dele*. E agora — a criança de barro tinha sido tirada dele.

Com rispidez perguntam a Suttis onde ele achou a criança. Quem é a criança? Cadê os pais dela? A mãe? O que tinha acontecido com ela?

Suttis se esforça tanto para falar que as palavras saem engasgadas e gaguejadas.

Pouco depois, um veículo do delegado do condado de Beechum chega e freia.

Na estrada Suttis Coldham está tremendo em mangas de camisa, calça enlameada até as coxas e respingos de lama nos braços, no rosto. Suttis tem uma cara estreita doninha como algo espremido num torno e um queixo derretido deixando à mostra os dentes da frente e a lacuna entre os dentes quase grande o bastante para ser um dente faltante, e Suttis está perplexo e animado e tremendo e falando — nunca na vida Suttis tinha sido tão *importante* — nunca tinha chamado tanta *atenção* — como alguém na tevê. Tantas pessoas ao redor, tão de repente! — e tantas perguntas...

Era raro Suttis falar mais que algumas palavras, balbuciadas às pressas para algum familiar, e portanto Suttis não tem como medir a fala — uma cascata de palavras derrama de seus lábios — mas Suttis sabe pouquíssimas palavras e por isso precisa repetir suas palavras, tampouco

Suttis sabe como parar de falar, depois de começar — como correr e escorregar numa rampa íngreme, depois de começar não há como parar. Para a sorte de Suttis uma das observadoras é uma prima Coldham que o identifica — insiste que se Suttis diz que achou a criança no alagadiço, foi lá que Suttis achou a criança — pois Suttis não é do tipo que pegaria uma criança — Suttis é *simples e honesto como uma criança e nunca faria mal, nunca, a ninguém* — *Suttis sempre fala a verdade*.

No carro do delegado do condado de Beechum a menininha sem nome é levada ao hospital a cem quilômetros de distância em Carthage onde afirmarão que ela está sofrendo de pneumonia, desnutrição, lacerações e contusões, choque. Por algumas semanas não há certeza se a menininha sobreviverá e durante essas semanas, e mais um tempo depois, a menininha ficará muda como se as cordas vocais tivessem sido cortadas para deixá-la sem fala.

Castor, rato-almiscarado, marta, raposa e lince e guaxinins ele capturava em todas as estações. Quantos belos animais peludos feridos, destróçados e mortos nas armadilhas dos Coldham, e suas peles vendidas pelo pai de Suttis. E é da criança no alagadiço que Suttis Coldham se lembrará com carinho ao longo da vida.

Na cama em seu sono inquieto, acalenta o xale roxo enrugado que achara na barragem, ainda ostentando um resíduo de sujeira embora o tivesse lavado com cuidado e o alisado com a beirada da mão para colocar debaixo do travesseiro achatado encharcado de suor, em segredo.

Mulher de Barro enfrenta um inimigo. O triunfo da Mulher de Barro.

Março de 2003

Precisa estar preparada. Anda!

Mas ela não teria como se preparar para isso.

“Não queria acusar ninguém.”

O nome dele era Alexander Stirk. Tinha vinte anos. Ele se pronunciava com formalidade e coragem. Pois sua boquinha afetada de criança havia sido chutada, lacerada e ensanguentada. O olho bom que lhe restava — o outro estava fechado devido ao inchaço, arroxeadado grotescamente como uma fruta podre — estava fixo em M.R. com uma intensidade hipnótica como se a desafiasse a desviar o olhar.

“Apesar de eu ter, como a senhora sabe, presidente Neukirchen — inúmeros inimigos aqui no campus.”

Presidente Neukirchen. Com um respeito tão exagerado esse nome foi proferido que M.R. sentiu um quê de mal-estar — *Ele está zombando de mim?*

M.R. concluiu que não, não era possível. Alexander Stirk não podia ter confundido a atenção que ela lhe dedicara com algo além de *solidariedade*.

Parte da cabeça dele estava enfaixada, o visual lembrava um turbante inclinado. Os óculos de armação de arame estavam tortos sobre o nariz por causa da atadura e havia uma rachadura finíssima na lente esquerda. Com a fraca voz injuriosa de quem acusa uma pessoa mais velha de uma mágoa obscura, ele falava devagar, com ponderação. Pois tinha uma queixa genuína, fora martirizado por suas crenças. Entrara mancando na sala da presidente, usando uma única muleta de alumínio que agora estava encostada na quina da frente da mesa da presidente num gesto de indiferença.

M.R. se compadecia de Stirk — ele era tão *pequeno*.

“Isto é — presidente Neukirchen — existem muitos indivíduos tanto do corpo discente da graduação como da pós-graduação — e também membros do corpo docente — que se definiram como ‘inimigos’

especificamente de Alexander Stirk bem como ‘inimigos’ do movimento conservador no campus. A esta altura a senhora já sabe o nome deles, ou deveria saber — o professor Kroll se incumbiu disso, eu acho.”

Kroll. M.R. sorriu um pouco mais, sentindo o sangue subir às faces.

“Dentre esses autodenominados ‘inimigos’ não sou capaz de avaliar quantos realmente desejam o mal de ‘Alexander Stirk’, à parte o abuso verbal de sempre. Nem quantos, dentre esses, se envolveriam ativamente no ato de me fazer mal.”

Stirk sorriu com uma afável franqueza. Ou pretensa franqueza. M.R. sorriu de forma mais dolorida.

Tinha convidado Stirk à sua sala, para conversar com ela em particular. Queria que o rapaz soubesse como estava preocupada com ele, e como estava indignada em nome dele. Queria que o rapaz soubesse que, como presidente da Universidade, estava *do lado dele*.

A agressão acontecera no campus da Universidade havia apenas duas noites, por volta das 23h40. Voltando — sozinho — pois Alexander Stirk estava frequentemente sozinho — à sua residência estudantil em Harrow Hall, Stirk tinha sido açoitado numa passarela pouco iluminada junto à capela por vários indivíduos — ao que parecia, também alunos de graduação; em meio à confusão e ao pavor ele não viu seus rostos com clareza — não com clareza suficiente para identificá-los — mas ouvira vozes ríspidas zombeteiras — “bicha” — “bicha fascista” — e era destrambelhadamente empurrado e jogado contra a parede de tijolos da capela — o nariz sangrando, a órbita do olho direito quebrada, lacerações na boca, tornozelo esquerdo torcido quando foi atirado no chão. A mochila de Stirk tinha sido puxada de seus ombros com tanta força que o ombro esquerdo quase se deslocou, e ficou muito machucado; o conteúdo da mochila fora despejado no chão — panfletos que ostentavam a heráldica águia americana de olhar feroz da YAF — (Young Americans for Freedom) — se espalharam e voaram pelo gramado da capela coberto por uma leve camada de neve.

Evidentemente, a segurança do campus não estava ciente da briga. Ao que constava, ninguém tinha ido ao socorro de Stirk nem depois que fora deixado semiconsciente no chão. M.R. achava difícil acreditar, ou compreender — mas Stirk insistia. E a atitude mais sábia a esta altura era não desafiá-lo.

Pois Stirk já tinha sido entrevistado pelo jornal do campus numa floreada matéria de primeira página. Reclamara amargamente de “tratamento inescrupuloso” — de que várias testemunhas do ataque, nas proximidades da capela, haviam ignorado seus pedidos de ajuda como se por saberem que a vítima era *ele*.

Alexander Stirk tinha certa reputação na Universidade por emitir abertamente suas opiniões conservadoras. Tinha um programa de meia hora semanal na estação de rádio do campus — *Instantâneos* — e uma coluna opinativa quinzenal no jornal do campus — “Stirk Ataca”. Estava no último ano dos cursos de política e psicologia social, era de Jacksonville, Flórida; era excelente aluno, responsável pelo diretório local da YAF e membro ativista do Conselho de Vida Religiosa da Universidade. Quando palestrantes liberais de renome como Noam Chomsky se apresentavam na Universidade, Stirk e seu bando ruidoso de confederados inevitavelmente eram vistos fazendo piquetes no auditório antes da palestra e, durante a preleção, interrompendo o palestrante com perguntas importunas. A maior preocupação de Stirk parecia ser, numa atitude estranha para um rapaz, o aborto: se opunha terminantemente a toda e qualquer forma de aborto e se opunha mormente a qualquer subsídio governamental ao aborto.

Mas também se opunha a preservativos gratuitos, contracepção, “educação sexual” em escolas públicas.

Foi assim, era evidente, que Stirk havia instigado uma oposição raivosa no campus, inclusive um bombardeio de e-mails “ameaçadores”, alguns dos quais ele entregara às autoridades. Tinha sido, segundo ele mesmo relatara, “insultado” — “xingado de tudo que era nome” — ouvido que devia “calar aquela boca de onde só saía merda”; mas até aquela noite nunca tinha sido alvo de agressão física. Agora, ele dizia, estava “temendo seriamente” pela própria vida.

Ao fazer esse comentário, a voz de Stirk tremeu. Sob a atitude arrogante — a postura de um graduando muito inteligente cujo domínio da linguagem era de fato impressionante — parecia haver um menino assustado.

M.R. garantiu cordialmente a Alexander Stirk — ele não tinha nada a temer!

Vigias da Universidade haviam sido incumbidos de seu andar na Harrow Hall e o acompanhariam até as aulas caso desejasse. Aonde quer que

quisesse ir depois do anoitecer — um vigia lhe daria cobertura.

E quem quer que o tivesse agredido seria apreendido e expulso da Universidade — “Isso eu prometo”.

“Presidente Neukirchen, obrigado! Gostaria de acreditar na senhora.”

Stirk falava com o mais brando dos sorrisos — a não ser que fosse um sorriso malicioso. M.R. tinha a incômoda sensação de que o rapaz que entrara em sua sala mancando se dirigia a uma plateia cuja presença não era visível, como um ator muito pouco à vontade em um filme. Surgiu — e sumiu — e de novo surgiu — aquele sorriso dissimulado, fugaz demais para ser identificado de forma clara. Para esse encontro com a presidente Neukirchen, Stirk usava um casaco esportivo de cotelê verde-escuro com botões de couro que parecia ser um pouco maior do que devia; usava uma blusa branca de algodão abotoada até o pescoço e calça de flanela com vincos marcados. Fora o olho e a boca pavorosamente inchados, Stirk tinha ares de criança insolente, perspicaz, precoce, há tempos o predileto dos mais velhos. Dava quase para imaginar que os pés — pés pequenos e delicados, em tênis brancos que iam até o tornozelo — não tocavam o chão.

Como Stirk parecia estranho aos olhos de M.R.! Não apenas por si mesmo mas também pelo sentimento intenso que ela tinha por ele, que era bem distinto de qualquer sentimento que já houvesse vivenciado, tinha certeza, naquela sala de pé-direito alto com lambris de nogueira escura, austero piso de madeira de lei e iluminação sombria emanada de má vontade pela meia dúzia de janelas estreitas e compridas. A sala presidencial no primeiro andar do “histórico” Salvager Hall — mobília antiga de couro preto elegante, enorme mesa de cerejeira do século XVIII, lareira de mármore travertino com cães reluzentes de latão e prateleiras embutidas de alto a baixo com livros — livros raros — livros que não eram lidos havia muito tempo, intocados — atrás de portas de vidro resplandecentes — tinha ares de ambiente de museu, preservado com perfeição. Visitantes dessa sala reagiam à altura, até mesmo graduados ricos, doadores — o retrato acima da cornija da lareira, de um cavalheiro de testa sobriamente enrugada mas com uma peruca ligeiramente rubefaciente do século XVIII que era tão parecido com Benjamin Franklin que as visitas sempre questionavam, e M.R. era obrigada a explicar que era Ezechiel Charters, fundador da Universidade — isto é, o sacerdote presbiteriano fundador do seminário, em 1761, que depois seria a

Universidade — de fato era contemporâneo de Franklin, mas de jeito nenhum seu amigo.

O reverendo Ezechiel Charters era meio que defensor do partido conservador do Reino Unido nos anos tumultuados que precederam a Revolução. Seu destino nas mãos de uma turba de patriotas locais teria sido fatal não fosse a “intervenção divina” que acreditava ter ocorrido — o laço que o estrangulava se rompeu — e portanto o reverendo Charters sobreviveu e se tornou federalista, como muitos de seus compatriotas conservadores.

Federalista e até certo ponto “liberal” — como constaria da lenda da fundação da Universidade.

Entretanto, Alexander Stirk não se impressionara com toda essa atmosfera histórica. Agressivo, mancara sala da presidente adentro com sua muleta barulhenta, se abaixara com cuidado ostensivo ao se sentar na cadeira diante da mesa da presidente, olhara ao redor semicerrando os olhos e dando um sorriso afetado como se a luz anêmica vinda das janelas compridas fizesse doer seus olhos machucados, e murmurara:

“Bom! Esta é uma honra inesperada, presidente Neukirchen.” Se falava de modo irônico, a presidente Neukirchen, ao estilo daquelas pessoas mais velhas que cercam os jovens um pouquinho insolentes, não pareceu ter notado a ironia.

Pois M.R. estava estranhamente — fortemente — fascinada pelo garoto. Havia algo devoto e retardado e contudo comovente nele, até na semi-insolência de seu rosto, como se, sem querer, fosse o portador de uma doença sem diagnóstico.

“Os policiais ficavam perguntando — eu conseguiria identificar meus agressores? — e eu falei para eles que achava que não, fui atacado por trás e não vi direito a cara deles. Ouvi as vozes — mas...”

M.R. tinha perguntas a fazer a Stirk, mas não o interrompeu enquanto continuava o relato da agressão. Ela ponderava que a maioria dos indivíduos que iam à sua sala para se sentar na poltrona parruda de couro preto à frente de sua mesa queria algo dela — queria lhe fazer algum pedido — ou tinha alguma queixa a lhe fazer — ou queria se queixar dela — como presidente da Universidade; a maioria deles, M.R. teria de decepcionar de algum modo, mas não de um modo que pudesse ser interpretado como indiferente. Desinteressado. Pois era esse o (possível)

ponto fraco de M.R. Neukirchen como administradora — ela *se interessava*.

Não era quacre. Não era quacre praticante. Mas a benigna abnegação quacre — a preocupação com a “transparência” — e com o bem-estar público mais do que com o individual — tinha se espalhado em sua alma fazia muito tempo.

Só o que importa — importa de verdade — é fazer o bem aos outros. No mínimo, não lhes fazer mal.

E, sendo assim, M.R. não quis questionar com rigor o garoto ferido, nem mesmo para entrevistá-lo como a polícia fizera no pronto-socorro; não achava que seu papel era, nesse momento crítico, oferecer algo além de um amparo, um consolo.

Logo depois que a notícia foi divulgada, boletins enviados por e-mail a todo o corpo docente e aos funcionários da Universidade, houve, dentre os docentes mais céticos da ala esquerdista, certa dúvida a respeito da veracidade da história de Stirk. E dentre os alunos que conheciam Stirk, que não eram solidários à sua posição política, houve mais do que apenas desconfiança.

Mas M.R., que era conhecida no campus como *a amiga dos alunos*, não se aliaria a eles.

E portanto — vendo Stirk de perto, os ferimentos bastante reais e obviamente dolorosos do garoto, inclusive a órbita ocular quebrada, M.R. não estava disposta a ser cética.

Ou melhor — ela aprendera tal técnica em seus primeiros anos como administradora —, seu ceticismo tinha sido levemente rechaçado, suspenso, como um balão que leva um tapinha para ganhar impulso até o outro canto da sala.

“É claro, a Universidade vai investigar a agressão. Convoquei um comitê emergencial, e eu estarei lá *ex officio*. Quem tiver feito esta coisa terrível contra você será apreendido e expulso, eu prometo.”

Stirk riu. A boquinha ferida se contorceu em um escárnio educado.

“Melhor ainda, presidente Neukirchen, a polícia municipal vai investigar. Quem me atacou cometeu um crime doloso, não um delito sob jurisprudência do campus. Haverá *prisões* — não meras *expulsões*.” A voz fina de menino tornou a adquirir um tom grave, com uma espécie de exaltação contida. “Haverá *processos*.”

Processos foi pronunciado de um jeito que faria um administrador estremecer. Mas a presidente Neukirchen não teve uma reação exagerada.

M.R. tinha vaga ciência, antes da agressão, do graduando polêmico — no mínimo do nome “Stirk”. Nos últimos meses tinham-na deixado a par do movimento conservador no campus, que vinha ganhando forças e influência desde os ataques terroristas de 11 de Setembro até a véspera, no início de março, da “ação militar” contra o Iraque, que se esperava que fosse ordenada pelo presidente dos Estados Unidos dali a uns dias.

Não podia ser acidente, Alexander Stirk havia se declarado veementemente a favor da guerra contra o Iraque, bem como contra todos “os inimigos da democracia cristã”. O desejo de travar guerra como uma cruzada religiosa fazia parte da campanha conservadora por uma integridade pessoal mais rígida.

Antes de cada guerra da história americana, campanhas similares tinham ocorrido na imprensa livre — em geral, charges políticas demoníacas e degradantes pintando o “inimigo” como subumano, bestial. A campanha contra Saddam Hussein vinha sendo empreendida desde outubro, escalando até chegar ao auge na programação dos canais de notícias em tempo integral da tevê a cabo — Fox, CNN. Era uma espécie de tragédia farsesca o fato de que a mentalidade assassina do governo republicano liderada por Cheney e Rumsfeld tivesse como antítese ideal a mentalidade assassina do ditador iraquiano Saddam Hussein. A não ser pela possível morte de centenas de milhares de inocentes, esses adversários dementes se mereciam.

Era perturbador se dar conta de que o movimento estudantil conservador não parava de ganhar terreno nos campi americanos naqueles primeiros anos do século XXI. Até em universidades particulares mais antigas como essa, mais célebres do ponto de vista histórico, que tradicionalmente tinham uma mentalidade mais liberal.

No vocabulário hostil de Alexander Stirk e de seus compatriotas — *tendência esquerdista*.

“Eu falei para os policiais da cidade, e vou dizer publicamente à senhora, presidente Neukirchen — eu não acho que devo tentar identificar meus agressores apesar de ter ideia de quem foram alguns deles.” Stirk se calou para tirar um lenço do bolso da jaqueta, que desdobrou e passou no olho machucado, onde lágrimas brilhantes se formavam. Falava com um cuidado exagerado, como se não quisesse ser incompreendido.

Estava claro para M.R. — era inequívoco! — que Stirk se expressava com um ar de sarcasmo adolescente, talvez na esperança de provocá-la.

Não tinha acontecido muitas vezes, na carreira acadêmica de M.R., estudantes se dirigirem a ela de maneira desrespeitosa. Na verdade, talvez nenhum estudante tivesse agido assim — até então. E portanto não estava habituada à experiência — não sabia muito bem como reagir, ou se devia reagir. No peito ela sentia uma pontadinha aguda de — seria mágoa? Desgosto? Seria *raiva*? Por Alexander Stirk, com quem ela pretendia fazer amizade, não estar exatamente encantado com a presidente Neukirchen.

De forma ainda mais audaciosa — provocadora — Stirk declarava: “Francamente posso lhe dizer — e tenho certeza de que a senhora dificilmente repetiria isso — presidente Neukirchen — quando fui atacado, tive impressões borradas de rostos — e talvez — a impressão de um rosto só — ou de mais de um — de uma ‘pessoa de cor’.” Stirk se calou para deixar que esse contragolpe fosse absorvido, com uma expressão ao mesmo tempo taciturna e acusatória. Em seguida, como se ele e a presidente Neukirchen estivessem totalmente de acordo sobre alguma questão de inigualável melindre, ele prosseguiu piamente: “Mas — como cristão — como católico — e libertário — por princípio não creio que seja justo — com o sentido de *justiça* — correr o risco de acusar um indivíduo inocente, ainda que com isso deixe os culpados à solta. Não é um princípio que faça sentido para o pessoal a favor do aborto — que não dá qualquer valor à vida humana embrionária — mas trata-se de um princípio muito estimado pela YAF.”

A favor do aborto? Vida humana embrionária? O que isso tinha a ver com Stirk ter sido agredido, M.R. não sabia muito bem. Mas sabia bem que não devia morder a isca.

“Bom. Mesmo depois de ter sido derrubado no chão, chutado e humilhado e ameaçado — ‘Se não parar de falar merda, você vira presunto, sua bicha’” — a voz infantil de Stirk adquiriu um tom mais grave e rouco ao reiterar essas palavras afrontosas — “ninguém apareceu para me prestar socorro. Em poucos segundos todas as testemunhas já tinham sumido de cena — aos risos — eu escutei as risadas deles — e quando um bom samaritano alertou a segurança do campus no escritório que fica atrás do Salvager Hall, eu já tinha conseguido me levantar e ir cambaleando para a rua e — *fora do campus* — um motorista de passagem me viu e se apiedou de mim.”

Motorista de passagem. A expressão comoveu M.R. de um jeito esquisito.

Como quem já contou uma história inúmeras vezes, embora na verdade Stirk não pudesse ter contado essa história inúmeras vezes, o graduando ferido e arrebatado relatava como recebera ajuda para entrar no carro do *motorista de passagem* e fora levado ao pronto-socorro do hospital da cidade — “O cidadão não se importou se o interior do carro ficaria ensanguentado, graças a Deus” —, onde fez raios X e seus ferimentos foram tratados e a polícia municipal foi chamada — “Já que não foi acidente, e sim um ataque brutal” — e foi entrevistá-lo; quando estava se sentindo um pouco mais forte Stirk telefonou para o professor Kroll, seu orientador no curso de política, também orientador acadêmico do diretório local da Young Americans for Freedom, em cuja casa Stirk estivera antes da agressão.

Estranho, M.R. ponderou, que Stirk não tivesse ligado para a família em Jacksonville. Stirk fora inflexível, o decano estudantil não podia contatar seus familiares sem que ele autorizasse.

Enquanto outrora a universidade era obrigada legalmente a ser *in loco parentis*, agora a universidade era proibida de assumir qualquer tipo de responsabilidade paternal que não especificamente concedida por cada aluno.

Enquanto outrora a universidade poderia ser processada por não se comportar como um pai protetor, agora a universidade poderia ser processada por se comportar como um pai protetor, até mesmo contra o desejo de um calouro de dezoito anos.

“Sabe quais foram as primeiras palavras que o professor Kroll me disse, presidente Neukirchen? — ‘Então quer dizer que começou. A nossa guerra’.”

A nossa guerra! Típico de Oliver Kroll — transformar algo pessoal em político. Fazer do dolorosamente específico algo emblemático, impessoal. Pois *a nossa guerra* indicava uma divisão de lealdades nacionalistas e internas ao campus bem como indicava *a nossa guerra* que logo seria deflagrada contra o Iraque.

De alguma forma, a política do campus havia se entrelaçado com questões tais como aborto, promiscuidade sexual e embriaguez no campus; o patriotismo era medido pelo fervor com que alguém defendia “fronteiras fechadas” — “Guerra contra o Terrorismo” — a necessidade de “ação

militar” no Oriente Médio. M.R. tinha acompanhado relativamente pouco disso na Universidade porque andara ocupada com outros assuntos, aparentemente mais urgentes.

Com orgulho Stirk dizia à presidente Neukirchen que, embora já passasse da meia-noite quando deu o telefonema, Oliver Kroll foi ao pronto-socorro na mesma hora. Lá, o professor Kroll ficara “perplexo” ao ver as feridas de Stirk — “enojado” — “furioso”. O professor Kroll insistira em falar com os policiais municipais, informando-lhes das ameaças que vira com os próprios olhos que Stirk tinha recebido de “fontes da esquerda radical” da Universidade, em protesto às opiniões declaradas de Stirk sobre política e moralidade. Para ser mais específico, na semana anterior à agressão, Stirk tinha discutido tanto no programa de rádio como na coluna de jornal uma situação “para lá de abominável, indescritível” que ocorrera na Universidade — o “segredo que todos sabiam” de que uma aluna de graduação tinha feito um aborto no terceiro trimestre de gestação na clínica de Planejamento Familiar da Filadélfia. Stirk tinha furtivamente — perigosamente — chegado bem perto de “dar nomes, apontar culpados” — e por isso recebera um novo bombardeio de “mensagens de ódio” e “ameaças”.

M.R. ficara consternada quando um dos funcionários de sua equipe lhe trouxe o jornal estudantil para lhe mostrar a coluna de Stirk, repleta de insinuações e acusações como uma coluna de fofocas. Embora o jornal estudantil fosse basicamente uma publicação liberal do ponto de vista político, os editores acreditavam na “diversidade de expressão” — “controvérsia”. Não houvera nenhuma tentativa de censurar nem de sequer influenciar publicações estudantis na Universidade havia pelo menos cinquenta anos — tais publicações eram determinadas pelos alunos. M.R., assim como a maioria dos docentes, tinha apenas uma vaga noção da coalizão politicamente conservadora/evangélica recém-convertida da Universidade, que buscava converter pessoas à causa. A coalizão era formada por uma minoria de estudantes, provavelmente menos de cinco por cento do corpo discente, mas havia se tornado uma minoria muito ruidosa e fervorosa em desacordo com a atmosfera liberal predominante, e não melhorava a situação o fato de que alguns dos alunos cristãos, como Alexander Stirk, pareciam cortejar o martírio — no mínimo, a atenção pública resultante do martírio.

Acima de tudo, M.R. se incomodou com a rudeza da coluna “Stirk Ataca”, com seu título provocativo “Liberdade de escolha (para quem?)”, e, em negrito, a rima zombeteira do primeiro parágrafo:

É MENTIROSA A LIBERDADE DE ESCOLHER!
BEBÊ NENHUM QUER MORRER!

Intruso, o pensamento passou pela cabeça de M.R. — *Minha mãe queria que eu morresse.*

Mas que horror era uma coisa dessas, e num jornal estudantil! Não era de se estranhar que Stirk tivesse atraído o que chamava de mensagens de ódio. Não era de se estranhar a existência de alunos de graduação que guardavam rancor dele, que o ridicularizavam. Se Stirk era gay — e parecia que Stirk era —, essa “gayzice” não tinha nada a ver com suas opiniões conservadoras, na verdade pareceria contradizer o conservadorismo convencional — o que teria feito de Alexander Stirk um sujeito incomum, talvez, e corajoso. Mas nessas questões que despertavam emoções fortes como uma tempestade de areia, não havia tempo para nuances ou sutilezas; não havia tempo para observar paradoxos de personalidade.

Era penoso para M.R. e seus colegas (de mentalidade liberal) que os conservadores do campus, num arremedo dos conservadores espalhados pela América desde os anos triunfais de Reagan, tendessem a negligenciar sutilezas. Suas estratégias de oposição eram antagônicas, confrontadoras — feias. Suas estratégias eram, nas palavras deles mesmos, *pular na jugular*.

Na primeira vez em que M.R. viu Oliver Kroll, assim que fora contratada pela Universidade para lecionar filosofia moral, Kroll era menos veemente em seu envolvimento no movimento conservador; M.R. tinha lido os ensaios de Kroll sobre a história do libertarismo americano, publicados em periódicos de prestígio como o *American Political Philosophy*, e ficara impressionada. Pois havia ali uma perspectiva muito diferente da sua, defendida com inteligência e de forma convincente. M.R. nunca se sentira confortável perto de Kroll — tanto por razões políticas como particulares — mas admirava seu trabalho e, até certo ponto, o que agora era penoso recordar, tinham sido amigos — ou mais que amigos, por um breve período; desde então, Kroll havia se tornado um consultor (bem pago) do governo republicano em Washington e virado um grande aliado do porta-voz conservador mais famoso — ou notório — da Universidade, G. Leddy Heidemann, um especialista em “islã fundamentalista” que

segundo os boatos estava intensamente envolvido nos preparativos (secrets) para a invasão do Iraque, e era confidente do Secretário de Defesa Donald Rumsfeld. Kroll e Heidemann eram muito malquistos na Universidade pela maioria dos colegas mas tinham admiradores dentre um sem-número de alunos, em geral da graduação.

M.R. achava isso tudo incômodo e repugnante — como qualquer administradora, ela temia por sua autoridade, ainda que se acreditasse uma administradora pouco interessada em “autoridade” — era o fato de ser especial que tornava M.R. uma presidente competente, um ar de afabilidade imparcial diante de todos.

Contudo, lhe era inquietante que em setores crescentes da imprensa livre, assim como em seu próprio campus, a palavra *liberal* tivesse virado uma espécie de indecência cômica, que não devia ser murmurada sem um sorriso afetado.

Como “intelectualoide” — a calúnia grosseira, vulgar que fora usada para depreciar Adlai Stevenson na malfadada eleição presidencial de 1956. Como se defender de tal — acusação? Até mesmo tentar refutá-la era ser maculado por ela, ser alvo de ridículo.

“Portanto, presidente Neukirchen...”

Com sua voz de reprovação dissimulada e acusação devota Stirk continuava seu relato da agressão e de suas consequências. Ao longo de vinte minutos ficou falando basicamente sem parar, como se declamasse seu drama para uma vasta audiência televisiva em que M.R. fosse a única ouvinte. Com uma audácia digna de nota — como se entendesse como estava intimidando a presidente da Universidade — ele se calou para encostar o indicador nos lábios.

“Me pergunto, presidente Neukirchen — a senhora já ouviu meu programa de rádio — *Instantâneos*?”

“Sinto dizer que não.”

“Mas eu imagino — eu espero — que a senhora já tenha visto minha coluna no jornal do campus — ‘Stirk Ataca’?”

“Sim. Já vi sim.”

“As colunas também são publicadas on-line. Portanto meu ‘reinado’ não é formado só por este campus.”

Stirk estava falando no tom de voz que usava no rádio, M.R. supôs — um barítono forçado incompatível com o corpo de ossatura pequena e

aparentemente desprovido de músculos. *Tão pequeno. Como seria fácil machucá-lo.*

A cabeça enfaixada de Stirk — a testa bastante estreita que parecia ter sido espremida em um torno, e o queixo fraco, derretido... Os olhos eram o traço mais gracioso de Stirk apesar de estarem roxos e feridos, e M.R. via neles tanto insolência como anseio, desespero.

Me ame! Me ame e me ajude por favor meu Deus.

O apelo que jamais seria pronunciado.

Sem sua postura arrogante, assim como sem as roupas, como Stirk ficaria indefeso! Um sujeitinho andrógeno, completamente vulnerável. M.R. o imaginou adolescente, ou criança — intimidado pelos garotos maiores, induzido a se sentir inferior, insignificante. No mundo em que ela crescera, no norte de Nova York, ao sul das Adirondacks, um menino como Alexander Stirk não sobreviveria.

Para ela era tocante, um gesto de coragem absoluta, ou ousadia — ele ter se declarado “gay” de maneira tão aberta. Só que a “gayzice” de Stirk parecia também uma espécie de disfarce, de artimanha; uma provocação e uma máscara por trás da qual se esconder.

Agora Stirk revelava a M.R. que tinha feito uma lista de nomes que ainda não tinha entregado à polícia — uma lista que o professor Kroll o ajudara a preparar — “Não só de alunos mas também de docentes. Uns nomes surpreendentes.” Planejava dar a lista ao comitê da Universidade que investigava a agressão — mas não estava seguro “por enquanto” quanto a dar a lista para a polícia.

O que era maravilhoso na agressão — ironicamente! — era o fato de que vinha recebendo tanto apoio de pessoas “do país inteiro” — “uma efusão de solidariedade e indignação”. No último dia, mais ou menos, recebera propostas de advogados “de nível internacional” que se ofereciam para representá-lo em processos contra os agressores e contra a Universidade por não o ter protegido... O *Washington Times*, a Young America Foundation e o canal a cabo Fox News o haviam contatado pedindo entrevistas...

M.R. estremeceu ao saber disso. É claro — a imprensa conservadora não perderia a oportunidade de entrevistar um de seus representantes martirizados.

Era preocupante pensar que um incidente no campus da Universidade pudesse ganhar tão rapidamente a consciência global — “ciberespaço” —

e ser reproduzido — amplificado — milhares de vezes! M.R. começava a se sentir fraca. Pois a situação vinha se tornando uma espécie de controvérsia no campus, serpenteando sem parar como água de esgoto emergindo numa enchente repentina, que M.R. sabia que precisava evitar; M.R. tinha presumido que, com boa vontade, bom senso, trabalho duro e *sinceridade* conseguiria evitá-la. Não tinha presumido que, caso conversasse com o menino agredido pessoalmente, e a sós — isso faria diferença?

Leonard Lockhardt e outros funcionários haviam recomendado com veemência a M.R. que não conversasse com Alexander Stirk a sós — mas M.R. insistira: não era o tipo de presidente de universidade que se distanciava dos alunos, era exatamente o tipo de administradora conhecida por se importar com cada indivíduo. Esperava que conversando com Stirk com calma, em particular, pudesse se aproximar dele, e entendê-lo; pudesse — ah, seria mera vaidade? — ingenuidade? — *impressioná-lo com sua sinceridade, e conquistar a confiança dele.*

Ficar amiga dele.

O telefonema fora recebido tarde da noite — muito tarde — 2h da madrugada —, quando M.R. tinha acabado de ir para a cama e estava deitada, insone, em meio ao zumbido de seu cérebro como um enxame de abelhas — insone sozinha na cama presidencial no quarto presidencial na residência presidencial que era um edifício “histórico” na parte mais antiga, “histórica” do campus da Universidade — tinha acabado de sair de seu escritório em casa, acabado de desligar o computador e esperava dormir pelo menos algumas horas antes de despertar às 7h para encarar um longo dia — todos os dias úteis eram longos — a ser percorrido com pique, com otimismo, com esperança — como uma pista de esqui, uma pista de esqui bem longa, cujo fim não era visível do topo.

Nada tão lindo e tão emocionante quanto esquiarmontanha abaixo — para quem tem habilidade.

O telefone tocando, às 2h — para ser exato, 2h04 — e M.R. o atendera com apreensão, pois era claro que a essa hora só poderia ser notícia ruim — uma ligação para a linha particular da presidente, que não constava da lista — um número que poucas pessoas tinham — a voz desesperada do chefe de segurança da Universidade lhe informando a novidade chocante...

Meu Deus! Como ele — qual é a gravidade dos ferimentos?

Sabem quem foi que o atacou? Foram — alunos?

Pareceria a M.R. que uma luz forte, cegante havia se espalhado pelo quarto e pela paisagem noturna do outro lado da janela. No mesmo instante ficou totalmente desperta — hiperdesperta. Ficaria ao telefone, ou perto dele, por horas.

Pensando *Que insensatez! Não estou preparada para isso.*

No entanto perseveraria. Faria o que fosse possível. Muito aliviada porque o estado do menino não era crítico — grave; decidindo por impulso dirigir até o hospital, para vê-lo, às 6h20, na neve molhada açoitada pela ventania.

O hospital ficava a pouco mais de um quilômetro e meio da residência presidencial. Da última vez que M.R. tinha ido até lá, visitara uma colega de idade mais avançada, uma mulher que fizera um cirurgia de câncer de mama.

Antes disso, um colega que não era mais velho, que passara por uma cirurgia de câncer de próstata.

Ambos haviam se recuperado, ou era nisso que M.R. tinha sido levada a acreditar.

Não contaria a ninguém da Universidade sobre esse imprudente ato matutino — ninguém de sua equipe, nenhum confidente ou amigo. Sem dúvida a ninguém do conselho da Universidade que lhe recomendava cautela em todas as questões que pudessem abranger publicidade. E sem dúvida não a seu amante (secreto) para quem a aventura toda de M.R. na presidência da Universidade era uma fantasmagoria implausível, com um quê de loucura, vaidade, ingenuidade.

O porquê disso M.R. não entendia muito bem. Talvez porque a presidência, mais até do que a carreira acadêmica brilhante de M.R. Neukirchen, fosse tão exótica aos olhos dele e o excluísse por completo.

Numa bruma de empolgação alimentada pelo estresse insone das últimas horas, M.R. foi até o hospital e estacionou diante da sala do pronto-socorro, com suas luzes fortes, nos fundos do prédio, e entrou correndo ofegante e apreensiva — uma mulher alta de olhar aflito perguntando se um jovem aluno da Universidade chamado Alexander Stirk ainda estava lá, e se poderia vê-lo...

A essa altura, Stirk já tivera alta. Deixara o hospital acompanhado de um indivíduo que M.R. teve de presumir que fosse Oliver Kroll.

“Ah, entendi! E ele está — como é que ele está?”

Um jovem médico indiano fitava M.R. com o olhar confuso. Quem era aquela mulher? Qual era sua relação com Stirk?

M.R. se apresentou. E viu no olhar surpreso do médico que sim, foi meio que um incidente por si só, algo digno de nota, de que se devia falar, que a presidente da Universidade tinha corrido ao pronto-socorro antes do amanhecer para ver o graduando espancado.

Com um sorriso cortês, o médico disse a M.R. que acharam que Alexander Stirk estava bem o suficiente para sair do pronto-socorro e que ele lhe diria o que queria que ela soubesse a respeito de seu estado clínico — melhor perguntar a ele.

M.R. foi embora repreendida. M.R. foi embora *aliviada*.

Pois tinha sido um ato impetuoso, ir ao hospital. Perguntava-se se teria sido um ato tolo.

O conselheiro da Universidade Leonard Lockhardt desaprovava. Esse sujeito que a presidente Neukirchen herdara do astuto predecessor e cuja recomendação geral à nova presidente da Universidade era *cautela*.

Estamos numa época litigiosa, não se esqueça! E esta Universidade é conhecida por ser muito rica.

Porém Leonard Lockhardt jamais saberia que M.R. tinha ido ao hospital antes do amanhecer. Ninguém ficaria sabendo, nem mesmo Alexander Stirk.

Naturalmente, Lockhardt tinha aconselhado M.R. a não conversar com o volátil rapaz em particular. M.R. insistira em conversar com Stirk em particular. Lockhardt aconselhara M.R. a não “aparentar que estava tomando partido — precocemente” — e M.R. dissera que era claro que ela tomaria bastante cuidado com o que diria. Acima de tudo, queria simplesmente conversar com o menino, consolá-lo. Pois havia sofrido um choque terrível — fosse seu relato da agressão totalmente verdadeiro ou não, estava ferido. M.R. tinha o desejo de consolá-lo e ela acreditava ter o dever de consolá-lo — já que era aluno da Universidade, Stirk era *aluno dela*.

E portanto M.R. tomou o cuidado de não insinuar que não acreditava na história de Stirk ou que almejava de algum modo defender a Universidade que havia, segundo ele, sido incapaz de protegê-lo.

De cara amarrada Stirk dizia que os inimigos o acusariam de inventar o ataque que haviam feito contra ele. Tinham-no ameaçado de danos piores.

“... Acham que vão me intimidar — me calar. Mas vão ter uma grande surpresa quando...”

M.R. percebia uma mágoa profunda no garoto ferido — uma chaga que era como uma angústia espiritual. Pois sofrera ofensas, e as ofensas não eram recentes.

Difícil acreditar que se tratava de um garoto de vinte anos e não de um menino de quinze ou menos; de perto, Stirk mais parecia uma menina que um menino. Não devia ter nem um metro e sessenta de altura e não devia pesar mais de cinquenta quilos. Devia ter sido muito penoso terminar a escola, sendo tão esperto — agressivamente esperto — e com um corpo tão miúdo; devia ter sido muito penosa sua infância, no primário e no ginásio. Mesmo na Universidade, com rígido nível acadêmico, os esportes eram uma paixão em certos ambientes; os velhos clubes de confraternização e “sociedades secretas” ainda dominavam a vida social dos graduandos... E havia o fator sexual: na adolescência, o fator preponderante.

Embora não tivesse sido assim para M.R. Neukirchen nessa idade! E portanto talvez o desejo sexual tampouco fosse muito predominante naquele menino.

O sentimento sexual — o “desejo” — não parecera tão natural assim a M.R. quanto era nos adolescentes, assim como outras formas de desejo.

De fato parecia que as queixas de Stirk contra a Universidade eram antigas — datavam de sua época de calouro. O que tinha “vindo à tona” na noite em questão já estava “tomando forma, como um abscesso” — a “hostilidade, o ódio” de seus inimigos — a “inveja” que tinham de sua posição no campus e o “rancor esquerdista-liberal” da coalizão conservadora no campus, cujos números cresciam sem parar. M.R. estava decidida a escutar Stirk sem interrompê-lo ou contestá-lo, mas achava complicado acompanhar seu raciocínio, ou suas acusações — a ligação entre a aluna de graduação que (segundo alegações) providenciara um aborto no final da gravidez e outros (segundo alegações) incidentes dentro da Universidade e do diretório local da Young Americans for Freedom — e Alexander Stirk — não estava clara; era bem provável que existissem relações entre alguns desses graduandos sobre as quais ninguém havia falado até então e que não se deviam apenas a opiniões políticas divergentes.

Stirk disse que estava pensando a sério em “conceder” entrevistas, e era claro que pretendia escrever a respeito do incidente, não só para o jornal do campus como na internet e em outros veículos — mesmo antes dos conselhos do professor Kroll. Parecia-lhe crucial — antes que fosse “tarde demais” e “algo ainda pior” lhe acontecesse — “expor à mídia” o “ambiente esquerdista hostil” da Universidade...

Nesse momento M.R. o interrompeu. Embora tentasse não alterar a voz.

Disse que não achava uma boa ideia recorrer à mídia tão depressa, enquanto a agressão era investigada pela polícia e o comitê da Universidade...

“A senhora está ameaçando me censurar, presidente Neukirchen? Me silenciar? Para eu não lhe causar constrangimento?”

Stirk falava com avidez, como se estivesse esperando a objeção de M.R. O olho em bom estado brilhou com uma espécie de euforia doentia, empolgada, e os joelhos dele vibraram e tremeram para os lados como os de uma criança hiperativa que tivesse sido forçada a ficar muito tempo sentada.

“Alexander, é claro que não. Você tem total liberdade para escrever sobre isso — para escrever sobre qualquer coisa — é claro — mas...”

“Mas — o quê?”

M.R. prosseguiu calmamente. Calmamente, apesar da leve tensão, ela sorriu. Na Assembleia Quacre o ideal é *transparência* — *clareza* — a partir da confusão e da discórdia uma *infusão da Luz* prevalecerá. Sem ter analisado a fundo suas crenças M.R. acreditava nisso, ou desejava acreditar.

Não em sua posição analítica/cética de filósofa acadêmica mas em sua posição de professora/presidente, desejava acreditar numa visão da humanidade que evoluía rumo à luz, à verdade, à compaixão, como uma flor gigantesca se abrindo — caso contrário, a compaixão de uma pessoa, bem como sua ingenuidade, seria uma vergonha.

“...Neste momento, enquanto as investigações estão em andamento — não seria mais sábio esperar? Não é uma boa ideia mesmo, como você deve saber — escrever alguma coisa antes da hora. Principalmente se não quiser contar à sua família — sem dúvida seus parentes descobririam e ficariam transtornados...”

Stirk se remexeu na cadeira, animado. Como se M.R. tivesse atirado um fósforo aceso num material inflamável, no mesmo segundo Stirk começou

a falar num gaguejo veloz. “Então o objetivo desta reunião é — censura! Me censurar! Fazer ameaças de contar à minha família — preocupar a minha família! Tipo — isso é tipo — chantagem! Tentar censurar a voz do movimento conservador no campus! Os esquerdistas-liberais já controlam a mídia — vocês já controlam a maioria das universidades — agora vocês estão fazendo pressão para silenciar — censurar — uma vítima. Tentando me censurar — sob o pretexto de me ‘ajudar’...”

“Alexander, por favor! Não há necessidade de levantar a voz. Só estou chamando a atenção para o fato de que...”

“‘Chamando a atenção para o fato de que’ — condutas brutais, imorais são toleradas neste campus — promiscuidade sexual, embriaguez — infanticídio — mas revelar à mídia o que me aconteceu — ‘não é uma boa ideia’?”

A voz de Stirk estava elevada. Stirk estava ao mesmo tempo exasperado e exultante. M.R. ficou estupefata com a explosão súbita.

“Você está — gravando tudo isso? A nossa conversa? É isso o que você está fazendo?” De repente M.R. se deu conta de que era isso.

Porém Stirk balançou a cabeça rapidamente — não. Como se M.R. tivesse se debruçado sobre a mesa para tocá-lo — para tocá-lo de maneira inapropriada — ele estremeceu na cadeira com uma expressão de arrogância, culpa infantil. “Não estou, não. Eu — não estou — ‘gravando’ — a nossa conversa, presidente Neukirchen. A senhora não quer — me revistar? Chamar os seguranças — quem sabe — uma busca pessoal?”

Aos risos Stirk se levantou. Em meio à comoção a muleta de alumínio baqueou contra o chão e Stirk a pegou como se temesse que alguém a roubasse. Perplexa e mortificada M.R. entendeu que, é claro, o rapaz malicioso gravara a conversa entre eles. Havia algum tipo de gravador no bolso daquela jaqueta volumosa de cotelê.

Provavelmente, fora incentivado por Oliver Kroll. Pois esta era a *nossa guerra*, um combate inicial.

O rosto de M.R. ficou vermelho. Esperava não ter falado nenhuma imprudência — dito algo que a incriminasse — no decorrer da conversa. Com um leve pânico se perguntava — os comentários que fez a Alexander Stirk poderiam ser divulgados, publicados na internet? Sem a sua permissão? Não existiam leis que regulavam gravações sem autorização de conversas particulares? A conversa realmente tinha sido particular? Teria a presidente da Universidade algum direito razoável a privacidade,

num diálogo como esse com um estudante? Seu coração doía ao bater e o rosto latejava como se tivesse levado um tapa.

Stirk declarou com impertinência, “E se estiver sendo gravada, presidente Neukirchen? Só estou tentando me proteger — ninguém pode esperar um tratamento justo — ‘justiça’ — por parte dos inimigos. Vou ter que montar meu caso usando as armas que tenho.”

M.R. estava de pé atrás da imponente mesa presidencial. M.R., que jamais tivera a reputação de levantar a voz, de demonstrar aborrecimento ou inquietude, muito menos raiva ou desgosto, fitava o menino de sorriso afetado como se sentisse vontade de bater nele.

“Você não foi ‘agredido’ de verdade — foi? Você inventou o caso todo — você se machucou sozinho — prestou uma queixa falsa à polícia...”

Com veemência Stirk protestou: “Eu *não fiz* isso. Que ousadia, a sua — me ofender — me caluniar! Como a senhora tem a audácia de me acusar de ‘inventar’...”

“Bom — não foi o que você fez? Foi *sim*.”

Nunca antes naquele escritório presidencial austero — nunca em seus meses — anos — de Universidade — M.R. Neukirchen se pronunciara num tom tão impensado, com tamanha impetuosidade; nunca seu rosto havia traído um sentimento tão extremo como o de irritação, muito menos de desgosto, repugnância. O efeito sobre Stirk foi imediato — seu rosto espremido de menino pequeno se contorceu de fúria e num súbito ataque de raiva ele derrubou a cadeira na qual havia se sentado.

M.R. berrou, irada, “Para! Para com isso! Você não é criança!”.

M.R. estremeceu quando Stirk levantou a muleta para bater na mesa, ou nela — ele jogou uma pilha de documentos no chão — uma tigelinha de cerâmica com canetas, cliques — M.R. tentou segurar a muleta para arrancá-la dos dedos de Stirk — Stirk soltou um ganido alto como se ela tivesse lhe dado um golpe — um ganido como o de dor inesperada — “Ai! Cristo! O que é que você está fazendo — *doeu*” — direcionado ao gravador em sua jaqueta de cotelê.

“Mas eu não — eu não...”

“Não o quê, presidente Neukirchen? Me bateu? A senhora não — me bateu?”

Enquanto M.R. o encarava com assombro, o garoto triunfante lhe mostrava a língua. A língua! Nesses segundos ligeiros e irreversíveis a conversa que M.R. acreditava ter sido tão franca se transformou em farsa,

e a presidente Neukirchen era o alvo. Vibrando com a diabrura, Stirk enfiou a muleta debaixo do braço e se virou para mancar sala afora no instante em que a porta era aberta pela secretária da presidente, que ele empurrou para o lado com a muleta, rindo — “Aí a testemunha! Outra mulher! Pode esperar a intimação, moça!”

Claudicando ruidosa e ostensivamente pela antessala do gabinete presidencial, Alexander Stirk se retirou do histórico Salvager Hall com uma sequência de marteladas contra o piso de madeira de lei que por pouco não cedeu.

Então logo seria disparado: não só M.R. Neukirchen tentara “censurar” Alexander Stirk como também havia — numa espécie de “corpo a corpo” no escritório presidencial — batido nele.

Em certas versões da história chocante, ela lhe desferira o golpe com a muleta do próprio graduando ferido.

Devia ter imaginado. Não tinham lhe avisado?

Trata-se de uma guerra. Existem inimigos.

O coração batia em seus ouvidos. Mal escutava o homem que se dirigia a ela, com ares de exasperação mal dissimulada.

Lockhardt era o assessor jurídico chefe da Universidade havia mais de trinta anos. Os presidentes da Universidade o herdavam quando herdavam a sala presidencial — a mobília ascética e os livros encadernados em couro, o retrato do carrancudo reverendo Charters acima do consolo da lareira. A postura de Lockhardt era desbragadamente aristocrática — praticamente não marcava presença na consciência do corpo docente da Universidade mas sua presença era essencial para o conselho administrativo, que o enxergava como o principal conselheiro do presidente, ao lado de quem o presidente parecia apenas um mercenário temporário e conveniente.

Antes de assumir o cargo, M.R. achava que poderia incentivar Leonard Lockhardt a se aposentar e contratar para o posto dele um advogado mais jovem, de sua geração e que compartilhasse suas convicções liberais, mas assim que se tornou presidente M.R. se deu conta de que precisava do sujeito, de sua experiência, da influência que tinha sobre os administradores e “grandes” doadores. Ele havia se formado em Estudos Clássicos pela Universidade em 1955 e depois estudara Direito em Harvard e, assim como a maioria dos diplomados de sua geração, ele se

opusera à nomeação de uma mulher para ocupar a presidência da Universidade, embora M.R. não devesse saber disso.

Ele era solteiro. As bochechas magras e compridas eram barbeadas com esmero e ele emanava uma etérea alegria assexuada em qualquer clima. Usava ternos feitos sob medida na Bond Street, em Londres, camisas de manga longa de linho e algodão, gravatas-borboleta. *Não dá para confiar em homem que usa gravata-borboleta*, o pai de M.R., Konrad Neukirchen, costumava dizer, mas M.R. não tinha alternativa, precisava confiar no assessor jurídico chefe cujo cabelo grisalho cada vez mais ralo era penteado em redemoinhos que pareciam asas surgindo do alto da testa. Na lapela do terno risca de giz de Leonard Lockhardt havia a insígnia de cobra dourada do clube de confraternização mais seletivo da Universidade, do qual era membro durante a graduação e que impedia a filiação de todas as categorias de indivíduos exceto caucasianos cristãos heterossexuais de “boas” famílias até, a contragosto, meados dos anos 1980.

M.R. esperava ficar tão amiga de Lockhardt a ponto de poder lhe sugerir de forma bem casual que não era uma boa ideia continuar usando o broche daquele clube de confraternização na Universidade e Lockhardt entender e parar de usá-lo nessas circunstâncias. Mas essa intimidade ainda não tinha sido conquistada e, no final do inverno de 2003, M.R. já tinha compreendido que isso provavelmente não aconteceria.

Aos poucos e com seu jeito cavalheiresco, Lockhardt se adaptou à presidência feminina. Não era o tipo de sujeito cômico de seus deveres cívicos que guardasse rancor — assim que M.R. Neukirchen foi escolhida pela maioria dos administradores como a candidata mais exemplar à presidência apesar da relativa inexperiência, Lockhardt comprometeu-se com ela. Passou a gostar dela como pessoa, a quem chamava de “Meredith” — pois “M.R.” lhe soava bobo e pretensioso, inadequado a uma mulher — e a admirar seu estilo de liderança, que se aproximava perigosamente de estilo nenhum — apenas a personalidade livre da mulher. Neukirchen era franca, zelosa, muito mais inteligente e sagaz do que aparentava ser. Com esperteza ele a julgou um burro de carga infatigável — alguém de quem tirar proveito. O fato de que a Universidade empossava sua primeira presidente em quase duzentos e cinquenta anos era uma bandeira gloriosa a se desfraldar e sacudir ao vento para que todos vissem.

E portanto Leonard Lockhardt estava ansioso por conta de Neukirchen, e por conta da Universidade, que ele amava. Quando M.R. sofrera o “acidente” em outubro — a caminho da convenção da American Association of Learned Societies na Cornell University, onde faria a palestra de abertura — quando não apareceu no salão de jantar e passou a noite desaparecida, provocando espanto nos colegas, amigos e organizadores do congresso — foi Leonard Lockhardt quem explicou a situação aos administradores e lhes assegurou que M.R. não havia se comportado de forma irresponsável ou excêntrica de jeito nenhum, independentemente das opiniões que pudesse ter sobre a questão.

Com M.R. ele tivera uma solicitude respeitosa. Não lhe perguntara, assim como outras pessoas não haviam lhe perguntado, por que estava dirigindo — sozinha — um carro alugado — no condado rural de Beechum, tão distante de Ithaca, Nova York — e pelas redondezas de Carthage, sua terra natal; por que tinha saído do hotel de Cornell sem avisar a ninguém, nem mesmo à assistente que passou horas desesperada — fora de si — quando não se sabia do paradeiro de M.R. Ele não lhe disse, como talvez poderia ter dito, que ela não só fora irresponsável e se comportara de modo excêntrico mas também agira de maneira arriscada. *Você poderia ter morrido. Desaparecido. Quem é que iria saber?*

Lockhardt preferiu dizer a M.R. que ela tivera “muita sorte” por não sofrer nenhum ferimento grave “num cenário tão remoto” — e que no futuro, caso resolvesse pegar o carro e ir sozinha a algum lugar, deveria avisar à equipe dela.

M.R. respondeu que acreditava ter avisado à assistente — um telefonema, ou um e-mail. Tinha certeza.

Daquela tarde de outubro no condado de Beechum M.R. tinha lembranças confusas. Tudo o que havia acontecido ela recordava com exatidão dolorosa e, no entanto, não conseguia entender o que havia acontecido com *ela*.

Ou talvez — não conseguisse se recordar. Acordou com a cabeça latejando, o rosto ensanguentado, quase todo coberto pelo air bag explodido, e quase estrangulada pelo cinto de segurança — um estranho debruçado sobre o carro emborcado numa vala lhe chamando *Oi? Oi? Oi? Você está — viva?*

Lockhardt não insistira na questão de outubro de 2002. O que quer que pensasse sobre o comportamento totalmente inexplicável de M.R., o que

quer que os administradores pensassem, ou a equipe de M.R., ou aqueles docentes que sabiam que ela não tinha feito a palestra de abertura no congresso de Ithaca — aquele período de cerca de dezoito horas em que M.R. Neukirchen parecia ter evaporado — Leonard Lockhardt não procurou se aprofundar. Seu jeito era discreto, diplomático; não questionava causas, nem sequer condutas curiosas, a não ser quando ameaçavam estourar em discussões públicas que envolvessem a Universidade.

Agora, no que tangia à suposta agressão do graduando Alexander Stirk, Lockhardt temia acima de tudo um processo com ampla repercussão midiática em que a destreza excepcional que ele tinha não prevaleceria. Pois se tratava de uma nova época, a época da “diversidade” — não era a época de Leonard Lockhardt. A Universidade não era mais a sua Universidade. O processo viria, ele estava ciente — ou algum desastre similar.

“É, você me avisou, Leonard. Mas — eu precisava tentar, entende?”

“Precisava tentar! Tentar o quê?”

“Me comunicar com Alexander Stirk. Mostrar que ele podia confiar em mim.”

“Claro que ele podia confiar em você. Mas você não podia confiar nele.”

De todos os membros de sua equipe, era Leonard Lockhardt quem falava em tom mais agressivo com M.R. e era Leonard Lockhardt quem tinha os bons juízos que M.R. almejava. Percebia que Lockhardt preferiria que fosse o predecessor em vez dela, que havia sido um político completo, e não uma ingênua mulher idealista alvo de manipulação por parte de um aluno de graduação.

“Ai, Leonard. Você acha que eu cometi um erro grave — irrevogável?”

E não tinha contado a Lockhardt — não contaria a ninguém, pois o orgulho não permitiria — que, a caminho da porta da sala, o canalha tinha lhe mostrado a língua.

Andre. Eu preciso falar com você. Eu sei que você está num momento difícil — eu queria que você já tivesse me dado notícias — mas — aconteceu um negócio aqui, na Universidade — eu vou explicar... Preciso saber — será que cometi um erro grave — irrevogável... Me liga de volta Andre por favor.

Fez uma pausa antes de acrescentar, com uma risadinha esbaforida, *Eu te amo tanto querido Andre!*

Pois era possível para M.R. pronunciar tais palavras num momento como esse. Bem no finalzinho de um breve recado telefônico, em tom de exuberância pueril — uma espécie de embriaguez vertiginosa —, o que não poderia ser declarado sem rodeios, inequivocamente.

Eu te amo tanto Andre. Você deve saber disso.

E nunca com o mínimo indício de reprovação, ou mágoa — ou desespero — *Eu te amo tanto Andre você me ama?*

Menos ainda M.R. ousaria deixar um recado com emoção desbragada, anseio — *Andre, quando é que você vem me ver? Por que é que você não me liga? O que é que está acontecendo na sua vida? Estou me sentindo tão distante de você... Me sinto totalmente sozinha aqui...*

Entre eles desde o primeiro instante — M.R. tinha vinte e três, Andre Litovik tinha trinta e sete — este foi o acordo (tácito), o elo. M.R. amaria Andre Litovik mais do que ele a amava porque a capacidade que M.R. tinha de amar era maior do que a dele, assim como a capacidade de M.R. de ter compaixão, paciência, generosidade e civilidade era bem maior que a dele. *Eu posso amar por nós dois. É o que vou fazer!* M.R. decidira nos primeiros anos da relação (secreta), mas agora não tinha tanta certeza de ser capaz de manter a força de sua antiga lealdade.

Lealdade: ingenuidade.

E contudo: lealdade.

Mas assim que Alexander Stirk saiu e M.R. tornou a ficar sozinha no escritório, perplexa, humilhada, magoada — a onda de adrenalina da raiva passou logo —, ela ligou para o amante em Cambridge, Massachusetts, do telefone celular.

Um telefonema (secreto). Nenhum membro da equipe presidencial poderia saber.

A vida (secreta) de M.R. Neukirchen. A vida (inconfessa) de M.R. Neukirchen.

Ninguém sabia, em seu amplo círculo de amigos, conhecidos, colegas — que M.R. estava envolvida com um homem, um homem casado, desde a pós-graduação em Cambridge. Tantos anos! E tão fiel a esse homem, que — muito provavelmente — não era totalmente fiel a ela.

Contanto que eu saiba que é a mim que ele ama. A ponto de não conseguir amar mais ninguém.

E ninguém sabia quanto M.R. se sentia sozinha. Em meio às atribuições da vida profissional como uma série de luzes ofuscantes grosseiramente voltadas para os seus olhos, a solidão persistia.

Não poderia confiar em ninguém, claro. Nesse cargo elevado que muitos dos colegas invejavam.

Na residência presidencial, onde era a hóspede perpétua. Como na cama com quatro colunas de latão à qual Andre Litovik não comparecera nem uma vez nos meses que já haviam se passado desde sua posse, para dormir com ela.

Na verdade Andre fizera duas visitas à Universidade naqueles meses. Comparecera à posse de M.R. em abril e em novembro voltara para dar uma palestra para o departamento de astronomia/astrofísica e na época M.R. dera um jantar em sua homenagem na residência presidencial. Mas ele não quis dormir na casa embora estivesse claro — parecia ter ficado claro — que M.R. e Andre Litovik eram “velhos amigos” da época em que ela estudava em Cambridge.

M.R. o convidara, é claro — mas não insistira.

Esta casa tem quartos de hóspedes. Recebemos pelo menos uma visita por semana, não raro mais de uma. Você não ficaria — não daria a impressão...

Ela queria dizer que não seria suspeito.

Ele lhe dissera não. Fora inflexível, não muito gracioso. Parecera quase detestá-la, de tão enfático que foi ao recusar o convite.

Ainda assim, conseguiram passar um tempo a sós naquela ocasião — mas não na residência presidencial, e não na cama presidencial.

M.R. entendia — claro. Seria loucura, seria o mais tolo dos erros, levantar suspeitas. Pelo menos nesse momento em que M.R. era presidente da Universidade e Andre Litovik era — ainda — casado.

Olha, querida: estou muito orgulhoso de você. Não ponha a sua reputação em risco. Um dia — em breve — a gente dá um jeito nisso. Mas não — não agora.

Ele segurara as mãos dela com força. Rogara que ela acreditasse nele e portanto ela acreditou nele.

Porém, ele estava ansioso para voltar para casa. Pois sempre — em casa — havia uma crise familiar — que Andre precisava mediar.

De todos os homens que conhecia, M.R. nunca tinha conhecido alguém que fosse tão *persuasivo* quanto Andre Litovik — como homem público

ou homem em particular. Ao acordar do sono estava, em um instante, totalmente desperto — entusiástico, cheio de energia, vibrante como um enxame de abelhas.

E o punho que é um coração batendo acelerado dentro do tórax de barril até então calmo, olímpico e confuso.

Se um coração pode ser olímpico e confuso, Andre Litovik era esse coração.

“Por favor me liga. Por favor — eu preciso falar com você...”

As súplicas mais dignas de pena são as que fazemos na solidão total, sem ninguém para escutar. Os objetos de nossas súplicas distantes, alheios.

Parecia ser esse o caso — Andre se orgulhava dela, agora. Admirava mulheres bem-sucedidas — principalmente acadêmicas e intelectuais —, havia se casado com uma jovem tradutora brilhante nascida na Rússia que fazia pós-doutorado em estudos eslavicos em Harvard e era bem provável que tivesse se envolvido com várias outras mulheres antes de conhecer M.R. — (e depois?).

Não queria que ela se tornasse presidente da Universidade. Não escondera sua perplexidade quando dentre vários candidatos fortíssimos M.R. fora escolhida.

M.R. não dissera a ele *Você poderia ter me dissuadido, se quisesse. Se você quisesse de verdade.*

Pois talvez não fosse verdade. Talvez — M.R. contemplou a possibilidade — realmente preferisse um cargo público, a oportunidade de *servir, de liderar, de controlar a Luz* — a uma vida mais reservada.

De qualquer modo, aceitara a oferta do conselho administrativo da Universidade. Leonard Lockhardt redigiu o contrato dela. A escolha de Neukirchen para a presidência teve uma aprovação esmagadora por parte do corpo docente da Universidade — esse fator foi crucial para a aceitação de M.R. Ela nunca tinha se sentido tão — *vingada*.

Quase pode-se dizer — *amada*.

Pois esse foi o ponto alto da vida da Mulher de Barro — ser *admirada, amada*.

O telefone tocou: 21h09.

Não o telefone presidencial mas o celular de M.R., cujo número pouquíssimas pessoas tinham.

Ela viu — o identificador de chamadas não dizia LITOVIK.

Ela empurrou o telefonezinho para longe, não tinha vontade nenhuma de atendê-lo.

Tinha adormecido na mesa. A enorme mesa de cerejeira com diversas gavetas profundas. Dobrara os braços em cima do tampo e deitara a cabeça neles e caíra num sono exausto. Pois o dia — esse dia infame! — tinha começado havia muito tempo, na escuridão anterior ao amanhecer.

É MENTIROSA A LIBERDADE DE ESCOLHER!
BEBÊ NENHUM QUER MORRER!

O Salvager Hall estava vazio e escuro, à exceção do gabinete presidencial, onde somente uma luminária de mesa estava acesa. Três andares desertos como um cenário abandonado pelos atores. A nova presidente tinha uma equipe intrepidamente leal para trabalhar junto com ela e defendê-la dos críticos e detratores enquanto deliberavam entre si em tom preocupado *Tem alguma coisa acontecendo com a M.R.? Será que ela está — doente? Anda cometendo uns erros — tomando decisões ruins... Desde o acidente de outubro...*

“Não. Eu posso recolocar as coisas no rumo certo.”

O celular havia parado de tocar. Então, segundos depois, voltou a tocar — as primeiras notas de *Eine Kleine Nachtmusik*.

O amante (secreto) de M.R. tinha lhe dado o celular. Para que ela pudesse ligar para ele, e ele pudesse ligar para ela. Tinha sido anos antes, numa fase mais inicial e mais idílica da amizade deles.

Não era Andre. O identificador de chamadas mostrava KROLL.

Ficou estarecida por Oliver Kroll ligar para ela àquela hora. E no celular, não no telefone presidencial. Nem imaginava que Kroll tivesse seu número ou que ousasse lhe telefonar depois do que havia acontecido naquela tarde.

Pois M.R. não tinha dúvida, Oliver Kroll tinha conspirado com Stirk para gravar a conversa dos dois. *Esta é a nossa guerra. A nossa guerra começou.*

Eles se regozijariam juntos. Ouviriam a fita e ririam dela.

E agora — Kroll ligava para *ela*.

M.R. sentiu um turbilhão de náusea. Ela não era tão forte quanto as pessoas imaginavam — até Leonard Lockhardt que passara a conhecê-la bem demais a considerava uma mulher mais forte do que era de fato.

Mulher extraordinária. De um entusiasmo!

Uma líder inata.

Vinha se escondendo. Vinha comendo na mesa de trabalho. Os resquícios do jantar de M.R. num guardanapo engordurado: pão árabe seco, tiras de alface que pareciam confete, verduras “grelhadas” secas e sem gosto feito lascas de madeira e uma lata de Coca Light.

Cancelara o jantar daquela noite — precisava ficar sozinha. Como presidente da Universidade, M.R. Neukirchen tinha almoços, recepções, jantares marcados ao longo do semestre praticamente todos os dias.

E uma pessoa tão simpática — acessível... Tão compreensiva, e tão informada...

De uma energia!

Que alívio estar sozinha — enfim. Ninguém para observar a “líder” ferida.

O telefonezinho tinha parado de tocar. Após uma breve espera M.R. verificou a caixa postal na esperança de que Kroll não tivesse deixado recado mas que — de algum modo — Andre tivesse deixado recado.

Pensou *O amor é uma doença cuja única cura é amor.*

É claro — lá estava a voz inconfundível de Kroll. M.R. se preparou para a ironia/escárnio que era o estilo habitual do professor de política, mas tratava-se de algo bem diferente.

“Alô? Quem está falando é o Oliver — Kroll...” Hesitante, Kroll falava como quem não tem certeza do caminho. M.R. escutava sua respiração junto ao bocal. “Estou ligando para dizer — para explicar — espero que você não ache que eu tive alguma coisa a ver com... Eu não sei o que o Alexander disse ou insinuou, mas — não foi — não é — verdade... *Não tive nada a ver com a ideia de ele gravar a conversa...* Se eu soubesse da porcaria que ele pretendia fazer, teria tentado demovê-lo.” A voz de Kroll era tensa, premente. Não era nem de longe o recado que M.R. esperaria de Oliver Kroll e portanto escutou surpresa e fascinada. “Ele é um — um — jovem temperamental... Ele é brilhante mas — é obviamente perturbado... Algumas coisas vieram à tona, Meredith, que ele me contou — esta noite — que terão de ser reveladas amanhã, à polícia municipal, à equipe de segurança e a você... Você poderia me ligar? Apesar de estar tarde, me liga? Seria melhor se a gente conversasse antes. Por favor, liga para o número...” Às pressas, Kroll ditou o número, e o repetiu, embora ele soubesse que M.R. já tinha o número na agenda do celular. Ele respirava — ofegava — como que prestes a falar mais, mas preferiu encerrar o telefonema.

Meredith ele a chamara. Fora isso, M.R. mal prestara atenção.

Como tinham se conhecido, M.R. não lembrava muito bem. Como tinham se separado, M.R. nutria a esperança de esquecer.

Tinha sido numa época em que o amante (secreto) de M.R. a abandonara.

Mandou-a para o exílio, ela brincava. Brincava com tristeza.

Ele a mandara para um lugar qualquer do interior do centro norte de Nova Jersey — essa prestigiosa universidade da Ivy League boiando como uma ilha fantástica de excelência acadêmica em meio a vestígios da singular história da América Colonial e a montanhosa paisagem rural/suburbana ultra-afluente que, até M.R. ser convidada para uma entrevista para um cargo no departamento de filosofia, nunca havia visitado e nunca havia imaginado. Relatou para o amante *Não é possível que este lugar exista de verdade! É perfeição demais!*

Não estava exatamente disposta a pensar que Andre Litovik a queria — esperava que ela ficasse — *longe*.

Não *longe para sempre* — apenas a uma distância respeitável de Cambridge, Massachusetts. De sua casa na Tremont Street, e de seu lar. Sua família.

Tampouco estava disposta a pensar que na verdade era uma boa ideia — uma ótima ideia — M.R. deixar o campo magnético do amante, uma atração gravitacional equivalente em termos gerais à do planeta Júpiter. Com seu instinto para descrição, M.R. planejava buscar um cargo de professora na região de Boston, para ficar perto de Andre, em alguma universidade ou faculdade menos ilustre, o que sabotaria fatalmente sua carreira logo de saída; com o doutorado em Harvard e artigos pioneiros muito admirados sobre filosofia moral, ética e estética, M.R. Neukirchen era uma candidata muitíssimo atraente, e era *mulher*.

Numa época em que instituições de ensino superior lutavam para contratar *negros, minorias, mulheres* como reparação (tardia) pelos milhares de anos de intolerância.

Portanto, M.R. aceitara o cargo na Universidade — como professora assistente em um dos departamentos de filosofia mais respeitados dos Estados Unidos. Se uma década antes uma pessoa com sua qualificação extraordinária, mas limitada pelo gênero, seria sumariamente desconsiderada, naquele momento, nos anos 1980, a mistura da qualificação tão extraordinária com o fato de *ser mulher* era irresistível.

Um prêmio de consolação, M.R. comentou com o amante (secreto) — *porém mais um prêmio que uma consolação*.

Será que M.R. pretendia ser espirituosa? (Andre não via o rosto dela — M.R. não via o dele — conversavam pelo telefone.) Andre resolveu pensar que sim, e riu.

Querida Meredith! Você vai me deixar comendo poeira.

Uma vez, num clima similarmente filosófico, Andre começara a dizer *Você vai viver mais que eu...* mas sua voz desvanecera. A mortalidade era uma questão real demais para Andre Litovik zombar dela com a amante bem mais jovem.

(*Amante!* Que palavra mais arcaica, M.R. ponderou. Nem parecia uma palavra que pudesse ser aplicável a *ela*.)

E foi o que aconteceu, M.R. foi exilada de Cambridge, Massachusetts, e se mudou para as colinas do centro-norte de Nova Jersey no final do verão de 1986. Uma mulher de vinte e cinco anos muito jovem e “inexperiente” — (isto é, sexualmente) — se perguntando se sua vida havia acabado ou estava prestes a começar.

A sensação era realmente de exílio — uma espécie surreal de vida após a morte — naquela Universidade que parecia a Universidade de Harvard isolada do mundo lá fora por um muro — (nesse caso, uma cerca de ferro forjado de três metros com portões em estilo medieval) — todavia completamente diferente de Harvard em outros aspectos, mais básicos — sem a movimentação urbana de Cambridge, a sensação de que a vida era vivida num diapasão um pouquinho mais alto que o normal; a vida vivida, apesar de todo o desespero, no *cerne* incandescente.

Você não era feliz aqui, querida. Você não era feliz comigo.

Foi o que o amante lhe dissera.

Espirituosa, M.R. protestara *Mas a felicidade é tão — medíocre! É como não sonhar para evitar o risco de ter pesadelos*.

Mantiveram contato — é claro. Quando M.R. ligava para Andre e deixava recado, Andre retornava a ligação em uma hora, um dia, dois dias... Não era muito frequente Andre ligar para M.R.

Apesar do medo de ser abandonada, Andre não a abandonara por completo. Pois ele era o amante dela, o primeiro homem que M.R. amara, e havia prometido que jamais deixaria de *pensar nela*. Como uma teoria de Deus como consciência pura permeando todos os seres sensíveis do universo, unindo-os de forma inviolável.

Ninguém sabia da relação (secreta) dos dois. Ninguém podia saber!

(Mas sem dúvida — muitos sabiam? No decorrer dos anos, em Cambridge, Massachusetts. E na Universidade? M.R. se incomodava quando amigas aludiam à preocupação que tinham por ela — *Você precisa encontrar alguém que esteja livre para assumir um compromisso com você. Você não pode deixar que aquele sujeito te explore...*)

Sozinha, M.R. morava no alojamento para docentes com vista para um laguinho no qual equipes de funcionários da Universidade remavam. Sozinha, era acordada pelo som das ordens gritadas que adernavam pela água vítrea como lâminas de aço. À distância — dado o hostil som metálico produzido pela lonjura — as vozes dos treinadores das equipes lhe lembravam a voz do amante.

Sozinha, sozinha! É um fato, ouve-se com mais intensidade e vê-se e pensa-se com mais intensidade quando se está a sós.

Às pressas então nessas manhãs M.R. se vestia e — mais sozinha ainda — saía para correr à margem do Echo Lake pelas trilhas de cascalho no ar úmido que recendia a pinheiros. Sozinha, sozinha! Mas existe certa alegria em estar *sozinha*, se a pessoa acredita ter escolhido assim.

E aí havia uma esquisitice predominante: não importava se a noite anterior havia sido uma noite deprimente abalada por sonhos motejadores como o lançamento de lama num rosto sorridente — o ultraje singular da lama nos cílios, na boca — lama engolida sem querer, nas narinas — contudo havia sempre para o sonhador-que-acordou a aventura do novo dia — a nova semana, o novo mês, o novo semestre — diante do qual a velha narrativa enrolada e imunda do passado não tinha mais substância do que uma tábula rasa — uma superfície refletora feita de um metal barato qualquer que não refletia nada.

Com a corrida, as pernas de M.R. ficaram mais fortes, flexíveis — seus pensamentos eram renovados e começavam a fustigar ao vento como bandeiras festivas — na cabeça dela, que caso contrário fervilharia como um vespeiro com pensamentos indesejáveis, impraticáveis e desesperadores, ela preparava com primor ensaios, conferências, aulas para suas disciplinas — fora encarregada da “filosofia antiga e medieval” e “filosofia moral: uma introdução” — como albatrozes gigantes essas matérias poderiam ter sido penduradas em seu pescoço mas M.R. Neukirchen fez tanto jus ao desafio de revisá-las, reconstituí-las como disciplinas de interesse tão inerente e atual que a matrícula em ambas

aumentou drasticamente, em especial no curso de filosofia moral, em que a inscrição teve de ser limitada a trezentos e cinquenta alunos. Isso nos dois anos seguintes à chegada de M.R. à Universidade.

Sozinha na casa pertencente à Universidade em frente ao Echo Lake, M.R. vivia com muito mais intensidade que seus colegas casados. Sozinha, M.R. vivia de forma muito mais intensa do que jamais vivera com outra pessoa. Pois a *solidão* é a grande fertilidade da mente, se não for a sua destruição.

M.R. publicou artigos filosóficos em periódicos proeminentes — ainda mais impressionante, M.R. lia os artigos dos colegas em periódicos proeminentes. (Se publicavam livros, M.R. comprava os livros!) A disciplina da filosofia é a disciplina do *pensamento*. Que alguém combinasse o *pensar* com o *fazer* — e com *fazer bem publicamente* — era uma espécie de anomalia, como uma girafa que também, além de seu girafismo, arasse o campo com suas patas, ou um trator que tocasse Beethoven. M.R. exibia uma disposição ingênua a ser uma boa cidadã — em círculos acadêmicos, um ato raro e insensato semelhante a lambuzar com mel o corpo nu de alguém ao ar livre — e portanto era chamada para presidir comitês, e para ajudar a organizar congressos, e para orientar alunos — uma tarefa interminável já que a oferta de alunos é infinita.

Pediram-lhe que avaliasse candidaturas à pós-graduação — centenas de candidaturas à pós-graduação para menos de vinte vagas — e as classificasse, para exame de seus colegas. Em pouco tempo se tornou membro predileto para bancas de dissertação porque lia todas as dissertações dos alunos dos colegas com a mesma minúcia com que leria se fossem dissertações de seus próprios alunos, e com muito mais minúcia do que os colegas que tinham tempo para lê-las; se houvesse erros pequenos, ou chocantes erros crassos, ninguém ficaria mortificado de ignorá-los — pois M.R. os traria à tona.

Podiam contar com ela para corrigir erros de ortografia, gramática. Podiam contar com ela para consolar alunos à beira de crises nervosas. Podiam contar com ela para escrever cartas de recomendação quando os colegas não tinham tempo. Claro que era uma burra de carga — mas uma burra de carga que não reclamava — com diploma de Harvard, e publicações, uma espécie de burra de carga puro-sangue.

Em poucos anos M.R. foi promovida ao posto de professora adjunta, com efetivação; àquela altura era assistente (não remunerada) do chefe de

departamento de filosofia, em breve seria designada chefe interina e um tempo depois, em seu oitavo ano na Universidade, chefe do departamento. Era adjunta do Programa de Estudos Renascentistas, do Programa de Estudos Femininos e de Gênero, do Instituto de Ética e Valores Humanos. Era diretora do Conselho de Humanas. Era docente orientadora do festival cinematográfico da Universidade. Era uma entre as várias docentes orientadoras (do sexo feminino) do diretório local da Associação de Promoção das Mulheres na Matemática, na Filosofia e na Física. Fazia parte do conselho editorial da *Journal of Contemporary Philosophy*, da *Journal of Women in Philosophy*, da *Studies in Ethics*. Publicou na *Chronicle of Higher Education* e no *New York Review of Books*. Presidia o comitê mais influente da Universidade — o comitê consultivo presidencial para nomeações e promoções. Foi designada “assistente especial” do reitor da universidade e, quando o reitor se aposentou, foi designada para substituí-lo. Pouco depois, na primavera de 2001, foi convocada pelo comitê de busca presidencial — isto é, o comitê para a busca de um novo presidente após a aposentadoria de Leander; depois de algumas reuniões desse comitê, os outros membros se encontraram sem que ela soubesse e designaram “M.R. Neukirchen” a primeira opção na lista de candidatos, a ser apresentada ao conselho administrativo.

Sua vida passando diante dos olhos — tudo aquilo parecia ter acontecido muito rápido.

Porque Andre não me quis.

Mill Run era o nome da rodovia. Nenhuma alternativa além de virar na Mill Run.

Pois a Black River Road havia desmoronado no leito do rio como uma boca desdentada, e desesperada/imprudente ela virara no desvio estreito e não pavimentado embora soubesse — com parte de sua mente sabendo com toda a certeza — que caso não desse meia-volta imediatamente se atrasaria para o evento daquela noite em Ithaca; acabaria atrasada, muito atrasada, para a ocasião em que M.R. Neukirchen seria alçada sobre um salão de espectadores.

Preparada. Você tem que estar preparada.

E cadê o Anjo do Senhor para te salvar?

Pegar um desvio — um desvio estreito — desleixada e imprudentemente e com um choro fraco antes da hora, como se soubesse o que iria acontecer — sabendo o que não aconteceria: seu discurso, o

aplausos — de repente se viu na derrapagem e em seguida no Toyota virado na vala junto à pista do desvio, enroscada e meio estrangulada pelo cinto de segurança, agora confusa demais para chorar ou gritar por socorro, ela viu sua vida passar diante dos olhos, ligeira e etérea e tão insignificante quanto uma isca de truta atirada num córrego raso porém resplandecente.

Ao despertar horas depois — era mesmo um *despertar*? — sol frio e o gosto de sangue salobro na boca e muco de sangue incrustado no nariz e o rosto de um estranho — o olhar fixo de um estranho — *Oiê! Ei! Dona — tu tá viva?*

Foi assim que foi: o que havia acontecido.

O que havia acontecido, que M.R. sabia.

A vida passando diante de seus olhos. Rebobinando, e a truta outra vez atirada no córrego resplandecente.

Foi uma época na vida de M.R. anterior à perda da fé em si mesma como mulher.

Entretanto, ainda nesse lugar novo — tão diferente de Cambridge, ela sentia dolorosas saudades de casa — ao longo do primeiro ano, e ao longo do segundo ano, e entrando no terceiro ano de seu exílio — M.R. via com frequência, ou imaginava ver, o amante ao longe atravessando uma rua, ou em uma escada, ou no meio de um monte de estudantes numa passarela do campus. Sua primeira reação era uma espécie de pânico — *Ele está aqui! Mas por que foi que ele não me avisou...* Quando M.R. interrompia seus passos como se tivesse levado um tiro — fazendo com que os companheiros a olhassem com ares de surpresa — ela se recobrava, ria de vergonha, se censurava *Não. É loucura minha.*

Havia diversos colegas da Universidade — de meia-idade, cabelos grisalhos, pescoço grosso e tórax largo e que andavam numa espécie de marcha arrogante para contrabalançar os joelhos, quadris, colunas doloridos — que M.R. aprendera a reconhecer e evitar. Não contava a Andre sobre tais visões: ele teria rido dela. Tinha pouca paciência para as fraquezas dos outros, assim como as dele mesmo.

Tampouco lhe contara sobre Oliver Kroll. Havia concluído que a amizade entre Kroll e ela — se “amizade” era o termo correto — não era importante o suficiente para merecer menção. E no curto período em que fantasiara que poderia se apaixonar profundamente por Kroll, ou ter

qualquer tipo de sentimento por ele, não teve vontade de confidenciar a Andre, que ficaria incomodado, magoado — ou pior, acharia divertido.

Se você ama outro homem mais do que você me ama — não há nada que se possa fazer. E talvez seja mesmo uma boa ideia, querida — você deve saber.

Ela não poderia arriscar! Nunca tinha dito nada a Andre Litovik que não ricocheteasse nela com a finalidade de confundi-la. Porque seu amante (secreto) era o único indivíduo em sua vida (adulta) cujas reações não era capaz de prever.

Foi numa palestra aberta ao público — “A República Politizada” — que M.R. se deu conta de Kroll sentado à frente dela, do outro lado do corredor; parecia estar impaciente com o palestrante, balançando a cabeça, mexendo os ombros com irritação, suspirando alto; pois era verdade que o palestrante tinha um estilo banal solene e vagaroso, que testava a resistência do espectador; por seus comentários durante a parte das perguntas seguinte à palestra, M.R. deduziu que o colega descontente era um “libertário” — um “libertário econômico” — que não tinha em alta conta a política do “Estado do bem-estar social semiutilitário” do palestrante.

Esse era Oliver Kroll: professor de política. M.R. conhecia de nome — sabia que Kroll era amigo, se não pupilo, do mais renomado — mais notório — G. Leddy Heidemann, que fora consultor dos últimos governos republicanos, um “amigo pessoal” de Ronald Reagan assim como um dia seria “amigo pessoal” do vice-presidente Cheney. Diziam que Kroll, cuja área era a teoria política, era associado ao Cato Institute, que segundo boatos tinha sido fundado pela CIA — (apenas boato! M.R. esperava manter a mente aberta). Kroll tinha o rosto anguloso como uma lâmina, barba preta em forma de pá, uma ruga permanente entre as sobrancelhas e uma cabeça que parecia raspada com estilo, e não (simplesmente) careca. Ao contrário do amante de M.R., que parecia se vestir às pressas no escuro, com desdém pelo próprio ato de se vestir, bem como pelo ritual de se arrumar, Kroll dava a impressão de ser um homem sem pressa de escolher suas roupas, com predileção por coletes, calças pregueadas, casacos esportivos de pelo de camelo e gravatas de seda. O rosto era barbeado com esmero acima da barba em forma de pá e a barba em forma de pá era aparada meticulosamente.

Na recepção que se seguiu à palestra, Kroll foi ao encontro de M.R. e se apresentou de um jeito que sugeria um tipo estranhamente envolvente de intimidade — como se já tivessem se conhecido, e existisse uma afinidade qualquer entre eles. M.R. ficou intimidada com a crítica severa — selvagem — de Kroll a respeito do palestrante, a quem acusava de “ignorância deliberada” na questão da economia global; ficou impressionada com o fervor com que Kroll falava, como se o assunto que para ela parecia tão abstrato, assim como para outras pessoas da plateia, tivesse uma importância pessoal para ele. Ficou ainda mais impressionada porque Kroll parecia estar inteirado do trabalho dela, pelo menos de vários artigos que ela havia publicado recentemente em periódicos de filosofia e ensaios críticos na *New York Review* acerca de temas como Spinoza, John Stuart Mill, *A Vindication of the Rights of Women*, de Mary Wollstonecraft, *Frankenstein*, de Shelley.

Na *Journal of Philosophical Inquiry*, M.R. Neukirchen havia publicado um artigo com o provocante título “‘Eu perdi minha alma’: possíveis sentidos ontológicos”, e foi esse que Oliver Kroll escolheu para admirar mais.

“Pensamos de um jeito parecido — até certo ponto. Quer dizer — nosso método de investigação.”

Kroll encarava M.R. com um carinho inesperado. Seus olhos eram escuros, bem pequenos — tinha o hábito de semicerrá-los. A não ser pela ruga entre as sobrancelhas, o sério rosto anguloso como uma lâmina relaxou um pouquinho.

“Claro, não sou filósofo — ‘M.R.’ Não fui educado na ‘teoria da mente’. Mas gostei da sutileza do seu argumento. Você parece ter razão — não existe ‘eu’ na consciência — apenas consciência. E portanto — o ‘eu’ não pode ter ‘alma’ — mesmo se existisse ‘alma’.” Kroll franziu a testa, pensativo. Parecia estar tentando se aproximar de M.R. e na emergência do momento ela ficou confusa, desestabilizada — não era muito comum um homem olhá-la daquela forma. “O conceito todo de ‘alma’ — trata-se de outra categoria de, como é que vocês chamam — ‘ser ontológico’.”

“‘Realidade ontológica.’”

M.R. falou de maneira tão cerimoniosa que ela e Kroll riram.

Claro que esses termos eram ridículos — M.R. entendia. Havia se formado em certa subespécie de filosofia anglo contemporânea, o que significava que havia adquirido um vocabulário específico, bastante

especializado — como se houvesse aprendido um idioma ao qual praticamente ninguém tivesse acesso. Professores de outras áreas, inclusive linhas mais tradicionais da filosofia, não tinham como saber o que M.R. queria dizer — acreditava-se que o próprio conceito de “querer dizer” era ambíguo.

“Nem sempre escrevo de modo analítico”, disse M.R. “Na verdade foi só para a *Journal of Philosophical Inquiry* mesmo.”

Tinha quase que se forçar a lembrar do que havia dito. Para cada um de seus artigos cultivava uma voz distinta e adequada ao tema do texto, bem como à publicação e ao (suposto) público-alvo. Como uma atriz que se expressa exclusivamente por meio de roteiros — nas “vozes” dos outros — M.R. não tinha “voz” própria — ou era nisso que acreditava.

Era à verdade filosófica que M.R. aspirava, não à expressão do eu — “verdade” evasiva como uma borboleta soprada e despedaçada pelo vento.

Kroll dizia, naquele tom de autocritica que sugere um deleite pueril em suas próprias falhas de personalidade, que tudo o que escrevia era distintamente *dele*. Não era capaz de diversificar seu estilo de escrita, assim como não era capaz de diversificar seu estilo de falar. Não era capaz de diversificar suas *crenças* óbvias, inabaláveis, fundamentais. É claro, como intelectual, como professor de teoria política que poderia dar aulas sobre o Iluminismo e o Contra-Iluminismo no intervalo de poucas horas, ou sobre figuras tão díspares quanto Platão e Maquiavel, Descartes e Hobbes, Malthus e Hume e Jeremy Bentham e John Stuart Mill — “Até o partidário do nazismo Heidegger” — ele fora treinado para apresentar pontos de vista divergentes mas mal conseguia levar essas perspectivas a sério; principalmente dentre os colegas e contemporâneos, lhe era inevitável pensar que as pessoas cujas opiniões diferiam das dele estavam sendo desonestas, hipócritas: “O que eles *falam* é só pelo bem do *discurso*. O que eles *fazem* é para o bem deles mesmos.” Kroll estivera envolvido no Partido Libertário, por exemplo, na década de 1980, mas debandara pouco depois. Detestava que nas últimas décadas o libertarismo tivesse se tornado fragmentado, litigioso, anárquico — o dele era um tipo específico de libertarismo econômico-filosófico, oposto ao “conservadorismo”.

Kroll pronunciou a palavra *conservadorismo* com tamanho desdém que M.R. teve de sorrir. Ela perguntou o que era libertarismo — pois era bem provável que, nos termos específicos de Kroll, ela não fizesse nem ideia.

“‘Libertarismo’ — ‘liberdade’. É a crença de que o valor supremo é o da ‘liberdade’ — que o máximo que o Estado deve fazer pelos cidadãos é garantir a liberdade deles. Todo o resto é — detrito.”

Kroll falava com entusiasmo. M.R. teve a impressão de que ele já tinha dito aquelas palavras, mordazes, sucintas, provocativas, inúmeras vezes.

Tinha a impressão de que Kroll esperava que ela reagisse, protestasse. *Ah, mas e quanto aos — aos pobres, aos doentes, aos que não têm seus direitos civis respeitados... E quanto aos impostos destinados à educação, às estradas, à purificação da água, à saúde...*

Kroll estava próximo, enquanto M.R. tentava recuar discretamente.

Um aroma fraco de algo sulfuroso e mentolado emanava da pele quente do homem. M.R. via outras pessoas na sala lançando olhadelas para Kroll e para ela. Entendeu que Oliver Kroll tinha certa reputação na Universidade — ele era combativo, controverso, admirado mas não benquisto. Em qualquer reunião de docentes há afiadas espadas reluzentes, facas de cozinha, uma preponderância de facas de pão — cegas, obedientes, propensas à inveja. Kroll era uma das afiadas espadas reluzentes em que alguém poderia cortar os dedos caso chegasse perto demais.

Porém, estranha e inesperadamente, Kroll parecia gostar de M.R. Neukirchen. Parecia gostar bastante dela. Ele dizia, “‘M.R.’ — o que eu acho fascinante no seu trabalho — nos trabalhos seus que eu li — é que ninguém teria como saber, ou imaginar, que você é mulher. Sua perspectiva é — totalmente objetiva.”

M.R. declarou que era essa sua intenção, sua expectativa — “É por isso que eu só uso as iniciais — ‘M.R.’”

Já havia explicado isso a mais alguém, além de Andre? Ou — tinha partido de Andre a sugestão, meio que de brincadeira?

Ela disse, “Eu não entendo o que o sexo — o gênero — tem a ver com a escrita, ou com o ensino.”

“Claro! Claro que não tem. Você tem toda a razão.”

Kroll falava com firmeza, como quem concede uma bênção. M.R. sentiu como tais palavras poderiam deslumbrar alunos que ao mesmo tempo o temeriam e adorariam.

“O ideal seria que todos nós usássemos máscaras. Aquelas máscaras enormes que os atores gregos usavam. Podíamos andar em pernas de pau — para ganharmos estatura.”

M.R. riu. Ele estava tirando sarro dela, não estava? — era bom para M.R. ser alvo de sarro, porque se levava a sério demais.

Quando está sozinha, a pessoa se leva *a sério demais*. Era esse o terrível risco de se estar *sozinha*.

“E ‘M.R.’ é sigla do quê?”

Com relutância, M.R. disse a Kroll: “Meredith Ruth.”

“‘Meredith Ruth’ — Neukirchen.” Kroll pronunciou os nomes com cuidado. “E como te chamavam quando criança?”

“Eu era chamada de — ‘Meredith’.”

“Não era ‘Merry’?”

“Na verdade, era — minha mãe me chamava de ‘Merry’. Alguns dos meus amigos da escola — ‘Merry’.” M.R. falou devagar. Até aquele instante, não havia se lembrado de “Merry”.

“‘Merry’! Deve ter sido um fardo, imagino. ‘Merry’, ‘alegre’ — a não ser que fosse confundido com ‘Mary’ — verdade?”

M.R. não conseguia pensar numa resposta. Alguma parte daquilo era verdade? Ou simplesmente parecia plausível como verdade?

Estava com dificuldade de respirar. Aquele homem — esqueceu-se do nome dele, por um instante — parecia estar lhe tragando o fôlego.

Não seria capaz de suportar outra intrusão em sua vida. Outra mudança em sua vida.

Começara a perspirar, a atenção de Kroll lhe pareceu quente como uma luz brilhando em seu rosto, em sua pele exposta. Suas axilas coçavam, desgraçadamente.

Sai daqui. Me larga. Me deixa em paz por favor.

No entanto, lisonjeava M.R. que a expressão irritada que Kroll lançara para o palestrante havia pouco tivesse desaparecido. Como um cachorro beligerante que tivesse parado de latir, Kroll lhe parecia transformado, até mesmo charmoso.

Para seus alunos, carismático. Talvez. A força de quem acredita veementemente em algo e com ainda mais veemência consegue denunciar outros pontos de vista.

Se Kroll percebia o desconforto de M.R., não dava sinal. Era típico de um macho agressivo não ver, ou ignorar, o desconforto dos outros. M.R. se lembrou de que era muito comum Andre questioná-la — praticamente interrogá-la. Era o estilo professoral de Andre Litovik — o método socrático. Contudo, era o estilo de Andre também na intimidade pois ele

insistia que seu questionamento detalhista de M.R. era sinal de respeito — a maioria das pessoas, Andre não tinha o menor interesse em questionar — mas M.R. achava tamanha atenção exaustiva; era impossível não pensar que havia um ar de zombaria nisso. Era muito mais produtivo o método quacre do silêncio — silêncio entre indivíduos — até que alguém se sinta instigado a falar; mas Andre não teria tido paciência para isso.

Contra a natureza de seu temperamento, M.R. havia se tornado uma espécie de oradora. De modo inesperado, aos vinte e poucos anos, descobrira que era uma professora inata — sentia-se à vontade diante da sala de aula, com uma tranquilidade bastante similar à que sentia quando tomava um banho quente. Porém, se sentia mais à vontade ainda no púlpito de um auditório, ou em um palco, com espaço que a afastasse da plateia. Quando o exame minucioso é abstrato, anônimo!

Nenhum de vocês sabe quem eu sou. Mas no que eu falar para vocês, vocês vão acreditar.

“‘Meredith’ — ou é melhor eu te chamar de ‘M.R.’? — você não quer sair para jantar uma hora dessas?”

“Jantar? Eu...”

“Esta noite? Agora?”

“Eu não acho... essa não é...”

“Amanhã à noite? Ou — quando?”

Kroll havia seguido M.R. sala de recepção afora e saguão de pé-direito alto adentro. E do saguão desceu os degraus do edifício que era um dos prédios históricos do campus da Universidade, arquitetado de modo a lembrar um templo grego.

Seu intento era sair de fininho — escapar. Mas é claro que ele a seguiu. Sol do fim de tarde lantejoulado e luz rajada filtrada pelas folhas daquelas árvores altas de tronco grosso descascado — sicômoros? — era o começo do outono. E um som de gritos adolescentes febris, lançando *frisbees* no gramado. Como parecem fáceis as vidas dos outros, vistas a certa distância! Não havia motivos para a vida dela não ser fácil também, vista a certa distância.

Embora louca para fugir do homem agressivo com barba em forma de pá — louca para voltar ao seu refúgio com vista para o lago vítreo — ela pensava — admitia — que a presença de Kroll a estimulava, de certo modo; a atenção dele, como um farol refletido em seu rosto surpreso, era ao mesmo tempo desconcertante e lisonjeira. E se sentia só — além das

barreiras protetoras do trabalho: seu trabalho que eram palavras; muros, barreiras, círculos concêntricos de palavras como os anéis de Saturno.

Pensava — admitia — que era pouco provável que Andre telefonasse naquela noite.

Tampouco Andre mandaria um e-mail a M.R.: temendo deixar um *rastro de e-mail* que a esposa desconfiada pudesse descobrir.

Kroll havia lhe chamado de *Merry*. Ninguém a chamava de *Merry* havia décadas. Ela sentiu uma palpitação de — seria esperança? Esperança afobada? Pensava *Preciso fazer a minha própria vida, longe do Andre. Eu sei disso*.

Kroll disse a M.R. que já tinham se encontrado antes — na verdade, várias vezes na Universidade.

“Não é muito lisonjeiro, ‘M.R.’ — você não se lembrar de mim.” O sorriso de Kroll estava tenso, com uma expressão que M.R. não poderia nomear, e os olhos dele estavam semicerrados como se ele também estivesse olhando na direção de um clarão de luz cegante.

E então M.R. teve de protestar, era claro que ela se lembrava dele — ela achava. E teve de dizer sim. Gostaria de jantar com Oliver Kroll — um dia desses.

“Amanhã?”

Isso foi no outono de 1990. Saíram juntos por não mais que seis semanas mas essas semanas foram intensas para M.R. De início Kroll agiu como um amigo afável, ou passou essa impressão — levava M.R. para jantar, para o cinema e eventos da Universidade e museus de arte — quando M.R. se ofereceu para pagar o próprio ingresso da exposição de Cézanne no Museu de Arte da Filadélfia, à qual Kroll a levava de carro numa tarde de domingo em outubro — (em um luzidio carro esportivo que M.R. descobriu se tratar de um cupê Jaguar XK, azul-cobalto, com velocímetro espantosamente equipado para medir 400 quilômetros por hora) — Kroll desdenhou da sugestão com um gesto rude e um sorrisinho tenso. Era uma repreensão? Ela o teria ofendido? Ou a proposta dela havia sido hesitante demais e aparentemente insincera? O amante (secreto) de M.R. era o tipo de homem que jogava notas e trocados — notas de todos os tipos, trocados que incluíam centavos — nas mesas e bares com o ar generoso de um rei; ninguém ousava desafiar Andre Litovik e se oferecer para pagar no lugar dele, ou dividir a conta; ninguém que quisesse ser amigo dele ousava resistir à generosidade promíscua de Andre, que M.R. passou a imaginar

ser uma característica masculina por excelência. Kroll também revelava uma atitude antagônica ao pegar a carteira, as notas ou os cartões de crédito — a ruga entalhada entre as sobrancelhas ficava mais marcada. Em um restaurante próximo à Universidade onde foram jantar com outro casal, quando M.R. se ofereceu para pagar sua parte, Kroll lhe disse à meia-voz, com certa rispidez, “Outra hora, obrigado”.

Ela viu que tinha magoado Kroll na frente do outro casal, que era de velhos amigos dele, da Universidade. Ele não olhava para ela e por alguns minutos não falou com ela, como se ela tivesse deixado de existir apesar de estar sentada a seu lado à mesa.

O fato de que Kroll era orgulhoso e vaidoso — que se magoasse com tanta facilidade — era comovente para M.R. Pois Kroll era um homem atraente, ou quase — a não ser pelas feições bem delineadas que pareciam sempre se enrijecer cautelosamente e o efêmero semissorriso nos lábios que parecia sempre prestes a se desfazer em ironia.

E M.R. começou a ver também que, aos olhos dos amigos de Kroll, um casal de meia-idade de sobrenome Steigman, ela e Kroll eram um casal de tipo indefinido — amigos? Companheiros? *Amantes*? A possibilidade era amedrontadora para M.R., como fitar um objeto rolando à beira de um precipício — e para além dele.

No espelho colado à parede mais distante do restaurante à luz de velas, M.R. via a mesa deles — dois casais, quatro rostos pálidos bruxuleando — mal dava para distinguir Kroll do amigo-colega e mal dava para distinguir M.R. da outra mulher. O pensamento lhe veio à cabeça *Mas por que não? Um casal como qualquer outro.*

Nessa época M.R. ainda era uma mulher de aparência bem jovem — em seu trigésimo ano, com as faces rosadas de uma menina jogadora de hóquei, um visual enrubescido e de tirar o fôlego, muito cativante; o cabelo era claro, um castanho lustroso, com mechas grisalhas, uma juba volumosa que ela havia amansado e prendido numa única trança que caía entre as escápulas. Tinha tão pouca consciência de si como ser físico — que dirá um objeto estético aos olhos dos outros — que ficara extremamente constrangida quando Kroll lhe falou que a princípio se sentira atraído por ela não só pelos escritos “exemplares” mas porque ela lhe lembrava um retrato pintado por Joshua Reynolds — “*Jane, condessa de Harrington* — acho que eu vi numa exposição do British Museum. Anos atrás quando fazia pós-doc em Oxford mas ainda me lembro — o

impacto do retrato — dela...” De olhos semicerrados, Kroll sorria para M.R. de modo a inquietá-la. Seu rosto queimava — ela enrubescia com tanta facilidade!

Como Andre Litovik riria da situação. Como lhe seria cômico e tolo, como uma daquelas cenas ternas enjoativas numa peça de Tchekov que adquirem uma ironia amarga à medida que a trama se desenrola.

Claro que M.R. procurou o retrato de Reynolds num livro de gravuras coloridas na biblioteca de artes da Universidade — ficou perplexa ao ver que sim, a jovem pintada com tanto carinho por Sir Joshua Reynolds em 1775 guardava certa semelhança com M.R. Neukirchen — só que a mulher do quadro era bem mais bonita que M.R., a tez pálida como creme, impecável. O que era mais impressionante no retrato de Jane, condessa de Harrington, era a aura de segurança que exalava — não somente a figura da jovem aristocrata belamente composta, seu rosto fino ligeiramente perfilado para que o elegante nariz comprido fosse delineado, mas um ar de merecimento ontológico tão diferente da sensação de M.R. quanto a existir no mundo que era como se ela e “Jane, condessa de Harrington” fossem duas espécies distintas.

Existir no mundo. Ou a pessoa se acreditava merecedora, ou não.

Entre um e nenhum se abre um infinito. Que solidão Friedrich Nietzsche devia sentir, para saber disso!

M.R. riu — será que Oliver Kroll a enxergava daquela forma? Ou seria essa a fantasia dele, imposta a M.R. Neukirchen de Carthage, Nova York?

Foi uma época na vida de M.R. anterior à perda da fé em si mesma como mulher.

Uma época em que M.R. chegou perto da beirada do precipício, num pavor encantado.

Não eram amantes — exatamente. Mas rapidamente se tornavam mais que amigos.

Havia um — inesperado! — lado romântico em Kroll.

Ele lhe dava flores; uma enorme hortênsia azul-bebê num vaso de barro. Depois, sempre que a visitava, ele procurava a hortênsia — ele examinava o solo com o indicador, para ver se estava úmido — isto é, se M.R. havia se lembrado de regá-la.

“Que lindas!” — M.R. contemplou as flores que pareciam estranhamente artificiais como se tivessem sido tingidas, ou fossem de um tipo de papel ondulado.

Ele lhe deu uma reprodução lustrosa de *Jane, condessa de Harrington*, de Joshua Reynolds — em tamanho de pôster. Esperava que M.R. a emoldurasse e pendurasse numa parede de casa, e como uma ou duas semanas depois M.R. ainda não tinha emoldurado o pôster, ele se zangara com ela — “Se você não quer o retrato, devolve. Você não tem nenhuma obrigação de ficar com ele.” M.R. ficou perplexa com a reação dele e se desculpou na mesma hora — seu ímpeto quacre a levava a se desculpar por erros que não eram dela, a fim de minimizar conflitos; mandou emoldurar o pôster, a certo custo, e o pendurou num lugar de destaque na parede da salinha de estar, deslocando outras obras de arte, menores, que preferia.

(Era raro conseguir olhar para o retrato — Jane, condessa de Harrington, tinha uma beleza tão fria e se vestia com tanta extravagância que a mera imagem dela na parede era uma censura à mundana/corpulenta M.R., com seus olhos úmidos.) E sempre que Kroll entrava naquela casa ele fitava o retrato na parede como se fosse um velho amigo; M.R. havia pendurado o pôster a certa altura para que fosse preciso levantar a cabeça para olhar o rosto pálido da condessa.

“É um belo pôster”, M.R. declarou, sem graça. “Digo — o retrato é lindo. Reynolds pintou um monte de — obras-primas...”

Contemplando a condessa na parede, Kroll mal parecia escutar M.R.

Kroll nadava várias vezes por semana — cedo — na piscina da Universidade.

Kroll convidava M.R. para ir com ele — fazia semanas que a convidava — e por fim M.R. disse sim, iria com ele sim; não queria dizer sim porém se ouviu dizendo sim, ouviu a ânsia em sua voz pois era aflitivo — vergonhoso — o medo que M.R. começava a sentir de ficar sozinha, agora que Oliver Kroll havia se intrometido em sua vida.

Não queria aquele homem na sua vida, porém permitira que aquele homem entrasse na sua vida. E agora pouco a pouco percebia que não suportava a ideia de perder aquele homem, a quem dera permissão para que entrasse na sua vida.

Ela não queria ficar com ele, na verdade — ficava sem jeito perto dele, sempre angustiada, incomodada. Em especial, não queria nadar na piscina da Universidade no horário desesperador das 7h da manhã, no entanto estava caindo na água azul ondulante que lhe parecia de uma suavidade anormal, zonga pelo cheiro de cloro, pensamentos bizarros como serpentes

marinhas lhe atacando enquanto dava voltas — braçadas, crawl australiano, olhos pestanejando — *Vamos nos casar? É isso o que vai acontecer? É por isso que eu estou aqui?* No teto em mosaico da piscina da Universidade e no alto das paredes havia reflexos ondeantes como nervos tiritantes. O cheiro de cloro e a câmara de eco da piscina lhe trouxeram à lembrança a escola de Carthage, o que fez seu coração pular, essa não era uma recordação que M.R. desejasse reviver na sua nova vida. Temia principalmente o isolamento do nadador, mesmo em meio a outros vultos tomando impulso e fazendo a água esguichar ela estava isolada, sempre se está isolado na água, onde os pensamentos aguardam como espuma na superfície da água que cheira a produtos químicos. *Então vai acontecer. O sujeito faz uma reivindicação.*

Tinha apenas que não resistir. Sentiu uma onda de empolgação, um desagravo pueril como quem tivesse colocado uma corda em volta do pescoço cada vez mais apertada, mais apertada — se o amante (secreto) não abandonaria a esposa por ela, outro homem a reivindicaria; M.R. não teria como resistir a esse outro homem mesmo que só para demonstrar sua capacidade de amar outro homem — não servia de prova?

M.R. nunca pedira a Andre Litovik que largasse a esposa por ela. Por *ela* — isso não lhe pareceria possível.

A esposa, assim como o filho, não estava bem. Embora Andre não falasse em termos tão clínicos, e mal falasse da esposa “difícil” — “temperamental” —, Meredith supunha que a esposa sofresse de algo similar ao transtorno bipolar.

Uma doença bastante em voga nos meios intelectuais.

Para o filho, não havia diagnóstico que Andre Litovik aceitasse.

M.R. estremecia ao pensar — *Se alguma coisa acontecesse com o filho. Com um deles. E Andre ficasse — livre...*

Ela saberia, então: se ele a amava.

Ou melhor: não poderia se enganar a respeito de saber, em tais circunstâncias.

Pensando nessas questões, que lhe eram incômodas, porém familiarmente incômodas, como os nós em seus cabelos quando era criança, que nenhuma escovação era capaz de desfazer por muito tempo, M.R. nadava com habilidade — veemência. Apesar da inibição, era uma ótima nadadora. Fora atleta no colegial — mas não na equipe de natação feminina, pois tinha muita vergonha do corpo forte, sem seios, no maiô

colado, para que todos vissem — e ainda mantinha a coordenação de jovem atleta. Para a surpresa de Oliver Kroll, M.R. nadava quase tão bem quanto ele — e Oliver havia mencionado que, durante a graduação em Yale, tinham lhe dito que poderia ser candidato à equipe de natação olímpica caso tivesse tempo para treinar — “Claro que já faz muito tempo.”

Olimpíadas? Equipe de natação? M.R. se perguntou como era possível. Claro que não falou nada.

Kroll ficou impressionado com o nado de M.R. Seus olhos no corpo dela — o maiô que não lhe caía nada bem de um tecido tipo poliéster que parecia uma espécie fina de couro de réptil; as coxas roliças com ondulações que pareciam arrebentar o maiô, os seiozinhos duros e levantados, os braços musculosos — Kroll a fitava pestanejando. “Ei. ‘Meredith.’ Você é linda.”

Mesmo naquele momento, com o intuito de elogiar, Kroll não conseguia falar sem soar irônico, insincero.

Por constrangimento M.R. riu, lhe virando as costas. Tinha conseguido prender — enfiar — o cabelo volumoso numa touca de natação emborrachada que lhe parecia distendida, como um cérebro inflamado. Não era bonita e portanto ficou incomodada com a afirmação — não tinha nenhuma vontade de tentar corresponder a tal afirmação.

Que farsa! Fingimento...

Kroll nunca nadava menos que um quilômetro e meio, ele havia dito. Por conta de suas costas. Quando por fim saiu da piscina, M.R. viu como a água escorria de suas pernas de músculos firmes; os pelos compridos e escuros de suas pernas grudados na pele pálida, reluzindo com a umidade. Ela reparou na pele ligeiramente flácida da cintura dele, a protuberância dos genitais e os pelos grotescos das coxas que desciam dali... Sentiu uma ternura inesperada por aquele homem: sua virilidade.

Era à curta distância de cinco ou seis metros que M.R. gostava mais de Kroll. Sentiu o coração se dilatar com uma emoção que não seria capaz de nomear — não era amor, nem desejo sexual, mas um desejo de tocar e de proteger; um desejo de *consolar*. Achava que não poderia existir nada mais terno entre um homem e uma mulher do que esse desejo de *consolar*.

Isso faltava à sua relação com Andre. Ele jamais pensara em *consolá-la*.

Nunca pensava que M.R. fosse outra pessoa que não *uma jovem amazona robusta* que não precisava de tal afago.

Tampouco Andre desejaria que M.R. lhe desse *consolo*.

Kroll viu que M.R. o fitava — (embora ela não estivesse pensando nele mas no outro, o amante-astrônomo) — e sorriu de um jeito hesitante. Houve um salto de interesse sexual entre eles — de repente.

M.R. sabia, por meio de sua experiência limitada com os homens, que era mais ou menos sua experiência com o amante-astrônomo, que os homens ficam lisonjeados com facilidade, do ponto de vista sexual; assim como os homens se satisfazem com facilidade, do ponto de vista sexual. Como numa pintura jocosa mas perturbadora de Magritte, os olhos semicerrados daquele homem eram mimetizados — espelhados — nos mamilos pequenos e granulosos de seu viril peito liso que ela quis, por impulso, tocar — acariciar. Beijar?

Ele já tinha sido casado — “Jovem demais.”

Já tinha se divorciado — “Nem tão jovem assim.”

Fazia onze anos que estava divorciado. E não tinha filhos — “Felizmente.”

“Por que ‘felizmente’?”

“Porque é bem possível que estivéssemos casados até hoje. E aí eu não teria te conhecido.”

Kroll falava sem pensar. Ficava a cargo da mulher — de M.R. — especular se falava com sinceridade ou apenas sem pensar.

Não tinha nenhum envolvimento emocional com a ex-mulher, Kroll declarou. Mas não tinha nenhum interesse em falar dela, ou do casamento “fracassado”. Tampouco Kroll perguntava a M.R. sobre amantes anteriores, ou se já tinha sido casada.

Naquele dia ele daria aula sobre Hobbes. Teorias da humanidade como máquinas desprovidas de livre-arbítrio, “alma”. Ele gostava muito do famoso — infame — aforismo de Hobbes: *a vida é sórdida, brutal e curta*. Dava para perceber que Kroll gostava do aforismo aplicado aos outros, e não a ele mesmo.

Kroll disse: “Se o homem é uma máquina, o homem pode ser manipulado. Pelo próprio bem, o homem pode ser manipulado. Você falou que não é religiosa, não foi, Meredith? Mas no que você acredita?”

“Eu... eu não sei bem no que acredito.”

Contou a Kroll que os pais eram quacres mas que ela não era quacre apesar de respeitar a religião pela civilidade, sanidade.

“Os quacres prezam mais o bem-estar público do que o individual — não é muito americano. Somos uma nação de indivíduos.”

Kroll, o libertário, discordou: “Todas as nações são nações de indivíduos — a não ser que sejam nações de formigas.”

Ele havia descoberto um artigo que M.R. publicara na *Ethics* — “O imperativo moral de Kant e o ‘direito à vida’” —, considerou o ensaio muito interessante e se perguntava por que M.R. não o mencionara a ele, ou lhe dera uma cópia.

M.R. disse que pretendia mencioná-lo. Tinha a intenção de lhe dar uma cópia.

M.R. declarou que considerava o artigo um exercício, ou um experimento — “Eu estava explorando o problema como ele poderia ser explorado de várias perspectivas éticas. Mas não ‘acredito’ na conclusão — necessariamente.”

“Você não ‘acredita’ na conclusão? Então... por que foi que você escreveu o artigo?”

“Porque eu estava investigando questões éticas. Não estava defendendo um lado ou o outro.”

“E qual é o objetivo disso? ‘Investigar’?”

“Trata-se de... filosofia. Existe a ‘filosofia da Ética’ — assim como existe a ‘filosofia da Física’ — ou a ‘filosofia do Direito’.”

“Mas existe a ‘ética’ também... essencialmente. Não é?”

“‘Essencialmente’? — Não tenho certeza.”

“Na política, só existe isso — lados. A busca do poder — e depois, a determinação em mantê-lo.”

“Poder! Não só o poder ‘corrompe’ como o poder ‘cega’. Se é verdade que esse é o objetivo, o poder é uma deficiência.”

M.R. protestou: a filosofia não podia ser vista como uma série de problemas para os quais haviam respostas precisas. Questões, e não respostas. Muitos de seus colegas investigavam tais problemas, alguns exploravam “contramundos” metafísicos — em busca da verdade abstrata.

“E o que é um ‘contramundo’? O que eu imagino que seja?” Kroll sorriu, se divertindo bastante.

“Um contramundo é a possibilidade de um... um mundo... Um universo...”

“Conversa mole, querida.” Kroll riu com crueza, como quem quer que o outro saiba que não caiu no papo. “Esse movimento do ‘direito-à-vida’ —

digamos que nos Estados Unidos, atualmente — ou você é a favor dele, ou é contra ele. Ou você é a favor do aborto ou contra o aborto.”

“Não *a favor* do aborto mas *a favor* da escolha. A questão é — *a favor* da escolha.”

“Seu artigo sugere que você não é *a favor* da escolha — se é que entendi certo. O ‘imperativo moral’ de Kant — a gente nunca deve agir a não ser que nossos atos constituam um princípio para todos os outros seres humanos — se você encara isso como um ideal, é difícil você ser a favor da escolha porque você iria querer, no seu próprio caso, ter nascido — e não ter sido abortada. Concorde?”

“Mas eu não encaro como um ‘ideal’ — só como uma proposição filosófica.”

“Você já engravidou, Meredith?”

A pergunta foi tão abrupta que M.R. não teve tempo de ficar chocada, ou ofendida. Pouco convincente, ela gaguejou, “N-não”.

“Não? Bom. Então você não tem capacidade de avaliar. Vai ver é por isso que você está indecisa.”

“‘Indecisão’ não é a... a questão. Digo, ‘indecisão’ não é o termo mais certo...”

“‘Objetividade’, então? Nas questões éticas, assim como nas questões políticas, não existe ‘objetividade’.”

Ainda assim Kroll sorria, entretido. M.R. tentou explicar que, num experimento, o pesquisador não sabe de antemão quais serão os resultados do experimento. Na filosofia, se alguém está investigando as possibilidades de uma opinião... Kroll desdenhou de suas palavras vacilantes como quem espanta mosquitos.

“Conversa mole, querida. E você sabe disso.”

M.R. imaginou que não veria Kroll outra vez. No rastro de sua presença ela ficava irrequieta, muitas vezes insone. Não queria essa intimidade. Todavia, quando ele ligou, ela ouviu sua voz ávida dizer *sim*.

A hortênsia azul-bebê tinha murchado, morrido. M.R. se preocupou com a possibilidade de ter se esquecido de regá-la — a não ser que tivesse regado demais. Correu para a floricultura para comprar outra, daquele tom idêntico de azul. Raciocinou que Kroll não saberia distingui-las mesmo se desconfiasse, o que não aconteceu. Ele continuou a verificar o solo com o indicador.

No final de outubro, M.R. convidou Kroll para jantar na sua casa.

A primeira vez que fazia comida para um homem à exceção de Andre Litovik — (mas, para Andre, não naquela casa) — e sentiu um tipo ilícito de empolgação ao comprar ingredientes no melhor mercado da cidade, empurrando o carrinho no meio de outras mulheres que muito provavelmente eram esposas, mães, amantes — *mulheres* enfronhadas no drama da vida com os *homens*.

O que talvez tivesse invejado, no passado. Uma vida entrelaçada à vida de outrem, embora imprevisível.

Pois Kroll era imprevisível. Kroll era um homem temperamental. Era comum Kroll ficar impaciente, obscuramente desgostoso. Meio que sem perceber, ele evitava as perguntas que ela lhe fazia — qual era o problema? — ele estava chateado? — e às vezes, quando ela tocava no braço dele, parecia se afastar dela. Era comum M.R. ter a impressão de que ele estava carregando — como num abraço do qual objetos toscos escorregavam, caíam e se estilhaçavam — um resquício misterioso de irritação, incômodo, fúria mal disfarçada que pouco tinha a ver com ela.

A não ser, é claro, pelo fato de que ela era *a mulher*.

Se sentira inveja do papel de *mulher* a inveja estava agora dissolvida numa apreensão/angústia agitada, pois Oliver Kroll não era uma pessoa fácil de contentar, e as formas através das quais poderia se descontentar, ou decepcionar, eram bastante imprevisíveis. Para o jantar daquela noite Kroll levou uma garrafa de vinho francês — M.R. imaginou que fosse um vinho tinto caro, embora não soubesse muito de vinhos; não bebeu nem meia taça, e distraidamente, o que deve ter aborrecido Kroll, já que ele caiu num silêncio ressentido. Quando M.R. lhe perguntou qual era o problema, ele disse com um esboço de sorriso, “Como assim — ‘qual é o problema’? — para mim, não tem problema nenhum.”

Ele tinha um jeito de fitá-la — com frieza, sem reconhecimento patente. Enquanto M.R. sorria um forçado sorriso esperançoso de menina — se perguntando se o empenho, o empenho contínuo, valia a pena.

Com Andre, o temperamento também era tudo. Mas os humores de Andre tendiam a ser vastos, magnânimos — vento soprando pela casa, escancarando janelas de batentes, batendo portas — um alvoroço ruidoso de todos os lados. Os humores de Kroll eram executados com rigidez como um homem abrindo o guarda-chuva num espaço apertado.

Quase no final da noite, Kroll poderia declarar de repente que precisava ir embora — tinha de trabalhar. Logo se colocava de pé, chacoalhando as chaves do carro na mão e ansioso para ir. Ou, num momento como esse, poderia segurar a mão de M.R., acariciar o braço dela — poderia beijá-la. M.R. se deixou ser beijada e M.R. retribuiu o beijo daquele homem, como se com emoção. Bem, na verdade — *com emoção*. Porque realmente sentia atração por Oliver Kroll — achava que sentia.

Permitiria que ele fizesse amor com ela — permitiria? — se conseguisse suportar. Ela permitiria, era necessário. Pois não era uma relação normal entre adultos, mulher e homem, se não havia *sexo* — ou algum gesto nessa direção.

A adoração de M.R. pelo amante (secreto) era incondicional, uma adoração de sua alma. Como a alma morava dentro do corpo, M.R. talvez adorasse o corpo também.

Kroll era uma situação diferente, muito diferente de Andre. Não tinha percepção da alma de Kroll — talvez fosse do tamanho de uma colher de chá, ou do comprimento e da largura de um abaixa-língua. Se M.R. fizesse amor com ele, ele não saberia quão *ausente* ela ficaria em seus braços; não tinha perspicácia para perceber o desinteresse da mulher por ele, como ser físico. Eram as sensações do próprio Kroll que ele monitorava — a outra, a mulher, mal existia para ele.

Não raro M.R. imaginava que Kroll simplesmente pararia de telefonar — de repente, um dia, o que quer que sentisse por ela, qualquer que fosse a rede de fantasias que tivesse lançado sobre ela, sob o domínio da altiva *Jane, condessa de Harrington*, numa lembrança terna de sua juventude na Inglaterra — e ela nunca mais teria notícias dele. Isso lhe parecia totalmente plausível, até mesmo provável, pois Kroll falava despreocupadamente — afrontosamente — de ex-amigos, colegas e “pupilos avançados em idade” que deixara para trás. Assim que Kroll perdia o interesse por uma pessoa, ela deixava de existir para ele. Sem sombra de dúvida, M.R. já estava prevenida?

E naquelas amistosas noites mais quentes em que sentia atração por Oliver Kroll, os sentimentos dela pelo amante (secreto) interferiam, como uma alta frequência de rádio abafa a mais fraca. *Eu vou me casar? Seria possível?* — M.R. sorriu com aquela ideia assombrosa.

Uma idosa havia morrido quando M.R. estava na escola, em Carthage. E o corpo só foi encontrado semanas depois. O horror de tamanha solidão —

isolamento. Na época ninguém quis falar da mulher ou lhe dar nome a não ser a mãe de M.R., Agatha, que ficara consternada e cheia de culpa, embora a mulher vivesse a vários quarteirões de distância e nenhum dos Neukirchen a conhecesse.

Diversas vezes Agatha dissera a M.R. *Que coisa horrível! Horrível — simplesmente horrível... A gente podia ter ajudado aquela coitada. A gente devia ter se dado conta.*

Era aflitivo para M.R. — “Meredith” — que a mãe, que costumava ser tão tranquila, falasse dessa forma; sua mãe Agatha, que tomava cuidado para não dizer coisas desnorteantes, principalmente a crianças. Sua mãe que não parecia acreditar, à maneira do idealismo quacre, na existência do mal.

Se pudéssemos reparar nosso erro! Ah, como — como reparar nosso erro...

Com outros membros da congregação quacre, Agatha e Meredith passaram a visitar indivíduos idosos isolados daquela região. Levavam comida, cobertas e roupas de cama, peças de roupa. Compraram ferramentas para fazer consertos. Quando reparos complicados eram necessários, Konrad tinha de acompanhá-las. Até esse momento, M.R. havia se esquecido dessas visitas bem-intencionadas mas embaraçosas que continuaram a intervalos regulares durante seu último ano de colegial. Sentia grande compaixão por idosas — pois as pessoas visitadas por acaso eram somente mulheres —, mas as visitas eram provações para ela, exaustivas. Seu rosto doía de tanto sorrir, as narinas se tampavam com os odores rançosos. Enquanto Agatha e os outros quacres pareciam tirar uma espécie de força radiante das visitas, M.R. as considerava perturbadoras. Nunca o horror da solidão — isolamento — lhe fora tão real: absoluto como um espelho refletindo seu próprio rosto.

Então eu posso amá-lo. É o que vou fazer!

Daquela última vez, Kroll foi jantar na casa de M.R.

O inverno estava começando. Viam-se algumas vezes por semana. M.R. tinha aprendido a lidar com os humores de Kroll como um esquiador num despenhadeiro complicado. Houvera intimidades entre eles — mudas, um pouco desajeitadas — como um veículo indócil descontrolado em um declive íngreme, sem ninguém ao volante.

M.R. supôs que, assim como ela, Kroll estava carente de afeição — de afirmação de sua existência.

E havia a questão da *virilidade* daquele homem — como um serrote giratório que pessoa alguma ousasse tocar, todavia fosse seduzida a tocar, fascinada.

Naquela noite M.R. aguardou a chegada de Kroll com apreensão. Fora cuidadosa ao preparar a comida, comprara vinho do tipo que Kroll parecia mais gostar e pão francês duro; regou a hortênsia de pétalas enrugadas azul-bebê que estava, como a antecessora, começando a murchar apesar de todo o seu empenho. Entretanto, não estava preparada para a punhalada de emoção quando Kroll entrou na casa e a cumprimentou com tamanho carinho, avidez — segurando seus ombros e beijando sua boca, cutucando seus dentes com a língua de um jeito ao mesmo tempo brincalhão e apaixonado. “Oi oi oi! Querida!” — Kroll estava num estado de espírito exuberante.

Embora quisesse retribuir o beijo de Kroll — quisesse beijá-lo com avidez, e com os braços se fechando em torno dele —, ela se entesou involuntariamente, perceptível por um triz, como se alguém tivesse lhe sussurrado: *Não!*

Kroll tirou as mãos dos ombros de M.R. e recuou, franzindo a testa. Foi um momento como o de um tropeço em sonhos — um passo em falso no meio-fio, ou na descida de um lance de escada — e sem volta. M.R. se viu gaguejando: “Oliver, infelizmente — eu preciso te falar...”

“Me falar... o quê?”

“Eu gostei — amei — nossas noites juntos. Principalmente — nos últimos tempos. Mas eu não quero te enganar, Oliver, eu... existe...”

Com frieza Oliver encarava M.R. Não facilitaria para ela. O rosto dele se enraivecia, o sangue rancoroso o deixava vermelho como beterraba, e os cantos da boca se retesavam.

“... uma pessoa na minha vida. Digo, de antes de eu vir para cá — existia uma pessoa. Eu não tenho como afirmar” — M.R. estava rindo, levantando as mãos num gesto impotente — “que essa pessoa é uma parte séria, permanente da minha vida, falando do ponto de vista dele. Mas...”

“Mas você está ‘envolvida’ com ele — ou seria ela?”

“‘Ela?’” M.R. sorriu com incerteza. “Não — ‘ele’.”

“‘Ele’.” Kroll deu um sorriso forçado.

Ele jamais a perdoaria, ela sabia.

“Você poderia ter revelado isso mais cedo, não é?”

Kroll deu uma risada melancólica. A barba em forma de pá pareceu se eriçar de hostilidade. Ele estava com muita raiva dela, M.R. percebeu. Ao tocar no punho dele com os dedos, ele a rechaçou.

“Você poderia ter revelado semanas atrás. Por exemplo...”

M.R. ficou perplexa. Kroll listava eventos aos quais a levava, jantares, passeios pelo interior — é claro, como era possível ela não ter entendido! Que insensibilidade a dela.

“Você deixou que eu pagasse os seus ingressos sempre que a gente saía — e alguns dos ingressos não eram baratos. Você deixou que eu pagasse a maioria dos nossos jantares. Pode até ser que o meu salário na Universidade seja mais alto que o seu, mas você é totalmente independente no que diz respeito às finanças, ao que consta você não tem dependentes, e eu — eu tenho minhas obrigações.” A voz de Kroll sumiu, ele começou a se constranger com a veemência das próprias palavras.

Obrigações? — M.R. não tinha ideia do que Kroll queria dizer. De novo tentou tocar no braço de Kroll e de novo ele a repeliu. Ela disse, hesitando, “Me... me desculpa. Agi de forma irresponsável. Não sei por quê — eu acho — acho que — não é uma tentativa de me defender, é só uma explicação canhestra — eu imaginei que você ficaria ofendido se eu me oferecesse para pagar — como me ofereci para pagar da primeira vez que nós saímos juntos. E algumas outras vezes — na verdade eu acho que paguei — algumas vezes. Eu achava — tem homem que...”

“Bom, sim — ‘tem homem que’ — muito homem que paga pelas mulheres pelas quais têm sentimentos fortes e elas retribuem a esses sentimentos. Mas a nossa situação não é — não era — esse tipo de situação, não é? E você sabia disso desde o início.”

“Mas eu não — eu não sabia — digo, eu não...”

Era uma mulher de trinta anos: de modo algum uma menina. E passara muitos anos envolvida com Andre Litovik — pelo menos, a certa distância. Porém sabia pouco mais sobre os meandros do mundo que uma menina de quinze poderia saber, quando M.R. era uma menina de quinze anos: não conseguia se imaginar uma *agente ativa* num relacionamento com um homem, somente *passiva*. Não tinha *facilidade* com os homens; nunca seria capaz de inferir o que um homem podia estar pensando, ou planejando; numa conversa o provável era que o homem fosse dominante, mas da mesma forma que um barco grande boia na água, é possível guiar o

barco com movimentos sutis das mãos, ainda que o dono do barco acredite que é ele o piloto.

Ao ver que M.R. estava genuinamente tomada de arrependimento, Kroll cedeu um pouquinho, como quem recolhe a adaga aos poucos em vez de virá-la. Ele disse com frieza, “Eu não teria mencionado nada disso mas... É para lá de irritante quando... As mulheres ganham tanto quanto os homens e mesmo assim... as mulheres esperam que os homens paguem por elas...”

“Mas eu... eu fiz jantar para você, Oliver... não fiz? Várias vezes?”

“Jantar em casa é outra coisa. Claro que você *faria o jantar* para um amigo e não desejaria que ele te pagasse, espero eu.”

M.R. se deu conta de que tudo o que falava era entendido da forma errada por aquele sujeito que zumbia e arranhava como uma vespa. “Então — não tenho saída. Se eu faço um jantar para você nesta casa, não estou fazendo nada além do esperado. Quando você me leva para jantar, devo pagar o que eu consumo.”

Ela gaguejou, confusa e magoada. Nunca tinha vivenciado tamanha hostilidade depois de adulta, nem mesmo quando Andre era ríspido com ela; não tinha defesas contra o que via como pura aversão, repugnância.

Torpemente Kroll persistia, como um pitbull que trincava os dentes em um ser vivo e precisava sacudi-lo, sacudi-lo, sacudi-lo até a morte: “E você nunca se dispõe a dirigir. Você sabe dirigir — mas já vai achando natural que eu dirija. Meu carro não é mais adequado para — para dirigir — que o seu.” O rosto de Kroll estava vermelho de indignação, ele parecia mal saber o que estava dizendo. Tamanho ódio dela, ela jamais imaginaria, nos olhos daquele homem!

Entretanto Kroll continuava, com ares de quem tivesse sofrido graves maltratos. Seu jeito era professoral, até mesmo advocatício — esboçava um dossiê devastador contra ela, que tanto o ferira. Pois agora ficava claro que, em uma das noites mais recentes, Kroll havia arranhado o para-lama traseiro direito de seu Jaguar ao sair de ré de uma vaga apertada — essa também era uma queixa apresentada contra M.R., que escutava aturdida, perplexa; nunca tinha conhecido um homem que esperasse que a mulher dirigisse o carro em vez dele — exceto talvez em viagens longas; o pai dela sempre dirigia quando ele e a mãe estavam juntos; nenhum homem adulto de Carthage, nas lembranças de M.R., desejaria entregar o volante a mulher nenhuma — seria indício de incapacidade, doença. E Andre

Litovik, claro, não permitiria a ninguém dirigir um carro do qual fosse passageiro, muito menos uma mulher.

Sem firmeza, M.R. protestou: “Só posso dizer — eu não sabia. Eu sinto muitíssimo. Minha impressão era de que você desfrutava — seu belo carro. Você poderia ter sugerido...”

“Eu sugeri. E não foi só uma vez.”

“Sugeri...?”

M.R. tinha certeza de que Kroll não havia feito tal sugestão. Na maioria das vezes, Kroll ia de carro à casa de M.R. para buscá-la; vez por outra, era mais conveniente M.R. ir de carro até a casa de Kroll depois de passar o dia na Universidade, ou encontrá-lo na cidade. Quando M.R. ia de carro ao encontro de Kroll, geralmente se atrasava — era dominada por um feitiço estranho, desacelerava como se um narcótico tivesse entrado em suas veias; ela, que tinha compulsão por chegar cedo à maioria dos compromissos, se via saindo no último segundo para encontrar Kroll, ou depois de já passado o último segundo.

Oliver Kroll tinha certa vaidade acerca do Jaguar esportivo cobalto e sem dúvida não teria querido ir a lugar nenhum no carrinho americano comum com o nome ridículo de “Saturno” de M.R. — (ridículo para Kroll, que zombara de M.R. pelo fato de que ela não fora capaz de identificar a marca do próprio carro, que havia comprado às pressas como “seminovo”, anos antes) — e muito menos consentiria em deixar M.R. dirigir o Jaguar. Porém essa nova queixa o feria profundamente, tão extrema quanto a primeira queixa e uma corroboração dela.

Enquanto Kroll vociferava M.R. tentava calcular: quanto devia àquele sujeito enraivecido? Pois era certo que devia algo a Oliver Kroll, ela agora percebia; não fora capaz de se comportar como se estivesse em pé de igualdade com ele, se comportara de forma vergonhosa e óbvia... Kroll morava a alguns quilômetros da casinha de M.R. no Echo Lake: cinco quilômetros, cada percurso? Multiplicados por — quantas vezes? (Quantas vezes haviam saído juntos? M.R. não conseguia se lembrar.) Gasolina, desgaste do Jaguar, o valioso tempo de Kroll gasto ao volante? M.R. estava rubra de vergonha, vendo tamanho ódio no rosto do homem que ela imaginava ter carinho por ela.

Amá-la! Que farsa.

M.R. pediu licença e correu para o outro cômodo para procurar o talão de cheques na gaveta da mesa para — quanto? — qual seria a quantia

razoável? — a sensação era de que sua cabeça estava dentro de um sino que repicava... Ao ver então que o nome que escrevera às pressas estava errado, começou outro cheque, endossado não a *Krull* e sim a *Kroll*; temia ofender Kroll mas era bem provável que a essa altura aquele homem se sentisse mais que ofendido por M.R.: ele a odiava, ele queria que ela lhe desse seu dinheiro! Por ingenuidade, M.R. esperava que um vestígio maltrapilho da relação deles pudesse ser salvo se M.R. conseguisse se comportar como um homem talvez se comportasse, com sensatez e sem emoções exacerbadas.

Ela voltou a Kroll com o cheque. Kroll estava parado diante do retrato de Reynolds, olhando fixo aparentemente sem vê-lo; seu rosto ainda estava muito vermelho. M.R. se desculpou profusamente. “Oliver, eu lhe peço mil desculpas! Espero que você possa me perdoar. Espero que você não tenha uma opinião ruim a meu respeito. Eu só — eu só estava — eu acho que eu só fui” — com vontade de dizer *ingênua* mas se corrigindo, vendo a expressão desdenhosa de Kroll — “burra. Irracional.”

M.R. lhe estendeu a mão com o cheque. Ela viu que Kroll queria pegá-lo apesar de ofendido com a oferta — pois é claro que ele queria manter a dignidade de um cavalheiro para o qual essas questões sujas são banais, ainda que quisesse que a mulher se rebaixasse diante dele, que se explicasse e pedisse desculpas e o reembolsasse. Pegou o cheque da mão dela, franzindo a testa — “É muito.”

Ela tinha feito um cheque de trezentos e cinquenta dólares. Calculara que devesse metade desse valor a Kroll, e dar-lhe trezentos e cinquenta garantia uma margem de erro.

“Por favor, Oliver. Aceite.”

Ela tentou falar com calma. Estava enjoada, como se tivesse levado um chute na barriga. Com a expressão de quem sentia um cheiro ruim, Kroll dobrou o cheque e o enfiou no bolso do casaco como se fizesse um favor a M.R.

“Bom. Vamos comer.”

M.R. não acreditava no que estava ouvindo. *Comer?* Kroll queria que ela lhe servisse o jantar depois de tudo isso, para ele *comer?*

Ele se esforçava para sorrir. Os olhos estavam semicerrados, cautelosos. Ele não tinha uma ideia clara de como fora longe — o que havia dito, que talvez fosse irrevogável.

“Acho que não vai dar, Oliver. Depois — disso — perdi a fome. Não estou me sentindo bem. É melhor você ir embora.”

“Ir embora? Agora que a gente pôs as coisas nos trilhos?”

Kroll parecia surpreso de verdade. Ele a olhara como se a odiasse, defendera sua posição de forma brilhante e irrevogável contra ela e agora esperava se comportar como se nada tivesse acontecido entre eles?

M.R. declarou: “É. É melhor você ir embora.”

Agora uma ferida ainda maior se infiltrava no rosto de Kroll. Agora sua boca se mexia dentro da barba em forma de pá, em fúria. M.R. se afastou dele. Estava com medo dele. Ele poderia estourar a qualquer instante, poderia encostar a mão nela...

Ia passar ao largo dele, entrar em outro cômodo, mas Kroll bloqueou sua passagem. O rosto dele estava lívido de desgosto. Mas se a odiava — por que não ia embora?

“Eu acho, Oliver, que é melhor você ir embora. Espero já ter te reembolsado. Se a quantia não for suficiente, me informe, por favor — te pago mais com muito prazer.”

Agora estava desesperada para se ver livre dele. A fúria no rosto do sujeito era apavorante.

Talvez tenha sido um erro virar as costas para Kroll — M.R. correu para abrir a porta da frente e ele a segurou pelo ombro, pelo braço — com um gritinho de surpresa e dor, ela se desvencilhou — “Por favor. Por favor, vai embora. Eu quero ficar sozinha.” Estava quase desmaiando, não ousava permitir que Kroll percebesse como a deixara nervosa, fraca.

Ele a segurou de novo — o braço, o punho. E de novo M.R. se afastou.

Kroll tentou sorrir — reclamando que tinha acabado de chegar — ele tinha algo a lhe dizer e lhe dissera — ainda não queria ir embora — mas M.R. não conseguia olhar para ele, só queria que ele sumisse.

“Por favor. Por favor, vai embora.”

“Eu acho que você está cometendo um erro, Meredith.”

Mas ele estava com muita raiva, a voz tremia. M.R. percebeu que ele queria dominá-la e sacudir-sacudir-sacudir até a sujeição.

Tanta vergonha — tinha se enganado na avaliação sobre os sentimentos daquele homem por ela — tinha imaginado que ele *gostasse dela* — e num instante tudo se dissipara. Ele poderia ter avançado com uma faca contra o pôster do retrato na parede, reduzindo a bela Jane, condessa de Harrington, a retalhos.

Indignado, Kroll se retirou. O cheque estava de novo na mão — M.R. viu a mão dele tremer. Pensou *Ele vai rasgar, vai espalhar os pedacinhos pela entrada*.

Porém, Kroll tornou a enfiar o cheque no bolso. Sem uma olhadela para trás ele caminhou em direção ao meio-fio e ao carro de capô rebaixado com o para-lama traseiro arranhado que obrigava a pessoa a se inclinar, se curvar ao adentrá-lo, e M.R. assistiu pela janela sem ousar respirar ao momento em que o carro deu um solavanco ao descer do meio-fio e partiu.

Como uma bêbada M.R. chegou ao quarto e desmoronou na cama, onde ficou deitada, enjoada, com a alma nauseada por horas no decorrer da longa noite, chocada demais para entender direito o que havia acontecido: como o sujeito havia se relevado a ela, a aversão dele por ela, sua fúria.

Um telefone tocava, tocava — ela tampou os ouvidos com as mãos.

Se ele voltasse! Se desse um jeito de entrar naquela casa!

Não por amá-la — mas pelo orgulho ferido. Ele avançaria em cima dela para se vingar, se pudesse.

O ombro dela doera quando ele a segurara, o braço dela ficaria com hematomas de seus firmes dedos raivosos. Era mais vergonha do que medo o que a paralisava. Água salobra preta acumulada no fundo da boca. Estava com pavor de ter uma náusea violenta, engasgar com o próprio vômito e assim a encontrariam como haviam encontrado a idosa de Carthage, parte decomposta, rançosa pela deterioração, sozinha.

Quase sem respirar, pois as costelas estavam quebradas e o barro podre fedia em suas narinas, na boca, nos cílios dos olhos grudados.

Por que você não morre? Menina de Barro, menina-lixo — morre.

Com o tempo ela pensaria quase tranquila, irônica — ele não tinha sido o primeiro homem a partir seu coração.

Ele não era o homem crucial a partir seu coração.

Ele havia sido *um homem* na sua vida. Não *o homem*.

“Meredith!”

Ela lhe telefonara como ele havia pedido nessa noite de março de 2003, ele atendera ao primeiro toque.

Havia um tom de intimidade enervante na voz daquele homem, após tantos anos — “Meredith! Obrigado por ter ligado.”

Perguntou se poderia ir vê-la, tinha uma coisa urgente para lhe contar. M.R. hesitou por um instante — foi um instante perceptível, Oliver Kroll

o registraria — antes de dizer sim.

“Claro que pode.”

Eram notícias de Alexander Stirk, e não tinha como as notícias serem boas.

E então Oliver Kroll foi à residência presidencial, à meia-noite. Esse dia interminável, que tinha começado havia tanto tempo numa espécie de inocência! M.R. abriu a porta da frente para ele, antes que tocasse a campainha. A velha intimidade existente entre eles era tal que nenhum dos dois daria conta de apertar a mão do outro.

Um espectador, assistindo, tiraria disso a conclusão — havia um vínculo misterioso entre eles.

“Estranho estar aqui. A esta hora.”

Kroll poderia ter acrescentado *E sozinho*.

Pois pouquíssimas pessoas iam à residência presidencial sozinhas. Não era o tipo de residência — não tinha o tipo de *ambiente* — ao qual indivíduos iam, como amigos. Na verdade Oliver Kroll já tinha ido à Charters House como convidado mais de uma vez desde que M.R. se tornara presidente da Universidade, mas sempre na companhia de outras pessoas: recepções formais, jantares para palestrantes ilustres.

Em meio a essa companhia dos outros, ele e M.R. eram forçados a se notar apenas formalmente, educadamente.

Ela jamais conseguiria se esquecer do olhar de ódio no rosto daquele homem. A repugnância pela *mulher*, segundo a interpretação de M.R. Na personalidade televisiva de Oliver Kroll, o humor seco, jocosos, sarcástico, as tangentes cáusticas e a curva escarnecedora dos lábios, a visão desdenhosa do *liberal*, “*esquerdista*” como detestável, se não traidor — ela sentia tal repugnância com ainda mais força, e não a suportava.

Essa noite, Kroll parecia mais velho, tenso — a lépida postura pública estava reprimida. A barba continuava aparada para lembrar uma pá de ponta afiada mas agora era entremeada por fios grisalhos e havia saliências e depressões na cabeça calva. M.R. se perguntou — era esse o homem que tanto a intimidara? — a amedrontara? Na Universidade, Oliver Kroll fazia parte do grupo inimigo — um núcleo de docentes conservadores ruidosos que votavam em conjunto nas reuniões, contrários a muitas das propostas de M.R. Neukirchen. Esses docentes eram todos homens — todos “brancos” — todos ocupavam cargos mais altos do que o de professores adjuntos. (Não que isso tivesse muita importância — o

corpo docente liberal da Universidade era bem maior que o conservador no que dizia respeito a votações.) M.R. estava disposta a acreditar que, se Kroll não tivesse incentivado o graduando *Stirk* a gravar a conversa deles, um de seus colegas conservadores o teria feito.

Na década transcorrida desde que Kroll havia saído da vida de M.R., ele havia se tornado uma figura ainda mais controversa no campus. Desde o advento do governo George W. Bush e o triunfo da política conservadora nos Estados Unidos, Kroll se unira ao colega mais velho/mentor G. Leddy Heidemann como consultor da Casa Branca. Enquanto Heidemann era célebre na imprensa como o conselheiro especializado em Oriente Médio da secretaria de Defesa — o “arquiteto”/a “consciência moral” das guerras contra Iraque e Afeganistão — a influência de Kroll era doméstica, mais geral. Como teórico da política, Oliver Kroll volta e meia era convidado para aparecer na televisão — comentário sobre as notícias na manhã de domingo, CNN e Fox News. Nos dias agitados que se seguiram aos ataques terroristas ao World Trade Center no outono de 2001, tanto Kroll como Heidemann apareceram bastante na televisão. E agora, em março de 2003, às vésperas da invasão do Iraque, a propaganda pró-guerra havia se intensificado — *Trata-se de uma cruzada. Não é “diplomacia por outros meios”. A hora da diplomacia já passou. Não existe “diplomacia” para lidar com o mal.*

Era raro M.R. assistir a esses programas de debate político, pois a deixavam transtornada. E ao ouvir os colegas de Universidade dizerem tais coisas — belicosas, pseudo-“patriotas”, vergonhosas —, ela corria para desligar a tevê.

Como sucessor de Heidemann, Oliver Kroll virou o docente consultor do diretório local da Young Americans for Freedom. Fazia campanhas para arrecadar fundos para levar ao campus polêmicos palestrantes e ativistas conservadores; numa série de conferências sobre a possível guerra do Oriente Médio, organizada pelos docentes liberais, Kroll liderara a oposição de professores e alunos conservadores que fizeram piquete no evento e perguntas importunas aos palestrantes. Desde outubro, quando a grande maioria do Congresso dos Estados Unidos votou pela autorização para que o presidente usasse “força militar” contra o Iraque, surgira uma atmosfera política cada vez mais febril e dividida no campus, bem como no país inteiro. Como presidente dessa ilustre universidade, M.R. não podia se envolver em debates políticos, que geralmente eram azedos,

coléricos e intolerantes; mantivera distância da série de conferências e escrevera um editorial para o jornal do campus rogando civilidade. Tinham lhe dito — fora avisada por Leonard Lockhardt — que uma educadora de sua envergadura precisava estar acima de “rixas”. Havia membros conservadores no conselho administrativo da Universidade e havia — é claro — inúmeros doadores conservadores que seguiam com atenção os passos da presidente da Universidade na imprensa. Até em reuniões pequenas, M.R. aprendera a ser discreta no que dizia respeito a opiniões pessoais — a predileção por causas liberais, por princípio; não cometia a audácia de fazer piadas e evitava todas as oportunidades de ser irônica, que eram oportunidades para ambiguidades. Aprendera rápido que um cargo público deixava a pessoa refém: a primeira liberdade de que se abre mão é a liberdade de falar sem pensar, de coração.

De início, os admiradores de M.R. gostavam de sua *franqueza* — que era uma espécie de ingenuidade profissional. Mas agora, meses depois de assumir a presidência, era de esperar que sua conduta fosse mais circunspecta.

Até com os amigos mais próximos se tornara reservada. E com Andre.

Não podia confiar cegamente que ele — seu amante — não repetiria os comentários que ela fizesse e os distorcesse.

Havia sido mera sorte M.R. não ter tido a oportunidade de proferir o inflamado discurso antiguerra que planejava para o congresso na Association of Learned Societies. Pura sorte que o carro alugado derrapara e emborcara na vala em uma região deserta do condado de Beechum.

A palestra, na qual ela trabalhara por muito tempo, era envolta em ironia como uma filigrana tóxica. A ironia não era o estilo de discurso típico de M.R. e não era recomendada a uma presidente de universidade que dependesse da benevolência da comunidade acadêmica para perseverar. Leonard Lockhardt, que leu o discurso de M.R. já que ela não o tinha proferido, ficara surpreso e desaprovava. (E Lockhardt era um liberal à moda antiga, que atingira a maturidade política na época de Lyndon Johnson e da Grande Sociedade.) Caso tivesse proferido o discurso, e caso tivesse sido publicado, ou caído na internet — que gafe seria para uma presidente em seu primeiro ano no cargo!

Sim; melhor que M.R. tivesse sofrido o misterioso “acidente” e sumido de vista durante um intervalo de mais de doze horas, nunca explicado de forma satisfatória.

“A sua equipe foi passar a noite em casa? Esse lugar aqui é enorme... Deve ser como morar num museu...”

Kroll falava com leveza, sem pensar. Era claro que estava chateado — os olhinhos semicerrados dardejavam, a boca estava firme em um sorrisinho tenso.

Não parecia ter escutado M.R. se oferecendo para pendurar o casaco dele — na verdade, uma jaqueta de camurça — raiada e escurecida pela neve derretida — tampouco M.R. repetiu a sugestão.

“Não. Eu não ‘moro’ aqui. Tenho um apartamento particular — dá para chamar de apartamento — no segundo andar.”

Só para esclarecer a Kroll. *Particular*.

Ela conduziu o visitante pela entrada mal iluminada rumo à biblioteca forrada de madeira nos fundos da casa. Em boa parte da casa as luzes estavam apagadas — nos amplos cômodos públicos adjacentes à entrada havia móveis antigos, tapetes, candelabros que ficavam praticamente na obscuridade.

Na biblioteca, havia um débil brilho enlazarado frio no assoalho de madeira de lei lustrado. Para além das janelas de treliças, que durante o dia davam para um terraço de lajotas, um jardim inglês paisagístico e um grande trecho gramado, havia escuridão, esquecimento. M.R. acendeu a luz do teto — luzes. Um candelabro imenso e lustres menores acoplados às paredes. Poltronas de couro, sofás, mesinhas foram revelados arrumados como peças de xadrez gigantes prestes a serem movidas.

“Sente-se, por favor. Aqui.”

Ela não o havia chamado de *Oliver*. A garganta se fechou contra o nome que não conseguia pronunciar.

Sentaram-se perto da imponente lareira de mármore claro na qual estavam gravadas as comoventes palavras MAGNA EST VERITAS ET PRAEVALET. A lareira tinha pelo menos um metro e meio de altura, um metro e oitenta de largura, com canos de latão, toras de bétula posicionadas à perfeição e nenhum resquício de cinzas. M.R. não se lembrava de ter visto essa lareira acesa, tampouco de ter se sentado assim, com alguma visita, diante dela. Como muitas outras coisas na Universidade, a biblioteca fora nomeada em homenagem a um doador endinheirado e era forrada de cima a baixo por belos livros com encadernações de couro para os quais ninguém olhava, embora houvesse primeiras edições raras nas prateleiras.

A ideia passou pela cabeça de M.R., uma ideia do tipo zombeteiro — *Se tivéssemos nos casado. Onde é que a gente moraria? Aqui?*

Misteriosamente — como se andasse lendo os pensamentos dela, ou percebesse o vaguear dos pensamentos dela —, Kroll perguntou se M.R. ainda tinha a casa no lago.

Por um instante M.R. aparentou não saber do que Kroll estava falando, depois disse que não, ela apenas alugava a casa.

Talvez houvesse mais o que explicar mas M.R. não tinha vontade de enveredar por uma conversa pessoal com Oliver Kroll.

“Era — é — uma bela de uma casa.”

O tom de Kroll era nostálgico, desanimado. Se Kroll esperava que M.R. respondesse a esse comentário improvisado, estava enganado.

M.R. pensava em como tinha retirado o retrato de Joshua Reynolds da parede e jogado no lixo. A hortênsia azul-clara morrera de morte natural.

Kroll tinha telefonado, deixado recados. M.R. não respondera. Ele mandara e-mails, que ela apagava sem ler. Chega! Não era ingênua a ponto de dar ao sujeito a chance de magoá-la outra vez.

De repente Kroll parara de tentar contatá-la. Por despeito, talvez, descontara o cheque de trezentos e cinquenta dólares assim como por despeito — talvez — abraçou abertamente a causa conservadora que desdenhara anos antes. Em censura a M.R. Neukirchen e a outros liberais do campus que tanto menosprezava.

A não ser — era bem mais provável — que M.R. não tivesse nada a ver com as declarações políticas do ex-amante, assim como não tinha nada a ver com a vida dele na última década.

Como se relutasse — pois não havia como fugir do assunto que o levava até ali —, Kroll indagou se M.R. tivera mais notícias sobre Alexander Stirk, e M.R. disse com cautela que se Kroll se referia a depois da denúncia de agressão, e a depois da reunião que tivera com ele em seu escritório, não, ela não sabia de nada.

“Alexander me pediu para não ‘trazer a público’ — ele mesmo vai fazer isso. Mas eu queria te dizer esta noite, achei melhor te avisar.”

“Avisar — do quê?”

“Ao que consta, não é a primeira vez que ele age assim — isto é, ele já acusou colegas de classe de agressão, no colégio particular de Connecticut onde ele estudou. A Griffith School — você não sabia?”

M.R. gaguejou um não. Era óbvio — ela não sabia.

“O Alexander é um garoto muito inteligente. Mas claro que é problemático. Ele está passando por uma crise desde que o conheci — desde que era meu aluno, dois anos atrás. Tem a ver com ele ser ‘gay’ — ser ‘conservador’ neste campus — mas também tem a ver com a família dele, o pai. Ele foi mandado para a Griffith School onde o pai tinha estudado e não conseguiu se adaptar, ele falou — ele era ‘perseguido’ pelos outros alunos e ao que parece os professores não eram solidários — portanto — ele mandou e-mails ameaçadores para si mesmo, pôs um cartaz na porta do quarto dele — ‘Morra, sua bicha!’ Ele destruiu o quarto, acabou com os livros. Parece que teve uma crise nervosa, segundo o relato dele. Em todo caso, descobriram que ele estava inventando a ‘perseguição’ — pelo menos os sinais visíveis. Foi suspenso da Griffith e exigiram que ele fizesse psicoterapia para poder voltar, e quando ele se candidatou a uma vaga aqui, isso tudo foi riscado do histórico dele. Ele se emocionou muito quando me confessou tudo isso, esta noite — ele falou que está ‘morrendo de vergonha’ — os ex-colegas de quarto dele estão ‘tirando ele do armário’ on-line — ‘expondo’ ele na imprensa desde que souberam da suposta agressão que aconteceu aqui.” Kroll falava com rapidez e sem rodeios, com ares de distanciamento — se estava chateado, não queria demonstrar.

“Mas — isso quer dizer que ele também inventou a agressão?”

“Ele afirma que não. Alega que a ‘agressão’ realmente aconteceu.”

M.R. vinha escutando com perplexidade. Se a agressão fora inventada — como ela havia desconfiado — a notícia era boa? Boa para a Universidade, ao menos?

“Quando o Alexander apareceu no meu escritório mancando naquela porcaria de muleta — poucas horas atrás —, ele falou, naquele tom de culpa enjoada, ‘Eu tenho que te contar uma coisa, professor Kroll’ — e eu retruquei, ‘Você inventou, não foi? A agressão.’ Ele me olhou como se eu tivesse dado um chute nele — ‘Nãããã. Eu não inventei, tentaram me matar — isso aconteceu mesmo. Mas eu inventei sim — outra coisa.’ Daí ele me contou da Griffith School, e dos ex-colegas falando na internet, ele chorava, estava quase histérico, mas jurou que a agressão daquela noite foi ‘verdadeira’ — estava preocupado porque agora ninguém iria acreditar nele. Essa novidade da Griffith me tirou o chão — fiquei chocado. Claro que não falei para o Alexander — a polícia já estava desconfiada da história dele. Me questionaram sem medir palavras — ‘Esse garoto já

levantou alguma acusação falsa?’ ‘Até que ponto você conhece o garoto?’ Em qualquer situação que tenha a ver com ‘questões gays’ — os policiais ficam desconfiados e não têm empatia nenhuma. O Alexander mudou o relato do que aconteceu com ele, é claro. Os policiais acham que os ferimentos dele podem ter sido ‘autoinfligidos’ — eles não compraram a história de que testemunhas fingiram não ver. E quando ele me ligou do hospital e eu fui lá, certas coisas não fizeram sentido para mim — mas eu não quis passar a impressão de que estava desconfiando, ele parecia estar ferido mesmo e é óbvio que estava muito chateado. Agora não sei mais o que pensar. Ou melhor, eu sei o que pensar — mas não quero dar as costas para ele, ele vai ficar sem ninguém. O pai é um empresário rico que ele afirma ser amigo de Jeb Bush. Os amigos que ele tem aqui — não são muitos — vão se sentir traídos. Na YAF, ele vai ser visto como um traira. Não vão se solidarizar com um fodido no meio de uma crise nervosa e defender o garoto na internet.” Kroll soltou uma risada cruel. M.R. via que ele estava muito comovido, e enojado; era sua compaixão pelo sofrido e agora maldito Alexander Stirk que o enojava.

Com a voz séria e irônica Kroll disse que Stirk lhe pedira para fazer cartas de recomendação, para o curso de direito — “Claro que atendi. E foram cartas bem ‘positivas’! Agora eu me sinto uma besta quadrada. E ele está fodido — ou vai ficar, se concluírem que ele está mentindo — de novo.”

M.R. passou a mão sobre os próprios olhos. Devia sentir alívio mas percebia apenas um impacto embotado como o de um tiro abafado pela distância. “Mas que situação horrível — ele não anda bem. Precisa de ajuda...”

“Não há ajuda que dê jeito, se ele estiver mentindo sobre a ‘agressão’. Não se pode brincar com a polícia — vão fichá-lo por denúncia falsa.”

Kroll falava com uma satisfação macabra. M.R. se deu conta de que o sujeito se preocupava com o próprio cargo, a própria reputação e o próprio orgulho, e não muito com o bem-estar do aluno.

“Agora, ninguém vai acreditar nele — em nada do que ele disser. Qualquer um poderia bater nele.” Estranho da parte de M.R. fazer tal observação, num momento desses. Mas Kroll não reparou.

“Eu perguntei à polícia sobre isso — caso ele esteja mentindo. Qualquer tipo de questão ‘gay’ — eles falaram — ‘dá bandeira’.”

Dá bandeira. M.R. imaginou bandeiras esfarrapadas e surradas ricocheteando num vendaval hostil.

Pensou que Kroll talvez fosse embora agora: era um momento natural para Kroll ir embora.

Ou poderia oferecer uma bebida a Kroll, tardiamente. Poderia convidar o sujeito a tirar a jaqueta de camurça cuja umidade devia estar incômoda, e pesada, e calorenta.

Kroll contemplava o interior cheio de sombras da lareira enorme de mármore branco. Depois dos canos de latão reluzentes havia — nada.

Kroll começou a falar, às vezes aos tropeços, sobre Alexander Stirk. Se encantara com o garoto quando Stirk estava no segundo ano e se matriculou no seminário avançado de teoria política — ficara impressionado com os coléricos artigos e debates pós-aula do menino. Era um aluno de graduação genuinamente — precocemente — *intellectual*, do tipo que raramente se via mesmo naquela Universidade, famosa pelo nível de dificuldade de aceitação dos candidatos. O fato de que Alexander tinha uma sofreguidão pueril, de que fosse (evidentemente) casto, ou assexuado, mas ao mesmo tempo tão (aparentemente) “gay” — (termo que Kroll achava especialmente ofensivo) — era apenas uma expressão de sua singularidade; uma faceta de sua mágoa e dor, e de sua manipulação virtuosa da mágoa e da dor. Kroll achou corajoso da parte de Stirk virar a “gayzice” do avesso, por assim dizer — fazer dela uma parte de sua identidade, não uma parte a esconder. Dentre os conservadores, óbvio que a “gayzice” — a “homossexualidade” — é um problema — na Igreja Católica, da qual Stirk era membro, era um problema enorme. “É como se o Alexander tivesse escolhido fazer da *gayzice* uma arma para coagir os inimigos — os inimigos ‘liberais’ — e também o pai. No entanto — o menino também quer impressionar o pai. Vive me convidando para ir visitá-lo — conhecer o pai dele. A política é sempre pessoal para os adolescentes.”

M.R. pensava *Num contramundo esse garoto é nosso filho. Ilegítimo e excêntrico porque o abandonamos.*

Uma ideia para lá de absurda! Passou tão rápido pela cabeça de M.R. quanto um fiozinho no orifício da agulha, e se perdeu.

“Tem algum pinga de verdade no boato — o boato horroroso — Alexander fez insinuações sobre isso na coluna que ele tem no jornal — de que uma aluna fez um aborto no final da gravidez?”

“Claro que tem. Em tudo o que Alexander disse tem um pinga — um pinga qualquer — de verdade.”

Caíram num silêncio incômodo. Para evitar se olharem, fitavam a lareira que não continha fogo, nem mesmo lembrança de fogo.

“Se eu não tivesse sido tão burro...”

A voz de Kroll sumiu. M.R. não completaria a frase por ele.

Será que ele estava pensando — que poderiam estar juntos agora? Poderiam ter passado a última década juntos, como casal? Seria possível? Teria sido possível um dia? E se fosse possível, M.R. moraria nesta mansão-museu com o professor Kroll como marido?

Pouco provável. Era um *contramundo* impossível de se imaginar.

M.R. Neukirchen tinha sido — até pouco tempo atrás, pelo menos — uma administradora muito bem-sucedida exatamente por não ser casada, não ter família para distraí-la, ou qualquer medida de vida doméstica — a solidão a espantava, e uma brutal vontade inabalável de *seguir em frente* como se estivesse diante de uma tábua estreitíssima acima de um rio tempestuoso.

Quicá tivesse se apaixonado por Andre Litovik como homem inatingível. Quicá o amante (secreto) fosse o principal motor da vida adulta de M.R.

Lembrou-se de como, ao tirar o retrato de Jane, condessa de Harrington, da parede da casa alugada, tirar o pôster da moldura cara, ela o amassara e rasgara, e sentira uma onda de alívio e euforia — depois, de repente, tristeza.

Algo arranhou seu peito. Teria amado Kroll apesar de toda a sua resistência? Ou seu sentimento por ele tinha sido, desde o princípio, puro desespero?

“É claro, se tivesse sido assim — você não estaria aqui nesta casa, Meredith. Provavelmente.”

Kroll opinava com frieza, com seu ar televisivo de estupefação. Era um tom cultivado para manter a aparência de controle assim como a barba de pá pontuda era um disfarce que ao mesmo tempo escondia e protegia o rosto vulnerável existente sob ela.

Com um ruído entre o resmungo e o suspiro, Kroll se pôs de pé. Tinha engordado, até a cabeça raspada parecia maior, mais cheia. Como se a coluna tivesse enrijecido, e lhe causasse dor, esticou os braços e bocejou

com certa grosseria — como se zombasse da intimidade outrora existente entre eles.

“Bom! Amanhã tudo vai vir à tona, espero eu. Ou boa parte.”

M.R. continuava sentada, bastante perplexa. Passaria grande parte da noite em claro, ponderando o que Kroll tivera a gentileza de lhe contar.

Pois ele a procurara, e ele a informara — tinha em mente o bem-estar dela. O fato de que o professor Kroll era adversário político de M.R. não o impedia de ser galanteador com ela.

“Oliver, muito obrigada! Não deve ter sido fácil para você.”

Era o tom presidencial de M.R., entusiástico, terno, sincero. Se houvesse algo mais a dizer, essa voz não diria.

M.R. levou a visita noturna até a porta da frente. Refez os passos ao longo do corredor lúgubre em que havia um tapete-passadeira oriental e lâmpadas no teto que criavam sombras pouco lisonjeiras nos rostos deles, deixando-os como máscaras com órbitas oculares exageradas, parêntesis junto à boca. No saguão, um espetacular candelabro de cristal irlandês ainda estava aceso, como se para uma ocasião festiva que tivesse dado errado. E também a luz externa, que M.R. correra para acender pouco antes de Kroll chegar para estacionar na entrada circular próxima aos degraus da casa.

“Bom — Meredith. Boa noite.”

“Boa noite! E mais uma vez — muito obrigada.”

Na tentativa de abrir a porta, M.R. foi poupada de ter que olhar para a cara do sujeito — os olhos. Segurou a porta aberta para o visitante de partida, uma porta maciça de carvalho antigo com uma aldrava de águia de ferro forjado que todos que entravam na Charters House paravam para admirar, mas que passara despercebida a Kroll. Bastaria ele dar um passo para fora e M.R. fecharia e trancaria a porta.

Kroll deu um passo para fora. A neve caía rala, úmida. Havia um aroma pungente e fresco como de medula derramada do osso, inesperadamente molhado e purificador, e M.R. sentiu que esse era o cheiro de madrugada, solidão e ruas desertas e casas grandes de pedra destituídas de moradores, à exceção de uma.

M.R. não viu Kroll entrar no carro, ir embora. Desligou a luz externa quando ele estava ligando os faróis do carro.

Ele ainda pode voltar. Com o pretexto de ter mais coisas para contar, ou...

Lá em cima, em seus aposentos privativos se preparando para deitar — enfim — M.R. de repente se perguntaria — ele ainda dirigia aquele reluzente carro luxuoso rebaixado — qual era mesmo o nome — *Jaguar*? Não tinha reparado.

Menina de Barro recuperada. Menina de Barro rebatizada.

Abril–maio de 1965

No interior montanhoso a sudoeste das Adirondacks, nos condados de Herkimer e Beechum, a notícia macabra se espalhou logo: uma das menininhas da Kraeck tinha sido encontrada nos alagadiços próximos ao Black Snake River, abandonada pela mãe e deixada à morte.

Não, não tinha como ser acidente. Ninguém largaria uma criança por acaso. Não jogada no alagadiço e com uma bonequinha surrada do lado...

Pois tinham visto no noticiário da tevê uma fotografia da *criança não identificada de cerca de três anos de idade* num hospital de Carthage.

Até de cabeça mal raspada, rosto machucado, olhos inchados e pesarosos a criança foi reconhecida pelos habitantes de Star Lake que conheciam a mãe, Marit Kraeck — devia ser a mais nova, ponderaram.

A não ser que fosse a mais velha, de cinco anos, definhando, à beira da morte e muda como se a lama voraz tivesse lhe tirado o fôlego.

Só quando a criança foi *encontrada* soube-se que a criança estava *sumida*.

Como décadas depois ela apresentaria uma proposição provocadora em um colóquio de filosofia *Se as palavras deixam de existir, o significado delas também deixa de existir?*

Se os nomes são anulados, aquilo que era nomeado é anulado — ou, renomeado, reconstituído?

Telefonemas nervosos foram dados ao gabinete do delegado do condado. Habitantes de Star Lake relataram que a mulher de sobrenome Kraeck não era vista por lá ou nas redondezas havia pelo menos uma semana e a foto da menininha na tevê — aquela encontrada no alagadiço — podia ser uma das filhas de Kraeck.

E houve também um rapaz gaguejante — um caçador que montava armadilhas à margem do Black Snake River — que encontrara e salvara a menina — entrevistado na emissora local de tevê dezenas de vezes e em uma delas parado na escarpa sobreposta ao alagadiço à qual levava agentes do delegado para mostrar-lhes exatamente onde havia achado a menininha

no lamaçal — bem como a boneca de borracha que descrevera, que continuava ali no emaranhado de lama e junco.

E então na tevê a imagem chocante dessa rejeitada boneca nua e careca, exibida ali entre os juncos como uma criança rejeitada.

As filhas de Kraeck eram Jewell e Jedina.

Não havia pai ou pais conhecidos. Não havia ninguém para se apresentar e reclamar a menininha no hospital de Carthage.

Nenhuma das meninas frequentara a escola. Não havia certidão de nascimento e nenhum documento relativo a elas foi descoberto no condado de Herkimer ou de Beechum ou, com o tempo, em qualquer outro condado do estado de Nova York. Foram os vizinhos de Star Lake que atestaram as idades prováveis delas.

Quando enfim depois de algumas semanas no hospital a menininha recobrou a capacidade de falar — primeiro num sussurro rouco, compreensível apenas para as enfermeiras que mais cuidavam dela — ela declarou que era a *Jewell*.

Não parecia saber seu sobrenome. Mas sabia que não era a *Jedina*, e sim a *Jewell*.

Sobre *Jedina*, ela não falava. Sobre *Jedina*, ninguém conseguia persuadi-la a falar.

Tampouco da mãe, ninguém conseguia persuadi-la a falar.

Terrivelmente magricela, à beira da morte. E a cabeça raspada e salpicada de hematomas, crostas de ferida.

Porém insistia que sim, ela era a *Jewell*.

Os olhos feridos piscando no rostinho espancado ao mesmo tempo amedrontados e com uma determinação implacável *Não Jedina e sim Jewell*.

Jewell. Jewell!

Sobre *Jedina* ela de fato parecia não saber nada. Sobre *Jedina* a criança jamais falaria porque as palavras lhe tinham sido arrancadas, e a boca entupida de lama.

E assim foi, a menina sobrevivente foi tida como *Jewell Kraeck*. Acreditava-se que o ano de nascimento de *Jewell Kraeck* era 1960 mas a data não poderia ser oficial porque parecia não existir nenhuma certidão oficial.

Como seria de se esperar, as pessoas então se perguntaram onde estava a outra irmã — cujo nome era *Jedina*?

E onde estava a mãe delas *Marit Kraeck*?

O alagadiço junto ao Black Snake River foi vasculhado por equipes de resgate. O interior desolado do norte do condado de Beechum, morros de xisto estilhaçado, ruínas de rochas glaciais, florestas de faias parcialmente caídas como se atingidas por uma praga misteriosa e as raízes expostas nodosas como dedos artríticos — rapidamente essas imagens apareciam no noticiário da tevê, às vezes do plano aéreo de um helicóptero, e nessas horas a sombra deslizante do helicóptero era vista na terra lá embaixo como a de uma ave de rapina gigante.

E lá estava o desengonçado de braços compridos *Suttis Coldham* olhando fixo para a câmara de tevê lambendo os beijos tentando pelo amor de Deus não sucumbir à gagueira como um homem tentando conter a grande serpente retorcida encerrada em seu corpo dizendo — insistindo — “Tinha só — aquela menininha na lama. Só tinha aquela uma. Se fosse duas eu veria duas — *mas só tinha uma.*”

Habitantes de Star Lake e dos arredores que conheciam Marit Kraeck — só de vista, pois Marit Kraeck evitava os vizinhos e qualquer um que lhe pedisse informações, já que temia e desprezava todos os indivíduos ligados ao condado ou ao estado ou a qualquer governo ou órgão governamental que se dirigissem a ela ou não e fossem verdadeiros ou apenas imaginados — aquelas mulheres — pois em geral eram mulheres — acreditavam que o condado devia ter feito algo além de dar auxílio-alimentação àquela pobre mãe e suas filhas pequenas. Em Sparta ela morara um tempo no Cruzamento de Lake Clear e depois em Star Lake havia chegado com um caminhoneiro de cabelo espetado bem mais velho que ela e que gostava de rir e as gengivas úmidas ficavam à mostra quando ele ria — o homem se dizia *veterano do Vietnã* — posto de *cabo* e seu nome era *Toby*, ou *Tyrell* — “estilhaços” na perna, ele declarara, e uma “chapa de aço” na cabeça sobre a qual fazia piada, portanto não dava para saber se o *ex-cabo* estava falando sério ou não e os dois bebiam demais vivendo juntos numa casa decrépita fora da cidade até que o *ex-cabo* desapareceu e então parecia que Marit Kraeck era extremadamente religiosa — “perturbada” e “ruim da cabeça” — no começo frequentara várias igrejas da região de Star Lake e depois por fim ia somente à igreja Metodista — cultos de domingo de manhã, fim da tarde de quarta-feira — e algum incidente envolvendo Marit Kraeck acontecera na Metodista de Star Lake e o pastor da igreja precisou ligar para o gabinete do delegado

para lidar com a mulher raivosa que o ameaçava e ameaçava fazer mal a si mesma diante dele. E lá ia Marit Kraeck presa por dirigir alcoolizada, se embriagar em público e resistir à prisão e portanto sentenciada a um período na casa de detenção feminina e subsequentemente solta sob condicional e nos últimos quinze meses morava num casebre alugado imundo não muito maior do que um engradado com uma série de homens se aproveitando dela e por fim — de novo — o *ex-cabo* Toby, ou Tyrell, o caminhoneiro que parecia ter voltado para ela pouco antes de partir de novo para — a Flórida? — e Marit Kraeck partira junto.

E as meninas, se supunha. Foram com os adultos para a Flórida.

Depois que a menina que acreditavam ser *Jewell* foi descoberta no alagadiço e na época da busca pela menina que acreditavam ser *Jedina*, veio à tona que as paredes da casa decrépita em que Marit Kraeck morara atrás do posto de gasolina Gulf da rodovia eram cobertas praticamente de cima a baixo por algum tipo de imagem religiosa ou crucifixo — crucifixos entalhados em madeira, crucifixos folheados a ouro, crucifixos de folhas de alumínio, crucifixos de plástico com enfeite de ouropel, um crucifixo de sessenta centímetros de crochê branco malfeito — mas sem aquecedor exceto o fogão a lenha entupido de cinzas e entulho e eletricidade cortada e tiras de poliuretano sujo cobrindo as janelas frouxas, balançando ao vento como pele esfolada.

Para onde quer que Marit Kraeck tivesse ido, não deixara rastro perceptível. O velho Dodge surrado que a viam dirigir também tinha desaparecido. E agora havia uma criança no hospital de Carthage e ninguém para visitá-la ou para lhe dar a crucial atenção a não ser a Assistência Social do Condado de Herkimer que a colocaria numa família provisória da região de Carthage.

E portanto a pergunta era feita por todos os lados na primavera de 1965 no norte de Nova York a sudoeste das Adirondacks — *Cadê a menina desaparecida Jedina Kraeck?*

Mulher de Barro arruinada.
Mulher de Barro reerguida.
Mulher de Barro na Era de Choque e Pavor.

Março–abril de 2003

Preparada! Ela estava.

Em seu sono, ainda viva.

Num silêncio assombroso ela caiu. Tão de repente pisou em falso. Tão de repente que não teve tempo de tomar fôlego, de gritar. Também não haveria razão para gritar — ou tomar fôlego — pois não havia ninguém na ampla casa escura para escutá-la.

Nos degraus ela caiu. Não na escada na entrada da casa, mas na estreita escada íngreme de curva acentuada dos fundos da casa que servira de escada de serviço na longínqua época em que uma equipe de empregados vivia na Charters House.

Batendo a lateral da cabeça nos suportes do corrimão, e a boca. Atingindo o ombro direito. Algo líquido e escaldante espirrou em seus dedos, o antebraço direito nu quando caiu e continuou caindo escorregando pelos degraus atapetados — mas pouco atapetados, com pedaços de madeira visíveis pintados de cinza, feiosos e duros — a lateral do crânio, os dois cotovelos e o maxilar batendo nos degraus em sequência rápida *um-dois-três* e uma pancada brusca como um chute nas costelas e ainda assim não conseguia gritar pois o ar lhe escapava embora por fim soltasse grunhidos, soluços de surpresa, dor, humilhação — *Sozinha. Sozinha — desse jeito.*

Era 1h06 da noite de 22 de março de 2003. No início da invasão do Iraque — a Era do Choque e Pavor.

E na esteira do suicídio (malsucedido) de Alexander Stirk.

Em suas preleções públicas a presidente da Universidade falava com bastante cautela, é claro. Não discutia questões “delicadas” — (como Stirk) — e não falava abertamente de política. Apesar de ser sempre questionada sobre esses assuntos, não declarava em público sua forte oposição ao Presidente e à guerra dele. Desde que assumira o cargo era avisada. E tinha aprendido. Meio tarde aprendeu: a

impulsividade/impetuosidade numa administradora-chefe não era uma característica desejável. A imprudência não era uma característica desejável. Falar sem rodeios, com sinceridade — falar de coração —, só é possível quando se é uma figura sem vida pública, não a representante de uma instituição. E portanto sua ira, seu temor, desespero diante da idiotice belicosa do governo ardiam sob suas palavras entusiasmadas em público. E sua fúria diante da exploração cínica do medo de “ataques terroristas” por parte do governo Bush após o 11 de Setembro — tudo isso os pais quacres haviam lhe inculcado, a abominar e a resistir. E, portanto, quando aludia a *Essas notícias horríveis, essa última crise* era apenas em particular, em meio a pessoas que sabia que se sentiam exatamente como ela.

Ou, quando mais audaciosa, talvez aludisse a *Essa nova guerra! A morte anunciada da educação...*

Talvez — talvez no discurso da organização de ex-alunos de Chicago no início daquele dia — tivesse pronunciado essas palavras. Mas não do pódio, somente depois, em meio a indivíduos que sabia que eram fervorosos *antiguerra*.

No país, naquele período inicial da invasão do Iraque, a divisão entre *pró-guerra* e *antiguerra* era violenta e irreconciliável.

Tão violenta e irreconciliável quanto *pró-vida, pró-escolha*.

Assunto sobre o qual era melhor a presidente da Universidade também não falar abertamente.

E portanto em Chicago, bem como em Minneapolis — em Cleveland, em Columbus, em Milwaukee — em Seattle, em Portland —, em qualquer lugar onde fosse dever da presidente da Universidade se dirigir a grupos de ex-alunos da Universidade, como fazia volta e meia ao longo do período letivo, falando sobre o tema “A Universidade no século XXI: Desafios e oportunidades”, M.R. Neukirchen era intensa no que tangia a questões ligadas à Universidade e questões ligadas à educação; sua conduta era sempre animada, otimista; claro que sorria com frequência, se não constantemente; seu rosto doía, tantos sorrisos! — assim como, nas cerimônias de entrega de diplomas em que apertava a mão de cada formando e dos familiares de cada formando, sua mão doía e latejava. *É esse o meu papel: dar alegria aos outros. Se eu for forte o bastante!*

Lembrava-se agora, com um quê de consternação — autocensura — que sua voz havia tremido no pódio — embora mantivesse o sorriso, e não

parecesse a um observador neutro que ela havia perdido sequer um pingom da compostura. Ninguém lhe fizera perguntas de cunho político, todas as questões foram a respeito da Universidade e uma delas — é claro que estava preparada, ela sabia que poderia ser iminente — foi uma pergunta de chofre sobre Alexander Stirk — “A senhora acha que a Universidade é a responsável?”

Não era uma pergunta maliciosa. Não era nem sequer uma pergunta desafiante. Era uma pergunta muito natural feita por um senhor simpático, um ex-aluno doador de Chicago que mantinha uma cátedra de economia na Universidade e andava negociando com o diretor de parcerias estratégicas da Universidade e planejando patrocinar um programa de economia computacional.

“Achamos que a Universidade não é a responsável.”

M.R. ponderou suas palavras. M.R. não sorria nesse momento e sim exibia uma nítida ruga vertical de profunda seriedade entre as sobrancelhas.

“Leonard Lockhardt — nosso consultor jurídico principal — acha que não somos. Mas é claro — a situação é horrível, uma” — M.R. fez uma pausa, os dedos apertando as bordas do pódio por baixo, invisíveis aos espectadores. Veio-lhe aos ouvidos um bramido como o de um deslizamento de terra distante — “uma tragédia”.

Na refinada sala de jantar do Clube Universitário, com pé-direito alto e teto decorado e papel de parede de seda e candelabros de cristal (apagados, pois o sol que vinha do céu de brigadeiro do Lake Michigan castigado pelas ventanias era tão forte que a luz artificial era desnecessária) em meio aos tinidos das xícaras de porcelana, colheres de café e do som de louças e talheres sendo destramente recolhidos pelos garçons em uniformes brancos criados para ter tal destreza — as sílabas de *tragédia* soaram esquisitas, como as sílabas de uma palavra arcaica com teias cinza.

Tragédia. Tra-gé-dia.

“... que ninguém poderia prever.”

Com um rosto conciliador e ao mesmo tempo cortês, o cavalheiro falava com um leve indício de gume de aço. E suas feições, que antes lhe pareciam típicas do Meio-Oeste como as dos senhores dos retratos populares de Norman Rockwell, adquiriram uma brusquidão repentina.

“Só que está nas porcarias dos jornais. Na maldita da mídia — do ‘ciberespaço’. E nesses veículos eles não publicam retratações.”

Uma risada branda se espalhou pela reunião como marulhas num lago raso e isolado. M.R. tinha ciência do aperto anormal de suas mãos na beirada do pódio e se esforçou para relaxar os dedos um a um.

Então discretamente mudaram de assunto. Outro convidado do almoço levantou a mão para fazer uma pergunta a M.R. ao estilo de um arremessador fazendo um lançamento desleal para um rebatedor inválido.

Sempre termine com um toque positivo.

Educação é a — (esperança? instrumento? promessa?) do futuro. A educação é — o futuro.

E a educação na Universidade — a vanguarda do futuro.

Tinha sido uma visita muito bem-sucedida a Chicago organizada pelos ex-alunos da área metropolitana de Chicago e a coordenação de alunato da Universidade. Estavam presentes oitenta e quatro ex-alunos da Universidade de idades muito variadas — a mais velha era a classe de 1952, a mais jovem era a classe de 1998 —, dos quais mais de dois terços eram doadores consagrados da Universidade. O evento era um almoço no Clube Universitário com “comentários” da presidente Neukirchen e dois colegas — a vice-presidente de atividades no campus da Universidade, uma jovem cheia de energia com cabelo cor de fogo, e o vice-presidente de desenvolvimento, que emanava ares de autoridade vivaz e habilidosa, como a de um chefe do grupo de escoteiros da Ivy League. Quando M.R. voltou para a cadeira à cabeceira da mesa de braços bem cruzados à frente do coração acelerado, parou quase imediatamente de escutar de verdade; seu rosto enrubescido continuava a exalar luz, mas era uma luz desbotada.

Estou com tanta vergonha.

Estou morta de vergonha.

Não — eu triunfei. Eu vou vencer.

Assim foi. Apesar de Alexander Stirk, a presidente da Universidade tinha vencido. Mais ou menos.

A Universidade era um dos veleiros rápidos da erudição, o *Cutty Sark* das universidades — um artefato majestoso de uma era longínqua, miraculosamente intacto, capacitado por um maquinário invisível a aguentar tempestades no mar que destruiriam embarcações mais fracas.

Na programação impressa para ela, M.R. agora podia riscar *Chicago*.

Uma flecha descendente no coração de *Chicago*.

A assistente tinha marcado um voo às 15h40 que a levaria embora de Chicago. Claro que tinha perdido uma hora, e mais de uma hora com

atrasos do voo, voltando ao Leste.

Do aeroporto da Filadélfia à “histórica” residência presidencial no canto do campus da Universidade, uma hora e quarenta de carro.

Carlos não era mais o motorista particular de M.R.: agora era um negro sempre alegre, mais jovem, chamado Evander. Tinha vinte e seis anos e se mudara para os Estados Unidos com os pais quando bebê, da “R. D.” — República Dominicana.

M.R. gostava muito de Evander, que falava com ela como um papagaio preto lúcido de um metro e oitenta e três que não esperava que ela escutasse com atenção, muito menos respondesse. Era verdade, Evander chamava M.R. de “dona” — vez por outra, com uma falta de jeito comovente, “Dona Neukitechen” —, mas M.R. se sentia à vontade com ele na direção do Lincoln Town Car porque Evander não tinha trabalhado para o predecessor de M.R. e portanto não tinha noção do que um presidente da Universidade poderia/não poderia fazer. E M.R. gostava do fato de Evander prender o cabelo preto e abundante em incríveis rolos serpentiformes que pulavam da cabeça como se enebados.

“Meu motorista maravilhoso, com seus dreadlocks.”

(Seria isso condescendência? *Seria* racista?)

M.R. sabia da jovem esposa de Evander, das filhas gêmeas Starr e Serena. Sabia que Evander pretendia estudar ciência da computação na Faculdade Comunitária do Condado de Hunterdon dali a uns anos.

Se M.R. optava por carregar as próprias sacolas, puxar sua mala leve com rapidez aeroporto afora, Evander a observava perplexo e não, como o careta Carlos, com ares de reprovação. Havia se tornado quase uma piada — o grandalhão Evander com seu uniforme escuro de motorista fingindo ter que acelerar o passo para acompanhar M.R. “Nossa, dona — a senhora é *rápida*.”

Agora, era raro M.R. ver Carlos Lopes. Estava praticamente aposentado, trabalhava apenas meio-período, o motorista mais antigo da equipe presidencial e o incumbido de buscar visitantes VIPs no aeroporto e conduzi-los durante a estadia na Universidade. Se Carlos ficara magoado ao ser substituído por Evander que usava dreadlocks — M.R. não tinha razões para ficar sabendo.

Meu Deus! Que eu não tenha quebrado nada...

E estava sozinha na casa escura: tinha mandado a governanta para casa mais cedo.

Claro que M.R. não queria que a encantadora governanta/cozinheira fizesse comida quando ela mesma podia tranquilamente preparar a refeição, se quisesse.

“Uma noite a sós!” — se sentira quase eufórica.

Voltando tarde de Chicago, e após o anoitecer. Pois ao voar para o Leste à luz do dia, a pessoa voa rumo à noite. E como a noite chega rápido, como um eclipse.

Assim que deixou Chicago — assim que deixou o Clube Universitário e os incríveis anfitriões —, assim que entrou na limusine na qual foi levada ao aeroporto, sentiu-se exausta. Agora o sorriso podia ser desligado, como uma lâmpada de alta voltagem. Agora a postura de manequim podia relaxar, como um fantoche de meia sem a mão. Pensou grosseiramente — ou melhor, o pensamento grosseiro lhe veio — *Qual foi a quantia que a gente ganhou hoje em Chicago? Talvez — milhões?*

Tinha criado um vínculo com o qual-era-mesmo-o-nome-dele — Ainscott. Ele gostou dela, ela percebera com alívio — aqueles olhos azuis sinceros, o cabelo curto como o de um fuzileiro naval, e diziam que Ainscott era o homem que valia mais de cem milhões de dólares obtidos por meio de — seriam *obrigações especulativas?* — *fundos de investimentos?* — havia se formado na Universidade em 1959 — e se era contra uma mulher ocupar a presidência da Universidade, fora cavalheiro o suficiente para apoiar M.R. Neukirchen desde que ela tomara posse.

Uma enxurrada de cartas com queixas chegara à revista de ex-alunos da Universidade quando o nome de M.R. foi anunciado na imprensa. E algumas das cartas eram cruéis, sarcásticas, desbragadamente machistas. M.R. insistira em lê-las — todas elas — e havia respondido pessoalmente a cada uma das cartas, à mão.

Sua equipe ficara espantada. Nunca o presidente da Universidade se encarregara de tamanha empreitada, mas M.R. tinha consciência — (seria sua vaidade?) — de que sua presidência era importante para a história da Universidade e que era seu o privilégio de definir-se para os detratores, já que não suportava vê-los, no termo que os próprios usavam, como *inimigos*.

Era seu instinto quacre. Silêncio, calma. No meio da tempestade, calma. Desferir um golpe mesmo que para se defender é provocar outro golpe, e mais outro. A tolice da guerra é que ela pode não ter um fim natural exceto

através da extinção de um povo inteiro. Ela seria a Filha da Luz, se merecesse.

Mas ao voltar de Chicago cometeu o erro de não ir logo para a cama. Ou, pelo menos, tirar a roupa, deitar na cama e assistir a tevê — (pois às vezes M.R. via tevê de madrugada —, os programas que parodiavam os noticiários, que eram os preferidos de seus alunos, reprises de documentários da PBS, filmes clássicos, filmes estrangeiros — assistia por um tempo até os olhos ficarem vidrados e o sono se apossar dela rápida e adoravelmente como uma língua grande dando lambidas). Preferia se sentar à escrivaninha e usar o computador — sempre havia uma legião de e-mails para responder e agora na esteira de Alexander Stirk...

Com a governanta insistira que não estava com fome. Mas pouco antes de 1h da madrugada sentiu uma fome voraz.

Desde que se tornara presidente da Universidade, era raro M.R. fazer as refeições noturnas a sós; mais raro ainda era poder se recolher ao seu apartamento no segundo andar da Charters House às 21h. Poderia ter marcado um compromisso para aquela noite — pois tinha inúmeros deveres como presidente da Universidade que a aguardavam — mas a assistente havia lhe dito um *Não!* categórico — o almoço em Chicago já era o bastante para aquele dia.

Estavam preocupados com ela, ela sabia. Os membros da equipe — seus leais defensores. Havia uma lealdade protetora brutal entre os assistentes de M.R. Neukirchen no Salvager Hall.

Coitada da M.R.! Ela está levando para o lado pessoal.

O que é que você quer dizer com isso? Ela ainda não deu nenhum tropeço.

Eles a estavam protegendo — não estavam? Deviam ter recebido muitos telefonemas — e-mails ao Gabinete da Presidente da Universidade — que M.R. jamais receberia. E a “mídia” — internet, ciberespaço — *esgotospaço* — girando com as notícias sobre Alexander Stirk.

Às 0h50, após um longo dia, lá vinha M.R. com meias de lã, jeans e moletom da Universidade descendo a estreita escada em espiral dos fundos da casa, à qual estava tão acostumada depois de nove meses que era capaz de percorrer na escuridão. E na cozinha melancólica e de pé-direito alto revirou os armários em busca de uma lata de sopa de lentilha com frango da Campbell's, que derramou numa tigela, misturou com água e pôs

no micro-ondas por quatro minutos. E na geladeira grande que exalava um leve odor de manteiga rançosa ela achou vários pedaços de queijo, queijos importados e caros que haviam sobrado de uma recepção recente, e havia um quarto de pão francês um tantinho amanhecido. E em outro armário, uma caixa de biscoitos um tantinho murchos. E havia uma garrafa pequena de água com gás meio sem gás. M.R. arrumou essas coisas numa bandeja para levá-las ao quarto do segundo andar enquanto a sopa girava no micro-ondas. Não saberia dizer por que não esperou a porcaria da sopa, talvez na verdade — sim, era provável — tivesse se esquecido da sopa; sua cabeça estava sempre aos batiques, como uma máquina que ficou ligada durante a saída da dona e superaqueceu na inutilidade do mero esforço; mas não era no *aqui e agora* que M.R. pensava e sim no *lá e naquela época*: uma lembrança isolada de uma noite com o amante (secreto) anos antes em Cambridge, quando ele apareceu para vê-la — tarde — e eles fizeram amor — mais exatamente, dado o grau de energia, entusiasmo e proeza física que Andre Litovik devotava a tais empreitadas, ele fizera amor com M.R. — e depois tontos de fome cambalearam pela cozinha apertada de M.R. e Andre improvisara um lanche noturno — ovos mexidos rústicos, pão árabe — uma garrafa de vinho tinto que ele tinha levado pois era uma raridade Andre Litovik se aventurar no flat pequeno de M.R. Neukirchen sem carregar seu vinho tinto predileto...

M.R. sorriu, recordando. E foi o jeito como Andre se despedia que a tirou da melancolia — *Ei. Só estou indo embora para poder voltar.*

Era verdade. E depois, era menos verdade.

M.R. não tinha se dado muita conta de que, como presidente da Universidade, viajaria tanto. *Indo embora para poder voltar.*

Mas ela tinha tão pouco para o que voltar — ali. Uma residência temporária — se fosse presidente da Universidade por dez anos, a residência ainda seria temporária; nem seus cômodos particulares, com aquela bagunça aconchegante, eram *dela*.

No final de seu mandato como presidente, então. Adquiriria uma residência mais permanente. Ela e Andre, talvez.

Por um instante precisou pensar — onde estivera naquele dia? Claro — Chicago. Um voo matutino rumo a Filadélfia e de volta para casa no começo da noite. A visita tinha “corrido bem”, porém a deixara tão esgotada que agora parecia ter sido dias antes, do outro lado de um abismo.

A próxima reunião com ex-alunos era em Atlanta — viajaria segunda-feira de manhã.

E depois Gainesville, e Miami.

Um toque de sobressalto: a Flórida era a terra natal dos Stirk.

Jacksonville, onde viviam os pais de Alexander.

“Ai por que foi que ele não — gostou de mim? Fui amiga dele.”

No cômodo que servia de quarto para M.R. ela colocou a bandeja em cima da mesa. Havia pilhas de livros na mesa, papéis e documentos e seu laptop. No trajeto a garrafinha de água com gás caiu e vazava na bandeja, e agora sobre a mesa, e o chão; desajeitada, M.R. enxugou a água derramada com o único guardanapo que tinha levado consigo. Esses incidentes fortuitos de falta de jeito físico tinham passado a caracterizar cada vez mais a vida de M.R. nos últimos anos. Se quando adolescente desengonçada e alta era uma atleta de coordenação motora surpreendente — basquete, vôlei, hóquei na grama —, agora, aos quarenta e poucos anos, sempre parecia derramar coisas, ou deixá-las cair, ou dar topadas — num jantar semiformal no ano anterior ao esticar o braço sobre uma mesa para apertar a mão de outro convidado, com seu jeito impulsivamente amistoso, M.R. quase pusera fogo no próprio cabelo chegando perto demais de uma vela acesa — que surto de exaltação! — outro convidado rapidamente estapeou o cabelo entre as mãos para apagar as chamas; o cabelo de M.R. de fato chamuscou e emanou um cheiro de queimado; o episódio foi tão ridículo e constrangedor que M.R. riu; mas outras pessoas ficaram preocupadas com ela — “A verdade é que não tem graça nenhuma, você podia ter se queimado feio” —, como se fosse uma criança grande que tivesse se machucado sem querer.

Isso também faria parte da lenda, M.R. imaginava. Naqueles círculos rarefeitos nos quais M.R. Neukirchen era conhecida.

Quando estava sozinha, M.R. se isolava naquele cômodo. Não era uma boa ideia comer ali — não tinha tido tempo de arrumar o tipo de mesa sobre a qual comeria com algum conforto, ou pelo menos não sem jeito; pois tudo lhe parecia *temporário*, ali; e tudo o que era *meramente pessoal* parecia bobagem. No afã de parecer — de ser — altruísta, M.R. encontrava uma espécie de vaidade infantil no fato — pois sim, era fato — refletido nos olhos dos funcionários admirados — de que não só não ligava muito para o próprio conforto como também mal atentava para o próprio conforto.

Embora M.R. morasse em uma das mais belas residências particulares “históricas” de Nova Jersey como um todo, não tinha o menor interesse em comer sozinha na enorme sala de jantar, ou na cozinha sepulcral; com menos frequência que o planejado, convidava amigos íntimos que faziam parte do corpo docente para jantar com ela — um “jantar adiantado” como M.R. chamava —, o que queria dizer que os convidados deviam ir embora por volta das 21h30; caso sua imaginação fosse mais fértil, e desse importância a tais coisas, talvez acendesse a lareira de mármore branco da biblioteca e comesse ali, mesmo que numa bandeja; poderia ler enquanto comesse; o amante (secreto) sempre lia enquanto comia, mesmo quando ela estava com ele, às vezes; afirmava que nos últimos tempos ele e a esposa, Erika, raramente faziam as refeições juntos, e quando faziam, Erika costumava ligar a tevê; mas quando M.R. fazia suas refeições apressadas a sós, geralmente comia, ou tentava comer, trabalhando no computador, analisando papeladas, fazendo anotações.

Essa coisa terrível que aconteceu com Stirk. Que Stirk havia feito consigo próprio.

Ele jamais se recuperaria. Estava em coma, paralítico. O termo feio — “morte cerebral”.

Não conseguia respirar por conta própria — um aparelho respiraria por ele, *por toda a eternidade*. Pois seus pais eram católicos devotos, jamais orientariam os médicos de Alexander Stirk a interromper o tratamento.

Algo pelo qual deviam agradecer, Leonard Lockhardt dissera com um sorriso penoso — “Se ele morrer, o caminho se abre. De ‘omissão criminosa’ para ‘morte por negligência’.”

Não era bom ter esse tipo de pensamento! M.R. sentiu fraqueza, de fome, angústia — “Melhor eu comer.”

Deixara alguma coisa para trás — lá na cozinha — o quê? — sim, no micro-ondas — uma tigela de sopa.

Descendo às pressas a escada dos fundos com suas meias de lã escorregadias, pois tinha tirado os sapatos apertados assim que chegara em casa e colocado as meias que na verdade eram meias de caminhada que Andre tinha comprado para ela na L.L. Bean na época em que faziam caminhadas juntos — não com frequência, mas algumas vezes. E na cozinha — ai! que cozinha deprimente! — um cômodo puramente utilitário como a cozinha de um hotel, com uma prateleira imantada de facas de chef grandes, afiadas, de aspecto brutal, e uma enorme geladeira

com temperatura abaixo de zero e freezer e um fogão de aço com uma dúzia de bocas — espaço montado para preparar e servir grandes quantidades de comida — ali estava o micro-ondas, que havia desligado sozinho. O aroma da sopa quente — sopa quente de lentilha com frango — deixou M.R. fraco de fome.

Só que: havia algo errado — não havia?

Para sua irritação M.R. viu — na outra ponta do corredor que ia além da copa, que se abria para a cozinha, a porta do porão parecia estar entreaberta, de novo.

Um dos empregados da casa devia tê-la deixado entreaberta. M.R. foi fechá-la, com força.

Um odor fraco de frio, umidade — inequívoco.

M.R. só tinha se aventurado pelo porão da Charters House uma vez e não tinha nenhuma vontade de voltar lá. Descera a uma região subterrânea de cheiros ruins, chão de concreto arenoso, móveis exilados na melancolia cobertos por lençóis que pareciam mortalhas e nos fundos da área de serviço uma pia funda, arcaica com torneiras corroídas como que saídas de um abatedouro, que recendia, ainda que pouco, à sua função original. Um instante de horror dominou-a — compaixão pelos empregados da Charters House que, ao longo de séculos, como numa interminável procissão de Hades, tiveram de labutar em tais condições em troca de salários mesquinhos.

Naquela ampla casa antiga havia cômodos no terceiro andar — “quartos de hóspedes”, como eram vagamente nomeados — que M.R. ainda não tinha visto e tinha pouco interesse em ver.

Quando criança, talvez — teria ficado curiosa. Perambulando por casas de adultos: a casa dos Skedd — “lar provisório” — onde a pequena Jewell tivera uma cama, ou melhor, um catre, numa fileira de três catres para três meninas no segundo andar.

Mas Jewell nunca entrara no porão. “Adega” — era o nome que davam.

Ela nunca entrara. Outras crianças, as crianças mais velhas — talvez. Mas não Jewell.

Espinhos na garganta, a criança devia tê-los engolido. Apenas os fragmentos quebrados dos espinhos, que arranhavam sua garganta por dentro. E lama — lama preta. Engasgara com a lama. Isso impediria Jewell de gritar por socorro se um dia precisasse gritar por socorro,

portanto era pouco provável que Jewell se arriscasse pelas partes proibidas da casa dos Skedd por vontade própria.

E ali, na Charters House, M.R. se mostrara à governanta Mildred como alguém que não tinha nenhum interesse em se aventurar pela adega — como se já não a tivesse visitado; e Mildred fizera a leve objeção de que o porão não era assim tão ruim quando a pessoa se acostumava a ele, a lavanderia era lá, a tarefa de separar e passar as roupas, além das fornalhas e dos aquecedores de água, havia de modo geral objetos guardados, móveis velhos, louças, caixas e engradados que não eram abertos havia décadas — ou mais.

“Não é para mim — detesto porão!”, M.R. afirmou com calafrios.

Muito do que M.R. declarava, nessa fase de sua vida, tinha ares exclamatórios e era acompanhado de um sorriso, como se, quando não era a M.R. Neukirchen que falava séria e profundamente, ela fosse uma atriz de comédia musical — alguém que provocasse sorrisos indulgentes, feito Ethel Merman.

Mildred deu risada, como se M.R. tivesse mesmo a intenção de ser divertida.

“Bom — tem gente que não tem como evitar o porão, dona Neukirchen.”

Se foi uma censura, foi uma censura bastante diplomática.

Porque M.R. não morava numa casa e sim residia numa residência — a diferença devia ficar bem clara.

Foi nesse momento que M.R. cometeu um erro tático.

Distraída por esses pensamentos, M.R. cometeu um erro quase fatal.

Mais tarde seria incapaz de entender por que havia se comportado de modo tão irracional — por que, ao tirar a sopa fervilhante do micro-ondas, não decidiu simplesmente colocá-la em outra bandeja para levá-la lá para cima. Pois tinha inúmeras bandejas à disposição, na cozinha. E M.R. não acharia uma futilidade levar outra bandeja — ninguém estava ali para ver!

Mas sabe-se lá o motivo — as mãos agora trêmulas, já que sentia uma fome voraz — M.R. optou por levar a tigela quentíssima de sopa até o segundo andar sem usar bandeja, segurando-a com força — com firmeza, achava ela — não com as luvas grossas de pegar panelas, que lhe pareciam grossas demais, e desajeitadas — mas com as luvas mais finas; apesar de ter percebido quase de imediato que a tigela estava quente demais, as luvas não eram grossas o suficiente para impedir que os dedos se

queimassem, mas — por teimosia — M.R. não deu meia-volta — (pois não era de fazer estardalhaço! em qualquer reunião dava para contar com o fato de que não faria estardalhaço que nem as outras crianças) — e subindo os degraus segurando a tigela de sopa muito quente entre as mãos (mal protegidas) ela soltou um gritinho de desânimo, repulsa de si mesma, surpresa, dor enquanto a tigela escorregava de suas mãos — os dedos estavam queimando, não tinha alternativa a não ser largar a tigela — *Ai ai ai ai* — depois que o berro irrompeu de sua garganta como o grasnido de um passarinho morrendo esmagado, M.R. não conseguiu mais falar — tinha a impressão de que a garganta se fechara — num silêncio espantoso pisou em falso, caiu, caiu com muita força, desajeitada e estúpida e num paroxismo de súbita dor excruciante — dores — pois tinha batido a cabeça num golpe estonteante contra as vigas do corrimão, e a boca — o maxilar e a boca ligeiramente aberta batendo nos degraus — alguns degraus em rápida sequência — e agora sentia um líquido escaldante nos dedos, nos punhos — um golpe violento como um chute nas costelas e as pernas de repente inúteis torcidas debaixo do corpo de forma que continuava a cair, a escorregar pelos degraus, e a cair — impotente, de um jeito absurdo — se estatelando na escada que espiralava feito um saca-rolhas, incapaz de emitir algum som, incapaz de pedir socorro — dizendo a si mesma desesperadamente *Eu estou bem, não sofri — nenhum ferimento grave.*

Quando se é derrubado de forma tão repentina — existe um ar, quase uma convicção, de incredulidade.

De que *o que aconteceu não poderia ter acontecido.*

Assim como a criança jazia impotente na lama barrenta. Menina de Barro, jogada na lama feito a bonequinha nua e surrada.

De que *o que aconteceu não poderia não ter acontecido.*

Na filosofia, haviam surgido contramundos para acomodar as possibilidades imaginadas mas não vividas deste mundo.

Tinha escrito sobre esses mundos. Os colegas tinham escrito sobre esses mundos. Nenhum deles acreditava nesses mundos, que eram “reais” mas não “verdadeiros” — ou “verdadeiros” mas não “reais”.

Existem temas que a filosofia não pode abordar. Existem temas que são tão expostos, tão visíveis — o bizarro coração pulsante, que nenhuma palavra consegue encerrar.

Ficou deitada ali sem ousar se mexer, estatelada nos degraus. Tentando recuperar o fôlego. O coração que era uma pipa voando alto nas copas das

árvores, tremendo e sacudindo. E os ossos — as pernas, os braços — algum dos ossos estava quebrado? A cabeça tinha batido — com força — nas vigas do corrimão.

“Eu não ‘perdi a consciência’. Tenho certeza de que não.”

Estava explicando a alguém: um médico. O rosto dele era jovem e indistinto, como se não estivesse completamente formado. Esse estranho presunçoso julgaria seu estado neurológico, jogando um feixe de luz fino como lápis em seus olhos indefesos.

Ele julgaria seu estado espiritual, jogando um feixe de luz fino como lápis em seus olhos.

Caso as pupilas de seus olhos não reagissem — havia dano neurológico.

Dano espiritual seria mais complicado de detectar.

Tinha certeza de que não sofrera uma *concussão*. Isso era crucial.

O garoto — Stirk — sofrera uma *concussão*. Isto é, perdera a consciência por conta de batida ou batidas na cabeça. E isso era crucial.

É claro que você está bem, Meredith! Conta até sessenta e aí — levanta! Como se nada tivesse acontecido.

Foi o conselho de Agatha. Agatha, que tinha pouca paciência para autocomiseração, lamúria e maldade.

M.R. começou a contagem. Mas em pouco tempo a contagem ficou confusa com a pulsação mais errática de seu coração e a pressão nos ouvidos que a assustou, pois indicava que sua pressão sanguínea estava alta, socos contra uma membrana fina que poderia estourar.

Precisava ir ao médico, logo. Andava tão atarefada que adiara diversas vezes o exame anual.

A ignomínia e o incômodo físico do exame pélvico — durante o qual M.R. ficava determinada a manter uma entusiástica conversa estoica com a agradável ginecologista (uma mulher).

Sem tempo! Sem tempo! Sem tempo para sua escassa *pessoa*.

Ninguém gosta de criança fraca, carente. Ninguém gosta de criança fraca, carente, feiosa.

Na casa dos Skedd, ela soube: quem seria capaz de amar a Menina de Barro? Somente um Anjo do Senhor poderia salvá-la.

Nos degraus ao seu redor a sopa continuava pingando! O que tinha um aroma delicioso na cozinha agora tinha um cheiro simplesmente — ruim.

Estava com tanta fome, agora toda a fome tinha sumido. O corpo estava revigorado pela adrenalina como uma corrente elétrica. Que idiotice a dela

de pegar a tigela esquentante do micro-ondas, pensando em carregá-la até lá em cima sem a proteção adequada para os dedos — agora, Mildred repararia no tapete manchado.

A sagaz Mildred deduziria parte do que havia acontecido de noite. Sem os empregados — domésticos, administrativos — M.R. Neukirchen era indefesa como uma criança.

Mas ali estava uma nova surpresa, um choque — sangue.

Estaria — sangrando?

Perplexa, M.R. tocou o rosto latejante e os dedos ficaram ensanguentados — por que isso era tão inesperado, ela não saberia dizer. Todavia lhe parecia uma nova repreensão, uma ameaça a seu precário bem-estar. Porque parecia que M.R. não sangrava apenas pela boca, em que os dentes haviam furado a parte macia de dentro dos lábios, mas também por um corte na testa.

Feridas na cabeça podem sangrar muito. Vasos capilares próximos à superfície da (fina, vulnerável) pele. Ah, Mildred veria essa prova!

Levanta! De pé! Uma toalha para estancar o sangue — toalha de papel. Ninguém vai ficar sabendo.

M.R. se repreendia porque estava muito zangada consigo mesma.

Repreendia o garoto.

Ele tinha tentado se enforcar — não tinha? Tentado e falhado.

Após a alegação fraudulenta de ter sido agredido, quem acreditaria nele?

Medidas desesperadas impulsionam pessoas desesperadas. *Ela* não estava desesperada, ela nunca tivera vontade de se fazer mal.

Quando os outros querem nos fazer mal, temos pouca necessidade de fazer mal a nós mesmos.

Talvez, afinal, sua culpa nauseante a tivesse levado a fazer mal a si mesma. Pois o garoto estava sob sua responsabilidade, ou estivera. E ela tinha falhado.

“Não pode ser culpa minha. Ele não é minha — culpa.”

Porém sua voz fraquejava, incerta.

Era esse o caso: o garoto tinha os pais, o pai. Viera à tona que o pai tinha sido ríspido ao falar com o filho numa série de telefonemas subsequentes à suposta agressão. Porque desde o começo o sr. Stirk não dera muito crédito à mais recente acusação do filho problemático de que havia sido atormentado, ameaçado e atacado.

O sr. Stirk não tinha sido nem de longe tão compassivo quanto a presidente da Universidade, na verdade.

Ou era o que diziam os boatos. M.R. abominava dar ouvidos a boatos. A pessoa sempre se pegava querendo acreditar no pior a fim de atenuar a própria responsabilidade.

Tremendo com a tensão de levantar seu corpo subitamente pesado, com a falta de graciosidade de um saco de turfa, M.R. conseguiu se pôr de pé, arfante. Um presságio do avanço da idade — velhice — esse terrível peso de ser.

“Ai! Meu Deus.”

Choramingava de dor, e ignomínia. Tinha se esquecido de que o rosto sangrava, tinha sangue fresco espalhado nos dedos. Algo a ver com a porta do porão — de novo, tinha ficado entreaberta. Não podia imaginar que a tivessem deixado entreaberta para aborrecê-la, era uma ideia absurda.

O moletom, o jeans, até as meias de lã recendiam a sopa — fediam a sopa. Que enjoativo, o odor! Nunca mais suportaria o cheiro da sopa de lentilha com frango, só de pensar já sentia ânsia de vômito.

Estranho que o rosto continuasse sangrando. Mais grave do que queria crer. Não a ferida da boca, dentro do lábio (inchado), mas a ferida da cabeça. Ai meu Deus — se precisasse levar pontos!

Andre saberia como agir. Andre Litovik, mestre das emergências.

Acima de tudo, Andre era perito em lidar com emergências que ele mesmo tivesse provocado.

No dia a dia Andre prevaricava e vagava como um homem de canoa que tivesse se esquecido de pegar o remo. Nas acelerações do dia a dia, Andre de repente ficava desperto, capaz.

Não era culpa do dia a dia, Andre admitia, que a rotina não tivesse coerência e previsibilidade suficientes para o temperamento científico de Andre Litovik, e ainda assim ele fugia da rotina da vida para a frieza do espaço interestelar.

Ele consolava M.R.: *Não faça tempestade em copo d'água!*

Consolara M.R. muitas vezes. Em geral, consolava pelo mal que havia lhe feito, sempre sem querer.

Ele frisava a vantagem de morar sozinho: ninguém sabe que indivíduos baixos e ridículos nós somos, quando estamos sozinhos.

Ninguém sabe do nosso desespero. Quando estamos sozinhos.

De longe, todos parecemos equilibrados. Nesse caso a nossa *aparência* interveio em virtude do nosso *ser*.

Contudo, se M.R. tivesse sofrido ferimentos graves, o crânio fraturado por exemplo, só ficariam sabendo de manhã.

Se tivesse quebrado o pescoço. A coluna. Se — mero talvez — tivesse *morrido*.

E então, quanta comoção! Quanto espanto!

Se tivesse se machucado gravemente e precisasse de ajuda teria de rastejar — se arrastar — escada abaixo até chegar à cozinha, para ligar para a emergência.

Na cozinha, alcançar o telefone que ficava na parede. Quantos segundos de dor lancinante, tentando alcançar o telefone de plástico na parede. E se conseguisse telefonar — uma ambulância correria até a entrada da “histórica” Charters House num turbilhão de luzes vermelhas giratórias, a sirene alertando todo mundo que estivesse por perto — que vergonha!

Ela caiu da escada? Neukirchen? Estava bêbada?

Não — pior.

Pior como?

Ela está pirando.

M.R. estava de pé, apoiando o corpo no corrimão que agora lhe parecia frouxo, vacilante. O sangramento da testa continuava, ela o enxugava na manga do moletom da Universidade. As costelas doíam, o tornozelo direito estava dormente de dor, a cabeça, o maxilar, a boca — o sangue pulsava sem parar nos ouvidos — o coração ainda estava acelerado e arritmico — a pipa sacudindo no ar, enroscada nos galhos da árvore. Porém retomaria o controle, como se dominasse um volante que começasse a rodar — *Dessa vez você tem que ser poupada. Você há de sobreviver!*

No patamar da escada espiralada, ainda agarrada ao corrimão, M.R. inspirou de forma profunda — cautelosa — preparando-se para voltar à cozinha onde faria pressão com papéis toalha no rosto sangrento — tentaria se limpar na pia — água fria poderia estancar o sangramento e contra-atacar o inchaço — pois já sentia como se a boca tivesse sido picada por uma cobra. Decidida como Agatha ao insistir que se *carregar a Luz dentro de si*, a pessoa leva a melhor sobre a confusão, a ignorância, o mal, *É claro que você está bem. Senão você não teria sido poupada* embora uma névoa preta vertiginosa subisse diante dela como se a

ridicularizasse, e apavorada ela viu o garoto — nítido como se estivesse parado à sua frente, assim que ficara à sua frente se apoiando na muleta em seu escritório — o garoto de olhos amaldiçoados — o garoto de língua rosa úmida apontada para o coração de M.R.

Não fez o quê, presidente Neukirchen? Não me bateu?

Ele não estava morto. Apesar de ter tentado morrer.

Uma morte horrível, ele tinha tentado morrer.

Por desespero, vergonha — despeito. Por despeito e desejo de confundir seus inimigos. E a própria família, talvez.

Na semana insana seguinte à alegação de que fora agredido no campus da Universidade por uma gangue de colegas, Alexander Stirk foi entrevistado em noticiários da tevê a cabo — o “caso Stirk” lampejara pela internet como algo radioativo — todos os números do jornal da Universidade haviam dedicado grande parte da primeira página aos avanços do “caso Stirk” com a histeria mal contida de uma revista de fofocas. A confissão de que Stirk tinha mentido sobre as perseguições sofridas no colégio anos antes — confissão que ele fizera à polícia no terceiro dia após a denúncia de agressão, pois àquela altura já não lhe restava alternativa — foi recebida com desânimo por seus defensores e com satisfação pelos detratores; policiais se negavam a discutir o caso com a imprensa, mas logo ficou-se sabendo que a investigação policial havia se tornado uma investigação basicamente a respeito de Stirk.

Então de súbito a maioria dos comentaristas conservadores que apoiava Alexander Stirk com o intuito de detonar a Universidade liberal passou a repudiá-lo em público; os amigos da graduação que eram membros da YAF foram citados no jornal da Universidade, dizendo-se “traídos” por ele e “enojados” com ele; seus professores, dentre eles Oliver Kroll, não eram encontrados para fazer comentários ou declaravam apenas que iriam “emitir opinião” só quando o caso fosse resolvido.

Em meio a isso, teimosa e desafiadoramente Alexander Stirk continuou insistindo que sofrera a agressão, exatamente como alegara; embora fosse verdade que havia mentido a respeito de uma perseguição anterior, *não estava mentindo agora*. Era uma nova alegação por parte de Stirk, relatada a M.R. por uma de suas assistentes, que os alunos homens da graduação que o agrediram já sabiam do incidente no colégio de Stirk e tinham agido com a cínica suposição de que poderiam fazer “qualquer coisa” contra ele

— “com impunidade” —, já que ninguém acreditaria nele quando os acusasse.

Agora qualquer um poderia fazer mal a ele. Foi uma constatação que havia ocorrido à própria M.R.

Ao fazer a denúncia, no entanto, Alexander Stirk tinha uma conduta temerária — provocadora. E era quase admirável sua impetuosidade.

Porque o garoto de vinte anos entendia, enquanto M.R. aos quarenta e poucos anos não se permitia sequer cogitar, que nessa era da internet, nesses tempos em que o uso de violência fatal contra um semi-“inimigo” era apresentado ao público crédulo como um evento midiático intitulado, como o último sucesso multimilionário de Hollywood, *Choque e Pavor* — não era muito relevante o que *tinha acontecido de fato* e sim o que um número considerável de pessoas *acreditava ter acontecido*.

Em enquetes, cidadãos americanos debatiam os méritos da empolgante guerra contra o Iraque, e da mais antiga e menos empolgante guerra contra o Afeganistão. Em enquetes, parecia estar decidido que os Estados Unidos enfrentavam as forças terroristas — os indivíduos em si — que tinham promovido a catástrofe de 11 de Setembro. Se era um *fato histórico* não importava, caso a maioria dos cidadãos americanos acreditasse nele.

Stirk mentira para ela — olhara nos olhos dela e mentira. E ela queria acreditar nele. Pois era na crença em seu próprio poder de persuasão — uma prova da luz interior que era a essência mais profunda de M.R. — que ela queria acreditar.

O caso de Alexander Stirk no campus foi incluído na jurisdição mista do reitor de graduação, o diretor de proteção pública e segurança do campus, o diretor de serviços e orientação psicológicos e a assessoria jurídica da Universidade. Todos os partícipes tinham declarado a M.R. a forte convicção de que Alexander Stirk devia se afastar da Universidade por tempo indefinido até o desenlace da investigação — a presença dele no Harrow Hall distraía os outros estudantes, e era um fardo constante para a Universidade, que era forçada a oferecer “segurança” a ele quando se aventurava fora do quarto; ele tinha deixado de ir às aulas; parecia não ter se recuperado dos ferimentos, mas se recusava a buscar cuidados médicos. Stirk, entretanto, se negava a “recuar” — se negava a ser “banido” — em entrevistas ele falava em continuar no “bastião do inimigo, para lutar por justiça”.

Depois do constrangimento do embate entre eles no escritório de M.R. no Salvager Hall — (do qual detalhes seletos haviam sido espalhados pelo ciberespaço feito germes nocivos) — M.R. sabia que era melhor manter uma discrição digna acerca do caso Stirk. A presidente da Universidade era estoica, conformada; se até em particular ela se abstinha de comentá-lo, imagine em público; não precisava ser advertida pela assessoria jurídica da Universidade a não se pronunciar. Até com Leonard Lockhardt na privacidade de seu escritório ela era contida, circunspecta; até para Leonard que acreditava, como quase todo mundo àquela altura, que a agressão era uma farsa e Stirk, um mentiroso descarado, M.R. disse — “É, mas a gente não pode pressupor que *sabe*. Mesmo agora. Temos que esperar a investigação ser concluída.”

Isso foi na quarta-feira à noite. E de repente na manhã seguinte foi divulgado — por Alexander Stirk, em um dos vários interrogatórios feitos pela polícia, que sim, ele tinha “exagerado” a agressão, um pouquinho.

O que tinha de fato acontecido, Stirk confessou, era que havia sido “verbalmente — maldosamente — agredido” por outros estudantes, inúmeras vezes durante o último ano, mas a cada vez de forma mais “intimidadora” — até que naquela noite, quando “inimigos homofóbicos da YAF” o acoassaram no campus e lhe disseram coisas do gênero “Morra, sua bicha!” — tinha corrido deles, e eles riram dele, e quando estava sozinho “teve um estalo” — sem saber o que estava fazendo, Stirk passou a bater com a cabeça na parede, várias vezes — ele ferira a si mesmo do jeito como os inimigos, em seus corações, queriam feri-lo... Com tal confissão, Stirk retirou a queixa que fizera à polícia, mas com tal confissão, Stirk se deixou vulnerável a ser preso pela polícia por ter prestado uma falsa queixa criminal; a essa altura a Universidade também tinha decidido que o caso dele seria analisado pelo comitê disciplinar da Universidade, e, nesse ínterim, solicitava-se que ele se retirasse do campus — agora estava “suspense”. Os pais foram ao seu encontro, a fim de preparar sua mudança de volta para casa, em Jacksonville, Flórida, pois Stirk concordara afinal em esvaziar seu quarto; sairia da Universidade; mas depois que os pais passaram algumas horas com ele no Harrow Hall, e voltaram ao hotelzinho para dormir, Stirk tentou se enforcar às pressas, e com ingenuidade — jogou uma corda de náilon por cima da porta do guarda-roupa, prendeu uma das pontas na maçaneta e fez um laço com a outra ponta, mas calculou mal o tamanho da corda e a distância da qual

cairia quando o laço se apertasse em torno do pescoço; depois de chutar a cadeira, não caiu com força ou lonjura suficiente para que o pescoço se quebrasse, nem sequer para se sufocar, pois a ponta dos dedos dos pés tocava o chão, horrendamente; estimava-se que Stirk tivesse enfrentado um sofrimento excruciante durante muitos minutos até desmaiar. No aparelho de som, a “Ode à alegria” estridentemente arrebatadora de Beethoven tocou sem parar ao longo da noite.

Quando o garoto foi descoberto no início da manhã seguinte — atormentados, os pais haviam insistido que os seguranças tirassem a porta do quarto já que ele não a abria —, o cérebro de Stirk tinha sofrido tamanha privação de oxigênio, e por tanto tempo, que o dano cerebral era irreversível.

Seu último e-mail, enviado a um vasto contingente de destinatários, consistia de apenas duas linhas sucintas:

*A VINGANÇA É MINHA DISSE O SENHOR
A JUSTIÇA PREVALECERAR*

Era claro que ela estava bem. *Ela* perseveraria.

O garoto — Stirk — estava vivendo com a ajuda de aparelhos no hospital-escola da Universidade da Pensilvânia. Seu estado não tinha como mudar a não ser para pior, a passos lentos ou rápidos.

Haveria processo — era inevitável. A Universidade já tinha sido avisada.

Já tinham se passado alguns dias — quase duas semanas. Desde que a notícia da tentativa de suicídio de Stirk chegara aos ouvidos de M.R., um telefonema matutino do diretor de segurança da Universidade.

Tentou se matar! Se enforcar! E foram os pais que o descobriram...

M.R. ficara perplexa ao ouvir a novidade. Que desespero Alexander Stirk devia estar sentindo, por baixo da bravata! E como devia ter sofrido.

E agora os pais. O sofrimento não acabaria tão cedo.

Logo depois, Leonard Lockhardt foi ao encontro de M.R. na privacidade do escritório da presidência. Já sob um ataque violento de telefones tocando, pedidos de entrevistas à imprensa, a equipe da presidente sob pressão, carrancuda e insegura. O advogado da Universidade parecia ter se vestido às pressas — e com certeza tinha se barbeado às pressas — restolhos reluziam sob o maxilar comprido. Lockhardt tremia de indignação devido à última afronta cometida por “aquele maldito garoto desgraçado” — o pesadelo da “publicidade horrível” que se seguiria — “E

pensar que ele tentou se enforcar na Harrow House! Nunca aconteceu nada parecido na Harrow House.”

John Harrow, em cuja homenagem a “histórica” residência de pedras fora batizada, tinha sido um patriota companheiro e auxiliar honesto do general George Washington na Guerra Revolucionária. M.R. esperou Lockhardt mencionar tal fato — mas Lockhardt prosseguiu, exaltado, “O pior escândalo da história da Universidade em mais de duzentos anos”.

“Não é um ‘escândalo’, Leonard — é uma tragédia.”

“Tragédia para quem? Para o garoto? Para os pais dele? Para *nós*?”

Lockhardt falava com rispidez. O rosto de aristocrata estava enrijecido pelo desgosto — M.R. não teve como não se questionar se era o desgosto com ela que o cavalheiresco Lockhardt não estava mais se dando ao trabalho de disfarçar.

“A culpa é da equipe de Admissões! Como foi que esse jovem perturbado, doente, ardiloso passou pela peneira! *A gente* é que devia processar o colégio dele — eles apagaram o tal incidente do histórico. E as cartas de recomendação dele — bando de mentiras! Eu tentei te avisar, Meredith — a gente devia ter feito de tudo para se livrar de Stirk assim que ele confessou que tinha inventado a história para a polícia. A gente devia ter expulsado o garoto antes que ele fizesse mal a ele mesmo ou a um inocente — a bem da verdade, ele poderia ter te atacado, bem aqui neste escritório.”

O caso Stirk tinha exaurido Leonard Lockhardt e parecia tê-lo endurecido. Enquanto reclamava, M.R. apertava as têmporas com os dedos, detestando ouvir o que o sujeito tinha a dizer. Claro que ele tinha razão — Leonard Lockhardt sempre tinha razão. Que aconselhamento jurídico excelente, que bom senso o consultor havia oferecido, os quais M.R. optara por ignorar — não sabia bem por quê.

Por que seus motivos, diante da insolência — do desrespeito — de Stirk.

Por que seus motivos, quando era óbvio que Stirk a via como inimiga.

Antes de sair do escritório de M.R., Lockhardt disse, como que sem pensar, mas com aquele olhar de desprezo, que pensava em se aposentar.

Não naquele instante, Lockhardt foi logo acrescentando. Não abandonaria a Universidade até que o caso Stirk fosse resolvido — isto é, o processo —, mas logo depois.

M.R. sentiu como se tivesse levado um chute — um chute na barriga que não foi tão doloroso quanto esperava.

“Se aposentar! Vai ser o fim de uma era.”

Se Lockhardt esperava que M.R. protestasse, devia ter se decepcionado. Pois M.R. falava com ares de resignação surpresa-sorridente-estoica — M.R. não protestaria de jeito nenhum.

Trocaram um aperto de mãos na despedida. Era um hábito de M.R. apertar a mão do consultor jurídico principal da Universidade. Mas como estava fria a mão do sujeito naquela manhã, que falta de força! Normalmente, era necessário se preparar para apertar a mão de Leonard Lockhardt.

“Você sabe que eu gosto de você, Meredith — digo, como pessoa. E como administradora — você tinha — tem — grande potencial...”

A voz de Lockhardt se esvaiu, ele partiu no momento em que a secretária de M.R. se aproximava dela com ar de urgência.

Uma tragédia disfarçada de farsa. E todos nós somos atores dessa farsa.

Ela percorreu o corredor mal iluminado e entrou na gélida cozinha utilitária. Já se sentia melhor — mais forte. Na cozinha abriu a água fria para lavar o rosto latejante. Enxaguou a boca ensanguentada e com os papéis toalha estancou o sangramento da testa. Levou para cima um saco de gelo para colocar na boca assustadoramente inchada.

Por um longo tempo lá em cima se banhou na água mais quente que era capaz de aguentar até se convencer de que havia removido todos os vestígios — fosse lá o que fosse — que estavam no seu cabelo, e nos dias seguintes evitou espelhos porque o rosto refletido era uma vituperação e uma censura à autoconsciência que devia manter em público a qualquer custo.

Farsa! Mas a gente não pode deixar transparecer o que a gente sabe.

Ligou várias vezes para a família Stirk — tentou ligar. No papel timbrado presidencial escreveu para os Stirk, uma carta redigida à mão, que não esperava que os Stirk respondessem, e não o fizeram. Ela entendeu que provavelmente estava provocando Leonard Lockhardt ao tentar contatar os indivíduos que processariam tanto ela como a Universidade por “omissão criminosa” na questão do estado do filho deles, porém se sentia quase desesperada para contatá-los.

Eu sinto muitíssimo. Por favor, aceitem minhas condolências.

Será que constituía admissão de “responsabilidade penal”? — M.R. não ousava pensar nisso.

Seria assunto de advogados, exclusivamente. A presidente da Universidade não precisava se envolver pessoalmente.

Foi uma das cento e poucas destinatárias, é claro.

Imaginou que fosse uma mensagem pessoal a M.R. Neukirchen mas não era.

Como um poema de dois versos, a maldição de partida do garoto. Um dístico sem rima, como a picada de uma cobra.

*A VINGANÇA É MINHA DISSE O SENHOR
A JUSTIÇA PREVALECERAR*

Teria errado na ortografia de “prevalecerar”? Ela fixou os olhos na palavra, pois parecia mudar de significado.

Menina de Barro no “lar temporário”. Menina de Barro ganha um presente.

Junho de 1965

“Você é uma menina de muita sorte, Jew-ell. Espero que você se dê conta disso!”

Onde a família Skedd vivia no final de Carthage era um local distante do interior onde mamãe morara com as duas meninas pequenas se escondendo de Satã (como mamãe havia dito). Jamais a Menina de Barro esperaria refazer esses muitos quilômetros nas lembranças, tampouco a Menina de Barro era capaz de se lembrar da rota tortuosa que a levara àquela casa atarracada de telhas de asfalto num campo repleto de pedregulhos que era o *lar temporário dos Skedd*.

Estes eram o *sr. e a sra. Floyd Skedd*.

Estes eram os estranhos do tipo que mamãe xingava, e com os quais dizia às filhas que não falassem, mas mamãe não estava ali agora para ver quanto a Menina de Barro a desobedecia.

Só que de início a Menina de Barro não conseguia falar. Na garganta apertada havia algo que parecia um cardo ou espinho e havia algo que parecia lama se lama pudesse ser pegajosa e granulosa e som nenhum, ar nenhum pudesse atravessá-la. Nenhuma palavra poderia emergir da garganta da criança ou passar pela boca bem fechada e os maxilares bem cerrados.

Sozinha, a Menina de Barro sussurrava essa palavra que lhe era estranha — “Carr-th’ge.”

Essas escassas sílabas ela pronunciava somente quando acreditava que ninguém lhe escutava.

Era uma palavra que lhe era empolgante, enigmática. Pois não era uma palavra que mamãe reconheceria. (Ela supunha.) Assim como “Skedd” era um nome novo, estranho, que mamãe não reconheceria.

E o nome que agora era o seu — “Jewell”. Que surpresa mamãe teria!

Do mesmo jeito que, ao ver uma moeda na calçada, ou um botãozinho cintilante que podia ser uma moeda, e ninguém para reivindicá-la, a pessoa tinha o direito de se abaixar e apanhá-la na mão.

“Jew-elle” — essa era, agora, *ela*.

No hospital de Carthage, onde a mantiveram ao longo de mais dias do que conseguiria contar, vieram visitas — homens, uma mulher — para lhe perguntar qual era o seu nome e sussurrara muitas vezes *Jew-ell* até que compreendessem. E em seguida lhe perguntavam cadê a sua mãe? — cadê a sua irmã Jedina?

A essas perguntas, a criança não tinha como responder. Ou a criança se negava a responder. Embora tivessem lhe perguntado muitas vezes. Cadê? Cadê? A sua mãe levou a sua irmã para outro canto — para onde?

Quando a sua mãe te levou para o alagadiço, ela levou a sua irmã junto? A sua irmã estava no carro com você naquela hora? Tinha algum homem?

Em muitos casos não ficava claro se a criança compreendia essas perguntas, já que as pálpebras feridas da criança pesavam tanto que ela mal conseguia ficar acordada por mais que alguns minutos depois de despertar. A pele estava amarelada e opaca como o baixo-ventre de uma criatura de barro, e a cabeça mal raspada era triste de se ver, já que finos cabelos escuros cresciam em meio a um rabisco de arranhões, crostas, brotoejas e escoriações.

Os braços! — os coitados dos braços! — finos como uma vara e empalidecidos por conta das inúmeras agulhas. Porque fluidos chegavam nela pelos tubos, pingando em suas veias descoradas.

O esqueletinho empurrava a pele amarelada como os arames dentro de uma boneca malfeita de papel machê.

Angulosos ossinhos do punho, ossinhos do tornozelo, ossinhos da pélvis, ossinhos do ombro.

Olhinhos feridos e inchados nos quais as pupilas provavelmente estavam dilatadas.

O sangue da criança foi colhido — muitas vezes. A criança aprendeu que estremecer ou resistir à agulha que se aproximava era inútil. A criança foi submetida a exames neurológicos, tomografias computadorizadas. Raios X do cérebro e da medula espinhal. Não havia razão perceptível para que a criança não conseguisse falar, tampouco a audição estava prejudicada. Não parecia ter retardamento mental ou ser autista, embora fosse necessário reaprender certas habilidades — “coordenação motora” — andar, correr — subir degraus — que tinham sumido do cérebro como umidade evaporando com o sol.

Passado um tempo, as visitas pararam de lhe perguntar cadê a sua mãe? cadê a sua irmã Jedina? Talvez porque os primeiros visitantes tivessem

parado de ir ao hospital e sido substituídos por outros e a criança não fosse capaz de distingui-los pois eram adultos e intercambiáveis e eram estranhos.

Bastava que nenhum deles — nenhuma das mulheres — fosse a mamãe. Afora isso, a criança não se preocupava com nada.

Nessa época, o sr. e a sra. Skedd deviam ter ido ver *Jewell Kraeck*. Pois isso lhe seria explicado mais tarde. Porém não se lembrava deles, na verdade. Viu que a sra. Skedd não era a mamãe, e o sr. Skedd não era um dos amigos da mamãe.

As enfermeiras — as adoráveis enfermeiras! — que lhe traziam comida e persuadiam-na a comer — no começo, apenas líquidos — sopa quente, suco de frutas — e depois amassavam comida que nem papinha de bebê coberta de doçura — que banhavam seu corpinho surrado e ferido, trocavam as roupas de cama e suas camisolas sujas — tomavam o cuidado de nunca fazer perguntas que a fizessem se fechar e tremer. Jamais lhe faziam perguntas que não pudesse responder. Falavam alegremente da *Jewell* e do *amorzinho de menina* que era e que ela *logo ficaria bem, e sairia daquele lugar e teria uma nova família em que ninguém faria mal a ela*.

No quintal da casa dos Skedd havia um fosso íngreme.

A casa dos Skedd tinha oito mil metros quadrados de grama alta descuidada, moitas e carcaças enferrujadas de carros abandonados e implementos agrícolas nos quais as *crianças temporárias* eram advertidas a não brincar porque poderiam se machucar. O fosso transbordava com os temporais. Na água trêmula nuvens sopradas pelo vento refletiam como pensamentos fugazes.

E depois do fosso, uma área pantanosa em que muitos pássaros se reuniam, e desses pássaros os mais barulhentos eram os corvos.

De manhã cedo se acordava com agudos grasnidos estridentes que invadiam o sono como garras rasgando papel, ou um pano enrugado.

Na primeira manhã acordando na casa nova — na caminha que era um catre estreito com um colchonete fino, fedido, numa fileira de catres parecidos no quarto de teto inclinado chamado de *quarto das meninas* — antes de abrir os olhos Jewell ouviu — o Rei dos Corvos!

Ele a seguira do alagadiço até ali, até aquele lugar distante cheio de estranhos. Não tinha se esquecido da Menina de Barro.

E assim, no *lar temporário dos Skedd* ela pôde entender, o Rei dos Corvos cuidaria dela, mas de longe.

Na casa dos Skedd a criança se acanhava com a presença dos outros.

A criança era lenta na fala e lenta nos movimentos, como se estivesse enfeitiçada.

Percebia-se que a criança estava ouvindo alguém — algo — distante, fora da casa. Percebia-se que a criança geralmente não ouvia o que lhe diziam a centímetros de distância.

“Jewell! *Acorda.*”

A sra. Skedd — “Livvie” — estava determinada a fazer um esforço extra com a menininha Kraeck. Pois a sra. Skedd sentia muita pena da coitada da Menina de Barro e havia jurado à Assistência Social do Condado proteger a criança de quaisquer males. “Você é uma menina de muita sorte, Jewell”, a sra. Skedd vivia dizendo. “Muita sorte por terem te encontrado e te salvado e por vir morar *aqui.*”

A sra. Skedd era uma mulher de boa índole, só que “de pavio curto” — como admitia — porque a casa dos Skedd era movimentada, a cozinha dos Skedd, principalmente, era movimentada como um vespeiro em cujo centro a sra. Skedd costumava ser obrigada a levantar a voz. A expressão normal da sra. Skedd era de incredulidade e exasperação como se, ao estilo de uma dona de casa da tevê, estivesse passando por um teste e sua boa índole cristã fosse esticada até o limite pela barulheira de altos decibéis da família de quatro filhos dos Skedd — o mais novo de sete, a mais velha de quinze — e um número inconstante de *crianças temporárias* — o mais novo de três ou quatro, o mais velho de onze ou doze. E havia também o sr. Skedd — “Floyd” — um sujeito corpulento de roupas manchadas pelo tempo — camiseta, calça cargo — sempre apressado, sempre sujando de lama o maldito piso de linóleo que Livvie e as meninas tinham acabado de limpar — procurando as malditas chaves da picape que tinha largado em algum canto — jogando jaquetas no chão, arrancando dos pés os tênis de corrida e as botas e atacando a geladeira para comer o que estivesse mais à mão, e rápido; a sra. Skedd tinha de gritar para que o sr. Skedd lhe desse ouvidos, e mesmo assim o sr. Skedd não dava muita atenção à mulher — com uma piscadela para a criança que testemunhasse a situação, e um sorriso de dentes afastados. A garganta da sra. Skedd estava em carne viva de tanto gritar com o sr. Skedd e gritar diante da escada por causa da balbúrdia de pisadas lá em cima — porque se falasse num tom “normal,

delicado”, como reclamava a sra. Skedd, ninguém lhe daria a menor atenção.

Em meio a tamanha agitação, as meninas mais novas — das quais Jewell era a mais nova — se escondiam na cozinha. Pois nos intervalos dos berros que os Skedd trocavam havia momentos de sossego repentino, até mesmo de ternura — a sra. Skedd gostava de surpreender suas meninas preferidas com beijinhos cálidos no cocuruto, pães de mel saídos do forno, um convite para ir ao mercado de picafe — “Só a gente. Sem *eles*.”

Em cima da geladeira da cozinha dos Skedd havia um rádio de plástico vermelho que a sra. Skedd deixava ligado o dia inteiro com o volume alto — música, notícias, comerciais com jingles. Mamãe também tinha um rádio — mamãe ouvia principalmente programas religiosos — e por isso Jewell encontrava conforto no rádio da sra. Skedd, porque as vozes do rádio nunca eram afobadas ou confusas ou enraivecidas ou resmungadas — as vozes do rádio eram tanto femininas como masculinas — claras e autoconfiantes e aparentemente sensatas — então também era possível falar desse jeito.

“Jewell! O que é que você está ouvindo aí, com tanta atenção?”

A sra. Skedd lembraria que a menininha tinha um jeito — como descrevê-lo? — de quem tem muito mais idade do que tem de fato. Uma expressão que não se vê no rosto de uma criança, que demonstra *atenção*, *reflexão*.

A sra. Skedd gostava de ver que, na casa dela, a pequena Menina de Barro estava se recuperando. Para os vizinhos, e as outras famílias temporárias que conhecia, ou qualquer um que lhe desse ouvidos — a sra. Skedd tinha fama de se gabar em voz baixa, no que soava como uma fórmula fixa: “Coisas destruídas que não estão tão destruídas assim, a gente conserta. O Floyd e eu.”

Pois então a pequena Jewell estava aprendendo a falar e aprendendo a comer — não às pressas, mas aos poucos. A cor voltava a seu rosto amarelado, e o fino cabelo ondulado crescia na cabeça; estava aprendendo a andar sem cambalear nem correr — “feito um sirizinho”; se acanhava quando as outras crianças mais velhas estavam por perto, mas relaxava e parecia feliz na cozinha com a sra. Skedd, servindo de “ajudantezinha da mamãe” — mais feliz ainda quando a sra. Skedd lhe dava tarefas banais que era capaz de cumprir, com competência.

Arear uma panela de ferro pesada com palha de aço até os dedos arderem. Com papéis toalha umedecidos, esfregar as bancadas de fórmica que estavam sempre meladas.

Limpar a velha geladeira da General Electric que acumulava restos de comida como mofo em proliferação, e uma mistura de odores — botar as coisas em ordem nas prateleiras — garrafas grandes (leite, cerveja), laticínios e potes menores, vasilhas de plástico com restos de comida, legumes e frutas frescos nas duas gavetas de baixo. Arrumar a mesa comprida onde cabiam até doze pessoas numa mixórdia de cadeiras diferentes — ajudar a servir a comida que saía direto do fogo para a mesa em panelas e frigideiras — ajudar a tirar a mesa — ajudar a lavar a louça — levar o lixo no final do dia numa peneira grande para jogá-lo na “pilha de adubo” da sra. Skedd num terreno mais além da porta dos fundos.

“Jewell! Que amor você é.”

Jornais e revistas que entravam na casa, tudo, de folhetos jogados fora à revista masculina *True* do sr. Skedd, a pequena Jewell examinava com aquela expressão intensa de adulta — (será que a Menina de Barro sabia ler? teria aprendido a ler sozinha? tão novinha?) — mas se alguém falasse “Jewell! O que é isso aí que você está lendo com tanta atenção?”, a criança recuava como se tivesse sido pega em flagrante fazendo uma coisa proibida.

Uma vez, a sra. Skedd tirou um caderno de jornal da mão de Jewell — era o *Carthage Sun-Times*. Na primeira página havia a fotografia de um jovem fuzileiro naval chamado Dewater Coldham, dezenove anos, nascido em Keene, Nova York, morto “pelo fogo inimigo” no Vietnã. Ao ver o olhar assustado da criança a sra. Skedd foi logo amassando o jornal e dizendo, “Meu santo Cristo, menina, o que é que *a gente* tem com isso?”.

A criança não podia dizer. Pelo que a sra. Skedd via, Jewell não parecia conhecer o coitado do “Dewater Coldham”, nem saber o que era *Vietnã*.

“Claro, tem gente da minha família — um primo, talvez dois — que está lá no Vít-nã — mas não dá tempo de parar para pensar nisso, entendeu?” A sra. Skedd declarou, a voz alterada pela irritação. “Quando você tiver a minha idade vai ver que já tem muita maldade neste maldito mundo de Deus para a gente aturar em primeira mão — você não precisa procurar outras.”

Tamanha veemência de repente, a criança recuou feito um rato assustado e a sra. Skedd fez um movimento involuntário como que a fim

de empurrá-la, ou segurá-la, ou tocá-la no ombro — Jewell se encolheu e cobriu a cabeça e então a sra. Skedd realmente se exasperou — “Santo Cristo! Ninguém vai *te bater*, porra — você acha que eu sou a maluca da *sua mãe*?”

Num silêncio profundo — a sra. Skedd se recordaria depois, tal silêncio não era normal — a criança fugiu da cozinha, saiu da casa e foi para algum canto do terreno atrás da casa, talvez para se esconder em um dos carros enferrujados ou, apesar de proibido para as crianças mais novas, na porcaria do fosso fedorento ainda mais distante.

Porque ela sabia: o Rei dos Corvos estava tomando conta dela.

Em breve, o Rei dos Corvos iria buscá-la.

Os Skedd — tanto Livvie como Floyd — não hesitavam em berrar — gritar — estapear — socar — até chutar e espancar se necessário fosse para restabelecer o simulacro de ordem da casa. Principalmente durante as refeições, quando a frágil ordem na casa ficava mais ameaçada. Porque algumas das *crianças temporárias* estavam bem crescidas aos doze anos de idade e a única maneira de lidar com elas era usando *força bruta*.

Dois dos irmãos de Floyd Skedd eram carcereiros de Watertown.

Pode perguntar para qualquer carcereiro que ele vai te dizer — para manter a paz, a *força bruta* é necessária.

A não ser quando a situação estivesse ficando séria, o sr. e a sra. Skedd não se davam ao trabalho de intervir quando as crianças brigavam entre si, nem quando os próprios filhos estavam envolvidos. A filha de dez anos dos Skedd, Lizbeth, era ranzinza e emburrada e gostava de beliscar se alguém atravessasse o caminho dela, e na apinhada escada dos Skedd parecia sempre haver uma das crianças mais novas atravancando o caminho de alguém. A sra. Skedd podia gritar ao pé da escada até ficar vermelha mas de repente desistia, pois que diabos — “Está na hora de você aprender, não dá para ser um bebê chorão a vida toda.”

Ficava muito contrariada, mas não podia perder as estribeiras dezenas de vezes por dia, quando as crianças mais velhas azucrinavam as mais novas, sem motivo nenhum. Por pura maldade ou preguiça, assim como as mesmas crianças mais velhas atormentavam um sapo, ou um gato ou um cachorro. Assim como duas meninas — Ginny, de onze anos; Bobbie, de doze — se uniam para atacar a pequena Jewell chamando-a de *Menina de*

Barro! Menina de Barro! Como se nunca tivessem ouvido nada mais engraçado na vida.

Nesses casos, a sra. Skedd intervivia se estivesse por perto.

“Suas fedelhas, calem a boca e fiquem de boca calada. Não sei que porra é essa que vocês tanto falam, suas fedelhas de merda.”

Era fato: Ginny e Bobbie não sabiam por que a Menina de Barro era Menina de Barro. Nenhuma das duas saberia dizer de onde aquele nome esquisito, feio, havia surgido.

Na casa dos Skedd, ninguém tinha sobrenome à exceção de Floyd e Livvie. As crianças só tinham nome — Lizbeth, Ginny, Bobbie, Arlen, Mickey, Darren, Steve, Cheryl Ann e Jewell. E uma delas — Darren, de dez anos — foi embora poucas semanas após a chegada de Jewell, quando um parente (homem, de meia-idade) combinou com a Assistência Social do Condado de Beechum que levaria Darren para a casa dele, em Nettle, Alasca.

Alasca! Tão longe, a viagem de carro levaria dias, talvez semanas.

Na varanda da entrada da casa de telhas de asfalto dos Skedd, na Bear Mountain Road, a família inteira ficou acenando para Darren enquanto tio e sobrinho se afastavam numa minivan com placa do Alasca. Jewell acenou como haviam lhe instruído sem entender direito por que os outros estavam tão ruidosos e alegres — afinal, o que realmente significava, ser *levado embora para o Alasca?*

Os Skedd simpatizaram com o tio ou quem quer que fosse aparecer, para “adotar” Darren.

“Estão vendo? Se vocês forem crianças boazinhas, vão acontecer coisas boas.”

“‘Coisas boas acontecem a pessoas boas.’ É a verdade.”

Quem quer que tenha sido o Skedd a proferir essa afirmação entusiástica, os outros bufaram num escárnio entusiástico.

“Não é *verdade* porra nenhuma. É uma porra de um *boato*.”

Com seu olhar aguçado a sra. Skedd observou que quando as crianças mais velhas se aproximavam de fininho de Jewell para assustá-la batendo palmas atrás de sua cabeça, para ela pular de susto, a menininha estava aprendendo a interpretar a crueldade delas como mera caçoada, ou como brincadeira — Jewell estava aprendendo que a reação certa era rir.

Não sair correndo amedrontada e muito menos se encolher e cobrir a cabeça, mas apenas rir.

“Está vendo, meu doce? Quando você ri, o mundo inteiro ri junto. Quando chora, chora sozinha.”

A sra. Skedd pronunciou essas palavras como se tivesse acabado de inventá-las. Pelo que Jewell sabia, a sra. Skedd as tinha inventado.

Rir você pode rir. Para quê chorar se você pode rir.

Ria, ria! Você nem vai sentir a diferença.

Por mais que a casa dos Skedd na Bear Mountain Road nas proximidades de Carthage ficasse bem longe de Star Lake, que era o último lugar onde haviam morado, de vez em quando à noite mamãe ficava ali à cabeceira do catre olhando Jewell tão fixamente que era isso que acordava a Menina de Barro de seu sono. E o balbucio de seu asco. *Em tudo o que é feito confie Nele. Você não confiou Nele.* Imóvel, quase sem ousar respirar, a criança permanecia deitada sob as cobertas até que finalmente ao amanhecer os corvos do pântano davam início aos grasnidos zombeteiros dissonantes, num ato de estupefação ancestral perante a tolice e a banalidade da humanidade. E a Menina de Barro tentava ouvir o Rei dos Corvos em meio aos outros. *Eles são enviados de Satã* a mãe dizia com nojo feroz mas a criança continuava de olhos fechados e ouvia as palavras da mãe com menos clareza à medida que a luz matinal surgia. *Você vai ser levada pelo Satã* a mãe avisava mas a criança continuava deitada, astuciosa e inerte e aliviada porque a mãe não parecia ter o poder de tocá-la como outrora, e agora que o sol como um olho flamejante se abria aos poucos o único barulho era o barulho dos corvos no pântano e no meio deles, mais ruidoso que os outros, mais estridente e mais bárbaro em seu triunfo, o Rei dos Corvos.

Um dia, numa época distante que a Menina de Barro não seria capaz de imaginar assim como a Menina de Barro não seria capaz de entender qualquer galáxia, qualquer constelação no céu noturno sobre o pântano, ela confidenciaria ao Astrônomo — *Minha vida foi salva pelo Rei dos Corvos. Não vai rir de mim, eu sei que tive sorte. Eu fui uma das que teve a sorte de nascer e de não morrer depois de nascer.*

Um dia estava na cozinha dos Skedd e foi chamada.

Dos degraus da entrada lateral da casa, Ginny e Bobbie gritavam e gargalhavam...

“Jew-ell! JEW-ELL!”

Jewell nunca tinha sido chamada desse jeito por motivo nenhum. Tampouco seu nome havia sido berrado com tamanho fervor.

E então ficou aterrorizada pensando que (sabe-se lá como) a mamãe tivesse ido buscá-la afinal de contas.

Todavia, na entrada da garagem ela viu um rapaz desengonçado de jaqueta cáqui, calça cargo e botas sujas de barro e um gorro de lã cobrindo até a testa, que tinha rugas em forma de cruz que o deixavam com a testa de um homem mais velho. A barba rala que mais parecia espinhos escondia parte do maxilar.

Ginny e Bobbie se encostaram na porta fingindo falar em voz baixa — “Tem um homem das montanhas aqui! Ei Jewell — um homem das montanhas veio te ver!”

Nunca dava para saber se aquelas meninas estavam falando sério ou caçoando. Assim como Lizbeth, elas também soltavam risadas altas que eram como gritos e qualquer coisa podia deflagrá-las, então riam como se sentissem cócegas ou sofressem assassinato. Jewell foi à porta muito constrangida pelo fato de as meninas terem sido tão indiscretas na fala que o homem na entrada da garagem teve de ouvi-las. Em seguida começaram a assoviar e suspirar numa alegria desavergonhada — “Ele não é um fofó! Ooooun!”

A única opção de Jewell era sair. Um estrondo chegou aos ouvidos dela como um trovão longínquo.

“Olha ela aí, moço! ‘Jew-ell’.”

Às risadinhas Bobbie empurrou Jewell degrau abaixo em direção ao rapaz que fitava Jewell, os olhos escuros querendo absorvê-la, assim como os de Jewell queriam absorvê-lo.

Será que o conhecia? *Ele* a conhecia?

O rapaz lembrava um menino forçado a crescer rápido demais — a pele era castigada pelo sol, o vento, e parecia couro. Era esguio, com braços magros e pernas curtas e cabelo irregular que ia até os ombros. As feições do rosto eram meio descombinadas, mas não feias ou assustadoras — o queixo parecia ter derretido sob a barba de espinhos e a boca tinha vários dentinhos manchados como dentes de marta ou de raposa.

“Oi. Olá...”

O rapaz de cabeleira irregular e Jewell eram de uma timidez tão similar que seria possível dizer que eram dois filhotes da mesma ninhada, apesar das aparências totalmente diferentes e do acanhamento entre eles. Ainda

que as meninas grosseiras na soleira da porta abafassem as risadas e bufassem em gargalhadas explosivas, nem o rapaz nem Jewell lhes dava atenção.

“Acho que você não se lembra de mim... Fui eu que...”

Encarava Jewell num estado de surpresa admiração, se esforçando para sorrir com aqueles dentinhos manchados. Disse o nome dele que Jewell não ouviu, como crianças geralmente não ouvem os nomes dos adultos assim como o rosto dos adultos tendem a se misturar, turvar, fundir na memória das crianças. E havia o estrondo nos ouvidos de Jewell que abafava todos os sons menos os grasnidos percussivos e eletrizantes dos corvos do outro lado do fosso.

“Imagino que você é a ‘Jew-ell’ — te vi no jornal...”

Suando e sem saber o que falar, o rapaz de cabeleira irregular estendeu em direção a Jewell um objeto dentro de um saco de papel.

O saco de papel marrom comum do tamanho daqueles em que o sr. Skedd levava para casa suas latas de cerveja, ou a sra. Skedd levava para casa umas comprinhas de mercado.

Sem perceber Jewell pegou o saco de papel das mãos do rapaz. Assim que o aceitou o rapaz recuou, aliviado — “Então é isso. Se cuida.”

Minutos depois de chegar à casa de telhas de asfalto na Bear Mountain Road, o rapaz de cabeleira irregular já havia partido.

Dirigia uma caminhonete decadente. Rapidamente se acomodou na boleia e se afastou da casa e subiu a Bear Mountain Road antes que Jewell tivesse a chance de pegar o que estava dentro do saco de papel.

“Que isso? Uma boneca? Por que foi que o homem das montanhas te deu uma *boneca*?”

“Uma *boneca*? E a Jew-ell é tão burra que nem para dizer obrigada.”

Perplexa, Jewell olhava a boneca. Nunca tivera uma boneca — uma boneca bonita — que fosse sua. Era uma boneca loura de borracha macia pintada em tom de pele, do tamanho certo para que uma criança a aninhasse nos braços.

Tinha boca rosada e círculos corados nas bochechas e cílios grossos emoldurando os olhos azuis de plástico do tipo que se fechavam quando se botava a boneca para dormir.

Jewell tinha a lembrança vívida de uma boneca de borracha nua com braços e pernas que giravam como uma roda frenética voando pelos ares e depois caindo no lodo preto do alagadiço.

A boneca nova não estava nua e sim com um vestido de festa de cetim rosa com gola de renda, lantejoulas e palhetas. A boneca nova não tinha só uma cabeleira ondulada de borracha pintada, mas cabelos sedosos platinados.

Ginny e Bobbie estavam curiosas, ressentidas. Puxavam a boneca que Jewell segurava com força.

“Por que é que o homem das montanhas deu isso para *você*? Por que é que alguém daria uma boneca para *você*? O que é que ele é — seu papai?”

“A Menina de Barro tem pai! A Menina de Barro tem pai!”

Jewell tentou fugir das meninas agarrando a boneca com as mãos. Nunca tinha ganhado um presente, a não ser do sujeito de cabelo espetado, e nunca havia tido uma boneca só sua — a boneca de borracha atirada na lama não era dela e sim da irmã mais velha, Jewell.

A sra. Skedd tinha saído para ver que bagunça era aquela.

“Jewell? Que porcaria é essa? O que é isso? Quem foi que te deu *isso aí*?”

A sra. Skedd arrebatou a boneca de Jewell para examiná-la. Semanas antes quando Jewell foi morar com a família temporária eles tinham recebido uma caixa de roupas de segunda mão e uns brinquedos da Assistência Social, além de uns artigos da LBV, mas a sra. Skedd percebia que aquela sofisticada boneca loura não tinha vindo de nenhuma instituição beneficente — não tinha sujeira nenhuma, parecia *novinha em folha*.

Agitadas, Ginny e Bobbie informaram a sra. Skedd que um *homem das montanhas* de aparência esquisita tinha parado o carro na entrada da garagem e pedido que chamassem Jewell porque queria lhe dar uma coisa. “Por que é que vocês não me chamaram?”, a sra. Skedd questionou, furiosa. “Eu sou a adulta aqui.”

Enquanto isso a sra. Skedd virava a boneca com as mãos, desconfiada. Jewell meio que esperava que ela a cheirasse. Jewell aguardou sem ousar se pronunciar tampouco respirar até que por fim a sra. Skedd lhe devolveu a boneca com um desprezo nostálgico — “Alguém que leu sobre você no jornal, ou te viu na tevê. Alguém que sente pena de você e acha que a gente não dá conta, o Floyd e eu. Uma pena o babaca não ter dito o nome dele, quem sabe ele não tem outras coisas para doar.”

Mulher de Barro faz uma promessa. E Mulher de Barro descobre uma coisa.

Abril de 2003

A pia! Nunca tinha visto uma pia tão — *funda*.

Era uma cavidade em forma de vieira na bancada de mármore salmão desbotada pelo uso. E a bancada era muito alta e muito funda — para usar a pia, tão *funda* que era impraticável, era preciso ficar na ponta dos pés, se inclinar apoiando-se nos cotovelos e se levantar, se segurar, para se debruçar sobre a pia, numa curvatura alquebrada; em seguida, era necessário estender a mão em direção às torneiras que eram antiquadas instalações de latão em forma de garras de dimensão grotesca, separadas por pelo menos quinze centímetros, de modo que, depois de conseguir pôr as mãos na torneira esquerda — (que jorrava água quente) — não se podia nem ir abrindo logo a torneira direita — (que jorrava água fria) — pois carecia-se do apoio de pelo menos um braço/cotovelo a fim de se manter o equilíbrio para não escorregar da bancada.

“Essa maldita pia.”

Era a voz de profundo descaso de Livvie Skedd misturada a estupefação, incredulidade.

Parecia não haver cadeira, banco para arrastar até o velho banheiro de pé-direito alto e sobre o qual se ajoelhar. Sob os pés, o assoalho era de mármore salmão mais opaco, desbotado por décadas de sujeira.

Aquela hora era dia ou noite? Amanhecer ou anoitecer? A única janela era tão estreita e a vidraça tão turvada de poeira que luz nenhuma entrava, tampouco parecia haver luminária no banheiro, acima da pia, ou suspensa no teto.

No entanto havia luz no banheiro, por assim dizer. A luz pálida furiosa de um dia sem sol em que uma espécie relutante de iluminação parece se erguer de todos os lados, sem origem alguma.

“Essa maldita *pia*.”

A sra. Skedd ria da “histórica” pia de mármore da ala mais antiga da Charters House, com ares de menosprezo resfolegante.

Mas a sra. Skedd também ficaria impressionada — *Eu tenho que dar crédito à pobre coitada da Menina de Barro, ela chegou bem longe na*

vida.

Por fim, M.R. conseguiu abrir a torneira esquerda. Estava arfando, o empenho fora considerável. Meio que esparramada sobre a bancada de mármore, o diafragma doendo por conta da contorção. Água quente espirrou na pia superfunda mas praticamente no mesmo instante a água estava escaldante, quente demais para que a usasse e portanto ela teve de abrir a torneira direita para regular a temperatura, o que exigia uma grande força, já que a água — escaldante, aos esguichos — continuava a cair na pia com maníaca naturalidade.

Era baixinha demais para a pia — seria esse o problema? Descalça, fazendo força para alcançar as torneiras. Suas pernas eram muito curtas. Os tendões dos joelhos doíam com o esforço. E as mãos tentando alcançar as torneiras em forma de garras, pequenas demais.

Dois andares abaixo, do patamar da escada da frente, vieram as terríveis palavras fracas, que fizeram seu coração gelar:

“Senhora Neukirchen? Os convidados estão chegando...”

Uma das funcionárias de confiança da presidente. Uma do grupo de moças que adoravam M.R. Neukirchen, apesar de terem começado a temer por ela, e a temê-la.

Havia pedido que fizessem o favor de chamá-la de M.R. Por que, Deus do céu, não eram capazes de chamá-la de M.R.?

Claro, ela sabia — estava atrasada. De uma forma ou de outra tinha acontecido, embora M.R. jamais se atrasasse, esta noite estava atrasada. Na própria residência, atrasada! Para uma reunião social que ela mesma organizara, estava atrasada.

Nada mais horrível — mais desesperador! — do que se *atrasar*.

Saber que as pessoas estão esperando você — procurando você.

Escutou a campainha tocar, lá embaixo. Era horrendo que conseguisse escutá-la — tocando.

Escutou a porta se abrindo. Escutou cumprimentos abafados. Já que M.R. ainda não estava presente, era bem provável que o decano tivesse assumido o papel de anfitrião no lugar dela.

Quando a presidente da Universidade se ausentava, outros administradores ocupavam seu posto. No jantar daquela noite estava, além do decano, o vice-reitor da Universidade encarregado dos projetos de pesquisa.

Ambos eram cargos administrativos de prestígio. Ambos eram indivíduos muito competentes, ambos eram homens.

“*Maldição de Deus.*”

O epíteto da sra. Skedd era metade imprecação, metade prece pedindo ajuda.

A Mulher de Barro não poderia descer sem estar preparada para ser vista. A Mulher de Barro só poderia aparecer em público quando estivesse *preparada*.

Muito difícil lavar o rosto naquela pia em que mal conseguia alcançar as porcarias das torneiras!

Um cheiro de esgoto emergia do vaso de porcelana manchado, e da banheira de porcelana manchada com pés de garra e com sua cortina encardida cor de urina. Por alguma razão, seu banheiro não estava à disposição e portanto traçou um caminho desesperado rumo ao terceiro andar da Charters House, subindo a escada em espiral dos fundos em direção àquele andar abafado de quartos de hóspedes fechados, armários vazios e alcovas nas quais semanas, ou meses, se passavam sem que ninguém se aventurasse; onde outrora, quando a Charters House era uma residência habitada, na época dos presidentes da Universidade com famílias grandes e inúmeros parentes que os visitavam, os cômodos eram usados.

Crianças tinham morado na Charters House, até pouco tempo atrás. Agora, nem mesmo crianças-fantasma vagavam pelos andares mais altos. Berros e chamados desconsolados eram apenas os gemidos do encanamento antiquado, mais nítidos à noite.

“Deus me ajude.”

M.R. fitava o próprio rosto com desânimo. Parecia haver algo errado com o espelho acima da pia — o vidro era tão velho que distorcia tudo o que nele refletia, como se submerso em água. Os olhos de M.R. estavam injetados, os lábios pareciam esfolados, rachados. Sobre a sobrancelha direita havia uma delicada feridinha vertical que parecia ainda não estar totalmente fechada — um líquido vermelho brilhava nas bordas. E o machucado feioso acima da sobrancelha tinha se soltado, uma bolinha de sangue encaroçada que vinha descendo o lado direito do rosto de M.R. nas últimas duas semanas e estava alojada na bochecha direita, abaixo do olho.

O rosto ainda estava dolorido por causa da queda. Os ombros, costelas, tornozelo e a têmpora direita do crânio ainda latejavam numa dor

acusatória.

“*Me ajuda, para variar.*”

No vapor que subia, seu rosto ganhara um rubor lúgubre. Fechou a torneira esquerda e abriu a torneira direita até onde lhe foi possível — nada de água quente, somente fria — para poder enfiar o rosto ardido na água, para esfriá-lo.

Contudo, a instalação de latão que fechava o escoamento estava quebrada. Portanto, à medida que a água jorrava na pia, que era uma pia funda, de largura incomum, a água acabava.

Com a astúcia dos desesperados, M.R. fez uma rolha de lenços de papel bem enrolados e enfiou no ralo. Assim, quando a água jorrava na pia, não escoava tão rápido. Aos poucos, então, a pia funda se encheu de água fria, até que por fim M.R. pôde se debruçar e mergulhar o rosto nela — que alívio!

Agora ficaria bem, ela acreditou. O rubor lúgubre sumiria de seu rosto. E depois, com os cosméticos, tentaria melhorar a aparência. Só precisava de alguns minutinhos.

Só que lá de baixo, a voz se elevou, educada, porém suplicante:

“Senhora Neukirchen? Os convidados estão chegando...”

Sra. Neukirchen! Ela era a *sra. Neukirchen!*

O nome lhe soava um pouco zombeteiro, e o título — *Presidente*.

Na mesa comprida de tábuas da cozinha dos Skedd, que balançava e inclinava durante as refeições apinhadas, um acesso de alegria sarcástica.

Presidente Neukirchen! Quem a Menina de Barro acha que engana?

Às cegas, os dedos procuraram o potinho de maquiagem na bancada da pia. Era uma massa de tinta que imaginava que disfarçaria a pele amarelada e suas deformidades — *blush Honeyrose*.

Inábil, apressada, M.R. espalhou a massa no rosto. Havia algo tão vergonhoso no desespero que sentia que não teve coragem de observar o procedimento com atenção, e só lhe restava a esperança de que a maquiagem estivesse mais ou menos bem espalhada, e parecesse *natural*.

Sua mãe, Agatha Neukirchen — essa mãe sobre a qual M.R. falava com tranquilidade e orgulho aos entrevistadores — a mãe quacre, que ainda morava em Carthage, Nova York —, nunca tinha usado cosméticos, é claro. Assim como o pai, Konrad Neukirchen, não se dava ao trabalho de se barbear, ato que considerava uma grande perda de tempo, e raramente

aparava a barba, que se alastrava pela mandíbula como arames que estranhamente ficavam grisalhos da ponta para cima.

Para os quacres, o que não era comprovado, o que era infundado, falso — era *nocional*.

Bem mais delicado que o *Conversa pra boi dormir!* dos Skedd.

Enquanto outros são dogmáticos ao falar, ou dizem *Disso eu tenho certeza!*, os quacres diriam, em tom mais provisório, *Eu espero que seja assim*.

Como presidente da Universidade, M.R. usava um atípico tom suave, gracioso. Jamais afirmaria *Disso eu tenho certeza*, mas apenas — num tom firme — *Eu espero que seja assim*.

Porém, agora M.R. não estava tão lúcida, ou tão esperançosa. O coração batia alarmado enquanto lá de baixo a voz se elevava de novo, preocupada:

“Senhora Neukirchen! Os convidados...”

A equipe da presidente iria protegê-la. Na verdade, a presidente tinha duas equipes — Charters House, Salvager Hall. Não havia muito diálogo entre as duas equipes, que se dedicavam a prestar serviços muitos diferentes à presidente, mas cada vez mais ambas se preocupavam em proteger a presidente de suas próprias — possíveis — faltas de bom senso, de seus próprios erros.

Estava atrasada para o jantar de Conferência oferecido na Charters House — mas de quanto tempo era o atraso? Com certeza não mais que dez minutos?

Enlouquecidos os dedos passavam maquiagem em seu rosto, com movimentos ascendentes. A pele frouxa sob os olhos tinha de ser preenchida de alguma forma — os hematomas sob os olhos lhe davam um aspecto cadavérico.

Ou talvez fosse apenas a luz do banheiro antiquado, com seu pé-direito de três metros e meio, lâmpadas suspensas de baixa voltagem. M.R. não conseguia enxergar direito o visor do relógio.

Com certeza não mais que — vinte minutos de atraso?

Agora era uma voz masculina mais grave:

“M.R.? Está tudo bem? A maioria dos convidados da Conferência já chegou...”

Era S_____, o decano. M.R. havia indicado S_____ ao cargo, S_____ não tinha o direito de ser ríspido ao falar com ela na frente dos outros.

E a nitidez da voz dele era desconcertante, como se S_____ tivesse subido a escada até o patamar do primeiro andar.

Sai fora! Me deixa em paz! Você não tem o direito de vir aqui para cima!

No espelho, o rosto de M.R. parecia bem melhor. A bolinha de sangue na bochecha parecia estar escondida sob a maquiagem. E agora — M.R. passaria pó solto sobre a maquiagem, com uma esponjinha feita de algum material sintético flexível. Os dedos tremeram de — seria expectativa? Entusiasmo?

Queria se esticar para fora da porta do banheiro e berrar para S_____ que ela já estava descendo, estaria lá embaixo dali a três minutinhos.

Queria berrar, para que todos ouvissem, no seu tom autoconfiante e alegre de M.R. — “Estou ótima! Obrigada.”

Ela lhes diria — ela mentiria de forma tão convincente, como apenas uma administradora experiente e merecedora de confiança poderia mentir — que recebera um telefonema “crucial” de última hora — “o atraso tinha sido inevitável”.

Claro que pediria desculpas. M.R. sempre se desculpava quando parecia necessário. Mas não pediria milhares de desculpas, como quem tem um bom motivo para se desculpar.

Ela lhes diria que fora detida de tal maneira que ninguém, nem mesmo S_____, que era amigo de M.R., ou um conhecido amistoso, desde que ela chegara à Universidade, se sentiria à vontade para perguntar qual era o assunto “crucial” e se a situação urgente fora contornada.

Os convidados do jantar seriam compreensivos, é claro, e respeitosos — apesar de a maioria deles ser bem mais ilustre em suas profissões do que M.R. Neukirchen era na dela — (isto é, na filosofia acadêmica) — porém nenhum deles poderia ter sido nomeado presidente daquela distinta Universidade, e nenhum deles seria capaz de fazer o trabalho de M.R.

Ela estava certa disso. Sim!

M.R. fez força para enxergar o visor do relógio, agora junto à janela — ainda assim, não conseguia ver as horas. O coquetel estava marcado para as 18h, o jantar para as 19h — se apavorava ao pensar que podia já ser quase 19h. Com certeza — não estava mais que vinte minutos atrasada?

M.R., que não estava totalmente vestida — de roupa íntima, por baixo de um roupão de flanela um pouquinho sujo, e descalça —, sairia correndo até seu quarto, no andar de baixo. O terninho de cashmere leve cinza-claro

da Bloomingdale's estava em cima da cama, recém-chegado da lavanderia. Usaria uma blusa de seda branca, com botões largos de pérola, abotoados até o pescoço. E um lenço de seda laranja-claro, presente que uma colega comprara na Tailândia — um dos lenços que eram “marca registrada” de M.R.

Tinha belos sapatos de couro, de salto baixo. Sapatos bem mais caros do que M.R. jamais compraria para si, a não ser nesse papel de presidente Neukirchen, de quem certo estilo de vestimenta, aparência, conduta era esperado.

Que alívio seria, estar vestida! E o rosto *maquiado* a fim de dar certa impressão de normalidade.

Só que — o cabelo de M.R.... Tinha se esquecido do cabelo, que estava sem forma, sem graça, agora com fios grisalhos aparecendo na raiz... *Santo Cristo! Que nem um maldito palheiro*, a sra. Skedd ridicularizava o próprio reflexo, passando os dedos calejados pelo cabelo cor de cenoura.

Assim como a sra. Skedd, M.R. teria que dar de ombros e rir.

“Não dá tempo agora. Não dá tempo.”

Às pressas, M.R. deu batidinhas no cabelo, tentou escová-lo, moldá-lo com os dedos. Estava para marcar uma hora para cortar — estilizar — o cabelo, mas estivera sem tempo, ou havia se esquecido; assim como se esquecera, ou cancelara, consultas com o dentista, oculista, contador tributário. Ao puxar o cabelo para trás das orelhas, para que, vendo-se de frente, ela enxergasse relativamente pouco cabelo, a angústia que M.R. sentiu foi menos óbvia. O cabelo teria de ficar daquele jeito mesmo.

A presidente Neukirchen não era, francamente — *sofisticada*. Em certos ambientes, a ausência de *sofisticação* indicava *sinceridade*, *falta de vaidade*.

E de novo, numa atitude irritante — perceptivelmente mais próximo:

“M.R.? Perdão, mas...”

Maldição de Deus, S ! Seu decano, a quem designara para ocupar um cargo influente — que sem dúvida falava pelas costas de M.R., reclamava dela — ainda que com delicadeza, com carinho — não tinha o direito de dar um passo sequer naqueles degraus, de subir aos aposentos particulares da presidente.

M.R. parou à porta (fechada) e falou através dela:

“Estou bem! Estou ótima! Obrigada! Estou no telefone, tenho um problema urgente para resolver, desço daqui a cinco minutinhos!”

Não que S_____ pudesse ouvi-la, a dois andares de distância.

Porém, M.R. berrou: “Fica no meu lugar! Só cinco minutos, pelo amor de Deus! Obrigada! Muito obrigada! *Eu estou bem.*”

Só que: a voz de S_____ tão próxima, vozes na saleta de entrada, campainha tocando, atrasada para o próprio compromisso social — M.R. estava ansiosa, um certo aperto — pontada — de algo coalhando o intestino — uma necessidade de usar o vaso, rápido.

“Ai meu Deus! Me ajuda...”

Nas últimas semanas, vinha sofrendo de gastroenterite, ou diarreia — não era forte, e não era crônica — mas sentia uma explosão, uma terrível contração meio que explodindo no intestino, em momentos de muita ansiedade.

Mas — agora? Não podia haver hora pior — do que agora.

Nas instalações antiquadas do banheiro do terceiro andar, nada era mais arcaico, menos “modernizado” do que o vaso sanitário, que se localizava num canto do cômodo, longe das vistas da pia; como se apenas o vislumbre da privada, tosca, avantajada, de uma embotada brancura gritante, pudesse afligir suscetibilidades requintadas. Porém M.R. não teve alternativa além de correr para o vaso, apertando a barriga. Que dor! E tão súbita! O vaso era superdimensionado como a pia, portanto, ao tentar se sentar nele, M.R. mal conseguia tocar o chão com os dedos dos pés; e que umidade grudenta cobria o assoalho, ali perto do vaso. Na caixa-d’água grande e raiada de ferrugem acoplada ao vaso havia o perpétuo gotejamento melancólico da água, como uma tristeza inconfessa; o vaso de porcelana outrora branco estava muito manchado, nenhuma escovação por parte de qualquer equipe de empregados domésticos seria capaz de remover as décadas de sujeira feculenta. No assento do vaso, M.R. se sentiu paralisada de repente; embora precisasse com urgência se livrar da terrível diarreia escaldante na barriga, não conseguia; tampouco conseguia urinar; a bexiga doía, porém não conseguia urinar; uma pressão tenebrosa se acumulava dentro dela, todavia não conseguia soltá-la porque temia uma repentina batida na porta — S_____ poderia ter subido a escada não só até o segundo (e privativo) andar, mas até o (ainda mais privativo) terceiro andar, e agora ter a audácia de bater na porta do banheiro; ou, o que seria ainda mais horrível, segurar a maçaneta e escancarar a porta velha assim como, na casa dos Skedd, o banheiro das crianças não tinha fechadura já que — como os Skedd explicaram, inúmeras vezes — não

dava para correr o risco de pôr fechadura nas malditas portas, uma maldita criança maluca poderia se trancar lá dentro — a sra. Skedd teria que derrubar a maldita porta, se fosse o caso.

Aagitada, a sra. Skedd falava dessa possibilidade — ou talvez já tivesse acontecido — uma menina tinha se trancado no banheiro, cortado os pulsos — o que houve em seguida, Jewell nunca soube pois o sr. Skedd interrompeu a esposa com um resmungo: *Santo Cristo, vê se fecha esse bico, mulher. Ninguém precisa saber de uma história de séculos atrás.*

Sentada no vaso medonho M.R. se encolhia, tremendo. O que sua vida tinha se tornado lhe era insondável, porém não tinha alternativa, era essa a vida que tinha de viver. Ainda que, lá de baixo, da saleta da entrada, praticamente um coro de vozes se elevasse:

“Sra. Neukirchen? São quase sete horas, a maioria dos convidados já chegou...”

Não eram vozes escarnecedoras. Ela sabia!

Uma tragédia, diziam eles.

Esses indivíduos de expressão séria. Pois é claro que o assunto deles — o assunto dos três dias de Conferência — se baseava na tragédia dos outros, incitando a oportunidade de especulação intelectual, discussão ética, a possibilidade de intervenção.

“... além dos nossos prognósticos mais pessimistas. E a nossa demografia mostra que vai piorar — a não ser que a gente interfira.”

Então não era de Alexander Stirk que eles falavam.

Na sala de jantar de pé-direito alto da Charters House, M.R. se sentou à cabeceira da mesa, de costas para a porta da copa que balançava ao se abrir, e se fechava; se abria, e se fechava à medida que os empregados levavam as comidas à mesa, que eram oferecidas aos ilustres convidados de M.R. Ela sorria ao pensar no que a sra. Skedd diria, esperaram a Menina de Barro como se ela fosse uma rainha! A mãe da Menina de Barro, que lhe enchera a boca de lama para silenciar qualquer palavra sua, para sempre.

M.R. Neukirchen à cabeceira da mesa. M.R. Neukirchen, presidente da Universidade.

Por que, M.R. se perguntou, com o passar das semanas, a uma velocidade crescente, como um córrego estreito atravessando uma rachadura numa pedra, alargando a rachadura, para correr numa

velocidade maior ainda, essas velhas — arcaicas — lembranças lhe vinham à mente, com a ameaça de afogá-la?

Por que, ela se perguntou, não se sentia mais amedrontada?

“A intervenção não é tão fácil assim. Os Estados Unidos precisam respeitar os direitos dos Estados soberanos...”

“‘Estados soberanos’! Libéria, Zimbábue...”

“... não se esqueça de Ruanda...”

“... Darfur vai ser a próxima.”

M.R. sentiu um quê de inquietação: *Darfur*? Andava razoavelmente bem informada sobre esses outros Estados africanos, mas não sabia quase nada a respeito de *Darfur*.

Era razoavelmente bem informada sobre a maioria dos assuntos, ou dava tal impressão. Como qualquer administradora bem-sucedida, M.R. sabia quais perguntas fazer para deixar que os outros demonstrassem o conhecimento que tinham.

Que alívio, estar *ali*! Ali embaixo, com seus convidados!

No lugar que lhe cabia, à cabeceira da mesa. Como se não houvesse nada errado ou que pudesse estar errado, uma hora antes.

Na outra ponta da mesa estava S____, o decano. S____ lançara olhares de — preocupação? apreensão? — na direção de M.R., que ela parecera não notar.

Estou bem. Já te disse — estou bem! E agora que eu estou aqui, sou a anfitriã.

M.R. não estava exageradamente atrasada para os convidados, que, pelo visto, tinham sido conduzidos a dois cômodos à medida que chegavam — a sala de estar maior e a biblioteca — pelo sagaz S____; sendo a estratégia, M.R. supunha, bastante engenhosa — os convidados de um cômodo achariam plausível que a anfitriã estivesse no outro cômodo, e não perceberiam sua ausência.

E então é claro — M.R. havia surgido no meio deles — bem antes da hora marcada para o jantar.

Sem fôlego e pedindo desculpas — “Um telefonema! No começo parecia que era uma emergência de verdade, mas depois — a situação já está sob controle, ou quase...” O olhar dela era direto e contundente, sem rodeios.

Claro que acreditaram nela — como seria possível não acreditarem em M.R. Neukirchen?

Até S_____ acreditou nela. (Ela tinha certeza!)

Tudo o que havia lhe acontecido lá em cima, no terceiro andar, ou quase acontecido — tudo aquilo estava se dissipando rápido agora, como um sonho ruim exposto ao ar.

Esse jantar! Que prazer estar ali, na companhia de pessoas tão ilustres! A conversa séria deles redemoinhava em torno dela, ávida e sinceramente ela a escutava.

“... a intervenção não é nada fácil — é claro. É por isso que são necessários passos arrojados. A nossa diplomacia atual...”

“... sim, mas há também princípios religiosos em jogo. Nem todo mundo quer ser ‘salvo’ segundo os nossos termos seculares...”

“‘Salvo’ da aids? Você está falando sério? É claro que os sofredores querem ser ‘salvos’.”

“... nem sempre, e não de acordo com os nossos termos seculares.”

“... não seculares, *científicos*. Existe uma diferença aí.”

Como presidente da Universidade, M.R. estava dando um jantar na Charters House em parceria com a Conferência Anual de Ética e Economia da Universidade — o tema desse ano era “Estados de Primeiro Mundo e Relações com o Terceiro Mundo” — com um simpósio especial sobre a aids na África.

Era a terceira e última noite da prestigiosa Conferência, que tinha sido iniciada em 1991 com uma doação multimilionária de um ex-aluno da Universidade que tivera uma carreira notável na diplomacia, além de ter também herdado uma grande fortuna. Entre os participantes estava o presidente atual do Comitê Nacional de Bioética, um economista do Banco Mundial que ganhara o Nobel, o diretor-executivo do Rawling Institute for Advanced Study da Universidade de Chicago e uma cineasta (mulher) que produzira um documentário premiado sobre a vida das meninas e mulheres na África Ocidental, exibido na Conferência.

Vinte e seis convidados e M.R. Neukirchen à cabeceira da longa mesa posta com primor, e enquanto os convidados conversavam animadamente — aids, fome, guerra, atrocidades da guerra — a responsabilidade das nações de Primeiro Mundo — a responsabilidade das universidades americanas de investigar questões morais, políticas, econômicas e médicas — a sabedoria/insensatez da intervenção militar no Iraque, que no mesmo instante desencadeou uma insurreição inesperada/inevitável contra as forças de coalizão lideradas pelos americanos — como no Afeganistão —

e, ah! — os horrores da circuncisão feminina na África Ocidental, sobre a qual a jovem cineasta falou nos termos mais descritivos e impiedosos, mesmo quando empregados (de expressão congelada) levavam travessas de comidas preparadas com excelência à mesa. Embora M.R. escutasse com arrebatada atenção às conversas que aconteciam mais perto dela, parte de sua mente — de novo a imagem lhe ocorreu, de um córrego veloz atravessando a face de uma pedra — ela se viu numa mesa totalmente diferente — a mesa de tábuas comprida na cozinha dos Skedd em meio a uma balbúrdia de vozes — tamanha balbúrdia de vozes! — em que a voz (pequena) de Jewell nunca era ouvida — enrijecendo seu corpo (pequeno) para não ser empurrada, o copo (plástico, imundo) de água derrubado, nacos de bolo de carne cheios de ketchup roubados furtivamente de seu prato pelo menino púbere cuja cadeira era ao lado da dela; pois durante as refeições na casa dos Skedd sempre havia o que a sra. Skedd chamava de um *tumulto danado* instigando surtos de beliscões, tapas, empurrões e xingamentos da parte de ambos os Skedd para que conseguissem manter certa ordem (temporária); M.R. sorriu ao pensar no oleado grudento que cobria a mesa de tábuas, que cabia a ela deixar sempre limpo, entre uma refeição e outra; uma tarefa que era fácil, com uma das esponjas de cozinha de cores alegres do estoque da sra. Skedd, que escureciam com o tempo por conta da sujeira; e a toalha de oleado na qual, quando ficava nervosa, ou ansiosa, fazia marcas leves com os dentes do garfo; assim como, nos anos seguintes, nas salas de aula da escola ela refrearia a energia quase incontrolável que latejava em seu corpo como correntes elétricas ficando sentada, impassível, de costas eretas e cabeça reta e os olhos arregalados com a mais profunda atenção e respeito, olhando fixo para o professor diante da classe — para o adulto da sala — assim como para qualquer adulto que estivesse presente — a fim de que o adulto pudesse sentir o apelo *Eu sou a que escuta, eu sou aquela em quem você pode confiar, eu sou a que vai se destacar*.

Pois são os adultos do mundo que são os anjos do Senhor.

Pois são os adultos do mundo que vão, caso queiram, salvar você.

Enquanto a conversa desviava para o assunto da exploração feminina na África — o fato, como a cineasta afirmou com veemência, de que relações sexuais quase sempre são iniciadas pelos homens no subcontinente africano, independentemente de o homem ser infectado pela aids e de sua situação ser conhecida, e independentemente de a “parceira sexual” ser

criança — (e de repente pareceu um fato incômodo que à mesa de jantar de M.R. houvesse apenas sete mulheres dentre vinte e seis convivas, e quatro delas fossem esposas de homens célebres) — M.R. se flagrava pensando no segundo andar da casa dos Skedd, onde as meninas dormiam no dormitório abarrotado e não raro fedido, que ao menos era menos abarrotado e menos fedido que o dormitório dos meninos, no outro canto da casa; pensando em certas coisas que “meninos crescidos” faziam quando não havia nenhum adulto por perto, e ainda mais nas coisas que “meninos crescidos” falavam, os palavrões e obscenidades que não deviam ser repetidos por nenhuma das meninas, ao menos não quando adultos estavam presentes: pois existe o *mundo-infantil* e existe o *mundo-adulto*, que precisa ser percorrido com enorme cuidado. *E o que fizeram com a Jewell — “fizeram” alguma coisa com a Jewell? Em comparação com o alagadiço, nenhuma afronta posterior tinha muita importância.*

Mortandade infantil, infantes infectados pela aids, infanticídio — “Sobretudo o assassinato de crianças do sexo feminino que ninguém quer, jogadas no mato como se fossem lixo” — e M.R. sentada à cabeceira da mesa comprida, servida com cuidado, à luz de velas, que parecia, com seu largo trecho de tapete chinês antigo, boiar sobre um oceano sombrio e insondável; pensou com um tipo curioso de ternura na boneca — não a boneca de borracha jogada fora, feia, nua e imunda — mas na outra — a boneca-presente — a boneca linda de cabelo platinado, de vestido de festa de cetim — que lhe foi dada pelo “homem das montanhas” que era seu amigo. Pois havia o laço implícito entre eles. *Foi ele quem tirou a Menina de Barro da lama quando viu que a Menina de Barro não era uma boneca de borracha ou um lixo qualquer jogado na lama — é ele quem ama a Menina de Barro.* Contudo, por algum motivo, em seu acanhamento Jewell não conseguiu saudá-lo, assim como nem conseguira gaguejar *Obrigada pelo presente*, muito menos *Obrigada por salvar a minha vida*.

A boneca! Jewell adorara sua boneca-presente! Por mais que soubesse que amor nenhum pela boneca loura evitaria que a boneca loura fosse arrancada dela por uma das meninas mais velhas — Bobbie ou Ginny — ou talvez tivesse sido a malévola Lizbeth, enciumada porque a sra. Skedd dera atenção à Menina de Barro quando a sra. Skedd devia dar atenção a *ela*.

O homem das montanhas, com sua barba rala e seus belos olhos escuros e úmidos que M.R. era capaz de ver tão nitidamente, à mesa de jantar da

Charters House, deixando-a fraca de desejo, nostalgia — tudo o que ela havia perdido, que haviam lhe tomado; assim como a boneca loura que não ousara nomear, sabendo instintivamente que era melhor não lhe dar nome, lhe foi roubada em uma semana, e nunca mais a vira; se tinha sido roubada por uma das meninas ou um dos meninos, jamais saberia; devia ter sido roubada por puro despeito, já que nunca tinha visto ninguém brincando com ela. Seu coração de criança batera forte, cheio de mágoa e rancor porque a sra. Skedd não parecia ter dado muita importância ao fato de que a boneca de Jewell fora roubada, ao encontrar Jewell aos prantos e dizer, dando de ombros, *Caramba menina — o que vem fácil vai fácil*.

Esse era o comentário preferido de ambos os Skedd. E de seus vizinhos em Carthage. Na infância, era comum M.R. escutar isso. *O que vem fácil vai fácil*.

O que é adquirido com facilidade é perdido com facilidade.

O que é adquirido com facilidade você merece perder.

“Dona Neukirchen? Posso levar o prato?”

Os pratos estavam sendo retirados. M.R. fitava o próprio prato — perca chilena, quase intocada — espantada por estar *ali* e não *lá*.

“Dona Neukirchen...?”

A empregada — uma hispânica de rosto meigo cujo nome M.R. não se recordava — observava M.R. com olhos preocupados. (Será que começava a ficar claro, dentre os empregados da Charters House, que M.R. não andava comendo muito? E não vinha tirando um tempinho para conversar com eles, ultimamente? Quando era muito simpática, assim que se mudara para a Charters House, a equipe toda a adorava.)

“Pode. Sim. Obrigada.”

Ali estava a ironia: tudo o que M.R. conquistara, tudo o que o mundo entendia como conquistas dela, não tinha vindo fácil. Havia trabalhado, trabalhado. Trabalhara intensamente, sem pensar em mais nada, com um idealismo resultante do desespero. Porém, poderiam tirar tudo dela com bastante facilidade — como se não tivesse trabalhado, não tivesse merecido seu cargo, em absoluto.

“Existe pobreza americana também — e não só econômica. Uma pobreza de espírito...”

M.R. falou tão baixinho, em meio ao rumor e zunido da conversa à mesa, que poucos a escutaram.

Uma das personalidades mais fortes à mesa era o economista/filósofo E_____, de Cambridge, atualmente professor visitante da Universidade, cuja especialidade (polêmica) era a “ética” do assassinato; naquela tarde, M.R. tinha reorganizado várias reuniões para que pudesse comparecer ao painel conduzido por E_____ — “A ética do assassinato: combate militar, eutanásia, aborto”. Comentários feitos por E_____ no painel haviam ofendido K_____, a jovem cineasta, e agora E_____ e K_____ discutiam incisivamente a diferença entre “assassinato” e “aborto”, que a cineasta acreditava ser crucial e substancial, enquanto o economista/filósofo acreditava se tratar de “fundamentalmente uma questão de vocabulário”.

Ao redor da mesa, outros diálogos se apaziguaram. Pois E_____ era tão teimoso quanto K_____, e K_____ não acataria a opinião de E_____. Seguiu-se então uma vigorosa discussão geral sobre os sentidos específicos/jurídicos de *feto* — *infante* — *infanticídio*. Essa parecia ser a única questão sobre a qual não surgia consenso quase unânime entre os conferentes, que eram, de modo geral, liberalistas políticos.

A que altura o *feto* se torna *ser humano*; o *feto* tem *direitos jurídicos*?

Debates ávidos como esse tinham virado, nos Estados Unidos contemporâneo, o equivalente das querelas tomistas medievais acerca de anjos dançando em “cabeças de alfinetes” — só que havia mais emoções envolvidas.

Na cabeça, como uma pulsação latejando, M.R. ouvia a rima zombeteira numa voz de menino insolentemente familiar:

É mentirosa a liberdade de escolher

Bebê nenhum quer morrer

É MENTIROSA A LIBERDADE DE ESCOLHER
BEBÊ NENHUM QUER MORRER

Nenhum dos conferencistas tinha perguntado sobre, falado de, nem sequer aludido ao *caso Stirk*, pelo que sabia M.R. Era bem provável que, em seus mundos bastante especializados, esse tipo de notícia — beirando a imprensa marrom, apesar de divulgada de forma zelosa no *New York Times* — não fosse considerado relevante. Por isso M.R. sentia-se grata!

É claro, M.R. herdara do presidente anterior alguns processos arrastados contra a Universidade, de questões contratuais/de estabilidade, que não eram de interesse vital para M.R. e que não a implicavam do ponto de vista pessoal; ao contrário do *caso Stirk*, eram de pouco interesse para a mídia.

Certos docentes da Universidade tinham sido entrevistados sobre o tema — era inevitável. Conservadores alardeados como Oliver Kroll e G. Leddy Heidemann volta e meia apareciam nos noticiários da tevê a cabo. M.R. ficara aliviada ao ler no *New York Times* que Oliver Kroll havia declarado que a conduta da Universidade foi responsável, “admirável”, aliás; no mesmo artigo, Heidemann disse que a Universidade, com seu “fanatismo liberal”, tivera um comportamento irresponsável, permitindo que um jovem “emocionalmente perturbado” tentasse o suicídio.

Se ao menos Heidemann trocasse a Universidade por outra instituição, mais conservadora! Ou se ao menos a Universidade pudesse despedi-lo.

Como doía pensar em Alexander Stirk! — um assunto que causava muita angústia a M.R. — porque diziam que Stirk estava em um estado comatoso “imutável”, nem vivo nem morto, ligado a aparelhos na Filadélfia.

A Universidade estava sendo processada pela família Stirk. O sr. Stirk tinha contratado um litigante famoso para defender sua acusação de “omissão criminosa” contra a Universidade e vários administradores, inclusive a presidente Neukirchen. (M.R. achou uma bênção, Alexander Stirk não a destacara como uma inimiga especial em suas postagens desvairadas no blog.) Meses transcorreriam até os processos estourarem no consciente popular e durante esse interregno M.R. foi aconselhada pelos advogados da Universidade não só a não falar do assunto mas também a não pensar nele — pois não havia quase nada que pudesse fazer, de qualquer forma.

Só que, é claro, em momentos de fraqueza, ela se pegava pensando em Stirk. E quando não pensava conscientemente no garoto comatoso, mesmo assim pensava nele.

Mas eu não tenho culpa — que culpa eu tenho? Por que eu tenho culpa?

Stirk a odiara. Stirk mostrara a língua a ela.

Todavia: ela podia ver os olhos dele. A mágoa naqueles olhos. O anseio naqueles olhos. Belos olhos com cílios grossos cintilando de mágoa, fúria. M.R. desapontara Stirk, de alguma forma. M.R. não conseguira convencê-lo a confiar nela.

Não conseguira convencê-lo a amá-la.

Suttis Coldham: era esse o nome.

Ele olhara para Jewell com olhos de — amor? Tamanha ternura, no homem das montanhas barbudo! Suttis Coldham que a amaria em vão, no

que diz respeito ao amor mais puro e inefável — a quem M.R. rejeitara.

Será que Coldham saberia quem ela é agora? Será que a reconheceria — agora?

Um filete na testa de M.R. — um líquido frio, embora fosse sangue. Com discrição, M.R. tirou da manga um lenço dobrado para secar o corte. Ninguém viu — ela tinha certeza.

A esta altura, o rosto de M.R. já devia ter cicatrizado. Fazia pelo menos duas semanas que havia caído de forma tão idiota na escada dos fundos e se ferido. (E ninguém sabia. Esse era seu único consolo.) Porém a feiosa bolinha de sangue ainda latejava na bochecha, quando tocava nela; estava certa de que com a maquiagem disfarçara o machucado; com a maquiagem, seu rosto havia recobrado certo simulacro de atratividade convencional.

Sem batom, a boca de M.R. era pálida e flácida. As sobrancelhas eram grossas, taciturnas. Tinha visto — (imaginou ter visto) — olhares inquisidores dirigidos a ela, naquela noite. Sua assistente, Audrey, e outra moça da equipe chamada Felice. E S_____.

Se esses indivíduos viram algo estranho no rosto de M.R., não tiveram a audácia de se pronunciar.

Pois nas últimas semanas não se podia falar levianamente com a presidente da Universidade. Enquanto antes M.R. tinha o riso frouxo, nos intervalos de seu trabalho administrativo intenso e demorado no Salvager Hall, agora era mais provável que estivesse distraída, melancólica. Era provável que estivesse impaciente.

Mais aflitivo ainda era que a mulher que outrora espantava a equipe com sua memória extraordinária estava começando a esquecer ou misturar nomes.

Mesmo o ousado Evander, com seus cabelos de dreadlocks e encantadora gargalhada estridente, nem sempre captava a atenção da presidente como antes.

Dava para ver a tensão no rosto de M.R. E que estranha — inepta — a maneira como havia passado maquiagem no rosto, como faria uma criança: camadas desiguais de base bege cobertas de pó solto.

Se eu conseguir vencer esta noite. Só esta.

Ria, ria! Você nem vai sentir a diferença.

“O que é que você acha, presidente Neukirchen? Qual é o consenso nesta universidade?”

A pergunta lhe foi feita por um afável visitante da Universidade de Toronto que M.R. conhecia somente por meio de sua obra sobre teoria política; o pensamento dela andava tão sem rumo, e numa morbidez tão fascinante, que não fazia ideia de qual era o assunto, apesar de ter raciocinado que sem dúvida havia se distanciado do tema qualquer que discutiam uns minutos antes. Com um sorriso irresistível, e sem o menor indício de que estava pensando em coisas outras, bem outras, à própria mesa de jantar presidencial, M.R. declarou, “‘Consenso’? Aqui? Não me atrevera a fazer tal afirmação.”

M.R. ficaria constrangida ao se dar conta, um instante depois, de que o cientista político canadense estava perguntando sobre a Guerra do Iraque — que tipo de “debate público” tinha provocado na comunidade universitária.

“E a ‘Operação Liberdade Duradoura’ — a campanha militar de nome esquisito no Afeganistão.”

Sem perder tempo, o assunto foi abraçado, como uma bola jogada ao ar — todo mundo pulando para segurá-la, louco para falar. De todos os indivíduos à mesa apenas um — ou dois — talvez fosse a favor das guerras, ou de certos aspectos das guerras, mas guardavam silêncio diante da veemência dos outros.

M.R. esclareceu que sim, tinham travado diversos debates públicos sobre o tema. O maior havia contado com a presença de uma multidão toda de pé em um auditório com cadeiras para oitocentas pessoas, muitas delas da comunidade universitária.

Assim que M.R. pronunciou tais palavras — que lhe pareceram palavras totalmente sensatas, admiráveis —, ela as escutou como numa câmara de eco, prepotentes, convencidas e absurdas; e as da sra. Skedd ridicularizando-a a seu lado *Mas que incríveis nós somos! Somos porretas, né?*

Desse assunto, a conversa passou para “belicosidade” — “irracionalidade”. Pois sem o irracional, não pode existir o belicoso: belicosidade era irracionalidade. M.R. se viu propensa a citar Nietzsche, o que provavelmente vinha fazendo bastante nos últimos tempos, desde o início da imprudente Guerra do Iraque — “A loucura é rara em indivíduos, em nações — é a regra.”

Um dos convidados contestou, com inteligência: “Só que — a loucura em indivíduos não é tão rara assim, na verdade. Indivíduos em massa são

nações.”

“Sim, mas — sem dúvida existe uma ‘mentalidade coletiva’. Uma ‘histeria coletiva’. O coletivo é algo mais, e algo menos, que a soma de seus indivíduos.”

“É a sanidade em indivíduos, bem como em nações, que é rara.”

Todos riram. Foi um comentário espirituoso, e muito provavelmente verdadeiro. M.R. pensou que bom é podermos rir juntos, amparados pelo entendimento de que somos todos sãos.

Por um tempo, em seguida, ataques suicidas foram discutidos: 11 de Setembro e subsequentes.

Depois, o suicídio em si: o “ato puro, absoluto e apolítico”.

Foi debatido friamente: o status ético do “autoassassinato” com relação ao “assassinato”; como era possível que valores tão diferentes fossem atribuídos a eles?

Do nada, esse assunto perturbador parecia ter surgido. M.R. sentiu um pouco de rancor, tinha a impressão de que era discutido com muita frieza — impessoalidade.

O economista/filósofo de Cambridge disse que o suicídio é volitivo, já o assassinato, para a vítima, nunca é volitivo — “Não é um termo muito útil, ‘autoassassinato’.”

“É óbvio que o termo é útil. Suicídio é ‘autoassassinato’.”

“Mas o que é ‘suicídio’? Existem graus de volição — existem graus de ação. O suicídio nem sempre é consumado num único ato, mas talvez uma série — uma sequência — ao longo de um período...”

Como uma partida de vôlei, essa discussão enérgica. Os participantes eram tão eloquentes, suas opiniões jogadas no ar com tanta loquacidade — ninguém seria capaz de conjecturar do que é, no sentido mais literal, que estavam falando.

“Já foi observado muitas vezes que pouquíssimas pessoas cometem suicídio em casos de agitação civil. A angústia nos mantém vivos, quando é coletiva. Ficamos envolvidos no drama e queremos saber como o drama termina.”

“Isso mesmo! Nos campos de concentração nazistas, por exemplo. As pessoas que em circunstâncias normais eram ‘suicidas’ — o exemplo mais famoso é o Primo Levi — ficam decididas a continuar vivas.”

M.R. ouvia, de repente enojada. Como se parecia com um jogo — palavras lançadas de um lado para outro. Será que os convidados sabiam

da contundência de seus comentários naquele momento, para aquela comunidade universitária? Ela tentou falar com calma — é claro, precisava ser imparcial — ainda que fizesse buracos pronunciados na toalha de linho com os dentes do garfo e olhasse para a mesa.

“O suicida acha que está no comando — exercitando a ‘volição’. Mas assim que age, ele perde a ‘volição’. Ele se torna matéria — vira um corpo. E se não consegue morrer...”

M.R. estava ciente de que seus convidados a olhavam, surpresos com sua emoção repentina.

Pois a imagem pública de M.R. era tal que sua voz raramente se elevava.

Raramente ela revelava — traía — o que talvez sentisse.

Ela não convenceu. Não prosseguiria. Ficou grata porque o assunto lhe foi tomado das mãos.

Porque nada lhe parecia mais tenebroso do que o destino de Alexander Stirk. Não estar nem vivo nem morto, apenas *existindo*.

No alagadiço, apenas *existindo*.

Lama nos olhos, nariz. Lama na boca para que perdesse por completo a capacidade de falar.

Quantos sofrendores no mundo — descartados que nem lixo, que nem lixo vivo. E tantas meninas, meros *bens móveis*.

O milagre da vida dela, o qual não ousava falar para ninguém, foi que o anjo do Senhor foi buscá-la, no final das contas.

E no hospital não a deixaram morrer. Com desespero ela se agarrava ao que podia segurar — *Se eu for a Jewell, vou ser mais velha. Vou ser mais forte*. Pois a irmã menor, Jedina, tinha sido aquela descartada que nem lixo.

Não havia certidão de nascimento de nenhuma das meninas Kraeck. Como se nunca tivessem nascido, na verdade.

M.R. ponderou *Temos que dar à luz nós mesmas! Sou forte o bastante*.

Era fato, M.R. era forte o bastante. M.R. era cheia de orgulho por ser forte o bastante. Disse, por impulso, enquanto os pratos de sobremesa eram retirados, e o tema da opressão das mulheres e meninas na África era retomado, que gostaria de fazer à cineasta K e aos parceiros dela — e a outros cineastas — e roteiristas — que haviam explorado a questão — um convite para uma conferência na Universidade sobre o assunto, que poderia ser marcada para a primavera de 2004.

“Você volta? Ou melhor, você pode organizar a conferência?”

A cineasta — uma bela moça de rosto bruto, pele caramelo, cachos volumosos de um centímetro e pouco na cabeça esculpida com primor — fitou M.R. com um sorriso perplexo — pois tal convite, vindo da presidente da prestigiosa Universidade, proferido com tamanha espontaneidade, sem dúvida nenhuma era lisonjeiro e inesperado. Com um gaguejo de surpresa ela respondeu que sim, claro — “Que ótima ideia!”

E M.R. prosseguiu, “A Universidade pode financiar uma conferência ambiciosa — podemos pagar honorários generosos. A gente não espera que você abra mão do seu tempo de graça. A bem da verdade, você podia pensar em vir para cá como pesquisadora da área de humanas — ou de Artes, talvez... A gente combina os detalhes”.

Que audácia a de M.R. ao se expressar, como se ela e a jovem cineasta K_____ estivessem a sós numa reunião em particular. Os outros convivas observavam sem saber o que pensar.

Incisivamente, M.R. não olhava para a outra ponta da mesa, onde S_____, o decano, devia estar ouvindo o diálogo com surpresa e reprovação. Que atitude mais imprópria! Que estranho! M.R. não estava se comportando como uma administradora experiente, que não tinha o direito de tomar uma decisão tão impetuosa e unilateral, que envolveria, se fosse levada adiante, muitas outras pessoas da Universidade. Com entusiasmo de menina, ela perguntou se K_____ não tinha um cartão — “Ou então... me deixa o seu nome e o e-mail, e a gente se corresponde.”

“Está bem. É claro...”

“Nessas questões — de ética, ‘diplomacia’ — é mais eficaz quando há imagens contundentes, acho eu. Documentários. Para fazer as pessoas mudarem de ideia, é preciso mexer com as emoções delas. Só as artes têm essa capacidade — de mexer com as emoções.”

Enquanto a moça tirava um caderninho do bolso, para escrever, M.R. dizia, efusiva, ao ver que todo mundo a encarava com expectativa, “Por favor — eu espero que todos vocês vão para a conferência! Pode ser uma continuação do nosso encontro este ano. E se o capital não for suficiente, pelo motivo que for — pois sem dúvida será — eu posso concedê-lo — quer dizer, capital para a conferência — tirando do meu salário. É um salário alto demais para uma mulher solteira, nunca gasto mais que uma fração dele...”

M.R. falava rápido, quase jubilosa. Os convidados a olhavam com expressões confusas, enquanto os colegas da Universidade, que a conheciam havia anos, encaravam-na sem disfarces, atônitos.

Enfim — o jantar tinha acabado!

Enfim — M.R. podia fugir de seu posto à cabeceira da mesa, por onde os empregados passavam mais ou menos sem interrupções no decorrer da demorada refeição, enquanto a poucos metros das costas de M.R. a porta da copa balançava para lá e para cá; para lá e para cá; de um jeito que fazia seu coração acelerar.

M.R. se levantou. Tinha virado a taça de vinho no estômago quase vazio e o vinho tinha lhe subido à cabeça, mas a sensação era boa, um alívio depois de tanta tensão.

Agora ocorria um discreto êxodo de convidados da Charters House. Alguns estavam nitidamente loucos para ir embora — pois o dia havia começado com o café da manhã no clube universitário, doze horas antes; outros se juntaram em torno de M.R., na saleta de entrada, como se relutassem em partir, agradecendo-lhe pela noite e apertando-lhe a mão. O afável visitante de Toronto observou que a Charters House era uma bela residência — “Mas deve ser como morar num museu — não é?”

É. Mas não é. M.R. ponderou como responder.

“Mas é claro que eu não *moro*... Quer dizer, na verdade eu não ‘moro’ nesses cômodos públicos, e sim lá em cima. Tem uns cômodos lá em cima que são reservados para o uso particular da presidente.”

Que pretensão, referir-se a si mesma como *a presidente*. Porém lhe parecia incorreto dizer *reservados para o meu uso*.

O decano, que era um grande conhecedor da história da Charters House, afirmou, como se em defesa de M.R., que os presidentes anteriores passavam bastante tempo alhures, extraoficialmente; o predecessor de M.R. e a esposa passavam a maior parte do tempo na casa deles, a dois quilômetros dali. “A esposa do Leander nunca se mudou para cá, na verdade. Mas o ajudava em todas as ocasiões oficiais na Charters House, claro. Ele não teria dado conta sem ela.”

“Não teria!”

M.R. riu. O comentário lhe soou muito engraçado. E ela achava fascinante, se enchia de uma euforia ilícita, o fato de que havia sobrevivido àquela noite com tamanho êxito; levava a cabo, com sua velha falta de esforço, essa fraude habilidosa: a Mulher de Barro lá em cima, no

banheiro lúgubre, lágrimas borrando o rosto machucado, e M.R. Neukirchen ali embaixo, no lugar que lhe cabia.

“Meus predecessores — desde a fundação da Universidade, no século XVIII — tiveram uma vantagem clara que eu receio não ter.”

“O quê? Serem homens?”

“Não. Terem esposa.”

Ouviu-se uma risada afável. Os convidados de M.R. estavam saindo. Uma comoção de últimas despedidas e a porta foi fechada.

De repente, então, M.R. ficou exausta.

De repente, então, M.R. não se achava capaz de suportar mais um instante de tensão, dessa fraude.

Disse, para qualquer funcionário da equipe que estivesse por perto:

“Obrigada! Vocês todos foram — incríveis. E tudo correu muito — muito” — procurando a palavra, como quem procura uma moeda no bolso, e uma moeda bem pequena — “bem”.

Não tinha energia para entrar na cozinha e agradecer-lhes lá. A cozinheira, os garçons — ela lhes agradeceria, e elogiaria, da maneira que M.R. sempre elogiava os empregados — mas não naquele momento. Se os elogiasse na manhã seguinte já estaria de bom tamanho.

Virando-se às pressas, evitando os olhares (preocupados? inquiridores?) de quem quer que estivesse na saleta de entrada, M.R. subiu a escada da frente. Estava decidida a não vacilar nos degraus, a não perder o equilíbrio — deslizando a mão corrimão acima. Na manga do blazer que não era ajustada ao seu braço tinha escondido um maço de lenços de papel, e de tempos em tempos durante o jantar pegava um e o apertava discretamente, ou assim esperava, contra os olhos, pois tinha a impressão de que sempre se enchiam de umidade, e contra o lábio superior, que estava esfolado, rachado, como se a feridinha de dias antes não tivesse cicatrizado e sangrasse. E o maldito corte na testa, que adquirira uma profundidade inesperada e estava demorando tanto para se fechar...

Apertava com vigor a mão do último convidado e da manga do blazer caiu o maço de lenços pontilhados de sangue, no chão da entrada.

Ninguém viu. Ninguém pareceu reparar. A própria M.R. não percebeu porque já tinha se virado, para correr para o segundo andar. Os lenços ensanguentados no chão da entrada seriam recolhidos por um dos membros da equipe, jogados no lixo com os outros restos da festa.

Acordou sobressaltada.

Acordou depois de mais ou menos uma hora de sono.

Na sequência do jantar da Conferência — aquela aura de entusiasmo, excitação nervosa que se segue a um diálogo estimulante com os outros — com a sensação de que havia deixado no lugar errado o papelzinho em que a cineasta K tinha anotado seu nome e seu e-mail.

As promessas que fizera a K, diante de testemunhas!

Que falta de profissionalismo da parte de M.R., e no entanto — quanta falta de arrependimento.

Precisava procurar o papelzinho e com a súbita aflição por talvez tê-lo perdido, por desatenção — na distração das despedidas junto à porta da frente — e portanto, descalça e de camisola de flanela, M.R. desceu a escada outra vez — a escada ampla, curva — acendendo a luz do corredor — de imediato, sombras nas salas amplas deram um salto para trás — o candelabro na saleta de entrada era imenso, dezenas de luzes faiscantes cujo intuito era o de simular velas — M.R. olhou ao redor com angústia, vendo apenas as superfícies lustradas das mesas — com que perfeição a Charters House era conservada, e à custa da Universidade! — pois a histórica casa antiga era um marco nacional e uma vitrine, claro — não era a residência de M.R. Neukirchen, a não ser temporariamente.

“Preciso de uma casa. Está na hora — preciso de uma casa.”

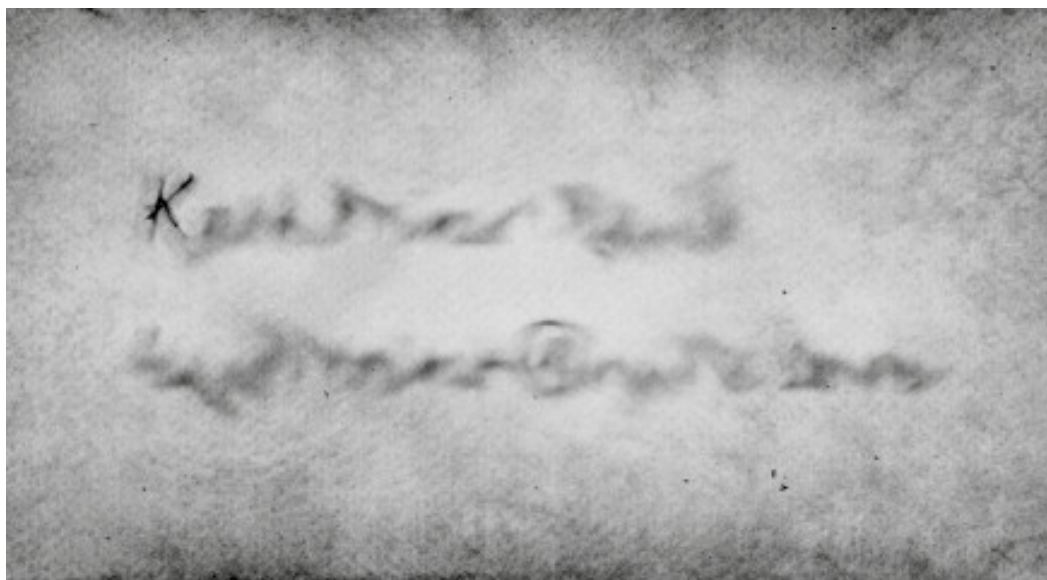
Para K_____, poderia ter explicado isso. Para uma desconhecida compreensiva, muito provavelmente outra mulher.

Para Andre, a quem amava, não teria como explicar isso. Só podia esperar que o amante soubesse sem ter que lhe dizer.

No longo corredor não havia nada — nenhum papelzinho em lugar algum. Na biblioteca, nos fundos da casa, onde os convidados estavam reunidos antes do jantar mas para onde não tinham, M.R. se recordou, voltado após o jantar, na verdade havia alguma coisa no chão, perto da lareira — apenas um palito de coquetel com manchas de molho vermelho — que M.R. pegou para jogar no lixo.

“Não é possível que eu tenha perdido. Eu devo ter colocado em algum lugar...”

Na biblioteca, com o teto parcialmente revestido de madeira, onde inúmeras luzes eram acionadas por interruptores de parede e foram essas luzes que M.R. tentou acender, sem êxito total. E então, em uma das poltronas de couro que pareciam peças de xadrez, ela viu um papelzinho, o pegou com avidez, o colocou sob a luz e tentou ler:



Que frustrante, e que esquisito! M.R. teve vontade de chorar, estava decidida a cumprir a promessa feita à jovem cineasta...

Na biblioteca da Charters House, depois do jantar da Conferência. Seria uma noite de abril de 2003. Seria um dia da semana anterior à proclamação por parte do presidente americano do encerramento oficial das operações de combate no Iraque, embora a revolta iraquiana continuasse a crescer e as operações de combate fossem dar lugar ao abismo de uma guerra. Nessa noite, irrequieta demais para voltar para a cama, M.R. descobriu a Coleção Dikes de Literatura Infantil num canto da biblioteca, atrás de uma vidraça — dezenas de prateleiras de edições raras de livros infantis haviam sido doadas à Charters House por um ex-aluno abastado chamado Simon Dikes, em 1959.

As portas de vidro tinham trancas, mas não estavam trancadas.

Nas prateleiras havia livros muito antigos — escritos em latim e que davam a impressão de que se desintegrariam caso fossem abertos — primeiras edições em francês, alemão, inglês — Fábulas, de Esopo — Fábulas de Fontaine — La Barbe bleue — contos de fadas franceses reunidos por Charles Perrault e contos de fadas alemães organizados pelos irmãos Grimm — Estórias de Christian Andersen — várias edições de Der Struwwelpeter, de Henrich Hoffmann, Contos de Shakespeare, de Charles e Mary Lamb, os Livros da Selva, de Kipling — Une Semaine de bonté, de Max Ernst — O jardim secreto, de Frances Hodgson Burnett, Alice no País das Maravilhas e Alice através do espelho, de Lewis Carroll.

E havia numa prateleira, em meio a clássicos americanos — o Sketch Book de Washington Irving, O chamado selvagem de Jack London, Huckleberry Finn, Tom Sawyer, Innocents Abroad de Mark Twain —, um enorme livro ilustrado em que faltava o nome do autor, intitulado O Rei dos Corvos: contos.

M.R. puxou o livro da prateleira. Era antigo e parecia desgastado pelo clima como se tivesse sido deixado na chuva; as páginas eram quebradiças e cheiravam a mofo. Ao longo do texto impresso de forma grosseira havia ilustrações — a pena e tinta, também bem grosseiras — de uma criança fugindo numa floresta escura — em segundo plano, sombras de figuras ameaçadoras — animais selvagens, seres humanos encurvados, demônios. A criança era uma menininha de cabelo comprido platinado que ficava presa em espinhos e galhos de árvores. O rosto da criança era delicado, em forma de coração — um rosto que não traía pavor, somente certa surpresa e espanto. A criança caía de um rochedo inclinado numa ravina enlameada. A criança afundaria na areia movediça, mas o Rei dos Corvos — uma bela ave de penas pretas do tamanho de uma águia, de olhos alaranjados e garras estendidas — voou para socorrê-la.

Encolhida numa cadeira junto à janela, depois de ajustar um abajur para conseguir decifrar as folhas desbotadas e mofadas sem forçar a vista, M.R. virou as páginas de O Rei dos Corvos: contos fascinada, no decorrer do restante daquela noite de abril de 2003.

Menina de Barro ganha um novo lar. Menina de Barro ganha um novo nome.

Setembro de 1965—setembro de 1968

“Você é uma menina de *muita sorte*, Jew-ell. Espero que você se dê conta disso!”

Do canto da boca da sra. Skedd vieram essas palavras sibiladas, para que só Jewell as escutasse.

Eram uma surpresa para Jewell — esses “novos pais” — pareciam ter surgido do nada na casa dos Skedd: *New-kitchen*.

Esse sobrenome era um mistério profundo para Jewell e se manteria impronunciável para ela muito depois de se tornar um sobrenome ao qual Jewell estava presa.

Os *New-kitchen* fizeram visitas a Jewell na casa dos Skedd ao longo do verão. Agora parecia já fazer muito tempo, o alagadiço e a mamãe e o hospital. Fazia menos tempo que o homem das montanhas havia parado para fitá-la na entrada da garagem dos Skedd e lhe dado a linda boneca loura, mas essa lembrança também minguava como água descendo pelo ralo.

Nem um ralo entupido basta para reter a água.

É um consolo, a Menina de Barro sabia. Aquela altura a Menina de Barro já sabia.

Embora já houvesse alguns meses desde que os *New-kitchen* tinham começado a frequentar a casa dos Skedd na Bear Mountain Road, em geral aos domingos, e Jewell sem sombra de dúvida soubesse disso, sempre que a criança era convocada a ir ao encontro do casal na sala de estar dos Skedd, a sra. Skedd tomava a precaução de lhe dizer o sobrenome deles como se fosse a primeira vez: *New-kitchen*.

E os nomes deles: *A-ga-tha*, *Kon-rad*.

Sorrindo para que vissem que bela moça ela havia sido, não muito antes de se tornar a esposa do sr. Floyd Skedd e morar numa casa atarracada com telhas de asfalto na Bear Mountain Road, cuidando de um bando de pestes mimadas, sendo que várias delas não eram nem do seu maldito sangue, a sra. Skedd declarou, cutucando a criança, “Vocês, claro, se lembram — da Jewell — não é? Você se lembra do senhor e da senhora...”.

Acanhada, Jewell fez que *sim*. Porque *sim* era a resposta desejável.

Porque *sim* era a única resposta.

Que casal gentil e sorridente eram os *New-kitchen*. Era como olhar o sol, os *New-kitchen*. Embora não fossem velhos tampouco pareciam ser jovens — a sra. *New-kitchen* usava uma saia fechada que ia até os tornozelos como uma mulher de livro de contos de fada de outrora, e o sr. *New-kitchen* usava um paletó que combinava com a calça e um colete de botões que se esticava na barriga. Como os *New-kitchen* eram sorridentes e simpáticos e como faziam perguntas a Jewell que eles mesmos respondiam e como falavam, falavam, falavam que nem gente da tevê — não gente raivosa da tevê, mas do outro gênero, que queria ser agradável, sorridente, simpático e bondoso e as pálpebras dela pesavam ao ouvi-los, ou não ouvi-los, e também era impossível para Jewell naquela idade prestar muita atenção naqueles estranhos — jamais Jewell seria o tipo de criança que prestava atenção a um adulto, por medo do que poderia ver — portanto, não ver os *New-kitchen* bem como não ouvir os *New-kitchen* eram coisas que a deixavam sonolenta, então só o que lhe restava era manter os olhos abertos e permanecer acordada, a não ser que a sra. Skedd lhe desse um beliscão e lhe lançasse um olhar de soslaio como um lampejo cortante. *Maldição, Jew-elle, vê se não põe essa porra a perder.*

A sra. *New-kitchen* era uma mulher delicada e roliça com corpo de melão e um rosto redondo de melão e um cheiro ligeiramente adocicado como o de um melão cortado e deixado fora da geladeira. Em geral a sra. *New-kitchen* estava encalorada e suada e ofegante e os olhos estavam um pouquinho salientes, diretos e austeros e aparentemente sem cílios, e quando Jewell olhava para esses olhos era tomada por uma emoção que não saberia nomear, que a amedrontava.

O sr. *New-kitchen* não era muito mais alto que a esposa e sua forma era a de uma abóbora corpulenta e de pele firme e tinha um olhar envesgado e um rosto largo que parecia desbotado, como algo deixado ao relento, na chuva e no sol, e os olhos dele também eram um pouco protuberantes, francos e austeros e aparentemente desprovidos de cílios, e esses olhos também eram assustadores para Jewell quando os via de perto.

Eu não tinha como saber, era amor o que havia nos olhos deles.

Amor pela pequena Menina de Barro, brilhando nos olhos deles.

Eu não conseguia suportar esse amor! Como é que a Menina de Barro poderia suportar esse amor?

Outra coisa esquisita era que os *New-kitchen* eram tão parecidos que daria para imaginar que fossem irmã e irmão e não esposa e marido como os Skedd, que eram tão diferentes entre si que ninguém jamais os confundiria com *parentes de sangue*.

Não só o formato do corpo deles e o rosto e os olhos e a maneira de falar e os jeitinhos como moviam a boca, as mãos ou os músculos faciais — risadinhas nervosas, apartes murmurados — tomadas de fôlego — mas além disso, o que os Skedd achavam muito engraçado, os *New-kitchen* tinham um cachorro chamado Puddin que era parecido com eles, um labrador mestiço de torso compacto como o de um porco maduro e um jeito ao mesmo tempo timidamente hesitante e agressivamente carinhoso — só o que Puddin parecia querer, para ser feliz, era permissão para lambar mãos, braços, pernas com sua língua macia e úmida — e os olhos quase idênticos na falta de cílios, aquela expressão sequiosa, esperançosa e determinada que deixava Jewell aflita e confusa, pois não era uma expressão que lhe fosse familiar.

Conhecer esse amor era saber que eu nunca o tinha conhecido.

Como finalmente receber comida. Depois de muito tempo passando fome.

Estranho, aquelas pessoas de “gentileza” incessante! Porém mais misterioso ainda era o motivo deles para querer ver *Jewell Kraeck*.

Das várias crianças que moravam provisoriamente na casa dos Skedd — das várias crianças “adotáveis” —, a Menina de Barro não parecia ser a escolha de qualquer casal sensato. No entanto, quando a mulher da Assistência Social fez o primeiro contato com os Skedd a respeito do interesse dos Neukirchen em adotar uma criança, foi só a coitadinha da menina Kraeck que eles quiseram ver — “Aquela que foi abandonada pela mãe.”

(Como se, a sra. Skedd disse depois, exaltada, alguém precisasse identificar a Jewell para que ela soubesse a quem se referiam!)

Então o casal apareceu para conversar com Jewell naquele verão, sempre a olhando com sorrisos muito estranhos — falando com a voz macia e dando sorrisos estimulantes; às vezes apertando sua mãozinha submissa e fazendo as perguntas já conhecidas que eram como afagos — “Como vai você, Jewell?” — que respondiam logo, no fôlego seguinte — “Você está com uma carinha ótima, Jewell! Muito bonita, muito — bem...” Suas vozes desaparecendo num tremor de emoção.

A sra. Skedd ficou tensa e agitada ao saber que Agatha Neukirchen era bibliotecária da sucursal da Biblioteca Pública de Carthage na Convent Street — (não que Livvie Skedd já tivesse entrado em uma biblioteca pública, mas tal cargo a impressionava) — e Konrad Neukirchen trabalhava no Tribunal do Condado de Beechum. (Qualquer coisa que tivesse a ver com o tribunal, ou com o condado, que supervisionava a Assistência Social, gerava cautela e apreensão nos Skedd, que, assim como qualquer família temporária, tinham pavor de visitas sem aviso prévio de fiscais ou funcionários do condado.)

Todas as crianças temporárias invejavam a Menina de Barro, agora! Pois sabia-se que os Neukirchen eram especiais, diferentes das pessoas que eram vistas nas redondezas ou em praticamente qualquer canto de Carthage. Só ouvi-los falar — ainda que não se compreendesse o que eles diziam — era como estar na escola — onde as coisas tinham de ser levadas a sério.

Uma vez, quando os Neukirchen foram ver Jewell e a sra. Skedd quase teve de arrastar a menina escada abaixo e rumo à sala de estar para ser saudada pelo casal sorridente, Jewell ficou olhando para o chão como se olhar o casal lhe cegasse, e a sra. Skedd exclamou, “A Jew-ell é muito *tímida*. Talvez meio — um pouco — *lenta*. Não diria que é *retardada*, mas...”

A sra. Neukirchen foi logo retrucando, “É claro que não!”, embora o sr. Neukirchen protestasse, “Não tem nada de errado em ser *retardada*, sra. Skedd. Só para você saber”.

Envergonhada, a sra. Skedd disse, “Ah sim — eu sei disso. É claro. Na nossa família a gente acolhe todos — qualquer tipo de... As crianças que a gente recebe são bem-vindas — da mesma forma”. Sem saber o que estava dizendo ela parou, mordendo o lábio inferior. “E amadas.”

A sra. Neukirchen contou, enxugando os olhos grandes e sem cílios, “Nós tivemos, tempos atrás — há muito tempo, quando éramos jovens — um bebê, uma menina, filha nossa — nasceu ‘prematura’ — ‘não conseguiu sobreviver’ — os pulmões, o coração...”.

O sr. Neukirchen tocou no punho da esposa. Lado a lado no sofá, que envergava sob o peso conjunto, os Neukirchen pareciam compartilhar um único pensamento melancólico que, no instante seguinte, foi banido pelo sorriso alegre do marido — “Somos todos filhos de Deus, por assim dizer. Então — *retardamento* — ou não — não muda nada para nós.”

Durante todo esse tempo Jewell estava tensa, escutando com atenção, mas não o discurso dos adultos.

Ao longo daquela manhã inteira uma comoção de corvos no pântano depois da ravina e agora os grasnidos estavam mais altos à margem do terreno dos Skedd, mas não dava para saber se eram grasnidos de júbilo ou protesto, tampouco era discernível o grasnido especial do Rei dos Corvos.

A mamãe foi embora? A mamãe morreu? — essas não foram as perguntas que Jewell pensou em fazer.

A mamãe está esperando para me pegar de volta? — essa era uma pergunta mais provável, que Jewell tampouco fez.

“Agora Deus vai te abençoar, Jewell. De hoje em diante.”

Não havia data de nascimento válida para *Jewell Kraeck*, assim como não havia nenhuma para a irmã caçula, *Jedina Kraeck*, portanto o aniversário da criança seria comemorado pelos pais adotivos no dia em que o processo de adoção foi encerrado no Tribunal do Condado de Beechum: 21 de setembro.

Ano de nascença presumido: 1961.

Agora, Jewell tinha uma *nova mãe* e um *novo pai*. O processo de adoção correu sem problemas depois que os Neukirchen tomaram a decisão porque todos que sabiam da criança abandonada sentiam muita pena dela e se alegraram em saber que o adorável casal quacre desejava adotá-la.

“Maldição de Deus. A pirralha deu *sorte*. Graças à *gente*!”

Naquele último dia o sr. e a sra. Skedd e os filhos deles e as crianças temporárias se enfileiraram na varanda da entrada para se despedir de Jewell, que seria levada pelos Neukirchen para viver a alguns quilômetros dali, em Carthage, que poderia muito bem ficar a milhares de quilômetros de distância, porque nunca mais voltariam a se ver. Com a mão segurada pela mão quente e úmida da sra. Neukirchen, Jewell os fitou como se os memorizasse — os estranhos rostos pálidos sorridentes que logo cairiam no esquecimento, lembrados apenas fugazmente em ligeiras imagens soporíferas que lampejavam para M.R. quando estava à beira de um sono exaurido e se perdiam praticamente no mesmo instante. Mas naquele momento, quando a criança era afastada deles para sempre, com que empolgação lhe acenavam! — como pareciam felizes por ela! — pois qualquer oportunidade de acenar, apupar, assobiar — fazer o que a sra. Skedd chamava de um *maldito tumulto* — era boa. O rosto de todos eles

era dividido por sorrisos, à exceção da sra. Skedd, cuja expressão era dura como a de alguém prestes a desmoronar, e seus olhos brilhavam por conta das lágrimas — “Ai que merda! Eu não vou cair no choro, esse momento é de *alegria*.”

A sra. Skedd teve de correr atrás de Jewell na entrada da garagem para lhe dar um abraço tão forte que suas costelas doeram. Mesmo com a sra. Neukirchen segurando a mão da criança, a sra. Skedd puxou-a para si por um instante. E o sr. Skedd também se aproximou, com um sorriso amarelo e piscadelas, dizendo, “Se você não for boazinha, Jew-ell, esse casal legal aí vai te trazer de volta. Te largar na porta da casa. Entendeu?”.

E no carro, no banco de trás, estava o cachorro parrudo dos Neukirchen, tremendo e choramingando de emoção. Olhos úmidos de adoração e língua úmida e macia que fazia cócegas ávida por lambe o rosto, mãos, braços e pernas de Jewell, então ela gritou com uma súbita risada assustada.

“O Puddin também vai te amar, Jewell! Se você deixar.”

““Meredith Ruth Neukirchen.””

Esse era seu novo nome. *Jewell* não era mais o seu nome.

Só vagamente ela se recordava — *Jedina*.

(E onde *Jedina* tinha ido parar, não se recordava. Não conseguia se lembrar de uma época tão distante já que mesmo na época do que havia acontecido não teria sido capaz de dizer com clareza, com certeza se boa parte do que havia acontecido tinha de fato acontecido a ela ou a outra; tampouco saberia dizer se *Jedina* tinha sido ela ou a outra.)

(Bastava saber que *Jedina* tinha desaparecido.)

““Meredith Ruth’ — ‘Merry’ — porque seu destino é ser *merry*, feliz.”

Na casa dos Neukirchen não havia as gargalhadas reverberantes da casa dos Skedd, mas tampouco havia os berros, palmadas e batidas de portas, os baques dos pés na escada.

Tampouco as camas apinhadas das meninas, os punhos cerrados dos meninos.

Quando foram buscá-la, ela não tinha praticamente nada para levar consigo. Uma sacola puída que a sra. Skedd encheu com algumas peças de roupa afinadas pelo excesso de lavagens. Uma escova rosa de plástico, umas presilhas de plástico. Cadarços de cores descombinadas que ninguém queria.

A sra. Neukirchen despejou esses objetos na cama, franzindo a testa.

“A gente vai comprar umas coisas legais, querida! Você está crescendo.”

Era algo bom, *crescer*.

Percebia, mesmo sendo criança, que é preciso *crescer* para não *desaparecer*.

Agora mamãe se esvanecia. A raiva e a revolta da mamãe.

O domínio da mamãe — seus dedos que nem gelo.

Porque agora ela era Meredith Ruth Neukirchen — “Merry” — e estava em um lugar novo e distante onde mamãe não a acharia. Agora nem todas as noites ela ficava acordada esperando mamãe aparecer ao pé da cama.

E nesse lugar novo havia menos corvos ao amanhecer. Às vezes não havia nenhum grasnido de corvo que Jewell — isto é, “Merry” — conseguisse escutar.

Pois os Neukirchen não viviam na zona rural e sim em Carthage, num *bairro*. Não viviam à beira da estrada e sim numa rua, e estranhamente próximos das casas dos vizinhos — (em geral, casas de tijolos em tom vermelho-escuro, laranja-escuro, bege, com telhados íngremes e estreitas entradas cimentadas que davam para garagens de um só carro) — que lembravam tanto a casa dos Neukirchen que era impossível distingui-las, a não ser pelo jardim da sra. Neukirchen na frente da casa — uma mixórdia de flores coloridas e arbustos floridos, em que alguns eram “de verdade” e outros “comprados prontos — artificiais”. (De vez em quando a sra. Neukirchen plantava gerânios de verdade no meio dos artificiais, cujos botões bem vermelhos nunca ficavam marrons e caíam.) Na Mt. Laurel Street havia árvores altas e todas as casas eram bem menores que o quintal espaçoso dos Skedd e não tinham ravina nos fundos.

“De agora em diante esta é a sua casa, filha querida. ‘Mount Laurel Street, nº 18, Carthage, Nova York’ — não precisa ir embora nunca.”

O sr. Neukirchen fez tal anúncio com sua gentil voz firme que parecia uma voz radiofônica, só um pouco elevada, formal.

“Ai, Konrad! Isso é coisa que se diga! É claro que a nossa filha vai embora — um dia — a gente espera que seja daqui a muitos anos, mas — um dia — e se tivermos muita sorte, a ‘Merry’ vai voltar a morar em Carthage, porque terá sido muito feliz aqui.”

A sra. Neukirchen falava num tom que era ofegante, exclamatório. Apesar de seus movimentos serem imponentes e refletidos, volta e meia a

sra. Neukirchen soava como quem tivesse subido às pressas um lance de escadas.

“Por favor, filha querida — decora o seu novo endereço? Para o caso de você se perder um dia.”

“Ai, Konrad! Isso é coisa que se diga? É bem pouco provável que a nossa filha *se perca* — tão rápido assim...”

“Não estou falando de *ser rápido*, Agatha. O que eu quero dizer — bom, o que é que eu quero dizer? — *com o tempo*.”

Tempo era um assunto de interesse anormal para o sr. Neukirchen, que marcava o *tempo* de sua caminhada de ida e volta do trabalho todas as manhãs dos dias úteis — uma “caminhada rápida” de exatamente vinte e seis minutos. (Só que a caminhada do sr. Neukirchen não seria nem de longe chamada de “rápida”.)

Tempo era o assunto de muitos dos livros em brochura — romances de ficção científica — que o sr. Neukirchen lia em sua poltrona junto à lareira da sala de estar. *Viagens no tempo. Paradoxos temporais*.

“Por exemplo, Meredith: se você viajasse para uma *época* em que você ainda não era nascida, descobriria um mundo em que *você não existia*; mas se você voltasse a uma *época* em que você já era nascida, descobriria um mundo em que uma *gêmea mais nova de si mesma* existiria! Pensa só.”

Quando a sra. Neukirchen o entreouvava, em geral reclamava, “Ai Konrad! Não confunde a nossa menininha com os seus ‘paradoxos’ ridículos! Não liga para ele, Meredith — ‘Merry’. São só umas charadas bobas dele.”

“Se o Puddin voltasse para o Puddin da — digamos — semana passada, imagina como ele não farejaria e choraria! Os cães têm a sensibilidade muito mais apurada que os seres humanos nessas questões.”

Na cozinha, a sra. Neukirchen desmoronava em gargalhadas estrepitosas.

“O olfato do cachorro é muito, muito mais desenvolvido que o olfato do ser humano.” O sr. Neukirchen falava para a filha num tom sério, encostando o dedo ao lado do nariz, que era um nariz grande e encaroçado com narinas largas e escuras das quais pelos se eriçavam, como os pelos eriçados nas orelhas do sr. Neukirchen. “Você sabe o que é ‘olfato’, Meredith?”

A menina não sabia. Mas a menina chutou, *cheirar*.

“Isso! Acertou em cheio!” O sr. Neukirchen gritou para a sra. Neukirchen, que estava na cozinha. “A nossa menina é *muito inteligente*, Agatha.”

A voz ofegante de menina da sra. Neukirchen retrucou: “Claro que é, Konrad. E também é muito linda.”

Do corredor, veio um súbito repique que soou como prata — um relógio? — o relógio do avô do sr. Neukirchen que ele herdara dos pais. Sempre que escutava esses repiques — que eram ao mesmo tempo suaves e extremamente distintos —, o sr. Neukirchen parava e alisava o queixo barbado. À filhinha, ele dizia com seriedade, “Sabe, Meredith — ‘O tempo cura todas as feridas’”. Ele se calava, franzindo a testa. “Bom, vamos mudar para: ‘O tempo não cura todas — mas, expressivamente, *algumas* — feridas.’ Filha querida, isso é verdade.”

Era esquisita para a criança — no começo — a maneira que os Neukirchen conversavam entre si com aquele linguajar pomposo que era ao mesmo tempo brincalhão/zombeteiro e sério/premente. Muito do que o sr. Neukirchen falava parecia ser com o intuito de fazer a sra. Neukirchen rir — a risada da sra. Neukirchen era muito rápida e calorosa, e agradável aos ouvidos. Em pouco tempo, a filhinha adotiva aprenderia a imitar a suave risada ofegante de menina da sra. Neukirchen.

Como eram diferentes dos Skedd, que atiravam palavras uns nos outros como punhos descontrolados, e cujas risadas faziam doer os ouvidos. Os Neukirchen nunca levantavam a voz para ninguém — eram sempre educados de um jeito que faria os Skedd caírem na gargalhada. Porque se o sr. Neukirchen pedia um favor ele dizia, “Com licença, se não for muito incômodo...”, e quando a pessoa lhe entregava o que ele tinha pedido, ele tinha a graciosidade de falar, “Agradeço veementemente”. A sra. Neukirchen se comportava como se fosse a gêmea idêntica dele, mas era comum que incluísse também um beijo na bochecha. “Meu marido querido” — “Minha esposa querida” — “Minha filhinha querida”: eram expressões galhofeiras e tinham a intenção de provocar sorrisos, mas não eram piadas.

Enquanto a maioria das coisas na casa dos Skedd era piada mas não tinha graça, muitas coisas na casa dos Neukirchen tinham graça mas não eram piada.

Todos os dias úteis, de manhã, o sr. Neukirchen andava a passos lentos mas regulares rumo ao centro da cidade, ao Tribunal do Condado de

Beechum, onde “nos últimos dois séculos” era o chefe do “Departamento de Futilidades Públicas” — que a sra. Neukirchen traduzia em seguida para o interlocutor confuso: “‘Departamento de *Utilidade Pública*.’ É um cargo de grande responsabilidade!”

“Verdade: todas as luzes do condado de Beechum seriam desligadas se não fosse por mim. Além disso, a água deixaria de fluir — menos a da rede de esgoto. Mas o meu cargo não é de tanta responsabilidade quanto o seu, querida Agatha. Você opera no âmbito dos mais assombrosos — *livros*.”

Na residência dos Neukirchen existia um imenso respeito pelos livros. Segundo as estimativas do sr. Neukirchen — (ou seria um gracejo do sr. Neukirchen?) —, havia 11.677 ½ livros espalhados pelos dois andares da casa, bem como no sótão e no porão. Os livros eram espremidos em prateleiras do chão ao teto, alguns na horizontal e alguns em filas duplas, livros atrás de livros, de modo que não se viam os títulos. Ao lado de exemplares com capa de couro da *Iliada* e da *Odisseia*, *A Obra Completa de Shakespeare* e volumes de autores como Sir Walter Scott, Charles Dickens, Wilkie Collins, George Eliot e Thomas Hardy havia livros em brochura — prateleiras de suspense e histórias de detetives, ficção científica com títulos como *A Guerra dos Mundos*, *Eu, Robô*, *As crônicas marcianas* e *Missão interplanetária*. Havia livros de referência de tudo que era tipo — o *Livro do ano* de 1952, 1955, 1959, 1964; uma coleção da *Enciclopédia Britânica* e exemplares aleatórios de livros da Time-Life; uma parede inteira dedicada a obras de filosofia, de *Abelardo* a *Zaratustra* — tomos de Platão, Swedenborg, John Stuart Mill, Kant, Hegel, Descartes, Agostinho, Aquino, Jean-Jacques Rousseau. Havia uma prateleira devotada a livros muito antigos que pareciam não ser abertos há décadas — *Diários, cartas e sermões de George Fox* — misturados a obras mais recentes com títulos como *Uma história da sociedade dos amigos*, *A herança quacre*, “*Falar a verdade ao poder*”. Na poltrona do sr. Neukirchen, que tinha se moldado aos contornos de seu corpo robusto, havia mais pilhas de livros a ler, principalmente obras de filosofia, história e o que o sr. Neukirchen chamava de elevação moral, com gotas aqui e ali de algo mais leve — a *Library of Humor*, de Mark Twain, *O livro dos insultos*, de H. L. Mencken — e suspenses de Ellery Queen, Agatha Christie, Cornell Woolrich. Na poltrona igual que era da sra. Neukirchen, no lado oposto da lareira, havia biografias e romances escritos em geral

por mulheres — Pearl Buck, Edna Ferber, Taylor Caldwell — livros de jardinagem, costura e receitas; e é claro que havia livros infantis, tanto novos como de segunda mão, bem como da biblioteca em que Agatha Neukirchen trabalhava.

“Merry! Olha só o que eu escolhi para nós” — empolgada, a sra. Neukirchen brandia um livro com a capa ilustrada — *O vento nos salgueiros, O conto de Peter Rabbit, Contos da Mamãe Gansa, Heidi* — “para nós lermos esta noite, na hora de dormir.”

Não raro a criança via os “pais” se beijando — não na boca, com ardor e caos, mas de leve, com sorrisos, na bochecha; e quando a viam eles acenavam, de braços abertos — “Merry! Vem cá para *ganhar um beijo*.”

Ela não ia: não queria ser beijada.

Ela escondia o rosto. Fugia e se escondia. Recuava de olhos vidrados e emudecida e enojada — esses estranhos agindo como bobos e se achando os tais.

Eu não sou — Merry. Sou a Jewell.

“Merry, vem cá! Corre!”

“É melhor correr, Merry — os beijos estão acabando!”

E então — sabe-se lá como — com uma risadinha ofegante ela ia em frente, cambaleando cegamente.

Corria até os Neukirchen, que se curvavam para apertá-la naquele monte de braços.

Era esse o jeito: ir em frente cambaleando cegamente e *ser beijada*.

“Você sempre estará resguardada, Meredith — se olhar para dentro de si. Pois a ‘luz do Senhor mora em nós’.”

Os Neukirchen se referiam a eles mesmos como “Amigos” — da “Sociedade dos Amigos” — mas não havia templo dos Amigos em Carthage. A igreja mais próxima ficava a cento e dez quilômetros dali, em Watertown.

Longe demais! Os Neukirchen não gostavam de percorrer tamanha distância dirigindo.

Agatha, em especial, não gostava de dirigir. Tivera tanta dificuldade de passar no teste de direção — aos vinte e nove anos, depois de Konrad ensiná-la — que não tinha nenhuma confiança em sua capacidade de dirigir; era muito lenta, portanto os outros motoristas buzonavam para ela; se forçada a assumir o volante por um tempo, começava a sentir dores de artrite nas costas, no pescoço e nos braços.

Agatha tampouco gostava de passear de carro com Konrad na direção, que era, no mínimo, bom demais como motorista — “Ele é muito agressivo! É chocante o que um homem bom se torna quando está ao volante.”

Em todo caso, os Neukirchen não eram Amigos “que frequentavam Reuniões”. Fazer uma viagem dessas só para ficarem sentados — e não falar — (pois Konrad adorava falar) — não valia o martírio. O casamento deles tinha sido celebrado por um pastor quacre de Keene Valley, nas Adirondacks, no final do verão, mas havia se tratado de uma ocasião única.

“O pastor disse umas poucas palavras — o culto dos Amigos não é longo. Mas ele perguntou se alguém ‘fazia objeção a essa união’ e no mesmo instante, praticamente, se deu uma comoção terrível — uns gansos do Canadá voando rumo a um lago ali perto, todos grasnando e batendo as asas que nem doidos. E todo mundo riu, mas foram risadas nervosas. E eu fiquei — não sei por que — *muito constrangida*.”

Konrad riu. “Bom, eu não fiquei. Nem um pouco. Se Deus quisesse mandar um recado dizendo que Ele não aprovava a nossa união, pode ter certeza de que Ele o faria de um jeito menos cômico.”

Era Konrad quem tinha sido quacre primeiro, e Agatha quem havia se “convertido”. A devoção deles à religião estava nos *ideais* e na *ética* quacres; Konrad não acreditava muito em “Cristo Jesus” — a respeito de quem o fundador quacre George Fox pregava, e Agatha era “indecisa” quanto até que ponto ela acreditava.

Ambos concordavam que a Sociedade dos Amigos era a única religião à qual poderiam aderir, já que era uma religião que não exigia adesão, e uma religião em que o “pecado original” — na verdade, qualquer tipo de “pecado” — e o Inferno — não tinham grande relevância. O pacifismo — que Konrad considerava um instinto mais humano do que a agressão — era apenas, para eles, “lógico” — como negar-se a jurar servir ao Exército. Konrad admirava George Fox pelo destemor de “falar a verdade ao poder” em situações perigosas, e pela aceitação de inúmeros encarceramentos durante sua longa campanha de pregações, muitas vezes correndo risco de vida — mas Konrad não se sentia atraído por tais demonstrações de coragem e não tinha propensão ao martírio. Acreditava sinceramente que Deus era um instrumento de “senso comum incomum” que não seria encontrado na obediência submissa ao Estado e muito menos em igrejas,

ritos ou lugares sagrados: “Deus vai a você quando você O chama. Não é preciso viajar quilômetros para chegar a *Deus*.”

Acrescentava: “Deus já está dentro de você, Meredith! Deus é a ‘Felicidade’ dentro de você — essa pequena faísca de vida. Pense em Deus assim e Deus será seu amigo a vida inteira.”

Todas as religiões eram caminhos que levavam a Deus, portanto todas as religiões deviam ser respeitadas.

Embora — Konrad precisava acrescentar — algumas religiões merecessem mais respeito que outras.

“Todas as raças de cachorro, por exemplo, são da espécie *Canis familiaris* — mas nem todos os cachorros são iguais. Entendeu?”

Konrad piscou para a menininha, que o olhava com um sorriso confuso. Se Konrad reparou que a criança apertava — cerrava — as mãos sobre o colo, fingiu não perceber; pois Konrad não era do tipo de pai que queria que a filha percebesse como ele sabia das coisas mais íntimas de seu coração. Agatha, entreouvindo, disse em tom de censura, “Ora, Konrad! Você não vai querer confundir a menina com os seus paradoxos bobos”.

“Não vou querer?”

“Claro que não! Nossa filhinha ainda é muito nova.”

“Até que idade se é *muito nova*?”

Meredith riu daquele jeito ofegante, se perguntando se esperavam que ela respondesse à tal pergunta.

Não tinha noção da própria idade, na verdade. Acreditavam que tinha seis anos porque *Jewell Kraeck* teria seis anos. Porém esse suposto fato não era uma certeza.

“Bom — se a gente não sabe o que é *muito nova* — dá para a gente supor que sabe o que é um *paradoxo*?”

A criança continuava a fitar, sorridente, com os olhos arregalados se alternando entre o novo pai e a nova mãe. Ela sabia, apesar de não replicar, que os dois Neukirchen responderiam à pergunta por ela; não levariam adiante nenhum assunto que desnorteasse nitidamente a menina, tampouco continuariam a encará-la quando ficasse claro que estava incomodada com o olhar atento deles.

“Um ‘paradoxo’ é — o quê? — um ‘cara-dócil’...”

“Deixa de bobagem, Konrad!”

“Um ‘paradoxo’ é tipo uma charada — e o erro é que as pessoas acham que têm de solucionar as charadas, mas a essência da charada é que *a*

charada não tem solução.”

“Bom, é! Pode ser.”

“Agatha, *é sim*. Essa é a verdade. Você não precisa solucionar o paradoxo, tampouco entender o que ele quer dizer — você só precisa conviver com o paradoxo. Você *convive*.”

No lar dos Neukirchen, era possível conviver com *paradoxos*.

No lar dos Neukirchen, só era possível conviver com *paradoxos*.

Porque ela não os amava! Porque sentia solidão na casa de tijolos escuros da Mt. Laurel Street apesar do empenho de Agatha, e Konrad, e Puddin — apesar das prateleiras de livros chamando-a como alminhas caladas, como num mausoléu qualquer, convidando-a *Me abra! Veja o que eu sou!*

Porque — talvez — a mulher que tinha sido a mamãe — a mulher que *ainda era a mamãe* — estivesse entocada em seu coração feito um vermezinho cruel de difícil extração. Assim que acreditava que a mamãe estava dissipada e havia ficado para trás, na mesma noite um sonho lhe vinha, deixando-a suada e trêmula pois ficava claro — o objetivo era que ficasse claro para ela — que a *nova mãe* e o *novo pai* não eram cristãos e sim emissários de Satã como todas as pessoas da cidade e pessoas do tribunal que tinham roubado as filhas de Marit Kraeck, obrigando-a a tomar medidas drásticas a fim de proteger-lhes a alma. Muito diferente dos Neukirchen, que não faziam ideia do que a vida é.

E a sra. Skedd desdenharia — os Neukirchen eram sujeitos — bobos! — gordos e feios. Podiam até morar numa casa extravagante — (a sra. Skedd nunca tinha vislumbrado a casa dos Neukirchen) — e ter empregos extravagantes — (a sra. Skedd só podia comparar o emprego dos outros ao seu — mãe temporária de um bando de fracassados, rejeitados, retardados e fedelhos). E todo aquele auê sentimentalista sobre amor, e beijos, e ser gentil — que nem gente boba da tevê. A sra. Skedd tampouco era burra, entendia muito bem aquele besteiro piegas:

Papo furado!

Ao mesmo tempo, ela os amava. Claro que os amava.

Que Agatha e Konrad eram bobos, e sentimentalistas, e viviam se beijando, e dando beijos *nela* — ela os amava por isso. Ou tinha enorme vontade de amá-los.

Eram bondosos, e divertidos, e inteligentes; não dava para perceber à primeira vista quanto eram inteligentes, só de olhar para eles; e eram

incapazes de gritar, ou empurrar, ou sequer beliscar, ou ridicularizar.

Até mesmo disciplinando Puddin, com seus modos de cão desleixado, espalhando sujeira pela casa ou coisa pior — eles eram incapazes de gritar, empurrar, beliscar.

“Por favor! Tente nos chamar de ‘papai’ — ‘mamãe’ — se der. Talvez não dê agora mas — com o tempo.”

“É! Tudo vem *com o tempo*.”

Então ela tentaria. Em breve.

Pois precisava saber que na verdade ela não era *Jewell* — era *Meredith Ruth*. Não era *Kraeck* e sim *Neukirchen*. Em breve entraria na escola: primeira série da Escola de Convent Street.

Muito empolgante, a perspectiva de começar na escola! A outra *Jewell* nunca tinha ido à escola porque a mamãe não confiava em escola nenhuma assim como a mamãe não confiava em ninguém que tivesse a ver com o “governo”.

Mas ela não morava mais com essa mãe no barraco decrepito atrás do posto Gulf em Star Lake, tampouco morava na casa atarracada com telhas de asfalto dos Skedd na Bear Mountain Road: agora morava na Mt. Laurel Street, em Carthage. Não dividia o quarto com ninguém, nem mesmo outra menina — não dividia a cama. Tinha o quarto dela com coelhinhos brancos saltitando no papel de parede verde-claro e a caminha dela com cabeceira branca e coberta no tom alegre do sol que a sra. Neukirchen fizera em crochê com as próprias mãos. Ali ficavam os livros que, na hora de dormir, a sra. Neukirchen ou o sr. Neukirchen liam para ela, e com os quais aprendia a ler sozinha — livros ilustrados, livros com animais falantes, os livros mais mágicos que existiam! Tinha várias bonecas, nenhuma delas tão especial quanto a boneca loura de vestido de cetim, mas tinha bichos de pelúcia e tinha uma cômoda pequena de bordo luzidio com gavetas que guardavam as roupas que haviam acabado de comprar para ela, e no armário tinha outras peças, penduradas — vestidos, saias. Tinha a própria camisola de flanela decorada com gatinhos que jamais seria misturada com outras roupas na hora de lavar e usada por outra menina. Tinha uma escrivaninha em tamanho infantil, e tinha uma cadeira em tamanho infantil. Como *Meredith Ruth* ela parecia saber que existira outrora, naquele quarto, quicá naquela cama, outra *Meredith Ruth* que se esvaíra da família Neukirchen mas cujo espírito subsistia.

E com esse espírito — essa outra criança, perdida, descartada — ela também poderia conviver, com a mesma facilidade com que convivia consigo mesma. Ela o faria.

“Segura a minha mão, Merry! Principalmente ao atravessar a rua.”

Em breve completaria seis anos: era no que acreditavam. Aparentemente menos desenvolvida que outras meninas de seis anos, porém já sabia ler, até certo ponto; já tinha, sob a tutela do sr. Neukirchen, aprendido a “fazer” aritmética.

E assim, com os documentos da Assistência Social do Condado de Beechum e a certidão de nascimento “substituta” expedida pelo Departamento de Registros do Condado de Beechum, Meredith começou a primeira série na Escola Básica Convent, a meros quatro quarteirões da Mt. Laurel Street nº 18, no outono de 1968.

Era bastante conveniente que Agatha pudesse acompanhá-la no caminho até a escola, pois a biblioteca de pedra de cantaria onde trabalhava ficava apenas um quarteirão depois. Não era nessa biblioteca pequena, mas na biblioteca do centro de Carthage que Agatha havia começado a trabalhar como bibliotecária, uma moça de vinte e dois anos em 1955.

Com que alegria Agatha contava a Meredith como ela e o sr. Neukirchen haviam se conhecido. Com que frequência, com ares de quem nunca se cansa de narrar a felicidade.

Oito meses depois de Agatha começar a trabalhar no belo “templo de pedra calcária” que era a biblioteca do centro, na seção de obras de referência, o jovem impetuoso Konrad Neukirchen apareceu pedindo para ver tudo o que havia nos arquivos das coleções especiais da biblioteca que fosse relacionado à história do Black Snake Valley dos anos 1600 até 1900 — “Seu pai era *muito elegante*. E era muito — como é até hoje — *mandão e autoritário*.”

No primeiro encontro, algo parecia ter surgido entre os dois — “Que nem faíscas. Mas, claro, eu era tímida... Eu praticamente nunca tinha saído com nenhum garoto ou homem até então.”

Três meses, duas semanas e um único dia depois, Agatha e Konrad Neukirchen se casaram, para o espanto e (até certo ponto) reprovação de todos que os conheciam.

Agatha era uma moça de vinte e três anos na época! Tão inexperiente com os homens que tinha a ideia de que precisava rir — de forma ofegante, nervosa — depois de basicamente qualquer comentário que o

rapaz tagarela fizesse, fosse engraçado ou forçado; Konrad também era tão inexperiente com as mulheres, apesar de toda a pose de sofisticação, que tinha a ideia de que não podia encostar a mão em Agatha, mesmo que de forma inocente, ou acidental, por medo de ofendê-la. Claro que jamais seria capaz de tentar beijá-la sem antes lhe pedir permissão.

“Como foi que a gente conseguiu deixar de lado toda essa bobeira, eu não sei. Um dia a gente simplesmente acordou — quer dizer, cada um na sua casa — e eu me dei conta, ‘Ah! Eu o amo’ — e o Konrad se deu conta, ‘Ah! Eu a amo’. Foi simples assim.”

Só que certas características de Konrad Neukirchen confundiam Agatha.

O fato de que se descrevia como um “amigo” — com o intuito de dizer “Amigo” — isto é, quacre.

E o fato de lhe ter dito, enigmaticamente, parando o dedo ao lado do nariz como se imitasse um idoso da família, que os Neukirchen tinham uma “fraqueza secreta” — todos eles.

“Que tipo de fraqueza secreta?”, eu perguntei, e ele respondeu — ‘Que tipo de segredo seria, querida Agatha, se fosse revelado?’”

Às vezes, quando estava a sós com Meredith nessas caminhadas até a Escola Convent, Agatha baixava a voz para falar com ternura e saudade da menininha que entrara na vida deles e que foi *prematura* — que *não conseguira sobreviver*.

“Mas a alma da Merry vive na luz — em algum lugar. Claro que a gente não sabe dos detalhes, mas dessa parte a gente sabe.”

A mãe de Meredith apertava seus dedos com força. Por entre os lábios desunidos respirava sem entusiasmo.

Meredith não olhava a mulher gorducha a seu lado por medo do que pudesse ver no rosto dela.

Meredith viu um borrão de luz — luzes — e sombras em meio às luzes — como coelhinhos brancos saltitando num gramado verde-claro. Uma dessas figuras era *Merry*, mas não dava para saber qual.

Até para uma criança pequena era exasperante a lentidão de andar com Agatha. Como uma menina travessa, Meredith tinha vontade de se soltar da mão da mulher arquejante e correr — correr, e correr —, subir uma das entradas de garagem estreitas entre as casas de tijolos parecidas e ir para o quintal e depois — aonde? — o que houvesse depois. Tinha pés ágeis demais para cair na ravina e quebrar o tornozelo ou o maldito pescoço — (essa era a observação da sra. Skedd) — e se os corvos gritassem com ela,

não sentiria medo. Mas é claro que Meredith não agiria de maneira tão rude quanto as crianças que conhecera na casa dos Skedd.

De roupas novas que a sra. Neukirchen tinha comprado para ela, ou costurado para ela, de meiazinhas brancas e sapatos pretos de couro, Meredith Ruth Neukirchen não era uma criança rude, em hipótese alguma. Meredith Ruth era uma criança esperta e muito doce, ainda que um tanto quieta demais, mastigando o lábio inferior.

Nada a ver com as crianças que conhecera em Star Lake. Nada a ver com as crianças que conhecera no lar temporário, onde vez por outra uma delas saía correndo de casa — corria para o quintal e à beira da ravina — podia ser qualquer uma — uma criança temporária ou um dos filhos dos Skedd que eram barulhentos, chulos, agitados como animaizinhos engaiolados.

Extravasando só pra extravasar. Não dá para segurar!

Acendendo fósforos na ravina. Os garotos começavam e as crianças mais novas copiavam, mas nunca Jewell, claro. Roubavam a caixa de fósforos da sra. Skedd de trás do fogão e deixavam o fósforo aceso cair na ravina, seis metros abaixo.

Se as chamas ganhavam força, Jewell corria em pânico. Os outros, escalando as margens da ravina, atirando pedras lá embaixo, mal reparavam nela; ela também não contava à sra. Skedd, que assistia a seus programas de tevê estirada no sofá da sala, lata de cerveja na mão.

Quem é que está aí? Jew-elle? Vem cá, meu doce — vem cá, se aconchega aqui.

Agora, Meredith nunca se recordava dessa época. Não se recordaria. A não ser do desejo que tinha de que a sra. Skedd fosse tão bondosa com Lizbeth quanto era com Jewell *Que merda que você não é sangue do meu sangue mas, porra, acho que se fosse, tu seria uma chata que nem a Lizbeth.*

Meredith se impacientava caminhando com Agatha, mas Meredith também se preocupava. Porque sabia — tinha ouvido por acaso — Konrad aflito porque a querida esposa tinha dificuldade para andar apesar de ainda ser uma moça de trinta e poucos anos — precisava usar bengala às vezes, sentia muita dor artrítica no quadril.

Meredith já tinha visto: as pernas de Agatha eram grossas, com veias emaranhadas. As pernas eram envolvidas em meias-calças opacas como se fossem ataduras e nos pezinhos usava sapatos com solados finos.

Embora Agatha estremece-se e gemesse por conta da *ar-tri-te*, esses comentários eram velados por um tom alegre, como quem reclama do clima. Agatha estava quase sempre alegre. Era simplesmente sua “natureza” — assim como Puddin tinha sua natureza de cão alegre — (embora as pernas de Puddin também estivessem perdendo a força — Puddin não era um cachorro novo, andava com uma espécie de repuxo para os lados e deixava pelos em todos os cantos que encostava). Agatha adorava seu trabalho na biblioteca da Convent Street. Ainda que não fosse bem pago — era o que Konrad afirmava — ela amava o sossego da velha biblioteca de pedra de cantaria. Amava registrar a saída dos mesmos livros ano após ano e recolocar esses livros nas prateleiras e amava as outras bibliotecárias, mulheres que eram no mínimo de sua faixa etária e circunferência e tinham algo a ver com seu temperamento, e amava bater papo com os frequentadores da biblioteca, que em geral também eram mulheres, a não ser por certo pelotão de homens aposentados, todos eles cavalheiros, que adoravam Agatha Neukirchen.

Às vezes, quando as coisas estavam lentas na biblioteca, Agatha tricotava, ou fazia crochê, ou até tentava coser. Ela tinha uma rapidez estonteante com as agulhas. Gostava de costurar as próprias roupas, que eram de tamanho grande, com cintura larga e saias compridas, volumosas, pois se sentia desconfortável em lojas de roupas femininas. (“Quanto mais chique é a loja, mais te deixam desconfortável!”) Em lugares públicos Agatha usava saias até o tornozelo que lhe conferiam ares de dignidade e compostura: Konrad a chamava de *majestosa*. Usava blusas com fru-frus e babados e se enfeitava com curiosos broches e colares antigos que Konrad lhe dava como presentes surpresa. O cabelo era de um adorável tom castanho lustroso como cabelo de menina, e ela o mantinha no lugar, atrás das orelhas e longe da testa lisa com presilhas de tartaruga. No quarto da filha, se sentava na beirada da cama que rangia sob seu peso e escovava e penteava o cabelo da criança, que parecia menos luzidio que o dela, um cabelo frágil suscetível a fios arrepiados e nós.

“Ai! Desculpe por ter puxado o seu cabelo, Merry! Prometo que não vai mais acontecer.”

Depois, lia para a menininha. Havia uma oferta inesgotável de livros infantis e muitos deles eram maravilhas que ela comprara para Merry ou pegara emprestados na biblioteca — os preferidos de Merry eram de animais falantes e obras sobre menininhas como a Alice de *Alice no País*

das Maravilhas, cujo cabelo desgrenhado nas ilustrações lembravam o cabelo da própria Merry.

Agatha não lia trechos assustadores do livro *Alice*. Agatha não gostava de trechos assustadores em livro nenhum, infantis ou adultos.

“Quando lê um livro, você *entra nele* — e lá você está segura.”

Ao ler para a filha, Agatha passava o dedo rente às letras garrafais numa lentidão suficiente para que, sem que soubesse direito o que estava fazendo, a filha comesse a ler com ela, reconhecendo palavras familiares porque Agatha já as lera antes, ou se lembrando delas.

Tão fácil ler, se não tentasse! Se simplesmente deixasse as palavras entrarem na cabeça.

A leitura da hora de dormir tinha de terminar a certa hora. No primeiro ano que viveu com os Neukirchen, às 20h30.

No vestíbulo do primeiro andar, debaixo do quarto da criança com papel de parede de coelhinho e cabeceira da cama branca, havia um grande e belo relógio de pêndulo que o sr. Neukirchen descrevia como um *relógio de Stickley*.

Quando não conseguia dormir, Meredith ficava deitada escutando o tique-taque tranquilo do relógio e suas batidas, que eram doces e claras e reconfortantes — o relógio batia não só de hora em hora mas a cada quinze minutos — (com um único repique) — que era lindo de ouvir mas também assustador — às vezes — porque as badaladas aconteciam com muita frequência e não havia como pará-las.

Esse era o teste: você ouvia o relógio começar a bater e contava junto — *um, dois, três, quatro* — tentando chutar quando as batidas parariam — e era comum as batidas continuarem — cinco, seis — sete, oito — em reprimenda.

Fascinada, Meredith examinava o relógio: o longo pêndulo de latão balançava lenta e languidamente e de vez em quando desacelerava e parava por vontade própria. O sr. Neukirchen sabia consertar o relógio, a sra. Neukirchen admitia sua profunda ignorância, e jamais tocara nele.

Na casa dos Skedd, um relógio tão bonito e grande teria se quebrado em poucos dias. O maquinário era visível, quase insultuoso — a pessoa sentia o ímpeto natural de enfiar os dedos nele. A pessoa sentia o ímpeto natural de parar aquela maldição de Deus que era o tique-taque/badalada.

Mas os Neukirchen adoravam o velho relógio de pêndulo — “É como o coração desta casa fazendo tique-taque”, Agatha dizia, e Konrad declarava,

com uma piscadela dirigida a Meredith, “O relógio é uma antiguidade genuína. Foi passado de geração a geração da família. E me faz lembrar — apesar de eu querer esquecer — que nós, os Neukirchen, temos uma fraqueza secreta, da qual nenhum de nós foi poupado”.

Meredith deu um sorriso nervoso. Meredith apertou as mãos longe dos olhos aguçados do pai e deu um sorriso nervoso mas não perguntou qual era a *fraqueza secreta*; a atitude devia ter surpreendido Konrad, pois ele disse, com um leve franzir da testa, “Hein? Você não vai perguntar ao papai qual é a ‘fraqueza secreta’ dos Neukirchen?”.

Meredith balançou a cabeça, *não*.

Meredith riu da expressão no rosto de Konrad.

“Sério? Você não vai perguntar mesmo?”

De novo Meredith balançou a cabeça, *não*.

“Minha filha querida foi a única pessoa na vida a quem mencionei esse segredo e que não fez perguntas! Incrível.”

Mas Konrad não deixaria o assunto morrer e voltou a ele pouco depois: “Mas por que é que você não vai perguntar, Meredith? Você não ficou nem um pouquinho curiosa sobre a fraqueza secreta dos Neukirchen?”

Meredith balançou a cabeça, *não*.

“Mas” — Konrad fingiu estar exasperado, arrancando fios da barba — “por que você não ficou curiosa?”

“Porque — não seria segredo se fosse revelado.”

Konrad olhou fixo para a criança. Por um instante ficou emudecido.

“Ora — é claro — minha filha querida — você acertou.”

Konrad nunca mais tocou no assunto com Meredith.

Na manhã posterior a uma dessas noites — quando Meredith estava na terceira série e tinha oito anos (se 21 de setembro de 1961 fosse considerada sua data de nascimento) — gastas escutando o relógio de pêndulo do vestibulo do primeiro andar, se perguntando se a mãe estava viva e onde estava caso estivesse viva e se a mãe teria como achá-la naquela casa nova — a notícia terrível foi revelada, sobre a qual Meredith jamais foi avisada.

Há dois tipos de notícias na vida de uma criança: a notícia que é contada e a notícia que não é contada.

Porém, de um jeito ou de outro, Meredith ficaria sabendo.

Foi na semana do concurso de soletração da Escola Básica Convent, junho de 1969. Embora tivesse três anos a menos que uma série de

“estrelas da soletração” que competiam no concurso, Meredith Ruth Neukirchen se tornou a campeã da soletração da escola ao soletrar corretamente a palavra *unicórnio*. Naquela mesma semana, veio a notícia que os jornais e a tevê chamaram de *descoberta horrenda* — o cadáver encarquilhado e mumificado de uma criança pequena, uma menina bem novinha achada em uma geladeira descartada na beirada de um aterro sanitário, a dezoito quilômetros de Star Lake.

No noticiário local da tevê divulgaram esse comunicado horrível. No jornal de Carthage.

Claro que os Neukirchen protegeram a filha dessa história tão horrível.

Porém, de um jeito ou de outro, Meredith sabia.

... restos mumificados que acreditam ser os de Jedina Kraeck, de três anos, que desapareceu em abril de 1965 da residência em que vivia com a mãe, Marit Kraeck, e a irmã mais velha, Jewell.

Foram expedidos mandados de prisão para Marit Kraeck em abril de 1965, sob as acusações de abandono de incapaz, abuso infantil e tentativa de homicídio, mas os mandados nunca foram cumpridos.

Um morador de Star Lake pescava com o filho no Black Snake River quando descobriu os “restos mumificados” na geladeira e comunicou a descoberta à delegacia de polícia do condado de Beechum.

Detetives da delegacia informam que a investigação do desaparecimento de Marit Kraeck está “em andamento”.

Outra vez, alguns anos depois.

Quando Meredith Ruth Neukirchen foi nomeada “aluna notável” da classe de sétima série na Escola Fundamental de Carthage.

Pois não raro acontecia naquela época, Meredith deixava os pais adotivos orgulhosos e felizes por ela.

Não que fosse difícil deixar os Neukirchen felizes.

Eles jamais insistiram que a filha se empenhasse nos estudos — jamais a coagiram a se comportar de outra forma que não a forma como desejava se comportar. Era incrível para eles, porém não muito surpreendente, pois o milagre de suas vidas era que “Merry” lhes tinha sido devolvida — era um milagre total, diante do qual as notas altas e o temperamento dócil da criança eram uma questão secundária.

Muito inteligente, e muito meiga! De Konrad parecia ter obtido a afiada mente inquiridora, se não a tendência a se alongar nos discursos; de Agatha, uma leve propensão à falta de jeito. Era uma menina quieta, todo mundo concordava — uma menina do tipo “fechada” — “madura” para a idade.

Não queria magoar ou ofender os pais que tanto a adoravam e portanto nunca fechou a porta do quarto completamente — mas quase — passando o tempo sozinha na escrivaninha em tamanho infantil, que depois de alguns anos ficou pequena demais para ela, assim como ficaram pequenas a cama de cabeceira branca e as roupas que Agatha costurava com o ciclo das estações. Entravam na sua vida, em momentos imprevisíveis, surtos de esquecimento e arrebatamento em que parecia ser, para os pais adotivos, um ser misterioso na casa deles, como uma fada ou uma luz luminescente que surge no cenário mais comum, convidando-o a tocá-la — a passar a mão nela. “Ela foi uma dádiva que Deus nos concedeu, que nós não merecemos”, Agatha dizia, estremecendo; instigando Konrad a contradizê-la, “Se Deus nos concedeu essa filha, pode ter certeza de que a gente a merece. Deus nunca errou — como Einstein afirmou: ‘Deus não joga dados com o universo’.”

O que mais fascinava Meredith eram os livros: páginas impressas: palavras. Não eram meros livros escolares ou passatempos, mas podiam ser portões que levavam a regiões desconhecidas. Assim como a criança parecia ter aprendido a ler precocemente e com pouco esforço consciente, ela parecia decorar sem fazer esforço — folhas inteiras, longos trechos de textos eram retidos em seu cérebro, com nitidez, eletrizantes.

Também era boa atleta — de modo geral; depois que aprendia a imitar os outros. Não tinha o talento natural dos atletas para o imprevisto tampouco o gosto natural dos atletas de competir, de *vencer*; mas trabalhava bem em equipe, era confiável, obstinada e conformada. Embora fosse ágil e atenta na escola, nas aulas, em certos momentos parecia meio desligada, como se os próprios pensamentos a cativassem à exclusão do mundo exterior; conversas descontraídas lhe causavam pouca impressão, assim como os nomes e as fisionomias de certos indivíduos que encontrara inúmeras vezes — o grupo de amigas de Agatha, e seus colegas de classe menos interessantes. “Nossa filha não tem paciência para bobagem”, justificou Konrad, “pelo que, apesar de não poder reivindicar o crédito genético, espero que eu possa reivindicar o *crédito da influência*”.

“Ai mas — a Merry não tem a intenção de *ofender* as pessoas — tem? Não se lembrando do rosto delas, dos nomes...”

“A ‘ofensa’ está nos olhos de quem vê. Nossa filha é uma raridade.”

O que importava era a sabedoria dos séculos, os Neukirchen acreditavam, e essa sabedoria era preservada nos livros. Quando uma

pessoa lê, o livro adentra a alma e a pessoa está dentro do livro; o livro no interior da alma é uma faceta da luz interior, que é Deus.

O outro, o vasto mundo cacofônico — este iludiria a filha deles, acreditavam. Meredith viraria professora, provavelmente — e caso desse aulas para o colegial, que maravilha seria se voltasse a Carthage para lecionar!

“Ou quem sabe ela não vira bibliotecária. Ela adora livros.”

“Sim. Mas não. A nossa Meredith adora livros, mas adora mais ainda refletir sobre eles. Bibliotecários, que Deus os abençoe, são pessoas excelentes, mas sabe como é, eles não refletem — não desse jeito.”

E, portanto, que emoção os Neukirchen sentiram quando Meredith foi declarada “aluna notável” da classe de sétima série. Na reunião de primavera da Escola Fundamental de Carthage, onde, para o deleite dos pais, *Meredith Ruth Neukirchen* foi chamada ao palco para receber um certificado emoldurado e uma edição especial ilustrada de *Mulherzinhas*; ao lado de outros colegas de classe premiados, sua foto apareceu no jornal de Carthage na manhã seguinte.

Embaixo da fotografia da página seis havia a manchete: ESCOLA FUNDAMENTAL DE CARTHAGE PREMIA ALUNOS QUE SE DESTACARAM. E na página ao lado, a sete, outra manchete: INVESTIGAÇÃO SOBRE INCÊNDIO CRIMINOSO NA BEAR MT. ROAD CONTINUA.

Não era uma notícia nova. Era notícia da semana anterior.

Meredith não tinha visto a matéria inicial. Era bem provável que tivessem lhe escondido a matéria.

Meredith também não leria essa matéria por inteiro, ao que parecia.

Uma breve olhadela na coluna impressa, um passar de olhos tão ligeiro quanto um dedo se movendo para baixo sem pausas.

... residência de Olivia e Floyd Skedd em Bear Mountain Road, destruída pelo fogo, matando oito moradores da casa em um incêndio fugaz que se acredita ter sido proposital. Floyd e Olivia, quarenta e um e trinta e nove anos, respectivamente, eram pais temporários “tidos em alta conta” pela Assistência Social do Condado de Beechum. Dos oito mortos, quatro crianças estavam provisoriamente sob os cuidados dos Skedd, e tinham entre três e treze anos. Dois eram filhos dos Skedd, com idades de onze e catorze anos. Rastros de substâncias inflamáveis foram encontrados nas ruínas em combustão do andar térreo. A única sobrevivente do incêndio, controlado por caminhões de bombeiros de três regiões do condado de Beechum, foi a filha de dezesseis anos dos Skedd, Lizbeth, que no momento está sob custódia do Centro de Detenção Juvenil do Condado de Beechum.

Apesar de Meredith mal ter tido tempo de passar os olhos por esse parágrafo do texto impresso — no instante em que Agatha puxava o jornal

da mão dela com uma risadinha nervosa, para mostrar a Konrad a fotografia maravilhosa da página seis —, as palavras ficaram gravadas com perfeição em sua memória. Não teria nenhuma necessidade de olhar o jornal outra vez.

Naquela noite, os Neukirchen comemoraram o prêmio da filha com um jantar especial: bolo de carne à mexicana com ketchup apimentado, batata fatiada e torta de abóbora com chantilly, receitas de Agatha. Não falaram da matéria sobre o incêndio, ou sobre as notícias a respeito do incêndio — os Neukirchen não falavam de assuntos tão aflitivos, em todo caso. O Deus deles era um Deus de luz e não um Deus de trevas, e das trevas, o que se pode dizer?

Quando foi chamada ao palco naquela tarde, Meredith foi dominada pela timidez, mas também pelo prazer; ficara feliz em receber o prêmio e ainda mais feliz porque os pais estavam na plateia para aplaudir junto com os outros. Mas parecia estar constrangida com o prêmio e não quis falar sobre ele depois; escondeu o certificado emoldurado em algum canto do quarto. *Mulherzinhas* ela já havia lido, é claro — lera o livro na quinta série.

No jantar de comemoração os Neukirchen batiam papo alegremente enquanto Meredith, sentada entre eles, permanecia calada; com o garfo fazia leves furos na toalha de mesa com estampa de girassóis. Não havia ninguém a quem pudesse dizer o que quer que fosse que tivesse a dizer, se houvesse alguém com quem pudesse conversar.

Sua juventude estava começando, já tinha começado. Ela voaria para longe de Carthage, até mesmo daquela casa em que, como no mais espantoso dos contos de fada, era amada — quem quer que ela fosse naquela casa, era amada. Por ser Meredith Ruth — “Merry” — jamais careceria de amor.

Uma menina de muita sorte, Jew-ell. Espero que você se dê conta disso!

Ela se dava conta. Ela sabia.

O Rei dos Corvos havia sumido de sua vida, ela reparou.

Sentia muita falta do Rei dos Corvos. Nas manhãs em que acordava cedo, não eram os grasnidos ansiosos dos corvos em algum lugar além das paredes e do telhado de uma casa e sim as batidas metódicas do relógio de pêndulo do sr. Neukirchen, suas graves badaladas de prata.

Mulher de Barro emparceirada.

Abril de 2003

Preparada, ela tinha que estar preparada.

Nessa manhã em que foram buscá-la sem aviso prévio, apesar de que, até mesmo em sua cegueira, era inevitável que soubesse de tal aviso.

Devia ter caído no sono, o livro grosso caiu de suas mãos e a acordou com um susto.

Levantou-se rápido: que horas eram? Onde estava?

... na biblioteca do térreo da Charters House. Na residência presidencial, descalça e tremendo numa camisola em um dos cômodos do primeiro andar, e na janela de vidro chumbado a alguns metros dali sua figura fantasmagórica pairava com incerteza, sem rosto e despojada de identidade como um manequim de costureira.

Sem olhar para a capa do livro de proporções estranhas, ela o pôs na estante às pressas. Talvez um dos livros infantis antigos em edição rara do século XIX, da prateleira envidraçada — a Coleção Dikes.

Tantos livros na casa presidencial, e tão raramente folheados!

Era mesmo um museu/mausoléu. Abrigava não prateleiras de cadáveres mumificados e calcificados, lotes de ossos velhos quebradiços como numa catacumba milenar, mas centenas de livros e cada um deles com um título orgulhoso, um autor orgulhoso estampado na lombada.

O que M.R. fazia ali, e àquela hora! Em roupas mínimas, descalça!

Entre assoalhos de madeira de lei lustrosos, candelabros cristalinos, tapetes chineses desbotados.

Fazia tempos que tinha um medo irracional — não medo forte, mas brando — um medo banal — do qual (é claro) fazia piada — de larápios noturnos espiarem pelas janelas do térreo da elegante mansão antiga construída no alto de uma colina íngreme num canto remoto do campus da Universidade.

Até 1919, o presidente da Universidade vivia em uma residência colonial próxima à capela no meio do campus. Alunos de graduação que faziam farras havia muito invadiam as dependências particulares do presidente e tinham a audácia de espiar pelas janelas e assustar os moradores, até que por fim, após um incidente escandaloso, a casa

presidencial foi transferida para a Charters House, a quatrocentos metros dali.

Protegida pela grade de ferro forjado de três metros e meio de altura e (pelo menos em teoria, já que nunca era fechado) um portão que ficava no começo da entrada de carros, a Charters House era bem menos acessível do que a residência anterior.

Claro que M.R. estava em perfeita segurança ali. Nenhum graduando tinha interesse em se intrometer ali. A colina tinha uma vegetação densa de coníferas. A mansão, a cocheira, a garagem para cinco carros eram protegidas por câmeras de vigilância. Havia detectores de movimento no terreno, monitorados pela segurança do campus.

Todavia, ficava tensa ao vagar pelo térreo sem estar totalmente vestida.

Por que tinha descido uma ou duas horas antes, ela não se lembrava.

A insônia abala o cérebro. Atoleiros resplandecentes como cacos de vidro quebrado nos vastos alagadiços até o horizonte.

“Pronto...”

Na prateleira da biblioteca, a uns centímetros dali, algo que parecia ser um bilhete dobrado. M.R. o pegou — mas não era um bilhete, apenas um guardanapo sujo de molho do coquetel que os empregados da casa tinham tido o desleixo de não perceber.

Um relógio badalou a hora no corredor escuro da frente — 3h.

Lá em cima ela tentou dormir até por fim desistir daquela noite às 5h10. Jogou as cobertas para o lado e se vestiu às pressas e de novo desceu a escada e saiu no ar úmido e frio com fragrância de pinhos e terra molhada que era um bálsamo para a mágoa obscura, a apreensão qualquer que não saberia nomear.

Algumas vezes por semana ela nadava na piscina da Universidade. Com mais intensidade e mais frequência nas épocas de estresse, e sempre cedo para que pudesse ficar sozinha.

Ser conhecida, ser identificada — que desagradável lhe era, num momento como aquele.

A essa hora, antes de o sol nascer, o campus estava deserto. Havia poucas luzes e aquelas luzes-fantasmas borradas detrás das venezianas ou cortinas fechadas. Era uma caminhada de quatrocentos metros até o ginásio da Universidade e rumo à piscina, que era aberta às 5h, e quando chegou ao edifício que abrigava a piscina eram 5h25.

A princípio, ia à piscina às 7h. Na maioria das manhãs nadava por quarenta e cinco minutos. Mas quando ia embora havia vários outros nadadores na piscina e a maioria deles reconhecia M.R. Neukirchen, apesar de poucos se dirigirem a ela sem que ela falasse com eles antes. Duas vezes aconteceu de Oliver Kroll estar chegando na piscina quando M.R. estava de saída e os olhos dele a encontravam numa surpresa emudecida, e por isso ela se organizou para chegar na piscina meia hora antes. E uma terceira vez ocorreu de Oliver Kroll chegar na piscina quando M.R. estava saindo e por isso ela se organizou para chegar na piscina com mais meia hora de antecedência e desde então não via Kroll.

Agora, às 5h30, não havia ninguém na piscina. Quinze minutos depois um único garoto de ombros largos chegaria, um nadador solitário de cabelo preto e liso que M.R. via bastante naquele horário, mas que ela não conhecia e tampouco o garoto, muito provavelmente aluno de graduação, dava a impressão de reconhecê-la de maiô, touca de borracha. E outro nadador chegaria, e outro à medida que as 6h se aproximavam e depois das 6h uma sucessão constante de nadadores até a piscina não ser mais um lugar apetecível para quem queria ficar a sós.

Agora ainda era cedo. Com o maiô preto de malha e touca branca de borracha, M.R. entrou na água e começou a dar voltas na raia habitual, no canto esquerdo da piscina, na ponta mais funda, não com agilidade, mas regularidade, sentindo a dor prazerosa nos músculos do braço e a tensão dos ombros começando a diminuir. Quando menina achava mágico — a fluabilidade inesperada da água, a facilidade com que seu corpo, que lhe parecia pesado e desajeitado na terra, podia ser impelido na água pela ação dos braços e das pernas. E na água também se sentia encoberta pela invisibilidade.

Ecos abafados no ginásio de pé-direito alto como vozes um pouco além do alcance dos ouvidos. Lá em cima havia mosaicos de nuvens marinhas. Ao nadar, M.R. semicerrava os olhos. Que alívio era estar ali, longe da Charters House e das noites insones!

M.R. quase pensava *Talvez eu não precise dormir. O que existe dentro de mim é tão inflamado, incandescente.*

Passaria quarenta e cinco minutos nadando e voltaria para casa e tomaria banho, e às 7h30 Evander chegaria para levá-la de carro a Filadélfia para uma reunião com o representante de uma possível empresa doadora.

Um dos conselheiros administrativos mais velhos e mais influentes da Universidade tinha organizado a reunião. A única alternativa da presidente Neukirchen foi concordar, pelo menos inicialmente, em conversar com representantes da corporação, embora a única coisa que sabia sobre a empresa — que se tratava da terceira maior provedora de gás natural do mundo — a enchesse de desânimo e repulsa.

Seria dinheiro de uma fonte (quicá) corrupta, dinheiro corrompido?

Será que quem recebia dinheiro (quicá) corrompido se corrompia?

A possível doação poderia atingir a soma de trinta e cinco milhões de dólares, o conselheiro da Universidade dissera a M.R., em segredo.

Trinta e cinco milhões! Até para a Universidade, com suas doações de dezoito bilhões de dólares, esse montante era vultoso. Uma doação dessas, por si só, garantiria a isenção de mensalidade para todos os alunos aceitos pela Universidade, independentemente da possibilidade de suas famílias de pagá-las.

Se deveria batalhar pela doação ela mesma ou diligenciá-la ao vice-presidente de desenvolvimento, M.R. não sabia, assim como M.R. não sabia sequer se deveria batalhar pela doação.

Tinha causado certo escândalo a descoberta de que a Universidade havia investido em empresas da África do Sul durante a era do apartheid, apesar de se enaltecer por ser ultraliberal em questões raciais e precursora entre as universidades da Ivy League na implementação da “ação afirmativa” na década de 1960; mais escandaloso ainda foi quando um jovem historiador do corpo docente levou a público indícios de que a Universidade, que se gabava de ter sido um dos pontos do Underground Railroad nas décadas de 1850 e 1860, havia lucrado, no final dos anos 1700, com o tráfico de escravos da África Ocidental.

Esses escândalos secundários, que geraram debates acalorados na Universidade, haviam transbordado para a imprensa, sobretudo as páginas do *New York Times*.

Eram questões éticas legítimas, M.R. acreditava. Mas como administradora da Universidade era obrigada a considerar o caso da provedora de gás natural também uma questão econômica.

Meses antes, M.R. ficaria angustiada com a iminente reunião na Filadélfia: agora, por mais estranho que fosse, sentia um quê de expectativa, empolgação — a emoção de atirar um fósforo aceso numa ravina, por exemplo.

Para ver o que pega fogo. Para experimentar.

Nadar a estava despertando ainda mais!

Não era incomum que a pegassem às 7h30 na Charters House. Era normal M.R. fazer reuniões acompanhadas de cafés da manhã, bem como almoços e jantares. Era muito normal que os dias úteis da presidente fossem totalmente tomados por reuniões, além de compromissos sociais à noite que volta e meia também eram, na verdade, reuniões, uma espécie de diplomacia por outros meios. Os finais de semana também podiam ser dedicados a comparecer a congressos, viagens. Quando M.R. estava em casa, invariavelmente estava comprometida com jantares.

Um dia atarefado era um dia que se redimia. Onde havia lacunas como trechos de céu vazio M.R. se sentia inútil, solta e à deriva.

Outrora, nova na administração, ela ansiava por mais tempo livre — para pensar, para ponderar questões filosóficas, para redigir seus artigos filosóficos feitos de argumentos cuidadosos e organização meticulosa, pelos quais já tinha sido elogiada pelos colegas (quase todos homens) que em geral não esbanjavam elogios. Agora, a perspectiva de ter *tempo livre* não lhe era tão sedutora.

Agatha também não gostava de *tempo livre*. Até quando estava lendo, ou vendo tevê, as mãos rechonchudas de Agatha se moviam numa velocidade surpreendente, tricotando, fazendo crochê, costurando colchas.

Konrad era bem diferente. *Vadio e convidado minha alma* — Konrad dissera tantas vezes que foi uma surpresa para Meredith descobrir, no ginásio, que o verso interessante não era dele, mas de Walt Whitman.

Seus pais maravilhosos, amorosos! Nas entrevistas, M.R. os elogiava profusamente.

Era um mistério para M.R. o porquê de, assim que saiu de Carthage — (primeiro para estudar na Cornell, depois fazer pós-graduação em Harvard) —, ela ter aparentemente se esquecido dos Neukirchen. Estava sempre pensando em ligar para eles, ou em escrever; naquela época anterior ao e-mail, quando escrever cartas podia ser uma tarefa um tanto agradável. Como se uma névoa se acumulasse na parte posterior do cérebro, fria e traiçoeira.

E além desses *pais quacres maravilhosos*, como se referia a eles em entrevistas, dos anos precedentes à casa de tijolos escuros na Mt. Laurel Street, onde tinha sido tão feliz, e tão amada, a névoa era ainda mais

traíçoeira, implacável. O que estava encoberto nela, o que havia se esvaído de sua memória, M.R. não fazia ideia.

Desses anos, M.R. nunca falava em entrevistas.

Esquecimento! M.R. considerava o fenômeno mais como a concentração no presente, o salto de cabeça que é o presente. Assim como, ao acender uma lanterna na escuridão, os olhos seguem a trajetória da luz e ignoram a penumbra que há além.

O que era essencial para o corpo, como, por exemplo, nadar — era pouco provável que esquecesse.

Volta e meia descobria ao mexer na papelada — anotações e esboços e primeiros rascunhos de artigos — que na verdade não lembrava no que vinha trabalhando, ou por que aquilo tivera tamanha relevância para ela em algum momento.

Até sua letra parecia estar mudando, pois havia se tornado muito raro escrever à mão.

Na nossa família existe uma fraqueza secreta. Nenhum de nós foi poupado.

Nunca soube qual era o segredo da família de Konrad. Mas, agora que era adulta, podia imaginar.

Ah é só uma — charada! Um enigma do seu pai, você sabe como ele é.

Dando sua ágil risada ofegante. Um lampejo de medo nos límpidos olhos grandes e castanhos de Agatha que no momento seguinte se dissipava.

“Dona?”

Ela não o conhecia: o rapaz de cabelo preto e liso, ombros largos, com redemoinhos de pelos pretos no peito, ombros, braços, pernas, se agachando grosseiramente à beira da piscina enquanto M.R. tomava impulso para sair. Os olhos dele se levantaram junto com ela quando ela pisou nos ladrilhos molhados, água escorrendo pelas pernas de um jeito que fez com que ela de repente se sentisse muito mulher, e muito constrangida.

O nadador solitário que via com frequência na piscina — seria a mesma pessoa? Ele não aparentava ser aluno de graduação da Universidade, no fim das contas.

Nem alguém da comunidade universitária.

“Pois não? Você está falando comigo?”

“Estou, dona. Com a senhora.”

Ele tinha se empertigado, chegando ao máximo de sua estatura — centímetros mais alto que M.R. Ele também tinha acabado de sair da piscina — o corpo cheio de músculos compactos cintilava com as gotas de água. Era mais velho do que M.R. imaginara, entre vinte e cinco e trinta anos, seu rosto era rústico, a cabeça lembrava a de uma foca e os olhos escuros e brilhantes eram como os de um animal; o sorriso sarcástico, os dentes um pouco à mostra, levaram M.R. a se recordar de uma fotografia, ou um desenho — a cabeça de um cão rosnando de *A expressão das emoções nos homens e nos animais*, de Charles Darwin.

M.R. foi pega de surpresa, nesse ambiente da Universidade! Que um desconhecido — um intruso se dirigisse a *ela*.

E que insulto, que o desconhecido não soubesse quem ela era.

M.R. estava quase lhe dando as costas quando o rapaz a segurou pelo cotovelo. “Por aqui, dona.”

Ficou perplexa demais para resistir. Ele a dominara com tamanha rapidez, num lugar semipúblico, naquele ambiente da Universidade onde ela se sentia em casa, que não teve como resistir, somente andar sem jeito ao lado do raptor à medida que ele bruscamente e sem cerimônia a forçava a caminhar à beira da piscina rumo à saída; dirigia-se a ela num murmúrio grave que era ao mesmo tempo confortante e coercivo, assim como quem fala com um animal levado à reclusão — como era dócil o animal hipnotizado, sob as garras do terror! M.R. tomou fôlego para protestar, para gritar — não conseguiu emitir som nenhum — enquanto na piscina ampla de belos mosaicos azuis e nuvens passeando pelo céu os vários nadadores continuavam dando braçadas em suas raías como autômatos, alheios ao fato de que M.R. Neukirchen era raptada da área da piscina assim como não tinham percebido M.R. Neukirchen quando dava braçadas na piscina ao lado deles.

Preparada, você tem que estar preparada. Dona.

Atrás do ginásio da Universidade havia um estacionamento pavimentado e depois dele uma colina íngreme e depois — por alguma razão — irreconhecível — outra área pavimentada parecida com uma plataforma de desembarque em que o ar fedia a creosoto e água oleaginosa como a de um rio poluído e agora, na estupefação do pavor, via outras como ela — mulheres — obrigadas pelos raptores homens a seguir pela pista à margem do rio como refugiadas empurradas e admoestadas rispidamente e mesmo

assim cambaleando adiante com estupefação, com o pânico de que cair à toa numa situação daquelas seria perecer — não era situação para fraqueza, nenhum tipo de vulnerabilidade, “sensibilidade” feminina. M.R. reparou que acompanhando o rapaz de cabeça lisa de foca havia outro rapaz parecido com Evander — (mas não era Evander) — e outro homem, mais velho, parecido com Carlos — (mas que com certeza não era Carlos) — e os olhos deles sobre ela eram francamente avaliativos e quase desdenhosos porque não era mais uma moça.

Com as outras feito gado titubeante, M.R. era conduzida à força, passando por labaredas de chamas frenéticas em paralelo à pista afundada e atravessando uma ponte de vigas corroídas e sob a ponte o som da água negra correndo era como os berros dos condenados. Nenhuma das outras lhe era conhecida assim como ela não era conhecida de nenhuma das outras e ninguém queria se aproximar dela, consolá-la — já que M.R. não tinha consolo a oferecer, na magnitude de seu pavor. Tinha a impressão de que conhecia aquele lugar — aquela ponte — o rio — mas não conseguia se lembrar dos nomes, pois nomes de lugares escapavam à sua cabeça, e pouco depois se deu conta de que estava despojada também de seu nome e sua identidade, da qual sentia orgulho desbragado — *M.R. Neukirchen*. Nada mais que a brincadeira imaginária de uma criança solitária, sua vida foi exposta quando a feiosa touca branca de borracha lhe foi arrancada da cabeça, as alças do feioso maiô puxadas e rasgadas e dilaceradas e os seios parcialmente expostos enquanto debaixo da ponte a água corrente a chamava, escarnecedora *Você achava que ia escapar para sempre? Você achava que ia escapar disso — para sempre?*

O que significava: sua feminilidade.

O fato de ser mulher, no corpo com o qual nascera.

Ela sabia disso — sabia? Ela não sabia disso, tinha atirado esse fato para longe, rechaçado, desacreditado. Não tinha amado homem nenhum, na verdade — não tivera filhos tampouco havia engravidado, a ideia a enchia de angústia, desdém. Pois não fazia parte *dela*. Não era *seu desejo*.

Tinham ido buscá-la e buscar outras mulheres que foram cautelosas demais com as próprias vidas, que tinham guardado seus corpos assim como guardaram suas almas. Agora era a hora, agora estava tudo à mostra, o consolo e logro de seus nomes — “identidades” —, o *pathos* de suas vidas.

Pois era o curso da natureza, mulheres eram propriedades de homens — pais, irmãos, maridos. Não era o curso da natureza mulheres serem proprietárias delas mesmas, de seus corpos. Ela seria emparelhada — seria engravidada — por muito tempo havia escapado dessa vida do corpo (feminino) — a vida profunda e inevitável do corpo (feminino) já que no lar provisório muito tempo antes os garotos forçaram meninas assustadas a se esquivarem e gritarem e chutarem e debaterem-se debaixo deles, mas a Menina de Barro fora poupada, era da vontade da Menina de Barro crer que fora poupada, os garotos de cotovelos pontudos, garotos de gargalhadas ruidosas, caninos, brutos, cruéis, de olhar inexpressivo — em seguida ameaçando estrangular as meninas caso elas “contassem” — mas talvez fosse piada e não ameaça — tudo o que aconteceu, piada e não ameaça — e não realidade — assim como boa parte da infância era (possivelmente) piada e não realidade e em todo caso escapasse à memória como quando a sra. Skedd perguntou se aqueles imbecis tinham-na tocado e ela fez que não, muda e evasiva, e a sra. Skedd preferiu acreditar ou de qualquer forma não fazer mais perguntas e quando ela se escondeu — engatinhou rumo ao espaço fedorento e escuro debaixo da escada — quando o homem de cabelo espetado a arrastou para fora dali pelos tornozelos, aos risos — tinha sido instintivo assim como agora por instinto ela se afastou das outras, se abaixou e estremeceu e para seu alívio se viu debaixo da ponte, sabe-se lá como, ou — isso foi depois, num ponto mais distante da rodovia — foi horas depois — abaixada sob a rodovia, no cano de esgoto, nua, trêmula, porém ávida de alívio — ávida por acreditar que tinha escapado e agora precisava dar um jeito de voltar para casa — qualquer que fosse sua “casa” — através da sagacidade, como um animal selvagem; à noite, quando ninguém a veria; abaixada no imundo cano de esgoto por tanto tempo, até que veio um arrasto, um súbito feixe de luz, apupos e risos e foi descoberta no esconderijo, no *pathos* de esconder-se, mas os homens tinham seguido seu rastro, óbvio, a arrastado para fora pelos tornozelos deixando seu corpo arranhado, a pele ferida e lacerada e sangrenta *Você achava que ia escapar — disso?*

Ao longo do rio havia armazéns e num deles foi levada a um ambiente amplo que parecia um quartel junto com outras mulheres aturdidas e cambaleantes e exaustas e apavoradas, mulheres de olhos inexpressivos, mulheres destruídas, a vergonha delas era tanta que não conseguiam reconhecer a existência umas das outras, e ela era uma delas e não

diferente delas ou dentre elas e num lugar que cheirava a creosoto e terra ela foi jogada no chão e os farrapos do maiô ridículo arrancados dela e uma figura masculina — um estranho — obstinado, pesado — sem dizer nada se forçou contra ela, grunhindo pelo esforço, forçando-a a ficar parada e de pernas abertas — com uma força seca, brutal, ela foi penetrada — a cabeça dela bateu contra o chão — *Uh! Uh! Uh!* Tentou gritar mas de novo nenhum som emergiu de sua garganta — tentou lutar contra o agressor, o estuprador, chutando, se contorcendo, enfiando as unhas nele, então ele se ajoelhou em cima dela e a estapeou, cerrou os punhos que pareciam pedras e lhe deu socos, os cortes antigos de seu rosto em carne viva, o rosto lacerado e sanguinolento e no entanto ela lutava, no frenesi do pavor ela lutou, temerosa pela própria vida ela lutou, e de alguma forma — mais tarde — quando ele já tinha terminado ou, enojado, se afastado dela, para ir embora — ela estava rastejando em campo aberto — tinha escapado, não tinha? — ou tinham se enchido dela, e portanto agora estava sozinha, rastejando como um animal ferido, seu corpo assolado pela dor e o rosto sangrando, porém chegaram a seus ouvidos os grasnidos nervosos dos corvos — uma comoção de asas de penas pretas nas árvores como as das selvas à beira do campo — e ali, o Rei dos Corvos voando sobre ela, batendo as asas num furor — se num gesto de proteção a ela, ou de punição, de asco dela como os outros, ela não sabia.

Corre! Vem! Por aqui!

Abaixada, indo em frente como uma criatura grotesca de coluna quebrada, empurrando plantas e adentrando a área pantanosa em que seus pés afundaram na lama e insetos se lançaram em seu rosto e pele e lá em cima o Rei dos Corvos continuava a grasnir *Corre! Por aqui! Por aqui!* e ela se deparou com uma área aberta próxima a um córrego raso em que inúmeros rastros de pássaros estavam marcados na lama como linguagens desvairadas e ensurdecedoras guerreando entre si, e cabia a ela encontrar sentido nelas, cabia a ela embora o cérebro humano não pudesse decifrar tantas linguagens, tamanha vastidão, enquanto lá em cima pássaros piavam e zombavam e o Rei dos Corvos grasnava para ela, mas estava exausta demais para prosseguir, então dormiu onde estava, na lama, o cabelo incrustado pela lama, lama nas narinas, na boca, ela pensou *Agora eu vou sonhar com Deus. Esse lugar aqui só Deus é capaz de redimir.* Ao despertar viu que o sol parecia tardio no céu como se aquele fosse um dia de folga de outra época agora perdido e recuperável apenas pela memória

através de um esforço extremo de que seu estado de fraqueza não era capaz. E nesse lugar ao ar livre estava nua, terrivelmente exposta, vulnerável e pequena e os seios doídos e sensibilizados por causa das feridas, feridas de mordidas, onde o estuprador tinha afundado os dentes — ele tinha? —, os mamilos lacerados como se sugados, mordidos de forma violenta. E com isso também ela se deu conta *Não há nada do que te aconteceu que não tenha acontecido com outras antes de você*. Assim até a dor lhe era uma repreensão.

Contudo havia beleza até ali, que era uma repreensão a seu desespero. Por todos os lados os alagadiços repletos de galáxias de poças de luz bruxuleante — um imenso espelho quebrado refletindo o céu quebrado.

Nesse dia meio nublado o sol tinha uma força anormal. Mesmo atrás de um forro de nuvens como olhos semicerrados o sol tinha uma força anormal.

Despertou com o cheiro de pântano nas narinas, nos cabelos e na boca e o Rei dos Corvos lá em cima, numa conífera espigada e alta despojada de quase todos os pinhos e retorcida como uma coluna disforme, contudo ali também havia um tipo estranho de beleza, assim como no pássaro de penas pretas e lisas de olhos amarelos selvagens, e a Mulher de Barro soube, estava grávida; e o que resultaria do sêmen do estuprador preso dentro dela, ela não fazia ideia.

“Ai. Meu Deus.”

Devia ter caído no sono, o livro grosso caiu de suas mãos e a acordou com um susto.

Levantou-se rápido: que horas eram? Onde estava?

... na biblioteca do térreo da Charters House. Descalça e em roupas mínimas e tremendo sem parar como uma interna demente e apavorada no canto de um hospício de outrora, na esteira de um sonho tão visceral que passaria a impressão de não ter nenhum conteúdo visual ou intelectual ou até emocional, mas de ter sido o equivalente a ficar presa dentro de um sino repicante ou ser arrastada por um carro acelerado por uma estrada de pedregulhos, e no entanto não sucumbiria, não cederia ao que fosse, à visão qualquer, ou falta de visão qualquer, pois era forte e determinada e era M.R. Neukirchen — se lembrou do nome, num triunfo — e era um nome forte e de respeito — era *o nome dela* — ela sobreviveria àquele dia assim como aos outros dias enquanto fosse capaz e portanto voltaria ao segundo andar da Charters House e tentaria dormir até a hora de se

levantar da cama com os pios dos primeiros pássaros e faria sua caminhada solitária até o ginásio da Universidade rumo à piscina cavernosa da Universidade que era aberta às 5h para nadadores solitários como ela e, se o dia corresse como os outros dias de M.R., não chegaria depois das 5h30.

Esta é a minha vida agora. Vou vivê-la!

Menina de Barro, estimada.

Maio–junho de 1968

Na ponte da Convent Street caminhavam juntas. Embora não fosse mais uma menina pequena, a sra. Neukirchen segurava sua mão com força e carinho e a sra. Neukirchen lhe contava uma história, como costumava fazer nessas horas em que estavam a sós, com aquela voz macia e ofegante de menina que levava Meredith a pensar que a história *de fato acontecera*, por mais que a história na verdade fosse um conto de fadas — um dos contos de fadas com finais felizes e tão adequados aos ouvidos das crianças — “A bela adormecida”.

Quanta alegria! A sra. Neukirchen e a filhinha andando juntinhas, na estreita passarela para pedestres da ponte da Convent Street.

Apesar de a sra. Neukirchen ter de andar devagar por causa das pernas e dos tornozelos inchados. E Meredith tinha de andar devagar para acompanhar a mãe, embora a Menina de Barro tivesse vontade de se desvencilhar e correr, correr — correr pela ponte da Convent Street como um cãozinho vira-lata irrequieto que só quer se livrar das garras da dona e fugir.

Fugir para onde?

Você já esteve nesse lugar. E esse lugar é lugar nenhum.

“A bela adormecida” era — quase — uma história assustadora porque a bela adormecida foi enfeitiçada por uma bruxa cruel e dormiu e dormiu e dormiu por muito tempo até ser acordada pelo filho do rei, e a sra. Neukirchen não parecia entender que a história era assustadora porque terminava com as palavras *E então o casamento do filho do rei com a bela adormecida foi celebrado com grande pompa, e eles viveram felizes para sempre.*

Se não se escutasse o final, era uma história assustadora. Porém o final tinha o intuito de mudar a história, como se fosse possível alterá-la de trás para a frente.

E narrada na voz especial que a sra. Neukirchen usava para contar histórias e num transe de concentração, Meredith contemplava do parapeito da ponte a água correndo lá embaixo, sussurrando e rindo baixinho e uma sensação febril surgiu dentro dela e se pegou dizendo,

como se o rio falasse através dela, “Você me achou em algum lugar — mamãe — e me trouxe para casa?”.

Tinha sido difícil aprender a dizer *mamãe*. Fora instruída a dizer *mamãe*, *papai* como uma criança surda-muda ensinada a balbuciar sons que fosse incapaz de ouvir. E agora tinha dito a coisa errada. Como a Menina de Barro deveria saber. Como a Menina de Barro de fato sabia, na sequência de choque e consternação de sua pergunta que tanto parecia uma indagação de conto de fadas ingenuamente feita a uma madrasta de conto de fadas.

A sra. Neukirchen a fitou, horrorizada. O benevolente rosto de lua, de beleza desgastada, ficou vermelho e os olhos marejados de mágoa e reprovação.

“‘Te achar!’ ‘Te trazer para casa!’ Do que é que você está falando, Merry? Você sempre foi nossa — Deus mandou você para *nós*. Dentre todas as pessoas que existem no mundo — você é a nossa filha.”

A voz da sra. Neukirchen tremia de mágoa e indignação. Pois quando a madrasta se magoa, há também indignação.

A sra. Neukirchen não soltou os dedos de Meredith, e sim os apertou com ainda mais força. O tráfego corria sobre a ponte da Convent Street, fazendo a ponte antiga de ferro forjado vibrar e estremecer e as tábuas rangerem, e sob a ponte, de onde Meredith o contemplava, o rio era ligeiro e dotado de objetivo. A sra. Neukirchen continuou falando mas Meredith ouviu apenas essas palavras repetidas com desespero — “Você sabe disso, não sabe, Merry? Dentre todas as pessoas que existem no mundo — Deus trouxe você para o sr. Neukirchen e para mim — entendeu?”

Era verdade? A Menina de Barro não se lembrava.

Emaranhada com o som sussurrante e risonho do rio havia a lembrança de — uma casa que não era a casa dos Neukirchen, mas outra menor — a voz nasalada e aguda de uma mulher chamando *Jew-ell!*

Mas na verdade a lembrança tinha sumido. Borrada e desbotada como um outdoor desgastado pelas condições climáticas. Assim como o coitado do Puddin sibilante, cujo rabo curto era abanado com tamanha avidez até seus últimos, agonizantes meses, tinha começado a definhar — tinham amado muito o Puddin, e Puddin os amara muito, mas um dia Puddin se foi e não seria bom — “saudável” — remoerem o falecimento de Puddin.

A chorosa sra. Neukirchen se agachou para abraçar a filhinha. Agora não havia escapatória, a Menina de Barro precisava ficar imóvel e passiva nos braços aflitos da mãe.

E a Menina de Barro era uma boa menina, de verdade. A Menina de Barro tinha aprendido a ser boa menina, num transe de terror sorridente gaguejou *Cla-claro. Cla-claro ma-mamãe não chora.*

Há um dia, uma hora. Quando a pessoa entende que o rio que flui ligeiro corre em uma única direção, e nada pode invertê-lo.

“Você me achou em algum lugar, papai? E me trouxe para casa?”

Feito sapinhos venenosos num conto de fadas essas palavras pulavam da boca da criança.

O sr. Neukirchen dirigia — devagar, meticuloso — pela ponte da Convent Street. Pois era uma ponte antiga, estreita e ruidosa, e papai tomava cuidado ao cruzar qualquer ponte, como o próprio dizia, com qualquer passageiro a bordo e em especial a filha querida. E como era mais agradável dirigir — ser conduzida — pela ponte do que caminhar, pois dentro do carro era possível fechar os olhos e não ver a água cor de ardósia correndo lá embaixo ou o parapeito de ferro junto ao carro. E quando estavam do outro lado da ponte, Meredith abria os olhos e não havia água correndo — nenhum perigo.

Esse dia — uma manhã de sábado em junho — foi umas semanas depois de atravessar a ponte caminhando com a sra. Neukirchen, quando Meredith fez a pergunta esquisita que tanto chateou a mãe, e nesse ínterim tanto a sra. Neukirchen como a filha haviam se esquecido das palavras trocadas como se as palavras nunca tivessem existido e, portanto, foi uma surpresa para Meredith essas palavras chocantes lhe ocorrerem de novo quando estava com o sr. Neukirchen — *Você me achou em algum lugar, papai? E me trouxe para casa?*

Pois ela realmente não se lembrava. Apenas de leve os nomes *Jew-ell — Jedina* — ressoavam na memória como sinos repicando ao longe.

Mas papai não se aborreceu com a pergunta da filha que nem a mamãe. Porque papai raramente se aborrecia que nem a mamãe — era sua “alma fleumática”, como papai dizia. Por um instante emudeceu, mordeu o lábio inferior numa expressão cômica de quem reflete bastante, e depois riu e disse, sem alterar o tom, como se a pergunta da filha fosse a pergunta mais natural do mundo, “Meredith, é claro que sim! Nós te achamos! Mas não foi em ‘algum lugar’ — foi num lugar muito especial. Você não tem como se lembrar — você era *muito pequenininha* — nós te achamos debaixo de um cogumelo do quintal, perto do portão do jardim — não em um

daqueles cogumelos miudinhos que brotam em tudo o que é canto, mas num cogumelo especial bem grande, do tamanho de” — papai lançou seus pensamentos como quem joga uma rede frouxa, para ver que coisinha fofa agarraria — “uma galinha vermelha. Grande desse jeito”.

Meredith deu risada, papai era sempre muito engraçado. Um cogumelo! Uma galinha vermelha! Até quando não se tinha ideia do que papai estava dizendo, papai era muito engraçado.

Mas papai contraiu o rosto ao franzir a testa. “Quê? Qual é a graça? É verdade verdadeira — sua mãe e eu te achamos, uma *coisinha pequerrucha do tamanho de um pintinho*, debaixo de um cogumelo especial perto do portão do jardim. Está vendo, você não tem como se lembrar disso — e agora o cogumelo especial não existe mais.”

Meredith sabia o que era um *cogumelo* especial — servia de *banco* para os *sapos* —, papai havia explicado. Nunca tinha visto um sapo de verdade sentado em um cogumelo, mas era esse o objetivo dos brotos cinza esquisitos que infestavam as proximidades do jardim de manhã cedo, que viravam pó se não fossem tocados com delicadeza.

Mas era uma tolice — não era? — acreditar que os pais a acharam debaixo de um cogumelo. Mesmo se fosse um cogumelo especial e grande.

Papai insistiu, “Foi sim! Nós te achamos lá, era exatamente lá que você estava quando a gente bateu os olhos em você pela primeira vez”.

Meredith riu ao dizer que *não*.

Papai insistiu que ela estava *sim*.

“Mas é claro que nós pedimos. Que nem a gente pede pizza no Luigi’s — por telefone. Em vez de pizza de pepperoni, queijo e tomate, a gente pediu uma *menininha linda do tamanho de um pintinho* — cabelo castanho ondulado, olhos castanhos, pés grandes e estreitos — *Meredith Ruth — Merry*.”

A essa altura Meredith gargalhava tanto que quase fez xixi nas calças. Ela quase nunca gargalhava, exceto quando o papai brincava ao seu estilo de papai engraçado, falando e falando — e falando —, levantando as mãos do volante para gesticular e coçando a barba; não havia como parar o papai nem sequer questioná-lo, pois em tais circunstâncias papai era um vórtice puxando tudo para dentro, cada vez mais rápido, de modo que até mesmo a pergunta feita por Meredith ia se perdendo mais e mais até ser esquecida pela própria Meredith, que ficava volúvel e ofegante e trêmula de tanto rir e de repente — pois era típico de papai ser abrupto nessas questões, como

se desligasse a tevê — papai levou o indicador até o nariz para sinalizar que *é segredo*, que mamãe não precisava saber.

Então esse também foi um bom final. Meredith nunca nunca nunca *nunca mais* faria aquela pergunta boba de novo.

Mulher de Barro, desolada.

Abril de 2003

Por favor, me liga. Eu estou precisando de...

Na nebulosa distante ele viajava. Através de constelações cujos nomes não significavam nada para ela — Centauro, Hidra. Fazia anos-luz que ele havia sumido da vida dela e contudo ela telefonava, ou tentava — os números há muito decorados de Cambridge e do Observatório Nacional de Kitt Peak, no Arizona — deixando recados sucintos e enigmáticos para o caso de a esposa desconfiada verificar a caixa de mensagens dele.

Por favor, Andre, me liga. Eu preciso de... confirmação de... uma coisa.

A voz alta ao estilo alegre típico de M.R., pois não conseguia evitar, M.R. precisava sempre deixar o ouvinte seguro de que sob a súplica bruta havia bem-estar espiritual, bom senso. Não um tipo qualquer de *mulher histérica*.

Para além da Terra, não existe dia e não existe noite. Tudo é iluminado pela “luz estelar” — a luz mais bela de todas. E tudo é silêncio — a mais bela música.

Na piscina da Universidade sentira uma exaustão estranha ao nadar, embora não tivesse se exercitado além do normal. Meia hora vigorosa dando voltas na piscina, mas em pouco tempo os braços começaram a ficar cansados, a respiração ficou curta e irregular e o coração passou a bater rápido demais, e ao cambalear pelos ladrilhos se flagrou contemplando uma constelação de bolhas em miniatura na água depois da passagem do nadador aluno de graduação de ombros largos e cabelo preto e liso.

Mas essa bolha de tempo! Essa bolha de tempo que diminui rapidamente, em que coexistimos...

Foi um terror para ela, essa conscientização. De que sua vida passava rápido e o tempo em que poderia amar e ser amada no âmbito íntimo da vida com outra pessoa passava cada vez mais rápido.

O garoto de ombros largos que não parecia tê-la reconhecido — ou era muito tímido, ou muito arredo, para demonstrar que a reconhecia. Tratava-se de uma universidade em que alunos de graduação assumiam o papel de adultos com zelo e habilidade precoces e não relutavam em apertar as mãos dos mais velhos, e no entanto ali estava o garoto,

provavelmente membro da equipe principal de natação da universidade, um campeão regional durante o colegial em — onde? — no Meio-Oeste, talvez — e aquele horário não era de treino, mas tempo extra para ele mesmo, a sós; e o desembaraço sinuoso de seu corpo, os ombros esculpidos, quadris estreitos e protuberância do genital e a água escorrendo pelas colunares pernas musculosas e sentiu de novo a emoção do pavor, da privação — privação sexual — à medida que as bolhas emergiam da água turbulenta e desapareciam no segundo seguinte. *Eu estou perdendo tudo — não estou? O que foi que aconteceu, para eu estar perdendo tudo?*

Menina de Barro, desejada.

Outubro de 1977

Naquela época a Menina de Barro circulava entre os outros como se fosse um deles.

Meredith Ruth Neukirchen: um nome sério e chocho que lhe caía bem.

Era uma atleta — mas não uma atleta espetacular. No time de basquete feminino a defensora confiável e magricela de braços e pernas compridos que passa a bola para as companheiras mais ágeis e agressivas, para que a enterrem na cesta — *uma ótima companheira de equipe*.

Claro que era inteligente. Apesar de tímida e da pouca tendência a falar nas aulas, se sobressaía nos testes e nos trabalhos escritos e era tão “talentosa” — ao menos para os padrões das escolas públicas de Carthage — que os professores mais responsáveis tomavam o cuidado de não a elogiar demais na presença dos colegas de classe, ou até para os pais dela, que eram vistos como pais hipervigilantes que *se preocupavam excessivamente* com a filha única. Os professores mais sagazes economizavam elogios até à própria Meredith, pois sentiam um quê de fanatismo e um pouquinho de desespero na menina, que poderiam florescer e consumir boa parte de sua vida. No último ano na Escola Fundamental de Carthage, Meredith já tinha acumulado inúmeras honrarias e prêmios acadêmicos e era vista pelos colegas de classe com o tipo de orgulho condescendente que se tem pelas conquistas de uma irmã mais velha que também é manca, tem braço deformado ou fenda palatina.

Era essencial para a Menina de Barro que não fosse *malquista*. Que ninguém sentisse *inveja*, *ciúmes* dela. Tão somente que, no estreito universo do colegial de Carthage, havia um lugar para *Meredith Ruth Neukirchen* que pertencia a ela, que lhe permitisse sobreviver e até crescer.

Com a média de quase dez ela foi nomeada a oradora da turma. Mas como era copresidente do comitê do baile de formatura e trabalhava incansavelmente pendurando serpentinas de crepom e lanternas de papel no ginásio, arrumando mesas e cadeiras e encomendando comida e refrigerantes, ninguém pensou em exortar algum garoto para convidá-la para o baile como “acompanhante” — e por isso Meredith ficou em casa no fim de semana do baile, como era habitual em tais ocasiões, com os

pais. Se ficou frustrada, magoada, envergonhada ou humilhada — era agradável demais — ou era muito perita em estoicismo — para trair algum indício. O sr. Neukirchen brincou que poderia levar Meredith ao baile — “Se permitirem a entrada de pais que só sabem dançar foxtrote e têm uma perna de pau” — mas a sra. Neukirchen se opôs, dizendo que a ideia era totalmente ridícula — “A Merry não precisa desse ‘baile’ bobo lá *deles*. Ela tem *a nós*.”

Não no final da primavera do último ano letivo de Meredith, mas no outono anterior, isso aconteceu.

Meredith não devia contar a ninguém. Principalmente aos Neukirchen!

Ele era o professor de matemática dela, o sr. Schneider. De longe o menos popular dos professores da Escola de Ensino Médio de Carthage em razão da complexidade da matéria, aos testes orais “relâmpago”, às avaliações rigorosas e ao ar habitual de mal disfarçado desdém pelos alunos, colegas, pela cidade de Carthage em si. Era um homem taciturno que podia ter qualquer idade entre trinta e cinco e cinquenta anos, com linhas de expressão verticais na testa, nariz adunco e uma narina maior que a outra como uma órbita ocular vazia. Hans Schneider era alto e magro; os ombros eram encurvados, como asas quebradas; as roupas ficavam largas e eram sempre as mesmas — camisa de algodão branca de mangas compridas, gravata listrada, calça de gabardine de fundilho lúcido. Os óculos eram uma armação de plástico preta e grossa quase sempre torta sobre o nariz. Cheirava a pó de giz, leite ou manteiga azeda — ou alho; os dentes eram desnivelados, cinzentos e finos como os de uma criança. Era comum ficar resfriado, ou pior — durante a aula virava para o lado para espirrar, tossir, fungar, assoar o nariz numa sucessão de lenços asquerosos que se acumulavam em cima da mesa; às vezes, para o incômodo e constrangimento dos alunos, ele precisava usar um inalador qualquer de plástico que ficava na gaveta da mesa.

Diziam que era “esquisitão” — uma “bicha” — um “nazista” — mas na aula de matemática, ninguém ousava se comportar de forma desrespeitosa para com Hans Schneider. Sabia-se que ele era muito inteligente — o mais inteligente dos professores da Escola de Ensino Médio de Carthage, de longe. Sem sombra de dúvida impunha disciplina rígida. Quando ia, desengonçado, para a frente da sala para bater o giz contra o quadro-negro formando ligeiras figuras geométricas, equações e algarismos que deixavam muitos dos alunos confusos, Meredith se dava conta de que o

professor devia estar compensando uma perna que lhe causasse dor, ou que fosse um pouquinho mais curta que a outra perna; o jeito evasivo, o pendor para o sarcasmo indigesto, era uma espécie de camuflagem, como a dela.

Ela havia começado a ler os “clássicos” da biblioteca do pai — um deles foi o volumoso *Diálogos de Platão* — e nele ela tinha lido, dentre muitas coisas que pouco lhe diziam, mas que a animavam pelas certezas dogmáticas e pelos paradoxos, que *beleza é simetria e exatidão*. E portanto via que o sr. Schneider era *desequilibrado* de alguma maneira.

Igual a ela, Meredith ponderou.

Pois não raro Meredith via nos espelhos, para seu desalento, que um de seus olhos era maior que o outro, ou que ficava em um ângulo diferente no rosto; as sobrancelhas cresciam unidas no alto do nariz mas, às escondidas, sem que a mãe desconfiasse, ela tirava o excesso de pelos com a pinça que pegava emprestada da “penteadeira” da sra. Neukirchen. E na aula de educação física Meredith às vezes tinha a impressão de que corria *torta* — apesar de que naquela desordem e agitação fosse pouco provável que alguém reparasse.

Embora a Menina de Barro circulasse entre os outros como se fosse um deles — embora tivesse aprendido, ela imaginava, a imitar muito bem o jeito de falar, os gestos, a forma como moviam seus corpos, o tom das risadas e as alternações de humor, ligeiras e aparentemente fortuitas como os voos repentinos dos pássaros — claro que era perceptível à primeira vista, para um observador perspicaz como Hans Schneider, sua condição de impostora, mesmo sem se levar em conta sua enorme inteligência e sua conduta em sala de aula.

Ele a estava vendo, Meredith sabia. *Vendo-a* de uma maneira que nem os Neukirchen eram capazes de vê-la.

E frequentemente olhava fixo para ela, sem motivos claros, durante a aula de matemática, com uma intensidade com que nenhum outro professor a olhava.

“Bom, Mere-dith! Me parece que você acertou algumas, não é?”

Devolvendo os testes, questionários e deveres de casa feitos com primor por Meredith, o sr. Schneider fazia o que era possível para se debruçar sobre a carteira de Meredith, se aproximar o suficiente para que ela pudesse sentir seu cheiro de suor e seu bafo, que as outras meninas descreviam como *bafo de alho*, ou, quando eram mais cruéis, *bafo de múmia*. Ele tinha o costume de ignorar alunos como se a existência deles

por si só já o aborrecesse e ali estava ele, se debruçando sobre Meredith Neukirchen na carteira dela, na primeira fila — estreitando os olhos para ela através dos óculos tortos como se ela fosse uma espécie rara.

“A não ser que você tenha um pai que te ajude em casa, você fez um ótimo trabalho.” Seus modos eram de uma jovialidade atabalhoada — uma imitação tosca da maneira que ele supunha que os outros professores da Escola de Ensino Médio de Carthage falavam a fim de fazer os alunos rirem. “E se quem te ajuda é a sua mãe, ela é muito boa — para uma dona de casa de Carthage, Nova York.”

Meredith deu uma risada constrangida. Era para ser engraçado? Meredith não teve a audácia de insistir que fizera o dever de casa sozinha — claro, ela fazia todo o dever de casa sozinha — pois daria a impressão de estar provocando o professor.

Ele havia se apiedado, por fim. Ao ver a expressão alarmada no rosto enrubescido de Meredith e a forma como os outros alunos da classe o fitavam, incrédulos, como se um zumbi tivesse ganhado vida: não porque o zumbi fosse capaz de convencer ao imitar um ser humano, mas por não ser sequer capaz de ganhar vida.

Numa outra ocasião, o sr. Schneider parou Meredith no final da aula, quando os outros saíam em massa da sala.

“Mere-dith! Me diga uma coisa — você gosta de geometria?”

Sim. Meredith gostava de geometria.

“E por que é que você ‘gosta’ de geometria, Meredith?”

Porque a geometria abarcava desenhos de figuras bem como números — dava para visualizar os problemas, não só pensar neles. E porque — ela refletiu — geometria era sempre igual.

“Mas como é que você sabe que geometria é ‘sempre igual’, Meredith? Você já vivenciou a geometria na China? Na Índia? Ou em Marte?”

Meredith teve de admitir que não.

“Então como você pode ter certeza de que geometria é ‘sempre igual’? Existem ‘leis’ da natureza que não se aplicam a galáxias distantes, entende? Regiões em que o tempo não existe ou, se existe, confunde todos nós porque corre no sentido inverso — então nunca é hora de ir dormir, por mais cansada ou entediada que você esteja.”

Meredith sorriu vagamente. Não fazia ideia de como responder a tal afirmação. Tentou pensar em como Platão ou Sócrates — ou Isaac Asimov — responderiam, mas não lhe ocorria nada.

Ela não disse ao professor *Porque geometria é um jogo, e não algo real — é por isso que eu gosto. Porque existem regras que você pode aprender para jogar o jogo.*

Embora provavelmente percebesse que a aluna estava tomada pelo acanhamento e pela inibição, louca para se afastar dele, o sr. Schneider persistia no interrogatório: “E — Mere-dith! — o que você me diz do ano singular de 1111 A.D.?”

O ano singular de 1111 A.D.? Também seria uma piada?

Quando os outros professores de Meredith se dirigiam a ela, a essência do que tinham a dizer era clara e acessível e não havia necessidade de tentar decodificá-la — mas o que o sr. Schneider estava falando tinha pouco a ver com as palavras que enunciava em seu tom jovial forçado.

Meredith murmurou que não fazia ideia de como era 1111 A.D.

“E o ano singular de 3011 A.D.?”

E não fazia ideia de como era 3011 A.D.

“Como você pode ter certeza de que a geometria da época vai ‘ser igual’ à de agora?”, o sr. Schneider riu, triunfante.

Meredith escutava com educação e seriedade, pois era esse o jeito de a Menina de Barro apaziguar os mais velhos.

Não era de bom-tom achar que os mais velhos eram dementes, ignorantes, burros ou maliciosos. Nunca era bom ter tais pensamentos por medo de que uma dessas pessoas mais velhas lesse a mente dela, por trás do sorriso sóbrio e educado de boa menina.

“Imagina-se que a matemática seja eterna — permanente — porque essa é a beleza da coisa. Mas como é que a gente vai saber — não achar, mas *saber* — se ela é eterna, permanente? Na física quântica...”

Meredith entendeu que o sr. Schneider estava tirando sarro de sua sobriedade de colegial, como seu pai volta e meia fazia. Mas com o sr. Neukirchen ela sabia que as brincadeiras eram carinhosas, e com o sr. Schneider não dava para ter certeza pois existia nele uma índole coerciva. Uma sensação incômoda de que, se Meredith fizesse menção de se retirar da sala, o sr. Schneider seria ríspido com ela, ou esticaria o braço para segurá-la.

“... o impossível se torna necessário, para que se creia. Porque o meramente possível é inadequado.”

Os alunos retornavam fazendo barulho, para a aula de matemática seguinte. Meredith não saiu correndo da sala, mas partiu depressa.

“Mere-dith. Por favor, venha me ver na hora da saída.”

Com mais frequência, em outubro daquele ano, Hans Schneider passou a murmurar essas palavras para Meredith em voz baixa, como se não quisesse que os outros alunos o ouvissem.

Isso era essencial: o professor de matemática não estava pedindo para vê-la depois da aula, como era normal solicitar aos outros. Mas na hora da saída, às 15h15, quando era provável que estivesse sozinho na sala de aula, e Meredith seria a única visita.

Ele queria estabelecer algum tipo de relação entre eles, Meredith sabia. Desde o início do primeiro semestre do último ano ela teve essa impressão — havia uma diferença bastante categórica entre o interesse do sr. Schneider por ela e o interesse dos outros professores por ela; nunca tinha cursado nenhuma matéria com o sr. Schneider até então, e ficou perplexa com ele. O fato de que sempre dava notas altas em seus testes — rabiscadas num garrancho, a tinta vermelha — não parecia protegê-la de sua conduta coerciva, toscamente jovial.

Fazia parte da técnica do sr. Schneider chamar os melhores alunos ao quadro-negro, para resolver os problemas do dever de casa para o restante da classe. Havia alguns estudantes que convocava, mas nenhum com tanta frequência quanto “Mere-dith” — no começo era dominada pela timidez e pelo constrangimento, como se ficasse nua diante dos olhares dos colegas, mas aos poucos, ao longo das semanas, se acostumou a escrever no quadro-negro à medida que ia explicando o que estava fazendo. Na sala de aula de Hans Schneider, Meredith aprendeu a “lecionar” — lhe era evidente que o sr. Schneider sabia a matéria de cor e salteada mas não conseguia criar um vínculo com os alunos: ele presumia que todos os alunos sabiam mais ou menos o que todos os outros sabiam e não reparava nos alunos deixados para trás, totalmente confusos; não entendia que o mau humor e o rancor de um aluno tinha a ver com *ele*, pois achava que se devia somente às deficiências do estudante. Talvez o sarcasmo habitual fosse uma espécie de timidez, Meredith ponderou: uma máscara sob a qual se esconder.

Enquanto o sr. Schneider seguia com fala arrastada e murmúrios e às vezes falava de costas viradas para a classe, indiferente à plateia, Meredith aprendia a falar com clareza, para que os alunos das últimas fileiras pudessem escutá-la. Ela, que não seria capaz de se dirigir a um grupo de colegas de classe com certa tranquilidade no refeitório, por exemplo,

achava natural falar com os colegas da frente da sala, pois a atenção deles, fixada nela, lhe dava tal permissão; mais que permissão, era uma espécie de súplica, pois Meredith era a mediadora deles na aula de matemática, a única esperança que tinham de compreender. Ensinar numa sala de aula cheia de alunos era na verdade apenas uma maneira de falar com indivíduos, um por um, Meredith refletiu: ela fixava o olhar neles, sorria, ia direto ao ponto e não usava nenhum tipo de humor ou ironia, que só serviria para confundi-los; se fosse capaz disso, você fazia com que eles pensassem que o que estavam aprendendo era mero senso comum, e que já sabiam daquilo antes. Transmitir conhecimento era um prazer — já o sr. Schneider parecia sempre ter má vontade em passar aos alunos seu conhecimento de matemática, que deviam extrair dele como se espremessem um trapo para arrancar umas gotinhas de água.

Enquanto Meredith resolvia um problema típico do dever de casa, o sr. Schneider a observava a alguns metros de distância; pronto para atacá-la caso cometesse algum erro; mas Meredith não cometia erros. Se o sr. Schneider lhe passasse problemas que fossem além dos deveres de casa, seria bem provável que Meredith ficasse confusa, mas o sr. Schneider nunca agia assim. Ficava por perto enxugando o nariz com o lenço de papel, ou brincando com o giz; se encurvava feito um corvo de costas quebradas; na verdade, havia nele alguma semelhança com os corvos, uma cautela sinistra de olhos amarelados, que poderia ter servido de amparo a Meredith caso não a perturbasse tanto.

“Imagino que você saiba, Meredith — dentre os nossos alunos de Carthage, você é especial.”

Era para ser uma afirmativa ou uma pergunta qualquer? Estaria ele *zombando*?

O rosto de Meredith ficou vermelho. A sensação foi ao mesmo tempo prazerosa e incômoda.

Uma voz a advertiu *A Menina de Barro não é especial! Você sabe bem disso.*

“Claro que você não tem ‘dom’ natural para a matemática — digo, dom genuíno. Você é uma boa aluna de matemática escolar — na faculdade, você perceberia logo as suas limitações. Pelo que eu já ouvi falar a seu respeito, você tem ‘talento’ para outras coisas — para escrever — mas a matemática é muito especial, e poucas pessoas estão à altura do que ela exige.” O sr. Schneider falava sem alterar o tom de voz, como se fosse

uma verdade que tivesse de ser dita, embora Meredith com certeza fosse se magoar ao ouvi-la. “No entanto — em você — à parte da ‘matemática’ — há uma espécie de — profundidade” — agora, Hans Schneider hesitava, pestanejando por trás dos óculos enormes, como se não soubesse bem o que queria dizer — “na sua alma, que nenhum dos seus colegas de Carthage tem. Essa — profundidade — é muito mais valiosa que um — um dom — para...” A voz do sr. Schneider se dissipou como a voz de quem tateia no escuro.

Meredith, assaz constrangida, não tirava os olhos do chão, dos próprios pés. Apertava os livros e os cadernos contra o peito. O que é que aquele homem-corvo esquisito estava lhe dizendo!

Profundidade? — Alma? Ela tinha certeza de que a Menina de Barro não tinha alma.

Tinha sido ele a tirá-la do alagadiço, quando era muito pequenininha? Quase dava para ver o rosto dele — o rosto do sujeito que fizera caretas e grunhira, segurando-a pelos ombros, puxando-a. Tinha sido — aquele homem, Hans Schneider — ele?

“Você é adotada, imagino eu. Seus pais biológicos são — desconhecidos?”

Com franqueza surpreendente o sr. Schneider se dirigia a ela. Meredith ficou tão surpresa que não conseguiu responder.

“Não estou querendo me intrometer. Eu jamais trairia a sua confiança. Os fatos da sua vida — sua vida de antes — não são um segredo, entende — e sim uma questão de ‘domínio público’. Mesmo assim, eu não iria — se você fica incomodada em falar dessas coisas...”

Meredith balançou a cabeça. Não.

“Não? — o quê?”

“Não. É um engano.”

“É — engano? Você não é adotada?”

“Não sou — ‘adotada’.”

“Entendi.”

O sr. Schneider franziu a testa. Não fazia o gênero de Meredith Neukirchen — não fazia o gênero de nenhum dos alunos do sr. Schneider — contradizê-lo de forma tão direta. Mas ela não recuaria. Seu coração palpitava de raiva, como o coração de um bichinho enfurecido, e com tranquilidade ela declarou, “Pode perguntar aos meus pais, sr. Schneider. Eles contam ao senhor”.

“Ah — entendi.”

“Acho que o senhor os conheceu — eles conheceram o senhor — na reunião de pais e alunos. Pode perguntar a eles se eu sou adotada...”

Foi um momento embaraçoso, mas o sr. Schneider não queria que Meredith fosse embora, por enquanto. Sem jeito, voltou ao assunto anterior — e que aluna de matemática “boa, ainda que não tivesse o dom” era Meredith; numa súbita rajada de elogios disse que, na opinião dele, ela sem dúvida nenhuma devia tentar ingressar na faculdade, mas não nas licenciaturas das faculdades públicas de Nova York — “Alguma instituição de prestígio, como a Cornell.”

Os Neukirchen haviam estudado em faculdades públicas: Agatha se formara em biblioteconomia em Albany, Konrad estudara na Buffalo State. Cornell era uma universidade particular e sabidamente muito cara, e Meredith não tinha nenhuma esperança genuína de se candidatar a uma vaga nela porque os pais não poderiam arcar com as mensalidades e, de qualquer modo, esperavam que ela fizesse uma licenciatura, se educasse para ser professora de colégio e voltasse para Carthage.

É claro — não vamos te pressionar a nada, Merry querida!

Você vai tomar o caminho que quiser no mundo — você é muito, muito talentosa, a gente tem certeza disso!

Mas ser professora é uma vocação sua — assim como a biblioteca é uma vocação para mim — e você poderia morar aqui na nossa rua...

... poderia morar aqui na nossa casa...

... poderia morar exatamente onde mora agora...

... quando nós estivermos velhos e precisarmos da nossa filhinha. Promete?

Era hora de Meredith sair da sala do sr. Schneider, com suas cinco fileiras de carteiras, o quadro-negro turvo de giz e os odores repugnantes. Ele a rodeava, indeciso; com os dedos mexia em tocos de giz que quebrava por conta do nervosismo, aparentemente sem perceber o que fazia.

“Eu — eu tenho treino de basquete, sr. Schneider. Tenho que ir.”

“Só um minutinho! Claro que o seu ‘timinho esportivo’ pode esperar.”

“O treino começa às...”

“Olha, Meredith: você não é que nem as outras. Nem mesmo os outros bons alunos — eu vejo no fundo da alma deles, eu juro. Mas você...”

Meredith estava ficando angustiada. O relógio na parede marcava 15h49 — o treino de basquete começara às 15h30. Antes de completar dezesseis

anos já ficava ansiosa com a possibilidade de *se atrasar*.

O sr. Schneider persistia, como se lesse os pensamentos dela, “Você está com dezesseis anos, Meredith — não é? Daqui a cinco anos, vai ter vinte e um. Eu tenho vinte e nove e daqui a cinco vou ter trinta e quatro. A diferença não é tão abissal. Em certas culturas, é inexistente.”

Vinte e nove! Meredith imaginava que Hans Schneider tivesse uns dez anos a mais.

Num torpor, ela fitava o chão. Os ouvidos zumbiam. Não tinha certeza de ter ouvido o que tinha ouvido.

“Você não é uma menina rasa, Meredith. Você não é uma menina bonita — não é vaidosa, infantil. Você não teve infância. Você tem uma *maturidade* que ultrapassa a dos outros. Você — assim como eu...”

No rosto de Hans Schneider havia a expressão desafiadora de quem passou a vida inteira erigindo uma estrutura complexa a partir de um material frágil como papel e agora, com um gesto impensado, estava decidido a destruí-la. A gravata de listras foscas estava afrouxada em torno do pescoço, como se a tivesse puxado. Os dedos estavam brancos de pó de giz e havia marcas de giz no rosto. Com a voz trêmula ele disse:

“Você poderia me esperar. Não vai ter outros homens — garotos — não muitos — indo atrás de você. A ‘vida corpórea’ não vai ser fácil para você — pode ter certeza. Nós — você e eu — podíamos fazer um pacto, tipo um — contrato.”

Se os Neukirchen ficassem sabendo desse diálogo! Meredith precisava protegê-los.

“Acho que a gente já tem um acordo, não é? Desde o dia em que você entrou nesta sala. E depois, quando eu mandei você ir ao quadro-negro para mostrar as propriedades do triângulo isósceles...”

Meredith se lembrou: depois de conhecer Hans Schneider na reunião de pais e professores da escola, o sr. Neukirchen ficara tão curioso a respeito do professor de matemática da filha — “Que personalidade autêntica!” — que pesquisara o passado de Schneider e descobrira que ele fizera faculdade num lugar bastante incomum — Escócia! Hans Schneider tinha um bacharelado da Universidade de St. Andrews. Embora os avós vivessem em Watertown, a menos de trezentos e cinquenta quilômetros de Carthage, os pais dele viviam em Boston, e ele havia ingressado na Universidade de Boston para fazer mestrado em matemática; complementara os cursos com um programa da SUNY Albany que lhe dera

o certificado de professor de matemática para o ensino médio. Mudara-se para Carthage em 1973 e durante o primeiro ano distribuía notas baixas a muitos alunos e era alvo de reclamações brutais tanto dos alunos como dos pais; havia orientado o Clube de Matemática, cujo número de membros, já baixo, foi zerado rapidamente; tinha desavenças com colegas e com o diretor da escola. Porém, continuava no quadro de funcionários, após aprender a “adequar” seus critérios aos padrões de Carthage; pois era raro que algum professor de escola pública de Carthage tivesse mestrado de uma universidade tão ilustre quanto a Universidade de Boston, e o conselho da escola não queria perdê-lo.

Hans Schneider morava sozinho em um apartamento alugado na Midland Street e caminhava ou pedalava até a escola. Era visto no cinema da cidade, sempre sozinho. Fazia as refeições numa série de restaurantes baratos, sempre sozinho. Ao que constava, não tinha vida familiar ou pessoal, e quando Konrad Neukirchen o convidou para jantar uma noite dessas, pareceu ter ficado totalmente “desconcertado” — (foi a descrição do sr. Neukirchen) — e recusou.

Não parecia haver nenhuma ligação entre o convite do sr. Neukirchen a Hans Schneider e o interesse do professor de matemática pela filha do sr. Neukirchen. Mas de todo modo, talvez o sr. Schneider tivesse entendido mal. Meredith se recordou da forma como ele a chamara ao quadro-negro em um dos primeiros dias de aula — “*Mere-dith Neu-kirch-en, faça o favor de se apresentar*” — em seu estilo sarcástico, faltando só estalar os dedos para ela como se faz para chamar um cachorro. Seu objetivo era fazer a classe rir — alguns alunos riram, sem saber o que fazer — mas a piada, se é que era piada, havia falhado. Todavia, a cada dia de aula que se passava, mais parecia que o sr. Schneider e Meredith Neukirchen de fato tinham alguma ligação e poderia ter suscitado comentários o fato de que o sr. Schneider chamava Meredith ao quadro com mais frequência do que os outros alunos, e que, ao alcance dos ouvidos dos outros, ele volta e meia pedia para vê-la após a aula e na hora da saída.

Ela pensava *Eu posso sair correndo da sala. Ele não tem como me impedir!*

Ela pensava *Mas seria uma atitude infantil. Não sou criança.*

Não tinha dezesseis anos, como constava dos documentos: mas sem sombra de dúvida não era criança.

Com aparente alheamento, um toco de giz entre os dedos inquietos, Hans Schneider se interpôs entre a aluna assustada e a porta da sala de aula. Ele falava de maneira desconexa, divagante, porém urgente; a testa, com rugas que pareciam setas apontando para baixo, estava engordurada pelo suor. Não raro Meredith se pegava, na aula do sr. Schneider, observando as mãos dele, os dedos, com uma espécie de fascínio amedrontado: o professor de matemática mexia com o giz, escolhendo um bastão intacto no começo da aula, e, à medida que os minutos passavam, quebrava o bastão em dois; jogava o pedaço menor na mesa e continuava a brincar com o pedaço maior até que este também se quebrasse; e assim ia, ao longo da aula de cinquenta e cinco minutos. Não era fácil calcular quantos pedaços de giz o sr. Schneider quebrava porque um pedaço não rendia dois pedaços, portanto não havia equação pronta que alguém com o domínio limitado de matemática que Meredith tinha pudesse conceber; no entanto lhe parecia que, caso o sr. Schneider pudesse continuar, caso nunca fosse interrompido pelo sinal, ele quebraria tocos de giz eternamente; mas se não houvesse ninguém para testemunhar o sr. Schneider quebrando tocos de giz eternamente, seria essa uma descrição adequada do que o sr. Schneider faria?

Meredith se concentrava nos dedos nervosos cheios de giz, longos, meio parecidos com garras, e as unhas — opacas, muito curtas, com cutículas avermelhadas, como se roídas. O sr. Schneider estava explicando — como quem explica a uma criança pequena, volátil — que ele não era “solitário” — mas “sim, sozinho” — tinha “se concedido” seis anos para se tornar “banal, aparentemente” — e além disso... Por alguma razão também falava dos movimentos rotativos das estrelas e dos planetas que eram previsíveis como um relógio até que — um dia — a incursão excepcional de um cometa fez com que não fossem mais previsíveis. Forças em equilíbrio — centrífuga, centrípeta — e o “humano” no cerne, que era o verdadeiro enigma.

Meredith mal escutava a voz do professor em meio ao zumbido nos ouvidos. Ela pensou *Ele nunca vai me perdoar*.

“A essência da vida selvagem é — você é capaz de viver sozinho, ou não é capaz. Se você opta por viver sozinho, tem que ser muito mais resistente do que certas pessoas imaginam. Porque se você está sempre sozinho, pensa sem parar — o cérebro nunca desliga. Não é possível viver uma vida de pensamentos contínuos — isso foi o que eu descobri neste

lugar horroroso — ‘Carthage’. Ah, que nome adequado! Se você fica no meio dos outros, o blablablá deles te põe para dormir — mas não é nada tão ruim assim, na verdade. Claro que eu poderia morar com os meus pais — mas não — seria estressante para todos nós. E não vou *implorar*.”

A passos lentos, quase imperceptíveis, Meredith tentava passar pelo sr. Schneider rumo à porta. Mas como um guarda hipervigilante magricela e alto numa quadra de basquete, o sr. Schneider bloqueava o caminho.

Que burra tinha sido, ingênua — cega. Sem querer pensar que o professor de matemática vinha olhando para ela, pensando nela — de forma tão estranha, obsessiva. Pois Meredith tinha pouca experiência em atrair a atenção de meninos, que dirá homens. Ninguém nunca parecera “desejá-la” — ninguém nunca fora maldoso com ela. Ninguém rabiscava seu nome ou suas iniciais com grafite na lateral da ponte da Convent Street, ou na torre d’água, ou na parte de trás do prédio da escola, como faziam com os nomes e as iniciais de outras meninas. Quando sozinha e despercebida, Meredith parava para examinar essas marcas toscas com a angustiada esperança de descobrir o próprio nome em meio aos outros; pois até ser ofendida seria um sinal de que o embuste da Menina de Barro ainda não tinha sido detectado.

Assim como se preocupava, grosso modo, em *ser normal* — como diria o sr. Schneider, *banal*. Sua vida como mulher — uma adolescente — era repleta de pequenos constrangimentos e aflições; o que a sra. Neukirchen chamava com singular rodeio de *Seu período menestrel* não lhe vinha com normalidade — (a cada vinte e oito dias?) — mas a intervalos irregulares, dos quais não se podia tirar nenhuma hipótese confiável. E seu corpo não lhe parecia um corpo exatamente feminino. Não como os corpos das colegas de classe eram femininos.

Os seios eram pequenos e duros e inflexíveis, ao contrário dos seios mais delicados, fartos das meninas que vislumbrava no vestiário; quase não tinha quadris, ou nádegas; porém os ombros eram largos, os braços e pernas compridos, os músculos dos braços e pernas eram duros — o corpo de um garoto magricela. De calça larga e agasalho não era raro Meredith ser confundida com um menino — o rosto, sem maquiagem como o rosto das colegas de classe, era de uma palidez translúcida, e comum; ainda não conhecia a misteriosa palavra “andrógena”, que poderia tê-la confortado, ou lhe causado ainda mais angústia. Apesar do desejo dos Neukirchen de proteger a filha, e apesar do consolo espiritual do quacrismo, que era uma

benigna luz ofuscante que engolfava todas as fissuras sombrias em que *mágoa, dor, crueldade, tristeza, maldade* poderiam vicejar, Meredith entendia que o mundo era governado por forças primitivas — a luta por território, e a luta pela reprodução da própria espécie.

Era à “biologia” que os mal desenhados pênis (“paus”) e vaginas (“bocetas”) dos grafites adolescentes faziam referências obsessivas. E que ingenuidade a da Menina de Barro, se imaginar de uma forma ou de outra entre eles.

Não queria acreditar que era a “biologia” que havia levado o professor de matemática a sentir atração por ela. Pela Menina de Barro! Pois se tratava de um grande engano.

“Eu — agora eu tenho que ir, sr. Schneider...”

“Por quê? Por que é que você tem que ir?”

“Porque — já está na hora.”

“‘Hora’ de — de quê? Quem?”

“Tre-treino de basquete...”

A voz de Meredith falhou como a voz de uma criança culpada.

Nos dedos-garras do professor de matemática um toco grosso de giz conseguiu se quebrar. Metade caiu no chão, despercebida. O sr. Schneider, agora ofegante, como se os pulmões estivessem se fechando num acesso de aflição, estava parado a menos de quarenta e cinco centímetros de Meredith, e se curvava para a frente; ela via as gotas de oleosidade na testa dele, e uma expressão fanática em seus olhos grandes que não paravam de piscar. Com frieza, ele disse: “Você sabe muito bem que existe um acordo entre nós. Você sabe disso, e você soube desde o primeiro dia, Meredith.”

“Eu — eu acho que não, sr. Schneider...”

“Sim. É óbvio — você sabia. Você *não é burra*.”

Meredith deu um passo audacioso — às cegas. Precisava correr o risco, para escapar daquele trêmulo sujeito esquisito.

Devia ter sido naquele momento — de maneira rápida, e confusa — que o sr. Schneider dominou Meredith: o ombro direito, e em seguida o braço direito. Como os dedos dele eram fortes, e como aquilo era inesperado! Porém ela se desvencilhou dele, de uma vez só. Pois era instintivo para a Menina de Barro se salvar, fugir do adversário. E como ela era rápida, forte, esperta — o adversário ficou chocado, pois esperava uma menina mais dócil.

“Meredith! Não te dei autorização para sair — volta aqui...”

Ela fugiu. Escancarou a porta, alcançou o corredor. E no corredor repleto de armários, correu.

Não contou a ninguém. Nunca contaria a ninguém. O braço direito machucado foi escondido sob mangas até os hematomas das garras desaparecerem. Às companheiras do time de basquete, naquela tarde se desculpou, gaguejando e enrubescendo, levando-as a fitá-la com perplexidade — (havia ao menos sentido sua falta?) — e aos Neukirchen não falou nada, pois sabia que precisava poupá-los a qualquer custo. E na manhã seguinte, na escola, anunciaram para todas as classes que Hans Schneider tinha sofrido um “acidente” e não daria aula naquele dia; uma substituta daria as aulas no lugar dele.

E no dia seguinte anunciaram que Hans Schneider não daria aulas no resto daquela semana. A mesma substituta, uma mulher de meia-idade com sorrisinho nervoso, continuaria a dar as aulas dele.

E por fim, na semana seguinte, anunciaram que Hans Schneider não voltaria à Escola de Carthage num futuro “próximo”.

Meredith não contou aos pais sobre o comportamento que o sr. Schneider tivera com ela — sobretudo que havia tentado segurá-la para que não saísse correndo da sala — mas era totalmente natural que ela mencionasse que o professor de matemática tinha sofrido um acidente qualquer e não estava mais lecionando e que a mulher que o substituíra era “legal, mas não tão inteligente” quanto o sr. Schneider.

E depois Meredith ouviu os pais falando do sr. Schneider em voz baixa de conversa particular, que não era para “Merry” escutar.

Coitado! Disseram que foi o remédio para asma... E um remédio para artrite. Esteroide? Foi overdose.

Só vinte e nove anos! Ele parecia ser bem mais velho...

Mas falaram que ele está vivo. No hospital.

Em Watertown, no hospital. Não aqui.

Eu sabia que tinha alguma coisa esquisita nele, sabe?

Sabia? Mas como?

Quando ele recusou o jantar, querida. Quando eu o convidei para vir comer as delícias caseiras da minha esposa querida e ele me olhou como se tivesse sido convidado para engolir veneno.

Mulher de Barro é posta em dúvida.

Maio de 2003

Preparada! Ela precisava se preparar.

Naquele lugar sombrio, tentando desesperadamente ver através do espelho — ver o próprio rosto — pois havia algo errado com o rosto, que a havia traído; algo errado com o rosto, que precisava ser remediado; algo desfigurador, que tinha de ser disfarçado e preparado.

Porque esse evento — esse “encontro” — era crucial para a vida dela. Não tinha ideia de quem eram os indivíduos ou mesmo onde estavam — (num edifício distante? Seria este o campus da Universidade?) — mas ela sabia que a estavam julgando — e que a estavam aguardando — porque estava atrasada, já estava atrasada e — desesperada para disfarçar a feiura peculiar de seu rosto, em que manchas de feridas sangrentas tinham chegado até as bochechas e entrado no tecido tenro em torno da boca como um dedo acusador de Deus, de modo que passava a impressão de ter devorado algo cru e sanguinolento — ela se atrasaria ainda mais.

O fim, quando veio, veio rápido.

Para M.R. não pareceria *o fim*. Para M.R. pareceria no máximo uma espécie de *interrupção*, um *contratempo irrelevante*.

Um aborrecimento, um mal-entendido. Quiçá até — uma gafe.

Mas não — o fim.

Como quem, durante uma tarde de compromissos urgentes, ouve o médico dizer que a doença que tem é inoperável, intratável — terminal: que morreria dali a algumas semanas, inevitavelmente: porém parece não lhe dar ouvidos, só prossegue com o restante da tarde de compromissos urgentes ralhando consigo *Como eu estou atarefada! Eu devo ser muito importante.*

Atrasada! De fato, sim, estava atrasada.

A própria palavra *atrasada* tamborilando em seus ouvidos como uma pulsação louca.

Atrasada você está atrasada atrasada — atrasada.

Um princípio do Tempo: depois de se estar *atrasada*, não se pode estar *não atrasada*.

Depois de se estar *atrasada* não há como desfazer seu *destino*.

Inexplicável, indesculpavelmente — dezoito minutos de atraso.

Dezoito minutos! Para a reunião dos conselheiros administrativos no Charters Hall. Para essa reunião crucial de maio para a qual M.R. passara horas incontáveis se planejando.

Horas, dias, semanas. A presidente Neukirchen havia se planejado!

Orçamento para o ano seguinte, questões de aceitação de alunos, proposta de auxílio estudantil, “desenvolvimento”... E estava *atrasada*, e não havia nada que pudesse fazer, ofegante, olhos febris, mãos trêmulas — (mas, astuta como muitos afligidos por tremores, ela sabia manter as mãos paradas, entrelaçadas ou segurando algum objeto, para disfarçar o tremor que era novo, naquela manhã) — para se tornar *não atrasada*.

“Com licença! Me perdoem! Um — um telefonema — uma emergência...”

Acreditaram nela? Por que não acreditariam nela?

(M.R. Neukirchen não mentia: por que não acreditariam nela?)

(Já havia usado essa explicação antes? Essas palavras — já tinha gaguejado essas palavras antes? Para esse mesmo grupo de pessoas? Achava que não. Achava que não. Tinha certeza de que não. E no entanto — por que a encaravam, como se incrédulos? E a expressão no rosto deles — sobressalto, surpresa, preocupação? O que isso significava? Porque eles eram *conselheiros* — por que isso significava que M.R. precisava *confiar* neles?)

Essa reunião de maio. Essa reunião crucial de maio. Uma reunião anual, e uma reunião crucial, e aqueles eram os *conselheiros*.

Aqueles eram os *conselheiros* da Universidade, que haviam contratado M.R. Neukirchen. Eram seus *patrões*, por assim dizer. Eram seus *supervisores*. O salário e o contrato dela eram definidos pelos *conselheiros*. A presidente é a mercenária do Conselho Administrativo e não pode desobedecê-los, ou ofendê-los — não pode perder a confiança deles.

Todavia: dezoito minutos de atraso! Havia um registro disso, M.R. supunha. Sessões do Conselho Administrativo eram registradas meticulosamente por razões jurídicas e práticas.

Reuniões do distinto Conselho Administrativo da Universidade aconteciam, por tradição, no Salão Octogonal do Salvager Hall. Uma bela rotunda antiga com tetos de vitral, mobiliário de mogno com entalhes

ornamentais, uma mesa octogonal e poltronas luxuosas, e nas paredes retratos dos venerados primeiros presidentes da Universidade e, dentre eles, o mais proeminente era o reverendo Ezechial Charters, cujas opiniões sobre o sexo feminino, filhos, “bárbaros indígenas” e “negros” e todas as seitas religiosas menos sua própria seita protestante eram exatamente opostas às opiniões da presidente Neukirchen, a bem da verdade, lhe eram repugnantes, indecentes. No entanto, ela e o reverendo Charters eram de uma única — singular — linhagem.

Sorria, sorria! Você não vai nem sentir a diferença.

“Presidente Neukirchen? Está acontecendo — alguma coisa?”

Ela respondeu às pressas *Não*.

Não — é claro!

Queria dizer que ironia era, que — adequado? — era ter herdado a presidência da Universidade quando, aos olhos do primeiro presidente, Ezechial Charters, teria sido rejeitada pelo simples fato de ser mulher, ou pior ainda, uma mulher selvagem não temente a Deus.

Não — é claro — que não.

A única resposta possível a uma pergunta tão ofensiva.

Aqueles indivíduos — *conselheiros* — vinte e oito deles, ao redor da mesa octogonal. Um a um ela os contava: não conseguia fazer seu cérebro parar de contar.

O governador do estado de Nova Jersey, em virtude do cargo, era conselheiro da Universidade, porém o governador do estado de Nova Jersey, enrolado na própria politicagem arriscada em Trenton, não estava presente naquele dia.

Outros indivíduos à mesa octogonal eram conselheiros de M.R. — diretor da Corporação Universitária, vice-presidente de Finanças, vice-presidente de Desenvolvimento decano da Universidade, presidente da Companhia de Investimento da Universidade — nomes que sabia de cor — é claro — assim como reconhecia suas fisionomias — mas havia se esquecido temporariamente.

“Creio que — se já estamos todos aqui — nós que *estamos aqui* — vamos dar início à reunião.”

O sorriso radiante de M.R.! Dezoito minutos depois do horário marcado. Mas agora estava iniciada, e prosseguiria até *o fim*.

Nunca conseguimos prever *o fim*, do ponto de vista do *início*.

Pois ela imaginaria — queria, muitíssimo, acreditar — que esse era apenas o início para ela, ou quase.

Seu primeiro ano na presidência. Ainda nem estava tão perto assim de completar o primeiro ano.

Primeira mulher, primeiro ano. Primeira pessoa na presidência da Universidade que era mulher.

Que gratidão sentia! Contudo, quanto rancor.

Primeira mulher, primeira pessoa do sexo feminino. Por que isso tinha tamanha relevância? Por que o sexo tinha tanta relevância?

Era um paradoxo clássico da filosofia: onde está o *eu*?

No corpo ou — na *alma*?

Existe mesmo a *alma*?

Existe mesmo o *eu*?

Ou melhor — *eus*?

Ou melhor — (esse horror era mais provavelmente contemplado em plena luz do dia depois de uma noite insone) — *não existe eu além de massa cinzenta, à eterna mercê da aniquilação.*

Estava ofegante e distraída e agitada como quem acorda de um sonho com um sobressalto. Suas roupas estavam — não exatamente desalinhadas, mas de algum modo *inadequadas* — e o cabelo sem dúvida nenhuma estava desgrenhado, como se mal tivesse tido tempo de passar um pente ou uma escova nele, e o rosto — o coitado do rosto devastado de M.R.! — enfim a traição, pois estava com um inchaço esquisito em torno da boca, maquiado às pressas, de forma bizarra, com uma espécie de pasta que, ao secar, escurecera como barro.

Não era mais uma Valquíria de rosto luminoso, mas uma daquelas máscaras primitivas em *Les Demoiselles d'Avignon*, de Picasso.

Entretanto, a presidente Neukirchen falava com uma lucidez atípica, como quem enuncia palavras em uma língua estrangeira, cujos significados não lhe eram muito claros. E a presidente Neukirchen foi graciosa ao dar as boas-vindas aos *conselheiros* da Universidade e agradecer a todos pelo comparecimento. E no meio do discurso de boas-vindas de repente apareceu em seu campo de visão (esquerdo), como uma figura que pulasse de uma caixa, um cavalheiro de rosto familiar — um senhor mais velho, de cabelo grisalho, terno elegante, gravata — sabia o nome dele: Lockhardt? — só não o primeiro nome — e o repreendeu com delicadeza, para disfarçar seu aborrecimento por ser interrompida de

forma tão desastrada: “Poxa, Lockhardt! Você está tentando me dar um susto?”

Foi um momento estranho, tenso. Leonard Lockhardt fitava M.R., emudecido; em seguida, murmurando um pedido de desculpas, ocupou o lugar dele à mesa octogonal.

M.R. não teve tempo para pensar em como o assessor jurídico tinha surgido do nada no salão octogonal para se sentar com os outros como se nada tivesse acontecido.

Supôs então — lhe ocorreu naquele instante, era indiscutível — que o assessor jurídico já havia se reunido com os *conselheiros*, sem que ela soubesse.

Ele é meu inimigo. Meu inimigo aqui em casa.

E a equipe dela também — alguns deles — devia estar ciente da conspiração.

Porém não diria nada — é claro. A mágoa e a indignação ela abrandaria com astúcia.

Falava com uma lucidez atípica e portanto procurou escutar com lucidez atípica quando os administradores da Universidade apresentaram seus relatórios e perguntas foram feitas pelos conselheiros e respondidas pelos administradores e M.R. se admirou por ninguém falar nada — nada foi perguntado — sobre o garoto que tentara se matar, não muito longe do Salvager Hall; não conseguia se lembrar do nome dele, apenas que o sobrenome começava com “S”, mas o via com tanta clareza! O jovem rosto ressentido, os olhos feridos, a boca!

A voz dele, desafiadora e angustiada. Como se dirigisse acusações a *ela*.

Ele ainda estava vivo. Estava vivo respirando por aparelhos na Flórida. O cérebro morto, mais ou menos. O *eu* que acusara de forma tão injusta a presidente Neukirchen tinha morrido, porém o corpo de menino franzino existia, ainda. Era um destino cruel, terrível. Essa era a *vida* que o aguardava.

O processo ainda não tinha sido aberto pelo advogado dos Stirk.

(“Stirk”: era esse o nome.)

Era bem provável que o caso Stirk estivesse na cabeça dos conselheiros, mas não fossem falar dele, por enquanto. A reunião tinha acabado de começar, tinham bastante tempo. O assessor jurídico da Universidade lhes faria a confidência *Eu avisei a ela. Que não era para falar pessoalmente com o garoto. A bobalhona não seguiu o meu conselho — claro. E agora...*

Quais dos *conselheiros* eram seus amigos, M.R. se perguntava. E quais eram seus inimigos.

De início fora convencida de que todos os *conselheiros* eram amigos — defensores — de M.R. Neukirchen. Todos se entusiasmavam por ela — eram “admiradores”.

Fora preciso renegar essa suposição ingênua. Pois agora a julgavam.

Sem dúvida foram incisivos em seus cumprimentos. Nem todos lhe sorriram com a afabilidade que esperava. Nem todos a chamaram de *Meredith!* daquele jeito especial que indica *Eu gosto de você, sou seu amigo*.

Porque — (é claro) — tinham lido a respeito do caso Stirk, tinham visto a cobertura televisiva — não tinham mais a presidente Neukirchen em alta conta.

E que dureza no olhar de um dos conselheiros mais velhos — um empresário rico do Meio-Oeste que M.R. herdara, como herdara inúmeros conselheiros, do predecessor. Não conseguia se lembrar do nome dele — o sobrenome começava com “D” — e o primeiro nome era enganosamente afável, comum: Bob, Rob, Ron. Um pós-graduado da Universidade da remota época em que mulheres não eram aceitas e em que uma fração ínfima de não caucasianos — (na qual se incluíam judeus) — eram vistos no campus; e, se vistos, deviam ser atribuídos ao protocolo das *cotas*.

Aquele ali era um sujeito cuja avaliação de uma mulher era rápida, grosseira e fria e que dera conta de aceitar M.R. Neukirchen não como mulher, mas como um homem honorário, ainda que de uma subespécie inferior.

Ou talvez D_____ não fosse do Meio-Oeste, talvez M.R. estivesse confundindo o sujeito com outra pessoa. Aquele aperto de mão forte e enérgico que é ao mesmo tempo cumprimento e advertência.

Não vá pensando que vai me passar a perna. Não sou um dos seus bajuladores liberais babacas.

Porém, o cérebro de M.R. continuava a contar os indivíduos à mesa: vinte e nove, trinta, trinta e um, trinta e dois... Parte de seu cérebro contava enquanto outra parte, como um farol iluminando as trevas, percebia a situação com uma lucidez de parar o coração.

Que *ninguém tinha tocado no assunto do Stirk!* Era sugestivo.

Que havia sido planejado, quiçá ensaiado, que D_____ surpreenderia a presidente Neukirchen com uma declaração pronta a respeito de Stirk —

(dava para ver que D tinha algo controverso a dizer: seu maxilar de buldogue tremia) — mas a astuta presidente Neukirchen conduzia a reunião em outra direção, pulando itens em pauta a fim de apresentar aos conselheiros seu ambicioso plano para a reforma do auxílio estudantil: bolsas integrais a todos os alunos que ingressassem na Universidade, independentemente da condição econômica da família; com ênfase maior nos filhos de famílias de classe média baixa, que sofriam de grave omissão no zelo da Universidade pela diversidade racial.

Porque a Universidade era muito abastada, como os conselheiros estavam cansados de saber — mesmo com a crise econômica, as doações feitas à Universidade eram as maiores por estudante no país. As mensalidades representavam uma pequena fração dos custos operacionais da Universidade, em todo caso.

Enquanto falava, em seu estado um tanto distraído, M.R. percebia que não estava recebendo, dos indivíduos sentados à mesa octogonal reluzente, os sorrisos concordantes, acenos com a cabeça, murmúrios de aprovação aos quais se habituara em reuniões como aquela. Havia cessado, sabe-se lá como — o derramamento de *atenção lisonjeira* ao qual se habituara.

Porque poucos dos conselheiros pareciam convencidos. M.R. tinha preparado uma apresentação com tabelas, gráficos — estatísticas... A estratégia seria vencer a oposição pelo cansaço, se nenhuma outra tática desse certo!

Com parte do cérebro tentava desesperadamente lembrar o nome de D _____. Seria muito constrangedor se o sujeito de expressão beligerante, careca pontuda, maxilar trincado, um bilionário da lista da *Forbes* que patrocinara um dos prédios novos, luxuosos de ciências da Universidade, percebesse que M.R. havia se esquecido de seu nome.

Ele é meu inimigo. Um dos meus inimigos.

Fizeram perguntas a M.R. sobre a viabilidade da proposta.

Pois havia um número fixo de alunos de graduação na Universidade — a “tradição” da Universidade era não se expandir — a Universidade era uma instituição “de elite” e precisava continuar “de elite” e não sucumbir às pressões da “educação socialista”.

E havia a necessidade de ter vagas abertas para os legados, obviamente.

Filhos e netos de ex-alunos.

Ex-alunos ricos: doadores.

Conselheiros.

(Pois essa era a “tradição” velada da Universidade, como uma das mais cobiçadas instituições da Ivy League: parentes de conselheiros que se candidatavam a vagas ganhavam um status especial do departamento de Admissões. *Legados* era o termo.)

“Perdão. Acho que o senhor não prestou atenção ao que eu falei. Não se trata de ‘educação socialista’ — é a educação particular indo ao encontro de seu dever num setor público. É educação ‘de elite’ para qualquer pessoa — qualquer uma! — que mereça. A nossa nação é uma meritocracia — não uma aristocracia. Considere uma *noblesse oblige* — o senhor entra com a *noblesse* e nós, os educadores, entramos com a *oblige*.”

Sapos venenosos! Essas palavras dignas de nota saltaram da boca da presidente Neukirchen exatamente como os sapinhos venenosos dos anos anteriores.

E, depois de soltos, esses deliciosos sapos venenosos não podem ser resgatados. É essa a natureza do gênero *Sapo venenoso*.

Ao redor da mesa octogonal, os olhares estavam fixos em M.R. Neukirchen, com total espanto, e o fascínio que se segue ao espanto.

Seus comentários eram espirituosos? Tinham como objetivo ser espirituosos? Vários indivíduos sorriam, indecisos. Vários piscavam e fitavam. Ninguém ria.

Vinte e oito, vinte e nove, trinta, trinta e um...

Se você vive sozinha, pensa sem parar. O cérebro nunca desliga.

... trinta e dois, trinta e três, trinta e...

Tranquilidade excepcional no olho do furacão! Apesar dos tremores nas mãos (que havia controlado segurando a quina da mesa de mogno reluzente, com a força de todos os dedos), M.R. se sentia muito bem; M.R. se sentia segura; M.R. se sentia confiante; M.R. se sentia a autoridade em pessoa. Um pouquinho condescendente, como a mais paciente e gentil das professoras de ciências de ensino médio, ela prosseguiu com a aula expositiva para aquele *grupo de indivíduos de elite* sobre o fenômeno da sucessão ecológica.

“Observem: uma sequência de pedras sobre as quais não há vida, mas aí — de repente — a ‘vida’ surge: esporos carregados pelo ar se estabelecem e conseguem sobreviver; são simples líquens que cultivam a espécie e se reproduzem até criar um ‘ambiente favorável’ para uma sucessora, uma espécie mais complexa de planta — gramíneas, com o passar do tempo. Cada espécie cultiva sua própria classe, mas ao fazê-lo gera um ambiente

favorável a um sucessor mais complexo. Depois das gramíneas vêm as plantas, plantas ainda mais complexas, e uma hora — passado um século, ou mais — árvores! Um dia uma espécie de árvore cresce onde antigamente havia uma pedra dura que foi coberta pelo ‘solo’ — da profundidade e textura necessárias para sustentar a espécie ‘culminante’. E portanto — vocês estão me olhando com expressões tão perplexas” — M.R. riu, naquele jeito antigo de M.R. Neukirchen de desarmar os críticos com uma franqueza sorridente, alheia ao fato de que, naquele ambiente, o velho estilo de M.R. Neukirchen não mais prevalecia — “porque estão pensando *Onde é que eu estou, qual é a minha espécie, nessa parábola?* O enigma da ‘sucessão’ é que não se pode prever, caso se examine a superfície da pedra original, tudo o que virá depois: sobretudo, não se pode prever um belo pinhal. O início de uma parábola como essa não pode sugerir seu fim, pois o fim está em total desacordo com o início. A sucessão de pessoas — raças, classes — deve ser similar, e inevitável. Não é ‘trágico’ — não é ‘educação socialista’ — que cada espécie passe a existir à custa de suas antecessoras e é, por natureza, geralmente destruída pelas sucessoras. Mas a raça humana — isto é, o projeto humano — a ‘civilização’ — não é inevitavelmente determinado por tais princípios. O liberal é um educador e deve desejar o bem de todos, deve ter o desejo de criar um ambiente ideal *para todos*. Esse é o princípio liberal da nossa magnífica Universidade...”

Sapinhos venenosos! Saltitando pela mesa de mogno reluzente como criaturas de um livro infantil que ganham vida.

Na pedra lisa nos seguramos. Nossa espécie irá se segurar, desesperada para sobreviver. Por que somos tão perigosos?

Apesar do silêncio assustado da plateia e da expressão no rosto de — por exemplo, Leonard Lockhardt — indicando um intenso espanto, M.R. falava com entusiasmo e sem hesitação, como uma educadora de fato; apesar do tremor interno, que os dedos com que segurava a quina da mesa haviam precipitado, já que eram impedidos de tremer. E havia um calor sombrio em torno da boca de M.R., que a distraía, embora pensasse — quisesse pensar — que tinha maquiado o rosto de tal forma que a desfiguração estava *disfarçada*.

Mais tarde descobriria, para seu espanto, que a grossa maquiagem teatral (ela a comprara numa drogaria da cidade, depois de certa análise das prateleiras de cosméticos) que aplicara em camadas tinha secado de

forma irregular, adquirindo um tom bem mais escuro do que previra. No espelho a encarava uma *Mulher de Barro!*

Mas agora, no afã de cativar, ela falou, como se numa reflexão casual: “A essência da religião quacre é — não firmar nenhum *voto*. Não com o Estado, de portar armas, por exemplo. Não renunciar à nossa integridade moral, a nenhum Estado ou instituição...” A voz dela foi sumindo pois não se lembrava do motivo que a levava a tocar no assunto do quacrismo, além do quê — não era verdade que o reverendo Charters tinha sido membro de um partido que perseguia quacres? Ou estaria tentando definir M.R. Neukirchen, cuja *perspectiva moral* como educadora liberal estava sob ataque?

Agora D_____ partia para o ataque.

Um sujeito de careca pontuda com cara de buldogue, olhar penetrante. Seria de se imaginar que M.R. Neukirchen em pessoa carimbara REJEITADO na candidatura do filho dele à Universidade.

Mas o problema não eram os legados. O problema era alguma coisa de que M.R. havia se esquecido completamente e por um instante de confusão mal conseguia se recordar — a proposta de contribuição de trinta e cinco milhões de dólares da fornecedora de gás natural cujo representante M.R. se negara a encontrar na Filadélfia.

O maxilar de buldogue trincou: pois D_____ achara uma grave desfeita a presidente Neukirchen não só ter recusado o presente de trinta e cinco milhões de dólares que ele “movera céus e terra” para conseguir, mas também recusara o presente “unilateralmente” — “sem consultar ninguém, ao que consta” — e pior ainda, tinha se negado até a se encontrar com o representante da corporação para discutir a proposta.

Pior ainda, ela recusara por e-mail.

“... tentei ligar para você, presidente Neukirchen, várias vezes, mas você não retornou minhas ligações. Eu achava... esperava... que você respondesse... explicasse...”

D_____ mal conseguia falar, a aversão a M.R. e a revolta por ter sido tratado de maneira tão desrespeitosa pareciam ter lhe subido à boca.

M.R. foi logo pedindo desculpas: pois sem dúvida nenhuma tivera a intenção de retornar a ligação de D_____. Havia pedido à secretária que marcasse um horário para conversar com o conselheiro, mas — alguma coisa tinha acontecido.

“Trata-se de um presente que nós não podemos nos dar ao luxo de ‘recusar’! Se você quer ampliar o auxílio estudantil, presidente Neukirchen, vai precisar de muito mais dinheiro — e em todo caso — a Excellis tem feito grandes contribuições a instituições de pesquisa, e ainda não houve ninguém que ‘recusasse’. Você deve a este conselho uma explicação para ter tomado essa decisão extraordinária sem consultar conselheiros — sem *nos* consultar.”

M.R. sentiu um leve calafrio — a pronúncia do sujeito ao falar *presidente Neukirchen* trina de ironia, hostilidade.

Presidente Neukirchen! Não vá achando que pode me passar a perna.

Era fato: M.R. havia cancelado o café da manhã na Filadélfia na semana anterior, por impulso. Fora dominada por tamanha repulsa pela tarefa — a tarefa de representar a Universidade, prostrá-la diante do “terceiro maior fornecedor de gás natural do mundo” — como se ignorasse por completo as consequências catastróficas para o meio ambiente nos Estados Unidos, mas de forma mais extrema ainda em países de terceiro mundo, que a empresa de absurdo nome Excellis havia causado. M.R. ficara bastante enojada com a probabilidade que não conseguira sequer ensaiar as palavras que poderia dizer cara a cara ao representante da Excellis encarregado da “entrega do presente”; tampouco consultara alguém de sua equipe, nem mesmo o vice-presidente responsável pelo Desenvolvimento, ou o advogado da Universidade. Em vez de ditar uma carta formal de desculpas para acompanhar seus comentários diplomáticos, escolhidos com cuidado, M.R. enviara ao representante um e-mail sucinto e deletara a resposta dele sem lê-la.

O que havia de tão terrível nisso? E-mail é a forma de uma administradora eficiente economizar tempo.

“... ‘a Universidade agradece pela contribuição proposta, mas, neste momento, não podemos aceitá-la. Muito obrigada pelo interesse em nossa instituição’.” Com a voz engrossada pela raiva, D_____ leu o e-mail que M.R. enviara ao funcionário da corporação, como se fosse uma prova condenatória contra M.R. “É como se você estivesse recusando um convite para um chá de bebê!”

Chá de bebê. Nunca essas palavras inocentes e inócuas tinham sido proferidas com tamanho desdém masculino!

“Recusei porque essa era a única decisão — possível — ética — recusar um ‘presente’ dessa corporação que tem um histórico exorbitante de danos

ao meio ambiente. Eu dei uma pesquisada na empresa — eles distribuem milhões de dólares por ano para dar uma lustrada na ‘imagem pública’ deles — anúncios em revistas de alto nível, patrocínio a tevês públicas, rádio — uma competição de projetos de ciências de colegial — é tudo muito *transparente*. Com tantas outras coisas mais urgentes, eu achei que era um enorme desperdício de tempo, e uma humilhação, até mesmo iniciar as conversas com — é Excellis o nome...?”

“Perdão, presidente Neukirchen, mas isso é uma afronta! Não existe universidade ou instituição de pesquisa que recusaria um presente de trinta e cinco milhões de dólares de qualquer corporação que fosse — quanto mais a Excellis. O cerne do problema é que a senhora não tem autorização para se comportar de forma unilateral nessa questão, essa é uma questão que deveríamos ter nos programado para discutir hoje...”

Ela tinha ofendido o cavalheiro-conselheiro de forma irreversível, percebia ela. Pois estava claro que D_____ se aliara à corporação criminosa; era bem provável que D_____ fosse acionista majoritário da empresa. Mas M.R. aguentou firme.

“Não existe ‘questão’ nenhuma. Não se pode ‘discutir’ o aviltamento da reputação da Universidade através da associação dela com uma poluidora famigerada num esquema de lavagem de dinheiro.”

““Lavagem de dinheiro’! É um insulto.”

“Faça-me o favor! Não quis ‘insultar’ ninguém — muito menos as pessoas que estão nesta sala.” M.R. tentava falar devagar, vendo tantos pares de olhos fixos nela, com surpresa, antipatia, hostilidade; até os olhares dos funcionários da Universidade, que pareciam tê-la abandonado. ““Lavagem de dinheiro’ não é o termo adequado — acho que minha intenção era dizer ‘suborno’ — o velho ‘suborno’ de sempre — uma empresa criminosa que procura se associar a uma grandiosa instituição americana, celebrada por seus ideais, lhe dando dinheiro — ‘subornos’ — nesse caso, um ‘presente corporativo’ — para melhorar a reputação manchada. Quem sabe um dia o presidente da Excellis não ganha um doutorado honorário da Universidade — mas só quando eu não for mais a presidente.” M.R. se calou, como quem deu passos corajosos até a beirada de um trampolim alto e ainda não olhou para baixo para ver o que lhe espera.

Agora estava agitada. Estava nervosa, e agitada, e tomada pela adrenalina, pois se sabia moralmente correta — justa; se sabia triunfante.

“Estou vendo que vocês — a maioria — parecem preocupados — chateados — e eu lamento muito não ter tido tempo para consultá-los, mas, do meu ponto de vista, não havia necessidade. Vocês me elegeram presidente, entendem? Vocês me elegeram para tomar esses tipos de decisões, que no fundo são morais, não apenas financeiras. Assim como a Universidade se desfez dos investimentos que tinha na África do Sul do apartheid alguns anos atrás, e se desfez de todos os laços que tinha com o tráfico de escravos em meados do século XIX, a Universidade precisa manter-se independente de corporações que poluem o meio ambiente. Temos de adotar como princípio moral o ideal de Kant: ‘Comportar-nos como se o princípio de nossos atos fosse se tornar por nossa vontade uma lei universal da natureza.’”

Estava bom! Era uma maneira de *finalizar*.

“... a reunião está suspensa, a partir deste momento. Se vocês não se importarem. E podemos nos reunir novamente...”

Não lhes dera tempo para reclamar. Era uma administradora habilidosa e sabia quando encerrar uma reunião, assim como sabia como silenciar a oposição de um inimigo.

“Até lá, tchau!”

Menina de Barro: traição.

Novembro de 1978

Você não vai nos abandonar — vai? Quando ficarmos sozinhos — juntos — e você estiver crescida — eu receio que...

É claro — não vamos te pressionar a nada, querida Merry! Entenda, por favor.

A não ser que — se alguma coisa acontecesse com o Konrad — e eu ficasse sozinha nesta casa...

A não ser que — a gente te ama tanto...

Dar aula no ensino médio combinaria com você, sem dúvida. Ginásio não, e trabalhar em biblioteca também não. Não seria um desafio para uma menina tão inteligente e de ideias tão próprias quanto a nossa filha querida!

Era como um livro de histórias: escreviam sua vida por ela.

Não precisava escrevê-la, apenas lê-la.

Também viravam as páginas por ela.

Nessa história, a Menina de Barro havia desvanecido, de modo geral. Não existia nenhuma Menina de Barro morando na casa de tijolos repleta de livros da Mt. Laurel Street, nº 18, Carthage, Nova York.

Somente Meredith Ruth — “Merry”.

Pois assim como geometria, esse era um jogo cujas regras eram passíveis de aprendizado, e quem jogasse com destreza seria recompensado. E portanto, quando Meredith já estava no último ano do colegial, mal tinha de se censurar.

A Menina de Barro precisa fazer isso. Menina de Barro, tome cuidado!

Estava com dezessete anos, tinha carteira de motorista expedida pelo estado de Nova York. Fora aprovada no curso de direção da Escola de Ensino Médio de Carthage com nota altíssima e elogios do instrutor — *É uma menina que dirige feito homem. Ótimo!*

Para saudar a nova motorista da família, o sr. Neukirchen comprou um carro — usado — novo: um sedã creme Oldsmobile de 1974, com para-lamas um pouquinho corroídos e bancos macios bege um pouquinho

manchados. O velho Dodge surrado valera apenas duzentos e cinquenta dólares como entrada.

Agora, Meredith poderia dirigir o carro da família caso estivesse acompanhada pelo pai ou pela mãe. Era motivo de gracejos na família o fato de que a filha era uma motorista “infinitamente melhor” do que os pais — (“E isso não é elogio de se jogar fora”, Konrad comentou) — mas a coitada da Agatha enrubesceu e, com uma risada constrangida, pareceu incapaz de não titubear no banco do carona, inspirando o ar com força e até fazendo movimentos inúteis de breque com o pé direito enquanto Meredith dirigia — “Ai! Me desculpa, querida! É inevitável. Você é uma *criança*.”

Uma criança! Com um metro e setenta e oito de altura, pesando sessenta e um quilos, Meredith — “Merry” — estava longe de ser criança.

Mas Meredith sempre desacelerava o carro, freando devagar. Ela entendia — a mãe, nervosa, precisava se sentir segura.

“É que, bom — eu não quero que aconteça nada com a gente, querida. Muito menos com você.”

Cada vez mais, Agatha ficava tensa, rabugenta. Os tornozelos estavam inchados, a respiração, curta. As saias longas, os vestidos de camponesa e xales e joias de moedas de cobre chocalhantes não eram adequadas para disfarçar o flácido corpo gorducho, ainda não idoso, porém claramente não jovem; até seu rosto de menina, de pele viçosa, rosada e macia, começava a dar sinais de tensão nos cantos dos olhos. Tinha diminuído a carga de trabalho na biblioteca para apenas terças e quintas. Parecia estar sempre *de dieta* — raramente perdia mais que uns poucos quilos, e com muito esforço: Konrad não resistia a brincar, para quem lhe desse ouvidos, que a esposa querida tinha perdido, ao longo de anos, “mais ou menos uns duzentos e oitenta e oito quilos”. A coitada da Agatha marcava consultas mas por algum motivo nunca chegava a ir ao médico — ligava para cancelar em cima da hora, sem contar a Konrad.

“E você, por favor, não fala nada para ele, Merry! Pro-me-te.”

“Mas eu acho...”

“Claro, eu vou remarcar. Eu vou remarcar a consulta, *é claro*. Mas não fala nada para o Konrad, está bem? Pro-me-te?”

“Mas...”

Agatha se agarrava a Meredith e lhe dava um beijo quente na bochecha. Travessa, ela ria — eram garotas juntas, quiçá irmãs. E Meredith —

“Merry” — era a mais velha, já que era mais alta e mais *responsável*.

“Para o centro, querida! Tenho que fazer uma pesquisa na biblioteca ‘grande’ — no arquivo do condado de Beechum.”

Sábado era o dia de Konrad resolver coisas. Era um prazer para Meredith levar o pai, assim como tinha sido ser levada por ele no passado — contanto que a rabugenta da Agatha ficasse em casa. Ainda mais tagarela no banco do carona do que era ao volante, Konrad distraía a filha com anedotas das vidas pessoais de “americanos ilustres” — George Washington, Alexander Hamilton, Benjamin Franklin, Andrew Jackson e “Stonewall” Jackson e Sojourner Truth; seu maior fascínio era por Abraham Lincoln, que, ele acreditava, tinha a alma “tão profunda, tão vasta e tão imensa” quanto o Grand Canyon, porém, naquela América atual, “poluída pela tevê”, provavelmente não seria eleito presidente porque lhe faltavam “temperamento radiante” e “feições fotogênicas”.

A esperta colegial Meredith sempre perguntava a Konrad se ele achava que Abraham Lincoln acertara ao declarar guerra contra o Sul, para impedir sua separação — por que não deixar os estados do Sul para lá? Por que a preservação da União era tão importante assim, a ponto de milhares de rapazes morrerem por ela?

Na aula de história da escola, Meredith tinha tentado fazer essas perguntas ao professor, mas suscitou uma expressão de repugnância surpresa, como se tivesse proferido uma obscenidade ou, pior ainda, um ultrajante sentimento antiamericano.

Mas por quê? Por que a preservação da União era tão importante, a ponto de um soldado morrer por ela?

“Ótima pergunta, Meredith! Pergunta profunda, aliás.”

Konrad ficava sempre satisfeito quando a inteligente filha colegial lhe fazia o que acreditava serem perguntas *profundas*, embora em geral não fosse capaz de dar respostas muito *profundas*.

“Existe uma questão fundamental — se um princípio abstrato vale uma vida humana, que dirá milhares de vidas; mas existe uma questão — se qualquer outra coisa da vida é tão importante quanto o ‘abstrato’. Em outras palavras — os indivíduos são tão relevantes quanto os princípios? Você gostaria de morrer para ‘preservar a União’ — você concordaria com as mortes, feridas, mutilações dos outros?”

Meredith segurou o volante com força. Apesar dos para-lamas corroídos e bancos acolchoados um pouquinho manchados, o Oldsmobile creme era

o que Konrad chamava de carro “bacana” — “chique”. Ela se emocionava ao dirigi-lo — uma sensação de euforia, em especial ao cruzar uma das várias pontes de Carthage. *Longe! Longe daqui! Não havia como parar a Menina de Barro quando ela começava a viagem.*

“Eu — eu sei lá, pai. Eu — eu não iria querer — tomar uma decisão dessas...”

“Bom! Se você precisasse, querida. Se você fosse, por exemplo, não a vice-presidente da estimada Classe de 1979 da Escola de Ensino Médio de Carthage” — (pois Meredith Neukirchen tinha acabado de ser eleita para tal cargo) — “mas o nosso presidente Harry Truman, em 1945, dando ordens para lançar bombas atômicas em cidades japonesas mesmo sabendo que a maioria das ‘baixas’ seria de civis — mulheres e crianças. No entanto, desmoralizar o inimigo aceleraria o fim da guerra e salvaria a vida dos soldados americanos. Como é que você decidiria?”

“Eu — eu teria uma equipe para me ajudar. Eu teria conselheiros...”

“‘A responsabilidade é minha’, é uma frase famosa de Harry Truman. E assim, com todos nós, como indivíduos com moral — a responsabilidade ‘começa’ e ‘termina’ com a gente.”

“Então eu — acho que eu não poderia — eu não poderia tomar nenhuma decisão que prejudicaria outra pessoa...”

“Sim, mas nesse caso você estaria salvando a vida dos outros — de americanos.”

Meredith soltou uma risada nervosa. Era típico do pai deixá-la zozza: uma pessoa que não tinha respostas claras para pergunta nenhuma, porém tinha muitas perguntas, e a maioria delas paradoxal.

“Eu acho que — eu não seria capaz de participar de nenhum ato relacionado a *guerra*. Eu me declararia *pacifista*, e me retiraria...”

“... e deixaria outra pessoa ocupar o seu lugar, que poderia ser menos evoluída que você, espiritualmente? Não é uma ideia bem pensada, né!”

“Mas, pai — você é pacifista, não é? Não é isso que os quacres *são*?”

“Sim. Mas só na teoria.”

“‘Só na teoria’...?”

“Se você ou a Agatha fossem ameaçadas, seria muito difícil eu continuar sendo um pacifista, Meredith! Eu teria vontade de fazer mal suficiente contra quem ameaçasse minha amada família, para impedir que o sujeito fizesse mal a uma de vocês; e eu agiria por instinto, e não me arrependeria.”

Konrad foi veemente. Meredith ficou ao mesmo tempo entretida e comovida com as palavras do pai — pois ao que parecia, não passava pela cabeça do sr. Neukirchen que numa situação como essa ele também correria risco e seria “vitimado”.

Estavam chegando à biblioteca pública do centro. Meredith estacionaria o Oldsmobile atrás do majestoso edifício antigo que lembrava um templo grego — encaixando devagar o carro creme num espaço equidistante entre outros dois veículos com a precisão que teria caso o tivesse medido.

A Menina de Barro não é pacifista. A Menina de Barro vai lutar pela própria vida!

Foi naquela manhã de sábado em novembro que Meredith viu um homem muito parecido com Konrad Neukirchen sair de fininho da biblioteca menos de meia hora depois de chegarem.

Ela estava na sala de livros de referência — fazia um trabalho final para a matéria de história americana — quando por acaso olhou pela janela do segundo andar e viu um homem — alto e pesado, de costas largas, com um sobretudo parecido com o sobretudo do sr. Neukirchen e com os tufo de cabelo castanho acinzentados do sr. Neukirchen — sair pela entrada dos fundos lá embaixo e se apressar rumo ao estacionamento.

Meredith olhava fixo com espanto. Aonde seu pai iria? E por que não lhe disse nada? O plano deles era que se encontrassem na portaria da biblioteca às 13h; o relógio marcava 11h25. Konrad parecia ser tão sincero com a filha — como era com praticamente todo mundo — que foi um choque para Meredith ele não ter mencionado que sairia da biblioteca, mesmo que por pouco tempo; e a maneira como andava, com ar resoluto, não lhe era nem um pouco característica.

Às pressas, Meredith vestiu o casaco, desceu a escada dos fundos e seguiu o sr. Neukirchen.

Nunca tinha seguido o pai ou a mãe! Jamais pensaria em segui-los, assim como não lhe ocorria examinar um de seus velhos livros infantis — *Contos da Mamãe Gansa*, por exemplo — *O vento nos salgueiros* — para ver se algum trecho, uma ilustração ou páginas inteiras não tinham lhe passado despercebidos.

Foi um alívio, Konrad não voltou ao Oldsmobile. Meredith consideraria uma dupla traição, se ele fosse embora de carro tão pouco depois de ela tê-lo estacionado com tamanho cuidado.

O dia estava nublado, fazia um frio maçante, uma camada de neve arenosa cobria o chão como obturações metálicas. O vapor quente dos barulhentos radiadores velhos da biblioteca estava deixando Meredith sonolenta, portanto foi bom ser impelida ao ar livre de forma tão repentina, e urgente. O sr. Neukirchen estava quase desaparecendo de seu campo de visão, caminhando com uma agilidade surpreendente para um sujeito tão corpulento — Meredith precisou correr para alcançá-lo — mantendo então uma pequena distância dele, prestando atenção para ter sempre algo entre ela e ele: um veículo parado, uma parede ou um poste, o canto de um prédio. Era como uma daquelas toscas “brincadeiras” estranhas que as crianças mais velhas faziam na casa dos Skedd — era preciso brincar sem saber das regras, ou do que poderia lhe acontecer. Não se tinha *alternativa*.

Ao longo de uma ruela estreita de lojas pequenas, paralela à avenida principal de Carthage, o sr. Neukirchen seguia seu caminho naquele ritmo acelerado. Não era possível que fosse uma coisa qualquer que precisasse resolver — essas coisas ele fazia com Meredith — lavanderia, drogaria, Carnes & Aves Mohawk — Loja de Excedentes Militares (onde Konrad comprava cuecas, meias, pijamas) — tinha de ser algo especial, e secreto. A essa altura, já devia estar ofegante; sua respiração já devia estar às bufadas. Pelo menos vinte quilos acima do peso, Konrad afirmava que estava “gordo, mas em forma” — (na verdade Konrad não estava gordo, mas tampouco estava em forma). Que caminhasse com tamanha rapidez e com aquele ar resoluto era uma surpresa para Meredith, que provavelmente nunca tinha visto o pai andar naquele ritmo; a família fazia o gracejo, difundido pelo próprio Konrad, de que ele em geral andava a passos tão lentos que se fosse uma bicicleta correria o risco de cair.

Konrad estava entrando numa loja — uma floricultura pequena — e pouco depois saiu com uma planta num vaso de barro embrulhado e arrematado com um laço vermelho.

Meredith observava detrás de um carro estacionado. Não se deu conta de que *ela* era observada por outros pedestres.

“Um presente! O papai vai presentear alguém...”

Não tinha sido fácil para Meredith adquirir o hábito — *papai*. E o hábito — *mamãe*. Era bom para ela treinar — a sós, murmurando.

Será que Konrad ia visitar alguém no hospital? Será que — queria poupar Meredith?

Cada vez mais apreensiva, Meredith seguia o pai numa outra rua — em direção ao rio, parecia — e não em direção ao hospital de Carthage; se lembrou daqueles homens dos filmes ou melodramas televisivos, aparentemente dedicados às suas famílias, que tinham casos proibidos com mulheres, até mesmo uma segunda família; sempre se dizia de tais sujeitos *Mas ele jamais faria uma coisa dessas! O papai, nunca.*

Esquisito, mas o sr. Neukirchen não tinha olhado para trás nem uma vez. Se tivesse, e se visse Meredith, como ficaria — contrariado? — chocado. Meredith não suportava a possibilidade de ser vista. Entre ela e o sr. Neukirchen — entre ela e a sra. Neukirchen — havia um laço de confiança total, de insuspeição.

Segurando a planta grande de embrulho exagerado nos braços, o sr. Neukirchen atravessou o estacionamento asfaltado de uma escola primária católica e o estacionamento da igreja vizinha; entrou no Parque da Amizade, que margeava o Black River ao longo de vários quilômetros, aonde volta e meia levava a pequena família quando fazia calor, para piqueniques e “passeios”; Meredith havia semicerrado os olhos, para ver o gorducho Puddin cambalear depois que o dono lhe jogava um graveto na área da praça destinada aos piqueniques. Mas somente após alguns minutos o sr. Neukirchen saiu da praça por uma trilha de cascalho que levava ao Cemitério da Amizade, um cemitério laico municipal contíguo à praça. A essa altura já devia ter andado mais de um quilômetro e meio e desacelerava o passo.

“Entrando no cemitério! Mas por que...”

Agora Konrad caminhava de cabeça baixa. Seu estilo jovial parecia tê-lo abandonado por completo, como se fosse um balão meio murcho.

Numa parte nova e relativamente vazia do Cemitério da Amizade, Konrad desviou da trilha de cascalho e se aproximou de um túmulo. De onde Meredith estava, parecia um túmulo pequeno — a lápide era diminuta, nada mais que uma placa horizontal de pedra. Taciturno, desembrulhou a planta — uma poinsettia? — artificial? — berrante, vermelha, com o ostensivo laço vermelho — e a pôs em cima do túmulo como se fosse uma oferenda.

“Alguém morreu. Mas quem...”

Detrás do tronco retorcido e grosso de um carvalho Meredith assistia. Por sorte, não havia mais ninguém naquela parte do Cemitério da Amizade naquele melancólico dia de novembro. Por todos os lados a camada

arenosa de neve metálica jogava sobre os objetos uma luz neutra, pura e fria, despojada de sombras. O tipo de luz que toca o coração, de tão gélida, pura, neutra, clínica — não há nada de humano nela.

Meredith se recordaria desse momento. Ao despertar de madrugada vinte e cinco anos depois com a terrível noção de que era bem provável que tivesse destruído sua carreira como presidente de universidade — à maneira de um bêbado que tropeça e abana os braços, quebrando coisas, alheio aos prejuízos que causou — ela se recordaria desse momento no Cemitério da Amizade, em Carthage, Nova York — sua percepção quando menina de que não conhecia Konrad Neukirchen de verdade.

Essa sensação de ruína total e implacável — a luz neutra, pura e fria que não gera sombras é desalmada.

“Ai pai! Volta, por favor.”

Mas agora Meredith estava abalada, amedrontada. Não era brincadeira — ou era? Dava para ver que havia inúmeros objetos deixados em volta do pequeno túmulo — aves e animais de cerâmica, vasos de barro, flores ressecadas, buquês de plástico. Os túmulos vizinhos, em sua maioria, eram enfeitados com muito menos objetos e alguns não tinham nenhum.

Não era a primeira visita de Meredith a um cemitério. Mas até então, não existira nenhuma ligação entre ela e o cemitério, por mais oblíquo que fosse nesse caso.

Nunca tinha passado pela sua cabeça até aquele momento — a irmã devia estar enterrada em algum lugar.

Jedina. Jewell?

Em algum lugar.

Com cuidado, Konrad botou a poinsettia no meio do túmulo pequeno — era o cuidado que o homem tomava ao pôr uma caçarola pesada sobre alguma superfície, depois de tirá-la do forno para Agatha; o cuidado que tomava ao enfiar e ajustar a fita da máquina de escrever manual de Meredith, que ela havia ganhado de presente num aniversário recente.

Ficou ao lado do túmulo por bastante tempo, olhando para baixo. Os ombros largos estavam encurvados e os braços pendiam como os de um macaco, numa postura que não tinha como ser confortável. Era tão raro Konrad Neukirchen não estar num estado de espírito entusiasmado que Meredith não conseguia imaginar qual era sua expressão facial.

Depois do que devia ter sido dez minutos — (sob o vento que subia do rio, Meredith começara a tremer) — o pai foi se sentar em um banco de

pedra ali perto. Agora seus passos eram vagarosos, arrastados. A cabeça ficava abaixada. Na quietude da contemplação absoluta, como se tivesse virado pedra, ele continuou no banco enquanto flocos de neve rodopiavam e caíam em seus ombros, nas mãos, na cabeça abaixada e descoberta.

Detrás da árvore retorcida, Meredith fitava com rigorosos olhos abertos. Pensando em como pareciam personagens de cinema. Um daqueles filmes de suspense dos anos 1940 que eram exibidos de madrugada, em preto e branco. Cada vez mais apreensivo, você assistia, sabendo que algo aconteceria a um dos personagens, ou a ambos — mas o quê?

Caso Meredith tivesse chamado Konrad, ou corrido até ele — uma distância que não passava dos nove metros —, como ele teria reagido? Seu rosto se enrugaria no sorriso largo que lhe era típico ou ele a encararia de outra maneira, sem sorrir, como se não a reconhecesse?

Ela se deu conta de que estava com medo de fazer isso: de que ele a visse.

Talvez chegasse ao fim, então. A farsa.

Meredith se escondeu, para esperar o pai terminar a vigília, que durou mais vinte minutos. Quando enfim foi embora, ela foi até o túmulo — viu uma pequena lápide de pedra:

MEREDITH RUTH NEUKIRCHEN

21 de setembro de 1957 — 3 de fevereiro de 1961

Filha amada

Eternamente querida

Viu que a poinsettia era grande, exuberante, linda — bem vermelha — mas não artificial: era uma planta viva que não aguentaria por muito tempo o ar gélido de novembro.

Às 13h, se encontraram como planejado, na portaria da biblioteca.

Meredith reparou que o sobretudo do pai ainda estava um pouco úmido por conta da neve rala do cemitério, mas os tufo densos de cabelo castanho-acinzentado pareciam ter secado.

Konrad, que andara examinando o quadro de avisos, chamou a atenção de Meredith para um panfleto oferecendo filhotes de “dobermanns misturados” de graça — “O que é que você acha que a sua mãe querida diria se nós levássemos um ou dois para casa?”

Meredith riu. Claro que ele não estava falando sério.

“Minha filha vai com a gente. É ela quem vai dirigir!”

Era com tanta doçura — ingenuidade — que Agatha se gabava da adorada filha desajeitada que amiga nenhuma poderia se ofender.

“Ela não é uma motorista só ‘passável’ — o senhor Nash, da escola, falou que a Merry é a única menina que teve aulas com ele que ‘dirige que nem homem’.”

E assim iam às casas de tristeza inexprimível dos idosos, dos reclusos, dos doentes mentais, naqueles dias cada vez mais escuros que precederam o Dia de Ação de Graças de 1978.

Pois acontecera de uma idosa que vivia sozinha em Carthage morrer e o cadáver só ser descoberto uma semana depois na casa entulhada de lixo, a menos de um quilômetro e meio das respeitáveis casas de tijolos aparentes da Mt. Laurel Street. No jornal de Carthage deram muita atenção ao ocorrido — foi tudo lúgubre e recriminatório e desconcertante. Agatha chorou ao ver uma foto da falecida, tirada em 1934, quando era apenas uma mulher de meia-idade e parecia saudável e feliz; Konrad balançou a cabeça e resmungou — “Que tragédia! Muito, muito triste”; Meredith assistia em silêncio, sentindo a emoção de algo inominável dentro da boca — um gosto que parecia com o de lodo oleoso frio.

E então Agatha juntou algumas amigas, das quais uma ou duas eram quacres, para visitar as casas de indivíduos solitários, reclusos, enfermos, idosos — “em risco” de uma forma ou de outra; e é claro que Meredith acompanhava as mulheres, pois Meredith também ficou muito comovida com as matérias do jornal.

Ao todo, as mulheres visitaram meia dúzia de casas: fachadas com tinta descascada feito psoríase, janelas rachadas e remendadas de qualquer jeito, varandas quebradas, telhados quebrados, degraus quebrados, até mesmo assoalhos de tábua quebrados. Havia cães sarnentos que latiam histericamente; havia gatos sibilantes que se esparramavam no chão; numa das casas, várias gaiolas imundas de canários com penas coloridas, abatidos demais para cantarolar. Em cada uma das residências vivia uma mulher solitária, a mais idosa de oitenta e sete anos e a mais nova de apenas sessenta e oito, mas claramente deficiente mental; tinha sido mero acaso — não tinha? — essas pessoas solitárias serem mulheres, em diversos graus de distração, melancolia e demência. “Deus não quer que a gente viva sozinha!”, Agatha afirmou, estremeecendo. “É uma *crueldade*, essas pobres coitadas foram *abandonadas*...”

No meio das visitantes tagarelas e nervosas, Meredith era uma menina alta de costas eretas com sorriso radiante e ligeiro, quieta, sempre amável, e *forte* — podiam contar com ela para abrir portas que tinham apodrecido no caixilho, e podiam contar com ela para recolher lixo e alimentos crus que infestavam as cozinhas, e levar os sacos até o meio-fio; não recuava diante da necessidade de limpar pias, banheiras e até privadas com palha de aço, na água imunda, usando luvas de borracha que rasgavam fácil; havia colchões tão manchados que não dava para saber de qual cor eram — esses tinham de ser levantados e virados sobre a moldura da cama, revelando o lado “limpo”; empunhando um rastelo, ela limpava o caminho em cômodos cheios de lixo enquanto Agatha e suas amigas a seguiam timidamente. Quando as mulheres não sabiam o que dizer, depois de conseguir entrar no que eram óbvios barracos de loucura, que nenhuma bem-intencionada caridade cristã seria capaz de exorcizar, era Meredith quem falava com a moradora, ou tentava falar — “Olá! Somos vizinhas da senhora e viemos aqui cumprimentá-la e ver se a senhora não quer que a gente — dê uma ajudinha.”

Não era bem verdade que eram *vizinhas*. Mas também eram residentes de Carthage, Nova York.

As mulheres eram Carrie, Phyllis, Irene e Agatha. As meninas eram Meredith e Diane.

Isto é, Diane participou da excursão das “boas vizinhas” apenas uma vez. Diane era a filha de doze anos de Irene, que Irene dizia com austera alegria que era “forte que nem filhote de boi” — uma menina atarracada de testa larga e rebaixada e sobrancelhas raivosas com quem Meredith tentou, com seu hesitante jeito sorridente, fazer amizade, mas foi rechaçada rudemente como que com uma cotovelada.

Diane era amuada, rancorosa; demonstrava pouco entusiasmo pela “tarefa de misericórdia” para a qual a mãe a levava, à casa da mulher de sessenta e oito anos que só abriu a porta da casa caindo as pedaços depois de Agatha ter a valentia de tocar a campainha sem parar, e que vivia — perceberam logo — num barraco que fedia a lixo cru, fezes de gato e uma mixórdia de bichos mortos, decompostos por baixo dos detritos que haviam se acumulado a uma altura de vários centímetros. “Meu Deus! Vou vomitar!”, Diane choramingou, no que a mãe a repreendeu com um sibilo.

A visita foi mal desde o começo. A idosa reclusa — que se recusava a dizer seu nome — parecia fazer ideia do que as visitas queriam dela, ou

com ela, e ficou claro que se ofendeu com a presença delas. O crânio estava coberto de tufos opacos como musgos mirrados numa pedra e o rosto de enjoados contornos tortos pelos quais olhinhos desconfiados espreitavam. Era pequenina, como que encolhida — um robe endurecido pela sujeira pendurado no corpo esquelético e, nos pés, pantufas doidas enfeitadas com contas. “Quem? O quê? Do que é que você está falando?” — sua voz era grave, gutural. Só a contragosto aceitou as sacolas de compras das visitas, botando-as em cima de uma bancada imunda; eram em sua maioria comidas enlatadas, mas também uma seleção de legumes frescos — cenouras ainda com as folhas compridas verdes, batatas de pele vermelha lisas como pedras — e, como ditava a estação, um peito de peru congelado embrulhado em celofane e uma caixa de recheio para peru. Quando Phyllis abriu a porta da geladeira, pensando em guardar os perecíveis, havia tamanha sujeira, e tamanho fedor, que ela a fechou às pressas.

“Ai. Ai, meu Deus. Eu acho que — talvez — a gente deva fazer — uma faxina. Se...”

“... uma assistente social não devia ser encarregada dessa pobre coitada? Do condado.”

“... a gente pode relatar essas condições. Vai ver que o condado não sabe da gravidade disso aqui.”

Meredith estava perplexa com tudo o que via, e de que sentia o cheiro. E era óbvio que a mulherzinha encolhida queria que as visitas não solicitadas fossem embora — apesar de demente, não era uma vítima passiva das circunstâncias, sua vida naquele pardieiro tinha lógica, por mais evasiva e inacessível que fosse a desconhecidos. “Há quanto tempo a senhora vive assim? Há quanto tempo — a senhora mora sozinha?” — com seriedade, Agatha tentou envolver a mulher na conversa, mas a mulher respondeu apenas com resmungos e ombros encolhidos.

“Por questão de saúde, sabe — ‘condições sanitárias’ — seria melhor se — se a senhora deixasse...”

Espalhados pelo chão, pacotes descartados, latas, sacos e garrafas de plástico. Pilhas de jornais velhos, revistas. Restos de tapete que pareciam línguas mascadas. Era evidente que alguma coisa morrera — apodrecera — naquele lugar. E nas paredes — na parte visível das paredes — havia retratos religiosos — crucificação, a Bem-aventurada Virgem Maria — e cruzeiros de plástico, tortas.

Meredith estava ficando tonta de tanto segurar a respiração a fim de evitar a fedentina, porém decidida a “ajudar” — se algum tipo de “ajuda” fosse exequível ali. “Pelo amor de Deus!”, Diane murmurou. Com a ponta da bota ela cutucou uma pilha de entulho num canto da cozinha que parecia tremer e dali saltou um gato selvagem esquelético, aterrorizado e sibilando — enquanto as mulheres berravam, o gato fugia casa adentro. “Isto aqui é um maldito *chiqueiro*”, Diane protestou, ainda que a mãe a censurasse com dureza: “*Shhhh.*”

“Gente que vive que nem porco morre que nem porco. E daí!”

“*Shhhh.* Ela vai te ouvir.”

“Vai nada! Ela é *surda e burra*, uma maldição de Deus.”

Diane era uma daquelas meninas — não incomuns nas escolas públicas de Carthage — que tinham o visual de mulheres atarracadas: seios e quadris de bom tamanho, traços faciais “maduros”, pernas curtas e pés grandes. O cabelo havia sido descolorido sem habilidade, mas com glamour — louro com mechas vermelhas, laranja, roxas. A boca era carnuda e emburrada e os sorrisos eram sarcásticos. Exalava um ar de autoconfiança irritadiça assombroso aos olhos de Meredith, pois era impossível que estivesse acima da sétima série. Apesar de ser vários centímetros mais baixa que Meredith, e vários anos mais nova, Diane parecia indiferente a Meredith, desdenhosa.

“Ela não está bem, Diane. Essas pessoas que a gente visita — para dar uma ajuda —, elas precisam da nossa ajuda. Não estão — ‘bem’ — feito a gente.”

Meredith falava sem jeito. Nunca achara fácil se dirigir a meninas como Diane, que a faziam se lembrar — das meninas que eram irmãs-órfãs, na casa dos Skedd.

Anos atrás, na casa dos Skedd! Meredith não tinha vontade de se lembrar, naquele momento.

Diane bufou, entretida: “‘Feito *a gente*’? Que porcaria é essa de *a gente*?”

Meredith encarou a menina atarracada de doze anos com estupefação. Por que a mãe de Diane a levava junto, se estava claro que ela se indignava por estar ali? A menina só fazia as menções mais incoerentes de “ajudar” — apesar de forte, forte como Meredith, não estava nem um pouco motivada; quando ela e Meredith foram incumbidas de levar as lixeiras até o meio-fio, Diane fez pouquíssimo esforço, sem constrangimento nenhum.

Lá fora, ao ar surpreendentemente fresco, as meninas pararam para respirar fundo. De fora, a casa da mulher encolhida parecia um sapato disforme, com chaminé aos pedaços, calhas frouxas e telhas podres. “Uma velha senhora morava em um sapato — tinha tantos filhos que não sabia o que fazer.” Meredith teve a excentricidade de dizer, mas Diane mal lhe deu ouvidos. Em tom infantil e ressentido, ela declarava, “Minha mãe vive me enchendo — ‘Di, olha essa boca’ — ‘Di, você tem que parar de dar uma de *espertinha*’ — por que eu vim para cá hoje, porque é ‘disciplina’. ‘A Di vai aprender um pouco sobre *caridade cristã*, de uma vez por todas.’” A menina deixou Meredith chocada ao enfiar a mão no bolso da jaqueta de cetim roxo e pegar um maço de cigarros.

“De uma vez por todas? Que tal duas, três vezes malditas... Toda maldita vez, dá para contar nas duas mãos.”

Meredith não conseguiu entender muito bem o sentido disso tudo. Mas imaginava compreender. Era ao mesmo tempo chocante e divertido que a menina de doze anos acendesse o cigarro e o tragasse com força, como uma adulta; não oferecera um cigarro a Meredith, como as meninas da escola que fumavam geralmente ofereciam, como se tivessem a esperança secreta de persuadir a boa menina Meredith a fumar também.

Meredith pensou *Por que é que eu quero que ela goste de mim? Por que é que a Menina de Barro dá a mínima para isso?*

Era um mistério vigente: para que a Menina de Barro *dava a mínima*.

Na casa, Irene pôs a cabeça para fora da porta da frente para chamar as meninas.

Diane berrou *Tá, tá, a gente já vai*.

A Meredith ela disse, como quem passa adiante uma sabedoria confidencial, “Minha mãe é cristã fanática. Ela adora essas merdas. Que se foda essa coisa de ser ‘boa’. Cada um que tome conta de si”.

Meredith riu, assustada. A forma como se expressou era tão grosseira, tão cruel — “Mas as pessoas fragilizadas, essas que precisam da nossa ajuda, que nem essa pobre coitada...”

“E daí? ‘Precisar’ não é ‘querer’. Você não viu o olhar furioso dela para nós? A boba da sua mãe tentando ‘entrevistar’ a mulher — quem ela pensa que é, ela acha que é da tevê? As pessoas têm o direito de viver como elas quiserem. Se elas vivem no meio do lixo e de porcarias mortas, e daí? A gente está nos Estados Unidos da América.”

“Mas — ela é doente mental. Ela deve ter doenças físicas...”

“E daí? Quem liga para essa porra?”

Meredith sorriu, incerta. Queria achar que Diane estava brincando — tinha de estar brincando. Mas ali estava Diane, exalando a fumaça pelas narinas, depois olhando para Meredith, que se agigantava diante dela, como se não soubesse o que pensar dela.

“Ei, sua mãe é bem legal. Ela é bacana.” Diane falou de má vontade: Meredith entendeu que se tratava, para uma menina como Diane, de um gesto muito simpático.

“Minha mãe, meu Deus! A cachorra está sempre atrás de mim. Nada do que eu faço está bom para ela, então ela que se foda.”

Ela que se foda! Meredith ficou perplexa.

Ela que se foda! E bem. Meredith riu.

Na casa dos Skedd, era assim que se falava sensatamente. A pessoa não *empinava o nariz*, não fingia *ser algo que não era*.

E naquela casa de muito tempo antes em — era Star Lake? — onde vivera com a mulher que diziam ser sua mãe — no barraco atrás do posto de gasolina — (cruzes nas paredes! Meredith não pensava nessas cruzes fazia anos) — memórias como trovões no horizonte, agourentas, ainda não totalmente audíveis. Ela pensou *Mas eu não sou a Menina de Barro, não agora. Essa é a prova*.

Porque a Menina de Barro não havia sido uma “boa” menina — a Menina de Barro seria tão desdenhosa quanto Diane ao pensar *Você precisa ajudar os outros. A felicidade só existe ao ajudarmos os outros*.

Irene chamava da porta, dessa vez mais alto — “Meninas! Venham aqui, por favor — a gente está precisando de vocês.” Ao ver Diane fumando ela berrou, “Apaga isso! O cigarro — caramba, apaga esse troço! Agora!”.

Ai ai vai se foder Diane murmurou baixinho, cutucando Meredith nas costelas, uma irmã-cúmplice.

Meredith pensou *Mas eu também detesto isso aqui! Mas eu não tenho alternativa*.

Foi pouco depois disso, na véspera do Dia de Ação de Graças, que Meredith observou Agatha virando lentamente as páginas de um álbum — parecia ser um álbum de fotos, de capa colorida como uma colcha de retalhos — sentada na poltrona dela, na sala de estar. Desde a visita à senhorinha encolhida — que havia sido a menos recompensadora das visitas de “boa vizinhança”, e na verdade tinha sido a última das visitas —

Agatha andava preocupada, chorosa. Jogara-se nos preparativos para um “Dia de Ação de Graças festivo” — além da família Neukirchen, haveria mais nove pessoas à mesa grande da sala de jantar, a maioria solteira, independente — o que Konrad chamava de “patinhos feios”. (Que era exatamente o que ele seria, Konrad afirmou, caso não tivesse conhecido sua querida Agatha e a pequena e querida Meredith não tivesse entrado na vida deles na hora certa — “a quintessência do patinho feio”.) Mas na véspera do dia festivo, ali estava Agatha, em sua velha poltrona aconchegante, ajustada aos contornos de seu corpo como um molde, virando as páginas do álbum, mordendo o lábio inferior como se à beira das lágrimas, arrebatada.

De quando em quando, Meredith via a mãe folheando o álbum. Sempre de um jeito tão intenso e preocupado que Meredith entendia que a mãe não queria ser interrompida. Pois sempre que Agatha queria que Meredith olhasse um livro, ela a chamava, empolgada — “Merry! Merry! Vem ver — ai, que maravilha.”

Naquela noite, sentindo a presença de Meredith, mesmo que à distância, Agatha não ergueu os olhos, mas fechou o álbum num gesto casual e o enfiou debaixo da pilha de livros de sua mesa. E mais tarde o álbum havia sumido.

Embora Meredith nunca tivesse sido o tipo voluntarioso de criança que se comportasse, quando ninguém estava vendo, de outra forma que não a forma “boa” como se comportaria caso adultos a observassem, naquela noite, depois que os Neukirchen foram para a cama e a casa estava escura, às 23h, Meredith desceu a escada de fininho para procurar o álbum, que achou numa gaveta da cômoda no canto da sala de estar. Sem fôlego, ela o pegou e o examinou sob a luz do abajur.

MINHA VIDA DE BEBÊ

Merry Neukirchen

Dentro, a primeira página era rosa-pérola como a parte interna da orelha macia de um bebê. Debaixo da foto de uma neném enrubescida com cabelo preto de esquimó e feições achatadas, boca aberta num queixume estendido, havia letras de fôrma escritas com carinho com uma caneta hidrográfica preta de ponta grossa:

MEREDITH RUTH NEUKIRCHEN

“MERRY”

3,7 QUILOS

NASCIDA EM 21 DE SETEMBRO DE 1957

CARTHAGE GENERAL HOSPITAL
CARTHAGE, NOVA YORK
ESTADOS UNIDOS
PAIS ORGULHOSOS
AGATHA RUTH HINDLE
KONRAD ERNEST NEUKIRCHEN

Num silêncio atordado, Meredith virava as páginas endurecidas do álbum inflado. Pois não havia apenas dezenas — centenas — de instantâneos da bebê, mas instantâneos de Agatha bem mais jovem com o brilhoso cabelo castanho trançado, o dócil sorriso acanhado e encantadores olhos grandes; e havia o belo Konrad, sem barba — Konrad, mais jovem do que imaginaria ter sido um dia! Às vezes a sorridente Agatha segurava a Bebê Merry, às vezes o sorridente Konrad segurava a Bebê Merry, e às vezes Agatha e Konrad seguravam a Bebê Merry, os braços em torno da cintura um do outro. Mas a Bebê Merry estava em todas as fotografias, invariavelmente.

E como estavam felizes os pais orgulhosos! Meredith sentiu aquela lasca de gelo furar seu coração, que já tinha sentido no Parque da Amizade. A sensação de perda, isolamento, solidão.

Nenhum retrato da Menina de Barro! Nenhum.

Tantos instantâneos foram tirados da neném que era de se supor que os pais a acompanhavam dia a dia; mas aos poucos a neném de cara vermelha se metamorfoseou em um bebê gorducho com covinhas, e depois um bebê gorducho com covinhas que já aprendia a andar, depois uma criança bonita de três ou quatro anos — as feições achatadas de esquimó tinham desaparecido, substituídas por um rosto rosado com nariz empinado que parecia o rosto de Agatha com um toque do olhar e sobrancelhas inquiridoras que eram uma réplica de Konrad; o cabelo preto tinha sumido, substituído por um cabelo castanho-claro um pouco cacheado, bem parecido com o de Agatha. Havia comemorações de aniversários: *Primeiro Mês — Sexto Mês — Primeiro Ano — Segundo Ano — Terceiro Ano — Quarto...* Bolos de aniversário, árvores de Natal, presentes com embrulhos coloridos — bichos de pelúcia, bonecas, triciclo, carrinho — sapatos de couro preto envernizado, meias brancas — casacos de neve, luvas, gorros felpudos — pijamas, pantufas — cabelo ondulado castanho-claro em tranças, como o de Meredith assim que chegara à casa dos Neukirchen, e amarrado com um laço de veludo rosa idêntico. E havia os

livros de contos de fadas que a sorridente Agatha lia para a pequena Merry, que ouvia com atenção:

Contos de Mamã Gansa, O vento nos salgueiros, O conto de Peter Rabbit, Heidi...

Meredith fechou o álbum com cuidado. Nenhum instantâneo solto caiu.

Recolocou o álbum na gaveta da cômoda, exatamente como estava antes, para que ninguém nunca, nunca soubesse que o livro, com suas lembranças valiosas, tinha sido incomodado por uma intrusa.

Alguma instituição de prestígio, como a Cornell.

Em segredo, preparava a fuga.

Ao preparar as candidaturas a vagas em faculdades, Meredith gastava o mínimo de tempo possível nos formulários das universidades estaduais — Albany, Buffalo, Binghamton — que formavam professores do tipo que os Neukirchen achavam que a filha seria um dia; a maior parte do tempo ela gastava na candidatura à Cornell, que se agigantava em sua imaginação como os Alpes num livro infantil ilustrado, mais incrível que as fotografias do campus que estudara numa brochura na sala do psicopedagogo da escola.

Não licenciatura das faculdades públicas de Nova York. Não você. Alguma instituição de prestígio, como...

Os Neukirchen tinham dito a Meredith — de forma um pouco vaga — que a mensalidade das universidades particulares era “cara demais” — e sem dúvida a mensalidade da Cornell era muito mais alta do que a das faculdades geridas pelo estado; desse jeito os Neukirchen tinham evitado qualquer discussão sobre a Cornell, pois Meredith dificilmente ousaria se opor aos carinhosos pais. Agora, ao se candidatar em segredo à Cornell, ela se instruía a não ficar decepcionada, não ficar magoada, ao mesmo tempo que se persuadia a acreditar, a ter esperanças — *Quem sabe não acontece! Uma bolsa.*

Já tinha feito a prova estadual unificada. Ainda não sabia das notas e só lhe restava a esperança de que fossem altas o suficiente para contrabalançar a baixa reputação da escola de Carthage.

Nem mesmo os diretores e os docentes acreditavam que a Escola de Carthage era uma ótima escola. O professor mais impressionante da equipe, Hans Schneider, fora embora às pressas e substituído por uma amável mulher de meia-idade formada em “educação matemática” pela Buffalo State College; nas aulas dela, alunos bagunceiros estavam quase

sempre descontrolados e alunos dedicados, como Meredith, ficavam sentados, encolhidos de constrangimento e tédio em suas carteiras enquanto a professora tropeçava nos problemas matemáticos mais difíceis, fazendo o giz ranger no quadro-negro.

Nos momentos em que a professora estava mais desesperada, Meredith levantava a mão para ajudar — é claro. Mas Meredith não ia mais ao quadro-negro — a nova professora nunca pensou em chamá-la.

Era fato — até os alunos bagunceiros sentiam falta do sr. Schneider. Até os alunos mais fracos que não gostavam dele. Ou era o que tratavam de demonstrar à substituta desajeitada, por conta da crueldade adolescente.

Agora Meredith pensava muito em Hans Schneider. Havia sumido de Carthage, pelo que ela sabia — nenhum dos outros professores comentava quando lhes faziam perguntas, ou talvez não soubessem.

Ela lembrava que Konrad tinha mencionado que ele estava hospitalizado em Watertown. Mas já fazia mais de um ano.

Meredith não acreditava que Hans Schneider tivesse morrido — esse era um dos boatos. Ou que fora mandado para um *hospício*.

Acreditava menos ainda que tivesse “fugido para a Alemanha” — era outro rumor ridículo.

Em seus momentos secretos, sozinha no quarto enquanto os pais assistiam à tevê lá embaixo — ela achava reconfortante ouvi-los rir, a gargalhada robusta de Konrad em especial, mas não tinha mais vontade de acompanhá-los —, Meredith se recordava vividamente do professor de matemática de rosto fino e bicudo, o sorriso nervoso, o olhar pungente, fixo *nela*. Pois era raro qualquer homem ou garoto fixar o olhar *nela*. Se ficasse imóvel conseguia evocar a voz dele — *Você não teve infância. Você poderia me esperar. Nós — você e eu — podíamos fazer um pacto, tipo um — contrato.*

Na época ficara espantada, amedrontada. Agora ao ouvir as palavras sentia os ossos derreterem, a respiração acelerar. Agora na solidão testava as palavras *Eu te amo, sr. Schneider*.

Como provar uma especiaria rara, que faria a boca arder depois que a engolissem.

Eu também te amo.

Em segredo, guardara dinheiro dos trabalhos que fazia depois da escola e da mesada pequena que os Neukirchen lhe davam, para enviar a ordem de pagamento de vinte e cinco dólares da taxa de inscrição na Cornell.

Vinte e cinco dólares não era uma bobagem para ela, estava jogando para ganhar, temerária. Um lançar de dados, temerário! Seu raciocínio era de que os Neukirchen jamais saberiam que os traía — “A não ser que eu ganhe uma bolsa.”

Mulher de Barro em situação limite.

Maio de 2003

Sorrindo do novo jeito, tenso, ela lhes deu as boas-vindas à Charters House. Ela sabia — *Eles são os inimigos. Mas eu posso ficar amiga deles, talvez eu consiga persuadi-los.*

Tarde demais ela se daria conta de que ele — o homem que a desprezava, o homem que era seu *inimigo* — devia ter organizado aquela delegação de colegas da Universidade, para se esconder entre eles. Para ser convidado — “recebido com cordialidade” — para se reunir com a presidente da Universidade naquele horário heterodoxo — para discutir “questões urgentes” — para “rogar, argumentar” com M.R. Neukirchen, que tinha — segundo alegavam — (pois se tratava de um rumor, apenas) — se recusado até mesmo a debater a possibilidade de aceitarem uma contribuição de *trinta e cinco milhões de dólares!* — de um grande doador corporativo americano — por *razões políticas*.

“Políticas, não. Morais.”

Ela falava com a voz mais estridente do que pretendia. E mais duro era o sorriso alinhavado, que fazia com que a parte inferior do rosto (ainda um pouco machucado, inchado) se contraísse, o que não era muito conveniente.

Claro que enfatizariam que o moral é político. O político é moral. Todos os “grandes atos” da presidência de M.R. foram “impregnados” por sua ideologia política, que se tornara “cada vez menos negociável, unilateral” — “ditatorial”.

Ditatorial! M.R. riu de surpresa, é claro que era — uma piada.

Até para um inimigo conservador — essa acusação só podia ser piada.

A delegação de “colegas preocupados” — rostos que M.R. reconhecia, é claro — em sua maioria — alguns lhe eram assustadores, não via aqueles amigos fazia bastante tempo — (desde a posse, talvez) — de tão perto — queriam que ela soubesse que o apelo que lhe faziam era “informal, improvisado” — estavam aflitos para que ela entendesse isso — assim como desejavam que ela soubesse que estavam “preocupados com a saúde dela, o bem-estar” — na comunidade universitária se espalhavam sem parar os boatos de que M.R. estava “trabalhando demais, exausta” — “sob

enorme estresse” — de que tivera “problemas de saúde” — o que também causou risos em M.R., pois se tratava de um enorme clichê, e uma grande calúnia! *Vocês não chegariam nem perto de um homem que ocupasse o meu cargo, não é? Só por eu ser mulher — vocês têm a audácia de chegar perto, mas não de um homem.*

Enquanto parte de sua mente afiada registrava, ainda, esse choque brando — rostos de indivíduos que acreditava serem seus amigos, amigos do corpo docente, defensores de M.R. Neukirchen, a presença deles junto com os outros a aborrecia, não queria encarar como uma *traição*.

E havia Kroll. É claro, Kroll.

(Acontecera realmente, M.R. tinha perdido os amigos? Um a um, perdeu os amigos? Como um saco de pó de ouro, e havendo um furinho no saco, e o pó de ouro cai deixando vestígio, e vai se perdendo, e por fim é terrivelmente *perdido*.)

M.R. estava aflita: não perguntara ao assessor jurídico da Universidade se devia se encontrar com aquelas pessoas. E agora era tarde demais!

Sem sombra de dúvida, Lockhardt seria contra aquela reunião tarde da noite, com aquele ar apaziguador de algo extraoficial. Teria comentado com M.R. que quase todos esses autodenominados “emissários” eram os docentes conservadores consagrados de sempre e portanto eram seus oponentes e não, como haviam se descrito, *sua leal oposição* — a fim de persuadi-la a encontrá-los, ouvi-los com educação, e não lhes dizer de chofre — como M.R. Neukirchen jamais faria, claro — que *fossem embora, que fossem para o Inferno*.

Ao menos ninguém trouxera à baila a questão de Alexander Stirk. M.R. preferia achar que estavam começando a aceitar, na comunidade universitária, que sua conduta tinha sido responsável e que a culpa não era dela se o graduando era mais instável emocionalmente do que se suspeitava.

Mas Leonard Lockhardt não era mais amigo de M.R. Em meio à vasta rede universitária de *conselheiros, doadores bilionários, ex-alunos respeitados e influentes* que constituíam a verdadeira Universidade, distinta da percepção pública que tinham a respeito da instituição, Lockhardt conspirava contra ela — ela sabia.

Ele queria ser o presidente! É claro.

Todo mundo devia saber disso. Menos a ingênua da “M.R.”.

Fosse o que fosse que estavam lhe pedindo — pedindo que ela fizesse — o “apelo” qualquer que lhe faziam nessa demonstração inconvincente de coleguismo — M.R. não precisava ouvir, como fizera a asneira de ouvir, por exemplo, o aluno de graduação Stirk, que fora a seu escritório no Salvager Hall *grampeado*.

Instigado por Heidemann, era bem provável. E o testa de ferro de Heidemann, Kroll.

“Sabem de uma coisa — vocês já podem ir embora. Esse ‘confronto’ ultrajante está encerrado.”

Deliciosos sapinhos venenosos, pulando da boca de M.R.! Porém, M.R. não tinha falado de verdade, pois a garganta estava muito seca.

Ou se falou, ninguém escutou. Ninguém admitiria.

“Bom — eu agradeço! A todos vocês! Está tarde, tenho que levantar cedo, vocês já deixaram claro o argumento — os argumentos —, obrigada por se ‘preocuparem’ com o meu ‘bem-estar’ — mas...”

Talvez essas palavras ríspidas, M.R. estivesse falando em voz alta. E eram totalmente sensatas, pois já era tarde: quase meia-noite.

Algumas das visitas eram mulheres e as mulheres sorriam para M.R. — desejosas de que M.R. soubesse *Nos ouça, por favor! Nós somos seus amigos, Meredith*.

E Kroll estava no meio deles. Kroll que perseguia e atormentava M.R. com e-mails indesejados *Você está errando, Meredith! Por favor me escute por favor me deixe falar pessoalmente com você, eu sou seu amigo*.

Tomara a medida de bloquear os e-mails de Kroll. Se o servidor dele registrasse tais rejeições, ele saberia.

Ela odiava as opiniões políticas dele. Sentia repulsa moral pelas opiniões políticas dele.

A maioria desses “emissários” tinha convicções políticas que lhe eram ofensivas — já tinha desistido de argumentar com eles enquanto as guerras no Iraque e no Afeganistão se agravavam — esses defensores da *guerra contra o terrorismo*.

Perguntava-se que anedotas cruéis Kroll teria contado sobre ela, de quando estava emocionalmente vulnerável a ele, tolamente envolvida com ele no que parecia ter sido outra vida — na juventude de M.R.

Kroll e seu colega mais velho e mais infame ainda — Heidemann.

Era terrível, intolerável — G. Leddy Heidemann tinha entrado na casa dela. Comparado a Heidemann, Oliver Kroll era *politicamente um*

centrista.

Mas onde — onde estava Heidemann? M.R. o procurou, assustada.

Tinha certeza de ter visto Heidemann entrar na Charters House com os outros. Seria o mais velho do contingente, assim como o mais “renomado”.

O direitoista mais notável do corpo docente da Universidade — o “arquiteto”/a “consciência moral” das guerras equivocadas contra o “terrorismo” — conselheiro do secretário de Defesa e, segundo alardeado, ou pelo menos segundo os boatos, agora amigo íntimo do vice-presidente.

Um sujeito corpulento com tórax largo e mais de um metro e oitenta de altura que agora, aos sessenta e tantos anos, começava a decair como um balão que murcha aos poucos, porém continuava vigoroso, incansável; consumido pelo gosto da fama, que M.R. imaginava ser parecido com o gosto de sangue — depois de adquirido, se tornava obsessão.

Ela ponderou *O Heidemann vai me usar para subir ainda mais. Ele vai me perseguir, vai transformar uma grande universidade num campo de batalha.*

E no entanto — Heidemann estava ali? Com os outros? A não ser que estivesse sentado de modo a M.R. não conseguir vê-lo — e levando-se em conta a estatura de Heidemann, seria improvável — tudo indicava que não estava na sala.

Porém, tinha certeza de ter apertado a mão grande, contundente, um tanto zombeteira do sujeito — seria inevitável.

“M.R.” Que gentileza a sua nos convidar. Que atitude mais — liberal.

A cabeça dela funcionava como espadas faiscantes. Mas as faíscas eram estonteantes, ofuscantes. Ao mesmo tempo que se lembrava de que Heidemann chegara com os outros, mas agora não o via, se esquecia de que Heidemann chegara com os outros, mas agora não o via.

“Eu acho — você todos foram muito gentis, atenciosos — mas vocês não são qualificados para comentar essas questões, já que elas são confidenciais — só o conselho administrativo e umas poucas pessoas — da administração — estão cientes... do que vocês estão sugerindo. Portanto — eu acho — eu acho que a reunião está encerrada — eu agradeço muitíssimo.”

Essas frias palavras equilibradas M.R. disse em voz alta. Tinha certeza!

Teias de coceiras causticantes na barriga, nas costas — entre as escápulas — queria tanto rasgá-las com as unhas, mas não podia. Pois a

leal oposição a encarava como uma plateia emudecida, hipnotizada pela artista imprudente na corda bamba.

Andando ao lado deles — poderia até se dizer, arrebanhando-os — rumo ao vestíbulo, e à porta.

“Boa noite! Tchau!”

Não bateu a porta depois que saíram. Fechou a porta com calma e sem fazer barulho depois que saíram, e passou a tranca.

Imensas ondas de alívio jorraram sobre ela, havia se livrado das visitas indesejadas que a encararam de um jeito grosseiro, e a ofenderam com comentários ignorantes.

Percebeu tarde demais — não estava totalmente vestida, e estava *descalça*!

Como a casa estava silenciosa! O mausoléu — o *museu*.

É um erro viver sozinha. E viajar pela nebulosa, sozinha.

Pois o coração endurece, como minério vulcânico. Tão duro, tão quebradiço e seco, a mínima respiração fará dele pó.

Ela estava ofegante. O cabelo estava no rosto, os cílios grudados como cola. E a coceira, agora as unhas podiam coçar, coçar e coçar, e que alívio — arrancar sangue.

Entretanto — estava sozinha? Teve a sensação incômoda de que não estava sozinha na Charters House.

O instinto de sobrevivência é o mais básico dos instintos e portanto pensou *Estou em perigo — eu acho. Tem alguém aqui*.

Contou doze, treze pessoas — pelo menos. Intrusos não convidados e indesejados dos quais apenas onze tinham ido embora.

Heidemann viera com os outros! G. Leddy Heidemann, agora ela se lembrava.

Era evidente aos olhos de M.R. que Heidemann manipulara os outros a fim de formar aquela “delegação” para falar com ela. Queriam conversar com M.R. às escondidas, em segredo, para “respeitar a privacidade dela”, e por isso não quiseram marcar hora para falar com M.R. durante o expediente no Salvager Hall.

Não havia ninguém mais abominável que Heidemann! Desde o primeiro instante antipatizara com M.R. Neukirchen por ser, ao que parecia, mulher; uma mulher no corpo docente da Universidade, com doutorado em Harvard; uma mulher cuja matéria de história da filosofia se tornara, contra todas as expectativas, popular, e atraía alunos que caso contrário

— (era o que Heidemann acreditava) — teriam se matriculado em sua matéria (notoriamente extravagante, “popular”) de história da filosofia política. Quando Heidemann foi nomeado professor da Universidade, no começo da década de 1960, era liberal — militante engajado da Grande Sociedade de Johnson — mas, após o ano tumultuado de 1968, reagiu contra qualquer desobediência civil, agitação civil — o “Renascer da América”. Gerações de alunos de graduação tinham passado pela infame matéria de Heidemann que exaltava a sabedoria dos “três Tomás” — Hobbes, Malthus, (São) Aquino — bem como William Buckley e o finado senador “martirizado” Joseph McCarthy; por anos manteve um site na internet chamado QUEBRANDOMITOS, INC. com links para sites que negavam o Holocausto. Como uma aranha gorda o sujeito chupava o sangue vital dos jovens e ingênuos e durante o processo se tornou um “personagem” da Universidade — perversamente admirado até pelos estudantes que achavam sua postura política fascista e seu absolutismo moral peculiarmente irrelevante.

Desde o início dos anos 1970, Heidemann se opunha a qualquer tentativa da Universidade de contratar mulheres, docentes de minorias, docentes gays. Era contrário a qualquer ampliação da “administração da Universidade” — orientação psicológica, bolsas e empréstimos estudantis, controle de natalidade gratuito, programas de estágio durante o verão. Era contrário à proibição do fumo em espaços públicos do campus, era contrário às marchas (antiestupro) Take Back the Night, era contrário às creches, era contrário até à existência de vagas especiais para deficientes físicos nos estacionamento da Universidade, que era decretada pela legislação estadual de Nova Jersey. Ele se recusava a se definir como conservador, muito menos reacionário — ele era um *libertário civil*.

Grande parte do comportamento público de Heidemann, M.R. achava, era extravagante e exibicionista — ele próprio não acreditava na maioria das bizarrices que dizia, ela tinha certeza. Nesse ponto, ele lembrava seu suposto herói, Joseph McCarthy. Tinha esposa — nunca vista por ninguém. Teve filhos — que cresceram e se mudaram, e segundo os boatos raramente voltavam. Tinha sessenta e nove anos e havia jurado nunca se aposentar — pois, sob a lei federal, não existia mais aposentadoria compulsória na Universidade. No caos tóxico posterior ao 11 de Setembro, ele entrou na briga, com suas credenciais da Ivy League, para publicar colunas opinativas no *New York Times* e artigos em periódicos importantes

argumentando que a guerra contra “o Islã Terrorista” era mais urgente que a Segunda Guerra Mundial havia sido, já que os nazistas não se opunham ao cristianismo como os muçulmanos. A ideia de Heidemann de uma “nação em cruzada pelo cristianismo” foi imensamente convidativa aos conservadores do Partido Republicano. Conquistou a fama nos canais a cabo direitistas ao traduzir os termos mais extremos da Guerra Fria para a era contemporânea — assim como a “demoníaca” União Soviética planejava destruir o Mundo Livre Cristão, o “demoníaco” mundo muçulmano planejava destruir o Mundo Livre Cristão, a começar pelos Estados Unidos.

As opiniões de Heidemann sobre aborto, controle de natalidade, “promiscuidade sexual” e os perigos do “progressismo secular” sem dúvida tiveram um efeito nocivo no sugestionável Alexander Stirk.

M.R. ponderou *Mas eu não posso pensar nele. Não posso ficar doente com isso.*

“Mas eu vou. *Eu vou fazer isso.*”

Pouco antes de as visitas indesejadas aparecerem na casa dela, entre uma tarefa e outra ao longo de boa parte daquele dia muito movimentado no Salvager Hall, M.R. revisava “O papel da universidade em uma era de ‘patriotismo’”.

Esse discurso fervoroso seria o cri de coeur de M.R. Não conseguiriam impedi-la de proferi-lo — não seria *censurada*.

Duzentos anos de tradição! O presidente da Universidade faz o discurso de paraninfo, não um orador convidado, menos ainda uma celebridade.

O ano acadêmico era uma estrada sinuosa numa montanha que ascendia até seu encerramento formal, cerimonioso — o fim de semana da entrega de diplomas. Como o bem velejado *Cutty Sark*, que após atravessar mares encrespados estaria agora a caminho do porto — avistado com empolgação, traçando seu caminho ostentoso até o porto! — a Universidade se apresentava, no final do período letivo, como uma sequência de eventos públicos semelhantes a um festival de teatro semirreligioso em que a autopromoção era mascarada pela tradição.

Certas tradições tinham mais valor comercial que outras, mas todas eram fundamentais e nenhuma era mais fundamental que os discursos presidenciais, que haviam sido, nos primórdios da história da Universidade, sermões descaradamente cristãos.

Era uma tradição mais recente a Universidade como instituição se definir como politicamente neutra. O presidente da Universidade não devia ser “político” — não de um jeito enfático.

Entretanto, M.R. tinha certeza de que, em épocas de crises de guerra no decorrer das décadas, por exemplo antes da deflagração da Guerra Civil, seus distintos antecessores na presidência não tinham evitado declarações políticas.

““O moral é político — o político é moral.””

Só que as pessoas a quem M.R. mostrara o rascunho do discurso em outubro do ano anterior, inclusive o reitor e o advogado da Universidade, tinham aconselhado M.R. a não publicá-lo no periódico oficial da American Association of Learned Societies.

Aconselharam-na com delicadeza. Pois não queriam afrontar seu juízo.

Mas esse era o mesmo “discurso” que M.R. havia sido impedida de proferir em outubro! O discurso de abertura do congresso!

O coração de M.R. acelerava, ela se sentia quase feliz, perigosamente animada, como se diante da perspectiva de um combate.

“Eu não serei *censurada*.”

Era verdade — até certo ponto — que M.R. não andava muito bem ultimamente — em estado de fuga, de certa forma não totalmente *ela mesma*.

A reunião com os conselheiros, por exemplo — M.R. estava cheia de empolgação e acreditava que a reunião tinha corrido bem, só que as reações dos funcionários da Universidade, como Leonard Lockhardt, indicavam o contrário. Depois, M.R. se arrependeu de encerrar a reunião tão bruscamente; pois não sabia que seria retomada poucas horas depois. Mas, para sua surpresa, M.R. foi informada pelo presidente do Conselho Administrativo de que a reunião foi adiada para junho — após a formatura.

Ela pensou, perplexa *Eles vão se reunir sem mim? Vão me dar um voto de desconfiança?*

Não podia ser assim. Nem uma única vez em duzentos anos, pelo que M.R. sabia, os conselheiros da Universidade tinham votado para destituir um presidente.

O reitor, o decano, o vice-presidente de Desenvolvimento — tinham começado a sugerir que M.R. descansasse, desse um tempo — tirasse licença; em último caso, M.R. poderia se internar em uma clínica, para

fazer um exame físico “completo”. Apesar de magoada com tal sugestão, M.R. dera conta de rir.

“Só mais três semanas! Aí termina o semestre letivo. Quem sabe eu não descanse — um pouco.”

O comentário parecia tê-los apaziguado. Parecia tê-los instigado a falar mais ainda, audaciosamente.

Não existia motivo para ela ficar constrangida ou envergonhada, eles declararam! Ela estava exausta de tanto trabalhar, naquele primeiro ano no cargo.

Constrangida? *Envergonhada?*

Ela os deixou naquele momento. Ficou muito magoada.

Contudo pretendia acatar o conselho — consultar um médico. Porque não havia mal nenhum nisso.

Então pediu à secretária que marcasse um horário para ela, mas depois — na manhã da consulta — percebeu o peso que a consulta provocaria na agenda da tarde, um buraco enorme por um capricho, e por isso cancelou.

A consulta era com uma médica que não era a internista conceituadíssima a quem M.R. ia desde que começara a trabalhar na Universidade, mas com uma nova residente da área, mas ainda assim era mulher, claro — porque ultimamente M.R. não suportava ser examinada por ninguém exceto uma médica mulher; e então, lhe ocorreu de repente, não suportava ser examinada por ninguém, mulher ou homem, porque não suportava ser tocada.

Não suportava ser *examinada, diagnosticada*.

Feridas misteriosas, marcas na pele — reações alérgicas, erupções — uma espécie de psoríase que causava uma coceira violenta na região da barriga, entre as escápulas — esses sintomas M.R. podia esconder sem problemas debaixo das roupas — (ela achava) — pois sabia que eram reações neuróticas e não problemas de saúde “verdadeiros”. E havia o péssimo exemplo de Agatha — M.R. franziu a testa ao lembrar — que cancelava consultas médicas numa boa, mesmo quando sua pressão — e a taxa de glicose no sangue — estavam subindo.

A maioria dos médicos das redondezas saberia quem era M.R. Neukirchen. E sem dúvida qualquer terapeuta, psicoterapeuta.

Se lhe receitassem soníferos, por exemplo. Ou qualquer tipo de psicotrópico.

As malditas erupções se espalhavam, e doíam muito. Enquanto os “emissários” a encaravam solenemente, a coceira se intensificou tanto que ela teve a sensação de estar enlouquecendo. Mas não sucumbira.

Em todo caso, erupção nenhuma é sintoma sério e M.R. se automedicava com uma pomada suave de cortisona da farmácia.

Insônia, falta de apetite, “suores noturnos” — esses lugares-comuns, sintomas de uma mulher neurastênica, M.R. afugentava dos pensamentos como se afugentam moscas.

E que coisa mais ridícula, até as unhas dos dedos do pé doíam! As unhas da própria M.R. se voltando contra ela...

Jantares formais em que M.R. precisava se representar durante horas — horas! — e em que não ousava acionar nenhuma das coceiras, por medo de que saíssem do controle. E nessas ocasiões, e em recepções em que tinha de ficar em pé, mal conseguia evitar o uso de sapatos (caros, apertados) e assim foi acontecendo aos poucos de as unhas dos dedões de ambos os pés entortarem de um jeito estranho, encravarem, e ultimamente ficarem com um tom amarronzado, como se o sangue tivesse se acumulado sob a unha e apodrecido.

Era complicado não interpretar esses incômodos como sinais de *fraqueza moral*.

Era complicado não interpretar esses incômodos como sinais do que misóginos como G. Leddy Heidemann chamariam desdenhosamente de *fraqueza feminina*.

Ainda assim, M.R. iria a uma pedicure, e uma internista — em breve. Depois que tivesse cumprido o último, o último mesmo, de seus deveres presidenciais do ano acadêmico de 2002-2003.

O fim. O fim quando acreditava ser o começo.

“‘M.R.’! Estamos a sós, enfim? As gentis visitas te abandonaram?”

A voz era zombeteira, com um leve sotaque britânico — G. Leddy Heidemann se diplomara em Oxford.

Pois o sujeito estava estirado em uma das poltronas de couro marrom da biblioteca, esperando M.R. dar uma espiada no cômodo para apagar a luz.

Então havia ficado para trás! M.R. desconfiara disso, mas seu coração estava tão acelerado que parecia ter sido pega de surpresa.

“‘M.R.’! Sempre me perguntei se o objetivo das iniciais era aludir — sem querer, claro — a ‘mister’, ‘senhor’. Um tipo esquisito —

inconvincente — de travestismo, né?”

Ele estava zombando dela. Rindo dela. Em sua risada havia tanto desprezo e tanta vontade de fazer mal que M.R. ficou tonta, fraca — a mancada que dera.

Esparramado em uma das poltronas antigas de couro da biblioteca, onde a luminária lançava um clarão tremeluzente sobre as superfícies de latão luzidias, as vidraças limpas das prateleiras de livros e as janelas de treliça tornadas opacas pela noite. Heidemann tinha ombros de búfalo, o torso era grande e afundado, tinha cabeça arredondada e feições que, à meia-luz, pareciam fissuras numa rocha. Mas não existia rochedo tão *vivo*, *ameaçador*.

M.R. sentiu uma onda de vergonha. Vergonha pura! Pois estava descalça e desgrenhada; e era provável que tivesse falado ou murmurado sozinha, se criticando, como vinha fazendo sempre, quando estava a sós.

“Senhor Heidemann — acho melhor o senhor ir embora. Por favor.”

“‘Senhor’! Mas *você* é o ‘senhor’ — achei que a gente já tinha resolvido essa questão.”

Quando M.R. o fitou com medo, Heidemann riu, um som como de papel-alumínio sendo balançado, melancólico mas percussivo.

“A gente nunca conversou de verdade, sabe — ‘M.R.’. Mesmo quando você convidou amigos íntimos meus — como o Oliver Kroll — à Charters House, você fez questão de não convidar G. Leddy Heidemann.”

“Eu acho — por favor — é melhor o senhor ir embora. Está tarde...”

A voz de M.R. tremia como folhas chocalhando na árvore — folhas secas, uma árvore no final do outono.

Vagarosa — beligerantemente — Heidemann se levantou. Ele também estava desalinhado, de calça amarrotada, um casaco esportivo descombinado. Sua respiração era audível, ele cheirava a uísque. M.R. ficou surpresa com a reprovação amarga na voz dele e se perguntou se estava sendo sincero.

“Eu jamais poderia — em sã consciência — convidar para vir à Charters House um sujeito que divulga a guerra — contra uma nação do Oriente Médio que não é agressiva — como ‘ataque preventivo’. Ou que se associa a ‘negadores do Holocausto’ — para ser polêmico, para chamar atenção.”

Heidemann fitou M.R., como se não esperasse uma resposta dessas.

Mas a fala de M.R. deixou-a cansada, fraca — como um pugilista após desferir apenas um golpe forte, esgotado pelo empenho desse golpe.

Ela o ofendera — ofendera? Agora Heidemann cambaleava na direção dela, a fim de amedrontá-la — e M.R. se encolheu, num ato instintivo. A pele se arrepiava com o horror da lembrança — a pergunta zombeteira *Você achava que ia escapar — disso?*

O sujeito a machucaria, ela percebia. Ele a humilharia fisicamente. Era impávido na certeza de que M.R. jamais daria queixa dele — jamais ousaria correr o risco de passar por tamanha exposição, tamanha notoriedade ruim para a Universidade.

“Não! Por favor...”

“‘Por favor’ — o quê? Me apiedar de você?”

Heidemann estava se divertindo muito. Mas também estava bravo. E tinha bebido.

M.R. se virou para sair correndo da biblioteca e de alguma maneira o sujeito corpulento estava logo atrás, segurando-a em seus braços — a barriga de Buda imprensada contra as costas dela. Ela sentiu o bafo de uísque e sentiu o cheiro do corpo dele. Mãos ásperas como luvas de soldador envolveram seus seios, apertando-os — “Que exemplo patético de mulher! Você é um fracasso até *nisso*.”

M.R. se retraiu de dor. Abriu a boca para gritar, mas não conseguia gritar. Os dedos do sujeito se enrijeciam, era algo horrendo. Era como se quisesse destruí-la, aniquilá-la; não bastava apenas machucá-la, ou humilhá-la. Ela teria caído no chão, mas ele a segurava de pé, ridicularizando-a — “Você sabia que eu tinha ficado para trás. Você sabia muito bem, me convidando para entrar na sua casa. Depois do que você fez com o pobre coitado do garoto, o Stirk — um dos *meus alunos* — você que nunca teve filhos! Você merece ser castigada.”

Desesperada, M.R. pensou *Se ele me machucar, quem sabe isso não acaba. Ele vai me soltar*. Ela teria suplicado ao sujeito, mas palavras de abnegação ficavam presas na garganta e então, incapaz de se conter, teve a atitude instintiva de resistir ao sujeito, e foi à virilidade dele que ofendeu, fatalmente.

Embora pesasse uns quarenta quilos a mais que ela e fosse muito forte, M.R. se desvencilhou do domínio dele e correu — descalça, em pânico. Ele havia pisado — esmagado — seus pés descalços, e os machucara, porém ela conseguiu correr, mancando — e atrás dela o sujeito a fitava, cambaleando; então saiu atrás dela, xingando-a. M.R. se viu nos fundos da casa, na cozinha escura — na copa — mal dava para enxergar a porta do

porão, entreaberta — foi correndo até ela e desceu os degraus na escuridão. Pensando *Ele nunca vai vir atrás de mim aqui. É aqui que eu vou escapar dele.*

Debaixo da escada do porão, muito tempo antes, ela se escondera. Agachada e encolhida como um vermezinho pisado em meio às teias e bolas de poeira.

Eles não a acharam naquela época — acharam?

Mas o sujeito — Heidemann — não seria despistado. Com sua raiva alimentada pelo uísque, mergulhando na escuridão, trovejando na escada, Tateando em busca de luz — que por acaso acendeu —, vendo M.R. encolhida ao pé da escada, pálida e apavorada, arquejante — era quase de se imaginar que a mulher estava nua, de tão vulnerável que parecia, o cabelo no rosto.

Ele praguejou, e gargalhou, e desceu a escada ao encontro dela. Mas estabonado, com pernas que pareciam inchadas, o torso inchado virado para o lado, e então o sujeito perdeu o equilíbrio nos degraus estreitos e caiu — no momento em que M.R. levantava alguma coisa, um objeto que pegara para se proteger, uma vara qualquer, de cerca de um metro de comprimento e feita de ferro — brandindo-a desesperadamente quando o sujeito se lançou, e caiu; e quer a vara de ferro tivesse acertado o crânio dele com um golpe fatal, quer ao cair com um baque a cabeça dele tivesse batido na beirada pontuda de um degrau, ele estremeceu e ficou deitado, imóvel, parte do corpo na escada e parte no assoalho do porão, aonde um líquido escuro começava a escorrer da ferida na cabeça.

M.R. se agachou ao lado dele. O corpo grande molhado de suor, a cabeça grande com o cabelo ralo e o couro cabeludo ferido, a aflitiva respiração curta, os olhinhos semicerrados e cegos. Ela lhe implorava — “Não! Levanta! Você não pode se machucar!” Ela sabia que Heidemann era ardiloso e aquilo podia ser um truque — não ficaria surpresa se o sujeito tivesse ido à Charters House *grampeado*.

“Não. Levanta. Acorda...”

M.R. teve a audácia de tocar no ombro de Heidemann. Sacudir os ombros dele. Ela sentia o sujeito afundar, se afastando dela — ela pensou *Ele vai botar a culpa em mim. Ele vai me acusar.*

Desesperada, M.R. tropeçou escada acima. Na cozinha mal iluminada tateou à procura do telefone, que era preso à parede — com os dedos em pânico esmurrou o número da polícia. Mas não tocava — parecia não

haver linha. M.R. interrompeu a ligação e tentou de novo — e de novo não tocava. Heidemann tinha arrancado o telefone da tomada ao passar — não tinha?

M.R. prestou atenção — teria ouvido uma lamúria? Uma lamúria de homem, vinda do porão?

A não ser pelo sangue que pulsava em seus ouvidos, nada. Ela pensou *Não tem ninguém lá!*

Pois parecia absolutamente impossível que um de seus colegas de universidade a tivesse perseguido na escada do porão, caído e machucado a cabeça — esse incidente lúgubre tinha sido um sonho, outro de seus sonhos, pois era cada vez mais frequente ela chafurdar em sonhos de feiura inigualável como quem chafurda na lama; sua vida mais profunda, mais íntima, se tornara uma concatenação de sonhos fortuitos e humilhantes que a deixavam exausta e destruída. Mas não se entregaria.

Numa quase avidez ela voltou ao porão. E ali, para seu horror, ao pé da escada, o enorme corpo caído do sujeito jazia imóvel e agora sem respiração — não mais estremecia e se contorcia. Um fedor pútrido emanava do corpo como se já tivesse começado a se decompor, num escárnio e em despeito contra ela.

“Acorda! Você só pode estar brincando! Não tem... graça...”

A essa altura, a cabeça ferida estava coberta de sangue como tentáculos. O rosto estava meio desmoronado, como uma máscara que tivesse se soltado.

A gravidade puxava a papada densa, os lábios flácidos borrachudos que até agora, na morte, eram zombeteiros, lascivos.

“Por favor! Deixa eu te ajudar... senta...”

M.R. estava apavorada de chegar perto demais de Heidemann, de que ele a agarrasse — o punho, o tornozelo. Acreditava que as pálpebras dele tremiam — ele estava observando todos os seus movimentos. Os seios dela latejavam de dor e do insulto que era a dor, os dedos do sujeito apertando apertando apertando como se quisessem lhe tirar a vida — o que era mais ofensivo nela, a mulher. Não aguentaria ser agredida por ele de novo, sua burrice ao se aproximar demais do inimigo.

Mas ele havia parado de respirar. Não tinha pulso — isso ela descobriu com os dedos tateantes.

Muito tempo antes, quando era uma das boas alunas da Escola de Carthage, Meredith — “Merry” — fizera uma matéria extracurricular em

primeiros socorros e “salvamento de vidas”; ela sabia, precisava tentar reavivar a respiração do sujeito inconsciente juntando sua boca à dele — fazendo pressão no peito dele; precisava tentar reavivar o coração perverso, que devia ser um músculo gordo e desbotado do tamanho de um punho grosso e bruto; ou, o que era mais sensato, precisava correr em busca de socorro, sair da casa — precisava pedir ajuda para o sujeito ferido, se ela mesma era incapaz de dá-la.

Mas não conseguia se mexer, estava paralisada de repulsa por ele, e o horror total do que havia acontecido. Ela pensou *Ele me destruiu. Era esse o objetivo dele.*

Como quem fixa o olhar nas cenas de cinejornal sobre uma catástrofe de tempos longínquos em que todos os participantes já morreram, M.R. pensou com sua imaginação podre não só na devastação da carreira mas também da vida — a vida, mínima que fosse, que tinha guardado para si — e de toda a esperança de uma vida além dessa vida mínima. O mais doloroso era a noção de que não tinha sido o sujeito detestável quem a destruía, mas M.R. quem se destruía sozinha.

E então, não tinha alternativa. Era a necessidade agindo através dela como uma corrente elétrica dando choques em seus membros.

O corpo inanimado pesado como um saco de concreto que ela arrastou pelos tornozelos até o interior com cheiro de umidade do porão e a pia antiga corroída que não era usada havia décadas. A luz do teto — das lâmpadas descobertas — era fraca como a de uma galáxia distante. E por isso não via muito bem o rosto com a pele caída, só conseguia perceber seu escárnio e os olhos entreabertos, um olhar de desprezo ainda mais terrível por ser inteligente e perspicaz e não mero desprezo brutal. Ela temia — estava aguardando — a gargalhada irônica do sujeito, que de certo modo havia se traduzido em — ela sabia disso com tanta lucidez quanto se ele se gabasse para ela — um fedor pungente de urina, fezes, deterioração.

Não era uma mulher fraca mas nossa! — não conseguia evitar a náusea, o vômito. O espasmo a arruinou como se houvesse uma criatura dentro dela louca para fugir e não existisse escapatória além da garganta, a boca ofegante.

Em seguida, o espasmo passou. A boca fedida a vômito que parecia ácido, ela não ousou engolir para não enjoar ainda mais, e sim cuspiu, e cuspiu, e enxugou a boca, e cuspiu de novo.

Ai! — estava enjoadíssima, e muito estarrecida e apavorada. Porém entendia o que precisava fazer porque não tinha alternativa.

Sempre afirmavam isso sobre ela, ela era forte, e ela era competente. Uma pessoa não é amada por ser forte e competente se ela for mulher, mas caso seja mulher e seja forte e competente, ela traça seu caminho sem amor. Ainda assim, parte da força havia se esvaído nas últimas semanas e naquelas últimas horas e portanto foi a memória de sua força que permitiu que ela agisse como se não tivesse alternativa além de agir, pois a sobrevivência requer força, já a fraqueza é a morte. Pois o que é a coragem se não o desespero. O que é o indômito se não o desespero. O que é o sucesso, o triunfo, se não o desespero. Contudo, que dificuldade ela teve de levantar o corpo inerte, pesado como um saco de concreto, até a pia arcaica — durante minutos longos e insanos ela lutou, tentando primeiro erguer as pernas e depois os ombros e a cabeça; desistindo do torso e depois reposicionando as pernas inchadas que balançavam com uma jocosidade vingativa; para tornar as pernas menos pesadas, e sua missão menos complicada, ela pensou em tirar os sapatos — desamarrar os sapatos dos pés de um homem morto não é fácil! — arrancar os sapatos de quem quer que seja não é fácil, mas é muito mais difícil tirar os sapatos dos mortos — foi uma epifania que M.R. nunca tivera antes, até ali. E pensou no amante-astrônomo, que havia pedido várias vezes que ela tirasse seus sapatos — ou melhor, suas botas de caminhada — porque ele tinha muita preguiça de tirá-los, justificava ele — (de brincadeira) — (ela imaginava que na verdade as costas de Andre doessem, não seria fácil para ele se curvar, mas não queria confessar sua fraqueza a uma garota bem mais jovem que o adorava) — havia prazer na intimidade do gesto, e alegria; e agora, tirando os sapatos do inimigo, havia apenas asco, consternação. E horror.

Entretanto, a decisão foi boa. Porque agora tinha menos dificuldade de levantar as pernas inchadas, as coxas enormes como um presunto, a parte inferior do corpo, gorda, ela lutou para equilibrar sobre a beirada da pia, assim como lutou para levantar o torso, que parecia ao mesmo tempo inchado e afundado, e os braços que sacudiam como num rudimento de abraço falso, e depois a cabeça — a cabeça! — que havia se apoiado no ombro de um jeito que sugeria languidez, até mesmo galanteio.

Quanta intimidade na transação! Como amantes secretos amarrados, irrevogavelmente.

Por fim, o corpo estava na pia. Bem esquisito, gordura franzida sobre si mesma, e a cabeça pesada ainda erguida — tornando a encostar no ombro — para que pudesse observá-la pelos olhos semicerrados, no auge de sua desgraça. Era como se ela estivesse nua diante dele, exposta a seu julgamento. Uma sensação de júbilo o percorreu. Um sorriso de queixo frouxo brincava nos lábios.

Ela aguardou, mas ele não disse nada. Tinha certeza de que ele a observava, no entanto.

Ela nunca tinha visto um cadáver. A não ser o cadáver da Menina de Barro, talvez. E se tratava do cadáver de uma criancinha humilhada, de pouca relevância, e não o cadáver de um homem adulto, aclamado.

Estava muito cansada de arrastar o corpo, levantar o corpo até a pia. Os braços, o pescoço e as costas doíam por conta do esforço. E tudo o que ainda estava por vir — sentiu um frisson de puro horror.

Seus pés descalços e pálidos estavam salpicados de sangue. A parte da frente das roupas estava suja. Sob as unhas, sabia que devia haver mais sangue.

Teria de se lavar dos pés à cabeça depois.

“Eu vou conseguir.”

Ela subiu à cozinha, onde uma única luz vinha do teto. À exceção do telefone dependurado, que pôs no lugar no mesmo instante, não havia nada que indicasse o desespero de alguns minutos antes — nada fora do lugar.

Voltou à biblioteca, onde o lustre jogava uma luz romântica e quente sobre as superfícies lustradas — mogno, vidro. Reparou que a poltrona de couro onde o sujeito corpulento se esparramara estava fora do lugar e rearrumou a poltrona e olhou ao redor para garantir que nada chamaria a atenção da governanta Mildred. Apagou as luzes e se retirou.

Na sala de estar, as luzes também estavam acesas — havia várias cadeiras fora do lugar, nas quais as visitas não convidadas tinham se sentado, para formar uma meia-lua casual. Essas cadeiras ela pôs de volta no lugar certo, com toda a exatidão que a memória lhe permitia. Apagou as luzes e se retirou.

De manhã, Mildred não acharia nada fora do lugar.

“Mas eu não tenho muito tempo.”

Debaixo da pia da cozinha, numa prateleira, havia vários pares de luvas de látex, dos quais pegou um par.

Uma tesoura grande de podar plantas, da gaveta da cozinha; alguns dos facões de chef de lâmina afiada do estande imantado que ficava pendurado no alto. Apossou-se dessas ferramentas como se já soubesse o que faria com elas.

Em uma despensa contígua à cozinha havia materiais guardados — sacos de lixo pretos, dos quais pegou cerca de uma dúzia.

Na garagem anexa à casa, uma coqueira adaptada décadas antes, achou um serrote no meio das inúmeras opções de ferramentas na bancada de trabalhos manuais.

Achou outro estoque de sacos de lixo maiores que os sacos da cozinha.

Era 00h29. Teria de ser rápida.

Em seguida voltou ao porão e à lavanderia, onde sobre a pia antiga corroída o cadáver jazia com aquela postura desajeitada. Não tinha certeza se o corpo não havia se mexido durante sua ausência — não sabia ao certo se os sagazes olhos frios não tinham piscado. Mas o flácido sorrisinho escarnecedor se mantinha, e a cabeça continuava inclinada para trás, como se a vértebra do alto da coluna tivesse se quebrado.

Com o tesourão ela tirou a roupa do sujeito. E agora era um corpo parcialmente vestido, e aos poucos um corpo nu — mole, repleto de pelos crespos, manchado e sarapintado e esburacado e fedorento. A pele quente começava a esfriar, a superfície da pele estava escorregadia por causa do suor oleoso. O terror da vida corpórea brutal estava encarnado ali, não poderia ser dura ao julgar um homem que tivesse de habitar aquele corpo, embora inferisse que ele já tinha sido jovem — já tinha sido criança. Alguma frustração profunda na vida o ferira intensamente, fora tomado pela infecção e não se recuperara. Sentiu pena dele, nesse momento — a bile o consumira por dentro.

O ódio estava dentro do sujeito, obstruído feito pus. Não era pessoal, o fato de o ódio dele ter sido derramado sobre ela.

Não era algo pessoal, que um homem abominasse uma mulher.

O genital estava inchado. O pênis era do formato e do tamanho de uma lesma.

Quanta tristeza no corpo! Era quase difícil odiá-lo.

Em seguida, lembrou-se da Guerra do Iraque e da cruzada “preventiva” contra inimigos imaginários, e os links com sites que negavam o Holocausto — o fato de que G. Leddy Heidemann tinha conspirado para cometer crimes de guerra, ou para ajudar e estimular outros a cometerem

crimes de guerra. Emprestara seu nome à iniciativa malévola da guerra no Oriente Médio e à matança e mutilação de civis e por meio dessa conexão maculara a Universidade. E dissera coisas cruéis, graves a respeito de M.R. Neukirchen nas primeiras semanas de sua presidência, das quais trechos foram reproduzidos no jornal do campus... Esse fato, M.R. tinha jurado esquecer, mas não conseguia perdoar.

“‘Desarticular.’”

Nunca fora mais que um termo misterioso para ela.

Ela puxou as luvas de látex que já estavam manchadas. Como uma cirurgiã — ou melhor, como uma patologista — ela pegou o serrote, tremendo no começo, mas aos poucos com mais força, serrilhando os punhos grossos do sujeito, os tornozelos. Como era chocante, atingir o osso! Teve de achar uma maneira de atravessar os ossos, nas juntas. Esse era o segredo da desarticulação. Depois de bastante esforço conseguiu separar as duas mãos e os dois pés. Em seguida, serrou os cotovelos: os braços compridos precisavam ser desmembrados. O porão da Charters House estava gelado como as profundezas de um poço, porém seu rosto estava coberto de suor a essa altura e filetes de suor corriam pelo peito e pelas costas debaixo das roupas.

Serrou as juntas dos joelhos. Serrou as juntas dos quadris. O sangue fluía do corpo mutilado para o ralo da pia arcaica. Estava ficando inebriada — drogada — com o fedor de sangue, mas aos poucos parou de sentir o cheiro assim como no alagadiço parara de sentir cheiros e parara de ver e de ouvir e de sentir.

O genital ela deixaria intacto. O torso inchado e afundado deixaria intacto. Não suportava a ideia de serrar a cavidade torácica, ou a barriga; não suportava a ideia de remover os órgãos internos, estômago e intestinos, e tudo o que existia dentro da podridão absoluta.

Lembrou-se da crença de certas religiões orientais, de que a alma humana se situa no intestino.

Durante esse tempo todo, a cabeça inclinada para trás lhe era medonha. Tentou não olhar para o rosto. Os olhos agora acusatórios, atônitos. O sorriso com o maxilar flácido de idiotismo sexual. Estava muito cansada e oscilava sobre os pés, e não pensava com clareza já que só agora a ideia lhe passava pela cabeça — precisava separar a cabeça do torso, para esconder o rosto.

Não era fácil separar a cabeça do corpo. Usou tanto o serrote como um dos facões afiados. Fechou os olhos porque não aguentava ver os olhos do sujeito. Fechou os olhos, estarrecida e espantada, pois tinha a impressão — um instante antes, não perderia tempo com essa possibilidade — de que o rosto não era o de seu colega de Universidade G. Leddy Heidemann, mas o rosto de um estranho. Um rosto arruinado, o rosto de um estranho.

Esse foi seu erro de cálculo: quando conseguiu separar a cabeça do corpo, aconteceu um derramamento repentino de sangue escuro — uma artéria da grossura de um filhote de cobra maleável foi cortada, e jorrou sangue ao longo de alguns segundos tenebrosos. Como se o morto tivesse ganhado vida de novo, em seu espasmo final de fúria.

Outro erro de cálculo: não fizera nada para garantir que a cabeça cairia dentro da pia. O próprio peso dela fez com que caísse para trás, fora da cuba da pia, no chão arenoso de concreto, com um baque surpreso.

“Ai! Me perdoe.”

Ela se obrigou a pegar a cabeça — precisou das duas mãos. Porém, não a olhou direito. A visão estava embaçada, evasiva. Não seria capaz de se obrigar a olhar bem o rosto, nem para identificá-lo. Rapidamente, então, jogou a cabeça em um dos sacos plásticos pretos.

Que alívio — agora o torso estava anônimo, era apenas masculino.

Trabalhou horas e horas ao longo da noite. Deixara de pensar, assim como deixara de sentir o cheiro do cadáver. Um ritmo de trabalho quase prazeroso lhe vinha através de cada esforço dos braços, ombros e costas — através de seus genes, camponeses americanos criados para a labuta dura e vã e inevitável em troca de mixaria. Não era uma mulher fraca, tampouco sua mãe fora uma mulher fraca — fisicamente.

Serrote, facas, tesourão. Juntas dos quadris, juntas dos ombros. Sorriu ao se perguntar se houvera algum açougueiro na família — quantas gerações atrás. Carne sebosa e grossa se esvaindo em sangue, glóbulos de gordura pingando e indo embora pelo ralo, ela esperava em Deus que não ficasse entupido tão cedo. Quando a lâmina do serrote ou a lâmina do facão batiam no osso, um tremor percorria seu braço até o cotovelo, como um choque elétrico.

Em uma dezena ou mais de sacos plásticos, as partes do corpo estavam arrumadas e os sacos fechados, amarrados. Em breve estaria concluída — a “desarticulação”.

Agira por instinto, e por não ter alternativa. Assim como quem puxa o ar desesperadamente não tem alternativa a não ser respirar.

Não tinha raciocinado com lucidez — um único corpo, individual, seria complicado descartar, mas partes do corpo, cada uma pesando não mais que nove ou dez quilos, não haveria dificuldade.

Não tinha raciocinado com lucidez, mas agira de acordo com esse raciocínio e a cada saco fechado e amarrado sentia certo alívio. Pois agora o sujeito não representava uma ameaça a ela. Ela o vencera!

Carregou os sacos escada acima, passou pela cozinha e saiu, indo até o carro. Pensou — que estranho seria, se as visitas não convidadas ainda estivessem na sala de estar, esperando por ela! E aquele que escapara, para se esconder dela e atormentá-la.

Pensou — mas aí isso não poderia ter acontecido. E aconteceu.

O tempo na Terra é irreversível. O tempo na Terra corre somente em uma direção.

Ao lado do carro, ela pôs os sacos na entrada de asfalto. Um único holofote ardia no canto da garagem. Com cuidado, ela usou o tesourão para abrir vários sacos de lixo para forrar o porta-malas do carro, e sobre eles pôs os sacos plásticos. Ninguém imaginaria o que havia dentro dos sacos bem amarrados.

Nem uma gota de sangue — nem um fio — ficaria para trás no porta-malas do carro, para incriminá-la.

Sempre tinha sido a boa aluna. Fazia suas tarefas com perfeição, era a pessoa confiável a quem os outros não davam o devido valor. Nem sempre, mas às vezes riam dela por causa da cara lavada e singela e a alma lavada e singela.

Eram 3h53. A lua pálida brilhava no alto do céu. Logo o sol nasceria: precisava agir logo e não podia cometer nenhum erro.

Saiu da cidade onde ficava a Universidade. Achou uma banal pobreza de imaginação — praticamente todas as casas estavam na escuridão e por quê? — só porque era noite, e seres humanos tinham de dormir à noite.

Existe uma alma noturna que ganha vida à noite. Ela era dessa estirpe!

Com os sentidos alertas como se tivesse acabado de despertar depois de horas de sono revigorante, ela dirigiu rumo ao norte, cruzando a rodovia estadual, passando por uma sequência de vitrines escuras, lojinhas e casas, campos e florestas, e cruzou a interestadual, onde havia pouquíssimo tráfego e a lua se movia lá em cima como a lanterna de papel

de uma criança. Nos acostamentos iluminados por uma só lâmpada num poste alto ela saía da interestadual e nas caçambas desses acostamentos ela jogava os sacos de lixo, um a um. Atrás da Shop-Rite da Rota 11 ela deixou apenas um saco na caçamba, e na caçamba atrás da farmácia CVS da mesma estrada ela jogou somente um saco. E na caçamba atrás de um Ramada Inn na saída 6 da interestadual ela descartou só um saco. E na caçamba atrás de um Taco Bell no North Hamilton Boulevard ela deixou um saco que teve razões para crer que continha a cabeça do sujeito — os olhos espantados com aquela expressão de perplexidade total, de fúria. Porque apesar de não acreditar no que tinha feito — e ser incapaz de se recordar, com qualquer detalhe, mais tarde — o homem também não acreditava no que tinham feito com ele, contra todas as expectativas.

“Não foi culpa sua, sinceramente. Não foi minha.”

A cada saco retirado do porta-malas, era perceptível como o carro ficava um pouco mais leve. A cada saco retirado do porta-malas, era perceptível como a alma dela ficava um pouco mais leve. Traçou um círculo hesitante cuja circunferência foi de aproximadamente sessenta e cinco quilômetros. Não ultrapassou o limite de velocidade. Não se aventurou para além da pista direita. Tomou o cuidado de abaixar as luzes fortes quando outro veículo se aproximava ainda que, no caso dos trailers que pareciam locomotivas, os motoristas dos veículos não abaixassem as deles.

E agora pensava com mais lucidez. Começava a ver a lógica das últimas horas. As partes do corpo, bem espalhadas, seriam recolhidas pelos caminhões das companhias de limpeza urbana e levadas aos aterros sanitários locais. As partes do corpo ficariam concentradas em amplos hectares de lixo. Jamais o cadáver seria remontado, como num dos contos de terror de Grimm.

Jamais a mulher seria acusada, a perpetradora de tal façanha.

Às 5h18 ela subiu a entrada curva da Charters House. Sob os pinheiros que rodeavam a casa, ainda era noite. A governanta Mildred não chegaria antes das 8h — M.R. havia lhe pedido que fosse assim pois prezava sua privacidade matutina. Era uma manhã quente, nublada de maio. A lua pálida havia sumido, um teto de nuvens esburacadas e granuladas como isopor escondia o sol. Estava ao mesmo tempo cansada e alegre. Agora estava perto do fim! Entrando em casa pela porta dos fundos, da cozinha, viveu um instante de pavor porque ouviu — tinha certeza de ter ouvido —

uma algazarra de vozes, mas ao atravessar o limiar da porta havia o silêncio.

Voltou ao porão e com papéis toalha e esponjas limpou tudo o que via. Ficou aliviada ao descobrir que jorrava água quente de uma das torneiras.

Trabalhara na pia, principalmente. Tinha se precavido. E portanto o chão não estava tão sujo assim.

Abriu as janelas do porão, arejou os cômodos. Eram janelinhas miseráveis com camadas grossas de sujeira, que só se abriam alguns centímetros, inclinadas. Porém, dava para sentir o odor de — alguma coisa. Um animal — guaxinim, gambá — poderia ter entrado no porão, ficado preso e morrido. Já tinha acontecido inúmeras vezes na Charters House, pelo que haviam lhe contado.

Não limpou a pia com grande esmero — não a esquadrinhou — pois era uma pia imunda, e se estivesse muito limpa, um dos empregados da casa repararia.

Enquanto subia a escada rumo à cozinha, limpou os degraus com papéis toalha molhados. Lá em cima, em seus cômodos privativos, enfim tirou as roupas suadas e manchadas pelas quais adquirira repulsa. Jogou-as na pia do banheiro para deixá-las de molho em água quente e sabão líquido.

Água muito quente, e muita espuma do sabão líquido! Não tinha dúvida de que as manchas sumiriam.

Em seguida, na água mais quente que aguentava, tomou um banho de meia hora. Esfregou-se com força. Entre os seios que estavam machucados e vermelhos ela se esfregou, e entre as pernas de onde pelos curtos e crespos brotavam como a mais resistente das ervas daninhas.

Lavou o cabelo com xampu, limpou debaixo das unhas com uma lixa de metal.

No ralo do chuveiro, a seus pés, um leque de pelos soltos.

Estava se esquecendo de alguma coisa — não estava?

Os acontecimentos da noite terrível já estavam sumindo. Assim como a lua de luz pálida lá no alto havia sumido, de dia.

Eles lhe fariam uma visita naquela noite — os “emissários”. Suplicariam que ela os encontrasse e ouvisse em nome de seu cargo.

Caso o sujeito viesse com eles, para se esconder na biblioteca e atormentá-la depois que os outros fossem embora, ela estaria preparada — não teria tanto medo.

Mas o que restava agora? Haveria — “indícios”?

Tentou pensar. Não conseguia pensar.

Porém, por instinto, voltou à cozinha e do alto da escada para o porão ela olhou fixo para a escuridão. Não ouvia nada lá embaixo — o homem tinha parado de lutar, a respiração rouca havia cessado. Porém estava inquieta, ele a esperava em algum lugar. Podia ter passado despercebido por ela e estar esperando lá em cima, nos cômodos dela, onde poucas visitas haviam pisado.

Agora se lembrava: já tinha acontecido.

Ele a esperara na biblioteca. Na poltrona de couro marrom da qual se apossara.

Voltou à biblioteca e acendeu a luz e a poltrona de couro estava desocupada, mas no assoalho de madeira de lei ela viu rastros — pegadas parciais, pegadas de sangue. Dela mesma.

Ela riu de nervoso, aliviada. Pois quase as tinha deixado passar!

E agora, às pressas, com papéis toalha molhados ela limpou as pegadas também.

E agora restava — “Nada.”

Na alvorada gélida, das árvores altas que cercavam a casa, ouviam-se sons de gelar a alma, os grasnidos do Rei dos Corvos.

Mulher de Barro *ex officio*.

Maio de 2003

O tempo da Terra é irreversível. O tempo da Terra corre somente em uma direção.

O tempo da Terra é uma forma de evitar que tudo aconteça ao mesmo tempo.

“... deve ter alguma coisa errada. Não faz o estilo dela.”

De manhã, no Salvager Hall, aguardavam a presidente da Universidade.

Às 10h a presidente ainda não tinha chegado. Normalmente estava no escritório antes de qualquer um dos funcionários (às vezes chegava muito cedo, diziam os boatos, às 7h30), mas naquela manhã não fora vista nem sequer nas imediações do Salvager Hall e já no meio da manhã havia perdido alguns compromissos e vários telefonemas, não havia atendido às ligações cada vez mais preocupadas das assistentes para o celular e o telefone fixo dela na Charters House, e os e-mails que voavam para o computador dela na Charters House, a menos de dois quilômetros dali, não eram respondidos. E a assistente-chefe falou com a governanta dela, que declarou ainda não ter visto a dona Neukirchen naquela manhã — imaginava que a dona Neukirchen tivesse ido cedo para o escritório.

“Você poderia ir lá em cima? Bater na porta dela? Por favor — você poderia ver se ela não está aí?”

E então a governanta subiu e bateu à porta do apartamento da dona Neukirchen e não obteve resposta.

Voltou a bater, hesitante — “Dona Neukirchen? A senhora está aí?” — e não obteve resposta.

Ela se reportou a Audrey Myles, que pediu que ela fizesse o favor de ver se o carro da presidente estava na garagem. E sim, o carro da presidente estava na garagem.

Pelo que todos sabiam, a presidente não tivera nenhum compromisso fora do campus no começo daquela manhã. Nenhum motorista da Universidade a levava a lugar nenhum e a agenda daquele dia útil não incluía compromissos fora do campus.

“Por favor — você poderia bater na porta dela de novo? E se ela não responder — você poderia entrar lá?”

Mildred concordou em bater à porta de novo. Mas Mildred se recusou a entrar nos aposentos da presidente sem que fosse convidada.

“Mas — vai que ela está doente. Ela pode precisar de socorro. Por favor — pelo menos abre a porta e dá uma olhada do corredor.”

Mildred disse rispidamente não! ela não poderia.

Dez minutos depois, Audrey Myles chegou à Charters House acompanhada de duas funcionárias jovens, num veículo dirigido pelo chefe de segurança da Universidade.

A governanta os esperava na porta da frente, declarando com rapidez e nervosismo que não via a dona Neukirchen desde o fim da tarde da véspera, mas que a dona Neukirchen estava “com cara de cansada” — “como sempre”. Audrey Myles e as outras subiram a escada e à porta do apartamento da presidente Audrey bateu com força e sua voz estava forte, aflita — “Oi? M.R.? É a Audrey...”

Já que não obteve resposta, Audrey bateu outra vez e de novo não houve resposta, e quando Audrey girou a maçaneta descobriu que a porta estava trancada.

“Então ela está aí. E alguma coisa aconteceu com ela. A gente vai ter que remover a porta.”

O chefe de segurança deu um telefonema. Dava para perceber que a Universidade estava bem preparada para tais emergências: uma pessoa que não respondia, uma porta trancada.

Em quinze minutos as dobradiças estavam desparafusadas e a porta retirada.

Não foi Audrey Myles, mas o chefe de segurança quem entrou primeiro no apartamento da presidente.

Pois dava para perceber, a Universidade estava preparada para o pior.

Acharam-na no chão, no cômodo mais afastado da porta, que parecia ser ao mesmo tempo quarto e escritório.

Não conseguiram acordá-la, estava totalmente desmaiada.

Caíra com as pernas torcidas sob o corpo. Tinha caído e parecia ter batido a cabeça no assoalho de madeira de lei. O rosto estava completamente descorado, exceto pelos machucados e inchaços ao redor da boca, e os lábios estavam azulados.

A respiração era curta, irregular. Audrey Myles não tinha certeza nem de que ela sequer respirava.

Chamavam-na de longe. O nome que era ela.

De longe, na superfície da Terra, estavam de pé fitando a vala de lodo na qual caíra.

Chamando — o nome que era ela.

Ela sabia, esperavam que ela se levantasse para a luz do dia. Saísse do lamaçal asqueroso. Que agarrasse as pedras ásperas da vala e se arrastasse até lá em cima com as unhas quebradas e sangrando.

Para se juntar aos outros. Como se sua coluna não estivesse quebrada.

Ela sabia! Porém estava muito cansada, não poderia agir como esperavam.

Era vergonhoso para ela, trair tantas pessoas!

Mas estava muito cansada. Ao que tinha invadido sua corrente sanguínea numa fervura picante, ela não tinha forças para resistir.

Mulher de Barro em meio à nebulosa.

Maio de 2003

Me leva com você ela suplicou.

Não era de implorar, mas agora nesse momento de crise ela implorava e não se envergonhava de tal súplica porque adorava o amante-astrônomo, ela abria mão de sua vida como mulher por esse homem e não suportava a ideia de que o homem não merecia tamanha adoração, e foi tão compassivo naquele instante, como um deus talvez se compadecesse ao ver a angústia na face de um mortal, que a levou consigo em sua viagem, ele era um marinheiro em constante movimento, cada vez mais fanático e obcecado pela passagem dos anos, viajando sem parar, sem cansar, por conta da inquietude metafísica fundamental com a vida cotidiana, bem como a vida doméstica/conjugal/paterna/pessoal que era o destino de vida de Andre Litovik, e por desprezo pela humanidade ele viajava em meio à nebulosa mais distante, e suas viagens também eram pelo Tempo — sempre em retrocesso, entrando no abismo terrível do Tempo anterior à existência da Terra e ao início do mero tempo cronológico. E como uma criança solitária louca para falar a língua dos mais velhos, imitando o amante ela murmurou palavras enigmáticas como *desvio para o vermelho*, *quasar*, *anos-luz*, *Andrômeda*, *constante de Hubble*, *megaparsec*, *paralaxe trigonométrica*, *Hidra e Centauro*. *Variáveis de cefeida*, *Ursa Maior*, *Grande Atrator*, *pulsares*, *corpo negro*, *matéria escura*. E quando ela lhe perguntou o que essas palavras enigmáticas queriam dizer, ele não teve paciência para explicar, declarando *Pesquisa. Você sabe ler*. Ou tinha declarado *Você não teria tempo, Meredith querida. Eu gastei boa parte da minha vida tentando aprender os significados e de modo geral eu não consegui. E a minha vida tem sido essa empreitada*.

Mulher de Barro lançada à Terra.

Maió–junho de 2003

“Eu quero morrer.”

Ou foi: “Eu preciso morrer.”

Vergonhoso para ela, trair tantas pessoas!

Três meses, ela passaria afastada. Três meses, banida.

Não é uma *doença mental*, lhe garantiram. É uma *doença física*.

Não há vergonha nenhuma em *doença física*.

Três meses de *licença médica*. Num linguajar mais grosseiro, *afastamento para tratar doença*.

Porque estava muito cansada. Tinha desmaiado de exaustão, desnutrição, anemia. As glândulas linfáticas incharam e doíam. A visão estava embaçada. O sangue mostrava um aumento anormal de leucócitos mononucleares, infecções que tinham entrado na corrente sanguínea. A pele ardia em febre, porém não conseguia parar de tremer.

Tenta! Você tem que tentar! Faz mais força.

Havia parado de tentar. Odiava quem desejava tamanho empenho da parte dela.

“... hora de morrer.”

Era ridículo! Autocomiseração do tipo lamurioso que M.R. menosprezava acima de tudo.

Konrad ficaria chocado com ela, se ouvisse essas palavras.

Coitada da Agatha! Agatha seria poupada dessas palavras.

“Eu sem sombra de dúvida *não quero morrer*.”

Três meses para descansar, se recuperar. Para se tornar *ela mesma* novamente.

Três meses banida da Charters House, do Salvager Hall.

Esses lugares que passara a temer. As laterais altas da vala, às quais precisava se agarrar para chegar à luz do dia.

Esses lugares que passara a abominar.

“Não! Eu estava muito feliz... Quero voltar ao trabalho.”

Uma infecção no canal auditivo esquerdo e no ouvido “interno” — a pulsação era tão violenta que imaginou ser uma infecção no cérebro. Nos romances russos do século XIX, *meningite*.

Infecções igualmente virulentas na garganta, nos pulmões.
Davam-lhe antibióticos na veia, para guerrear contra o inimigo.
E no hospital, outra infecção invadiria a corrente sanguínea.
Doença, e convalescência. Mas primeiro a doença tinha de ser superada.
Tinha perdido quase dez quilos. Como isso tinha acontecido, ela parecia não saber. Parecia não ter reparado.

O eu físico, o *ser ontológico no mundo* — ela parecia não ter reparado em seu estado.

Ou reparou mas não quis ver.

Era um momento de vergonha. Uma época de vergonha. Como em Carthage e na zona rural dos arredores havia épocas do bicho-de-cesto — horrendas coisas serpentiformes em casulos felpudos perolados, em árvores.

Era quase de se pensar *Que beleza! Flores brancas e grandes nas árvores*.

Essas pequenas humilhações vieram à tona em sua consciência, como bactérias ferozes.

Por exemplo, a última reunião com os conselheiros! Só conseguia se lembrar de cenas rápidas, como um espelho quebrado. Lembrava-se do rosto de um sujeito contorcido de aversão a ela, repugnância. O choque, constrangimento, susto dos outros. E o farisaísmo pedante de sua audácia de citar Kant à plateia cativa — Kant, o racista alemão.

Esse indivíduo era negro da cabeça aos pés, prova clara de que falou uma burrice.

Bastava do transcendentalismo moral de Kant!

Vergonha, os sonhos da Mulher de Barro. Dos quais só se lembrava de fragmentos.

O mais vergonhoso era que estava perdendo a cerimônia de formatura.

O ápice do ano da presidente da Universidade — e M.R. Neukirchen estava perdendo.

Tão vergonhoso para M.R. que não poderia contar a ninguém. Nunca contaria a ninguém.

A brilhante programação da formatura já tinha sido impressa — antes do desmoronamento da presidente. E portanto na manhã de 1º de junho haveria um encarte em cada um dos programas, informando que o discurso de paraninfa que seria proferido pela presidente Neukirchen seria feito pelo ex-presidente da Universidade, Leander Huddle.

Exatamente a pessoa a quem se imaginava tão superior. *Bem melhor do que aquele velho cínico e descarado!*

M.R. não veria isso. M.R. seria poupada dessa humilhação.

Por três meses — junho, julho, agosto — a Universidade daria assistência financeira à presidente convalescente, durante os quais o reitor serviria de presidente interino.

O grande veleiro, o *Cutty Sark* das Universidades, dificilmente vacilaria na ausência de M.R.

Três meses! Um vácuo terrível no qual talvez se afundasse.

Três meses! Sentia como se fosse o resto de sua vida.

Ficou exasperado: pela cena dela na cama do hospital, e pela surpresa dela ao vê-lo.

“É óbvio que eu estou aqui! Onde mais eu estaria?”

Sim, ele ficara sabendo da crise nervosa porque as notícias ruins se espalham rápido.

“*Lei do Schadenfreude* — as piores notícias sobre as melhores pessoas se espalham ainda mais rápido.”

Ela tentou rir, ao ouvir isso. Não era a primeira vez que Andre fazia essa piada, mas ela sempre achava graça, porque a *Lei do Schadenfreude* era uma grande verdade.

A distância entre a Universidade, na Nova Jersey semirrural, e a Universidade Harvard, em Cambridge, Massachusetts, não ultrapassava um nanossegundo. Andre soubera do que havia lhe acontecido em poucas horas — o básico, pelo menos — e no mesmo instante saíra de casa, dando uma desculpa para a esposa desconfiada, da qual M.R. jamais tomaria conhecimento, pegara um voo rumo ao aeroporto de Newark, alugara um carro e percorreria cem quilômetros até o hospital, para encontrá-la na unidade de Telemetria.

Ele não conseguira contatá-la antes. Ela não fizera nenhuma tentativa de contatá-lo, pois estava doente demais.

“Por que tanta surpresa? É óbvio que eu viria, eu te amo.”

Eu te amo não era uma expressão que Andre Litovik tinha facilidade em falar. Dava para ver os músculos do maxilar se retesando para não emendar *Eu te amo* com uma piada.

Dava para ver os olhos dele — grandes e agitados e sempre um pouco vermelhos, cílios ralos — se enchendo de lágrimas, que seriam enxugadas com as costas da mão.

Difícil para M.R. manter os olhos abertos. Estava muito cansada.

Melhor ser poupada do choque no rosto do amante, assim que a viu.

Ele vai parar de me amar agora. O amor qualquer que ele tinha imaginado.

À cabeceira da cama ele se sentou, mas não em silêncio. Era impossível para Andre Litovik ficar quieto por mais que alguns minutos. Quando enfermeiras entravam no quarto de M.R., ele as interrogava. Quais medicamentos, quais quantidades de medicamentos. Foi rude, mandão, cômico. No balcão das enfermeiras descobriu o nome dos vários médicos de M.R. e esses médicos ele tentou contatar, pois tinha perguntas a fazer e tinha muito o que lhes dizer. E a M.R., a quem repreendia como se ela fosse não uma adulta de quarenta e um anos, mas uma criança geniosa e teimosa: “Esse seu emprego ridículo! Eu te avisei que não era para aceitar! A Universidade vai te triturar que nem um moedor, te engolir e te expelir e se você for tão passiva como paciente quanto você foi como ‘Diretora Presidente’, ou não informar ninguém que interceda por você, você, você vai morrer. Esses lugares são cheios de infecções e os funcionários — principalmente os médicos — são uma maldição de Deus, preguiçosos demais para lavar as mãos.”

Ela tentou não rir das palavras de Andre, já que o mínimo sacolejo de seu corpo provocava muita dor.

Tentava manter os olhos abertos. Não mergulhar no sono que marulhava logo abaixo da superfície da cama como um lamaçal preto.

Tentava falar com ele, mexer os lábios que estavam ressecados e rachados — *Andre, obrigada por ter vindo. Andre, não me abandona. Andre, estou morrendo de medo, estou tão... cansada. Eu te amo.*

Muitas vezes, quando ela falava desse jeito, Andre parecia simplesmente não escutá-la.

Dessa vez, ele respondeu apertando os dedos dela.

Ele lhe disse que a pessoa que a internara no hospital tinha pedido que não aceitassem visitas a não ser de parentes, portanto ele se identificara como parente — “Litovik, um primo mais velho. *Doutor* Litovik, de Harvard.”

Disso ela riu, estremecendo de dor.

“Você quer que eu entre em contato com os seus pais? Eles deviam saber do que está acontecendo.”

Entorpecida, M.R. balançou a cabeça *Não!*

“Eles não são cristãos cientistas? — Eles podiam rezar por você. Do jeito que você está, qualquer ajuda é válida.”

M.R. tentou explicar: não eram cristãos cientistas, eram quacres.

“Não importa — são cristãos. A crença é de que o messias veio e foi embora.”

Ele estava brincando, mas ela entendeu que ele estava chateado ao ver a maneira como ele a encarava. Já se conheciam havia quase vinte anos e ao longo desse tempo todo ele não a olhara daquela forma.

Tampouco era típico de Andre Litovik olhar outra pessoa com tamanha atenção, tão de perto. Uma repulsa crônica pela própria espécie — um tipo irracional de timidez, inaptidão social — o exilara, ele dissera, aos escopos mais remotos do Universo, desde cedo.

Andre tinha viajado tanto tempo e tamanha distância, em jornadas obsessivas e solitárias pelo céu noturno, que sua presença em um único lugar, sua *natureza física* emanava um ar de surpresa, extravagância. Nenhum astrônomo — cosmólogo — astrofísico — consegue levar o mundo tátil a sério, Andre havia dito a M.R., ainda que a segurasse em seus braços e roçasse seu rosto áspero no dela: parece tão *efêmero*.

Como se todas as coisas visíveis e tangíveis fossem apenas telas, ou imagens em telas — se você tentar tocá-las, a mão as atravessará.

Se esticar o braço, sua mão se dissolverá em ossos, pele se dissolvendo e sangue evaporando.

A pele de Andre estava áspera, vermelha como tijolo lixado, como se de fato tivesse sido marinheiro, em altos mares. Os dentes exibidos com tanta frequência num sorriso careteiro eram irregulares, da cor de teclas de piano manchadas. Na testa larga com sobancelhas grossas — (uma ligação genética óbvia, Andre disse, com seus ancestrais Cro-Magnon) — havia depressões e rugas curiosas e o cabelo era grosso e duro como as penas de um animal selvagem. Os olhos eram verde-acinzentados, gélidos como uma geada ou, de repente, inesperadamente encrespados de carinho, paixão — era impossível prever. Na primeira vez que se viram Andre tomara o cuidado de lhe contar, como se para definir os perímetros da relação desde o princípio, que era casado e pai de um filho “difícil” — a consequência do erro total e irreversível que cometera ao acreditar que poderia mapear sua vida assim como se propusera a mapear o Universo; disse a ela que também era inapto para relações humanas razoavelmente

normais em razão da frieza entorpecente — “que nem éter” — que corria em suas veias.

Não era cem por cento do tempo, esse “éter”. Mas parte do tempo.

Ingênua, ela pensou *Mas eu vou mudar isso!*

E muitas vezes mais tarde ela pensou, ao mesmo tempo pesarosa e desafiadora *Eu posso amar por nós dois. É mais que suficiente.*

Dezenove anos. Durante todo esse tempo ele continuou casado, e pai — e marinheiro numa nebulosa distante.

Regiões às quais M.R. não poderia segui-lo. Regiões das quais poderia voltar, de acordo com uma lógica indecifrável de necessidade própria, para ela.

“Onde mais você acha que eu estaria? Assim que eu soube da minha querida ‘M.R.’, eu vim *para cá.*”

Ficou com ela até o hospital fechar para visitas, às 23h. Passou a noite em um hotelzinho perto do hospital e de manhã voltou às 9h, levando o *New York Times*, do qual leu trechos para ela, tecendo longos comentários.

Como M.R. estava feliz por Andre Litovik ter ido ao seu encontro!

Embora ainda estivesse muito cansada e ficasse confusa com facilidade. Pois ela tinha a impressão — de quando em quando, durante a visita — de que o amante-astrônomo era apenas uma película, quase transparente, por toda a animação dele e o calor de sua pele, os fios eriçados cor de aço da cabeça, a testa curta e com rugas longas, as narinas escuras e largas como órbitas oculares e a maneira como, à cabeceira da cama dela, sugava boa parte do oxigênio do quarto.

Várias vezes ela abriu os olhos — o homem continuava *ali*.

Várias vezes ele lhe garantiu — continuaria ali com ela até que *estivesse fora de perigo*.

Estavam caminhando juntos, numa floresta — ou melhor, prestando mais atenção, caminhavam juntos na ideia ou no conceito de floresta: pois as árvores eram esparsas e a folhagem escassa como em um desenho infantil de uma floresta. Com a miopia para coisas próximas e tangíveis — a maldição, Andre gostava de dizer, com arrogância — do teórico como independente do empirista/pragmático, Andre esticou a mão para tocar o tronco de uma das árvores e pareceu não reparar que a mão o atravessou.

Ela riu dele, o homem a encantava e desconcertava tanto.

Ele estava lhe dizendo algo bastante complicado, como fazia volta e meia. Se ela lhe perguntava do trabalho, em geral ele dava de ombros e

dizia ser confuso demais para ela, confuso demais para *ele*, e em todo caso não ia bem; e em todo caso, caso fosse bem, estava provavelmente equivocada, desencaminhado — ele acabaria como um de seus grandes mentores da cosmologia, cujo declínio na esquizofrenia paranoica senil fora tão gradual que “só depois de muito tempo” alguém percebeu.

Que graça! M.R. riu e estremeceu.

Ela abriu os olhos. Ali estava uma das enfermeiras, acordando-a — “Talvez você sinta uma beliscada, a veia é bem pequenininha” — e quem estava antes na cadeira ao lado da cama havia sumido.

Folhas de jornal espalhadas pelo chão. E a cadeira puxada para perto da cama.

De repente se sentia melhor! Ela riu, porque a *vida* era muito simples — precisava apenas *parar de pensar* e sua vida voltaria varrida para ela, a faria boiar na superfície até que estivesse em terra, a salvo.

“Aquele cara que estava aqui — tinha um cara aqui? Onde...”

Seus lábios ressecados mal aguentavam essas palavras embaraçosas. No instante em que a enfermeira sorriu, pedindo que por favor repetisse a pergunta, Andre caminhou quarto adentro — pescoço de touro, ombros de touro e os olhos avidamente fixos nela.

“Ei. Você acordou. Já não era sem tempo.”

Sem sombra de dúvida se sentia melhor. A febre tinha diminuído, a dor chocante no ouvido e a sensação arranhada/riscada na garganta haviam desaparecido, ou quase; deu conta de comer parte da refeição qualquer que era tão insossa para Andre que ele nem provou — o que Andre costumava fazer, quando comiam juntos; às vezes comendo do prato de M.R. até restar pouca coisa para ela.

Ih! Desculpa! Eu comi isso tudo mesmo?

E M.R. ria, porque a verdade é que não ligava. De verdade!

Ele a arpoara, gostava de dizer. Vira a amazona jovem e forte de trança caindo nas costas pedalando na Garden Street e pensara *Essa é a garota certa para mim*.

Só que ele não era jovem. Não era jovem como a garota. E não era livre. Como precisava ser livre.

Essa história era narrada com tanta frequência entre eles que as palavras em si tinham se desgastado, lisas como pedras. Dezenove anos!

No tempo da Terra, um período considerável para se viver.

Em tempo galáctico, breve demais para ser mensurado.

E outra vez abriu os olhos: o sujeito *não estava ali*.

Ainda assim, os jornais espalhados, bem como o saco de papel amassado da delicatessen em que Andre comprava seus sanduíches e a cadeira virada ao lado da cama; e havia a tevê no alto da parede, emudecida, pois ele havia assistido ao canal de notícias BBC em *closed caption*. E por isso ponderou *Ele só deu uma saidinha do quarto. Ele volta*.

Nesse ínterim: cartões, flores.

Uma torrente incessante de *desejos de pronta recuperação* que a deixaram assustada, tantos sabiam.

Assustada e melindrada e envergonhada: tantos sabiam.

Mas sem visitas, pois M.R. tinha pavor de visitas. Nem mesmo parentes — se é que tinha parentes.

Os olhos se fixavam e semicerravam diante dos cartões, muitos dos quais estavam presos a vasos embrulhados com ouropel alegre contendo ramos de flores carmesim — os nomes das flores, Agatha saberia — Agatha teria sabido. *Você partiu nossos corações, nem tenho mais certeza se você é nossa filha. Mesmo assim nós vamos sempre te amar. Essa é a vontade de Deus e essa é a nossa promessa*.

Ele tinha recebido uma ligação, ela sabia.

Ou teve de dar um telefonema. Ela sabia.

(Não era a primeira vez. Dezenove anos!)

No começo ele havia lhe dito — havia lhe confidenciado — como se faz uma confidência a uma pessoa que você não acha — de verdade — que vai fazer parte da sua vida. *Sou casado não com uma mulher e sim com uma situação doméstica. Sou casado com o filho, portanto com a mãe do filho*.

E, melancólico, ou na defensiva: *Não dá para se divorciar de uma criança. Eu, pelo menos, não consigo*.

Depois de dezenove anos a criança já não era criança, mas um homem de trinta anos, mas ainda uma criança na verdade — “difícil” — “brilhante” — “nunca diagnosticado de forma satisfatória”.

E havia a esposa — também “difícil” — “brilhante” — uma russa tradutora de Gorki, Babel, Pasternak, Mandelstam — que sofria de males misteriosos aos quais diagnósticos vacilantes eram afixados: fadiga crônica, anorexia/bulimia, transtorno bipolar, ira intermitente e depressão constante, ciúme e inveja do marido (profissionalmente, sexualmente) bem-sucedido.

Por que o marido é infiel? — M.R. nunca teve coragem de perguntar.

Porque o marido é prisioneiro da fidelidade! Uma maldita porra de um mártir — Andre alegava.

E agora ele estava dizendo — (era isso o que o sujeito estava dizendo?) — (a mulher recostada na cama do hospital tinha de escutar através da súbita pulsação acelerada nos ouvidos) — que não sabia muito bem até quando poderia ficar com ela agora.

Agora.

Naquele momento.

Mas talvez — em outro momento...

Ele esperava — e talvez pudesse fazer, ou pelo menos agilizar — ajudá-la a se mudar da residência no campus para — o lugar qualquer onde pretendesse morar... Pois havia, na vida dele — deveres, compromissos... Não só a *situação doméstica* — sobre a qual tinha por hábito raramente falar — (e sobre a qual por hábito M.R. aprendera a não perguntar) — mas havia reservado períodos de observação para o começo de junho no Kitt Peak, o plano era levar dois de seus orientandos de pós-doutorado ao Arizona por três semanas, era um projeto de que tinha falado com M.R. inúmeras vezes, ele não tinha dúvida — medir distâncias por meio de desvios para o vermelho de vinte mil galáxias luminescentes... Os horários do observatório eram muito limitados, e para pós-doutorandos era uma oportunidade fundamental...

Da maneira como Andre falava, gaguejando um pouco, numa torrente de palavras, ombros curvos como se num vendaval e a testa larga franzida sobre os olhos fixados nela, com uma expressão de sinceridade pesarosa e remorso, M.R. entendeu que sim, sem dúvida ele tinha recebido um telefonema de casa; ou, por culpa, ele telefonara para casa; e a esposa “difícil”, ou o filho “difícil”, estava mandando que ele voltasse.

M.R. foi logo dizendo — como dizia sempre, nessas situações — (pois podia-se contar com a graciosidade de M.R. mesmo quando desesperada, infestada de borbulhas na pele e suicida, a “boa” mulher da vida complicada de Andre Litovik que um dia seria devidamente recompensada) — que ele devia ir, é claro. Assim que ele achasse que devia ir.

Ela não ficou decepcionada! Não ficou nem surpresa.

E era verdade, M.R. estava “fora de perigo” — liberada da telemetria naquela manhã e levada via cadeira de rodas, embora sem dúvida pudesse

ir caminhando, ao hospital geral, num andar mais baixo.

Liberado da promessa de ficar com ela, Andre Litovik ficou tanto aliviado como irritadiço, inquieto. Dava para perceber — (M.R. percebia) — que nos ouvidos dele ressoavam as estridentes acusações percussivas da esposa — embora agarrasse a mão dela num gesto que devia ser brincalhão e a esfregasse entre suas mãos grandes.

Ele estava com bafo de algo cru — alho? — e os olhos de geada, enredados em capilares quebrados — estavam atentos, travessos.

“Eu não quero abrir mão de você, Meredith. Mas você pode — deve — abrir mão de mim.”

“Ah, mas por que — por que eu abriria?”

A intenção dela era ser leve, jocosa — mas as palavras saíram no tom errado.

Era tão comum, as palavras saírem no tom errado.

“Não vai ser para sempre, acho eu. Talvez não demore muito.”

“O quê? O que você está querendo dizer?”

M.R. quase teve medo. Queria morar com Andre Litovik — de verdade?

Era a intimidade o grande risco. Não a paixão, a saudade, a inveja, nem mesmo a tristeza — e sim a intimidade, com outra pessoa. Andre vivera intimamente, ainda que nem sempre feliz, com a esposa misteriosa e o filho misterioso e não tinha vivido com M.R. dessa maneira, nunca.

E M.R. não dividia a intimidade com outro ser humano desde — não se lembrava.

“Andre? O que você quis dizer — ‘não vai ser para sempre’?”

“Que parte da frase você não entendeu, minha querida? *Não — vai — ser — para — ou sempre?*”

Fitando-a, num simulacro de indignação que mascarava, M.R. sabia muito bem, uma inquietude repentina, Andre pegou seu adorado *New York Times*, balançou as páginas e fixou os olhos nas colunas impressas. A vida terrena era tão boba, vã, absurda e ainda assim cativante — nenhum viajante de nebulosas distantes conseguiria resistir.

Ele fingiu ler — na verdade, estava lendo — e M.R. se deitou com cuidado na cama e ficou olhando o tubo intravenoso gotejando o líquido em seu braço machucado, pensando *Isto aqui também é meio que um casamento. Não é uma bobagem.*

Apesar de ainda muito cansada, se sentiu eufórica, de repente.

Ele viera ao seu encontro, durante a crise. Era esse o fato relevante, *ele viera ao seu encontro*.

Claro que ele iria embora de novo. Mas não ficaria na casa da Tremont Street por muito tempo. Era raro Andre Litovik ficar muito tempo num lugar. A esposa podia reivindicá-lo, e o filho arruinado, mas Andre também não podia ser exatamente capturado por eles.

Pois ele já não tinha contado a ela que era obcecado pela ideia de mapear o Universo desde os dezesseis anos? Não tinha lhe dito que nada era tão genuíno quanto um indivíduo condenado como ele a viajar pelo Universo — registrando, calculando, mapeando, prevendo?

Um de seus artigos menos técnicos era “O Universo em evolução: origem, idade e destino”.

Ela tentara lê-lo. Não entendera praticamente nada.

Ela abriu os olhos, o homem tinha *sumido*.

Ah, sim — francamente, era um alívio!

Sempre um alívio quando o amante-astrônomo partia. Pois agora a mulher podia ser *ela mesma* — por mais diminuto que fosse seu *eu*.

Pois agora a mulher teria, ao menos, oxigênio suficiente para respirar.

Tinha se esquecido de agradecer a ele, diante da surpresa por ele ter ido vê-la — trouxera flores, provavelmente da loja do hospital.

Uma hortênsia com flores azul-claras que pareciam pintadas como papel — quase idêntica à hortênsia que Oliver Kroll lhe dera uma vez, que soltou folhas, virou um monte de gravetos e morreu.

Entretanto, se M.R. soubesse plantá-la do jeito certo, e cultivá-la, como faria Agatha, a planta talvez ainda estivesse viva, e ainda desse flores.

O quarto se enchia de flores. Cartões de *Pronta recuperação*. Numerosos demais para contar. Um dos vasos de planta — não era hortênsia, aliás — era de Oliver Kroll: *Pensando em você. Vou tentar visitá-la em breve. Oliver K.*

Outro vaso de planta, que M.R. descobriu mais tarde, na véspera de sua alta do hospital, era do colega G. Leddy Heidemann — copos-de-leite lindíssimos/de cheiro enjoado.

Senti muito ao saber que você está doente. Você estará nas minhas orações. Espero que tenha uma pronta recuperação.

Gordon H.

Gordon H.! M.R. não saberia quem era se, abaixo do nome encurtado, não constasse o nome mais formal do sujeito, bem como sua (alta) titulação na Universidade.

Estaria zombando dela com o cartão? Os copos-de-leite teriam sido escolhidos pelo cheiro enjoado?

Vai saber.

Mulher de Barro noiva.

Junho de 2003

Porque estou apaixonada. O amor é um sangramento vagaroso.

Enfim, a Mulher de Barro estava se casando.

Tantos anos de espera! Tantos anos de anseio.

Agora, quando já era quase tarde demais, a Mulher de Barro tinha sido escolhida.

O noivo era um dos pacientes de longo prazo do Hospital de Veteranos de Herkimer. Tinha sido cabo do Exército dos Estados Unidos na Guerra do Golfo da década anterior e sofrera queimaduras terríveis e ficara desfigurado a serviço do país e seus olhos — (se a pessoa aguentasse olhar com atenção veria o que restava daqueles belos olhos castanho-escuros entremeados por filamentos de sangue) — tinham derretido para dentro do rosto disforme.

No segundo ano de combate sofrera grandes mutilações. Noventa por cento do cabo Coldham era pele enxertada, pinos de metal, finíssimos fios de titânio, e alumínio e plástico. O braço direito era cortado na altura do cotovelo e ostentava um gancho que parecia uma foice. Ambas as pernas eram mutiladas do joelho para baixo e equipadas com próteses. Na cadeira de rodas operada manualmente, era um sujeito orgulhoso na farda de gala de cabo do Exército americano e tinha a metade da altura da noiva, mas os ombros dele eram largos como os de um boi.

O cabelo havia queimado e o couro cabeludo ainda estava rosado, como carne crua. Seu jeito era tenso de esperança. Como amante era hesitante, carinhoso. As pontas dos dedos da mão que lhe restava eram leves e fluidas como a ondulação ágil do peixinho prateado e com as pontas desses dedos o noivo “lia” o rosto da noiva.

Você é linda para mim

O noivo não falava em palavras de verdade, mas numa rajada prateada de som. A boca do noivo era tecido cicatrizado que se mexia com dureza feito cola calcificada.

A noiva estava louca para se casar. A noiva não era mais uma juvenzinha.

Tremeu quando o noivo passou os dedos pelo seu rosto. Tinha de se agachar até a altura do noivo na cadeira de rodas, para que ele pudesse passar os dedos no rosto dela.

Eu te amo

As orelhas também tinham derretido e no lugar delas, nas laterais da cabeça disforme, havia espirais de pele retorcida. Buracos na cabeça fundida, como narinas, aparentemente desprotegidos.

A Mulher de Barro estava acanhada. Para falar naqueles buracos de ouvido era preciso escolher as palavras com cuidado.

A Mulher de Barro era um passarinho alto e desajeitado. Uma noiva de um metro e oitenta e dois naqueles sapatos de salto que balançavam sob os pés, embora os saltos fossem antiquados e grossos — o bico era arredondado. E as pernas estavam nuas — músculos da panturrilha, cobertos de restolhos de pelos escuros e ásperos.

Como a Mulher de Barro ficou constrangida no papel de noiva, sem meia-calça!

Esperando que ninguém reparasse.

Como reparavam no colegial. *Pernas peludas! Pernas peludas!*, era o hilariante canto murmurado.

Nada pessoal, pois havia outras meninas que sofriam do mesmo jeito.

Pernas peludas!

A noiva estava sendo equipada com uma peça de roupa dura, como uma armadura — um espartilho? — bem amarrado na parte de trás. Sobre os quadris estreitos, achatando seus seios, cada vez mais apertado! — a noiva mal conseguia respirar.

O vestido de noiva enfiado pela cabeça — com cuidado! — era de um material translúcido que lembrava papel, que rasgaria fácil, ou pegaria fogo. Camadas de impraticáveis saias longas e cintilantes e cheias de rendas e uma cauda de um metro e meio de renda com consistência de papel se arrastando às suas costas.

A noiva era vestida por estranhas com hábeis mãos apalpadoras que se comportavam como se não fossem estranhas e tivessem o direito de tocá-la com intimidade. O nome pelo qual a chamavam era *M* — mas não era um nome que reconhecesse.

Risos abafados, vulgaridade. As mulheres estavam felizes porque uma das suas estava se casando, mas as risadas eram pungentes, pois era a Mulher de Barro quem se casava.

Ela acreditava que essas mulheres deveriam ser pessoas que conhecera quando eram crianças, mas os rostos delas também eram derretidos e os nomes tinham esvaecido havia muito tempo.

Riam dela por estar apaixonada — não era?

Essa ferida que não pararia de sangrar.

Na época de sua desgraça, prestara serviço voluntário no Hospital de Veteranos de Herkimer. Era bem provável que ela e o cabo tivessem se conhecido assim.

Ela foi ao hospital de veteranos no sul das Adirondacks com o pai, Konrad, que fazia trabalho voluntário lá e na Cooperativa de Veteranos de Carthage. Quando jovem, Konrad fazia objeção à guerra por questões de consciência, pois era um pacifista quacre e, no entanto, foi acometido por uma culpa tardia por outros homens terem ido em seu lugar, por ignorância ou alistamento ingênuo no Exército, para que ele fosse poupado. Portanto, Konrad, que era aposentado, doava tempo e energia aos veteranos sobreviventes porém mutilados que moravam no hospital de veteranos e à cooperativa de Carthage, numa ruela de paralelepípedos perto do Tribunal do condado de Beechum.

Tal decisão por parte do pai pacifista não surpreendeu a Mulher de Barro, que já não se surpreendia com nada.

Todos os sábados ia de carro com Konrad ao hospital de veteranos de Herkimer.

Em alguns sábados, à Instituição Psiquiátrica do condado de Herkimer, a meros cinco quilômetros a mais de distância.

Era uma vida boa. Era uma vida de serviço.

Era a vida que tinha acontecido.

Era a vida que acontece a alguns de nós, para quem uma vida mais rica não foi possível.

Era uma vida em que se podia dormir dez, doze, catorze horas por noite.

Porque estou apaixonada a Mulher de Barro queria declarar. *O amor é um sangramento vagaroso.*

Como exatamente tinha acontecido de a Mulher de Barro estar se casando com o cabo Suttis Coldham, ela não sabia, mas de algum modo, tinha acontecido. E agora a Mulher de Barro estava enfim absolvida de seu amor desvairado pelo outro — o outro homem cujo nome não se lembrava.

O amante-astrônomo, que saíra de sua órbita para os âmbitos mais longínquos do Universo e, se um dia se reencontrassem, anos-luz teriam

transcorrido.

Uma mulher aprende *Posso amar um deles. Se um deles me amar.*

O noivo escutava, até certo ponto. Mas a noiva não conseguia pensar em quais palavras lhe dizer, que não seriam mal interpretadas.

Com os lábios duros de cola o cabo falou.

O helicóptero foi derrubado do céu. Acordei no hospital — eu acho. Não estou acordado de verdade agora.

Isso é um sonho, eu acho.

O cabo Coldham era muito mais amável que o outro. Não falava com a arrogância e o humor e a intimidação do outro. A Mulher de Barro aguentara por muito tempo a tensão de um homem de alma tão intensa e tão incandescente, portanto foi um alívio para ela, o cabo era um homem cego numa cadeira de rodas, com rosto derretido e sem pescoço e que não iria julgá-la.

Esse é o meu sonho o cabo disse. *Eu sinto muito pelas coisas perversas que fiz, as muitas vidas que tirei, que levaram essa punição a se abater sobre mim.*

A Mulher de Barro protestou, disse que não, que tinha certeza de que a responsabilidade era dela e não dele. Os cidadãos que ficam em casa, pacifistas ou não, enquanto outros, chamados “soldados”, vão à guerra no lugar deles... Todos são responsáveis.

Mas o cabo começou a tremer, e a gaguejar.

Não. Os muitos bichos que eu matei, com minhas armadilhas e minhas armas. Os muitos bichos estripados com o meu facão. Esse é o meu castigo.

Veio uma maca com rodas bambas que serviria de altar portátil. Muito sem jeito, o noivo na cadeira de rodas e a noiva balançando a seu lado foram ao altar.

Havia um grupo de pessoas, a maioria em cadeiras dobráveis, mas muitos de pé nos corredores, fumando e rindo como se tivessem chegado de outro lugar.

A noiva estava com medo de errar o passo e rasgar o vestido branco de papel. Mal conseguia respirar, pois o espartilho apertava como uma jiboia. O noivo se empertigou como dava na cadeira de rodas, na farda de gala de cabo do Exército dos Estados Unidos.

Os olhos derretendo até as laterais da cabeça davam a impressão enervante de que era como peixe, capaz de enxergar direções opostas ao

mesmo tempo, embora na verdade o cabo fosse cego.

Mas tinha *visão-cega*, a noiva percebia. Pois se passava a mão diante do rosto dele, sua reação parecia indicar que sim, ele enxergava — alguma coisa.

Acanhada, a Mulher de Barro perguntou ao cabo *Você me ama?*

Ternamente o homem sem rosto respondeu *Amo. Eu sou o que te ama.*

Foi gentileza dele não dizer *Amo. Eu sou o único que te ama.*

Foi gentileza dele não dizer *Amo. Eu sou o único que te tirou da lama, que era para ter sido o seu destino.*

Era hora da Mulher de Barro também declarar seu amor. Mas — as palavras ficaram presas na garganta que nem lama.

Eu amo Eu amo

Era essa a vida de serviço na qual ela havia embarcado. Servir aos outros não envolve amor, mas apenas a disponibilidade dos outros a serem servidos.

Como um barquinho sem leme, ou remo. Você vai para onde a correnteza leva.

Não era apenas meia-calça que faltava à noiva, agora os antiquados sapatos de salto alto e bico arredondado também haviam desaparecido.

Os pés compridos e estreitos estavam descalços e expostos, cobertos de terra. Sujeira nas unhas dos pés. Das axilas tinham brotado pelos pretos e ásperos.

O vestido de papel já tinha começado a se rasgar. A cauda cheia de detalhes já estava rasgada e suja.

Em um ambiente vizinho, um salão amplo, outra cerimônia acontecia. Uma mulher cantava *God Bless America* com a voz tremida e confiante.

Agora estava claro — faltava alguém.

No altar, não havia ninguém para casar o casal.

Às pressas, foi ao altar o homem — o pai — para entregar a noiva. Ela viu o rosto delicadamente enrugado de Konrad, o sorriso com a piscadela e os olhos que lhe perdoavam. Com certo soluço de gratidão ela passou o braço pelo braço dele.

Foi Konrad quem realizou a cerimônia de casamento. Konrad, num terno velho escuro e lúcido que caía sobre os ombros, alguns tamanhos acima do dele. Os pelos prateados saltavam do maxilar, lhe dando um ar de muita dignidade e orgulho.

Você aceita este homem?

Você aceita esta mulher?

Na riqueza e na pobreza, na saúde e na doença, até que a morte os separe.

Deus abençoe esta união.

Porque até no Hades tais uniões existem. E são abençoadas por Deus.

O noivo tateava à procura da noiva — sua única mão era grande como um porrete, mas as pontas dos dedos eram delicadas. Ele puxaria a enrubescida Mulher de Barro em sua direção, para misturar sua ávida boca molhada com a dela.

É o que é necessário fazer para se casar, acasalar. Para perpetuar a espécie.

A felicidade se arrastou sobre ela como paralisia.

Mulher de Barro encontra um lar.

Junho–julho 2003

... uma fraqueza secreta. Nenhum de nós foi poupado.

Agora ele vivia falando com ela. Em lugares solitários em que ela se escondia como um animal ferido lambendo os abscessos de veneno que — ainda — não o haviam matado.

Ele piscou e encostou o dedo no nariz. Falou num tom brincalhão e baixinho para que Agatha não escutasse.

A voz dele — ah, ela amava a voz dele! — tão sutil, os tons misturados de ironia, brincadeira, solicitude e carinho amalgamados como notas de instrumentos de cordas — violinos, violoncelos — combinadas num único compasso musical.

Quando menina, não perguntara. Qual é a *fraqueza secreta*.

Não queria que lhe dissessem a fraqueza secreta dos Neukirchen porque, obviamente, a Menina de Barro sempre soube.

“Papai! Oi.”

Ou, mais provável: “Konrad? Oi...”

Na ponte da Convent Street ela começou a tremer.

Viu que a ponte passara por uma reforma parcial: um novo chão gradeado, no lugar do velho chão gradeado bastante enferrujado; novas vigas de aço brilhando ao sol como nervos expostos; a passarela fortificada por um parapeito interno... Tinha certeza de que o parapeito interno não existia, anos atrás.

Ao caminhar pela ponte da Convent Street, o tráfego corria a poucos centímetros de distância.

E o parapeito externo estava bambo. Ninguém ousaria se debruçar no parapeito externo.

Lá embaixo, o rio era extenso como em suas lembranças, se movia rápido com espasmos de espuma branca e longas e sinuosas correntezas encrespadas sobre as rochas submersas. Sua fonte, no alto das Adirondacks, era um mistério para ela — centenas de pequenos afluentes e córregos se chocando e escoando no Black Snake River.

“Konrad! Desculpe, eu ia ligar...”

Os lábios dela estavam secos, mal conseguia falar alto. E era normal suas frases ficarem pela metade, já que suspeitava bastante da fala.

Desde a crise nervosa, quando uma exibição vívida da aurora boreal tinha irrompido dentro de sua cabeça e no mesmo instante se apagado, ela suspeitava da própria fala e da fala dos outros.

É tudo tão provisório. É tudo tão transitório.

Não era informação que pudesse dividir com os outros, de chofre. Tampouco os outros tinham muita vontade de ouvir tal informação.

Somos todos tão provisórios... Transitórios.

Ela segurou o volante com força. Superaria essa sensação de instabilidade, desassossego. Pois o sr. Nash não expressara sua admiração por Meredith Neukirchen dizendo que ela dirigia *bem que nem um homem*?

Esses pequenos orgulhos, feito contas de um rosário, lembrados ao longo da vida.

Prova de que existe *uma vida* — singular, “histórica”.

Uma vez, Andre havia lhe dito como era um tédio gigantesco estar *em um lugar apenas* e M.R. quis lhe responder que preciosidade seria, estar *em um lugar apenas*.

Ser uma pessoa apenas.

Claro que não lhe contara — de sua vida. Se ele tivesse perguntado — e não tinha perguntado muito — ela teria respondido com a vivaz e esperta atitude evasiva com que aprendera a responder às perguntas de entrevistadores.

Os pais dela, ele acreditava serem os Neukirchen de Carthage, Nova York — que ele nunca conheceu: a mãe, bibliotecária, o pai, um funcionário (não eleito) do governo municipal.

Não havia lhe contado que fora adotada. A palavra *adotada* não fazia parte do vocabulário de M.R. Neukirchen.

Dirigiu lentamente pela Convent Street. Como tudo lhe era familiar, mas como tudo lhe era estranho, como se visto pela ponta errada do telescópio! Pouco mudava em Carthage, Nova York, onde a economia estava “estagnada” havia décadas — conservando o passado como numa espécie de formaldeído gasoso.

E ali estava a pequena biblioteca de pedra de cantaria em que Agatha trabalhara — (mas não chamaria de “trabalho”: Agatha nunca chamara de “trabalho”) — como bibliotecária. No balcão de retirada de livros, a rechonchuda de sorriso fácil Agatha Neukirchen, com as longas saias

onduladas, os coletes de tricô e as blusas com babados, as mangas compridas sujas de tinta da almofadinha do carimbo com que estampava a marca com o prazo de entrega dos livros.

Esse era o gesto singular, habilidoso e experiente de Agatha, que trazia consigo um ar benigno de poder — carimbar o prazo de entrega no cartãozinho no verso do livro.

Ah — todo mundo sabe quem é Agatha. Que mulher mais simpática!

Que coisa triste, a Agatha... Tão moça.

M.R. não conseguia estacionar o carro e dar uma olhada na biblioteca.

Talvez depois — se houvesse depois...

(Será que alguém a reconheceria — “Meredith” — “Merry”? Era uma possibilidade que não queria cogitar.)

(Pois foram inúmeras as vezes que Agatha levara a pequena Merry àquela biblioteca. Todas as bibliotecárias a conheciam — “Merry Neukirchen”.)

E agora, a Mt. Laurel Street — onde Konrad não vivia mais, pelo que sabia M.R.; assim como a Convent Street, uma vizinhança de casinhas que abrigavam uma única família, só um pouco mais decadentes do que nas lembranças de M.R. — jardins pequenos na frente, entradas de garagem asfaltadas e estreitas, bem próximas às casas do lado, no meio-fio tocos dos gigantescos olmos fantasmas que foram derrubados depois da doença, quando Meredith era menina.

“Pai! Me desculpe por não ter podido — por eu não ter conseguido...”

Ela estava pensando que poderia ter ajudado Konrad a sair da casa depois de vendê-la, no ano anterior. Mas a época não podia ter sido pior, na semana seguinte à sua posse como presidente da Universidade... E Konrad insistira que não precisava de ajuda nenhuma, que sabia que ela estava ocupadíssima e que ele ficaria aflito se ela usasse o tempo dela indo a Carthage para uma “ninharia”.

Claro que ela foi uma decepção para eles. Apesar de oficialmente os pais sentirem “orgulho” da filha bem-sucedida — pois, razoavelmente, como poderiam não sentir “orgulho” —, ela sabia que magoara os pais, magoara principalmente Agatha, não só por não ser a filha que Agatha queria que ela fosse, mas também por não assumir sua traição. E, depois, não fez muito esforço para reparar o estranhamento entre elas.

Nas entrevistas, exclamava entusiasticamente *Pessoas tão incríveis — pessoas tão boas — modelos de sanidade, bondade, generosidade,*

inteligência, amor... Meus pais são quacres — meu pai foi objetor de consciência durante a Guerra da Coreia — no norte de Nova York, onde o serviço militar aos Estados Unidos é reverenciado — ele me ensinou a ter coragem, mas também o valor da “quietude” — “conter a Luz”. ... Minha mãe é bibliotecária e me ensinou o amor aos livros... e meu pai é um leitor voraz... Sempre soubemos que eu faria faculdade, ao contrário da maioria dos meus colegas de Carthage.

Na verdade foi a questão da faculdade, ir-embora-para-fazer-faculdade e não-voltar-depois-da-faculdade que ofendeu Agatha, além de todos os limites que M.R. imaginara na época.

Konrad foi mais compreensivo, mas com seu estilo indireto traiu uma leve censura — *É claro que a nossa filha, que é um crânio, quer se juntar aos “crânios” — não existe Harvard nas Adirondacks, pelo que eu sei.*

Ali, a casa antiga: Mt. Laurel Street, nº 18.

A casa de tijolos vinho estava com um aspecto bem dilapidado, gasto pelo tempo. Uma lixada daria uma bela recauchutada na fachada fuliginosa e as molduras precisavam ser repintadas; todas as venezianas que davam para a rua estavam tortas, cada uma para um lado. Nas janelas da frente, as venezianas estavam assimétricas. Os novos moradores, quem quer que fossem, conservavam os resquícios do jardim excêntrico de Agatha, que deixava a casa da Mt. Laurel Street, nº 18, suspeita aos olhos dos vizinhos mais convencionais, como um vestido de festa acetinado em meio a um grupo de enlutados: um emaranhado de plantas vivas — amarelinhas, rosas-silvestres — e vasos de crisântemos e gerânios artificiais.

Quem morava naquela casa agora? Em seu antigo quarto, com vista para a rua?

Outrora um nauseante quarto fofo de menina, com papel de parede listrado, roupa de cama macia de chenile branco. Um abajur em forma de ovelhinha branca. Penteadeira de acerácea e estante repleta de livros infantis, presentes dos pais afetuosos de Merry.

No colegial, ela mudou um pouco o quarto. Substituiu os livros infantis por outros. Já estava grande para a cama de menina, os pés ficavam para fora do colchão, mas dizia a si mesma que não tinha importância — em breve iria embora.

Não estivera à altura do amor deles. Era simples.

Ao contrário dos bairros suburbanos prósperos dos arredores da Universidade, em que não se vê ninguém além dos jardineiros e entregadores, a antiga vizinhança dos Neukirchen era *habitada*. Crianças de bicicleta, jovens mães empurrando carrinhos de bebê, um homem aparando a grama de casa — um sujeito de short cáqui largo e boné de beisebol caminhando de bengala, que lembrava Konrad, mas era jovem demais para ser Konrad, agora com setenta e dois anos. E Konrad já não vivia mais naquele bairro.

M.R. observou o sujeito, que lhe parecia familiar. Mas era mais magro do que Konrad jamais tinha sido, em sua memória; e seus passos, apesar da bengala, eram de uma vivacidade surpreendente. Atrás dele trotava um cachorro, um perdigueiro misturado de rabo comprido e patas largas, farejando avidamente os degraus das casas, dos arbustos e árvores e parando para levantar a perna e urinar depressa; dava para ver que o sujeito ralhava com o cachorro, e que o cachorro, embora continuasse a farejar e levantar a perna, prestava atenção.

“Solomon! Você não tem vergonha! — Fica no meio-fio.”

Quando o sujeito de short cáqui se aproximou, M.R. viu que o queixo estava coberto de pelos grisalhos — era Konrad.

“Pai? Oi? É você mesmo?”

Através dos óculos o senhor apertou os olhos para vê-la. Um sorriso largo e assustado suavizou o rosto barbudo.

“Se você está me chamando de ‘pai’, então você é ipso facto ‘Meredith’ — certo?”

Nessa época de desgraça, andava pensando bastante em Konrad e Agatha e em suas vidas exemplares, que fora incapaz de copiar.

Claro, ela entendia: não fora *desgraça*, apenas *insolência*, *erro*, *correção*.

Fisicamente, estivera abalada, doente. Mas era sua alma a mais dilacerada.

E sua vaidade — com a qual M.R. Neukirchen não imaginaria estar tão angustiada.

Claro que Konrad sabia da “crise nervosa” de M.R. e da “licença médica” que tirara da Universidade — ela tinha ligado para ele, para evitar que ele ligasse para ela, e pedira que ele por favor não a visitasse.

“Por enquanto, não.”

Pois não havia lugar nenhum em que M.R. *estivesse* agora.

A palavra oficial era *viajando*.

A descrição oficial era *sem moradia fixa*.

Extraoficialmente, dizia-se *Pobre coitada! Ela saiu de fininho para se esconder*.

Mas ninguém sabia: M.R. estava *desabrigada*.

Às pressas, depois de ter alta do hospital, ela se retirou da Charters House. Estava morando provisoriamente num apartamento emprestado por um amigo do corpo docente, perto da casa no Echo Lake que estava sublocada por outros inquilinos e na qual deixara seus móveis e a maioria dos seus bens, aos cuidados dos outros. Pois havia a hipótese — (ou farsa, ou ficção) — de que M.R. voltaria para a residência presidencial em setembro, quando reassumiria o cargo.

Os conselheiros não a despejaram da Charters House — é claro. Mas M.R. insistira em se mudar dali.

Preciso sair. Me afastar. Estou me sentindo sufocada aqui.

Num delírio qualquer ela pensou — meio que pensou — que talvez — nesse momento crítico da vida — em que (era possível) talvez abandonasse a Universidade — ou (era possível, de qualquer modo) abandonasse a presidência — *o Andre vai querer ficar comigo. O Andre vai cuidar de mim.*

Do observatório em Kitt Peak ele lhe enviara fotos — era um hábito de Andre, quando estava in loco num telescópio — porque havia se tornado, a serviço do mapeamento do Universo, um excelente fotógrafo amador. Quase todo dia, sem mensagem, um e-mail com foto de beleza e mistério assombrosos chegava como se do vácuo: “meteoros Perseídeos” — “aglomerado Kappa Crucis” — “nebulosa da Medusa” — “nuvem molecular na constelação centauro” — “luas além dos anéis de Saturno” — a superfície laranja flamejante de Vênus (“reconstituição feita no computador”) — “aglomerados estelares” — “raios crepusculares” — “sombras da Via Láctea”. Ela entendia que nessas imagens o amante lhe oferecia o âmago de seu ser, e que o outro — o homem de verdade, o homem cuja boca poderia beijar e em cujos braços poderia se agarrar, cuja risada poderia escutar — era secundário.

Por que a beleza do Universo não te basta, querida Meredith?

Ela basta para muitos de nós. Para mim.

Até a filosofia lhe trazia pouco conforto. Palavras!

Não conseguia se concentrar na leitura. Até ao reler obras que amara, não conseguia se concentrar. Sentia a agora familiar fisgada de pânico, uma espécie de náusea, diante da perspectiva de lecionar uma matéria de pós-graduação no outono, como havia planejado de forma tão ambiciosa.

Fracassar uma vez, fracassar de novo. Nunca se recuperar de uma coluna quebrada.

Ela jogou os pertences no porta-malas do carro. Não disse a ninguém para onde iria.

Desabrigada, mas era uma sensação boa: adequada.

Para o norte ao longo do rio Hudson e entrando em Catskills, e no meio da tarde do dia seguinte chegando ao condado de Herkimer, e depois ao Condado de Beechum, e junto ao Black Snake River, rumo ao oeste, a Carthage — uma cidade ribeirinha próxima à costa leste do lago Ontario cuja população diminuía regularmente desde a década de 1970.

Tinha voltado dois anos antes, para o funeral de Agatha. Voltara sete meses antes, na época do primeiro derrame de Agatha.

Nenhuma das visitas correria bem. Nenhuma das visitas deixou M.R. louca para voltar.

No funeral, Konrad estava pasmo e — tão atípico para Konrad! — quase emudecido de dor, protegido pelo grupo feroz das amigas de Agatha, que tinham assimilado dela uma insatisfação com a “filha ingrata” impossível de ser superada, caso M.R. tivesse paciência e tempo para tentar superá-la. E na visita a Agatha, após o derrame, M.R. ficara desconcertada ao ver a mãe outrora afável tão diferente que parecia haver pouca coisa entre elas afora o rancor bizarro e infantil da mulher pela “ingratidão” e pelo “egoísmo” de M.R.

Agatha tinha sessenta e sete anos na época do primeiro derrame. Em seu círculo de amigos e vizinhos de Carthage, sessenta e sete ainda era *bem jovem*.

Sofria de pressão alta havia anos. Estava muitos quilos acima do peso ideal. Fazia tempos que divertia os outros com relatos das muitas dietas fracassadas — “da toranja” — “da água” — “do Dr. Atkins” — “os doze passos dos comedores compulsivos” — mas na verdade não tinha graça, como M.R. soube quando jovem, e portanto não devia ser surpresa o desmoronamento de Agatha, embora Konrad aparentemente não o previsse.

“Mas, pai, como *não*? — ela marcava consultas, ela cancelava...”

“Faça o favor de não se referir à sua mãe como ‘ela’ — você lhe deve pelo menos esse tipo de respeito.”

Esse comentário mordaz era tão atípico de Konrad que M.R. emudeceu de susto.

Agatha tinha desmaiado e caído no quintal, no meio de um emaranhado indômito de flores e ervas, e havia pedido ajuda a Konrad. Mas se negou a ir ao médico e uns dias depois tornou a desmaiar, e caiu, dessa vez na escada de casa, e passou doze horas inconsciente. O derrame foi considerado “brando” — mas a perna direita perdeu a sensibilidade, mais do que nunca dependia da bengala, e mesmo com a bengala tinha dificuldade de andar. Ficou avessa à leitura — “linhazinhas sinuosas desagradáveis que mais parecem aranhas” — e até a assistir à tevê com Konrad — “só imagens achatadas e gente agindo que nem boba”. O cabelo foi ganhando mechas brancas, o que lhe dava um aspecto selvagem que causou um grande choque quando M.R. a viu. Antes Agatha era feminina e carinhosa e tinha uma cativante risada garganteada, agora Agatha era rabugenta e grossa e nunca ria, mas emitia resmungos irascíveis numa imitação zombeteira do riso.

Konrad confidenciou a M.R. que era culpa dele não ter forçado Agatha a perder peso e ir às consultas médicas. Sentia uma tremenda culpa, não suportava nem pensar nisso.

Secretamente, M.R. ponderou que sim, a culpa era em parte de Konrad. Os Neukirchen tinham atravessado anos e décadas como recém-casados apaixonados num barquinho sem remos e leme.

Ela disse, “Pai, a culpa não é sua. Você sabe como ela — a Agatha — é teimosa”.

Mas Konrad não se deixaria convencer. Com uma bufada de escárnio, declarou, “Você está me chamando de ‘pai’? Mas chama a sua mãe de ‘Agatha’. Tem algo errado aí”.

M.R. ficou atônita. Agora seu bondoso pai quacre também estava contra ela?

“Algo muito errado, que sua mãe percebeu bem antes de mim. A nossa ‘Merry’ não era a filha que imaginávamos ser.”

“Mas — é claro que eu não sou a ‘Merry’. Nunca fui a ‘Merry’. Você sabe muito bem que eu — eu não sou sua filha biológica... Você não tem o direito de esperar isso de mim...”

Eloquente perante plateias numerosas, nunca sem saber o que dizer em público, M.R. começou a gaguejar diante da atitude raivosa do pai.

O poder que um pai tem de ferir, de matar. O poder de um pai é tenebroso.

Mas é claro que era Agatha a mais insensata. Ela se esparramava no sofá da sala, com o rosto manchado e emburrado, os olhos engolidos pelos sulcos de gordura. A boca, sempre tão macia e cálida, agora parecia uma boca de carpa. A reprovação a M.R. havia se transformado em aversão.

M.R. ficava apreensiva perto da mulher, como uma enteada de contos de fada que de repente se torna malévola.

“Você. Eu sei por que você está aqui. Está esperando — eu sei o quê. Para ficar com o s-s-s-seu pai todo para voc-c-cê.”

M.R. protestou, tinha ido lá para *vê-la* — Agatha. Soubera que Agatha não estava bem e fora correndo...

“S-s-s-soube que eu tive um derrame. Para ficar com o s-s-s-seu pai todo para voc-c-cê.”

Porém, mesmo antes do derrame, Agatha se ressentia cada vez mais de M.R. — a quem chamava, friamente, de “Meredith” — por ter enganado a ela e a Konrad. “Prometendo que voltaria para dar aula em Carthage, depois de Cornell. E depois — Harvard! Por que uma faculdade estadual não te bastava? Que custasse uma fração daquelas mensalidades extravagantes? Que noção mundana a sua — que cegueira...”

Noção era um termo quacre que em linhas gerais era sinônimo de *infundado, ilógico, ilusório*.

“E você nunca mexeu um dedo para achar emprego aqui — eu sei disso porque tenho amigos na escola. E você nunca contou os seus planos para a gente — suas tramoias.”

“Claro que eu contei — eu mantive vocês a par. Quando eu ganhei a bolsa de Harvard...”

“‘Ganhei a bolsa de Harvard’ — está vendo como você fala? Quanta vaidade, quanta — futilidade. E que coisa mais idiota.”

M.R. teve vontade de retrucar com veemência *O que é que tem de idiota em Harvard?*

M.R. tentou mostrar que, afora a universidade estadual de Plattsburgh e a Universidade St. Lawrence em Canton, não havia faculdades ou universidades a uma distância razoável de Carthage em que se sentiria “confortável” — um jeito tosco de dizer que nenhuma faculdade ou

universidade dos arredores de Carthage era boa o suficiente para seu doutorado em Harvard, ou para ela.

A voz de M.R. falhava e sumia. Talvez fosse tudo — *idiotice*.

A vaidade da vida intelectual, ou qualquer tipo de vida — *idiotice*.

“Seu dever principal é com os seus pais, que te trouxeram ao mundo. E te mantiveram no mundo. Que cuidaram de você e criaram um lugar para você no coração deles.”

Dever! M.R. quis protestar, ela considerava sua vida uma vida de deveres, de fato.

“Você partiu nossos corações! Nem tenho mais certeza se você é nossa filha! Mesmo assim nós vamos sempre te amar. Essa é a vontade de Deus e essa é a nossa promessa.”

Agatha encarou M.R. com uma expressão tão desdenhosa que M.R. teve de desviar o olhar.

Ela vê o meu coração. Ela me conhece. Mulher de Barro!

“Eu tinha certeza absoluta de que queria vender esta casa, Meredith! Assinei o contrato com a corretora McIntosh com plena consciência do que estava fazendo e de que teria de pagar uma multa se eu voltasse atrás. E então, na hora de fechar — eu voltei atrás.”

Konrad falava com ar de incredulidade, como se a confissão lhe fosse escandalosa até agora.

“Não é do meu feitio, sabe? ‘Voltar atrás’.”

Estavam no jardim malcuidado de Agatha, no quintal da casa. Konrad estava sentado numa cadeira surrada e M.R., irrequieta demais para ficar parada, num turbilhão de emoções por estar tão perto do pai, zanzava pelo jardim abandonado de Agatha.

Havia peônias carmesins, flox roxa, pencas de rosas cor-de-rosa e girassóis mirrados em meio a uma abundância sufocante de ervas daninhas.

Na grama alta, estátuas de concreto desgastadas pelo tempo — miniaturas de porco, coruja, gato, cervo, gárgula de olhar atravessado com as mãos tampando as orelhas pontudas.

Que esquisita, a gárgula! M.R. se lembrava das esculturas de bichos — ela achava — mas não da gárgula, que não tinha nada a ver com o estilo de Agatha.

“Depois, minha intenção era alugar a casa. Os vizinhos sugeriram que eu alugasse só um ou dois quartos, mas a ideia não me agrada — morar

com estranhos. Eu não iria querer me impor a *eles* — você sabe que eu gosto de ficar acordado até tarde e ver tevê, e agora que a minha audição não está mais muito boa, tenho que aumentar bem o volume. E meus hábitos alimentares — desde que a Agatha faleceu — são o que se poderia chamar de *improvisados*.” Konrad se calou, examinando M.R. “Seria bom você pegar as luvas da Agatha, se for arrancar essas ervas espigadas, Meredith. Você vai cortar as mãos.”

M.R. entrou na garagem para procurar as luvas velhas e imundas de Agatha.

Ali no canto, sua bicicleta antiga — muito enferrujada, com os dois pneus murchos. Havia se esquecido completamente da bicicleta — com uma pontada de emoção, se lembrou da empolgação que sentia, uma enorme sensação de liberdade, independência, fuga — subindo de bicicleta a colina da Convent Street, rumo aos arredores de Carthage.

Farejando com desconfiança, o cachorro de Konrad foi trotando atrás dela. Konrad tinha insistido que Solomon era um “bicho amistoso” — “apesar de não ser um bicho bem adestrado” — mas Solomon não parecia nem um pouco receptivo àquela moça alta que seu dono cumprimentara com um sentimentalismo muito misterioso.

Quando voltou ao jardim de Agatha, com Solomon em seu encalço, Konrad bradou, “Solo-mon! Não faça auê para cima da Meredith, assim você vai afugentá-la. E ela acabou de chegar”.

O perdigueiro era um cachorro mais velho, de pelos ásperos e opacos e olhos tristes. Era um “cão resgatado” — funcionários da Secretaria de Defesa dos Animais o haviam resgatado de uma família abusiva e, na véspera da execução agendada, Konrad o adotara.

“Foi logo depois que a Agatha faleceu. Um dia eu acordei e lá estava a Agatha, me orientando — ‘Vá ao abrigo de animais da Platt Road, vá correndo trazer ele para casa!’ E eu retruquei, ‘Ele? Quem?’ — e a Agatha disse, ‘Você vai saber ao vê-lo’. E foi assim, eu vi o Solomon — e eu soube.”

M.R. riu. Konrad estava sendo irônico — não estava?

Na cadeira surrada, com o short cáqui largo que deixava à mostra suas pernas pálidas, de lisura estranha, Konrad estava decidido a divertir. A barba prateada se eriçava com a estática. Os olhos eram sagazes e inteligentes e enrugados nos cantos, como se estivessem sempre semicerrados.

Tinha sido sempre assim, M.R. se recordou. Traduzia vivência em anedotas navegáveis. Para suavizar as pontas afiadas das coisas.

“Então, eu estava convicto de que queria alugar — digo, a casa inteira. E meu plano era achar um lugar menor, um apartamento ou uma casa de condomínio — talvez à beira do rio — onde vivem outros aposentados. Então voltei a listar a casa com a corretora McIntosh, porque achei que devia pelo menos isso a eles — ainda que fosse só aluguel. E um casal jovem e encantador viu a casa, e fez perguntas inteligentes a respeito dela, e saiu para conversar, e voltou, e — e resolveu assinar o contrato — e eu ia assinar — no escritório da corretora — na semana passada — e tive calafrios de novo. E estou sendo literal! — eu disse para eles, estou com calafrios — eu tenho calafrios de horror com a ideia de sair da casa onde minha esposa e eu — e a nossa filhinha — fomos tão felizes. Perdão, mas não dá.” Konrad se calou, aos risos. Dos olhos apertadinhos vazavam lágrimas que se acumulavam na barba eriçada como joias cintilantes. “Eles acharam que eu estava maluco. E eu pensei, Ótimo! Quem sabe assim não me cobrem multa.”

M.R. gargalhava. “E cobraram?”

“Bom, sim — cobraram. E agora meu nome está na lista negra de todas as corretoras de Carthage.”

Ao fim da primeira tarde em Carthage, M.R. tinha arrancado dezenas de ervas daninhas cheias de esporões e as jogado numa pilha de relva. O sol estava quente e batia em sua cabeça e Konrad procurou um chapéu de palha para ela na garagem, nem foi preciso lhe dizer que tinha sido de Agatha.

Posso ficar com você, por favor? Estou me sentindo tão sozinha.

Se eu pudesse dormir. Dormir!

Durante dez horas ela dormiu, um sono profundo e sem sonhos, ininterrupto.

No quarto que fora dela na infância, mas não na cama da infância — pois o quarto tinha sido transformado em quarto de hóspedes, o papel de parede listrado substituído por uma estampa floral verde-clara, e a caminha apertada por uma cama de casal — passou dez horas dormindo e acordou ao amanhecer, sobressaltada e de início sem saber onde estava, e cambaleou rumo ao banheiro, e voltou, e dormiu mais duas horas até o brilho do sol esquentar seu rosto como chama derretida, e sorria durante o

sono e ouviu uma voz lhe chamando — com delicadeza, brincando — “Meredith? Você vai passar o dia todo dormindo?”

E naquela noite já não conseguia manter os olhos abertos às 22h40 — ela e Konrad assistiam a um filme da década de 1940 no canal de clássicos do cinema — e de novo ela dormiu a noite inteira — dez horas, doze horas — como alguém isolado no fundo do mar, embalado pelo ritmo do oceano.

Ao longo de sua temporada em Carthage, em seu antigo quarto na Mt. Laurel Street, nº 18, ela dormiu assim, como fazia anos não dormia. E pensou *Talvez fosse só disso que eu precisasse. Esperando por mim aqui, sem que eu soubesse.*

“Desde que o Solomon entrou na minha vida eu me pergunto — o cachorro é por si só um indivíduo ou apenas em relação ao dono? Quando eu não estou por perto, o Solomon é um ‘cachorro’ ou apenas um animal selvagem? Ele não tem nome — nem mesmo um nome genérico. Ele simplesmente é. Assim que ele me vê — me ouve — me cheira — ele volta a ser ‘Solomon, o companheiro querido do Konrad’. O que o Solomon seria em uma matilha de cães selvagens, eu prefiro nem imaginar.” Konrad riu, arrepiado.

Estavam caminhando acima do Black Snake River, num penhasco do Parque da Amizade. O céu estava entremeado por nuvens que pareciam vapor. O ar estava quente e com aroma de madressilva. Embora emanasse do rio, ou do pátio de carga ao lado do rio, um leve odor semelhante ao de nitrogênio.

Inocentemente, o perdigueiro de pelos ásperos trotava ali perto. M.R. tinha a impressão de que o cachorro prestava muita atenção na conversa deles, ainda que continuasse sua rotina canina de farejar, levantar a perna, avançar sobre gafanhotos, trotar sem se preocupar com nada.

Ela podia ter dito *Não seja ingênuo, pai! O Solomon é subordinado ao líder da matilha. Seja ele cachorro ou gente.*

Podia ter dito *Com a matilha de cães selvagens, ele pularia no nosso pescoço. De “Solomon”, ele não tem nada!*

Ela disse: “O Solomon te adora, pai. Você salvou a vida dele. Ele daria a vida por você.”

Konrad pareceu se comover ao ouvir o comentário.

E era verdade, aliás.

Passeavam com Solomon duas vezes por dia!

Às vezes eram três passeios por dia.

Pois Solomon não era do tipo de cachorro que gostava de ficar em casa, era um cão nascido para a caça, como Konrad declarou — *um vira-lata caçador*.

Nada mais confortável que a *rotina*.

E na vizinhança, eram observados: Konrad Neukirchen, com sua barba branca eriçada, os shorts amarrotados de sempre, a camiseta verde-papagaio com COOPERATIVA DE VETERANOS DE CARTHAGE em letras brancas nas costas, sandálias Birkenstock velhíssimas, andando de bengala; e a seu lado uma mulher mais jovem, de costas eretas, calça larga, blusa larga, sandália, cabelo crespo puxado para trás com um lenço amarrado de qualquer maneira.

Evidente aos olhos de qualquer um *A filha de meia-idade, que provavelmente não é casada. Visitando o pai*.

Seria ela — a filha estimada de Konrad Neukirchen? Aquela cuja foto saía no jornal de Carthage, numa página interna?

A filha que foi embora de Carthage para virar professora? Presidente de universidade? Que tinha partido o coração da coitada da Agatha e que não visitou a mãe nem uma vez no último ano da vida dela?

E o perdigueiro vira-lata trotando com eles — à frente, atrás, à esquerda, à direita — desenhando em torno do par extravagante um oito invisível e protetor ao qual, absortos na intensa conversa, estavam totalmente alheios.

Quando era atleta, pensou *Se é para andar sobre as duas pernas, é bom andar de coluna ereta*.

“E também vivo me perguntando — a pessoa é meio que um animal superior, ou é um ser completamente diferente? É claro” — Konrad se apressou em falar, para garantir que Meredith entendesse a sutileza de seu argumento — “que eu conheço Darwin. Aquilo tudo — ‘origem das espécies’.”

“É.”

“‘É’ — é o quê?”

“Não tenho dúvidas de que você conhece — ‘aquilo tudo’.”

A bem da verdade, M.R. duvidava muito de que o pai, apesar de toda a inteligência e dos inúmeros livros de vários gêneros que lera ao longo da vida, “conhecesse” Darwin.

Dada a medida com que era, de forma residual, imbuído das crenças da Sociedade dos Amigos — era bem provável que Konrad não fosse darwinista, nem mesmo num grau básico.

Ela declarou: “Nem Darwin parecia achar que todos os animais eram apenas — ‘animais’. Talvez acreditasse que o cachorro dele tinha certa essência moral.”

M.R. falava devagar, como quem vira uma pedra pesada nas mãos — seria apenas uma pedra pesada, ou um mineral contendo veios de minério precioso? Achava esquisito e maravilhoso: estava fazendo amizade com o pai, que era ao mesmo tempo um homem que ela acreditava conhecer e um desconhecido fascinante.

“Bom — é claro! Todo dono tem um cachorro que é ‘moral’ em relação ao dono — como uma bússola que não tem outra alternativa que não apontar para o norte.”

“Alguns dos meus colegas — da Universidade — afirmam que a gente não tem ‘personalidade essencial’, que existimos apenas no contexto.”

“Mas eles não falam isso dessa maneira sucinta, né? Se são colegas seus — professores.”

“É uma teoria da mente. Uma das teorias da mente.”

“E você acredita na teoria deles?”

“Bom — não saberia te dizer. Poucos de nós sabemos no que a gente ‘acredita’ — nosso cérebro é como as profundezas do oceano, à deriva com um monte de coisas — orgânico, inorgânico — ‘real’ — ‘irreal’.”

E ali estava a falha da filosofia, M.R. supunha. As palavras eram uma rede frouxa e rudimentar através da qual todas as coisas — todas as pessoas — todos os acontecimentos — escorriam, indefiníveis.

“Eu sei que eu sou sempre quem eu sou — Konrad Neukirchen. Nunca deixei de ser o Konrad Neukirchen. E creio que eu seja uma bússola genuína de coerência, sensatez. Mas — os outros!” Konrad coçou a barba, aos risos. “A única coisa que eu posso saber sobre os outros, com certeza, é que eles não são eu.”

“Eles são não-você — mas podem ser idênticos a você, em certos aspectos.”

“Ah, não — não acredito nisso, de jeito nenhum. A humanidade é de uma instabilidade, uma mutabilidade maravilhosa — e eu não.”

“Essa instabilidade nos ajudou a evoluir — a nos adaptarmos. A sobrevivermos.”

“Mas a sobrevivência a qualquer custo vale quanto custa?”

“Pai, você precisa ter sobrevivido para poder fazer uma pergunta dessas! O mínimo da vida é a vida em si.”

Estava pensando no garoto que tentara se enforcar, ou imaginara que iria se enforcar e morrer: o verbo *morrer* não tinha contexto nenhum para ele, ele tinha entendido errado.

E agora estava vivo — o corpo tinha “sobrevivido”.

Cheia de culpa, não aguentava pensar nele.

Tampouco aguentava pensar na irmã, Jewell, que tivera uma morte horrível — presa numa geladeira pela mãe delas, sufocada aos poucos. Não fora uma morte rápida ou misericordiosa.

Cinco anos! E a outra irmã, Jedina, dois anos mais nova, jogada fora como se também fosse lixo, e no entanto — por mero acaso, não tinha morrido.

Mas apenas porque fora resgatada — “salva”.

“O mundo sobrevive”, Konrad estava argumentando, “porque existem ‘salvadores’. Não podemos nos salvar, mas às vezes — podemos salvar os outros.”

M.R. ficou arrepiada, era sinistro. Como se o pai (adotivo) tivesse lido sua mente.

Embora fosse mais provável que conhecessem muito bem a mente um do outro. Como aqueles vários caminhos de Carthage — até a ponte da Convent Street, e o rio, ao Parque da Amizade, e o rio; até o centro via Spruce Street, e o rio; ou até o centro pela Elm Ridge Avenue, o “caminho comprido” até o rio.

Cada passeio era um passeio diferente e distinto na mente dos caminhantes, e muito provavelmente na mente de Solomon, porém todos partilhavam do mesmo destino: o rio.

Pois o Black Snake River, que cruzava a cidade de Carthage, era o cerne da cidade, sua alma barulhenta alvoroçada.

Hoje caminhavam até a ponte da Convent Street. Era o passeio mais curto. Na presença de Konrad, M.R. não sentia o habitual pavor infantil de atravessar a ponte pela passarela — embora Konrad ficasse tão alheio aos caminhões que passavam a centímetros de seus cotovelos que M.R. mal conseguia relaxar.

Da ponte, e à margem, homens pescavam. Atiravam linhas longas, muito longas. A maioria tinha pele escura, e era idosa. Konrad parecia

conhecê-los — *Ei Dewitt! Oi Byron!* — assim como conheciam Konrad — *Oi senhor Neu-kitchen!*

Cortês, Konrad parava para apresentar os sujeitos a M.R. Cumprimentos murmurados eram trocados. Ficaram sabendo — M.R. perguntou — que estavam tentando pescar percas negras, bagres e carpas. Ela se perguntou se os pescadores eram os mesmos que ela via pescando no rio muitos anos antes, quando era menina.

Assim que passaram pelo último pescador, M.R. disse, como quem se joga das alturas: “Pai, você conheceu a minha m-mãe? Ou — sabe alguma coisa sobre a minha — mãe?”

A mão de Konrad, que coçava a barba, estancou. Foi incisivo ao desviar o olhar.

“Sua mãe! Ora bolas, Meredith — do que é que você está falando? A sua mãe é a Agatha.”

M.R. disse, em tom de súplica: “Para, pai. Para com isso. Me fala a verdade, por favor — já passei dos quarenta anos. Não sou uma menina, para ser protegida dos fatos da minha própria vida.”

Ela chegou perto de dizer, *Minha própria vida ridícula.*

Konrad seguiu em frente. O corredor de pescadores desaparecia. Haviam entrado em uma mirrada terra de ninguém coberta de ervas espinhosas, cardos desabrochando e árvores parecidas com salgueiros, de madeira tão macia que muitos dos galhos haviam se rompido. Manuseando a bengala, Konrad se afastava de M.R., até Solomon precisou trotar para alcançá-lo.

M.R. reparou com pesar que o rosto do pai estava marcado pela emoção. Franzia a testa, ressentido. Ela sentiu-se injustiçada pela reação dele — tão similar à de Agatha!

Ela se perguntou, será que ele acha que tem que ser tão irracional quanto minha mãe, por fidelidade a ela?

Até o mais liberal, inteligente e *sensato* dos homens agia com despeito quando sua autoridade era questionada.

E Andre também. Achava-se totalmente imparcial, porém tinha acessos de fúria quando sua vontade era contrariada.

Konrad assoviou e chamou: “Solomon! Corre! Por aqui.”

Por alguns minutos caminharam em fila única pela trilha estreita, em silêncio. Konrad e o companheiro canino à frente, M.R. atrás.

Konrad não falaria mais nada?

Konrad pretendia deixá-la angustiada de expectativa?

Ela pensou, magoadas *Vou embora esta noite. O diabo que carregue os dois!*

Ela pensou *Eu nunca fui a maldita “Merry” deles. O que é que eles queriam de mim!*

Fazia parte do plano deles andar até a rua paralela à Convent Street e depois dar meia-volta e regressar. O plano deles era subir a rua para fazer uma comprinha na loja de ferragens — M.R. tinha se oferecido para aparafusar, firmar, várias instalações da cozinha e do banheiro que estavam frouxas — mas Konrad parecia ter se esquecido.

Com um súbito sorriso largo e falso, virou-se para ela para dizer:

“Bom, Meredith! Foi uma surpresa adorável você ter vindo nos visitar. Quer dizer — me visitar. Suas visitas são raras e valiosas. E quanto tempo você se propõe a ficar?”

A informalidade do questionamento foi assombrosa para M.R. Estaria Konrad sugerindo que ela fosse embora logo?

Hesitando, ela respondeu, “Eu — eu não sei. Eu não tenho andado — muito bem...”. Sua voz se calou. A filha de coluna ereta, pega de surpresa.

Claro que Konrad sabia que ela não andava “bem”. Era uma redundância suplicante lhe dizer aquilo.

“Eu estava pensando — quer dizer, eu não estava exatamente pensando — meu futuro é incerto — e meu presente não é” — M.R. riu, era um comentário feito de maneira tão trôpega e tão patética para uma pessoa com doutorado em Harvard — “não é nenhum exemplo de certeza, também. Então eu pergunto — se não posso ficar com você por um — um tempo.”

“É claro. Nem precisava perguntar, Meredith.”

Konrad falava rápido, em voz baixa. Como se o apelo da filha o tivesse envergonhado.

Ela disse, abanando os braços: “Posso te ajudar — quer dizer, posso pagar a minha parte ou — sei lá. Posso te ajudar financeiramente, pai. Caso você precise de ajuda.”

Será que o havia ofendido? Konrad fitava um ponto além de sua cabeça, piscando rápido.

Era uma questão problemática: Konrad precisava de dinheiro? A casa de tijolos não chegava nem perto da decrepitude de algumas outras do bairro, mas as telhas precisavam de conserto, os degraus da frente e dos fundos

precisavam de conserto, embora Konrad afirmasse gostar de passar o aspirador de pó, os quartos precisavam de uma faxina minuciosa, limpeza, esfregação; as cortinas de organdi que Agatha tinha costurado trinta anos antes ainda estavam penduradas, molengas por causa da poeira, reduzidas a uma falta de cor turva, na sala de estar. Era bem provável, contudo, que fosse consequência da indiferença de viúvo de Konrad, não de sua situação financeira.

Desde sua chegada, alguns dias antes, M.R. tinha comprado mantimentos, suprimentos para a casa. Foi fazer compras no shopping novo — um shopping razoável, com Shop-Rite e Home Depot — enquanto Konrad se ocupava na Cooperativa de Veteranos de Carthage, da qual, ao que constava, era o diretor “por falta de opção” — o diretor “qualificado”, o que tinha conseguido canalizar uma fração dos fundos miseráveis da cooperativa para a própria conta bancária, teve que se demitir às pressas.

Konrad riu, readquirindo a compostura: “Ah, minha querida — eu estou muito bem de vida! Achei que você devia saber. O governo municipal de Carthage está tão mergulhado na corrupção que virou uma tradição no condado de Beechum — os funcionários municipais têm um fundo de pensão excelente, melhor até que o dos guardas e lixeiros. Também é bem melhor que o dos professores e das autoridades municipais! E eu tenho previdência social, é claro. A Agatha nunca precisou se preocupar com a condição financeira da nossa família, nem por um segundo, e você também não precisa. Minha aposentadoria é bem próspera, minha querida.”

M.R. sabia que Konrad fazia cheques para a Cooperativa de Veteranos, para o abrigo local que não sacrificava animais do qual adotara Solomon e uma ou duas organizações não governamentais, inclusive uma chamada “Rotunda” — ela vira o cheque em cima da bancada da cozinha antes de Konrad enviá-lo.

“O que é ‘Rotunda’, pai? É só curiosidade.”

“Rotunda! Você vai ver na sexta à noite, se ainda estiver aqui. Concertos de verão no Parque da Amizade, na ‘rotunda’. Dou só uns cem dólares no verão, os concertos são gratuitos e às vezes não são ruins.”

Como se um caminho perigoso tivesse de ser evitado, voltaram para casa por uma rua paralela — a Hill Street — por outra ponte, mais nova.

“Vadio e convido minha alma.”

“Você? Sério?”

“Pai, é um verso de um poema — Whitman.”

“É mesmo?”

“Pai, foi você quem citou.”

“Citei? Bom, que brilhantismo o meu.”

Ela continuava dormindo a noite inteira. O sono como o mais delicioso cobertor de neve — neve pulverizada, neve emplumada, neve de poeira estelar da Via Láctea. Sono que era silencioso, emudecido. Sono do tipo que tanto invejara no amante-astrônomo, nas poucas vezes em que dormiram juntos a noite inteira.

Mesmo quando agitado e perturbado pelos sonhos, Andre nunca despertava.

E de manhã, Andre nunca se recordava.

Dez horas ou mais, ela dormia. Principalmente quando a chuva tamborilava no telhado e nas janelas — o sono mais jubiloso. Às vezes era o perdigueiro “resgatado” que empurrava a porta do quarto dela, trotando para perto enquanto ela dormia seu estuporado sono pesado e encostando o focinho úmido e frio no rosto dela para acordá-la, preocupado com a possibilidade de que não conseguisse acordar de outra forma.

“Que preguiçosa eu estou! Mal estou me reconhecendo.”

Pois era verdade, como quem está em um barco sem leme e sem remo carregado correnteza pacata abaixo, M.R. tinha adentrado uma nova área da alma, pouco contígua à sua antiga vida, em que os batimentos cardíacos pareciam mais lentos e mais equilibrados; em que se flagrava, por vários minutos, com o olhar fixo no espaço — ao contrário do amante-astrônomo, com sua busca incansável de algo no Universo, M.R. não tinha matéria a examinar; em que podia ficar minutos sentada sem se mexer e sem sequer pensar muito, a não ser nos assuntos mais imediatistas: quais legumes — berinjela, brócolis, abobrinha — fazer para o jantar enquanto Konrad grelhava hambúrguer nos fundos da casa, no terraço de tijolos; se devia levar o carro de Konrad à oficina para a vistoria, cujo prazo logo se encerraria, ou presumir que Konrad faria isso, uma hora ou outra; qual seria o presente adequado — (“Vinho está fora de cogitação, nem adianta perguntar”) — quando ela e Konrad fossem visitar uma das várias amigas viúvas de Konrad, que os convidara para jantar.

M.R. havia descoberto que o pai viúvo era um sujeito muito popular em Carthage. Em seus anos de tribunal do condado, tinha feito o que parecia ser centenas de amigos, tinha vizinhos ávidos para convidá-lo para

churrascos ao ar livre, havia um grupinho persistente de amigas de Agatha ávidas por alimentá-lo, faxinar sua casa, recrutá-lo como acompanhante — (“Casar comigo! É o que todas elas querem, pobres coitadas. Mas a Agatha ficaria muito magoada.”). E havia também a Cooperativa de Veteranos de Carthage, em que rapidamente se tornava, em vez de um voluntário que aparecia uma vez por semana, uma figura essencial que passava de carro recolhendo doações para levar à loja da cooperativa, ou separava e etiquetava, acompanhado de outros aposentados, em sua maioria viúvas de veteranos do Vietnã, cada peça de roupa, artigos para a casa e mera tralha. E havia — isso M.R. ficou bastante surpresa ao descobrir, já que Konrad não tinha feito nenhuma menção — as viagens ao Hospital de Veteranos de Herkimer, onde também fazia serviço voluntário.

Essas atividades eram novas, M.R. ponderou. Desde que Agatha falecera.

“Você está com cara de confusa, querida Meredith! Mas a Agatha é o espírito por trás de todo esse empenho, sabe? Ela tinha um coração muito caridoso — eu sempre tive preguiça. Mas agora — imagino que eu esteja vivendo por nós dois.”

Konrad se calou, sorridente. “Você podia ir comigo um dia desses, Meredith. A moça que gerencia os voluntários, muito agradável, apesar de tagarela até não poder mais — a viúva de um colega de escola meu, que morreu no hospital uns anos atrás, um veterano da Guerra da Coreia — está sempre à procura de, como ela diz, ‘sangue novo’.”

“Tenho um amigo...”

M.R. começou nesse estilo tão casual que podia ser o relato de uma história cômica e divertida.

“... ele e a esposa têm um filho ‘deficiente mental’. A vida deles gira em torno desse filho, são obcecados por ele. É claro que o meu amigo — ele é astrônomo, um astrônomo bastante ilustre, de Harvard — não usa o termo ‘obcecado’ — não usa o termo ‘deficiente mental’. Eu só vi o filho — Mikhal — uma vez, quando ele tinha onze anos — ele não me pareceu muito estranho, na época — só distraído, com a cabeça nas nuvens... Isso foi há dezenove anos. Agora ele tem uns trinta e poucos — ‘um maldito Peter Pan’, é como o meu amigo — o pai dele — o chama. Ele tem acessos de raiva violentos, enxaqueca. Só que o Mikhal é muito talentoso — um músico virtuose — pianista, violinista. Ele não sabe ler partitura, mas toca de ouvido. E também é um compositor extraordinário. A música que ele

cria é staccato e dissonante, mas é acústica — parece que tudo o que ele compõe faz referência a Bach. Mikhal nunca conseguiu se entender com nenhum professor de música, apesar de o meu amigo e a esposa terem passado anos tentando achar um professor para ele. Ele só faz escutar CDs, obsessivamente, por horas e horas, com o fone de ouvido, se fartando das técnicas musicais dos outros. A mãe do Mikhal é uma tradutora de obras clássicas nascida na Rússia, que dedicou a vida ao filho — boa parte dela tentando achar um nicho para o filho na cena musical de Boston. E ao que parece o meu amigo-astrônomo sabe que é praticamente impossível, mas ao mesmo tempo ele tem esperança — ele não tem como não ter esperança — de que Mikhal melhore, de que vão descobrir um tipo novo de remédio ou terapia, e o belo menino — eu já falei que ele era um menino bonito? — que nem a mãe? — é claro.”

M.R. falava devagar, com tranquilidade. De novo, era como alguém que vira um pedaço pesado de mineral nas mãos, tentando discernir os veios preciosos, ou comprovar a existência de veios preciosos. Konrad, atirando um graveto para o ofegante Solomon pegar, só murmurava para indicar que sim, estava escutando.

“Quando o Andre — esse é o nome do meu amigo-astrônomo: Andre — está viajando, e é normal ele estar longe, em observatórios, ele tem que falar com o Mikhal todos os dias. Se o Andre não fala com o filho todos os dias, fica difícil controlar o Mikhal. Se o Mikhal sente que o pai está escapando das mãos da mãe e do filho, alguma crise acontece — o filho tem uma recaída, tenta se suicidar, é levado ao pronto-socorro; ou a esposa, que me parece ser uma grande manipuladora, apesar de realmente ser ‘doente’, desmorona e também acaba no pronto-socorro. Quando o Andre recebeu um prêmio ilustre da Associação Nacional de Astrônomos, em Washington, D.C., a esposa — o nome da esposa é Erika: não a conheço — teve de ser internada por conta de um surto de taquicardia.”

Konrad ouvia com atenção, coçando a barba. Não olhava para M.R. enquanto ela falava daquela maneira determinada e calma, e não olhou para ela quando sua voz sumiu de um jeito ao mesmo tempo pensativo e melancólico.

“O Andre é — um cara incomum. Acho que tem inimigos. Mas tem um monte de amigos. Ele é do tipo de homem — só agora que me passou pela cabeça que você, pai, é um pouco parecido com ele — eu nunca tinha pensado nisso — você nunca reclama de verdade, mesmo quando

‘reclama’ — você está fazendo graça. E você percebe o absurdo das coisas, como o dom de ver cubos quando todo mundo só é capaz de enxergar quadrados planos. Ele tem uma espécie de — bom, talvez não seja como você, pai, exatamente — estilo majestoso. Dá para imaginar moedas de ouro caindo dos bolsos — ele nem repararia. Ele passa uma sensação de energia alta, os outros sempre querem agradá-lo, então ele é meio que um ditador — quer dizer, um ditador do bem.” Ela riu. Enxugou os olhos, às gargalhadas. Falava cada vez mais rápido, descontrolada feito um caminhão sem freio em uma estrada íngreme; de forma mais explícita, Konrad não olhava para ela, mas continuava a atirar o graveto agora molhado e roído para que o perdigueiro resgatado o pegasse.

Ela se abriu demais com Konrad. Sentiu uma pontada de arrependimento, não podia retirar as palavras impensadas que dissera.

Konrad disse, sem olhar para ela, mas com um sorriso pesaroso, “Bom! Dá para perceber que o seu amigo-astrônomo é muito especial. Mas você também é muito especial, Meredith — não se esqueça. E não esqueça que o futuro não tem que ser uma repetição do passado. Até no cosmos, não existe nada que seja apenas automático ou previsível. Um cometa se lança para fora da órbita, um meteorito cai na Terra. Sabendo como foi a vida desse homem, não dá para saber como a vida dele vai ser”. Estranhamente, como M.R. se recordaria mais tarde, ele acrescentou: “Quando o homem envelhece, a saúde dele não é muito previsível, na verdade. Esposas infelizes se vingam nessas horas. Pode ser que aí a esposa ‘difícil’ — a esposa alienada — não continue a amar o seu amigo-astrônomo. Se, como você falou, ela é mais nova que ele...”

“Eu falei isso?”

“Acho que falou, sim.”

M.R. achava que não. Embora fosse verdade, Erika era mais nova que Andre, mas não tão mais nova que Andre quanto M.R.

“... quem sabe ela não se cansa dele. Talvez ela se livre dele. Vai que de repente ele se veja à deriva no cosmos, precisando de uma pessoa amiga. Essas coisas acontecem.”

M.R. ficou perplexa. O que o pai estava dizendo? — sugerindo?

E como adquirira tantos dados dissimulados, como o sábio de um conto de fadas infantil?

“Essas ideias, querida, não são minhas — são da Agatha. Baseadas na observação minuciosa de certos casamentos aqui de Carthage — o marido

‘pulador de cerca’, a esposa ‘traída’ — a vingança que essas esposas perpetraram quando têm chance.”

“O Andre Litovik não está doente. Até onde eu sei, ele — ele não está doente.”

Não era verdade, claro. Andre sofria de diversos males, provavelmente mais numerosos do que M.R. imaginava. Pressão alta, para a qual estava medicado; dores agudas nas costas e contrações musculares; tinha uma propensão incomum a infecções respiratórias, e tinha machucado os dois joelhos escalando montanhas e em breve precisaria de próteses, um procedimento cirúrgico cuja expectativa o enchia de pavor, porém sobre o qual falava com desdém, aos risos.

M.R. mordeu o lábio inferior. Já tinha dito mais do que pretendia — não queria baixar tanto a guarda.

Konrad concluiu: “O que eu quero dizer, minha filhinha querida, é que as coisas mudam. E nós mudamos com elas. E às vezes é melhor assim, mas a gente não pode pensar tão à frente.”

Depois, M.R. se lembraria de que o adorável pai não havia perguntado o que Andre Litovik significava para ela, para ela saber tanto a respeito do sujeito e parecer se importar tanto.

Eu não quero abrir mão de você, querida.

Mas você pode — deve — abrir mão de mim.

(Na cama de hospital, M.R. ouvira essas palavras da boca de Andre, ditas com uma seriedade anormal. Óbvio que ela escutara. E à solicitude genuína sob as palavras. Como se até o macho predador se sentisse obrigado a prevenir a fêmea, de vez em quando. E a fêmea sorridente, desatenta. No sentido mais profundo, ensurdecida.)

(Recordou-se daquela manhã, quase dois anos antes, em que o telefone tocara na casa de M.R. no Echo Lake. No meio da manhã, e estava preparando a breve apresentação de um colega, professor visitante de filosofia, que palestraria num colóquio naquela tarde. E, numa atitude bastante inesperada, era Andre. Mas um Andre aflito e estressado como M.R. raramente via — “Liga a tevê, Meredith. Agora!” E M.R. não hesitara em ir carregando o telefone até o outro cômodo, para ligar a tevê, perguntando em tom melancólico, “Mas em que canal, Andre?”. E ele respondeu com impaciência, “Qualquer canal! Anda logo!”. E M.R. fitara a tela, vendo uma espécie de notícia, edifícios altos soltando fumaça, as

torres gêmeas do World Trade Center em chamas, ela ficou em estado de choque, estupefata, confusa, sem ideia de a que estava assistindo e Andre não tinha tempo de colocá-la a par — “Só para você ficar sabendo que aconteceu um grande atentado terrorista. E provavelmente vão acontecer outros. E dentro de um avião cheio de azarados eu estou preso na porra do aeroporto de Cleveland e não faço ideia de quando vão liberar o voo de volta a Logan. Tchau!”

“Andre, espera...”

Mas a linha estava muda.

Portanto, sozinha na casa do Echo Lake, ao longo das doze horas seguintes presa ao televisor, M.R. mal se mexeu da poltrona, fitando e tentando compreender o que via — o horror, a magnitude e o sentido — ainda que os olhos derramassem lágrimas pelo que era tanto o sofrimento inexprimível dos outros quanto sua própria tristeza e autocomiseração.)

A especialidade de Konrad era o café da manhã: mingau de aveia com açúcar mascavo, passas e leite desnatado — “A refeição mais importante do dia.”

A especialidade de M.R. era o jantar: vários tipos de legumes cozidos no vapor, em todos os estilos de combinação e acompanhados de arroz, massa ou cuscuz.

À exceção do café da manhã, M.R. geralmente preparava a comida. Konrad fazia boa parte da limpeza da cozinha.

Faziam as compras juntos na Shop-Rite. M.R. cuidava do hortifrúti e dos laticínios, Konrad pegava o resto. Invariavelmente, Konrad era o primeiro a chegar no caixa, onde esperava folheando a revista *People*.

De noite, eles liam e viam tevê. Às vezes liam enquanto assistiam à tevê — o canal predileto deles era o de filmes clássicos, em que viam Ingrid Bergman, Gregory Peck, Greer Garson, Robert Mitchum, Humphrey Bogart, Clark Gable, Ginger Rogers e Fred Astaire... “A Agatha vivia dizendo, ‘É reconfortante ver que eles ainda estão conosco’”, Konrad comentou.

Como se por acordo mútuo, não viam os jornais. Não acompanhavam as notícias da carnificina no Iraque e no Afeganistão. Não estudavam a seção de “Rostos dos mortos em combate”, publicada de quando em quando no *New York Times* — dezesseis fotos na vertical, dezesseis na horizontal — uma página inteira do jornal dedicada a militares americanos falecidos,

geralmente jovens, jovens a ponto de partir o coração e praticamente todos eles homens.

(O *New York Times* era a única concessão que M.R. fazia à vida que deixara para trás no centro-norte de Nova Jersey: não tinha como comprar o jornal em Carthage, tampouco ele podia ser entregue na casa do pai, a não ser pelos correios, com dias de atraso. Ela o lia todos os dias, on-line.)

No início, os muitos livros espremidos nas estantes dos Neukirchen provocaram um terrível mal-estar em M.R. Pois sentia que sua preocupação com os livros — com uma vida guiada por *palavras* — devia ter começado ali, naquele lugar onde livros eram ao mesmo tempo reverenciados e tratados com a intimidade casual e a afeição de velhos amigos.

Nas prateleiras, os mesmíssimos livros na ordem exata de que se lembrava da infância. Nada estava fora do lugar e pouco parecia ter sido acrescentado. Quantos livros Konrad se gabara de ter? 11.677 ½! — claro que Konrad estava fazendo piada. Na época, Meredith não tinha nenhuma noção do que era uma *piada*.

Ali estavam os livros de sua infância, praticamente intactos. Como parecia a biblioteca da Charters House — só que ali os livros não eram raros e a maioria não estava em bom estado. E eram muitas as brochuras, com os cantos das páginas dobrados, amarelados. A relevância coletiva deles lhe causava perplexidade. Ela puxou um volume e abriu para lê-lo:

Numa tarde ensolarada de outono uma criança se afastou de sua casa incivilizada num campinho e sem que percebessem adentrou uma floresta. A coisa ficou contente com seu novo senso de liberdade...

Que estranho, a palavra *coisa* em referência a uma criança! A história era de Ambrose Bierce, que M.R. nunca tinha lido — *Chickamauga*. O título aludia, uma nota de rodapé explicava, à batalha da Guerra da Secessão no riacho Chickamauga (Tennessee), em 1863: trinta e quatro mil baixas, uma das batalhas mais sangrentas da Guerra da Secessão.

Foi tomada pela ânsia infantil de saber mais — de ler o conto e o livro inteiro de contos escritos por Bierce. Mas devolveu o livro à prateleira, por enquanto.

Uma pilha de livros ao lado da poltrona de Agatha era comovente de se ver. Eram os romances habituais de Agatha, escritos por mulheres, livros de jardinagem e um volume fino — *Ariel*, poemas de Sylvia Plath.

Entendeu a relutância de Konrad em guardar os livros.

Perguntou-se: o álbum MINHA VIDA DE BEBÊ, que quase estourava de tão volumoso, ainda estaria na gaveta da cômoda? Mas não mexeu nem um dedo para descobrir.

“Vem comigo, querida! Vou visitar a Agatha.”

Foi com ele. Sabia que o túmulo de Agatha estaria ao lado do túmulo da criança perdida no Cemitério da Amizade, portanto estava preparada.

M.R. foi obrigada a se lembrar, MEREDITH RUTH NEUKIRCHEN — “MERRY” — 21 DE SETEMBRO DE 1957
— 3 DE FEVEREIRO DE 1961 não era ela.

Pensava nos *paradoxos* de Konrad. Como a provocara e espantara quando pequena, especulando sobre *viagens no tempo* — como se, quando criança, pudesse entender o que era *viagem no tempo*. Ele brincara sobre ela voltar no tempo para confrontar uma gêmea mais nova — que esquisitice seria!

Ela se perguntou se o adorado pai tinha sido a origem de seu fascínio por filosofia — as charadas, a aspiração à sabedoria e a esperança perene.

No Cemitério da Amizade, Konrad imergiu num silêncio atípico. Era um alívio — ou não era? Até Solomon, trotando e farejando entre as fileiras de lápides, levantando a perna para urinar, parecia menos exuberante, menos canino. Quando Konrad lhe estalou os dedos, o perdigueiro se encolheu, envergonhado.

“Solomon, olha os modos! Isso não é coisa que se faça em um *cemitério*.”

Era um dia de ventania no meio do verão. Raios claros de sol eram soprados céu afora, e da direção do lago Ontario, no oeste, uma flotilha de nuvens carregadas se aproximava. M.R. contemplava a lápide pequena ao lado da lápide grande — AGATHA RUTH NEUKIRCHEN, 7 DE ABRIL DE 1934 — 19 DE NOVEMBRO DE 2001. ESPOSA E MÃE

ADORADA. Ambas as lápides eram feitas da mesma pedra calcária rosa-clara.

Konrad se ocupou da limpeza das lápides. Manteve o rosto desviado do olhar de M.R. para que ela não visse suas lágrimas.

M.R. o ajudou, arrancando as ervas daninhas. Como as ervas crescem rápido, e algumas são tão espinhentas! Nas duas lápides havia vasos de barro que continham, ou já tinham contido, flores vivazes, bem como vasos de cerâmica com flores artificiais. Konrad havia parado na floricultura para comprar flores — um vaso de lírios amarelos, vivos — que ele e M.R. colocavam agora entre os dois túmulos, equilibrando-o no meio de tufo de grama. E na floricultura M.R. havia comprado uma curiosa videira artificial enfeitada com cachos de uvas roxas, vermelhas e

verdes, bem do estilo que chamaria a atenção de Agatha, que ela agora enroscava nas duas lápides.

Konrad ficou muito emocionado. “Nossa, Meredith — que coisa linda!”

E: “Exatamente o tipo de coisa que chamaria a atenção da Agatha.”

Passaram um tempo sentados, as mãos entrelaçadas. Percebendo o clima cerimonioso, Solomon parou de trotar e farejar e com um suspiro trêmulo se estirou entre eles no gramado e fechou os olhos. Aos pouquinhos, parou de abanar o rabo comprido.

“A Agatha te amava muito, Meredith. Até o fim, quando não era mais a Agatha.”

“Eu sei, pai. Eu entendo.”

“No final, a maioria de nós já não somos ‘nós mesmos’ — provavelmente. Não devemos ser julgados pelas nossas últimas palavras. Você devia se lembrar da gente nos nossos melhores momentos.”

“Eu me lembro! Vou me lembrar.”

“Esse é Deus dentro de nós, para nos lembrar de nossos melhores momentos. O clarão interno.”

Ela segurou a mão de Konrad. Ele tinha mãos largas, dedos rombudos. Tinha emagrecido desde a morte de Agatha, as feições estavam mais nítidas no rosto. As maçãs do rosto, antes escondidas sob uma camada de gordura, agora eram visíveis. O cabelo grisalho e fino se tornara branco, as sobrancelhas grossas e a barba eriçada se tornaram brancas, com seus setenta e poucos anos tinha virado, como se não houvesse opção, uma figura extraordinária.

Como parecia um professor. Um professor *vira-lata*.

“Pai! Eu podia dar uma sondada na Universidade St. Lawrence, ou — acho que tem uma faculdade católica em Watertown. E tem a pública de Plattsburgh...”

“Não.”

“‘Não’ — o quê? O que você quer dizer com isso?”

“Não seja ridícula, Meredith. Você não vai ficar aqui.”

“Não vou?”

“Claro que não. Não em Carthage.”

Ainda assim, ela sentia um turbilhão de entusiasmo, esperança — poderia reinventar sua vida naquela parte do mundo, se conseguisse achar um lugar — um cargo. Se alguém a aceitasse ali. Se — uma pessoa com suas credenciais, formação, experiência...

Konrad foi firme ao repetir: “Não em Carthage.”

Como um filhote de passarinho que se aventurou cedo demais fora do ninho, implume, sua esperança caiu por terra.

Konrad apertou a mão dela. Se era uma reprimenda suave ou uma tentativa de animá-la, M.R. não sabia. A não ser que fosse para prepará-la para o que diria em seguida.

“A sua mãe, Meredith. A sua — ‘mãe biológica’ — como se diz...”

“Sim?”

“Pelo que eu sei, ela está internada no Hospital Psiquiátrico Estadual de Herkimer desde o começo da década de 1970. O nome dela é ‘Marit Kraeck’ e não é velha — não para os meus parâmetros — acho que é mais nova que eu. Ela tem uns setenta anos. Se ainda estiver viva.”

M.R. ouviu, atônita. Essas palavras, enfim, proferidas de maneira tão casual!

“Ela nunca foi sentenciada pelo que fez com você ou — pelo que ela fez com a sua irmãzinha. Ela foi considerada ‘inocente em razão de insanidade’ e mandada para o hospital de Herkimer e é só disso que eu sei.”

“Minha mãe está — viva?”

“Bom, disso eu já não sei. Não sei te dizer se ela está ou não viva. Faz anos que não tenho notícias dela.”

“Mas — você sabe onde ela está, se estiver viva.”

“A Agatha nunca quis saber, e é claro que eu nunca contei a ela. Mas quando nós te adotamos, fiquei louco para saber qual tinha sido o destino da sua mãe biológica. Porque era uma alma perturbada, uma alma terrivelmente mutilada, e não o ‘monstro’ pintado na imprensa — era nisso que eu acreditava. Tenho conhecidos que são advogados e juízes e oficiais da lei do condado — eu sabia das tentativas de encontrá-la e que, um tempo depois, acabaram descobrindo que uma mulher sem-teto e doente mental de um abrigo de Port Oriskany era ela — ‘Marit Kraeck’. Quando foi detida e trazida de volta ao condado de Herkimer, eu escondi os jornais da Agatha e de você — você ainda era muito novinha na época. Então, ela nunca foi sentenciada, e sim mandada para o hospital de Herkimer.”

“Você acha que ela ainda está por aqui? E que eu poderia ir vê-la?”

“Bom, ela pode ter se ‘recuperado’ e sido solta — mas eu duvido. Não acho que, a julgar pelo que ela fez, um dia aquela mulher vai se

‘recuperar’, muito menos ser solta.” Konrad se calou, a respiração audível. Agora estava claro que a conversa o chateava. “Acho que você pode ir vê-la, sim — se for do seu desejo.”

Se for do seu desejo. Que admoestação mais típica dos contos de fadas!

Porém, como num conto de fadas, esse era o desejo da criança abandonada.

“‘Marit Kraeck.’”

Manhã de quinta-feira, Konrad estava trabalhando na cooperativa de veteranos e portanto, sem falar com ele, M.R. foi de carro ao Hospital Psiquiátrico Estadual de Herkimer, a cento e doze quilômetros de distância, no condado vizinho. Dentre as crianças de Carthage, o nome “Hospital de Herkimer” indicava insanidade, encarceramento. Havia inúmeras piadas horríveis sobre o “Hospital de Herkimer” das quais, na época, Meredith não achava graça.

“‘Marit Kraeck’. Eu vim visitá-la...”

Estava muito nervosa. Não poderia dizer que tinha esperança, ou medo — era um tipo doentio de apreensão. Não saberia dizer o que esperava descobrir. Andre ficaria atônito e consternado. *Uma mãe louca e homicida! Não é de se estranhar que você não quis ter filhos.*

O hospital psiquiátrico era uma prisão, segundo as aparências. Numa rodovia estadual ao norte das cataratas de Herkimer, uma paisagem desolada de árvores derrubadas, terra escavada, minas abandonadas. De longe, os cumes das Adirondacks eram indistintos, como se evaporassem no horizonte. M.R. sentiu uma pontada de pavor, estava cometendo um erro indo ali e o que seria esse erro a não ser uma concatenação de erros, asneiras idiotas que haviam arruinado sua vida.

A prisão — o hospital — era cercada por uma grade de três metros e meio, coberta de arame farpado. Havia um portão, pelo qual M.R. pôde entrar após mostrar a identidade e explicar a natureza da visita ao segurança.

“‘Marit Kraeck.’ Vim visitá-la, se possível.”

E lá dentro, para uma mulher de testa franzida no balcão de informações, a quem não se podia chamar exatamente de “recepcionista” — era mais uma mistura de agente penitenciária e enfermeira — de uniforme não muito limpo, dedos rombudos enfeitados com anéis baratos: “‘Marit Kraeck.’ Vim visitá-la, se possível.”

“E você é...?”

“A filha dela.”

Digitando no computador a mulher mal estancou diante da resposta tensa de M.R. Era incrível para M.R. que a mulher não tivesse sequer lhe encarado com perplexidade — *Você? Filha dela?*

Mas Marit Kraeck era uma das muitas centenas de pacientes — presidiárias — do hospital de Herkimer. E M.R., mostrando a identidade à recepcionista — carteira de motorista, carteirinha da Universidade — com as mãos trêmulas, era apenas mais uma das muitas visitantes.

Havia nisso certo consolo, sem dúvida: uma das muitas.

Ela e eu. Mãe e filha. Mãe doente, presa, filha adotada e agora adulta. Visitá-la, se possível.

“Siiim. ‘Marit Kraeck.’ Ela está na terceira. Vou chamar uma pessoa para escoltá-la. É uma ala trancada.”

“É mesmo? Obrigada.”

“Você nunca tinha vindo aqui? É a sua primeira visita?”

Agora a mulher olhava M.R. com desconfiança. Pois que tipo de filha passa trinta anos sem visitar a mãe?

“Eu — eu sou a filha adotiva dela. Quer dizer...” M.R. se calou, confusa. A mulher escutava com paciência enquanto ela se atrapalhava com as palavras.

“... eu sou filha dela e fui entregue a adoção. Não a vejo desde os meus três anos...”

Que filha sortuda! Já que por obra do acaso era “horário de visita”, e M.R. foi acompanhada até o elevador com várias visitantes, todas mulheres. Segundo andar, a maioria das visitas desceu. Terceiro andar, apenas M.R. e a funcionária que a escoltava.

A mulher, baixinha, atarracada, de seios fartos, simpática e tagarela, conduziu M.R. por um corredor rumo a uma porta de segurança em que digitou um código com agilidade: não era um código muito complicado, pois M.R. o leu com facilidade e decorou: 2003.

“Esta aqui é a ala trancada, está vendo? Mas não tem perigo nem nada, ninguém machuca ninguém há bastante tempo. Os médicos mantêm todas sob controle — ‘medicadas’. A gente vai entrar na sala de visita e eu vou ver se a Mar-ritt quer te ver. A Mar-ritt nunca recebeu visita, desde que eu estou aqui.”

O cheiro! Cheiros...

M.R. sentiu fraqueza. M.R. quis segurar o braço da funcionária, por desespero.

“Dona? Você está se sentindo bem?”

Num gesto que comoveu M.R., tão delicadamente sensível, tão inesperadamente solícita, a mulher segurou o braço de M.R. pelo cotovelo, para ampará-la.

“Estou. Claro. Estou... bem. Estou bem.”

Tonta, sentou-se em uma cadeira de vinil. Os lábios estavam gelados, a língua estava gelada, dormente. Um zumbido nos ouvidos, sem dúvida era a pulsação em frenesi... *Ai Andre! Se você pudesse me ajudar.*

Mas não era sensato, era? Era mais provável que Konrad pudesse ajudá-la.

Ai pai você tinha razão. Não foi uma boa ideia.

Havia a espera. M.R. estava sozinha na sala de visitação. Nos arredores, a lenga-lenga de vozes. Animadas, mecânicas — vozes de tevê. Estava se acostumando aos cheiros. Estava decidida a não sucumbir   própria fraqueza, ansiedade. For ou-se a endireitar a coluna na cadeira desconfortável — coluna reta, cabeça levantada. Ao dirigir-se a uma plateia, não — nunca — toque no rosto, ou no cabelo. Se dominada pelo nervosismo, entrelace as mãos debaixo do palanque.

Nunca demonstre medo. Eles vão te devorar.

“Ei! Desculpe, dona. A gente está andando em marcha lenta, entende...”

A mocinha atarracada de seios fartos guiava uma mulher idosa, não atarracada, mas gorda, quase obesa, que dava passos mínimos, se apoiando num andador. A mulher trajava um vestido disforme, bastante manchado, uma espécie de vestido caseiro, com a bainha irregular que escondia somente parte das pernas inchadas, cheias de varizes.

“D  oi para a sua visita, Mar-ritt. Quem você disse que  , dona?”

“Eu — eu sou — sou...”

A mulher estava se acomodando, o volume do corpo claramente repleto de dores, no sofá, que afundou de modo perceptível sob seu peso. O rosto era esponjoso, a pele da cor de banha azedada; os olhos eram turvos, tão desprovidos de foco que se poderia imaginar que não tinha pupila,  ris. Um meio sorriso inexpressivo se esboçava nos lábios, que eram borrachudos, vermiformes.

“Filha da Mar-ritt? Não  ?”

“Isso.”

“Ei, Mar-ritt — ouviu? Sua filha veio te visitar — está vendo? Dá um oi, dá? Vamos.”

O rosto da mulher se contraiu como um punho cerrado. As pálpebras tremeram, mas só por um instante. Os lábios vermiformes não se mexeram.

A mulher parecia ter muito mais que setenta anos. O rosto era arcaico, uma ruína de rugas e dobras. A cabeça era quase calva, como uma pedra alisada pelo tempo, coberta de tufo de fios grisalhos. O cheiro que emanava de seu corpo era de suor seco, urina, fezes.

“Mã-mãe? Eu sou... você se lembra...” — M.R. estava acanhada, entrelaçando as mãos sobre o colo — “... a Jedina. Sua filha.”

A não ser pela respiração dificultosa da mulher e a lenga-lenga das vozes da tevê ali perto, havia silêncio.

A funcionária cutucou Marit, num gesto que aos olhos de M.R. era familiar, até mesmo íntimo. “Ei, Mar-ritt — você ouviu? ‘Je-din-ya.’ Ela veio te visitar, está vendo? Tenta dar um oi, vamos lá.”

Mas Marit Kraeck parecia não ouvir. Estava sentada no sofá de pernas abertas, as dobras de gordura das coxas incômodas aos olhos de M.R., que estava de frente para ela. M.R. quase sentia vontade de tampar os olhos, como uma criança de contos de fadas exposta a uma imagem proibida.

A M.R., a funcionária disse em tom de desculpas, “Bom, veja só! — a Mar-ritt não tem o hábito de socializar. É assim que a gente chama — ‘socializar’. Eu não sou enfermeira — nunca estudei enfermagem — mas eu sei umas coisas que aprendi vendo, e uma delas é — o cérebro meio que desliga quando não é usado, ou esses ‘psicotrópicos’ que dão para elas são, tipo, como um interruptor que está desligado, ou a ignição de um carro, que não ligam faz tempo — então, quando você tenta ligar, nada acontece. Não acontece porra nenhuma.”

Essa descrição solidária não suscitou nenhuma reação da paciente, afora um sorriso nervoso nos lábios. Os olhos estavam opacos como se a luz detrás deles tivesse se apagado. As coxas gordas afastadas, o vestido imundo esticado sobre os joelhos. M.R. ficou horrorizada ao reparar que os tornozelos da mulher eram grotescos de tanto inchaço, inchaço maior que o das pernas, desbotados como se tivessem tumores.

“Bom — que tal eu deixar as duas a sós? Às vezes ajuda.”

“Não! Não vai embora, por favor.”

M.R. implorou. Marit Kraeck encolheu os ombros, o volume de seu corpo tremeu como se na expectativa de — algo.

“Acho que vai ser melhor — mais fácil para ela — para nós — se você ficar.”

“Está bem, dona. Mas é bom você saber que é assim que elas são. A maioria delas. Não são perigosas — agora. Para vir parar nesta ala, você tem que ser um ‘perigo a si mesma e aos outros’, e a Mar-ritt deve ter sido assim, antigamente. Para ser franca, não sei muito bem qual é a história dela. Tem outros pacientes muito mais interessantes que a Mar-ritt no terceiro andar. Mais perigosos também. Alguns dos homens. Dá para ver, ela não está bem — ela tem pressão alta, tem algum problema de coração, mal consegue andar sem ficar ofegante que nem cachorro. Antigamente, se a pessoa era um perigo, eles operavam o cérebro — foi assim muito antes de eu vir para cá, mas as pessoas falam disso.” A funcionária se arrepiou, mas estava rindo. “Agora é bem melhor, são só remédios. Eles tomam os ‘comprimidos’ — ou recebem injeções — e a vida de todo mundo fica mais tranquila.”

Como se despertada pelo palavrório da funcionária, Marit Kraeck começou a choramingar, querendo voltar ao seu quarto. Fitava M.R. de olhos arregalados como se só agora a enxergasse. A lamúria aumentou de tom, súplica com um quê de fúria.

“Ih! A visita acabou. Vem, Mar-ritt — hora de voltar para o quarto.” A M.R., ela disse: “Eu sei que foi meio rápido. Desculpe. É como eu acabei de falar: eles não estão acostumados a ‘socializar’. A ideia de falar com a boca como se fosse uma coisa importante de se fazer, que nem comer, não é clara para eles. E também o cérebro deles está desligado, tem uns que sofrem de Alzheimer. Não dá para saber bem, aqui — não existe tanta diferença assim entre Alzheimer e o que eles são. Eles gostam de tevê — ela deve estar com vontade de ver tevê. Vai ver que ela achou que você era uma tevê mais chique aqui na sala de visitação.”

Alegremente, a funcionária passou com Marit Kraeck por outra porta trancada a senha. Horrorizada, M.R. observou as costas largas e tensas da mãe — as pernas e os tornozelos gigantescos — os ombros curvados. Lenta e meticulosamente, o andador de alumínio deslizava adiante, no linóleo bastante desgastado.

“Tchau...”

Atrasada, M.R. falou com Marit Kraeck, que não lhe deu a mínima atenção.

Com que rapidez aquilo tinha acontecido!

Com que rapidez, e agora estava terminado. E nada tinha acontecido — ou tinha?

M.R. tentou se levantar, mas não conseguiu. Na cadeira de vinil, permaneceu sentada, perplexa, sem saber direito o que tinha visto e o que exatamente tinha acontecido. A boca estava totalmente seca, não parava de tentar engolir. A língua estava dormente, como se paralisada.

Ela pensou *Tive um derrame. Um aneurisma. Ai me ajuda...*

Mas quando a funcionária alegre voltou, M.R. conseguiu ficar de pé, como se não houvesse nada errado, ou quase nada. “Dona — você está bem?”, a mulher questionou, observando-a. “Deve ser um trauma, tipo — ver a velha desse jeito. Ninguém imaginaria que ela é sua mãe, se te serve de consolo.”

“Eu — eu podia voltar outra hora, quem sabe.”

“Claro! É um bom jeito de encarar a situação.”

“Não sei se ela sabe quem eu era... Quem eu sou.”

“É provável que não. É provável que a Mar-ritt não escute bem.”

“Eu esperava que ela se lembrasse de mim — até certo ponto. Digo — eu não esperava...”

“É provável que ela não se lembre de você, dona. Tipo, ela não vai se lembrar de ter te visto hoje, e de certa forma também não vai se lembrar muito bem de mim. As funcionárias da ala, as enfermeiras: a maioria dos pacientes não sabe dizer quem é uma ou outra. E quando eu era nova aqui, um monte deles, dos pacientes, eu não sabia diferenciar.”

M.R. deixou-se conduzir pelo braço, pela funcionária simpática: atravessou a porta de segurança com senha, percorreu o corredor e entrou no elevador.

“Dona, eu vou te levar até o primeiro andar, você está meio pálida. É como eu falei, você ficou traumatizada, né? De ver sua mãe assim?”

M.R. assentiu de leve. O pensamento lhe passou pela cabeça — *Essa não é a minha mãe.*

“As pessoas às vezes pensam, quando vêm visitar, se passaram muito tempo sem ver o paciente — sabe o que elas pensam? — elas pensam *Essa não é a minha — mãe, ou meu pai — ou — sei lá quem.*”

M.R. riu. Não era tola a esse ponto, ou era, de imaginar que a obesa idiotizada não era a mãe, Marit Kraeck. Em tom meio suplicante, ela declarou:

“Eu imaginei — que eu fosse — conversar um pouquinho com ela. Achei que, se ela se lembrasse de mim, eu iria contar para ela como foi a minha vida desde — desde a época em que ela me conhecia. Imaginei...” M.R. se calou, se sentindo muito esquisita. *Imaginei que fosse perdoá-la. Foi isso o que eu imaginei.*

Tornou a rir. O rosto estava gelado e a língua parecia a língua de um estranho em sua boca, que iria asfixiá-la.

No elevador, fez-se o som de soluços, engasgo. Indefesa como uma criança, ela tampou o rosto.

“Ah não, dona — não fique mal. A Mar-ritt está bem. Ela está segura aqui. Lá fora, a essa altura ela já estaria morta. Não é uma vida ruim, eles assistem à tevê e gostam de comer. A gororoba que eles comem é um horror, mas eles gostam. Sabe, dona, eu tenho a impressão de que te conheço. Você me conhece, ou conhece alguém da minha família? Di Plaksa.”

M.R. fez que não. Estava se sentindo muito fraca e louca para sair daquele lugar tenebroso e sufocante.

“‘Diane Plaksa.’ Estudei na Escola de Carthage, classe de 1984. Você é muito parecida com uma pessoa que eu conheci.”

M.R. fitou a mulher. Um metro e sessenta de altura, robusta e musculosa, de seios enormes, uma espécie de boneca Kewpie tostada de meia-idade — seria Diane, a filha de Irene? A menina que acompanhara Meredith e Agatha e as amigas de Agatha nas visitas às idosas na missão de “boa vizinhança”?

“Diane! Eu te conheço, sim. Eu sou a Meredith Neukirchen — a filha da Agatha.”

“‘Meredith Neukirchen.’ ‘Filha da Agatha.’” Pouco a pouco, Di Plaksa revirava as palavras na boca, como pedregulhos. Um reconhecimento turvo surgiu em seus olhos. “Aaah, sim. Acho que sim — siiim. Te chamavam de ‘Merry’ — as amigas da minha mãe. A minha mãe é a Irene Plaksa.”

“Pois é”, M.R. disse. “Me lembro dela e me lembro de você.”

Entretanto, que transformação, a de Di Plaksa! Não era ela a menina que tanto desdenhava de fazer o bem, de ajudar os indefesos — aos doze anos,

seu coração era duro a ponto de deixar Meredith sem fôlego. E agora era funcionária do Hospital Psiquiátrico de Herkimer.

Quem é capaz de entender essas coisas, M.R. ponderou. Sua vida fora de cultivo do intelecto, da mentalidade analítica — contudo, volta e meia ficava confusa.

“Bom — ‘Merry’! Ou como você falou — ‘Mer-dite.’ Foi muito bom te ver depois de tantos anos. Estranho que as pessoas sempre se esbarrem aqui, acontece o tempo todo. Você está ótima — imagino que você não more mais aqui, né? Você é professora? Pelo que eu ouvi?” Di Plaksa a observava, ainda muito simpática, mas agora com ares de admiração. “Eu saí de Carthage, agora eu moro nas cataratas de Herkimer. Mas não fica muito longe. Ninguém da família Plaksa vai muito longe.”

Di Plaksa seguiu M.R. até a porta da frente, onde a abraçou por impulso, como se no fundo fossem velhas amigas.

“Ei — foi bom te ver, Mer-dite! Volta outra hora, viu? Quem sabe a visita não corre melhor.”

Como quem tropeça em cima de pernas de pau, M.R. fugiu para o carro, voltou a Carthage e desmoronou na cama, exausta, e passou nove horas dormindo, até de madrugada, e dessa vez nem Konrad nem Solomon atrapalharam seu sono, como se soubessem muito bem aonde ela tinha ido.

Nessa noite a lembrança lhe veio à cabeça.

Quando tinha acabado de tomar posse: começo de junho de 2002.

Quando ainda não tinha se mudado para a Charters House.

Embora, é claro, já estivesse trabalhando no gabinete presidencial no Salvager Hall.

Quando quase não se aguentava de alegria — esperança...

E ansiedade. E gratidão.

E estava muito, muito ocupada. Nunca na vida estivera tão ocupada, mas tinha uma equipe pequena de assistentes e aprenderia — precisaria aprender — (foi o que Leander Huddle recomendou, ela aprenderia mais cedo ou mais tarde e quanto mais cedo melhor) — a delegar a administração.

Caso contrário, Leander advertiu, seria comida viva.

Convidada a uma reunião do que Leonard Lockhardt chamou de *ex-alunos ativistas bem de vida*, a ser realizada no iate de cinquenta pés do ex-aluno mais rico, um passeio ao aprazível pôr do sol nas águas românticas e encapeladas de Montauk Point. E sorridente, M.R. foi

apresentada à esposa do dono do iate, uma bela mulher de sessenta e poucos anos que assim como o marido era famosa pela filantropia, que encarou M.R. sem nem um pinga da cordialidade e admiração dos outros, perguntando com desconfiança, “*Você? Quem é você?* Eu quero conhecer o novo presidente da Universidade.”

Os olhos da mulher eram apáticos, vidrados. Um vácuo terrível naqueles olhos. E a boca de batom mostrando os dentes numa expressão de dúvida hostil.

Por sorte, M.R. já tinha sido alertada — por Leonard Lockhardt, seu acompanhante naquela noite — de que recentemente a sra. Huston fora diagnosticada com Alzheimer precoce. E que tragédia era, pois a sra. Huston ainda era nova, e sempre fora tão animada, tão carinhosa e generosa e adorável. E portanto M.R. não ficou surpresa ou chocada com o confronto — mas foi impossível não ficar um pouquinho magoada.

E os outros estavam ouvindo e ficaram incomodados por ela.

E então ela recobrou a compostura e afirmou, com o máximo de graciosidade que lhe foi possível, embora por dentro (na verdade) tremesse, como qualquer impostora desmascarada em público: “Perdão, senhora Huston! Mas eu sou a nova presidente da Universidade, e é um prazer ser sua convidada neste belo iate.”

No dia seguinte — de novo sem dizer a Konrad aonde iria — M.R. foi de carro à Bear Mountain Road, nas cercanias da cidade de Carthage. Dessa perspectiva montanhosa se podia ver de cima a cidade e o rio sinuoso — foi uma surpresa para M.R. que ela não soubesse disso, quando criança.

Sua perspectiva era tão truncada, tão infantil, que não se dera conta de que os Skedd moravam numa colina!

Mas a casa dos Skedd era um passado distante. Depois do incêndio não haviam construído casa nenhuma no lote cheio de escombros. Parecia não pertencer a ninguém, ou ninguém o queria; para se tornar o proprietário, era necessário pagar impostos sobre ele, e talvez este fosse o dilema.

Ou talvez se acreditasse, em Carthage, dentre os que sabiam das labaredas tenebrosas que mataram oito pessoas, que o terreno era amaldiçoado.

Lizbeth confessara ter botado fogo na casa. Odiava todos eles, ela explicara.

Dezesseis anos. Mas foi julgada como adulta. Foi mandada para a cadeia e nem uma vez naqueles anos todos M.R. havia pensado nela, pois

em certas coisas não é necessário pensar, assim como existem venenos terríveis que não é necessário provar.

M.R. apertou a palma das mãos contra os olhos e a testa. Para se acalmar. Para silenciar as vibrações que pulsavam no cérebro.

Um passado distante. E a dor, o choque e o sofrimento — distantes.

Resquícios da casa com paredes de cimento que quando criança achava tão sólidas, como Floyd Skedd, estavam em ruínas, praticamente irreconhecíveis. Tábuas e telhas queimadas, apodrecidas. E por todos os lados a grama alta, arbustos e árvores tinham crescido sobre os escombros. M.R. ficou de pé na grama alta, espantando os insetos. A cabeça ainda zumbia da visita a Herkimer. A cabeça ainda zumbia do som da voz da mãe, que não era uma voz humana, mas uma lamúria animal de alarme, fúria crescente. Agora ao fechar os olhos via novamente a sra. Skedd, de cotovelos pontudos e fora de si, esmurrando uma das crianças mais velhas de punho cerrado, gritando *Bastardos! Ninguém com a cabeça no lugar aceitaria vocês, só a gente que é idiota, e agora olha só! Ingratos.*

M.R. sorriu. Ouvia muito claramente a voz da mulher e o termo surpreendente e curioso *ingratos*.

E as brincadeiras fanhas do sr. Skedd. Ele dava apelidos a todos, mas Jewell nunca tinha ouvido o nome que ele lhe atribuía.

A Menina de Barro é lamentável. Aquela lá é a Menina de Barro, aquela lá.

Viu? Aquela ali. Chupando o dedo.

E ambos os Skedd diziam *Não deixa os bastardos te irritarem*. No lar dos Skedd, esse sentimento era considerado divertido.

Lembrou-se de que a sra. Skedd correria atrás dela, na entrada da casa, para tomá-la dos braços de Agatha Neukirchen. Só por um instante, para abraçá-la — com força. *Maldição, eu não vou cair no choro, esse momento é de alegria.*

Sob o sol quente de julho, M.R. tropeçava nas ruínas da casa incendiada em busca de provas de que tinha morado naquele lugar. De que a criança que morara ali, como filha temporária abrigada por Floyd e Livvie Skedd, era ela. Em meio à madeira queimada e apodrecida havia blocos quebrados de cimento, e eram pontudos, e era perigoso tropeçar neles.

Cacos de vidro, uma mesa de fórmica muito queimada, objetos de metal que de tão enferrujados estavam inidentificáveis — os restos de uma cama, molas de cama. No final do terreno cheio de escombros havia uma

ravina e depois da ravina uma área pantanosa em que troncos despídos emergiam do líquido viscoso sufocado por algas como as árvores de um desenho infantil a lápis de cor — retas, indistintas, sem galhos e folhagem. A chuva ácida que atormentara as Adirondacks por anos e anos tinha matado as árvores.

Do pântano ouviam-se grasnidos isolados de pássaros, irreconhecíveis. O Rei dos Corvos vivera ali, mas não mais.

Ficou muito comovida. Mas não contaria a ninguém.

Ela pensou *E aqui também a Menina de Barro foi amada.*

Mulher de Barro encontra um amor perdido.

Agosto de 2003

No saguão lúgubre do Hospital de Veteranos de Herkimer ela o viu pela primeira vez, sem saber quem era. A camisa de brancura impressionante chamou sua atenção, como asas planando.

Uma camisa branca impecável — a brancura em si — parecia deslocada ali. O uniforme dos funcionários do hospital era branco-acinzentado, como se sujo, e mesmo o ar parecia matizado pela obscuridade melancólica, que era como um fedor prevalecente.

O sujeito de camisa branca — não era ninguém que já tivesse visto, M.R. tinha certeza — era uma visita assim como Konrad e M.R., acompanhado de uma senhora rabugenta que lhe segurava o braço enquanto rumavam aos elevadores numa lentidão meticulosa. E o sujeito estava usando gravata com a camisa branca de algodão e mangas compridas, não? — estava. E uma boa calça social. E, como Konrad, usava sandálias Birkenstock, mas com meias pretas. Naquele dia quente, úmido no fim de agosto! M.R. reparou que o sujeito de camisa branca andava ao lado da idosa com uma cautela peculiar, como quem compensa por uma leve falta de coordenação motora, ou visão ruim; usava óculos com armação de plástico preta grande e expressiva demais para o rosto estreito. Era alto e magricela; os ombros eram curvados; podia ter qualquer idade entre quarenta e sessenta anos, com cabelo ralo como sementes de dente-de-leão, e um jeito extremamente cortês que todavia sugeria uma impaciência mal disfarçada. Professor — M.R. pensou. Habitado ao poder, ainda que um poder banal e irrelevante.

M.R. hesitou, sem querer entrar no elevador em que o homem de camisa branca e a idosa estavam entrando. Esperava que Konrad não tivesse reparado nas Birkenstocks — as sandálias bastavam para que Konrad entabulasse um de seus papos animados com estranhos que, por serem tão simpáticos, às vezes se prolongavam além da conta e pareciam um pouco exagerados no entusiasmo.

Mas Konrad também hesitou. Pois ele e M.R. levariam caixas de papelão difíceis de manusear, repletas de “doações” para os veteranos, ao

quinto andar, e o elevador, que era o único dos três que parecia estar funcionando, estava cheio.

Konrad estava de bom humor naquela manhã, apesar da atmosfera deprimente do hospital de veteranos, ou por causa dela — “O desafio é superar as circunstâncias”, Konrad gostava de dizer. “O desafio é resistir às circunstâncias. Qualquer idiota é capaz de ser feliz em um *lugar feliz*, mas é preciso coragem moral para ser feliz em um *inferno*.”

Feliz! M.R. imaginou que o exuberante pai estivesse exagerando.

Tinha avisado a M.R. antes da primeira visita que o hospital de veteranos ao depauperado sul das Adirondacks era obviamente um local de despejo de veteranos com invalidez permanente, cujas famílias não queriam ou não podiam cuidar deles, ou que não tinham ninguém. Era decadente, carecia de funcionários e a equipe era precária, notória na região, assim como o Hospital Psiquiátrico de Herkimer, a apenas cinco quilômetros de lá; no entanto, isso só aumentava a necessidade de que voluntários fizessem visitas e levassem roupas descartadas, sapatos, artigos de higiene, livros e CDs e aparelhos eletrônicos que ainda pudessem ser usados, apesar de antiquados: computadores, celulares, aparelhos de som portáteis e fones de ouvido. Mais necessária ainda era a *interação significativa* com os pacientes veteranos. “Eu sei — tem um quê de desagradável esse negócio de ‘voluntarismo’. Qualquer tipo de ato caridoso ou contribuição tem ares de autocongratulação, se não de masoquismo. Mas — a Agatha iria gostar se soubesse que estamos aqui. Tenho certeza de que — se nos visse — a Agatha ficaria muito feliz por estarmos aqui — eu sinto a alma dela aqui — digo, com a gente. No carro com a gente, vindo para Herkimer — ‘I look at life from both sides now’ — seja lá quem for essa cantora — guardei todos os CDs da Agatha no carro, você deve ter percebido.”

M.R. se comovia com esses comentários, mas também se incomodava. Seu desejo era crer que na verdade Konrad não falava sério quando fazia essas observações, e sim falava, como ele descrevia, “poeticamente — com um pé atrás”.

Quando Agatha era viva, Konrad era implacável em suas piadas sobre o gosto musical dela — “É *soft rock*? Como é possível, tem como *rock* ser *suave*?” O gosto musical de Konrad era heroico-clássico: sinfonias estrondosas do século XIX, compostas por Beethoven, Brahms, Mahler. E Shostakovich. Volume nas alturas, o ar trêmulo com o drama masculino, a

bravata. Konrad parecia acreditar piamente que não havia maneira comedida de revelar o que era “profundo” na vida.

“Infelizmente, a vida útil do ‘voluntarismo’ é mais ou menos igual à da nata azeda — finita. Tem quase dois anos que venho aqui — e espero continuar por muito tempo — mas nesse breve período eu vi voluntários empolgadíssimos, homens e mulheres, aparecerem e — de repente, sem explicação — desaparecem. O esforço do serviço pode ser exaustivo. ‘Boas ações são uma alfinetada no coração.’”

“Quem disse isso, pai?”

“Eu.”

M.R. riu. A maldita caixa de papelão escapava de suas mãos, uma quina pontuda cutucava a pele macia abaixo da cintura.

E os tornozelos e os pés coçavam — das picadas de pulgas. O coitado do Solomon tivera um encontro azarado com um husky amoroso e estabanado no Parque da Amizade, embora os dois cães fossem machos, e grandes — o resultado foi uma infestação de pulgas. Exageradamente zelosos ao tratá-lo com um pó branco medonho, Konrad e M.R. conseguiram livrar Solomon das pulgas, que pularam da pelugem para suas pernas e seus pés expostos. Que pesadelo essas picadas! Não paravam de esfregar um gel contra coceiras na pele, mas sua eficácia, assim como a vida útil do voluntarismo, era finita.

M.R. segurou a caixa com mais firmeza. Roupas de segunda mão recém-lavadas e dobradas com esmero — camisas de flanela, calças de poliéster, casacos surrados, pijamas do tamanho de tendas, roupas íntimas e meias. Um amontoado de meias sem par. E sempre algum par de sapatos sociais masculinos inexplicavelmente novos e lustrosos, como se o comprador tivesse caído de joelhos e morrido antes de sequer ter tido a chance de arrastá-los pelo chão.

No elevador abafado subiram ao quinto andar — Neurologia.

Junto com a Unidade de Queimaduras, a Neurologia abrigava os indivíduos mais arrasados. Se o cérebro está lesionado, confuso — os membros do corpo perdem a coordenação, como uma marionete sem cordas.

Claro que havia finais felizes — havia neurocirurgia bem-sucedida. Mas pacientes de sucesso não ficavam internados, muito menos em Herkimer, Nova York.

M.R. se preparou para encontrar — reencontrar — cerca de doze veteranos capazes de se comunicar com as visitas, ou ao menos reagir às visitas; a idade dos homens começava com vinte e poucos e ultrapassava os setenta. A maioria andava de cadeira de rodas e tinha lesões permanentes — “deficiências” — que podiam ser visíveis ou invisíveis, e uns poucos, vítimas de violências indescritíveis cometidas contra seus corpos, tinham perdido membros ou sido desfigurados.

Alguns eram cegos, surdos. Alguns eram mudos. Alguns sofriam de paralisia parcial. Todos tinham ficado com a pele cinzenta sob a luz fluorescente implacável do hospital e todos pareciam mais velhos do que eram.

M.R. estava decidida a não trair o mal-estar que sentia. A angústia da vergonha e da culpa por não ter ido à guerra.

Ela achava impressionante que ex-soldados fossem capazes de perdoar aqueles que foram poupados de sofrer como eles tinham sofrido. Que conseguissem sorrir para as visitas saudáveis com rostos sem cicatrizes, colunas não destroçadas.

Para muitos deles, a juventude fora consumida pelo serviço militar, se não pela guerra. O sangue de suas vidas preciosas escoado de seus corpos, e com que fim político obscuro, cínico e efêmero, não conseguiam entender nem podiam, nas circunstâncias de seu sofrimento, desejar entender.

Konrad tinha alertado M.R. a não tocar no assunto da política — nunca.

Não tocar no assunto das guerras atuais do Afeganistão e do Iraque — nunca.

“Eles precisam acreditar que a vida arruinada deles faz algum sentido. Estamos aqui para prestar ajuda a eles, não às nossas convicções políticas.”

Claro, M.R. murmurou. Sim, é claro.

Estava acostumada com as advertências do pai, que relaxavam sua pele doída e sensível como água quente.

“No hospital de veteranos, a ‘política’ chegou atrasada.”

Konrad prosseguiu em voz baixa: “Infelizmente, boa parte do que sabemos chega tarde demais. Foi Goethe quem disse — ‘A coruja de Minerva levanta voo ao crepúsculo’.”

Na verdade foi Hegel, M.R. pensou. Mas nem sonharia em corrigir o pai.

Era sua quarta visita ao hospital de veteranos. A primeira vez foi árdua, exaustiva — porém arrebatadora, até certo ponto. A segunda vez foi menos árdua e exaustiva — mas também menos arrebatadora. A terceira lhe causou uma dor de cabeça terrível, esmagadora, aquela quase insuportável sensação de pulsação intensa nos ouvidos.

Era esta a visita que temia. Não tivera apetite para o café da manhã porque já sentia o cheiro de hospital, que era em parte um odor rançoso de comida estragada e fermentada.

A Agatha ficaria muito orgulhosa.

A Agatha sempre falava que você ficava de motorista dela e das amigas quando estava no colegial.

A luz clara que vem de dentro. Deus no nosso coração e nosso coração unido a Deus.

A cada visita ao hospital, M.R. se preocupava com a possibilidade de que fosse a última e Konrad ficasse decepcionado. (A Agatha ficaria decepcionada!) Pois M.R. iria embora de Carthage para voltar à Universidade no final de agosto — não iria? — ou, o que seria menos admirável, M.R. se negaria a voltar ao hospital por falta de determinação, coragem.

Tacitamente, tudo deu certo, M.R. foi dirigindo a Herkimer e Konrad dirigiu na volta para casa. Depois de uma hora e meia na ala de Neurologia, M.R. estava exausta demais para dirigir e propensa a adormecer no banco de trás, embora os CDs de soft rock de Agatha tocassem sem parar.

Konrad também devia estar cansado — já tinha passado dos setenta anos. Mas ele era valente demais para trair qualquer fragilidade que afetasse os outros.

No começo, ficara louca para acompanhar Konrad até Herkimer, assim como ficara louca para trabalhar com ele na Cooperativa de Veteranos de Carthage. Como quem sente muita falta de companhia humana, teria acompanhado o pai a praticamente qualquer lugar — percebeu que, desde a crise nervosa e a internação, tinha pavor de ficar sozinha.

Um quacre de verdade nunca fica sozinho. Deus permanece em seu coração.

Ainda assim, o vazio da casa do pai quando Konrad saía era quase insuportável.

Se você está sempre sozinho, pensa sem parar — o cérebro nunca desliga.

Não é possível viver uma vida de pensamentos contínuos...

Ele a advertira. Não conseguia ver seu rosto, mas quase escutava sua voz.

Um homem sem rosto. Um homem poderoso. Mas não era Konrad, e nem — obviamente — o amante-astrônomo, que almejava solidão e contudo raramente estava sozinho.

(Por sorte, M.R. disse a si mesma, ela e Andre nunca tinham ficado juntos de uma forma semipermanente — Andre não lhe seria fiel, assim como não era fiel à esposa.)

Servindo aos outros, a pessoa era poupada de elucubrar sobre si. Ou, em todo caso, era essa a teoria.

Quando entraram na ala de neurologia a longo prazo, M.R. se recordou — não só que já estivera ali algumas vezes, mas também que sonhara com a ala do jeito mais curioso e íntimo possível.

Num sonho recente, se vira ali — isto é, o cenário do sonho que supostamente era o Hospital Administrativo de Veteranos do condado de Herkimer, mas na verdade tinha pouco a ver com o hospital — e M.R. era, em teoria — uma noiva?

Num bizarro vestido de papel. E sapatos de salto alto, e pernas à mostra. E — quem era o noivo?

Sentira uma felicidade estranha, no sonho. Ou melhor, não estava infeliz. Uma sensação de quentura encheu seu peito, na área do coração. *A Mulher de Barro é amada. Enfim.* Era absurdo, o tipo mais patético de cumprimento de desejo, uma clara compensação por sua vida pobre como mulher; o tipo de fantasia rudimentar e descarada que, caso fizesse terapia, jamais conseguiria narrar a um terapeuta, seu orgulho não permitiria.

E o medo de ficar exposta, de falarem dela. De ser alvo de risos, e de pena.

“Konrad, oi! E — Margaret?”

Com uma voz agressivamente animada, a supervisora do andar (mulher, de meia-idade) os recebeu. M.R. não se daria ao trabalho de corrigir a mulher, mas Konrad foi brusco ao retrucar: “‘Meredith’ — o nome da minha filha é ‘Meredith Neukirchen’.”

A supervisora semicerrou os olhos para Konrad, como se achasse aquilo uma novidade maravilhosa, o irritável cavalheiro de barba branca que

levava o nome da filha adulta tão a sério.

“Bom — olá, sejam bem-vindos! — ‘Konrad’ e ‘Meredith’. Como vocês podem ver, temos alguns rostos conhecidos na sala hoje — são velhos amigos do Konrad — e duas caras novas. Eu sei que eles podem se apresentar, mas este senhor aqui tem um pouco de dificuldade na fala, o que vocês estão ouvindo é uma ‘laringe eletrônica’ — o sargento Hercules Kropav, de Castle Rock — veterano do Vietnã — um dos nossos residentes de longa data — e este cavalheiro aqui é o cabo Shawn Barnburger — perdão: ‘Barnbarger’ — de Tupper Lake — veterano da Guerra do Golfo — ‘Operação Tempestade no Deserto’ — 1991? — 1993? (Agora é um jogo de video game, pelo que eu soube — ‘Operação Tempestade no Deserto’ — o favorito de todos os jovens aqui de Herkimer.) O cabo Shawn treinava para as Paraolimpíadas quando chegou aqui, ele vai contar todos os desafios que enfrentou, com certeza...”

Apertos de mãos às cegas. Konrad estava animado, era visível que se divertia. Seguindo o exemplo, M.R. não foi tão enfática, mas sentia que, como mulher, tinha certa vantagem — em meio a tanta *virilidade*, a novidade da *feminilidade*.

Ela ouviu a própria fala. Ouviu a própria risada. Os homens pareciam contentes em vê-la, os que podiam vê-la. E os outros — também pareciam contentes, fascinados e alentados pela presença feminina.

Estranho, no entanto, estar de pé — se agigantando sobre os pacientes em cadeiras de rodas.

A sensação de déjà-vu dominou-a como uma náusea.

E picadas de coceira na pele, em especial na pele ao redor dos tornozelos, tinha de resistir ao ímpeto de coçar com força até tirar sangue.

“Perdão, seu nome é — Meredith?”

Ela olhou ao redor, e ali estava ele — o sujeito de camisa branca.

Havia se esquecido dele. Não lhe passara pela cabeça desde que ele e a companheira idosa tinham entrado no elevador, coisa que parecia ter acontecido há muito tempo.

E agora ele a abordava, sozinho — encarando-a com olhar inquisidor, curioso. A idosa não estava por perto. Naquele ambiente insípido, a camisa branca de manga comprida chamava a atenção como uma mancha de tinta branca brilhante.

M.R. tinha a impressão de que ele a observava do outro lado do saguão. Quando ela foi correndo ao banheiro do primeiro andar, em apuros.

(Um surto de diarreia, um turbilhão de náusea e uma recuperação titubeante, ela ponderou. Deixando correr água morna na pia suja e jogando-a no rosto, que estava vermelho, mas não feio, por mais estranho que fosse — como sempre, M.R. supunha que ninguém fosse capaz de imaginar sua angústia.)

“Espero que você se lembre de mim — você foi uma das minhas alunas de matemática mais brilhantes na Escola de Carthage, no final dos anos 1970.”

Hans Schneider! M.R. não via o sujeito e mal se lembrara dele havia mais de vinte anos.

“Ah, sim — é claro — ‘sr. Schneider’.”

“E você é a — ‘Meredith’?”

“Isso. ‘Meredith Neukirchen.’”

“Imaginei ter te visto mais cedo, no saguão, Meredith — digo, eu te vi, mas não tive certeza de que — era *você*. Depois de tantos anos...”

Sem jeito, Schneider estendeu a mão para M.R. — ela não sabia se ele queria segurar sua mão ou apertá-la; ele acabou segurando-a com as duas mãos, o que fez com que ela perdesse o equilíbrio e quase trombasse nele.

“Ih, perdão...”

“*Eu* que peço perdão...”

Estavam se fitando, perplexos. M.R. não acreditava que o ex-professor da escola estava diante dela, e tão mudado — na meia-idade, Hans Schneider estava mais jovial do que quando era moço. O rosto que nas lembranças dela era estreito e sem atrativos estava mais viçoso — a testa estava menos enrugada — o nariz menos proeminente — embora os olhos dele, fixados no rosto dela, não fossem menos penetrantes. A postura, antes tão agressiva, se abrandara. O sorriso que era desdenhoso havia sumido. E por que ela o achava parecido com um *corvo*?

Pelo prisma do olhar adolescente irônico, o professor de matemática fora considerado um *Esquisitão, feioso*. M.R. sentia a injustiça, da qual participara sem perceber.

Mas estava claro que o ex-professor não estava acostumado a gestos repentinos de intimidade. Quiçá a nenhum tipo de intimidade.

“Você não é — casada? Ou...?”

Com que objetividade, deselegância Hans Schneider falava. O olhar recaiu sobre a mão esquerda de M.R. — os dedos sem aliança. Ela

percebeu o absurdo do problema: era apaixonada por um homem praticamente ausente de sua vida.

“Não. Não sou casada.”

“E eu também — não estou casado. Não agora.”

M.R. entendeu a ressalva murmurada — *Agora*.

M.R. entendeu a intensidade no rosto do ex-professor. Não tinha se esquecido da proposta bizarra que lhe fizera quando era uma garota de dezesseis anos e ele um adulto de vinte e nove. *Contrato. Você poderia me esperar. A gente já tem um acordo.*

Como ficara chocada na época! Porém, no fundo do coração, ficara muito comovida, lisonjeada.

“O senhor mudou a minha vida, sr. Schneider. Tornou a minha vida possível.”

“Sério?”

“O senhor me incentivou a tentar uma vaga na Cornell e não apenas nas faculdades de licenciatura. ‘Uma instituição de prestígio’ — o senhor disse. E aí eu tentei, e a Cornell me deu uma bolsa...” M.R. ouvia a ostentação melancólica em seu tom de voz. Esperava que Hans Schneider não perguntasse o que ela tinha feito depois da Cornell, aonde a carreira a levaria: pois não teria ideia de como responder.

Ele abriu um sorriso vago. Como se também estivesse calculando o que poderia lhe perguntar e o que seria melhor não perguntar. Certa intuição o instava a recuar, a voltar ao passado profundo da Escola de Carthage, a memória compartilhada dos dois.

“Eu lembro que você ficou doente, não foi, Meredith? Na primavera do seu último ano de escola?”

M.R. foi pega de surpresa pela questão e pela ternura flagrante com que foi formulada.

“Não. De jeito nenhum.”

“Você teve de passar várias semanas sem ir às aulas...”

M.R. riu, contestando: “Não! Eu não estava doente, e sem sombra de dúvida nunca passei semanas afastada da escola. Me formei com a minha classe — de 1979. A bem da verdade, fui a oradora da turma.”

De novo, a ostentação melancólica. Picadas de pulga cercando seus tornozelos e pés lhe causavam vontade de coçar com força.

Como se tentasse se recordar desse dado extraordinário, Hans Schneider franziu a testa, pensativo. Mas é claro que não se lembrava de Meredith

Neukirchen como oradora, porque na primavera de 1979 já havia sumido de Carthage.

Na primavera de 1979 já conjecturavam que estivesse morto.

“Bom. Vai ver que eu estou pensando em outra pessoa...”

Schneider falou em tom de desculpa, mas com um ar pouco perceptível de teimosia, como se achasse que M.R. estava enganada, mas não fosse insistir na questão.

M.R. se perguntou se era possível — Hans Schneider não se lembrar do que havia lhe acontecido em Carthage? Da “crise nervosa” — do “colapso físico e mental” — tão parecido com o colapso que ela havia sofrido recentemente.

“Bom! O que eu me lembro, Meredith, é que você era uma excelente aluna de matemática.”

“Na verdade, o senhor me falou, sr. Schneider, que eu era uma ‘boa’ aluna — mas que eu não tinha nenhum ‘dom natural para a matemática’.”

O rubor subiu às faces de M.R., como se voltasse a ser a menina de dezesseis anos sensível às opiniões daquele sujeito.

Schneider objetou: “É claro que não! Tenho certeza de que — eu não disse *isso*.”

“Disse, sim. E claro, o senhor tinha razão, sr. Schneider. Eu tinha capacidade para a matemática de colegial, inclusive para cálculo básico, mas — eu não tinha ‘dom natural para a matemática’.” M.R. pretendia que o comentário anterior fosse uma reclamação, mas o clima entre ela e Schneider era tenso, volúvel; as palavras deles eram uma espécie de brincadeira mágica; sentia seu coração bater com uma expectativa absurda e uma admiração infantil — *Isto está acontecendo de verdade? Passados vinte anos — isto?*

Schneider retrucou: “Por favor, não me chama de ‘senhor’, Meredith — meu nome é ‘Hans’.”

Hans! M.R. apertou os nós dos dedos contra a boca, tentando não cair na risada.

“Ué — qual é a graça?”

“Eu — eu sei lá. Não sei.”

“É meio que — um milagre — ou talvez essa palavra seja forte demais: coincidência? Mas também não é coincidência. Digo, a gente se encontrar assim, neste lugar horrível... Eu pensava em você de vez em quando, Meredith, depois que fui embora de Carthage, mas — achei que não seria

certo entrar em contato com você. E aí, à medida que o tempo foi passando — acho que ‘esqueci’ você. Digo — outra vida entrou no meio.”

Você se apaixonou de novo. De um jeito mais conveniente. Óbvio.

M.R. agora falava com mais calma. Teve de resistir ao ímpeto de tocar no pulso de Hans Schneider.

“O que eu me lembro das suas aulas de matemática é que você me ensinou a ‘ensinar’ — Hans. Você me mandava ao quadro-negro para resolver os problemas diante da turma. Eu era muito tímida — no começo... Me achava estabanada e ficava constrangida! Mas você me fez ter fé em mim mesma. Você me forçou a ver que eu poderia fazer uma coisa que eu jamais me imaginaria capaz de fazer, e me mostrou que poderia ser prazeroso.”

“Bom — eu fiz isso? Sério? Imagino... que eu esperasse causar esse efeito. De certo modo, você parecia precisar de ‘confirmação’ — meio que uma injeção de ânimo. Você virou professora? É professora agora?”

Schneider sorria para M.R., como se esperasse que a pergunta não fosse uma intromissão. Que não tivesse cometido um erro ao fazê-la. M.R. murmurou que *sim* de forma a evitar outras perguntas.

Que tinha doutorado em filosofia por Harvard não era uma informação que quisesse dar a Hans Schneider, por enquanto. Seu histórico na Universidade, ela não queria passar a Hans Schneider por enquanto.

Embora estivesse aliviada — mas também um pouco magoada — por Hans Schneider parecer totalmente alheio à carreira pública de M.R. Neukirchen, com seus pequenos triunfos e pequenos desastres.

Quem sabe depois. Se eu o vir de novo. Aí vai ser inevitável.

“Onde você está morando, Meredith?”

Schneider hesitou na pergunta. Como se percebesse que alguma desgraça tinha acontecido com M.R., cuja revelação fosse dolorosa.

“Agora? No momento — boa parte do verão — estou morando em Carthage, com o meu pai.”

“Em Carthage! Não sei por que, mas eu não imaginava...” Schneider se calou, como se a possibilidade de Carthage, o som da palavra por si só, fosse incompreensível. De perto, M.R. via que a camisa branca de algodão dele não estava mais tão limpa, umedecida pela transpiração debaixo dos braços. O cheiro do corpo dele — ansiedade misturada a esperança — misturada ao leve odor de urina/desinfetante do hospital, que não continha esperança. “Eu — eu saí de Carthage — você deve saber — e nunca mais

voltei... Rompi qualquer contato com os meus ‘colegas’... Lecionar no colegial não é para os fracos! Resolvi voltar a estudar, fui para a Universidade de Boston e fiz doutorado em matemática — desenvolvendo o trabalho que eu tinha feito no mestrado — um ano de pós-doutorado na Penn — depois lecionei na SUNY de Potsdam — depois na St. Lawrence, em Canton, onde estou há dezessete anos — ainda como professor adjunto e ainda burilando minha pesquisa ‘original’, que comecei quando era candidato ao mestrado, no início dos anos 1970! (Que receio ter se mostrado um beco sem saída. Mas quem podia prever, quando eu comecei? Nem o meu orientador, que desde então virou emérito e faleceu.) Às vezes eu tenho a sensação — principalmente aqui, neste hospital — (ao qual ando trazendo uma vizinha, viúva, para que ela visite o filho, já que a pobre coitada não tem ninguém para trazê-la de carro a Herkimer) — de que a minha vida ainda não — *começou* — de fato. Como se por algum motivo qualquer minha vida tivesse saído do rumo — pegado o desvio errado — uma mudança de rota — e um dia desses, se eu estiver atento e de prontidão, e não sucumbir ao desespero, ela vai voltar ao que poderia ter sido.” Schneider falava cada vez mais rápido, num tom que soava como se não fosse usado, dessa forma, havia algum tempo; ele fez uma pausa, enxugando o rosto com o lenço. (M.R. reparou: nada de lenço de papel a ser jogado fora, mas um lenço de algodão.) (Ai, o que isso dizia a respeito de Hans Schneider? Que não era do tipo desleixado, que jogava fora, mas um sujeito dado à permanência? Ou que era um solteirão atarantado de meia-idade com hábitos insuperáveis, inavegáveis como um veículo artrítico por causa da ferrugem?) Agora falava sério, se aproximando tanto que M.R. instintivamente recuou:

“Estou pensando, Meredith — posso te ligar? Quem sabe a gente não pode — se você está em Carthage — se ver uma hora dessas? Claro que eu vou até lá para te encontrar...”

“Eu acho — eu não acho...”

“A gente tem tanta coisa para contar um ao outro! Depois de tantos anos, não pode ser mera ‘coincidência’ — digo, a gente se encontrar aqui, hoje — ainda que seja neste lugar desgraçado.”

“É. Quer dizer, não...”

Os tornozelos de M.R. coçavam muito. Porém, não podia se abaixar para coçá-los, com Hans Schneider falando com tamanha veemência. E se distraía ao ver Konrad observando os dois do outro lado do saguão. O pai

tinha saído do banheiro masculino, mas estancara ao ver a filha no que parecia uma conversa intensa com um estranho — ou talvez não fosse um estranho; o astuto Konrad, às vezes tão intempestivo e intrometido, em outros momentos era bastante sensível às complexidades secretas das situações.

“Vou te dar meu telefone, e você pode me ligar, Meredith, se quiser. A escolha é sua.”

Hans Schneider foi sutil no comentário. O sorriso se tornara forçado, sólido. A transpiração brilhava em seu rosto, iluminando as gotas-fantasmas da testa, aquelas estranhas rugas verticais que desciam do couro cabeludo, que pareciam ter sumido mas agora ressurgiam. M.R. estava muito emocionada, as lágrimas ardiam em seus olhos. Sentiu o ímpeto de segurar a mão do ex-professor, de beijar-lhe as mãos por gratidão.

“Eu espero — espero mesmo — que a gente se reveja. E que não demore mais vinte anos. Está bem?”

Ele lhe entregou um pedacinho de papel em que anotara com esmero dados essenciais. M.R. o dobrou e enfiou no bolso, às pressas, na esperança de que o pai, com seu olhar aguçado, não notasse.

“Está bem! Obrigada.”

Sem pensar, M.R. se virou. Sentiu pavor de que Hans Schneider a agarrasse num abraço desajeitado — e como reagiria, caso ele o fizesse?

Atravessando o estacionamento mormacento rumo ao carro, Konrad comentou com M.R.: “Um pretendente de sandália Birkenstock é o sonho de todo pai. Mesmo que use meias em agosto.”

Era o humor conciso e provocador típico de Konrad, calculado para surpreender. Pois a última coisa que se esperava de Konrad é que fosse conciso.

M.R. riu. Uma gargalhada solta. Enxugou os olhos e não teve coragem de olhar para a cara do pai.

Ridículo! Você já investiu a sua vida em um homem só.

Tarde demais! Tarde demais! Tarde demais para outro disparate.

Na manhã seguinte, M.R. telefonou para o gabinete presidencial da Universidade.

Na manhã seguinte, M.R. passou quase noventa minutos conversando com o presidente interino.

Ao final dos quais, sem ter total consciência do que estava fazendo, M.R. tinha coçado barbaramente as malditas picadas de pulga que marcavam os tornozelos, os pés descalços e as pernas até o joelho, e por isso sangrava por dezenas de feridinhas.

Mulher de Barro: luas além dos anéis de Saturno.

Agosto de 2003

Inesperadamente, ele ligou.

Disse com tranquilidade, confuso como se relatasse um fato dentre um Universo de fatos e não houvesse fato mais abismal ou relevante do que a infinidade dos outros *Até que enfim ela me botou para fora. Ela me pediu para sair.*

E ele disse *Estou doente, Meredith querida. Estou no fundo do poço.*

Ela não perguntou do que o amante-astrônomo estava falando. Não perguntou se a doença seria fatal, e quando; não perguntou se sentia dor, nem sequer se precisava dela; sem hesitação, ela declarou *Eu vou aí te encontrar.*

E ele disse *Não, querida. É melhor eu ir te encontrar, de algum jeito sensato, por enquanto.*

Mulher de Barro não é atingida pelo raio. Mulher de Barro salva do pesadelo.

Agosto de 2003

“Meredith! Vem ver.”

Ela relutou, mas foi. Sempre teve medo de trovoadas — cuidado, aliás. Pensava na ironia de ser atingida por um raio por conta da curiosidade, que morte desnecessária.

Quando se quer tanto viver, que ironia uma morte dessas.

Portanto, foi relutante à varanda dos fundos, onde Konrad estava, mal abrigado dos jorros de chuva quente que açoitavam o telhado da varanda, os pilares da varanda, o que se via do gramado do quintal e do jardim emaranhado de Agatha. O pai extasiado como uma criança, olhando perigosamente para o céu noturno, em que a quilômetros de distância das Adirondacks nuvens carregadas eram iluminadas pelos relâmpagos como nervos rompidos.

Lençóis de chuva e um barulho como o de lata sacudida e M.R. estremecia com os trovões ensurdecedores e o silêncio que se seguia a eles, como um coração sossegado.

Porque parecia que certos trovões não caíam a quilômetros dali, alguns eram mais próximos, em Carthage, nas montanhas acima do Black Snake River.

Desnecessário ver o rio, que ficava a menos de oitocentos metros de onde eles estavam, para saber que, após um dia de chuva e agora na urgência dessa tempestade torrencial, estava subindo rapidamente.

Um cheiro de enxofre no ar, como fósforos riscados! E um cheiro de outono que fez o coração de M.R. bater com apreensão.

Não tinha contado a Konrad sobre o telefonema de Andre, tarde da noite, na véspera.

Tinha falado — é claro — da longa conversa que tivera com o reitor, que vinha atuando como presidente da Universidade durante o verão; e de outra conversa com Leonard Lockhardt que tivera em seguida.

“Meredith, aqui você está totalmente segura! Os raios são a quilômetros daqui — a maioria. E é uma beleza, a aurora boreal...”

Uma beleza! M.R. supunha que sim, para quem gostava daquelas coisas.

Explosões frenéticas no céu, artérias pulsantes, nervos expostos, neurônios — feche os olhos e é um aneurisma cerebral, tal desfile de luzes.

Sensato, Solomon se escondia dentro de casa. Acovardado em algum canto, provavelmente no porão.

“Não me lembro de você com medo de trovoada, quando menina”, observou Konrad. “Não é uma lembrança que eu tenho.”

M.R. tentou ponderar: também não fazia parte de suas lembranças.

“Pesadelo, sim. Você tinha muito pesadelo.”

Uma fissura irrompeu no céu, logo acima deles, pouco depois da fileira de árvores na ponta do terreno. M.R. soltou um gritinho e pulou para perto da porta aberta enquanto os trovões ensurdecedores rolavam sobre eles, quase no mesmo instante; Konrad piscava os olhos e contemplava e mantinha-se firme.

Ela não teve tempo de contar. Poucos segundos entre a explosão do raio e o subsequente estrondo de doer os ouvidos.

Ela sentiu a aflição de Agatha — quando Konrad se portava de maneira arrogante, temerária, perigosa — “autodestrutiva” e (a acusação reiterada de Agatha) “imatura”. Que frustração Agatha sentiria ao ver Konrad na escadinha da varanda num clima desses. Os pés descalços, a calça e a parte inferior do corpo cheios de respingos de água, e ele mal parecia notar.

M.R. disse: “Pai, lembra da amiga bibliotecária da Agatha, a Crystal — o marido da Crystal — acho que foi o marido — estava assim, no quintal, assistindo a uma tempestade, e um raio atingiu uma das pilastras da varanda, a poucos centímetros dele, e jogou lascas de madeira no rosto dele...”

Absorto na exibição de raios no céu, a iluminação de nuvens cumulus gigantes como fragatas, Konrad não deu atenção.

“Pai, pelo menos fica aqui, perto da porta! Alguns desses raios estão a menos de um quilômetro... O marido da Crystal ficou muito ferido, e podia ter morrido...”

“Ah, isso nunca aconteceu, tenho certeza.”

“O que foi que nunca aconteceu, pai? Por que você está falando uma coisa dessas?”

“As amigas da Agatha sempre exageravam. Principalmente as amigas bibliotecárias. Elas levam uma vida sossegada demais — ‘reprimida’ — e

estão cercadas de livros — ‘histórias’ — então passam a inventar as delas.”

Era quase meia-noite. A tempestade ficou mais violenta, ruidosa. Lufadas de vento chicoteavam as folhas das árvores — velhos cedros, plátanos, vidoeiros que precisavam muito de uma podada, que M.R. pretendia podar. Um galho grande caiu com um baque no telhado e a chuva acumulada nas telhas se derramou, inundando as sarjetas entupidas de folhas. Era verdade, dava para sentir fascínio pela tempestade violenta — era quase uma expectativa de que o caos fosse ser descarregado na esfera humana. Destruindo o telhado, a casa — o habitat humano e seus objetos cuidadosamente nomeados. E claro, havia uma miríade de vazamentos lá dentro, lá em cima. Konrad e M.R. já tinham espalhado panelas em que glóbulos de água pingavam fazendo barulho como pedregulhos arremessados.

No começo daquele dia — no piquenique para arrecadar fundos para a Cooperativa de Veteranos de Carthage, que Konrad e M.R. haviam organizado, no Parque da Amizade — a temperatura subira aos cerca de trinta e cinco graus, e agora tinha caído a dois graus.

Apesar de todo o empenho dos Neukirchen, pai e filha — organizando o evento beneficente, ajudando as esposas, viúvas, famílias dos veteranos e os voluntários — o tipo de trabalho “de liderança” que M.R. desempenhava tão bem — a cooperativa não tinha arrecadado nem quinhentos dólares, menos do que a contribuição dada à organização pela própria M.R., em nome de seu pai.

Ainda assim, o piquenique valera a pena! Konrad insistia e M.R. desejava pensar assim.

O final de agosto. Fim do verão. Entre M.R. e o pai havia um entendimento tácito: ela iria embora de Carthage em breve.

“Quando voltar para a sua casa, lembre-se: você foi colocada neste mundo com uma finalidade definida, e na Universidade você encontrou essa finalidade.”

M.R. deu um sorriso cansado. M.R. não contradiria o amado pai.

“E lembre-se: você não pode abusar do seu corpo, nem da sua alma. Você não precisa se escravizar, assim como você não escravizaria outra pessoa. Você tem que ser a guardiã *de si mesma*.”

M.R. ainda sorria, calada. Pensou que não aguentaria ir embora de Carthage, no final das contas — não poderia largar o pai, seu novo amigo.

Contudo, é claro, precisava ir. Iria.

Não ponha em risco! De novo, não.

Da próxima vez que você desmoronar, não vai se curar.

Convidaria Konrad para visitá-la, ficar com ela. Insistiria.

Mais fácil vocês dois ficarem em Carthage. É aqui a casa de vocês, vocês não correm risco aqui.

Em Carthage recuperara o sono. Recuperara uma parte de sua alma erodida. Sinceramente, estava preocupada — apavorada — com a possibilidade de que, ao voltar à Universidade, voltaria à loucura da qual escapara por um triz.

É muito difícil vencer onde não se é, da maneira mais profunda e mais íntima e indulgente, amada. É muito difícil vencer de qualquer jeito, mas sem esse amor, era quase impossível.

No entanto — *Eu vou conseguir! Eu preciso.*

M.R. não contaria suas dúvidas ao pai. Não contaria ao pai da súbita reviravolta na vida de Andre Litovik, que indicava que agora a vida dele estaria mais amarrada à dela.

Espantoso que Konrad, ecoando uma opinião de Agatha, tivesse aparentemente vaticinado tal reviravolta...

Com uma curiosidade enlouquecedora, Konrad lhe perguntara sobre o sujeito com quem conversou com “seriedade” — “por bastante tempo” — no hospital de Herkimer — “o homem misterioso de sandálias Birkenstock” — mas M.R. respondeu numa evasiva constrangida: “Ai pai! Não foi nada. Só um ex-professor do colegial que imaginou se lembrar de mim.”

“Imaginou se lembrar de você? Ou — se lembrou de você?”

M.R. riu. Embora o sarcasmo de Konrad pudesse ser como urtiga, ou picadas de pulga, irritando a pele.

“Era o professor que teve uma crise nervosa, seu professor de matemática? O pobre coitado que segundo os boatos tinha se suicidado?”

“Ai pai! Não.”

“Qual era o nome dele? — ‘Steiner’ — ‘Schneider’.”

Que sagacidade Konrad tinha — e que memória boa! M.R. ficou chocada com o fato de o pai se lembrar do nome de Hans Schneider.

“Eu — eu sei lá. Não me lembro.”

“Não *se lembra*? Quantos professores de matemática da Escola de Carthage tentaram o suicídio? Era uma selva de malucos, por acaso? Era

um amontoado de decadentes?”

M.R. riu, mas não se pronunciou mais. Não dava para vencer reagindo ao sarcasmo de Konrad — qualquer reação era análoga a afagar um ouriço agressivo, para acalmá-lo. Ponderou que Konrad nunca precisaria saber de Hans Schneider: não tinha nenhuma intenção de ligar para o sujeito, como ele pedira.

Não tinha certeza se ainda tinha o telefone. Era possível que estivesse amassado no bolso de seu short cáqui.

Konrad voltou ao assunto da saúde de Meredith. Agora estava sério, sombrio. Não era preciso ser quacre para saber que “conter a luz” era essencial à sobrevivência, ele lhe disse.

“Lembre-se, Meredith: você se cobrou demais, mesmo quando criança. No primário! Você trincava os dentes durante o sono — você tinha pesadelos — sempre ficava aflita com a ideia de *ser testada*. Você tinha agonia de cruzar pontes, de se perder, faltar a escola e ‘ficar para trás’... Você passou anos tendo pesadelos.”

“Eu tinha pesadelos? Não me lembrava.”

“A Agatha, que tinha um sono bem mais leve que eu, ouvia você berrando durante o sono, e me acordava, e a gente corria para o seu quarto e te acordava — às vezes os seus olhos estavam arregalados, mas parecia que você não estava vendo nada. Você ficava amedrontada, trêmula — não conseguia falar. Mas a gente te abraçava e te contava histórias, e dizia que a gente te amava e que nada, nada aconteceria com você porque a gente te amava, e você acabava se acalmando e adormecia.”

“Não me lembro...”

“Bom, é melhor não lembrar, querida Meredith! É isso que significa virar adulta.”

De manhã, Konrad a ajudou a botar as coisas no carro para a viagem de volta a Nova Jersey.

Mulher de Barro em Star Lake. Mulher de Barro em Lookout Point.

Agosto de 2003

No meio da manhã, entrou no condado de Herkimer pela estrada velha que seguia pelo sudoeste margeando o Black Snake River. O tráfego estava lento rumo à interestadual, a alguns quilômetros ao sul, que corria paralela à Rota 41, deixando a estrada quase deserta.

Como resultado da tempestade da noite anterior, o ar estava radiante. O céu era de um cobalto brutal que doía os olhos.

E o rio! Agitado, entornando pelas margens, uma mistura de espuma branca furiosa e escombros da tempestade parcialmente submersos, como projéteis.

A luz do sol era como um espelho quebrado no rio, piscando com milhares de olhos.

“Tchau, querida! Amo você.”

E: “Promete que vai dirigir com cuidado? Me liga quando chegar em casa.”

Essas palavras, Konrad pronunciara em tom de entusiasmo jovial, mascarando quaisquer preocupação, zelo, melancolia, angústia paternal que M.R. não tinha como conhecer.

Ela gargalhara. Enxugara os olhos.

“Claro, pai. *Amo você.*”

Prometeu a ela mesma que não abandonaria o pai de novo.

Pois Konrad e Andre gostariam um do outro, bastante — ela tinha certeza. *Que cara legal*, um diria sobre o outro. M.R. quase conseguia ouvir as vozes alegres dos dois.

Meredith querida! Que cara legal...

... foi um prazer conhecê-lo.

M.R. e Konrad não demoraram nem vinte minutos para colocar as coisas dela no carro. Porque M.R. tinha levado poucas coisas e acumulado pouco durante a estadia em Carthage.

Com uma ternura meticulosa, Konrad havia pendurado as roupas de M.R. nos cabides de arame nos ganchinhos da traseira, roupas que ela provavelmente teria jogado no banco. Ele tinha achado uma bolsa de lona

da Agatha — CELEBRE A SEMANA NACIONAL DAS BIBLIOTECAS! — que encheu com os livros que M.R. estava levando de casa, a maioria tirada das prateleiras de Agatha.

Parecia errado, uma falha de caráter, se não um pressentimento trágico, uma mulher da idade de M.R. ter acumulado tão pouco que lhe fosse essencial.

“Uma vida tão pequena que cabe num dedal!”

Fizera essa observação em voz alta. Dera uma risada ofegante, o comentário lhe soara não apenas perspicaz como espirituoso.

Num clima de animação apreensiva, M.R. tomou o cuidado de dirigir exatamente no limite de velocidade. Embora o tráfego na Rota 41 fosse esparso, de quando em quando veículos passavam correndo — caminhões, picapes, carros da região. Entraria na interestadual dali a dezoito quilômetros e na I-81 faria boa parte do percurso pelo sul, um percurso de cerca de sete horas.

Na manhã seguinte, sua nova vida começaria.

Sua vida nova, que seria uma transformação da antiga vida.

Porque agora era mais forte. Agora estava pronta, *preparada*.

Ali perto havia morros íngremes arborizados. A floresta Adirondack, que se estendia pelo horizonte. Como uma menina, M.R. sentiu o coração acelerar ao avistar as montanhas — despenhadeiros com florestas densas, os picos mais altos encobertos pela neblina; sempre-vivas compactas com nervuras dispersas em vermelho prematuro, laranja-avermelhado, folhas decíduas claras e agonizantes como estrelas vermelhas numa constelação longínqua. Pois o fim do verão era abrupto nessa região.

Em um dos mapas velhos e surrados de Konrad — (que Agatha tentara dobrar, sem sucesso) — M.R. localizou Canton, Nova York: se surpreendeu ao ver que a cidade era mínima, a ponto de não ser cidade e sim vilarejo, e ficava no interior, bem distante do lago Ontario, ao contrário do que imaginara, e do espetacular St. Lawrence River; a cidade mais próxima era Ogdensburg, do tamanho de Carthage.

O condado de St. Lawrence se estendia até a fronteira canadense. Cento e sessenta quilômetros ao norte de Carthage.

Em meio à distração e à chatice de arrumar as coisas naquela manhã, procurou o papelzinho com o telefone de Hans Schneider, mas não o achou.

Pensou *Se ele quisesse ligar para os Neukirchen em Carthage, ele vai ligar.*

Pensou *Não está em minhas mãos. A escolha não cabe a mim.*

Não tinha notícias de Andre Litovik desde o telefonema surpreendente do outro dia. Ela se perguntou se ele teria mesmo saído da casa na Tremont Street em que morava havia tanto tempo — que dificuldade seria, para quem vivia a rotina de viajar pelo espaço extragaláctico, fazer uma mudança tão literal, tão *tátil*! Os Litovik viviam numa casa vitoriana antiga de fachada lavanda-escura, com molduras e venezianas lilases que precisavam de pintura e conserto, mas que ainda assim, ao olhar espantado da jovem Meredith, ao passar pedalando, mais de uma vez se arriscando a ser vista pelo amante (secreto), era uma visão hipnotizante que a abalava. Era uma *casa de família*, um *lar* — com janelas de sacada, telhados de piche inclinados, empenas enfeitadas e uma varanda na entrada parcialmente encoberta pelas glicínias. A Meredith, que alugava um conjugado apertado por um valor que lhe parecia alto demais, só restava imaginar quanto uma casa daquelas custava na estilosa Cambridge, próxima da Universidade Harvard. No entanto, Andre tinha tamanha audácia ao falar daquela espetacular casa de época em termos vagos e omissos que seria de se imaginar que o sujeito mal vivia num lugar sólido, ou sequer visível; seria de se imaginar que a casa era domínio exclusivo da esposa.

Coisas materiais não me interessam. Desculpa!

O tipo de comentário desdenhoso, ponderou M.R., feito por quem nunca precisa pensar em *coisas materiais*.

Por um instante, M.R. sentiu compaixão pela mulher daquela casa. Mas somente por um instante.

Mais encantadora ainda era a existência de um jardim ao lado da casa, escondido pelo muro de pedras de quase dois metros, coberto de hera despedaçada; através do portão entreaberto, podia-se ver lá dentro — Meredith tinha visto a bela ruína outonal que era aquele jardim.

M.R. nunca tinha pisado na casa da Tremont Street. Nunca tinha pisado no jardim...

Pensava no jardim de Agatha. A emoção que sentira ao entrar nele, depois da trovada da véspera — destruído como se atacado com tacos e pás e no entanto ainda com a vivacidade das flores, aglomerados de flox carmesim, amarelinhas e rosas rasgadas. E caules de girassóis quebrados feito colunas rachadas, semblantes afáveis e redondos de girassóis dependurados, tortos. Algumas das árvores mais antigas tinham sido

derrubadas, a madeira lascada lividamente empalidecida como medula, e quando M.R. sugeriu a Konrad que poderia ficar mais um dia, mais um ou dois, que poderia ajudá-lo na limpeza da tempestade, Konrad respondeu rindo *Claro que não!*

Disse *Está na hora de você ir embora. Se cuida! Te amo.*

Não tinha contado a Konrad sobre o telefonema de Andre porque não queria mais falar de Andre com ele. Já tinha revelado demais ao pai, tinha atormentado Konrad ao deixá-lo entrever a vulnerabilidade sexual da filha, a ingenuidade.

Como o amor invadira suas veias, uma febre virulenta. Como jamais criara imunidade.

Ela se questionava se a esposa de Andre teria realmente pedido que ele fosse embora — “botado para fora”. Questionava se Andre e a esposa conseguiriam romper aquela relação de décadas.

A esposa, o filho. O filho defeituoso.

Pois ele já não tinha dito, em uma de suas curiosas disposições à ruminação, nas quais a ironia competia com uma espécie brutal de sinceridade, que amor intempestivo pode “se desgastar” com o tempo, um casamento de décadas é como raízes emaranhadas: as árvores aparentemente são separadas e bem definidas do solo para cima, mas estão entrelaçadas debaixo da terra. A insinuação era — (foi o que M.R. supôs) — de que a relação que tinha com ela era superficial, rasa, se comparada à relação com a esposa.

Não tinham praticamente nenhuma raiz que crescesse unida, nenhum passado em comum.

O passado deles não se sobrepunha. M.R. sabia muito pouco sobre a vida do amante (secreto), assim como ele não sabia quase nada sobre a dela.

M.R. se apavorou de repente: Andre Litovik jamais seria seu marido. Que ideia!

M.R. se apavorou de repente: a probabilidade de viver com Andre Litovik!

A intimidade que havia entre eles nunca tinha passado por um teste sério. Pois sempre existira o entendimento de que o tempo deles juntos era limitado, entremeado por suas vidas muito diferentes.

Sempre o entendimento de que uma vida excluía totalmente a outra — um ambiente de refúgio ao qual o outro não tinha acesso.

Andre amava “Meredith” — como a moça que não era sua esposa e não era a mãe de seu filho (defeituoso). Ele a amava — (M.R. queria admitir essa ideia, por medo de que fosse verdade) — como uma maneira de se vingar da outra mulher.

Mas era uma ideia muito tosca, muito reducionista. Andre era capaz das emoções mais extravagantes, não era possível para M.R. compreendê-lo totalmente. Ele tinha lhe dito *É melhor eu ir te encontrar, de algum jeito sensato, por enquanto.*

“Vou acreditar nisso. Vou ter fé.”

Em um cruzamento, M.R. viu as placas repletas de buracos de bala: ALEXANDRIA

BAY, WATERTOWN, CASTORLAND.

Canton não ficava muito longe de Watertown. A oeste de Watertown havia o lago Ontario, o enorme mar epicontinental.

E ali estavam as placas das cidadezinhas: HERKIMER JUNCTION, SLABTOWN, SPRAGG, STAR LAKE.

STAR LAKE 14 KM.

Star Lake! A apenas catorze quilômetros...

Aos poucos a Rota 41 se distanciara do Black Snake River. Mas se M.R. entrasse na estrada de Star Lake, em breve voltaria a dirigir à margem do rio.

Ponderou *Vai ter outra saída para a I-81, seguindo em frente pelo sul.*

Ponderou *Ninguém está me esperando hoje. Esta noite.*

Na manhã seguinte, M.R. tinha uma série de compromissos no Salvager Hall, a partir das 8h30.

O dia seguinte seria 1º de setembro e ainda faltariam treze dias para o início do semestre na Universidade.

Mais tarde pensaria *Foi uma decisão. Não um ímpeto.*

Portanto, pegando a estrada de Star Lake, uma rodovia estreita asfaltada, que a levou por paisagens densamente arborizadas alternadas com terras cultivadas, ou resquícios de terras cultivadas; longos e vastos morros de beleza e estranheza inigualáveis, como a do morro à sua frente, a quatrocentos metros, por onde a estrada subia, uma sombra alada e escura como um corvo gigantesco ia em sua direção — a sombra de uma nuvem.

M.R. se abaixou quando a sombra correu ao seu encontro.

Catorze quilômetros até Star Lake. Mas a estrada era circular, tortuosa. Nos sopés das Adirondacks, nenhum caminho é direto.

Espalhados pelas margens da estrada e muitas vezes na pista, havia galhos de árvores, destroços da tempestade da noite anterior. Parecia que ninguém tinha passado por aquela rodovia após a chuva. Um fosso cheio de água lamacenta tinha transbordado e poças como lesões de lepra invadiram a estrada.

M.R. teve de sair do carro várias vezes para arrastar galhos quebrados e abrir espaço para que o veículo passasse. Em pouco tempo, as mãos ardiam por causa dos cardos, espinhos. Sob o sol claro sentia-se ao mesmo tempo aflita e feliz, curiosa. Havia sentido em visitar Star Lake, ela sabia: o papel de piche atrás do posto Gulf à beira da estrada. Tábuas de assoalho à vista, parcialmente cobertas por remendos soltos de linóleo — “sobras” — e uma mesa de cozinha com tampo de fórmica da LBV, com cadeiras de vinil descombinadas que deslizavam pelo chão, se o homem de cabelo espetado fosse instigado a chutar. E a banheira grande, funda e manchada no banheiro apertado. E em todas as paredes do casebre, “cruzes” — “crucifixos” — “Nosso Senhor Jesus Cristo” — que quando criança via sem *ver* — pelos quais seus olhos passavam sem *saber, identificar* — “cruzes e crucifixos” — “Nosso Senhor Jesus Cristo” — palavras misteriosas que vibravam em seu cérebro como mariposas da noite atraídas pela luz. Porém, o fato devia ser que na época, quando era Jedina — (tão nova! sem qualquer livre-arbítrio) — nunca tinha ouvido palavras como *cruzes* — *crucifixos* — tinha certeza.

Se a mãe ao menos identificasse tais objetos seria para chamá-los de *sinais especiais de Deus*.

Paradoxo: como saber as coisas que não conseguimos ver porque não temos linguagem para expressá-las, e por conseguinte não podemos saber que não conseguimos ver.

Esse era o problema humano, não era? — o esforço de continuar humano.

A rodovia asfaltada era tão sinuosa, dava tantas voltas em torno de si mesma para acomodar a paisagem montanhosa que M.R. perdeu a noção de a que distância estava de Star Lake, ciente apenas de que, do ponto de vista prático, não tinha como voltar atrás: a pista era muito estreita, o fosso transbordante estava muito perto da pista.

O esforço para atingir a civilização. Para resistir à ilusão. Ao mesmo tempo que o próprio lamaçal sob as tábuas de assoalho da civilização é ilusão.

M.R. deu um sorriso nervoso. Parecia ser verdade — M.R. Neukirchen construíra uma carreira (acadêmica) a partir desses paradoxos.

Claro que não teria como se perder — contanto que seguisse naquela estrada mal conservada.

Calculou que estivesse a uns seis quilômetros de Star Lake ao cruzar a ponte de tábuas — (não sobre o Black Snake River, que se distanciara da estrada outra vez) — mas sobre um riacho que corria depressa, caudaloso. E pelo espelho retrovisor viu — (vinha percebendo, sem atinar para o fato) — um veículo se aproximar na pista asfaltada.

Uma caminhonete, pintada de azul royal. E com rodas avantajadas que levantavam o chassi a uma altura aterrorizante.

M.R. desacelerou o carro e desviou até onde sua ousadia permitia para o canto direito da estrada apertada. A grama e o matagal arranharam ruidosamente o para-lama e a parte de baixo do carro.

Como parecia uma pintura tosca que uma criança faria de um veículo adulto, do tamanho de um tanque, azulão, se agigantando na pista!

A caminhonete andava a uma velocidade maior que a de M.R., sacolejando e balançando nos buracos, colidindo com os escombros da pista sem desacelerar. M.R. sentiu um frisson de pânico, o veículo azulão colidiria com seu carro, bateria e esmagaria e o atropelaria como um tanque.

M.R. dirigia em marcha lenta para deixar a caminhonete passar. Mas o veículo azulão também havia desacelerado e não ultrapassou, se avultando com tamanha dimensão no retrovisor que só conseguia ver partes dele, um para-brisa ofuscante de sol, ocultando o motorista.

Ela pensou *Por que é que ele não me ultrapassa? O que é que ele quer de mim?*

A frente da caminhonete estava a cerca de quarenta e cinco centímetros do para-lama traseiro de M.R. De propósito, o motorista igualava sua velocidade à velocidade reduzida de M.R. Seria — assédio? Algum jogo? O motorista a conhecia, ou acreditava conhecê-la?

Brincalhão, da maneira bruta e negligente dos homens da região.

Ou talvez fosse um cavalheirismo qualquer? — o motorista acompanharia M.R., uma mulher solitária, ao longo da rota mal conservada até Star Lake.

M.R. queria pensar assim. Embora transpirasse de ansiedade. Fitando o espelho retrovisor. Dava para distinguir um vulto atrás do para-brisa —

não claramente — ao que parecia um adulto de rosto turvo, cabelo preto abundante.

Ela dirigia com calma. Não aumentou a velocidade para tentar fugir.

Impossível fugir! Você precisa ter fé.

Um emaranhado de mato se enroscou no pneu frontal direito, fazendo com que ela quase parasse o carro. Só pisando fundo no acelerador — pisando com fúria — M.R. conseguiu forçar o pneu a girar.

O carro estava manco! Mas o motorista atrás dela não deu sinal de impaciência ou escárnio. Na verdade, havia a sensação — M.R. sentia, fitando pelo retrovisor a bruma azulona — de que estava lhe protegendo.

Um erro bobo, ter pegado essa estrada. O motorista da caminhonete quer se assegurar de que nada vai acontecer com o meu carro — comigo.

Alguém que me conhece? Que me reconhece?

Alguém que sabe que é um erro eu estar aqui?

Sentiu um cheiro forte de pinho, folhas molhadas apodrecendo e terra úmida. A água do fosso vazava como pus na pista, fazendo as rodas de M.R. rodarem, deslizarem e escorregarem.

A caminhonete desacelerou, esperando o automóvel de M.R. voltar à pista.

M.R. viu o rosto do motorista pelo para-brisa — em seguida, o sol forte interferiu.

O noivo da Mulher de Barro! Ele a seguiu até aqui.

Devagar e em conjunto os veículos percorriam a estrada asfaltada estreita, que começava a descida rumo ao lago. Para o alívio de M.R., ela viu caixas de correio à beira da pista — velas apertadas adentrando o matagal — e vislumbrou cabanas de toras, barracos de papel de piche, trailers aparentemente corroídos parados em blocos de cimento. Havia placas alegres afixadas às árvores: CAMPO DE CAÇA FELIZ — “MEU CÉU AZUL” — DAISY E MAC — 72

CÉU — KAMPO DO KONFORTO.

Não avistou ninguém. Somente veículos estacionados. Se M.R. estivesse em perigo, não poderia se arriscar a abandonar o carro na estrada e correr por uma das velas pedindo socorro.

Pensou Mas ele não quer me fazer mal. Essa não é a intenção dele.

Pensou Se fosse essa a intenção, ele já teria me feito mal a esta altura.

Ao entrar no vilarejo de Star Lake, M.R. olhou pelo retrovisor e se surpreendeu ao ver — a caminhonete azul tinha sumido da pista.

O motorista devia ter entrado em alguma rua. Ou em uma das velas.

Claro, o motorista devia morar em Star Lake. Em alguma das residências na floresta. Não estava seguindo M.R., apenas voltando para casa.

M.R. sentiu alívio e decepção. O coração tinha acelerado com a perspectiva de — ela não sabia o quê.

VILAREJO STAR LAKE
POPULAÇÃO 475

O posto Gulf havia desaparecido e no lugar havia uma locadora de caminhões de mudança e atrás da locadora, descendo uma rampa íngreme no meio de um campo aparado com desleixo, havia uma cabana pequena de cedro fajuto que parecia ter sido envernizado, luzidio como chão encerado. Espalhados pela entrada da garagem, brinquedos de criança, um triciclo e um carrinho. Bem em frente à casa havia um canteiro de tomates desproporcionais, danificados pela tempestade recente. M.R. parou o carro na entrada da garagem sem saber o que fazer, já que estava claro que a morada não era o casebre quadrado de papel de piche em que Marit Kraeck vivera no começo dos anos 1960.

E portanto os *sinais especiais de Deus* tinham sumido.

Sobre as janelas frouxas, fitas de poliuretano como pele esfolada, balançando com o vento. De fora, parecia que as entranhas do casebre estavam saindo.

A banheira grande e manchada com pés de garras no banheiro fedorento. A brincadeira das cócegas! M.R. acabava de se lembrar.

Sorriu, confusa. Uma veia começara a pulsar na testa, uma pulsação de advertência, na escada dos fundos da Charters House entendera muitíssimo bem que era um erro agir como tinha agido — todavia, como uma sonhadora trancafiada em um roteiro que não fosse de sua autoria, ela agiu.

O sujeito de cabelo espetado que fazia com Jewell e com Jedina a *brincadeira das cócegas*.

Torta de cereja, da embalagem de papel encerado. Recheio de cereja grudento e açucarado, massa de torta farinhenta e tão gostosa que a boca de M.R. salivou. Tinha se escondido debaixo da escada numa espécie de — armário? depósito? — os joelhos encolhidos contra o peito.

Enrolada em alguma coisa, uma toalha, ou lençol...

Ele a banhara com muito cuidado — o homem de cabelo espetado. Mas talvez não fosse seu pai.

Estranho que M.R. nunca tivesse pensado no pai — nunca tivesse pensado no próprio conceito de *pai* — como se fosse uma galáxia distante, além de seu poder de imaginação, bem como além de seu poder de compreensão.

“Quem sabe ele ainda é vivo. E mora aqui.”

Sem jeito, estava parada na entrada da garagem, segurando as chaves do carro. Uma figura surgiu atrás da porta de tela da cabana de cedro.

A voz era feminina, soava amistosa, mas desconfiada.

“Oi? Tá procurando alguém?”

“Estou! Obrigada. Estou procurando...”

M.R. não conseguia pensar em um nome para dizer. Seu rosto estava terrivelmente úmido, o cabelo tinha escapado do lenço com o qual, naquela manhã, o amarrara. (Pois o cabelo bem cortado de M.R. tinha ficado irregular em Carthage e não tinha coragem de cortá-lo com a tesoura como Konrad fazia com o próprio cabelo.) Para o longo trajeto até sua casa estava usando short amarrotado, uma blusa verde-papagaio da Cooperativa de Veteranos de Carthage que carecia de lavagem. Ela se perguntou se parecia uma louca, ou uma bêbada, ou uma mulher que tivesse sofrido um grande choque, que tivesse sido agredida.

A mulher detrás da porta de tela esperava uma resposta. Uma figura menor havia se aproximado dela, uma criança.

Com dificuldade, como quem puxa um balde d’água de um poço fundo, M.R. declarou, “... uma família de sobrenome ‘Kraeck’”.

“‘Krae-chek’? Acho que não conheço ‘Krae-chek’ nenhum.”

“Pode ser — que eu não esteja pronunciando direito. Talvez seja uma sílaba só — ‘Kraeck’.”

A mulher chamou alguém lá dentro. Houve uma resposta gritada que M.R. não escutou direito.

“Tenta dar uma volta pela cidade. À beira do lago tem um monte de casas mais antigas — gente que mora aqui o ano todo, ou que vem sempre para cá há trinta, quarenta anos. A gente fica aqui o ano todo, mas só tem uns cinco anos. ‘Krae-chek’ — ‘Krick’ — não é nome que eu conheça, não.”

M.R. agradeceu à mulher. A cabana de cedro lúcido, brinquedos de criança na entrada da garagem, gramado mal aparado e a entrada íngreme — apenas a entrada íngreme M.R. reconhecia, mas se lembrava dela como entrada de terra, não cascalho.

M.R. voltou ao carro e percorreu o vilarejo de Star Lake rumo à orla, passando por cabanas maiores e chalés e o Star Lake Inn & Marina. No lago, um zurro de motores de popa. Barulhos raivosos como vespas enlouquecidas. Foi um susto para ela, a bela Star Lake devia estar *em silêncio*.

E um susto para ela, nada lhe parecia familiar. Mas era bem provável que nem Jewell nem Jedina tivessem visto o lago, vivendo num barraco caindo aos pedaços a um quilômetro e meio de distância.

No posto de gasolina vizinho à loja de conveniência, M.R. parou para encher o tanque do carro. O frentista era um garoto robusto de uns dezoito anos com dentes de coelho, olhos modorrentos. Os antebraços musculosos estavam sujos de graxa, usava um boné de mecânico virado para trás. Percebendo que M.R. era uma mulher em um tormento indefinível, com idade suficiente para ser sua mãe, porém sem ser de sua responsabilidade, ele ouviu a pergunta gaguejada encolhendo os ombros — “Vai ver que tem um ‘Kray-chek’ por aí, mas não que eu conheço. Ninguém aqui da área.”

Na loja de conveniência, M.R. comprou uma lata de refrigerante morno. Perguntou à jovem atendente se ela conhecia uma família — ou qualquer pessoa — chamada “Kraeck” e a mulher respondeu, franzindo a testa, “É o quê? Um homem?”.

“É. Pode ser um homem.”

“De que idade?”

“Deve estar na casa dos setenta, talvez.”

Uma expressão vidrada tomou o rosto da moça: tinha trinta e poucos anos.

“Não tenho como te ajudar, dona. Que tal você tentar...”

M.R. agradeceu à mulher e saiu da loja. Estava dominada pela possibilidade — a probabilidade — de que o pai biológico ainda estivesse vivo e morasse naquela região. Se conseguisse localizar alguém que conhecesse sua mãe na década de 1960... Mas já fazia mais de quarenta anos.

O Star Lake, aproximadamente vinte e cinco quilômetros de circunferência, era um dos lagos menos desenvolvidos das Adirondacks, bem menos afluyente que Lake Placid, Tupper Lake, Saranac. O vilarejo ficava na extremidade sul do lago que parecia, nos mapas, ter menos “formato de estrela” do que formato de uma brasa vertical, ereta. A costa escarpada era basicamente mato, mas havia uma rodovia qualquer que

rodeava o lago e a ideia louca passou pela cabeça de M.R. numa tranquilidade absoluta — ela podia percorrer Star Lake parando em todas as cabanas, chalés, trailers, a fim de perguntar pelo pai. (E no entanto — qual era o nome do pai? Não era Kraeck.) Sentiu um quê de vertigem, empolgação. Poderia circular eternamente por Star Lake, no sul das Adirondacks, em busca do pai perdido, pois não existe fim na circunferência de nenhuma figura geométrica.

Pensou *Estou desmoronando. Preciso me salvar.*

Jogou a lata de refrigerante morno na lixeira. Voltou para o carro e percorreu Star Lake rumo à saída leste da Rota 41, que em meia hora a levaria à I-81.

Pensou *Você não tem que entender por que alguma coisa que aconteceu contigo aconteceu, nem precisa entender o que foi que aconteceu. Só tem que conviver com os destroços.*

Em Lookout Point, na I-81, ela parou para ir ao banheiro.

Lookout Point era uma península elevada de terra rochosa sobre o vale do Black Snake River, a leste de Sparta. Ao olhar para o norte, M.R. identificou os montes Marcy e Moriá, a Thunder Bay Mountain — picos das Adirondacks se dissolvendo na neblina. Era uma vista impressionante — dava vontade de ficar olhando, e olhando. De nunca desviar o olhar.

Lá embaixo, mais perto da estrada, havia uma área pequena destinada a piqueniques, mesas gastas e grelhas e lixeiras transbordando de lixo, e, na trilha que levava ao mirante, o lixo tinha sido soprado para o matagal, numa filigrana que parecia renda suja.

Tinha ficado tarde — quase 15h. M.R. tinha desperdiçado um tempo precioso em Star Lake. Porém passou bastante tempo debruçada sobre a mureta do mirante, tremendo. O cabelo balançava com o vento úmido e frio. O céu estava sarapintado, marmorizado — fragmentos de sol como fósforos riscados, aparecendo e desaparecendo, um súbito clarão de luz que sumia de repente. O ar já era outonal, o sol tinha se transformado no céu.

Sentiu uma onda de melancolia meio prazerosa, mas também de expectativa — tomara a decisão certa ao ir embora de Carthage. Tinha fé de que Andre Litovik iria ao seu encontro, como prometera. Precisava tomar a decisão de não se afastar dele, de não se acanhar tanto diante da personalidade forte daquele homem. Precisava lhe dizer sem rodeios, com

sinceridade — ela optaria por *ele*. Não era somente a questão, como tinha sido por tantos anos, de ele optar por *ela*.

“Dona! Oi.”

A voz era grave, desconcertante pela proximidade, e familiar.

M.R. olhou ao redor, assustada. Achava que estava sozinha no acostamento, exceto pela família — pais jovens, duas crianças pequenas — que estava na área de piquenique lá embaixo. Tinha certeza de não ter visto nenhum outro veículo. Mas ali estava um garoto alto e magricela de pele escura, de idade indeterminada — vinte e poucos? — ou mais velho — se arrastando a menos de três metros dela, na trilha. *Dona! Oi* foi um tipo maroto de murmúrio, como uma carícia nas costas e nos ombros da mulher solitária.

O garoto fora tão silencioso ao se aproximar dela que era como se tivesse emergido da trilha de pedras escarpadas.

O cabelo era duro de gel e parecia pintado — um tom caramelo artificial. Os olhos injetados estavam atentos, numa alegria irônica. Usava uma camiseta preta desbotada cujas mangas haviam sido rasgadas, e na frente da camiseta havia um personagem de quadrinhos desbotado — um “super-herói”. O jeans surrado lembrava o jeans de grife em voga entre os graduandos da Universidade, alvejado nos joelhos, com rasgões e remendos estratégicos. Nos pés usava os restos podres do que parecia ter sido um tênis de corrida caro. No punho esquerdo, a tatuagem de uma águia americana cuja tinta parecia borrada.

Um garoto que largou a faculdade, M.R. imaginou. Mas de outra época.

Viu nos olhos dele uma luz bruxuleante de reconhecimento. Mas nunca tinha visto o garoto, tinha certeza.

“E aí, qual é, dona...”

Com ares de respeitabilidade levemente distraída, M.R. tentou ignorar o cumprimento insolente. Sabia que era uma boa ideia não cruzar o olhar com o garoto de pele terrosa, assim como se dizia que era melhor não cruzar o olhar com animais selvagens ameaçadores.

“Licença, por favor.”

M.R. se virou para voltar à trilha que levava à área de piquenique. Mas o garoto de pele terrosa não deu um passo para o lado para deixá-la passar.

“Dona? Tu não me ouviu?”

Agora era complicado não olhar para ele. Ainda assim, M.R. tentou evitar que seu olhar cruzasse com o dele.

Ela pensou: a jovem família está lá embaixo, na mesa de piquenique. Não estava sozinha na trilha e não corria nenhum risco genuíno.

“Dona, tu tem carro? Posso passear contigo?”

“Acho que não...”

“Aonde tu tá indo, aflita desse jeito, dona?”

O rosto dele era um rosto velho-jovem. A pele parecia menos suja que desbotada, manchada. M.R. se perguntou se ele estaria usando — maquiagem? Ou se tinha passado uma camada leve de lama no rosto, e lama também nos braços, para afugentar insetos? Sentia-se zozna, desorientada. Havia algo muito errado ali, ela sabia.

O sorriso do garoto era de respeito, sinceridade dissimulados.

“Sei dirigir, dona. Tu tem cara de que precisa de um chofer. Eu posso te ajudar, tu já dirigiu muito e sozinha e tá ficando aflita, sozinha desse jeito. E eu trabalho com carro, dona, sei mexer com motor. Eu conheço a porra das entranhas das coisas.”

O sorriso dele ficou mais intenso, numa intimidade terrível. Os dentes eram pequenos, cinza-amarelados, finos. E os olhos, tão familiares. M.R. o olhava indefesa, levantando um pouco a cabeça, sem saber o que tinha feito.

O garoto de pele terrosa era alguns centímetros mais alto que M.R. Os ombros eram largos como asas, mas o peito era afundado, a cintura e o quadril estreitos. Talvez você pensasse, ao olhar para ele, que uma das pernas era menor ou menos desenvolvida que a outra, mas não parecia ser o caso. Dava a impressão de ser atrofiado em algum aspecto misterioso, não evidente aos olhos.

“Dona? De onde que tu é?”

“Eu — eu estou indo embora. Dá licença, por favor...”

“Eu sou de Massena. Sabe onde é Massena?”

Sim, M.R. sabia onde era Massena.

“Uma porra de um buraco. Só dá para saber quando tu fica empacado lá.”

M.R. tentava avaliar: poderia empurrá-lo e passar, e se arriscar a ser tocada por ele? Acossada por ele?

Ou deveria recuar, escalar a mureta e tentar chegar à área de piquenique lá embaixo, escorregando por um morro íngreme cheio de britas? Uma placa advertia PERIGO NÃO SE APROXIME DESPENHADEIRO, mas poderia evitar a queda brusca se

esgueirando até a rampa estreita à sua esquerda, que descia até o estacionamento, a cerca de doze metros de altura dali.

Não era uma boa ideia estar nesse remoto lugar “pitoresco” do qual poderia ser empurrada por um desconhecido, sem mais nem menos.

“Tu me parece uma senhora maneira, generosa, dona. Não uma *bugresa* egoísta que não dá carona para o cara porque ele é de *tipo-étnico* diferente do teu.”

Pedia carona! Foi por isso que ela não viu outro carro lá embaixo.

“Isso aqui também — porra de ‘paisagem’. Muda porra nenhuma se tu tá morrendo de fome. Não dá para aproveitar, dona, se tu não tá empacada aqui tipo — um tempo danado.”

Ele deu uma tossida rouca, porém teatral, como se para enfatizar as palavras extravagantes.

M.R. sorriu sem baixar a guarda. Era de sua natureza sentir compaixão — não ignorar pedidos alheios mesmo quando, como dita o senso comum, estava em risco.

“Dona? Tu tá sorrindo pra mim? Não tá rindo de mim não, tá? Não seria legal da sua parte.”

“Eu — não estou rindo...”

“Tu não tem um trocado pra me dar?”

“Não. Desculpe.”

“Desculpar porque tu não tem trocado, ou desculpar porque você não vai me dar? Dona?”

A ideia ocorreu a M.R. *Mas você pode dar alguma coisa a ele! Uns dólares.*

Mas não. Seria um erro. Ele aceitaria o que você desse e tomaria o resto à força.

M.R. sorria que nem boba. Tentava definir se a jovem família ainda estaria ali, morro abaixo. Se havia outro carro lá embaixo, no estacionamento de concreto, não reparara. Ou só o de M.R.

Queria muito ligar para o pai. Queria ligar para Andre.

Era um erro, ficar sozinha com tamanha frequência. Tão mais fácil ser eliminado da face da terra, ser aniquilado, quando se está sozinho.

Como se lesse os pensamentos confusos de M.R., o garoto disse, com súbita veemência:

“Dona! Tu não tá correndo risco nenhum! Eu vou viajar contigo e ser teu amigo. Parece que tu é sozinha e não tem marido, né? — ou ele fugiu,

ou ficou velho e morreu. Acontece sempre, dona.” O garoto de pele terrosa gargalhou como se tivesse feito um comentário espirituoso e indecente.

Com ares de tranquilidade, M.R. cogitava a mureta de segurança ali do lado, que tinha uns sessenta centímetros de altura. Se conseguisse subir nela com rapidez, antes que o garoto de pele terrosa a segurasse, arriscaria o morro; não sabia ao certo qual era o ângulo do morro, mas arriscaria; quando menina, morando com os Skedd, fora incitada a aventuras aparentemente perigosas e não havia se machucado, não de forma grave, pelo menos. E se outro veículo tivesse entrado no estacionamento, ou a jovem família ainda estivesse ali, alguém escutaria seus pedidos de socorro, o garoto de pele terrosa não teria a audácia de segui-la...

“Tu podia me dar uma graninha, dona. Uns trocados não vão te fazer falta nenhuma. A verdade é que tu podia me dar a grana toda que tu tem aí e as chaves do teu carro, dona. Mesmo que seja um carro de merda — a cavalo dado não se olha os dentes. Tu podia me dar, dona, ou eu podia tomar.”

Embora M.R. esperasse que o garoto de pele terrosa avançasse sobre ela, pareceu ter sido pega totalmente de surpresa quando ele o fez. Gritou com ele, revidando, mais furiosa do que amedrontada; na casa dos Skedd, aprendera a se defender, por mais ineficaz que fosse, pois era necessário saber — desistir é um erro, não se pode desistir nunca. Sentiu o cheiro violento do agressor, um cheiro rançoso de animal, enquanto ele a esmurrava, tentando lhe arrancar a bolsa; claro que, se queria apenas a bolsa, ela deveria lhe entregar, mas não foi o que fez; não faria isso; ela o chutava às cegas enquanto ele a empurrava e desequilibrava, puxando a alça transpassada da bolsa. Quando ela se virou para correr, ele a agarrou — a roupa, o braço direito. M.R. pensou — *Vai acabar aqui? — assim?*

“Piranha de merda! Piranha horrorosa de merda! Por que é que tu acha que tem que ficar viva, vadia da porra, se ninguém tá?”

M.R. meio que caiu sobre o parapeito. De joelhos, mas conseguiu se levantar e então disparou morro abaixo, deslizando morro abaixo, quase torcendo o tornozelo, se ao menos estivesse usando sapatos mais firmes! Arranhou o joelho, rasgou a roupa, mas ainda não sentia dor, nem mesmo o filete fino de sangue molhado escorrendo pela perna.

O morro era semivertical. Só uma criancinha insensata seria capaz de descê-lo correndo e caindo sem se machucar. M.R. se segurou nos arbustos e arvorezinhas para conter a queda, já que lá de cima, debruçado no

parapeito, o garoto de pele terrosa zombava — “Dona! O que tu fez é perigoso, dona! Vai quebrar teu pescoço, dona! Rachar o coco!”

Uma pequena avalanche de pedregulhos e barro acompanhou M.R., deslizando pelo declive. O garoto de pele terrosa ia andando pela trilha, que era sinuosa, e não direta, pois não tivera coragem de imitá-la; ela tinha consciência de que, apesar da arrogância toda, as pernas dele eram duras e os ombros eram encurvados. Num surto de força, M.R. correu mancando até o carro, que deixara destrancado — por sorte! — embora Andre sempre ralhasse porque ela cometia o desleixo de deixá-lo destrancado — agora, tinha acertado em tomar essa atitude. M.R. se atirou dentro do carro — travou as portas — enfiou a chave na ignição enquanto o garoto de pele terrosa mancava em sua direção, berrando e abanando os braços. M.R. reparou que a jovem família tinha ido embora, deixando-a a sós, e desesperada ela pisou fundo no acelerador e o carro saltou para a frente; o garoto de pele terrosa continuou a provocá-la, xingando-a, parando diante do carro de pernas abertas; teve tempo de sair de seu caminho, claro, mas se manteve firme, num gesto de despeito, se negava a sair quando o paralamas esquerdo da frente o atingiu — não com muita força, mas força suficiente para derrubá-lo para o lado enquanto o carro saía correndo; o corpo magricela foi tirado da pista e atirado para o lado, como se joga fora uma boneca de trapos e M.R. pensou *Eu matei o garoto? O que foi que eu fiz?* — mas ali estava o garoto de pele terrosa, tentando se levantar, tentando correr atrás do automóvel de M.R., mas sem forças, o rosto erguido, uma máscara de sangue no rosto, que devia ter batido no chão — a expressão dele de perplexidade e fúria, e M.R. agiu por instinto, sem hesitar, dando ré no carro, acelerando na marcha a ré e virando o carro numa série de manobras realizadas com destreza, embora aos trancos, e deu meia-volta com o carro e saiu rapidamente do acostamento de Lookout Point e segundos depois já estava na I-81, ofegando e soluçando um pouco, ainda que se alegrasse ao pensar *Ninguém vai ficar sabendo. Nunca, ninguém.*

Ao anoitecer, ela chegou à Universidade.